REVISTA

DO

INSTITUTO ARCHEOLOGICO

E

GEOGRAPHICO PERNAMBUCANO

ABRIL DE 1887

NUMERO 32

RECIFE
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
1887

REVISTA

DO

INSTITUTO ARCHEOLOGICO

E

GEOGRAPHICO PERNAMBUCANO

ABRIL DE 1887

NUMERO 32

RECIFE
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
1887

DIALOGO TERCEIRO

DAS GRANDEZAS DO BRASIL

Interlocutores—Brandonio e Alviano

(*Continuação*) (1)

BRAN.—Por não ser notado de negligente ha já pedaço que vos espero, gosando desta viração que corre aqui da parte do mar assaz fresca.

ALV.—A importunação de uma visita me fez cahir na falta de haver tardado; mas comtudo as horas são apropriadas pera darmos principio a nossa pratica, que é o havermos de tratar da riqueza, fertilidade e abundancia deste Brazil, e assim vos peço me digaes destas cousas as que souberdes, porque me tendes disposto pera vos ouvir com attenção.

BRAN.—São tão grandes as riquezas deste novo mundo e da mesma maneira sua fertilidade e abundancia, que não sei por qual das cousas comece primeiramente; mas, pois todas ellas são de muita consideração, farei uma sellada (2) na melhor forma que souber, pera que fiquem claras e dêm gosto; pelo que começando digo que as riquezas do Brazil consistem em seis cousas, com as quaes seus povoadores se fazem ricos, que são estas: a primeira a lavoura do assucar, a segunda a mercancia, a terceira o páo a que chamam do Brazil, a quarta os algodões e madeiras, a quinta a lavoura de mantimentos, a sexta e ultima a criação de gados. De todas estas cousas o principal nervo e substancia da riqueza da terra é a lavoura dos assucares.

ALV.—Não deve de ser de muita consideração a riqueza que consiste somente de fazer assucares, pois vemos que da nossa India Oriental se enri-

(1) Vid. a Revista de Outubro de 1886.
(2) Salada?

quecem seus moradores de tantas e diversas cousas, como são grande cantidade de drogas prestantissimas, roupas muito finas, ouro, prata, perolas, diamantes, rubis e topasios, almiscre, ambar, sedas, annil e outras mercadorias, de que as náos vem de lá todos os annos colmadas pera a Hespanha.

BRAN —Verdade é que todas essas cousas e outras mais se trazem dessas partes; mas comtudo me esforço a provar que, com se não tirar do Brazil senão somente assucares, é mais rico, e dá mais rendimento pera a fazenda de sua Magestade de que são todas essas Indias Orientaes.

ALV.—A muito vos arrojaes, e certamente que parece desvario o quererdes pôr semelhante cousa em pratica, pois o poder-se provar está tão longe, como a terra dos céos, e assim vos peço não queiraes que vos ouça ninguem semelhante proposta, porque será julgada geralmente por ridiculosa.

BRAN.—Não me sei desdizer do que tenho dito com todas essas carrancas que me ides fazendo, antes entendo provar o que digo mui claramente, como já outra vez o fiz no Reino diante dos senhores governadores no anno de 97; porque vós não me haveis de negar que todos os annos vão do Reino pera a India tres, quatro e algumas vezes cinco náos, que d'ella tornam carregadas de mercadorias.

ALV.—Assim passa.

BRAN.—Tambem não duvidareis que cada uma destas náos faz de despesa á fazenda de sua Magestade até posta á vela, feita de novo, ao redor de corenta mil cruzados.

ALV. -Nem isso nego

BRAN.—E da mesma maneira que manda n'ellas em cada um anno sua Magestade, de cabedal em reales de oito e de quatro pera se haver de comprar a pimenta na India, ao redor de duzentos mil cruzados.

Alv.—E muitas vezes mais.

Bran.—E outrosim que paga de soldo aos soldados, gente do mar, que se assentam pera ir á India, e de moradia a seus criados, mercês a fidalgos e outras pessoas particulares, muito grande cantidade de dinheiro.

Alv.—Não ha duvida nisso.

Bran.—Tambem deveis de saber que cada náo dessas, despois de vir da India a salvamento carregada de fazendas, importa a sua Magestade, afora a pimenta que traz, de corenta e cinco pera cincoenta contos de reis e por tantos se arrendam pubricamente a pessoas que as tomam por contracto, e deste dinheiro se abate ainda muito, de que S. Mag. se não aproveita, em descontos que se fazem na casa da India, e isto com muitas vezes não chegarem a salvamento ao Reino mais de uma ou duas náos.

Alv.—Desse modo passa; mas além desse dinheiro, por que S. M. manda arrendar cada uma dessas náos, como tendes dito, se arrecadam por seus ministros os fretes das ditas náos pera sua fazenda, que devem de importar em grande pedaço.

Bran.— Os fretes de cada náo não importam á fazenda de sua Magestade mais que ao redor de tres contos de reis, e em tantos os arrendou um amigo meu no anno de seiscentos e um, e destes tres contos se fazem tantos descontos de lugares, que o viso-rei dá na India a particulares, que case se vem a consumir tudo nisso e n'outras cousas, donde succede vir sua Magestade a embolsar mui pouco dinheiro destes fretes.

Alv.—Pois como é possivel que umas náos de tão grande porte dèm tão pouco de frete?

Bran.—E' disso causa os muitos lugares que sua Magestade nellas dá, porque o capitão tem sua camara, despensa e outros lugares que sempre pera os taes estão deputados, e da mesma maneira o piloto, mestre, contra-mestre, guardião, marinheiro, que todos têm lugares assignalados, de modo que até o menino grumete e pagem não

carecem delle, em forma que nos lugares, que por esta ordem se distribuem e liberdades concedidas por S. Magestade, se occupa toda a praça, aonde se podia metter fazenda nas náos que pagassem frete, donde nasce o pouco rendimento que dellas tem sua fazenda.

ALV.—Estou já bem nessa causa, mas não nessa longa computação que ides fazendo.

BRAN.—Faço-a pera provar minha tenção que o Brazil é mais rico e dá mais proveito á fazenda de Sua Magestade que toda a India; porque não me haveis de negar que pera as náos, que della vêm, virem carregadas das fazendas que trazem ,se desentranha todo esse Oriente com se ajuntar a pimenta do Malabar, a canella de Ceylão, cravo de Maluco, massa e nós moscada da Banda, almiscre, benjoim, porcellana e sedas da China, roupas e anil de Cambaya e Bengala, pedraria do Balaguate e Bisnaga e Ceylão; por maneira que é necessario que se ajuntem todas estas cousas de todas estas partes pera as náos que vêm pera o Reino poderem vir carregadas, e si se não ajuntassem não viriam.

ALV.—Isso é cousa clara que todos sabem.

BRAN.—Pois o Brazil, e não todo elle, senão tres capitanias, que são a de Pernambuco, a de Tamaracá e a da Parahyba, que occupam pouco mais ou menos, no que dellas está provado, cincoenta ou sessenta leguas de costa, as quaes habitam seus moradores, com se não alargaram pera o sertão dez leguas, e somente neste espaço de terra, sem adjutorio de nação extrangeira, nem de outra parte, lavram e tiram os portuguezes das entranhas della, á custa de seu trabalho e industria, tanto assucar que basta pera carregar, todos os annos, cento e trinta (1) ou *cento e corênta* (2) náos, de que muitas dellas são de grandissimo porte, sem sua

(1) Riscado e escripto por cima—*oitenta.*
(2) Riscado e escripto por cima—*duzentas*, com lettra differente.

Magestade gastar de sua fazenda pera a fabrica e sustentação de tudo isto um só vintem, a qual carga de assucares se leva ao Reino e se mette nas alfandegas delle, onde pagam os direitos devidos a S. M., e si esta carga que estas náos levam se houvesse de carregar em outras da grandeza das da India, não bastariam 20 semelhantes a ellas pera a poderem alojar.

ALV.—Posto que não posso negar o passar isso desse modo, todavia é de muito menos importancia, pera a fazenda de sua Magestade, o direito que se lhe paga dos assucares de aquelle que arrecada das fazendas e drogas que vêm da India.

BRAN.—Enganae-vos, porque nestas náos que carregam nas tres capitanias da parte do norte que tenho dito, sem tratar das demais do sul, devem de ir passante de quinhentas mil arrobas de assucares, dos quaes quero que sejam cem mil arrobas de assucar, a que chamam panellas. Todos estes assucares pagam de direito na alfandega de Lisboa, o branco e o mascavado a duzentos e cincoenta réis a arroba, e as panellas a cento e cincoenta reis a arroba, isto afora o consulado, de que feita a somma vem importar á fazenda de S. M. mais de tresentos mil cruzados, sem elle gastar nem dispender na sustentação do Estado um só real de sua casa, porquanto o rendimento dos dizimos, que se colhem na propria terra, bastam pera sua sustentação.. Ora, fazei a este respeito computação do que lhe rendem as mais capitanias do sul, nas quaes entra a Bahia de Todos os Santos, cabeça de todo este Estado, e despois desta feita formae uma conta de deve e ha de haver como de mercador, e de uma parte ponde o que sua Magestade gasta em cada um anno com as náos que manda á India, soldos da gente de guerra e maritima, moradias de seus criados, mercês feitas a particulares, juntamente com o cabedal que manda pera a compra da pimenta, e de outra parte o que lhe ella rende, e juntamente o preço por que arrenda os direitos das náos que de lá

vêm, e notae bem o que houver de avanço pera o egualardes com o rendimento que colhe do Brazil das tres capitanias referidas tão somente, e vereis comquanto excesso sobrepuja ao da India, e assim não hei mister mais prova pera corroborar minha verdade.

Alv.—Parece muito esse rendimento que quereis applicar ao Brazil, porque nem todos os assucares pagam esse direito por em cheio, pois sabemos que muitos não pagam nenhum, por gosarem da liberdade que sua Magestade tem concedido ás pessoas que novamente fazem engenhos.

Bran.—Assim passa; mas essa liberdade, que S. M. concede aos engenhos feitos de novo, não dura mais que por tempo de dez annos, e passados elles perece, e posto que comtudo sempre pagam menos direitos os senhores de engenhos e lavradores que carregam seus assucares por sua conta, são poucos os qne o fazem. E não vae a dizer nisso cousa de consideração, e pera semelhante quebra deixei de contar de industria na somma que acima fiz o rendimento do páo Brazil, que se leva deste Estado das mesmas tres capitanias pera o Reino, que importa mais de corenta mil crusados por anno, que os ministros de sua Magestade cobram no Reino dos contractadores delle, e assim o rendimento das alfandegas do Estado, direitos que se pagam dos algodões e madeiras nas alfandegas do Reino que importam em grandissimo pedaço, descompensada uma cousa de outra achareis que mais é o rendimento destas cousas que a diminuição da liberdade que apontastes.

Alv. — Em verdade que tão persuadido estava em cuidar o contrario disso que tendes provado e mostrado claramente, que ainda agora me está titubiando o entendimento por me parecer sonho o que vos tenho ouvido; mas comtudo o que eu sei é que tenho visto em Portugal muitas casas grandissimas e homens de muita renda grangeada e adquirida com dinheiro, que adquiriram e ga-

nharam na India, e não acho nenhum, e, si algum, são poucos que tenham lá semelhantes casas e rendas com o dinheiro que levassem do Brazil.

Bran.—Isso é maior indicio de sua riqueza, porque os homens da India, quando de lá vem pera o Reino trazem com sigo toda quanta fazenda tinham, porque não ha nenhum que tenha lá bens de raiz, e si os tem são de pouca consideração, e como todo o seu cabedal está empregado em cousas manuaes embarcam-nas comsigo, e do preço por que as vendem no Reino compram essas rendas e fazem essas casas; mas os moradores do Brazil toda a sua fazenda têm mettida em bens de raiz, que não é possivel serem levados pera o Reino, e quando algum pera lá vai os deixa na propria terra, e desses deveis de conhecer muitos em Portugal, e assim não lhes é possivel deixarem cá tanta fazenda e comprarem lá outra, contentando-se mais de a terem no Brazil pelo grande rendimento que colhem della, e, pera concluirmos, nesta terra achareis muitos homens que tem a cincoenta, cento e ainda duzentos mil cruzados de fazenda, e na India muitos poucos destes, e, si os que vivem no Brasil, fossem mais curiosos, de maiores cousas podiam lançar mão pera se fazerem ricos e sua Magestade colher mais rendimento delle.

Alv.—Folgarei em extremo que me digaes que cousas são essas que prometteis poderem dar tanto de si.

Bran.—Pouco disse em dizer que podia ainda este Brazil ser mais rico e dar mais rendimento pera a fazenda de sua Magestade, si esse senhor e os de seu conselho quizeram pôr os olhos nelle, porque, si os puzessem, fôra tambem bastante o Brazil a fazer com que os hollandezes e mais extrangeiros que navegavam para a India cessem de suas navegações e commercios, sem sua Magestade dispender nisso um real nem se arrancar contra elles espada.

ALV.—Si isso não for obrado por encantamento, pelas vias ordinarias não sei como possa ser.

BRAN.—Sem encantamento se poderá dar á execução, quando S. Mag. e os Senrs. do seu conselho se quizerem dispor a isso.

ALV.—Pois dizei-me o modo.

BRAN.--Notorio é que os hollandezes não armam pera a India á custa dos Estados, antes os mercadores o fazem a sua propria custa e despeza, aprestando as náos que pera lá navegam, de que o cabedal pera a fabrica dellas e mercadorias que hão de levar se ajuntam por muitas pessoas que nellas se interessam, mettendo nns mais e outros menos, segundo o muito ou pouco dinheiro com que se acham, de que se faz livro, no qual por partidas se declara com quanto cada um entrou, e feita a viagem, tornando a náo a salvamento, se vende a fazenda e do monte-mor se tiram os gastos, e do que resta se faz conta de a quantos por cento houve de ganho. E tantos fazem bons a cada um dos armadores, com se lhe tornar o cabedal que metteram accrescentado naquella contia.

ALV.—Assim passa, porque um grande amigo meu, que assistio em Frandes muitos dias, me affirmou que deste modo se fazem; mas isso que sympathia tem pera o Brazil poder impedir o commercio a essas gentes ?

BRAN.—Muito grande, porque já sabemos que a principal mercadoria e de mais porte, que essas náos vão buscar á India, é a pimenta, porque o cravo, massa, nóz, porcellanas, beijoim e cousas semelhantes que tambem trazem são accessorias, e não servem pera o nervo de sua mercancia ; porque muito pouca de cada uma destas basta pera fartar todas estas partes do norte, attento que esses extrangeiros não podem trazer canella, roupas nem anil, por não se acharem na parte onde elles commerceiam com os indios. Assim que pimenta é a que querem, e pimenta a que vão buscar,

e de pimenta tiram o proveito que tem da sua navegação.

Alv.—Pois que é que quereis dizer nisso?

Bran.—Digo que devia fazer S. Mag. o que fez El-Rey D, Manoel de gloriosa memoria, pera impedir o trato da pimenta que se trazia por terra a Veneza por via do Cairo, donde se passava e vendia por toda a Europa.

Alv.—Que é o que fez el-rei?

Bran.—Despois de descoberta a navegação da India, querendo que a pimenta só corresse por mãos de portuguezes, com se navegar della somente em suas náos pera Europa, pretendeu cerrar de todo aquelle commercio em Veneza, o que fez desta maneira: mandou pessoas confidentes que fossem áquella cidade, pera que se informassem com toda a verdade do custo que fazia um quintal de pimenta posto nella, e por quanto se devia de vender pera tirarem ganho os que nella commerciavam por aquella via, e, despois de bem informado disto, mandou a Frandes feitores portuguezes, pera que lhe vendessem a sua pimenta que pera lá mandava por preço que, si por elle se vendesse a que vinha á Veneza, ficassem perdendo muito dinheiro os mercadores que nella contractavam, e desta maneira todos os que haviam mister ter pimenta concorriam a comprar a de el-rei, por se vender mais barato, e como por semelhante preço não podiam dar os venesianos a sua sem muito damno pelo grande custo que lhe fazia, cessaram de seu commercio.

Alv.—Acabae já de vos desembuçar.

Bran.—Digo que toda a terra deste Brazil é tão caroavel de dar pimenta que, de por si sem beneficio algum, nasce grande cantidade della pelos campos de differentes castas, mas não daquella que vem da India, que deixa de dar por não se achar na terra semelhante semente, e, quando a houvesse, daria daquella sorte pimenta sem numero.

Alv.—Não duvido disso, porque já sei bem que a terra é mui disposta pera produzir pimenta, em tanto que os passaros que a comem, indo a extercar a outra parte, ainda que seja sobre troncos de arvores, alli nasce; mas é necessario que vos acabeis de declarar nesses argumentos que ides tomando.

Bran.—Foi-me necesario propol-os pera haver de vir a dizer o que pretendo, e é que S. Mag. devia de mandar uma caravella á India, pera que somente lhe trouxesse de lá muita semente de pimenta em pipas ou em outra parte, onde mais accommodada viesse, e que a tal caravella passasse pelo Brazil, aonde a fosse entregando nas capitanias de Sua Magestade aos capitães mores, que a repartissem pelos moradores, obrigando-os a que a prantassem e beneficiassem, e desta maneira se colheria do Brazil mais pimenta do que se colhe na costa do Malabar.

Alv.—E a que trazem as náos da India de ordinario não servirá tambem pera effeito de se prantar?

Bran.—Não, porque essa, segundo se diz, é passada pela decoada e não pode nascer; e assim, como neste Brazil houvesse muita pimenta, lhe ficára custando a Sua Magestade pouco ou nenhum trabalho e menos despeza traspol-a em Portugal, donde á imitação de el-rei D. Manoel a poderia mandar vender por preço que ficassem os hollandezes perdendo muito dinheiro, si vendessem a sua que vão buscar á India; a esse respeito e por esta maneira, como a essas gentes se lhe não seguisse proveito de seu commercio, não tinham pera que continuar com semelhante navegação, e se acabaria sem despesa nem sangue porfia, que tanto tem custado a Portugal, e Sua Magestade, mandando vender a sua pimenta mais barato, perdia pouco, si não ganhasse dinheiro pelo menos custo que lhe havia de fazer em a levar pera o reino,

e o menos preço por que a havia de a comprar no Brazil.

ALV.—Tendes proposto isso com tão apparentes razões, que não haverá quem duvide de haver de ser assim, antes me maravilho como vos não embarcaes pera o reino a dar esse alvitre a Sua Magestade, pois tanta utilidade se deve de seguir delle pera todo o estado da India.

BRAN.—Já o pratiquei com um ministro que tinha grande lugar em sua fazenda, e com lhe parecer a traça maravilhosa, me respondeu que estava já tão introduzido em Portugal o modo da navegação da pimenta, que custaria muito trabalho o querer-se tratar agora de remover n'outro modo; e assim como entendi ser aquillo mal velho no nosso Portugal que não leva remedio, desisti da minha pratica, e da mesma maneira o farei agora, deixando a cargo aos que lhe toca remediar semelhante necessidade, si o quizerem fazer.

ALV.—Dizeis bem, que é erro querer emendar o mundo os que têm tão pequena parte nelle, como cada um de nós, e assim tornemos á nossa pratica que, si me não lembra mal, deve ser sobre o haverdes de mostrar as riquezas do Brasil, de que a principal tendes affirmado ser a lavoura dos assucares.

BRAN.—Assim passa, porque o assucar é a principal cousa com que todo este Brazil se ennobrece e faz rico, e na lavra delle se tem guardado até o presente esta ordem: os capitães mores, que são sesmeiros por Sua Magestade, cada um na capitania de sua jurisdicção, repartiram e repartem ainda agora as terras com os moradores, dando a cada um delles aquella cantidade, a que as suas forças e possibilidade são bastantes a grangear, e as pessoas a quem se dão semelhantes terras, quando ellas são capazes pera se fabricarem nellas engenhos de fazer assucares, os fabricam, tendo cabedal pera o poderem fazer, e quando lhes falta, as vendem a pessoas que os possam fabricar por

ser necessario muitas forças e cabedal pera os haverem de pôr em perfeição, porque um engenho dos de agua, como até agora se costumava de fazer, e ainda dos que chamam trapiches que moem com bois, fazem de despesa, feito e fabricado, ao redor de dez mil cruzados pouco mais ou menos.

Alv.—Parece me que quereis dizer que ha mais modos de engenhos pera fazer assucares que os de agua e trapiches que moem com bois.

Bran.—Isso quero dizer; porque os de agua se alevantam ao longo de rios caudalosos, e ainda fazem grandes tanques pera represa della, pera assim poderem moer com mais força d'agua, e nestes taes engenhos, despois de a canna de assucar moida entre dous grandes eixos que fazem mover uma roda, em que fere (?) a agua com força, se expreme o bagaço que d'alli sae debaixo de uns grandes paos, a que chamam gangorras, que fazem apertar com força de bois, aonde larga e lança de si o tal bagaço todo o summo que a canna tinha, o qual se ajunta em um tanque, e d'alli o lançam em grandes caldeiras de cobre, aonde se alimpa, cose e apura á força de fogo, que por debaixo lhe dão em umas fornalhas, sobre que estão assentadas, sendo necessario pera este assucar se alimpar e fortificar melhor, lançar-lhe dentro decoada que se faz de cinza. E outros engenhos se fazem sem agua, e estes são os trapiches, que disse, os quaes moem a canna por uma invenção de rodas que alevantam pera o effeito tirada de bois, e no mais de fazer o assucar se guarda a mesma ordem que tenho dito. Mas agora novamente se ha introduzido uma nova invenção de moenda, a que chamam *palitos*, pera a qual convem menos fabrica, e tambem se ajudam pera moenda delles de agua e de bois, e tem-se esta invenção por tão boa que tenho pera mim, que se extinguirão e acabarão de todo os engenhos antigos, e somente se servirão desta nova traça.

Alv.—Toda a cousa que se faz com menos

trabalho e despesa se deve de estimar muito, e pois nesse modo dos *palitos* se alcança isto, não duvido que todos pretendam usar delles; mas folgarei de saber a ordem que ha pera se fazer um pão de assucar tão alvo e fermoso, como se leva a Portugal e aqui o vimos.

BRAN.—A ordem é esta: despois do assucar limpo e melado nas caldeiras, se passa a umas tachas tambem de cobre, aonde á força de fogo o fazem pôr no ponto necessario pera haver de coalhar e criar corpo, e d'alli se lança em umas formas de barro, dentro nas quaes se encorpora e endurece, e despois de estar frio o levam a uma casa muito grande, que só pera esse effeito se prepara, a que dão nome de casa de purgar, e nella sobre taboado que está furado se assentam as taes formas, com lhes abrirem um buraco que tem por baixo, por onde vão purgando o mel sobre correntes do mesmo taboado, que pera o effeito lhe põem por baixo, e o mel que por esta maneira vai cahindo das formas se ajunta todo em um tanque grande, do qual se faz despois o retame, e ainda outro modo de assucares, e que chamam *batidos*, e como as formas estão despedidas de todo o mel lhe lançam em cima barro desfeito e agua, o qual é bastante pera dar ao assucar a brancura que nelle vemos.

ALV.—E como é possivel que o barro, que, por rezão o devia sujar e fazer preto, o embranqueça, é pera mim um segredo difficultoso de entender.

BRAN.—Nem o entenderam muitos annos os primeiros que lavraram assucares, porque do modo que primeiramente o faziam desse o gastavam, até que uma gallinha aclarou este segredo, a qual, acaso voando com os pés cheios de barro humido, se poz sobre uma forma cheia de assucar, e naquella parte aonde ficou estampada a pegada se fez todo o circuito branco, donde se veio a entender o segredo e virtude que tinha o barro pera embranquecer, e se pôz em uso.

ALV.—Não foi má mestra a gallinha pera mostrar por esse modo a cura da negridão do assucar, pois ha tanta differença na valia do alvo ao negro, e assim, si o engenho fizer muita cantidade do bom, não deixará de dar proveito ao senhor delle.

BRAN.—Nos engenhos de fazer assucares ha muito grande differença dos bons aos máos; porque aquelles que gosam de tres cousas, quando seus senhores tem fabrica bastante, são summamente bons, as quaes tres cousas consistem em ter muitas terras e boas pera a pranta dos cannaviaes, agua bastante que não falte pera a moenda, e lenha em grandes matas tambem em cantidade, de modo que nem a canna nem a lenha fique distante do engenho, antes tão acommodada que se acarrete uma cousa e outra com facilidade, e quando os taes engenhos são desta calidade, não lhe faltando, como tenho dito, a fabrica necessaria, costumam a fazer em cada um anno a seis, sete, oito e ainda a dez mil arrobas de assucar macho, e fora os meles que são retames e batidos, que sempre chegam ao redor de tres mil arrobas; quando se sabe aproveitar este assucar, costuma a ser um muito bom e outro somenos e algum summamente máo, segundo os mestres que o fazem são bons ou ruins, e os outros engenhos de menos porte costumam a fazer a cinco e a quatro, e ainda a tres mil arrobas de assucar, e os taes são de pouco proveito pera seu dono.

ALV.—E que fabrica é necessario que tenha um desses engenhos que costumam fazer muito assucar?

BRAN.—E' necessario que tenha 50 peças de escravos de serviço bons, 15 ou 20 juntas de bois com seus carros necessarios apparelhados, cobres bastantes e bem concertados, officiaes bons, muita lenha, formaria, grande cantidade de dinheiro, além de serem muito liberaes em darem a particulares dadivas de muita importancia. E eu vi já affirmar

a homens mui experimentados na côrte de Madrid que se não traja melhor nella do que se trajam no Brazil os senhores de engenhos, suas mulheres e filhas, e outros homens afazendados e mercadores. E pera prova disto quero dar somente uma assaz bastante, a qual é que na capitania de Pernambuco ha uma casa de misericordia, a qual faz de despesa em cada um anno na obrigação della treze e quatorze mil cruzados pouco mais ou menos, estes são todos dados de esmolas pelos moradores da mesma capitania, com não ter a casa de renda cousa que seja de consideração, e é tanto isto assim que os provedores, que succedem pera serviço della em cada um anno, gastam de sua bolsa mais de tres mil cruzados, e as demais capitanias todas tem misericordia, nas quaes se gasta tambem muito dinheiro; mas nesta de Pernambuco se faz com mais excesso.

ALV.—Não é pequeno argumento esse pera por elle se poder considerar a muita riquesa do Brazil; e pois tendes dito o que basta da primeira condição dellas, que quizestes attribuir a toda a provincia, passemos á segunda que quereis que seja a mercancia.

BRAN.—Muitos homens tem adquirido grande cantidade de dinheiro amôedado e de fazenda no Brazil pela mercancia, posto que os que mais se avantajam nella são os mercadores que vem do reino pera esse effeito, os quaes commerceam por dous modos, de que um delles é que vêm de *ida por vinda*, e assim despois de venderem as suas mercadorias fazem o seu emprego em assucares, algodões e ainda ambar muito bom e gris, e se tornam pera o reino nas mesmas náos, em que vieram ou n'outras; o segundo modo de mercadores são os que estão assistentes na terra com logea aberta, colmadas de mercadorias de muito preço, como são toda a sorte de louçaria, sedas riquissimas, pannos finissimos, brocados maravilhosos, que tudo se gasta em grande copia na ter-

ra, com deixar grande proveito aos mercadores que os vendem.

ALV.—E esses mercadores, que estão assistentes na terra com suas logeas abertas, mandam por ventura vir essas fazendas do Reino, ou as compram a outras pessoas que de lá as trazem ?

BRAN.—Muitos as mandam vir do Reino, mas a maior parte delles as compram a outros que as trazem de lá, com lhe darem a corenta e a cincoenta por cento de avanço a respeito do preço, por que as compraram, segundo a sorte e a calidade das mercadorias, ou a falta ou abundancia que ha dellas na terra, e ainda destes mercadores se formam outros de menos porte.

ALV.—E de que condição são esses ?

BRAN.—Ha muitas pessoas que vivem somente com se fazerem riquissimas com comprarem estas fazendas aos mercadores assistentes nas villas ou cidades, e as tornarem a levar a vender pelos engenhos e fazendas que estão d'alli distantes, com ganharem muitas vezes nellas a mais de cento por cento, e eu vi na capitania de Pernambuco a certo mercador fazer um negocio, posto que o modo delle não approvo, pelo ter por illicito, o qual foi comprar pera pagar de presente uma partida de peças de escravos de Guiné por cantidade de dinheiro, e logo no mesmo instante, sem lhe entrarem os taes escravos em poder, os tornou a vender a um lavrador fiados por certo tempo, que não chegava a anno, com mais de 85 por cento de avanço.

ALV.—A isso chamam, onde eu nasci, em bom portuguez, *onzena* ; e comtudo é cousa estranha o haver se de ganhar tanto dinheiro na propria terra de uma mão para a outra, sem intervir nenhum risco.

BRAN.—Pois assim passa ; é tanto isto assim, que desta sorte de mercadores, e dos que têm suas logeas abertas, ha muitos que tem grossas fazen-

das de engenhos e lavoura na propria terra, e estão nella assistentes, e alguns casados.

Alv.—Não têm pequena habilidade os que se sabem conservar desse modo na terra alheia.

Bran.—Haveis de saber que o Brazil é praça do mundo, si não fazemos aggravo a algum reino ou cidade em lhe darmos tal nome; e juntamente academia publica, onde se aprende com muita facilidade toda a policia, bom modo de fallar, honrados termos de cortezia, saber bem negociar, e outros attributos desta quallidade.

Alv.—Antes isso devia de ser pelo contrario; pois sabemos que o Brazil se povoou primeiramente por degredados e gente de máo viver, e pelo conseguinte pouco politica; pois bastava carecerem de nobreza pera lhes faltar a policia.

Bran.—Nisso não ha duvida; mas deveis de saber que esses povoadores, que primeiramente vieram a povoar o Brazil, a poucos lanços, pela largueza da terra, deram em ser ricos, e com a riqueza foram largando de si a ruim natureza, de que as necessidades e pobrezas que padeciam no Reino os faziam usar; e os filhos dos taes, já enthronisados com a mesma riqueza e governo da terra, despiram a pelle velha, como cobra, usando em tudo de honradissimos termos, com se ajuntar a isto o haverem vindo despois a este Estado muitos homens nobilissimos e fidalgos, os quaes casaram nelle, e se liaram em parentesco com os da terra, em fórma que se ha feito entre todos uma mistura de sangue assaz nobre; e então como neste Brazil concorrem de todas as partes diversas condições de gente a commerciar, e este commercio o tratam com os naturaes da terra, que geralmente são dotados de muita habilidade, ou por natureza do clima ou do bom céo, de que gozam, tomam dos extrangeiros tudo o que acham bom, de que fazem excellente conserva pera a seu tempo usarem della.

Alv.—Saber imitar e furtar as habilidades

áquelles, que as tem boas, é tomar a clava das mãos a Hercules

Bran.—Assim o fazem os do Brazil, em tanto que os filhos de Lisboa e os das mais partes do Reino vêm a aprender a elle os bons termos, com os quaes se fazem differentes na policia, que d'antes lhes faltava. Mas parece-me que havemos cortado já muito o fio de nossa pratica, que era de tratarmos do proveito que a mercancia dá neste Brazil aos que della usam.

Alv.—Nem est'outra breve em que nos destrahimos deve de desagradar aos que a ouvirem, principalmente aos Brazilienses; mas, deixando-a de parte, resta que me digaes si no Brazil ha mais commercio que pera o Reino?

Bran.—Sim, ha; porque se faz muito grande pera Angola e pera o Rio da Prata. A' Angola se mandão náos com muitas fazendas, que de lá tornam carregadas de escravos, por que se commutam, deixando grande proveito aos que nisto negociam; e ainda as náos, que pera lá navegam em direitura do Reino, aportam na capitania do Rio de Janeiro, aonde carregam de farinhas, mantimento da terra, por alli se achar mais barata, a qual levam a vender á Angola a troco de escravos e de marfim que de lá trazem em muita cantidade.

Alv.—Isso é quanto ao tocante á Angola; mas pera o Rio da Prata folgarei que me digaes que modo de negocio se faz.

Bran.—Do Rio da Prata costumam a navegar muitos peruleiros em caravelas, e caravelas de pouco porte, onde trazem somma grande de patacas de quatro e de oito reales, e assim prata lavrada e por lavrar, em pinhas e em postas, ouro em pó e em grão, e outro lavrado em cadeias, os quaes aportam com estas cousas no Rio de Janeiro, Bahia de Todos os Santos e Pernambuco, e commutam as taes cousas por fazendas das sortes que lhe são necessarias, deixando toda a prata e ouro, que trouxeram na terra, donde tornam carregados das

taes fazendas a fazer outra vez viagem pera o Rio da Prata. E ainda os mercadores assistentes na terra se interessam tambem nesta navegação com não pequena utilidade, e dos taes peruleiros se deixam tambem ficar alguns na terra, que dão o seu dinheiro por letra, ou compram assucares, ou o levam comsigo pera Portugal.

Alv.—Não é máo o commercio de que se colhe por fructo ouro e prata; mas toda essa mercancia, de que tendes tratado, de que se tira tanto proveito, parece que se vem a resumír em mão dos extrangeiros, e dos taes é o proveito, e não dos naturaes da terra.

Bran.—Assim passa pela maior parte; porque os naturaes da terra se occupam no grangeamento dos seus engenhos e no beneficio de suas lavouras, sem quererem tratar de mercancias, posto que alguns o fazem, contentando se somente de navegar os seus assucares pera o Reino, e mandar de lá vir o provimento que lhes é necessario pera suas fazendas, deixando, no de mais, a porta aberta aos mercadores que exercitam o seu negocio com grande utilidade; em tanto que, por excellencia, contarei uma cousa como testemunha de vista: no anno de noventa e dous veio um mercador de pouco porte com uma caravela a Pernambuco, em direitura do Algarve, carregada de alguns vinhos de Alvor, pouco azeite, cantidade de passas e figos, com mais outras cousas que de lá se costuma trazer, em que metteu de cabedal setecentos e trinta mil réis, por conta de carregação, que eu vi. Este homem esteve seis mezes na terra, nos quaes vendeu sua fazenda a dinheiro de contado, e fez nella perto de sete mil cruzados, que empregou em assucar branco excellente, comprado a seiscentos e cincoenta réis a arroba, nos quaes assucares, pela barateza por que os comprou, devia de dobrar outra vez o dinheiro no Reino.

Alv.—Terra, donde tanto proveito tiram os que

nella negoceam, confesso que não póde deixar de ser muito rica.

BRAN.—Sabeis em quanto é rica que com só uma cousa vos representarei a sua riqueza, a qual é que ha um homem nobre particular neste Brazil, morador na capitania da Parahyba, o qual, com não possuir mais de um só engenho de fazer assucar, ousou prometter a todas as pessoas que fizessem casas na cidade, que então de novo se fabricava, sendo de pedra e cal de sobrado a vinte mil réis por cada morada de casas, e a dez mil réis, si fossem terreas; e assim o cumpriu por muito tempo, com se haverem alevantado muitas moradas, sem disso se lhe conseguir algum proveito mais do desejo que tinha de ver augmentar a cidade; e tratou mais (com sair com isso) de fazer a casa da Sancta Misericordia da propria cidade, cousa de grandissimo custo pela grandeza e nobreza do edificio do templo, que tem já quasi acabado; e assim, com este exemplo, me quero passar a tratar da terceira cousa, com que os moradores deste Estado se fazem ricos, com tirarem della muito proveito, que é o páo do Brazil.

ALV.—Assim vos peço que o façaes.

BRAN.—O páo do Brazil, de que toma nome toda esta provincia, como já disse, larga de si uma tinta vermelha, excellente pera tingir pannos de lã e seda, e se fazer della outras pinturas e curiosidades; o qual, posto que se acha por todo este Estado, o mais perfeito e de maior valia é o que se tira das capitanias de Pernambuco, Tamaracá e Parahyba, porque sobrepuja, com muito excesso de bondade, ao mais páo desta calidade, que se dá pelas mais partes; e assim somente do que se tira das tres capitanias referidas se faz caso, e se leva pera o Reino, aonde se vende a quatro, e ás vezes a cinco mil réis o quintal, segundo a falta ou abundancia que ha delle.

ALV.—Pois dizei-me de que modo tiram os mo-

radores deste Brazil proveito de semelhante páo, e quanto importa á fazenda de Sua Magestade ?

BRAN.—O páo do Brazil é droga sua, e como tal defeso ; de modo que ninguem póde tratar nelle senão o mesmo Rei ou os que tiverem licença sua por contracto. Antigamente era licito negociarem todos nelle, com pagarem á fazenda de Sua Magestade um cruzado por quintal de sahida ; mas, por se entender que se usava mal desta ordem que estava dada, se revogou pera que corresse o negocio por contracto, como hoje em dia corre, e se paga de arrendamento por elle no Reino á fazenda de Sua Magestade quarenta mil cruzados pouco mais ou menos, com declaração que os contratadores não poderão tirar em cada um anno deste Estado, especialmente das tres capitanias que tenho apontado, mais de dez mil quintaes de páo ; e, quando um anno tirassem menos, o poderão perfazer no outro.

ALV.—Não entendia que o páo do Brazil era cousa de tanto rendimento pera a fazenda de Sua Magestade, sem na sustentação delle gastar um só real, gastando muitos cruzados na India por adquirir as demais drogas

BRAN.—Todo o Brazil rende pera a fazenda de Sua Magestade sem nenhuma despesa, que é o que mais se deve de estimar.

ALV.—E os moradores que proveito tiram desse páo ?

BRAN.—Muito grande ; porque ha muita gente que não vive de outra cousa mais que de o irem fazer ás matas, e o acarretarem com bois até o longo d'agua, aonde o vendem ás pessoas que têm licença pera o carregarem.

ALV.—Pois dizei-me de que modo se faz esse páo ?

BRAN.—O modo é este : vão-no buscar doze, quinze, e ainda vinte leguas distante da capitania de Pernambuco, aonde ha o maior concurso delle; porque se não póde achar mais perto pelo muito

que é buscado, e alli, entre grandes matas, o acham, o qual tem uma folha miuda e alguns espinhos pelo tronco ; e estes homens, occupados neste exercicio, levam comsigo pera a feitura do páo muitos escravos de Guiné e da terra, que, a golpes de machado, derribam a arvore, á qual, despois de estar no chão, lhe tiram todo o branco ; porque no amago delle está o brazil, e por este modo uma arvore de muita grossura vem a dar o páo, que a não tem maior de uma perna ; o qual, despois de limpo se ajunta em rumas, donde o vão acarretando em carros por pousas (1) até o pôrem nos passos, pera que os bateis o possão vir a tomar.

ALV.—Não deve de dar pequeno trabalho o fazer esse páo por esse modo ; e si o proveito não é muito ficará sendo cara a mercancia.

BRAN.—Sim, dá grande proveito ; porque ha muitos homens destes que fazem brazil, que colhem em cada um anno a mil e a dous mil quintaes delle, que todos acarretam com seus bois ; e despois de posto no passo o vendem por preço de sete e oito tostões o quintal, e ás vezes mais, no que vêm a grangear grande copia de dinheiro, e por este modo si têm feito muitos homens ricos.

ALV.—Si isso passa dessa maneira, poderemos dizer que dá Deus aos moradores do Brazil ouro e prata pelos campos, e que de cousa, que elles não plantaram, nem grangearam, colhem fructo.

BRAN.—Sabeis quanto é assim, que ainda vos poderei affirmar que se acham outras cousas de mais importancia, sem lhe custar nenhum trabalho nem industria.

ALV.—E do que modo póde succeder isso ?

BRAN.—Deste : que muitos homens se fazem

---

(1) Segundo Bluteau e Moraes, na Beira emprega se a palavra *pousa* ou *pousada* para significar 5 ou 6 feixes de páo atados. Parece qua nesta accepção deve ser entendida a palavra *pousa* do texto.

N. do R.

ricos neste Brazil com somma de ambar que acham pelas praias, uns em muita, e outros em menos cantidade; em tanto que houve certo morador que achou tanta copia delle, que a muita cantidade lhe fez duvidar o poder ser o que tinha achado ambar, e o reputou por breu ou pez, e como tal se poz a brear com elle uma barca, que tinha posta em estaleiro pera o effeito, e continuou com a obra até que alguns compadres seus, que o viram occupado n'ella, o desenganaram do erro que fazia, e, com ter já gastado grande cantidade do ambar, ainda se ficou com muito.

ALV.—Isso parece dos contos do Trancoso, e, como tal, não me persuado a dar-lhe credito.

BRAN.—Não é senão pura verdade, e passou da maneira que o tenho relatado; e, porque não mendiguemos semelhantes acontecimentos por casas alheias, vos contarei um que me succedeu, e si duvidardes delle, em tempo me acho de poder verificar minha verdade com testemunhas dignas de fé. E o caso é este: estando eu no anno de oitenta e tres assistente na capitania de Pernambuco, na villa de Olinda, ao tempo de partir uma frota pera o Reino, que me trazia assaz occupado com o haver de escrever pera lá, chegou um criado meu, a quem trazia occupado no recebimento dos dizimos dos assucares, que então estavam a meu cargo, chamado por sobrenome o *Comilão*, e em grande segredo, despois de nos mettermos ambos em uma camara, me disse que, indo a buscar o dia antececente um pouco de peixe a uma rede que pescava no rio do Estremo, achara na praia grande cantidade de certa cousa, que logo me amostrou, com me metter na mão uma bola daquillo que dizia haver achado, a qual pesaria, segundo minha estimação, de seis pera sete arrateis, e que do semelhante era tanta a cantidade a que estava na praia, junto d'agua, que gastaram elle e dous negros, que comsigo levava, mais de tres horas em o acarretarem em uma fôrma, que fôra de

assucar, e dous cabaços, até pôrem tudo desviado da praia e caminho entre alguns mangues, e que elle junto fazia um arrezoado monte. Eu era então novo na terra, e não havia ainda visto nella nenhum ambar, posto que em Portugal me passára pela mão algum; mas, como era ambar gris, que vem da India, dava maravilhoso cheiro com ser branco, e pelo contrario aquillo, que me o mancebo dizia haver achado, era uma cousa negra viscosa, que tinha o cheiro de azeite de peixe, e por esse respeito cobrei tanto asco de o ter nas mãos, que lancei a bola pela janella fóra entre umas ramas crescidas, ficando-me somente entre os dedos um pequeno papel em que o apertára, cousa de tres para quatro onças, as quaes acaso, por me despejar dellas, lancei dentro na gaveta de um escriptorio que tinha aberto ; e despedi o mancebo com lhe dizer que não tinha pera que fazer caso daquillo, que dizia haver achado, porque devia de ser alguma immundicie que sae á praia. Com isto se foi o pobre bem descuidado do muito que se lhe ia de entre as mãos. Passaram-se tres annos, dentro dos quaes veio a esta terra do Reino um parente meu de muita obrigação, o qual, querendo fazer volta outra vez pera lá, me foi necessario dar lhe um papel de importancia, pera que o levasse comsigo, o qual não achava, e por esse respeito o busquei por todas ae gavetas do escriptorio muito de espaço, e em uma dellas fui dar com o papel envolto n'aquella cousa que alli tinha lançado ; e como com o tempo tinha já gastado o ruim cheiro de azeite de peixe e cobrado outro muito bom. mostrou claramente ser ambar, e de se achar alli estive confuso por me não alembrar quando ou de que maneira o havia mettido n'aquella gaveta, ou donde me viera, todavia, examinando bem a memoria, vim a cahir no que havia precedido com não pequeno pezar. E imaginando poder ainda dar remedio ao que já o não tinha, mandei logo chamar o descobridor, que então era casado, e dando-lhe

conta do que passava, faltou pouco pera se enforcar, todavia nos puzemos a cavallo, indo á parte onde elle achára o ambar, com a qual elle já mal atinava, e por fim não achamos cousa nenhuma, com cahir na conta de que os carangueijos, aves, e mais immundicies o deveriam ter comido.

Alv.—Todavia esse foi estranho caso, e bem digno de se sentir a perda de tão grande haver, que não crêra haver passado desse modo, sinão affirmareis com tantas veras; mas esse ambar como podia ser preto, porque tenho pera mim que todo é branco e pardo.

Bran.—Neste nosso Brazil ha dous modos de ambar, um é branco e gris, que se acha na costa de Jaguaribe, o qual por ser tal se vende a onça delle a quatro mil réis e as vezes por mais, o outro é negro, que se acha desde Pernambuco até a Bahia, posto que tambem sahe do branco; mas o preto val de tres pera quatro cruzados a onça.

Alv.—Tão sentido estou do que me contastes haver-vos succedido, que não quero ouvir fallar mais em ambar; e assim nos passemos a tratar da quarta condição da riqueza do Brazil, pela ordem que as levaes enfiadas.

Bran.—Todavia, antes de começar a tratar o que me perguntaes, vos hei de contar uma graça ou historia que succedeu, ha poucos dias, neste Estado sobre o achar do ambar. Certo homem ia a pescar pera a parte da capitania do Rio Grande em uma enseada que alli faz a costa, e querendo se metter em uma jangada pera o effeito, lhe faltava uma pedra de que podesse fazer fateixa, e lançando os olhos pela praia vio uma, que, ao seu parecer, teve por accommodada pera isso, e, tomando-a, atou nella o cabo, e se metteu na jangada pera ir fazer sua pescaria; e, estando já na parte que queria, porque o vento lhe fazia desgarrar a jangada do porto, lançou a sua fateixa ao mar, a qual, como si fôra de cortiça, andava sobre agua;

e, vendo que lhe não aproveitava a diligencia que tinha feito com aquella fateixa, pois nadava, tornou pera terra ao tempo que chegava á praia um seu amigo, tambem pera haver de pescar com outra jangada, e dando-lhe conta do que lhe havia succedido com aquella pedra que nadava, o outro, que devia ser mais trefego, lhe disse que não tomasse por isso pena, porquanto elle se achava indisposto, e não determinava de pescar, que alli tinha a sua fateixa, de que se podia servir Aceitou-lhe o outro o offerecimento, e com ella se foi a sua pescaria, deixando a pedra nadadora nas mãos do que novamente chegára, que logo conheceu ser ambar, e tomado ás costas se recolheu e fez-se invisivel com ella, aproveitando-se de sua valia; porque pesava quasi uma arroba.

ALV.—Não foi máo lanço esse; e posto que a riqueza se estrebuxe pelos homens por venturas, si é licito poder-se dizer assim, pera toda esta cousa de haver, principalmente pera o achar do ambar se requer grandissima; e, porque ainda estou maguado do que me constastes, vos peço que torneis ao fio de vossa narração.

BRAN.—Parece-me que disse que o quarto modo, que havia no Brazil, pera se fazerem ricos seus moradores eram os algodões e madeiras; pelo que tratarei primeiro dos algodões, que já foram tidos em mais reputação, e deram mais proveito aos que nelle tratavam do que de presente dão.

ALV.—E qual é a causa disso?

BRAN.—Haver muito em Veneza e em outras partes, com que se abate o que levam do Brazil; posto que a terra é tão caroavel de o produzir, que em qualquer parte se colhe grande cantidade de algodão. Planta-se de semente, e em breve tempo leva fructo, o qual se colhe despois de estar maduro e de vez, e tirado do coculo, aonde se cria, o põem em rimas, e o deste modo se chama algodão sujo, e o que se aparta da semente é o limpo.

E pera se haver de apartar della usam de uma invenção de dous eixos, que andam á roda, e passado por elles o algodão larga uma parte, que é a por onde se mette a semente, e pela outra vai lançando, por entre os eixos, o algodão, que se costumava a vender na terra a dous mil réis a arroba, com deixar muito proveito aos que o lavram, pelo pouco custo que na lavoura delle faziam; e no Reino se vendia a quatro mil réis a arroba, mas já agora, pelo respeito que disse, se vende tanto em uma parte como em outra por muito menos preço.

ALV.—E de que modo se leva esse algodão pera o Reino?

BRAN.—Levam-no dentro em grandes sacos, que pera esse effeito fazem de angeo, onde se mette mui bem socado, de modo que a saca fica dura e tesa; e, como está apertado, não importa que o levem pera o Reino sobre a coberta dos navios, porque a chuva lhe não faz damno. E com isto me pareceque tenho dito o que basta dos algodões, dos quaes tambem neste Brazil se faz muito bom panno de serviço.

ALV.—Pois passemos a tratar das madeiras, que deve de ser cousa de mais importancia.

BRAN.—Certamente que estimára mnito não me metter em semelhante trabalho, pelo muito que ha que dizer acerca dessa materia; porque por cada parte que ponho os olhos, vejo frondosas arvores, entrebastecidas matas e intrincadas selvas, amenos campos, composto tudo de uma doce e suave primavera; porquanto, em todo o decurso do anno, gosam as arvores de uma fresca verdura, e tão verdes se mostram no verão como no inverno, sem nunca se despirem de todo de suas folhas, como costumam de fazer na nossa Hespanha; antes, tanto que lhe cahe uma, lhe nasce immediatamente outra, campeando a vista com formosas paisagens, de modo que as alamedas de alemos e outras semelhantes plantas, que em Madrid,

Valhadolid e em outras villas e lugares de Castella se plantam e grangeam com tanta industria e curiosidade, pera formosura e recreação dos povos, lhe ficam muito atraz e quasi sem comparação uma cousa da outra ; porque aqui as matas, e bosques são naturaes. e não industriosos, acompanhados de tão crescidos arvoredos, que, além de suas tapadas frescas folhas defenderem aos raios do sol poder visitar o terreno de que gosam, não é bastante uma frecha despedida de um teso arco, por galhardo braço, a poder sobrepujar a sua alteza ; e destas semelhantes plantas e arvores ha tantas e diversas castas que se embaraçam os olhos na contempl ção dellas, e somente se satisfazem com dar graças a Deus de as haver criado d'aquella sorte. Donde certamente cuido que si neste Brazil houvera bons arbolarios, se poderiam fazer da qualidade e natureza das plantas e arvores muitos volumes de livros maiores que os de Diascorides ; porque gosam e encerram em si grandissimas virtudes e excellencias occultas, e enxerga-se o seu muito em algum pouco dellas, de que nos aproveitamos.

Alv.—Por essa maneira temos no Brazil outros novos campos de Thesalia ; porque tendes encarecido os seus com tão efficazes palavras, representando nellas tantas grandezas e excellencias. que me vem desejo de me transformar em um agreste pastor, somente pera poder gosar de tanta frescura.

Bran.—Não vos fôra mal, quando assim o fizesseis, porque em tudo quanto tenho dito fico certo a perder de vista pera o muito que podera dizer.

Alv.—Confesso que esses campos terão essa amenidade que representaes, mas nuuca ouvi dizer que as plantas, que por elles se produzem, gosem de tantas virtudes medicinaes de que os fazeis abundantes.

Bran.—Não me quero distrair em mostrar a

verdade do que digo em contrario dessa vossa opinião; porque seria metter-me em materia de que a sahida fôra difficultosa. Só vos direi dous exemplos, que experimentei e vi por proprios olhos, pelos quaes ficareis entendendo o mais que podéra relatar; dos quaes o primeiro é que, tendo eu, em minha casa, uma mulatinha de pouca edade, que nella me nasceu, a quem queria muito pela haver criado, um escravo meu, com animo diabolico, estimulado de a menina me descobrir um furto, que elle havia feito, lhe deu peçonha, de tal sorte que em muito breve espaço inchou toda com uma côr denegrida, e, com apressado resfolego, escumava pela boca, os dentes cerrados, e olhos em alvo, mostrando n'isto e n'outras cousas todos os signaes de morte. Vendo eu a menina em tal estado, além de ficar pezaroso em extremo, imaginei, com firme presupposto, ser o accidente causado de peçonha, e que o autor de lh'a dar devia de ser o proprio escravo, que lh'a havia dado, porque tinha entre os taes nome de feiticeiro e arbolario; pelo que fiz lançar mão delle, affirmando-lhe que não teria mais vida que em quanto a menina gozava della, porque sabia de certo haver-lhe elle dado peçonha; com lhe dizer mais, e ainda mostrar que o queria fazer, que o havia de passar por entre os eixos do engenho, por tanto que procurasse com brevidade dar remedio ao mal que tinha feito, pôde tanto o temor destas ameaças com elle, que se obrigou a curar a enferma, á condição que lhe havia de dar licença pera poder ir ao mato buscar algumas hervas pera o effeito. Consenti no que me pedia, mas com o mandar aljavado com outro escravo ladino dos da terra, a quem encommendei em segredo que notasse bem a herva que colhia pera despois a ficar conhecendo, mas o outro foi tão matreiro que, por se guardar disso, colheu muitas e diversas hervas, entre as quaes o fez a de que tinha necessidade; em fórma que o outro aljavado, que com elle ia, não pôde atinar que her-

va era a de que se havia de aproveitar. Tornaram ambos aonde eu os esperava, e o arbolario trazia já a herva desfeita entre as mãos e mastigada com os dentes ; e, em chegando, não fez mais que ir-se á atossigada e lançar-lhe o sumo della por dentro da bocca, que lhe abrio com uma colher, e juntamente pelos ouvidos e narizes, fazendo mais esfregação com ella nos pulsos e juntas do corpo,— ó cousa maravilhosa! que no instante abrio a menina os olhos e boca, e após isso, purgando grandemente por baixo e por riba, se lhe começou a desinchar o corpo, e dentro de um dia esteve sã como d'antes. E eu estranhamente magoado de não poder conhecer a herva, porque nunca pude acabar com o escravo, nem por ameaças nem por dadivas quelhe prometti, que m'a amostrasse; somente em um pequeno bagaco della, que lhe tomei dentre as mãos, enxerguei que era uma herva cabelluda.

ALV.—Houvera-o eu de obrigar com tormentos, porque antidoto tão preservativo e de tanta virtude era bem que fôra conhecido do mundo.

BARN.—Nada bastou com o escravo. O outro exemplo é que um escravo dos de Angola, de pouca importancia, vi tomar com as mãos muitas cobras peçonhentissimas, e ajuntal-as comsigo, as quaes, posto que o mordiam por muitas partes, lhe não faziam as taes mordeduras damno ; sendo assim que, em outras pessoas, as de semelhantes cobras matavam em vinte e quatro horas Deu-me maravilha o successo, e imaginei que devia de ser aquillo obra de palavras ou força de encantamento; mas todavia me desenganei que nem uma cousa nem outra era, porque, grangeando eu a vontade do negro com dadivas, me veio a amostrar umas raizes e outra herva, dizendo-me que toda a pessoa que trouxesse untadas as juntas do sumo d'aquella raiz, despois de bem mastigada na boca, podia com muita seguridade tomar nas mãos quantas cobras quizesse, sem temor de que a sua morde-

dura lhe fizesse damno por muito peçonhenta que a cobra fosse; e assim o experimentei, e fiz experimentar, e se experimenta ainda atè o dia de hoje entre os meus escravos. A herva que mais me deu era pera se haver de curar com ella aos que fossem mordidos de qualquer cobra, sem o preservativo que tenho dito; porque untado e bem esfregado com ella e com o seu sumo o lugar da mordedura, com outras diligencias que o escravo fazia de esfregações, sarava, como sararam infinidade de homens mordidos de semelhantes bichas peçonhentissimas com tanta facilidade como si foram mordidos de uma abelha. E porque este negro é morto, alguns escravos meus usam da mesma herva com grande utilidade.

ALV.—Pois haveis-me de fazer mercê de mandar a esses vossos escravos que me dêm uma pequena dessa raiz e herva, que as quero trazer sempre comigo pera o que succeder; mas folgarei de saber si a virtude da raiz e herva se extende a mais que a ser antidoto contra a peçonha da cobra.

BRAN.—Não o tenho ainda experimentado por negligencia minha; mas, assim como ha neste Brazil semelhantes preservativos contra a peçonha, tambem ha muitas arvores e plantas que a dão finissima, de que os negros de Guiné se aproveitam com matarem de ordinario muitos dos seus semelhantes com ella.

ALV.—E quem mostrou a esses escravos o segredo dessa peçonha?

BRAN.—Da sua terra vieram mestres della, e nesta fazem muito mal aos moradores com lhe matarem seus escravos. Mas parece-me que nos imos desviando de nossa pratica, que era havermos de tratar do modo que os habitantes deste Brazil se fazem ricos pela madeira, o que succede com lavrarem e serrarem muita, assim pera se fazerem caixas, em que encaixam os assucares, como muitos e bons chaprões, que se levam pera o Reino, e outras excellentes madeiras pera casas, e obras

primas de escriptorios, bofetes, leitos e outras semelhantes.

Alv.—E os proprios moradores são por ventura os que lavram e serram essas madeiras?

Bran.—Não, porque a gente do Brazil é mais afidalgada do que imaginaes; antes a fazem serrar por seus escravos, e ha homem que faz serrar em cada um anno mil e dous mil caixões de assucar, que vendem aos senhores de engenho, lavradores e mercadores, a quatrocentos e cincoenta e a quinhentos réis cada um, segundo a falta ou abundancia que ha delles; e nisto se vê a grande quantidade de madeiras que ha neste Estado, que com haver tanto tempo que é povoado, fazendo-se todos os annos nelle tão grande numero de taboado pera caixões, não cessam as matas de terem madeiras pera outros muitos, e nunca faltarão nelles.

Alv.—E de que páos se lavram essas madeiras pera caixões?

Bran.—Os caixões se fazem de páo molle, como são mungubas, buraremas, visgueiro, páo de gamella, camaçaris, e um páo que chamam d'alho, e outro branco; e dos taes ha diversas castas, porque pera caixões se busca sempre madeira molle, por ser mais facil de serrar.

Alv.—E pera chaprões que dizeis se levam pera o Reino, madeiras pera casas e outras obras, de que sorte dellas usam?

Bran.—De muitas excellentes, as melhores que ha no mundo. E ha tanta cantidade das taes que não haverá homem que as possa conhecer, nem saber-lhe o nome pera as haver de nomear, de vinte partes a uma, ainda que o tal fosse carpinteiro, cujo officio não seja outro que cortal-as nas matas.

Alv.—Todavia folgarei que me digaes a calidade de algumas.

Bran.—Por vos fazer a vontade me esforçarei a dizer algumas, das poucas a que sei o nome. E assim digo que as madeiras, de que tenho noticia,

e me alembra a calidade dellas, são estas : *assabengitas*, que é um páo amarello, que lança de si a mesma tinta, muito rijo ; *jataúba vermelho*, de formosa côr ; *piqueá*, muito rijo e de côr amarella; outro páo, que chamam *amarello*, excellente pera taboado ; *jataúba*, de côr dourada ; *massaranduba* e *cabaraiba*, ambos de côr roxa, maravilhosos pera obra prima, principalmente pera cadeiras ; *jacarandá*, tão estimado em nossa Hespanha pera leitos e outras obras ; *condurú*, páo de grande fortaleza, do qual se fazem bons chaprões ; *sapopira*, de que se faz tambem o mesmo, e muitos carros, e tambem liames pera navios ; *camaçarim*, apropriado pera taboado ; outro páo chamado *d'arco*, porque se fazem delle de muita fortaleza e regidão ; *zabucai*, tambem muito estimado pera eixos de engenhos e estearia ; *canafistula*, de côr parda ; *camará*, rigidissimo, e por esse respeito assaz estimado ; *páo-ferro*, que lhe deram este nome por ser egual a elle na fortaleza ; outro páo chamado *santo*, tão estimado e conhecido por toda a parte ; *buraquihi*, assaz proveitoso ; *angelim*, de que se faz tanto cabedal nas Indias Orientaes, e o incorrupto *cedro*, louvado na Escriptura ; e assim *burapiroca*, louro, dos quaes se aproveitam pera armações de casas ; *buraem*, de que se faz taboado pera navios, quasi incorrupto ; *corpauba*, de uma côr preta, excellente ; *orendeuba*, de uma galharda côr vermelha ; e assim *guoanadim*, que se produzem por alagadiços e mangues, que se não dão senão pelo salgado. Outro páo, chamado *quiri*, que corta pelo ferro por ser mais duro que elle, cujo branco de fóra póde supprir a falta de marfim em qualquer obra, e o amago de dentro demostra as aguas e côres de um jaspe muito formoso ; e da mesma maneira é outro páo, que vem de Jaguaribe. Estes poucos me occorreram á memoria entre os muitos de que podéra fazer menção, os quaes são todos das capitanias da parte do norte do cabo de Santo Agostinho ; porque das do sul

tenho pouca noticia, por não haver andado por aquellas partes.

Alv.--Os dias passados vi nas mãos de um homem ancião um páo da grossura de uma manilha, que lhe servia de bordão. parecendo-me que era grande, e, como tal, devia de ser pesado pera o effeito, o tomei e achei tão leve, que quasi o não senti nas mãos; porque o era mais do que podéra ser uma meada de estopa.

Bran.—Esse páo ou, pera melhor dizer, canna se fórma de um junco grosso, chamado *tabua*, do qual se fazem esteiras; e quando é muito velho dá semelhante canna. Tambem ha outro páo que chamam de *jangada*, porque se fazem as taes delle pera andarem pelo mar, o qual é tambem levissimo, por esse respeito fazem delle os páos dos andores, em que andam as mulheres, da maneira que adiante direi.

Alv.—Não sei eu em que parte do mundo se poderão achar tantas e tão boas madeiras, como são as que tendes referido; e maravilho-me como Sua Magestade se não aproveita dellas pera fabrica de náos e galeões, os quaes podéra mandar lavrar a estas partes.

Bran.—Estando eu no Reino, no anno de seiscentos e sete, se quiz informar de mim o Conde Meirinho-mór, veador da fazenda de Sua Magestade, de duas cousas: uma si poderia mandar lavrar navios neste Estado, e a outra si haveria commodidade nelle pera se fazerem piques, porque, dizia, lhe custava trabalho mandal-os vir de fóra do Reino; ao que lhe respondi que não havia modo como si podessem alevantar neste Estado embarcações de importancia, porquanto as madeiras estavam já mui desviadas, pelos engenhos haverem consumido as de perto, e que assim custaria muita despeza o acarretal-as á borda d'agua; demais que seria difficultoso poder-se ter os officiaes necessarios pera a obra obrigados a ella, porque, posto que os mandassem do Reino á soldada, lo-

go se haviam de ausentar pela terra, de modo que não poderiam ser achados. Mas já hoje estou de differente opiniao; porque com a nova povoação do Maranhão e Pará, que é o rio das Amazonas, poderá Sua Magestade mandar fabricar naquellas partes muitas embarcações, onde se acham grande cantidade de madeiras á borda d'agua, da qual se podem aproveitar a pouco custo. E os officiaes, que pera o effeito mandar do Reino, não se poderão ausentar, por não haver ainda, em aquellas partes, fazendas nem povoações pela terra a dentro, por onde se possam espalhar.

ALV.—Não é máo alvitre esse pera Sua Magestade lançar mão delle; porque creio que logo o deve de mandar pôr em execução. E dos piques que respondestes a esse ministro?

BRAN.—Disse-lhe que se podiam fazer muitos e mui bons de um páo que havia na terra chamado *páo d'astea*, pelas fazer boas; e ainda, pera que experimentasse a verdade do que lhe dizia, me obriguei a lhe mandar desta terra, pera onde então estava de caminho, alguns piques lavrados, o que cumpri na fórma que lh'o promettêra, tanto que a ella cheguei, sem ter mais sobre a materia resposta.

ALV. - Estou maravilhado de vos ouvir nomear tanta diversidade de madeiras, que, pelos nomes differentes que lhes daes, entendo que devem de ser todas de differentes feições e calidades.

BRAN.—Sim, são: em tanto que se parecem raramente, nem na folha nem no tronco, uma arvore com a outra. E não quero deixar em silencio duas cousas que vi de muita consideração, ambas na capitania da Parahyba; das quaes uma dellas foi um páo de gamella de muita grossura, que estava óco por dentro, mas comtudo não secco, porque tinha a sua rama verde e perfeita, e dentro deste páo nascia outro de mangue, de grossura de sete palmos por roda, o qual penetrava, com o seu tronco inteiro mettido pelo outro, por dentro de

sua concavidade até responder com a rama, que era assaz grande, pelo mais alto, juntamente com a da outra arvore; porque nascia tão baralhada, que demostrava ser toda uma, e somente no modo das folhas se conhecia a differença; assim que as duas arvores se formavam de duas raizes, e de dous troncos differentes, estando uma dentro na outra. E a outra é haver visto, na serra da Copaova, uma arvore de summa grandeza, cavalgada sobre um alto penedo, que estava alevantado da terra mais de doze palmos, e as raizes da arvore, por uma parte e outra, a vinham buscar, donde tomavam o nutrimento pera o seu tronco e rama, sem poder acabar de entender o modo como semelhante planta podia nascer sobre aquelle penedo cavalgada, sem ter por meio terra, em que se sustentasse.

ALV.—Tendes-me contado tantas maravilhas, que não tenho essa por estranha, posto que o é assaz. Mas, pois haveis fallado em mangues, dizei-me si é verdade que tem as raizes de cima pera baixo; porque sou tão descuidado que ainda não olhei pera isso.

BRAN.—Os mangues nascem nos alagados entre rios que estão sujeitos aos fluxos e refluxos da maré, e os mais delles sobre vasa, dos quaes ha ahi duas castas, um vermelho e outro branco: o vermelho é mais rijo, e dá-se melhor na vasa, o outro branco é páo molle, e nasce um pouco mais desviado do salgado e em terra mais fixa; e todos botam as raizes de cima pera baixo, mas em mais cantidade o vermelho. E com isto ponhamos por hoje termo á nossa pratica, porque vos confesso de mim que não estou pera mais.

ALV.—Nunca sairei do que levardes gosto, mas á condição que nos tornemos a ajuntar amanhã nesta parte, ás horas costumadas, pera proseguirmos avante com o que nos resta por dizer.

DIALOGO QUARTO

Alv.—Hontem vos estive esperando toda a tarde neste mesmo ponto, e por faltardes delle me tornei a recolher mais cedo do que imaginava.

Bran.—Certa occasião foi causa de não poder cumprir com o que vos tinha promettido; mas, si se vai a dizer a verdade, quiz fazer pé atraz pera poder dar melhor salto sobre o que hoje havemos de tratar; porque a materia é tão facunda que requer muito estudo pera se proseguir, que do seu processo se debuxará mais ao vivo as riquezas e grandezas do Brazil, suppondo que as mais das cousas de que pretendo tratar são das capitanias da parte do norte, porque das do sul sei pouco por respeito de, como já disse outra vez, não haver andado por aquellas partes. Mas das que tenho entre mãos pera haver de tratar, ha tanto que dizer que não sei por onde comece.

Alv.—Dizei tudo a vulto, como melhor poderdes, em fórma que deis cumprimento ao que pretendeis, que é mostrar claramente as riquezas deste Estado.

Bran.—Sem grandes colloquios as podéra eu mostrar em uma só cousa, a qual é, e não o tenhaes por graça, que me esforçarei a provar, que, si as tres capitanias, que são a de Pernambuco, a de Itamaracá e a da Parahyba, quando foram todas de um senhor livre e isempto na jurisdicção e vassallagem, lhe haviam de render, em cada um anno, mais de um conto d'ouro.

Alv.—Todo o reino de Portugal, estou em dizer que não rende tanto a Sua Magestade, e vós quereis pôr em pratica que essas tres capitanias hajam de render tantos cruzados!

Bran.—Não são isto chimeras, nem phantasticos fingimentos, antes verdades que logo vos determino de mostrar a certeza dellas, como já tenho mostrado outras semelhantes; e assim me torno a reformar que, si as tres capitanias forem de senhor livre, ha de colher dellas de rendimento, em cada um anno, o que tenho dito; porque já vos mostrei, por conta, de como importavam os assucares, que se navegavam somente destas tres capitanias pera o Reino, pera a fazenda de Sua Magestade, nos direitos que pagam ás alfandegas, mais de trezentos mil cruzados, e tantos havia de colher o senhor livre dos mesmos direitos por sahida, quando deixasse navegar os taes assucares, cada um pera a parte donde os quizesse levar; sessenta e tantos mil cruzados dos que importa mais o dizimo dellas; dez ou doze mil das pençōes, que se pagam aos senhorios e capitães, e se haviam de pagar a elle, pois o ficava sendo, e outro sim quarenta mil cruzados, que importam o rendimento do páo do brazil, e da mesma maneira o que haviam de pagar de direitos por entrada, a razão de 21 (?) por cento, as fazendas e mercadorias que viessem, e se navegassem de todas as partes pera as ditas tres capitanias, que conforme a minha estimação deviam de importar ao redor de cento e cincoenta mil cruzados. E tudo isto é cousa que está já sabida, no que não póde haver duvida; e o que ainda se não sabe, nem experimentou, de que póde colher tambem muito rendimento, é a saber: pimenta da India, que póde fazer plantar e colher pelo modo que tenho dito, e outra diversidade de castas, que ha della, excellentes e assaz estimadas dos extrangeiros, cantidade grande de malagueta, a qual se dá e colhe pelos matos silvestres, sem beneficio nenhum, em abundancia; gengibre, que póde mandar cultivar por a terra ser muito caroavel de o dar, o qual, navegado pera Frandes e outras terras de extrangeiros, deixará muito proveito; infinidade de anil que pode man-

dar lavrar, porque a herva, de que se faz (a qual na India e Indias se planta e grangea com cuidado e diligencia), aqui nasce pelos campos em tanta cantidade, sem nenhum beneficio, que se póde lavrar della grande somma de semelhante droga. Por maneira que todas estas cousas postas em uso, e juntas com as que já estão postas, devem de dar de rendimento ao tal senhor, quando o fosse no modo que tenho dito, muito mais do milhão d'ouro, de que vos maravilhastes.

ALV.—Não duvido que, quando essas cousas viessem a lume, poderia succeder desse modo; mas. emquanto não estão em uso, não temos pera que fazer caso dellas, e assim vos peço que nos passemos á nossa pratica de que cuido que a de presente deve de ser de como se fazem os moradores deste Estado ricos pela lavoura.

BRAN.—Assim o farei, posto que tinha pera dar resposta mui concluinte a essa vossa duvida. E vindo ao que nos importa, pera havermos de levar enfiado o que temos pera dizer acerca da lavoura, convem que comecemos primeiramente pelos mantimentos.

ALV.—Assim me parece ser razão que o façaes, porque delles tem principio todo o modo de lavoura, e por elles se exercita com tanto cuidado e diligencia.

BRAN.—Os mantimentos, de que se sustentam os moradores do Brazil brancos, indios e escravos de Guiné, são diversos, uns summamente bons, e outros não tanto; dos quaes os principaes e melhores são tres, e destes occupa o primeiro lugar a mandioca, que é a raiz de um páo, que se planta de estaca, o qual, em tempo de um anno, está em perfeição de se poder comer; e, por este mantimento se fazer de raiz de páo, lhe chamam em Portugal *farinha de páo*.

ALV.—Assim é: quando querem vituperar o Brazil, a principal cousa que lhe oppõem de máo é dizerem que nelle se come farinha de páo.

Bran.—Pois essa farinha é um excellente mantimento, e tal que se lhe póde attribuir meritamente o segundo lugar despois do trigo, com exceder a todos os demais mantimentos, de que se aproveita o mundo.

Alv.—Pois dizei-me o modo que se guarda pera se haver de pôr esse mantimento em perfeição de se poder usar delle ?

Bran.—Faz-se desta maneira: despois de estar assasonada, se tira aquella raiz debaixo da terra, que é de grossura de um braço, e ás vezes mais cumprida, a qual, despois de limpa da casca de fóra, a ralam em uma roda que pera isso têm feita, forrados os seus extremos de cobre, a modo de ralo, e despois lhe expremem todo o sumo muito bem em uma prensa, que pera o effeito se faz; e assim como tiram a mandioca da prensa, a vão pondo de parte feita em umas bolas, das quaes a desfazem pera a cozerem em uns fornos, que pera isso se lavram de barro, a modo de tachas, com fogo brando, e deste modo fica feita a farinha; mas pera ser boa lhe hão de lançar tapioca, e quanto mais lhe lançam, tanto melhor dá a farinha, das quaes a feita por este modo se chama farinha *de guerra*, que dura grande espaço de tempo sem corrupção e a levam pera comer no mar.

Alv.—E que cousa é essa tapioca, que dizeis se lança nella ?

Bran.—Compõe-se da agua ou sumo que se expreme da mesma mandioca; porque, despois de junta em um vaso, cria pó por baixo, a modo de farinha de Alemtejo, muito alva, e lançada a agua que está por cima fóra della, fica a que se chama *tapioca*, que é o que disse que se misturava com a farinha. E pera mantéos engommados e outras cousas semelhantes é muito melhor que a gomma que se faz em Portugal; mas ha nisto uma cousa notavel, que aquella agua ou sumo, que se lança do vaso, despois de se tirar a tapioca,

é peçonha finissima. a qual toda a pessoa ou alimaria, que a come ou bebe, morre sem remedio, e ainda despois de lançada na terra se fórma daquella humidade uns bichos que, si os tomarem seccos e os fizerem em pó, fica sendo o mais fino apurado veneno de todos quantos se podem imaginar.

Alv —Não tenho eu por muito sadio o mantimento, donde tão grande veneno se fórma.

Bran.—Pois tambem vos direi mais: que tambem a raiz, antes de se lhe fazer o beneficio que tenho dito, é veneno e mata a quem a come, excepto uma sorte de semelhante raiz, a que chamam *macacheira* ; porque esta tal se come assada e cozida, com ter o sabor das castanhas da nossa terra ; e comtudo a de outra sorte, posto que é tão peçonhenta, preparada como tenho dito, fica sendo mantimento assaz sadio e muito acommodado pera a natureza humana, e não se sabe haver nunca feito mal a ninguem por nenhuma via.

Alv.—Pois si a sorte dessa mandioca é peçonhenta, como tendes dito, e a outra não, porque se não usa antes da que o não é ?

Alv.—Não o fazem, porque, como a que não faz damno se póde comer sem beneficio, furtam muito della por ser mantimento que sempre está no campo, e o vão tirar delle quando o querem comer ; e assim fica sujeita aos ladrões, os quaes se inclinam a furtarem daquella de que se aproveitam logo sem beneficio. E ainda, além do modo que tenho dito, ha outro, com o qual se faz esta farinha mais regalada, de que usa a gente nobre e mimosa, por ser de muito bom gosto.

Alv.—Pois dizei-me o modo como isso se faz.

Bran.—Tomam a mandioca despois de colhida e lançam-na de molho em agua corrente, porque é melhor, até apodrecer, e podre a despem da casca, e a desfazem entre as mãos ; e, desfeita, a põem a cozer no forno, que já disse, e como está cozida a comem assim fresca ; e quanto mais

quente, melhor, com ficar de tanto gosto que muitas pessoas regeitam pão alvo muito bom por ella. Tambem se faz da mandioca, despois de ralada em fresco, umas como obreias, a que chamam *beijús*, e por outro nome tapioca, das quaes se servem na mesa em lugar de pão, e duram muitos dias.

Alv.—Ides transformando essa mandioca em tantos modos, que ficará tendo mais côres que um sardão.

Bran.—Pois ainda se fazem mais transformações della, a qual é que, despois da mandioca estar podre n'agua, pelo modo que tenho mostrado, porque a que está desta maneira se chama *mandioca puba*, lhe tiram a casca, e a põem no fumeiro, donde, despois de estar curada e secca, se chama *carimá*, e se faz della uma excellente farinha, de que se fazem umas papas em caldo de gallinha e de peixe, e tambem com assucar; as quaes são de maravilhoso gosto e de muito nutrimento, e tambem as applicam pera mantimento de enfermos com muita vitalidade dos taes, e a este semelhante manjar dão por nome *mingáo*.

Alv.—Pois dizei-me por que preço se vende um alqueire de farinha ordinaria, e quanta cantidade della é necessaria pera sustentação de um homem?

Bran.—Os alqueires destas capitanias são maiores que os do Reino duas vezes e meia, em fórma que um alqueire dos de cá responde por dous e meio dos de Portugal; um alqueire dos semelhantes é bastante pera sustentar a um homem por espaço de um mez, e val a duzentos e cincoenta réis e a trezentos, e ás vezes é mais barata, segundo a falta ou abundancia que ha della.

Alv.—Já que tendes dado o primeiro lugar de bondade entre os mantimentos do Brazil á mandioca, dizei-me agora qual é o segundo de que seus moradores se aproveitam?

Bran.—O mantimento que occupa o segundo

lugar (posto que em muitas partes do mundo se tem pelo primeiro) é o arroz, que nesta provincia se produz em muita abundancia á custa de pouco trabalho ; mas os seus moradores, por respeito da mandioca, de que já tenho tratado, plantam muito pouco, porque reputam quasi por fruta e não mantimento, por acharem a farinha de mais sustancia.

Alv.—Pois não devêra de ser assim, que o arroz é excellente, e por ser tal se sustenta delle a maior parte da Asia.

Bran.—Assim passa, mas os moradores desta terra aproveitam mais da mandioca, com lhes custar mais trabalho o uso della ; porque o arroz se produz com facilidade por qualquer parte, e nas terras alagadas, que não servem pera outra cousa, se dá melhor. Verdade é que, por se não traspor, como se faz na India, não amadurece todo junto, e por esse respeito dá trabalho a sua colheita ; mas por outra parte a facilita, com se deixar colher dous e tres annos, e dar outras tantas novidades ; porque o rastolho que fica, quando não é trilhado e destruido das alimarias, na entrada do mais proximo inverno torna outra vez a reverdecer de novo e a levar fructo perfeito.

Alv.—Passemo-nos agora a tratar do terceiro modo de mantimento, de que haveis dito se fazia caso por ser bom.

Bran.—Esse terceiro é o milho de massaroca, que em nosso Portugal chamam *zaburro* e nas Indias Occidentaes *mais*, e entre os Indios naturaes da terra *abaty* : é mantimento mui proveitoso pera sustentação dos escravos de Guiné e Indios, porque se come assado e cosido e tambem em bolos, os quaes são muito gostosos, emquanto estão quentes, que se fazem delle, despois de feito em farinha ; (1) e pera sustentação de cavallos é

---

(1) Parece que se deve ler :—*se come... em bolos que se fazem delle depois de feito em farinha, os quaes são muito gostosos, emquanto estão quentes,*

N. do R.

mantimento de grande importancia, e pera criação de aves.

ALV.—Pelo menos nas Indias se tem por tal, e se usa geralmente delle.

BRAN.—Pois nesta terra se dá á custa de pouco trabalho, antes com muita facilidade, em tanto que em cada um anno se colhem duas novidades delle.

ALV.—Não sei como isso possa ser, si não quereis attribuir a esta provincia dous invernos.

BRAN.—Não ha senão um somente, como já tenho dito, mas as duas novidades se colhem deste modo: com as primeiras aguas, que chovem na entrada de Fevereiro pouco mais ou menos, que é o principio do inverno, se planta, e, quando vem no mez de maio, se colhe, porque já então está perfeito, e logo o tornam a semear na propria terra, e segunda vez leva fructo, que se colhe por Agosto.

ALV.—Fertilissima deve de ser a terra que dá duas novidades no anno.

BRAN.—E' tanto que ainda de alguns fructos dá tres, como adiante direi. E estes são as tres sortes de mantimentos principaes de que se usa no Brazil.

ALV.—Não vos vejo fazer menção do trigo, centeio e cevada, nem milho, mantimentos tão estimados na nossa Hespanha e por toda a Europa, e assim em geral na mór parte do mundo, pelo que me parece que os não deve de produzir a terra

BRAN.—Por me não envergonhar a mim e aos demais moradores deste Estado, desviava-me de mover pratica sobre esses mantimentos, os quaes não produz a terra, não por culpa sua, senão pela pouca curiosidade e menos industria dos que a habitam; porque eu semeei já por duas ou tres vezes na capitania de Pernambuco trigo, do qual a verdadeira sementeira deve de ser por São Pedro. fim de Junho, pouco mais ou menos, porque o tal tempo corresponde, na qualidade, com o da semen-

teira de Portugal; do qual trigo deixei crescer uma parte delle na forma que fôra semeado, e a segunda parte lhe metti a fouce pera que tornasse atraz, e a terceira seguei da mesma maneira duas vezes; todo este trigo veio á perfeição, posto que o que foi segado deu melhores espigas, do qual colhi perto de um alqueire delle, por a semente não ser pera mais; e cada um grão filhava de maneira que correspondia com cinco e seis espigas. Verdade seja que algumas dellas eram faulhentas, mas o trabalho desta sementeira está em que o trigo não amadurece todo junto, antes quando umas espigas estão de todo perfeitas, outras estão em leite e algumas começam de botar pendão; pelo que foi necessario segarem-se as espigas gradas e maduras, com deixar ficar as outras, o que dá muito trabalho.

Alv.—E pera se haver de emendar essa falta se usaria de alguma industria?

Bran.—Entendo que sim; porque no anno de noventa e nove em Portugal, tratando eu da materia com um fidalgo velho Austuriano, me veio a dizer que na terra aonde vivia estava uma grande varzea, da qual nunca se aproveitaram por dar o trigo da mesma maneira, respeito de sua muita fertilidade; mas de poucos annos a esta parte usaram de um excellente remedio, com o qual dava já trigo perfeito, com grandar todo junto, pera se poder segar; o qual remedio era que, despois do trigo semeado e sahir da terra quasi um palmo, lhe tornavam a metter o arado de novo, pera que se arrancasse e espedaçasse assim em a terra amainando de sua furia, e por esta maneira vinha a levar a novidade egualmente como o demais trigo; pelo que despois de eu tornar a esta, quiz fazer experiencia do que o Austuriano me dissera, com traspor uns grãos de trigo que semeei em terra fertil, a qual foi tomando o fructo todo por um, e da mesma maneira começava a grandar; mas não chegou á per-

feição, porque um anouteceu todo comido dos passaros.

ALV.—Pois, porque não tornastes a segundar com a experiencia?

BRAN.—Porque se me communica tambem o mal da negligencia dos naturaes da terra; mas o que acerca disto entendo é que, si fòr plantado o trigo nas campinas, que é terra arisca, dará fructo perfeito, sem mais outra diligencia; posto que o não experimentei, porque as que fiz até agora todas foram em terra de varzea de massapês, fertilissimas, aonde devisijava (?) o trigo muito, o que não deve de fazer nas campinas por ser terra fraca.

ALV.—Em verdade que tenho paixão de ver a pouca curiosidade dos habitantes desta provincia, pois se lhe não alevantam os espiritos pera fazerem experiencia de cousa tão importante, e de que tanta utilidade se seguirá a todos. Mas que me dizeis da cevada, centeio e milho?

BRAN.—Do centeio e cevada não tenho ainda feito experiencia, mas do milho sim, o qual se dá melhor e em mais cantidade do que se dá em Portugal; mas não se usa delle, porque a gente desta terra se contenta somente com aquillo que os passados deixaram em uso, sem quererem anadir outras novidades de novo, ainda que entendam claramente que se lhes ha de conseguir do uso dellas muita utilidade, de maneira que se vem a mostrar nisto serem todos padrastos do Brazil, com lhes ser elle madre assaz benigna.

ALV.—Não sei que diga a tanto descuido e negligencia, senão que são todos ingratos a Deus, em não se saberem aproveitar dos beneficios que lhe faz e promette neste Estado; posto que tambem creio haver de vir ainda pera o futuro quem lance mão delles. Mas parece-me que haveis dito que, além dos tres mantimentos, cuja calidade e natureza tendes referido, havia ainda outros.

BRAN.—Sim, ha, os quaes aproveitam pera o tempo da esterilidade, posto que raramente succede

havel-a nesta terra; os quaes são estes: o primeiro a raiz do *caravatá*, que se dá pelos campos sem nenhum beneficio, da qual se faz farinha de boa sustentação; o segundo é as folhas da mandioca cosidas, a que chamam *manissoba*, as quaes são tambem excellentes pera tempo de fome, e ainda sem ella a usam muitas pessoas por mantimento; o terceiro é o fructo de uma arvore grande, a que chamam *comary* (?), o qual serve tambem de mantimento; o quarto uns coquinhos que pelo nome da terra se chamam *aquês*. Estes taes se colhem dos pequenos coqueiros, em que se dão em cachos despois de maduros, e se espreme delles uma substancia doce e gostosa, que se lhe tira d'entre a casca, espremidos com as mãos dentro na agua e de tudo junto, sendo cosido ao fogo, se formam umas papas que comem, e com ellas juntamente os coquinhos, que estão dentro no caroço, despois de esbrugado e partido; e deste mantimento se sustenta grande parte do gentio da terra e dos negros de Guiné. O quinto é a raiz de um sipó, a que chamam *macuna*, a qual desfazem em farinha, que comem despois de cosida.

ALV.—Dizeis que esses mantimentos, que tendes referido, servem pera tempo de necessidade, de fome, e eu não sei como isso possa ser, porque, quando a esterilidade é geral, abrange a todas as sementeiras, fructos e plantas.

BRAN.—Verdade é que em Hespanha succede isso dessa maneira, mais aqui no Brazil não; porque todas estas cousas nascem pelos campos sem beneficio nenhum, com serem agrestes e sempre, de qualquer maneira que o tempo curse, se acham por elles em abundancia.

ALV.—Por essa maneira não se deve de arreceiar a fome neste Estado.

BRAN.—Quando a haja, nunca perece por causa d'ella gente, porque usam de semelhantes remedios, e com isto passemos avante, ainda que vos confesso que se me representam ante os olhos tantas

7

cousas sobre que haver de tratar, que receio de me metter em tão grande labyrintho, mas já que tenho tomado a minha conta o haver de dizer das grandezas do Brazil, irei mostrando primeiramente a grande fertilidade de seus campos, e despois formarei uma fresca horta abundante de diversidades de cousas, e logo irei ordenando um pomar bastecido de diversas arvores e com excellentes pomos, e da mesma maneira um jardim povoado de flores e boninas sem conto. E então julgareis si se pode dar ao Brazil nome de ruim terra, como de principio lhe quizestes chamar.

ALV.—Já vejo que me enganava, e pera que de todo me acabe de desenganar, vos peço que leveis essa ordem, porque me parece maravilhosa.

BRAN.—Quero dar o primeiro lugar dos legumes desta terra ás favas, porque são per extremo boas, e na grandeza e gosto muito melhores que as de Portugal; mas a planta é differente, assim na folha, como no modo della, porque a de cá trepa como hera, colhem-se verdes e seccas, e de ambas as maneiras são excellentes.

ALV.—Não se devem de dar na terra de Portugal, pois se não usa dellas.

BRAN.—Sim, dão; mas os moradores deste Brazil querem se aproveitar antes de est'outras, por serem naturaes d'elle e se grangearem com menos trabalho, com darem mais rendimento no fructo. O outro legume tambem muito bom são feijões, como os nossos de Portugal, que se dão em grande cantidade, dos quaes tambem usam em verde e despois de seccos. Tambem se colhem na terra muitas ervilhas, das quaes se aproveitam do modo que o fazem em Portugal; e da mesma maneira ha outros feijões de differente feição, que se chamam *gandus*, os quaes vieram aqui de Angola, e se dão em arvores, não muito grandes, com serem de excellente gosto e reputados por maravilhoso legume.

ALV.—Nunca ouvi que se dessem feijões em arvores.

BRAN.—Pois estes são de differente casta, e por isso produzem nellas. E da mesma maneira se acham outros feijões, que nascem em bainhas, chamados *sapotaja*. Tambem ha um modo de milho, semelhante ao que chamam *nachenim* na India, antes entendo que é o proprio; o qual se trouxe de Angola, que os escravos chamam *massa-gergelim*, se produz de tão boamente que de pequena sementeira delle se apanha grande colheita. Outra sorte de legume ha a que chamam *amendoim*, que são de feição de bolotas, e dentro de cada coculo tem dous pinhões maravilhosos na substancia e gosto, comem-se assados e cosidos e tambem crús, sem nenhum beneficio. E outro chamado *passendo*, a modo de canna, que se tem por legume E da mesma maneira ha uma raiz que se colhe debaixo da terra, chamada *tamotarana*, assaz gostosa. E pelo conseguinte outra a que dão nome *tajoba*; e outra chamada *taiá*, que todas são raizes de muita sustancia.

ALV.—Ides formando tantos legumes, que já cuido que lhe ficam os que se acham em Hespánha inferiores.

BRAN.—Pois tenho muito que dizer delles, porque ha uns como aboboras, a que no Reino chamam de *Guiné*, e antes cuido serem as proprias, de duas sortes, das quaes a uma se chama *geremú*, e a outra *geremú-pacova*, que servem de mantimento, do qual se sustenta muita gente, por ser de grande sustancia, e se come assado e cosido, e quando se lhe ajunta azeite e vinagre, póde fazer postoleta (1) na mesa dós grandes, pera os quaes se compõem tambem em assucar, com serem muito estimados, e conservam-se muitos dias sem apodrecerem.

ALV.—Tambem em Portugal se guarda essa

---

(1) Pode figurar, apparecer.

N. do R.

abobora, a que daes o nome de *geremú*, muito tempo sem corrupção.

Bran. —Pois aqui no Brazil se dão muito melhores. Tambem ha muitas aboboras, a que chamam de *cabaço*, de summa grandeza, e outras mais pequenas, que se comem. E das grandes vi algumas que levavam dentro em si dous alqueires e meio de farinha, que são cinco de Portugal.

Alv.—Onde ha semelhantes cabaças, podem-se escusar sacos, porque alojam pouco mais dentro em si.

Bran.—Pois assim passa ; e si quizerdes vel-os vol-os amostrarei, porque vos não fique escrupulo. Tambem se produzem na terra muitas e excellentes batatas. muito melhores das que se levam a Portugal, de que se fazem bocados, doces maravilhosos e batatadas em panellas, como marmelada, e tambem se comem assadas e cosidas. Da mesma maneira se produzem muitos e bons inhames e outra casta d'elles chamados *carás*, que são da mesma especie, mas muito maiores ; e todos estes legumes, que o são na realidade da verdade, se guardam em casa, aonde duram muitos dias livres de podridão, e sobretudo o mais excellente legume de todos são umas castanhas que chamam de *cajú*, muito gostosas no comer e de muito nutrimento, que se conservam longo tempo, e se comem assadas, e da mesma maneira se servem dellas pera tudo em lugar de amendoas.

Alv.--Tendes nomeado tantos e tão diversos modos de legumes, que é necessario uma cartilha pera se poder estudar o nome delles ; mas folgára de saber porque se não aproveitam tambem de grãos, chicharos, lentilhas, tremosos de nosso Portugal, de que cuido deve de ser a causa não os produzir a terra.

Bran.—Sim, produz, porque eu semeei semelhantes legumes, posto que em pequena cantidade e deram fructo. E de se não usar delles, não sei

dar outra causa senão a geral enfermidade do Brazil, que já tenho apontado.

Alv.—Quanto mais me dizeis disso, tanto vou concebendo da terra melhor opinião, e de seus moradores muito má.

Bran.—Dizei quanto quizerdes sobre essa materia, porque tenho a culpa geral por tão grande, que commetteria erro quem os quizesse defender; mas já que imos tratando dos fructos, que os campos produzem, quero vos mostrar que são taes estes brazilienses, que lhe ficam muito atraz os Eliseos tão celebrados dos poetas em seus fingimentos, e da mesma maneira o fabuloso paraiso do torpe Mafamede, do qual põem a felicidade em que corriam por elles rios de mel e de manteiga; porque estes nossos campos, com serem naturaes e não sonhados pera se fabricarem na idéa, correspondem gozando d'aquellas cousas que, com tanto estudo de fingimentos, se representaram; porque nestes nossos campos achareis rios de mel excellentissimo, e de manteiga maravilhosa, de que se aproveitam seus moradores com pouco trabalho.

Alv.--Não sei como isso possa ser.

Bran—Pois crede-me que assim passa; porque pelas muitas arvores, de que abundam os campos, nas tocas dellas criam o seu favo de mel innumeraveis abelhas, e tambem na terra por buracos della em tanta cantidade, que pera se haver de colher não é necessario mais que um machado, com o qual a poucos golpes se fura a arvore, e um vaso pera recolher o mel, que de si lança, que é em tanta cantidade que somente delle, sem mais outro mantimento, se sustentam muitas gentes, como adiante, quando tratar dos costumes do gentio, direi. E além do mel que se colhe por esta via, se acha um fructo agreste chamado *piqueá* a modo de uma laranja, dentro do qual se tira mel maravilhoso, como clarificado, que se come com colher. E estes se podem chamar verdadeiros rios de mel

e não os fabulosos e os mahometanos; pois si os quereis buscar de manteiga, dar-vos-hei pelos campos cantidade grande della no muito leite, que por elle se colhe, de vaccas, cabras e ovelhas, do qual se compõe maravilhosa manteiga, e da mesma maneira outra muita que se faz dos porcos, dos quaes ha cantidade grande neste Estado, assim domesticos, comos agrestes.

Alv.—Não ha quem possa ir contra isso; porque claramente vejo que assim passa, e que temos entre as mãos os verdadeiros campos Eliseos fingidos dos poetas.

Bran.—Não para aqui, porque outras muitas cousas tenho ainda que vos mostrar nelles, das quaes a primeira quero que seja cantidade grande de vinhos, que se acham pelos seus matos, postoque não do nosso de Portugal, que se faz das uvas, e não porque a terra o não daria muito bom, mas por descuido dos que a habitam, como adiante direi; mas de outros que se acham em grande cantidade, como é o vinho que se faz do sumo das cannas de assucar, que pera o gentio da terra e escravos de Guiné é maravilhoso; e outro que se faz do mesmo assucar com especiaria, a modo de aloxa, que para os brancos é cousa mui regalada. Tambem se faz vinho de mel de abelhas, misturado com agua, de muito gosto e assaz proveitoso pera a saúde de quem o costuma beber. Outro vinho, de uma fructa chamada *cajú*, de que abundam os campos, do qual se aproveita muita gente branca; vinho de palma, da sorte que se usa na Cafraria, de que se póde fazer muita cantidade, por abundar a terra de semelhantes plantas; tambem o vinho que se faz dos coqueiros, da seiva que se tira delles, tão usado na India, do qual os moradores desta terra ainda se não aproveitam pelo costume geral que tenho apontado.

Alv.—Com tantas sortes de vinhos bem se poderão escusar os que trazem das Canarias e Ilha da Madeira, principalmente com esse que di-

zeis que semelha á aloxa, a que sou muito affeiçoado.

Bran. —Pois os que apontei se acham em muita abundancia. E já que temos tratado delles, vos quero agora mostrar a muita cantidade de azeites, que se dão pelos campos sem cultura nenhuma: primeiramente se colhe muito bom azeite de comer, e não pouco, do fructo de uma arvore chamada *Abatiputá*, que nasce agreste por esses campos, e de outra fructa, chamada *inhanduroba*, do tamanho de um pecego, que dá dentro umas favas, se faz grande copia de azeite maravilhoso pera se allumiar com elle, com ter outra excellencia (que não é ?) pouco de estimar, a qual é que os bichos, nem aves por nenhum caso comem delle. Tambem de uns pinhões, que se chamam de *purga*, se colhe muito com a mesma propriedade. De muitas figueiras de inferno, de que a terra abunda, se faz tambem muito azeite, principalmente de uma sorte dellas de differente casta, que dá umas bolotas do tamanho de avelães, das quaes, tirado o miolo de dentro, se desfaz todo em azeite, sem lhe ficar nenhum bagaço; em tanto que, despois de ser pisada, sem mais beneficio, póde servir em lugar de sevo (1) pera todas as unturas, que delle se quizerem fazer, e pera unguentos e cura de chagas se tem por muito bom; e tanta copia de azeite encerra dentro em si esta fructinha, que enfiada em um páo allumia, como candeia, emquanto lhe dura o nutrimento que é por grande espaço. Tambem se póde fazer azeite de coco, como se usa na India, porque se dão aqui grandemente os coqueiros; mas a manqueira tantas vezes apontada dos brazilienses lhes impede usarem deste beneficio.

Alv. —Não póde padecer falta de azeite terra que tanta calidade tem delle.

Bran. —Mui bem podera escusar o que vem do

---

(1) Sebo.

N. do R.

Reino, e da mesma maneira outras muitas cousas, como no decurso de nossa pratica ireis vendo, das quaes a principal fôra o panno de linho e mais sorte de lençaria; porque na propria terra se podera fazer muito.

ALV.—E de que modo?

BRAN.—Já vos tenho dito do muito algodão que aqui se colhe, pois na India se faz delle tanta sorte de lençaria, porque se não fará tambem nestas partes, quando seus habitadores se quizerem dispor a isso? Demais do algodão, se acha pelos campos umas folhas de uma arvore, a que se dá o nome de *tucum*, da qual se tira o fiado assaz fino e rijo, e por extremo bom; e deste é que se faz a pita, tão estimada em Hespanha, que vem das Indias, e com se dar nesta terra melhor e em mais cantidade, não se aproveitam della. Tambem se acha uma planta agreste, chamada *caruoatá*, que dá grande copia de linho fino. e assaz proveitoso; e assim de todas estas cousas, que se acham pelo campo, se podéra lavrar toda sorte de lençaria.

ALV.—Posto que tudo isso seja muito bom, o nosso linho é cousa excellente e estimado do mundo por tal.

BRAN.—Ninguem poderá encontrar essa verdade, o qual tambem se produziria nesta provincia em grande cantidade, de modo que se pudesse levar delle por mercancia pera Hespanha, principalmente do que chamam canhamo, mas não usam delle.

ALV.—Pois não devèra ser assim, porque o linho, como é cousa de tanta importancia, em toda parte se devêra estimar.

BRAN.—Isso é cousa que não leva remedio, como já disse, e pera que vejaes mais claramente a riqueza da terra, vos quero amostrar, pelos campos, finissima lã, da qual se poderão aproveitar pera pannos, dos que se fazem della, e em forros de vestidos, enchimento de colchões, travesseiros e almofadas.

ALV.—Pois, si pelos campos pastam as ovelhas e carneiros, quem duvida que delles se possa tirar essa lã ?

BRAN.—Verdade é que esses carneiros e ovelhas a poderão dar em abundancia; mas não é essa a sorte de lã de que eu trato, senão de outra differente especie, que produz uma arvore, chamada *monguba*, a qual é a lanujem sobre que havemos começado esta pratica, que sem duvida fará muito bons pannos e chapeos. Tambem ha outra arvore, a que não sei o nome, que produz um fructo do tamanho de uma pinha, quadrangular, dentro no qual se acha um modo de lã, que tenho pera mim ser a mesma que na India chamam *panha*, maravilhosa pera enchimento de tudo o que é necessario ser cheio pera o serviço da cama, e vestidos, e outras cousas. E ainda, além desta *panha* de que abundam os campos, se fazem arrezoados colchões, dos quaes se serve muita gente branca, de um junco chamado *tabúa*, que se cria por terras alagadas, o qual, por ter corpo e bastante grossura, dá bom jazigo com ser muito quente, pois pera esteiras ha diversidade de castas de juncos, de que se podem fazer muito finas.

ALV.—Já me tendes mostrado por estes campos americanos mantimentos e legumes bastantes pera sustentação de muita gente, e da mesma maneira mel, manteiga, vinhos, azeite, pannos de lençaria e outros de lã, camas brandas pera se repouzar nellas, não espero agora senão que me deis casas pera morar.

BRAN.—E que será quando vol-as der ?

ALV.—Isso é cousa impossivel, si não buscardes Urganda pera que vol-as fabrique por encantamento.

BRAN.—Pois não o tenhaes por tal; porque, sem industria de pedreiros, nem compassos de carpinteiros, nem maço de ferreiros, nem adjuctorio de oleiros, se alevantam neste Estado muito boas casas, de cousas que se colhem pelo campo.

8

ALV.—Pois dizei-me o modo, e não me tenhaes mais suspenso.

BRAN.—Já vos tenho dito das muitas madeiras que ha nesta terra. Estas se mandam cortar por escravos, com as quaes se alevantam casas de duas aguas; e em lugar de pregos se servem de dous modos de cordas, com que se amarram e seguram as taes madeiras; a uma dellas chamada *sipó*, e a outra *timbó*, que são tão boas e tão fortes pera o effeito, que se traz por commum adagio que, si não houvera sipó, não se podéra povoar o Brazil, pelas diversas cousas de que se aproveitam delle. Esta casa armada por este modo fica tambem facil a cobertura della; porque dos mesmos campos colhem uma herva a que chamam *sapé*, que serve em lugar de telha, e tem de bondade ser mais quente que ella; e tambem de uma arvore, como palma, a que chamam *pindoca*, se faz mui boa cobertura; e nestas casas alevantadas por este modo vivem nos campos muitos moradores deste Estado, posto que tambem as ha de pedra e cal bem lavradas.

ALV.—Com saber claramente que o que me contaes são verdades puras, todavia me parecem cousas phantasticas pela grandeza dellas; mas dissestes que desse sipó e timbó se faziam cordas, folgarei de saber si são boas pera fabrica de náos?

BRAN.—Por nenhum caso servem pera isso, senão pera o que tenho dito e outras cousas semelhantes; mas, pera cordoalha de navios, se aproveitam da casca de uma arvore chamada *Enuira*, da qual se fazem excellentes cordas, rijas e de muita dura. Tambem se poderão fazer das de cairo, como as que se fazem na India, por haver nesta terra grande cantidade de coqueiros (e haveria muito maior, si a plantassem), dos quaes se poderia tirar muito cairo pera o effeito, e é tanto isto assim que na Parahyba ha um coqueiro que os cocos que dá, em vez do amago que se come delles, o não tem, antes occupa todo o concavo do

tal côco com cairo, cousa que nunca vi em outra parte; mas não se aproveitam disso. Tambem da casca de outra arvore chamada *zabucai* se faz maravilhosa estopa pera calafetar navios melhor e de mais dura que a de que se usa. Nasce tambem pelos campos um modo de rotas, como as da India, a que chamam *tixarimbó*, maravilhosas pera se lavrarem dellas cestas e açafates. E da mesma maneira cannas, a que chamam de *Bengala*, tão boas como as da India. E porque me não esqueça, direi que de duas cousas de que os campos abundam, ha uma muito boa, e outra assaz pessima, posto que digna de consideração.

ALV.—E quaes são essas?

BRAN.—A boa uns palmitos, que se tiram de certas palmeiras grandes e formosas, e de excellente comer, muito melhores que os de Portugal; e ha mais uma herva ou planta que chamam *viva*, a qual, em lhe tocando uma pessoa com a mão, se marchita e torna secca, e assim persevera por um espaço. até que, pouco a pouco, torna a reverdecer, tanto aborrece ser tocada. E posto que se ha trabalhado por se saber a teorica da causa disso, não se ha podido até agora alcançar. E a raiz da tal herva é peçonha finissima, que mata ao que come sem remedio.

ALV.—Cousa maravilhosa e de consideração é essa, com o qual me parece que deveis ter dado fim ás muitas quase milagrosas cousas de que haveis affirmado abundarem todos estes campos, pelo que será bom começarmos a tratar d'outras.

BRAN.—Não dei que ainda agora começo; porque tambem se acham por elles maravilhosas drogas, como são pimentas de muitas sortes e castas, grandes e pequenas, e ainda de outras que são doces no sabor; *gengibre*, o qual produz a terra em abundancia, quando é semeado, melhor na grandura e tudo o mais daquelle que se traz da India; outro fruto que se apanha de uma arvore chamada *invira*, de que usam muitas pessoas, e por

rezão deverão de usar todas, por ser excellente droga, a qual usurpa pera si o effeito que faz a pimenta, cravo e canella, com tingir como açafrão, cousa que não crerá senão quem o experimentar, e tem muito bom cheiro. Tambem se acha grande somma de malagueta, que agrestemente se produz pelos matos e campos, com haver pouco tempo que se descubrio, e póde ser que fosse eu o primeiro descubridor della, tão pouca curiosidade mora por estas partes; das quaes não se póde desinçar a herva de que se faz o anil, a qual na India se planta e grangea com muito cuidado e diligencia, e aqui nasce sem nenhuma industria, e a pouco trabalho se poderá della fazer cópia grande de anil, e eu o experimentei já, e fiz um pouco tal e tão bom que não podia ter inveja ao que se lavra nas Indias.

Alv.—Drogas são todas essas que dariam grande proveito, quando se puzessem em uso, e se navegassem pera as partes extrangeiras, principalmente essa da invira, que tanto gabaes.

Bran.—A nada se dispõe a gente desta terra; porque, além das drogas, têm muitas tintas de que se poderão aproveitar. E sem tratar do páo chamado do Brazil, por ser bem conhecido, ha outra tinta tão boa como a que elle dá, quando não seja de vantagem, a qual é a que chamam *urucú*, que dá uma tinta vermelha maravilhosa; e assim uns cachos, que tem uma fruta semelhente a ameixas, que se produzem de umas pacoveiras pequenas, a qual faz uma excellente tinta, de mais transformações que um cameleão, porque se applica pera differentes cores, e despois de secca dura muito tempo, com conservar a sua tinta perfeita. Outro páo pardo, a que não sei o nome, que em tudo faz o effeito da gualha, porque, lançado dentro na agua em rachas, si se lhe ajunta uma pequena de caparosa, incontinente se tornam o páo e a agua tão negros como a tinta. Este páo fiz exprimentar no Reino, e acharam os tintureiros ser bom pera com

elle se dar a primeira tinta, sobre que se assentam as outras. Tambem se faz tinta amarella muito boa de um páo chamado *tatajuba*. E da fruta de uma arvore por nome *genipapo* se forma tinta preta, o qual fructo, com dar o sumo branco, se qualquer pessoa se untasse com elle, ficaria a parte untada negra, e não se lhe tirará a negridão por espaço de alguns dias, ainda que se lave muitas vezes.

Alv.—Zombaria pesada ouvi contar haver-se feito em Hespanha com essa agua lançada na pia d'agua benta em uma igreja, em um dia de festa solemne, donde todos que a tomavam ficavam manchados de preto, com grande confusão principalmente das mulheres, que perseveraram nella até passarem os dias em que se gasta semelhante côr.

Bran.—Tambem ha outro páo de uma arvore peqũena, que se chama *araribá*, que dá outra tinta excellente em ser vermelha, muito mais fina e subida na côr que a do páo do Brazil, e della se aproveitam as mulheres pera o rosto. Acham-se tambem mineiras de almagra muito fina, e outro modo della branca, a que chamam *tabatinga*, com o que se caiam as casas, supprindo com ella em falta de cal, com ficarem as casas alvissimas e limpas.

Alv.—E porque se não servem antes da cal ?

Bran.—Muita se faz della na terra, mas desta tabatinga usam em muitas partes pela terem mais á mão. Da mesma maneira abundam os campos de grande cantidade de gommas de arvores maravilhosas, como é finissima almecega, e outra do cajueiro, excellente pera grudar papeis, e a de outra arvore, da qual se faz tinta amarella, e se servem della de lacre pera cerrar cartas. Por fim são tantas as sortes de gommas que me não atrevo a referil-as ; somente direi que se colhe muita cera das arvores, onde as abelhas criam o mel, e cantidade grande de anime por maneiras.

Alv.—Desse anime vi já aproveitarem-se muitas pessoas pera dôr de cabeça com feliz successo.

BRAN. —Pois aqui nem pera isso se aproveitam delle, e menos da virtude de muitas raizes e hervas medicinaes e proveitosas, assim pera purgas, como cura de chagas, havendo por melhores as que vêm de Portugal já corruptas, porque custam dinheiro. Não sei que diga mais senão duas cousas, com as quaes quero concluir de andar tanto vagueando pelos campos e matos : que até o sabão pera lavagem da roupa se acha nella ; e si quizerdes armar aos passaros, vos darei pera isso excellente visco, que produz uma arvore chamada *visgueiro*. E com isto nos passaremos a formar a horta que temos promettida.

ALV.—Tendes dito tanto dos campos e matos agrestes, que não sei que mais possa esperar dessa horta, a qual, posto que por ser cousa cultivada lhe deve de sobrepujar em muita cantidade, não lhe vejo lugar onde a possais metter.

BRAN.—Não faltará algum em que a encaixemos, com não perder do seu preço a respeito da comparação alheia.

ALV. —Pois alembre-vos que a horta, pera ser perfeita, ha de ter noras, poços d'agua e tanques, com que se regue, e eu sei que no Brazil não os ha.

BRAN.—Não se póde dizer que não ha a cousa, quando se póde haver com facilidade ; porque tambem Portugal não foi antes de ser, quero dizer que antes de se fazerem os jardins, tanques d'agua, fontes, esguichos, que hoje vemos, em tanta cantidade, careceu delles, porque nada se faz de per si ; pelo que, si a esta terra lhe faltam de presente todas essas cousas, não é a culpa sua, senão dos que lh'as não fazem ; porque nella ha as melhores aguas, que tem o mundo, assim de rios caudalosissimos, como de outros mais pequenos, regatos e fontes sem conto, dos quaes se podem fazer todos esses brincos de fontes, tanques, esguichos a muito pouco custo ; e assim não se póde dizer que falta o que ha.

ALV.—Tenho ouvido que na capitania da Parahyba, além de as aguas serem excellentes, se acham algumas de tanta virtude, que os que têm costume de bebel as, não padecem o mal da dôr de pedra, nem de colica.

BARN.—Assim passa por muitas experiencias, que hão feito e por esse respeito mandam os governadores, bispos e pessoas poderosas levar de semelhante agua a Pernambuco pera beberem. E porque temos muito que dizer e se vai fazendo tarde, com sabermos que não faltam as aguas, comecemos a dar principio a nossa horta, a qual poderá ter muitas e boas alfaces, grande cantidade de rabãos, infinidades de couves, que se plantam e se colhem a pouco trabalho.

ALV.—Pois, e porque? Ha por ventura outro modo de planta e de colheita differente da que se usa em Portugal?

BRAN.—Sim, tem, principalmente as couves, das quaes deixam crescer algumas até espigarem e dellas vão colhendo dos grelos que lançam em raminhos, os quaes mettem na terra, e logo prendem e em breve tempo se fazem grandes e formosas couves.

ALV.—Isso deve de ser por não dar nesta terra semente a hortalica, como já ouvi dizer.

BRAN.—Sim, dá, que é vicio mandal-a vir de Portugal, principalmente as alfaces, que dão infinidades de sementes. Tambem ha de ter a nossa horta chicoreas muito formosas, acelgas, borragens, coentro, hortelã, cheiro, funcho, cominhos, bredos de differentes castas e côres; porque todas estas cousas se acham em abundancia na terra.

ALV.=Não produzem mais sortes de hortaliça as hortas de Hespanha!

BRAN.—Tambem poderá ter rabaças, agriões, beldroegas e uma excellente casta de mostarda, cujas folhas se comem cruas e cosidas, e assim umas folhas largas, a que chamam *innambús*, mui boas pera comer; porque, despois de cosidas, tem

um requeimo saboroso; e, da mesma maneira, outra sorte de folha a que chamam *tajoba*, a modo de couves, (?) grandemente estimadas.

ALV.—Não padecerá fome quem essas cousas tiver.

BRAN.—Assim se dão cenouras, cardos, beringelas, pepinos, balancias, aboboras das ordinarias, tenras e gostosas, e outras mais pequenas, a que chamam *tanquira*; tabaco, a que dão o nome de *herva santa* em Portugal, e sobre tudo melões sem conto, todos extremadissimos em bondade; em tanto que de maravilha se póde achar entre elles um que seja ruim, e com todas estas cousas em abundancia julgai si poderei formar uma boa horta.

ALV.—Antes me maravilho do descuido geral por não se haverem... (formado ?) muitas.

BRAN.—Pois não ha pessoa que a tenha perfeita, nem que se queira occupar nellas, que não póde ser mais desgraça; pois si por esta maneira se póde fazer a horta boa, não seria peior o jardim pelas muitas diversidades de flôres, das quaes se podia povoar e paramentar, que, por serem muitas e varias e na calidade estranhas, não é possivel haver quem possa atinar com ellas, nem saber-lhe os nomes; pelo que direi somente de algumas, que andam mais em uso, como é a *flôr da larangeira*, que se dá em grande abundancia; *goivos* de muitas castas e côres differentes, *cravos* amarellos, roxos e brancos, *jasmins*, *madresilvas, balsaminho*, a *arvore triste*, *alfavaca*, e *mangericão*, de que os campos estão cheios; outro modo de flôr que chamam de *camará-assú*, e a, digna de estima e consideração, flôr de *maracujá*, pela formosura della, varías cores de que é composta, raios formosos que lança, com outras particularidades dignas de notar; por fim as flôres, que produz a terra naturaes della, são tantas que me não atrevo a metter em tão grande pego, como fôra o querer tratar de todas; pois, pera se formarem

figuras enredadas e outras cousas de brinco, se acham tantos sipós pera o effeito maravilhosos, pelo muito que se extendem, que lhe ficam muito atraz as murtas de Portugal.

Alv.—Estou admirado de vos ouvir, porque não pintava eu o Brazil dessa sorte.

Bran.—Pois, si pera ornato desta horta e jardim forem necessarias latadas, vos darei muitas, como é uma que forma boa sombra e aprazivel verdura, a qual dá um fructo, chamado *curuá*, do tamanho de uma abobora das ordinarias, que, despois de colhido e mettido alguns dias na caixa, cobra um cheiro tão suave, que basta pera espalhar grande fragrancia delle por toda a casa, e assim se conserva muitos dias sem corrupção. Outras latadas se fazem de maracujá, de cuja flôr já tratei acima, que dá um fructo do tamanho de uma pinha, mui regalado, cujo miolo, que é como o da abobora se sorve ou come ás colheradas, com dar muito e maravilhoso cheiro, e destes taes ha quatro castas: uma chamada *maracujá-assú*, por grande, e o segundo *maracujá peroba*, excellente pera conserva, a terceira *maracuja mexiras*, a quarta *maracujá mirim*, por pequena, que todas fazem mui boas latadas e dão igual sombra.

Alv.—Parece-me que vos não alembrais das latadas das nossas parreiras, porque nesta terra as tenho visto.

Bran.—Sim, alembrava; mas de industria fugia de tratar dellas, por não envergonhar tantas vezes aos moradores deste Estado, porque deveis de saber que toda a sorte de vindonho se dá nella em grandes maneiras, e somente se servem do de parreiras, as quaes dão muitas uvas ferraes, e outras brancas maravilhosas, com levarem duas e ainda tres vezes fructo no anno.

Alv.—Isso é cousa impossivel.

Bran.—Posto que assim pareça, não o é; porque eu o experimentei muitas vezes, quero dizer o

haverem de dar tres vezes fructo no anno, que, de darem duas, não dá que tratar, por ser isso cousa assaz sabida.

Alv.—Pois dizei-me como succede isso.

Bran.—Com nenhuma outra cousa mais que podarem as parreiras, tanto que lhe acabam de colher o fructo; porque com isso tornam a metter de novo, e em quatro mezes o levam perfeito outra vez; emtanto que eu vi alguns homens, que, pera haverem de ter uvas nas conjunções de algumas festas que deteminavam fazer, poderam as parreiras quatro mezes antes, e vieram dar fructo, sem discrepancia, pera o tempo que pretendiam.

Alv.—Pois, si as uvas se dão com tanta facilidade, e em tão breve tempo, como se não usa d'ellas pera vinho?

Bran.—Por não tratar da causa disso, como tenho dito, fugia de me embaraçar nesta materia; porque de muitas partes deste Brazil se poderia colher mais vinho que em Portugal, por estarem livres da formiga, que é o que faz damno ao vidonho, principalmente sei eu uma, que ha na serra chamada de Copaova, distante das capitanias de Pernambuco e da Parahyba cousa de quinze até dezoito leguas, que o daria sem conto, por ser terra fresca, fria e sem nenhuma formiga.

Alv.—Tenho lastima de vos ouvir dizer essas cousas, e folgára estar em minha mão o remedio dellas.

Bran.—O tempo deve de curar semelhante enfermidade, como costuma. E pois vos tenho já formado as hortas, jardins, latadas com suas fontes, tanques e esguichos, que vos prometti, quero arrumar o pomar, que falta, e com isso daremos fim á pratica deste dia; o qual dividirei em dous modos, não porque assim os haja, senão porque se poderão fazer, quando a curiosidade excitar aos que cá vivemos, os quaes nos não sabemos aproveitar do que temos entre as mãos. E assim formarei primeiramente um jardim de arvores de espi-

nho, e despois me passarei ao pomar, com dividir nelle os fructos que já estão em uso de se cultivar d'aquelles que a negligencia tem deixado até agora ser agrestes. Este jardim se poderá fazer povoado de formosas, verdes e copadas laranjeiras, bastecidas de branquissimas flores, cuja fragancia de suave cheiro alevantassem os espiritos dos que as gozassem, colmadas todas de louras e apraziveis laranjas em tanta cantidade que muitas vezes são mais que as folhas, umas tão doces que a par dellas perde do seu preço o assucar e o mel, outras bicaes de tão gostoso comer, que não ha quem se acabe de fartar dellas; tambem das azedas, que pera o que aproveitam são maravilhosas, por levarem muito sumo. Acompanharão este laranjal crescidos e formosos limoeiros com tanta cantidade de fructo, que causa maravilha poderem-no sustentar; porque com elle perseveram todo o anno, em tanto que, quando um está em flôr, o outro vem crescendo, e os demais estão de vez. A estes limoeiros se ajuntarão grande cantidade de limas doces com suas bem compostas plantas, excellentes no gosto e bom sabor, as quaes se produzem na terra muito maiores em cantidade, que as que se dão em Portugal; e da mesma maneira outra casta dellas, a que chamam *zamboa*, assaz presadas por boas. Logo irão avante formosentando este jardim grandes limões francezes com seu amarello alegrissimo pera a vista. Tambem não carecerá das modernas laranjas, porque se produzem em grande cópia. Rodeará pelos extremos, quase servindo de muro, a espinhosa cidreira, colmada dos bellissimos pomos, maiores que uma botija, tão presados pera conservas, as quaes por todo o descurso do anno se acham sempre assazoadas.

Alv.—Si isso é assim, e se pode fazer desse modo, confessarei que lhe ficam inferiores os jardins lavrados e cultivados a tanto custo no nosso Portugal; pois não vejo que lá haja mais castas de fructo d'espinho dos que tendes apontados.

Bran.—Pois ainda est'outros têm um não sei que de verdes e frescos, com que fazem grandes paisagens. E porque o sol se vae já traspondo, me quero passar a tratar do pomar promettido, do qual o primeiro fructo quero que sejam os figos, porque sempre fui mui affeiçoado a elles; os quaes se dão em tanta cantidade, assim dos brasajotes, como dos brancos e negros, e de outras castas, que os monturos estão bastecidos de semelhantes figueiras, que levam duas vezes fructo no anno, e carregam em tanta cantidade, que causa espanto. Façamos logo uma rua de romeiras com seu coroado fructo, que encerra dentro em si finissimos rubis, as quaes se produzem grandemente nesta terra. Far-lhe-hão companhia retorcidos marmeleiros com seus cheirosos e dourados pomos, que se dão em abundancia por algumas das capitanias deste Estado. Formarão deleitosa sombra grandes pacovaes, cujo fructo se chama do mesmo nome, posto que na India, pelo contrario, são conhecidos por figos, uns grandes e outros mais pequenos, de differentes castas e feições, gostosos no comer e de bom cheiro, dos quaes ha numero infinito. Far-lhe-ha companhia um fructo, natural da terra, chamado *goiaba*, do tamanho de um marcotão, que se dá em arvores medianamente grandes, pegadas pelo tronco; logo se irá erguendo, com suas miudas folhas, accommodadas pera fazer apetitosa salsa, o *tamarinho* tão medicinal e por tal presado em todo o mundo; pelas partes sombrias, em baixas prantas, á feição de cardos, se mostrarão os gavados e fermosos ananazes semelhantes a pinhas, lançando de si suave cheiro, com se lhe communicar os sabores de todas as cousas que melhor o tem. E por aqui tenho concluido com as plantas e arvores que até agora estão em uso de serem cultivadas neste Brazil.

Alv. — Quando não houvera outras, essas eram bastantes pera lhe dar nome de abundante em fructos.

Bran.—Pois as que estão até o dia de hoje agrestes por falta de cultivadores são infinitas; e posto que não é possivel podel-as trazer todas á memoria, irei tratando somente das que me occorrerem. E assim demos o primeiro lugar, pela formosura da planta, ao *cajá*, que na India se chama *ambare*, do qual pera tantas cousas lá se servem, e aqui pera nenhuma senão pera se comer despois de madura, com deixar um azedo gostoso e muito cheiro nas mãos: outra fructa chamada *uticroy* do tamanho de uma grande pinha, de tanto gosto que tenho por sem duvida ser melhor que a perada e marmelada tão estimada do mundo, o qual se dá em uma arvore muito grande; *aratecú*, da feição das jacas da India, não má fructa; outra sorte do mesmo *aratecû*, chamado *apê*, mais pequeno, e grande no gosto, de modo que não ha quem se acabe de fartar dellas (e um amigo meu fazia delles filhós com ficarem maravilhosos; *mangava*, fructa que pode ser estimada entre as boas que ha no mundo, a qual semelha ás sorvas de Portugal; o abundante *cajueiro*, o qual demostra que, de soberbo por se desviar das demais arvores, leva o fructo ao revéz de todas, porque as castanhas, que nas demais se escondem no amago dellas, neste cajús campeam por fóra. em fórma que na cabeça do fructo se arrematam de feição que mostra a quem o não conhece que por alli teve principio; é formoso e gostoso pomo, do qual se sustenta muita gente em todo o tempo que duram. A bondade de suas castanhas passo aqui em silencio, porque já tenho tratado dellas. *Janamacaras* (1), cuja planta é a feição de cardos, e dão uma fruta vermelha, gostosissima no comer; *pitombas*, que são semelhantes a ameixas; *massarandubas*, que se parecem com as cerejas; *ga-*

---

(1) Por cima se lê, escripto por lettra differente: "jamandacaras nasce na praia".

(*N. do Ed.*)

biraba, do modo de azeitonas, e são doces; *gotis*, que são do tamanho de ovos; *garuatás*, fruta branca e comprida, que se come chupada, com deixar muito gosto; *zabucai* é uma arvore grande, que dá umas pinhas, dentro nas quaes se acham castanhas gostosas pera comer; *abaiba*, semelhante aos dedos da mão, tem o sabor de figos; *enguas*, que são semelhantes a alfarrobas, e doces no gosto; *maqujé*, fructa excellentissima, da feição de peras; *joambus*, como ameixas brancas; *peiti*, que semelham a datiles mui gostosos; *canafistula*, que se cria nos matos em grandes canudos bastecidos de sua medula.

Alv.—Pois valha-me Deus, como se não leva pera Portugal, pera se usar lá della?!

Bran.—Nem na mesma terra se aproveitam de semelhante fructo. Verdade seja que, por ser a planta agreste, parece elle tambem um pouco agreste; mas, si fôr cultivado, não tenho duvida que seja tão bom como o que se usa em Portugal. E, deixando de parte esta canafistula, vamos continuando com o nosso pomar; porque ainda tenho muitas plantas que traspor nelle. das quaes a primêira seja um fruto a que chamam *piquea*, de que já tratei, que dá no seu miolo quasi um como clarificado de assucar mui gostoso; *quamocá*, outra fructa vermelha, semelhante a jinjas; *iba-mirim*, como limões; *uti*, fruta comprida, gostosa no comer; *ubacropari*, como pecegos; *comixá*, fruta miuda á feição de mortinhos; *grexuruba*, outra a modo de zamboa, *eycajerús*, do modo de ameixas mousinhas; *não taia ambus* são semelhantes a ameixas brancas; *ubaperunga*, como uvas bastardas pequenas, que dão mostra de nesparas; *ubapitanga*, da feição de gingas; *tatajuba*, semelhante a pecego, de cuja planta comida a raiz mata a sede, por grande que seja; *morosis*, que são apropriados a mortinhos; *quiabo*, fructa de massaroca, como beringelas; *mamão*, pomo do tamanho do marmelo, muito adocicado; *araçá*,

do tamanho de fructa nova, de muito gosto, do qual se faz boa marmelada; ha outro modo de araçá, por sobrenom e *assú*, por ser maior e mais estimado pera se comer. Estas são as fructas que de presente me occorreram, com me ficarem outras infinitas por dizer, de que não sou alembrado, que os moradores do Brazil por negligencia deixam estar até agora agrestes, espalhadas pelos matos, as quaes, si foram cultivadas, se avantajariam em bondade e gosto.

ALV.—Certamente que me tendes suspenso com tanta diversidade de fructos, quantos tendes nomeado, dos quaes não tão somente podereis formar um pomar, senão cem mil; e assim estou já de todo arrependido de haver tido o Brazil em differente reputação do que elle merece.

BRAN.—Folgo de vos retratardes, e porque não succeda invejardes os alamos e choupos do nosso Portugal, com que se ornam grandemente semelhantes pomares e jardins, vos quero dar em seu lugar crescidos e alevantados coqueiros, que não menos zunido fazem com suas folhas açoutadas do vento. E com elles demos por hoje fim a nossa pratica, porque se vão fazendo horas de nos recolhermos.

ALV.—Assim seja á condição que amenhã venhaes ás horas costumadas a este mesmo posto.

(CONTINUA)

PAPEIS CONCERNENTES

A

GASPAR DIAS FERREIRA

(*Continuação*) (1)

Acto de naturalisação (2)

Os Estados Geraes das Provincias Unidas Neerlandezas saudam e fazem saber a todos os que o presente lerem ou ouvirem ler.

Tendo-nos sido apresentada uma humilde petição em nome e por parte de Gaspar Dias Ferreira, antigo escabino da cidade Mauricia, e senhor dos engenhos *Novo* e *Santo André*, na qual diz que no anno de 1618 partira de Lisboa, onde nascêra, para o Brazil, e que alli fixára o seu domicilio, fazia o seu negocio e possuia todos os seus bens —casas, engenhos, e terras ; e, porque tinha resolvido passar os seus dias no Brazil, portando-se como bom e fiel subdito, o que já tem mostrado por diversos actos e serviços prestados a este Estado, como prova com os certificados ou attestados que nos foram apresentados, e era o seu desejo poder continuar d'ora em vante sem embaraço algum, fazendo livremente o seu commercio, possuindo tranquillamente os seus bens, e sendo tido e havido em todos os tempos, seja na paz ou na guerra, como natural deste Estado, nos dirigia a sua humilde supplica para ser declarado natural do dito Estado em attenção a muita affeição que lhe tem, obtendo, por nossa autoridade e particular mercê, cartas *optima forma* para esse effeito, pois promettia haver se como fiel subdito e sujeitar-se submissamente á obediencia deste Estado.

---

(1) Vid. a *Revista* de Outubro de 1886.
(2) Copiado do *Acte-Boeck*, 1643-1645, p. 111.—Arch. de Haya.

O que tudo por nós considerado, e sendo a nossa vontade deferir a petição do supplicante pelas razões allegadas, temos resolvido habilital-o, e pelo presente acto o qualificamos e habilitamos como natural das terras immediatamente sujeitas á *Generalidade* (1), bem como e especialmente das regiões e logares que se acham ou para o futuro se acharem sob a jurisdicção das duas Companhias das Indias Orientaes e Occidentaes. Assim que declaramos o supplicante habil e qualificado para poder servir qualquer cargo, officio e dignidade dentro dos alludidos territorios, districtos e logares da *Generalidade*, e particularmente das mencionadas Companhias das Indias Orientaes e Occidentaes, e portanto ordenamos a todos os governadores, *commandeurs* e officiaes, ás justiças e a todos aquelles que estiverem ao nosso serviço ou sob a nossa obediencia, a quem isto possa pertencer, que reconheçam na pessoa de Gaspar Dias Ferreira, antigo escabino da cidade Mauricia e senhor dos engenhos Novo e Santo André, a qualidade de subdito deste Estado, sem que por tal causa lhe façam algum empecilho ou obstaculo, sob pena de incorrerem em nossa indignação, pois temos resolvido que assim cumpre.

Dado com o nosso sello, signal e assignatura do nosso escrivão, em Haya aos quatro de Fevereiro de 1645.

---

(1) *Generaliteits-landen*, assim se denominavam as regiões que, no tempo da Republica Neerlandeza, pertenciam ás provincias unidas e reconheciam somente a autoridade dos Estados Geraes.

Carta ao Rei de Portugal (1)

Senhor

Entre as excellencias e as virtudes heroicas de um bom rei brilham em V. M. as de um pae para com os seus subditos com vantagem tal que ainda o mais humilde delles, como eu sou, se esforça por servir-vos, mostrando assim o seu amor filial; e porque sei por experiencia que V. M., seguindo o exemplo dos vossos antepassados, os antigos reis de Portugal, cônhece os nomes dos vossos subditos, sendo esse conhecimento, que V. M. delles tem, a melhor e a mais segura prova de lembrança que os subditos podem desejar, ouso tomar a liberdade de apresentar-vos este papel acerca das conquistas do Reino, do seu estado passado e presente, e do remedio que no futuro se poderá applicar onde fôr necessario, esperando da real benignidade de V. M. que aceitará nelle a boa vontade e solicitude de um subdito que está mui inclinado a servir-vos, posto que se ache apartado da vossa real presença nas longiquas partes da America.

E' certo, Senhor, que desde tempos antigos o Reino de Portugal tem florescido entre todas as nações da Europa em razão da prosperidade e riqueza de suas conquistas, sendo aliás a terra do Reino em si mesma menos fructuosa respectivamente que os demais reinos deste continente. Parece-me que essa fortuna attingio o seu apogeu e mais subido gráo no reinado d'el-rei D. Manoel, que, si bem me lembro de sua chronica, era tido então pelo rei mais feliz e glorioso de sua epocha, por causa das riquezas que o Reino tirava das conquistas.

Em tanto quanto se podia esperar de Portugal

---

(1) *W. I. Compagnie, band met stukken meerendeels betreffende Brazilie, 17 eeuw.* Arch. de Haya

propriamente dito, observamos que V. M., com magnificencia não menor, foi collocado no mesmo throno real, e achamos que a felicidade de vosso Reino, em relação á epocha, é maior do que a de qualquer dos reinados passados, por ter V. M. exaltado o Reino de Portugal da escravidão tyrannica á liberdade gloriosa, de uma penosa oppressão á tranquillidade e á prosperidade, da pobreza e da miseria á abundancia de tudo, do desprezo de todos os povos á estima e honra delles; felicidade esta que, vindo das mãos do Omnipotente, como cremos, não logrou em tão curto tempo nenhum dos reis, antepassados de V. M., si bem considerarmos a historia, que o não refere, pelo que podemos esperar da clemencia divina, já que prodigalisou a V. M. tamanha honra e fortuna, que a completará com a restituição das conquistas do vosso Reino e a libertação dos subditos catholicos, a quem até o presente não coube o goso dessa felicidade, e pelo contrario vivem debaixo de grande oppressão, pois, alem da rigorosa escravidão dos seus corpos, estão correndo o manifesto perigo de suas almas sob a soberania dos hereges que os têm sujeitos.

O Reino de Portugal possuia n'Africa as conquistas de Angola e Guiné, n'Asia as das Indias em grandes e dilatados reinos, n'America as das costas do Brazil, e assim o reino de V. M. chegou a extender-se por todas as quatro partes do mundo, tendo a sua séde primitiva e throno real na Europa, o que é uma particular grandeza e de muita consideração, que eu não sei tenha Deus Nosso Senhor concedido a algum rei ou reino até o presente.

Confiamos, pois, da Divina Clemencia que, depois de haver restituido o Reino á V. M., vos restitua tambem as demais partes de que elle se compõe. Outros e mais experimentados pensadores, apontando as razões que devem persuadir a trabalhar-se para esse fim, mostrarão de que im-

portancia as ditas conquistas foram sempre para o Reino; eu indicarei, como remedio, o que a experiencia quotidiana me tem mostrado evidentemente, e tratarei em primeiro lugar, mas somente de passagem, do valor de cada uma dellas, como fundamento de meu discurso.

As conquistas da costa d'Africa davam ao Reino de Portugal muito ouro da Mina e muitos escravos negros de Angola e Guiné, sendo esses escravos mercadoria de maior interesse que o mesmo ouro, porquanto delles se proveu o Brazil para a lavoura da canna e fabrico do assucar, de que produzia tão grande quantidade, que não se via nas alfandegas de Portugal outra mercadoria de maior proveito para a fazenda d'el-rei, nem de maior utilidade para os subditos do Brazil.

A navegação de Portugal para a costa de Angola era o amparo dos pobres do Reino os lucros que d'ahi provinham ao commercio não ignora ninguem, e antes sentem todos a sua perda, a prata que se tirou das Indias de Castella com o trafico dos escravos dá testemunho das riquezas que muitos subditos houveram por esse meio; em summa o trato de Guiné e de Angola era por si só bastante para enricar um reino.

A conquista das Indias sempre foi de tal importancia e tão cubiçada de todos os povos que os Estados da Hollanda, depois de haverem chegado lá os flamengos e com a pequena parte que ahi usufruem por causa do máo e tyrannico governo de Castella, augmentaram de tal modo que se tornaram poderosos e orgulhosos (é esta a verdade), e basta dizer-se isto para prova do que são as conquistas das Indias, sem accrescentar que os demais reinos do norte, que podem enviar náos para lá, o fazem, como a Inglaterra e a Dinamarca, cujos navios, vindo eu do Brazil, encontrei no mar. Tal é pois o commercio das Indias.

Com relação ao Brazil, do qual parece que pouco resta a dizer, ainda mais se póde dizer e

mostrar sob o ponto de vista de Portugal. Eu o chamo o jardim do Reino e a albergaria dos seus subditos. Outr'ora deliberou-se em Portugal, como consta de sua historia, elevar o Brazil a reino, indo para lá o rei, tão grande é a capacidade daquelle paiz. Portugal não tem outra região mais fertil, mais proxima nem mais frequentada, nem tambem os seus vassallos melhor e mais seguro refugio do que o Brazil ; o portuguez, a quem acontece decahir de fortuna, é para lá que se dirige.

Isto mesmo e com maiores particularidades a respeito do Brazil e Angola representei por escripto aqui na Hollanda ao embaixador Francisco de Souza Coutinho, mostrando-lhe por onde se deve começar para obter o remedio. Como porém grandes são os peccados desse reino, póde bem ser que a Divina Justiça não tenha ainda dado por findo o seu castigo, e que tal seja a razão porque não sou attendido, nem as minhas advertencias têm sido levadas á real presença de V. M., si é que ha ahi alguma cousa em que eu possa ser util á V. M.

O que acima fica dito em tão breves termos se entende do antigo estado e prosperidade a que attingiram as conquistas do reino de Portugal e os lucros que dellas se tiraram. Do estado em que ellas se acham, somente uma cousa tenho a dizer a V. M., suppondo que todas as demais vos são conhecidas, pois não posso persuadir-me de que um tal rei em tal materia (de que com verdade se póde dizer que depende toda a prosperidade do reino) não cuide nem se represente diariamente tamanho damno e a mui conhecida falta de remedio, bem como o grande mal que seus vassallos soffrem nas terras do Brazil e de Angola ; sobre o que torno a dizer que somente representarei uma cousa, atrevendo-me a manifestal-a bem alto aos reaes ouvidos de V. M. com todo o respeito que devo a vossa real presença, porque a materia me dá animo para fazel-o, por ser concernente á fé catholica,

o que anima ainda o mais humilde, como eu sou. a fallar deante dos reis e monarçhas.

Senhor, não é a perda dos bens temporaes o que mais deve mover a V. M. para prover esse mal de remedio, não são considerações de proveito ou alguma maxima ou razão de Estado deste seculo, mas sim a perda das almas, o perigo que ellas correm, a conservação da fé e a obrigação que todo o rei catholico tem de combater e extirpar d'entre os seus subditos todas as heresias, principalmente V. M., a quem o céo fez principe piedosissimo, como é sabido do mundo. Esse mal ameaça não somente os subditos portuguezes, como tambem outros mais dignos de ser lamentados, que já o soffrem, perdendo-se as almas dos gentios de uma e outra região, as quaes, por meio dos ministros do baptismo e da doutrina catholica, eram ganhas quotidianamente para Deus, e presentemente se perdem por causa da predica e diligencia que põem os ministros hereges no empenho de condemnal-as. E' esta a razão que mais deve obrar no animo de V. M. para que, pospostas todas as outras de Estado, se appliquem os meios que aponto neste papel afim de serem restituidas á vossa coroa as conquistas de Portugal e restabelecidas no seu primitivo estado.

Os Estados da Hollanda entraram nas tres conquistas de Portugal por meio de duas Companhias de mercadores, e não por autoridade (intervenção) da Republica, e comquanto não seja isto desconhecido a V. M. e ao vosso Concelho, por ser cousa muito publica, é todavia possivel que eu adiante mais algumas informações neste papel sobre o particular do modo de proceder e a situação dessas Companhias, como até o presente se tem observado, e pouco importa que, assim advertindo, eu me engane, pois não posso crer que V. M., ainda quando ignorasse essas particularidades, não tenha applicado os meios que aqui indico para enfraquecer a essas Companhias e a esses mercadores, os

quaes, em cessando de obter annualmente lucros dos capitaes que têm empregado, ficarão logo cançados, e abandonarão o negocio que fazem; visto como não é o bem publico que elles têm em attenção, como fazem os reis e as republicas, mas somente o seu proveito proprio e particular. Nestes paizes é isto uma verdade certa e sabida de todos, e os remedios, que forem applicados para detrimento dessas Companhias, não devem ir de encontro a esta observação, sendo que eu tenho ouvido dizer em praticas particulares com alguns dos membros dos Estados Geraes que as ditas Companhias são os dous braços, com que elles lutavam contra o rei de Castella, seu inimigo, e por este respeito lhes dispensavam e eram obrigados a dispensar todo o favor.

A Companhia do Brazil — da qual, por ser eu morador desse Estado, tratarei em primeiro logar-- possue ahi quatro capitanias, a saber, Pernambuco, Itamaracá, Parahyba e Rio Grande; n'Angola todos os portos maritimos, e em Loanda até quinze ou vinte leguas para o interior, bem como frequenta o Congo, em razão da muita amizade que tem com o seu rei. Nada obstante, o principal trato e commercio de escravos esteve sempre e está ainda entregue aos Portuguezes, a quem os flamengos os compram para os enviar para as Capitanias do Brazil, que occupam presentemente, como nós faziamos outr'ora; e os Portuguezes levam esses escravos á venda por pobreza e falta extrema d'aquillo que é necessario á vida humana, que recebem em troca dos Hollandezes. Nas capitanias do Brazil occupadas pelos Hollandezes são tambem os Portuguezes que fabricam o assucar (pois poucos são os flamengos que lá se dedicam a essa industria ou serviço dos engenhos, e raras vezes têm a propriedade delles), e assim tanto os negros como os assucares têm de passar das mãos dos Portuguezes para os Hollandezes, e tal é o modo por que estes chamam a si os fructos nessas duas

conquistas. Do que elles tiram tambem da costa da Mina, Rio de Guiné e ilha de S Thomé, farei discurso á parte.

O capital da Companhia é actualmente de 5 1/2 milhões de cruzados, pois em tanto ou pouco mais importam os 170 tonneis de ouro que se acham nella empregados; além disso tem, a titulo de deposito, um milhão, e estão mais obrigados por algumas dividas de mercadorias e bens que compraram e não podem pagar. O juro desse dinheiro a 5 % (o que é um juro alto, com que são contentes os negociantes d'aqui) importa em 325.000 cruzados.

As rendas do Brazil, havidas por elles de todos os impostos e direitos que lá percebem—e não são poucos—, bem como provenientes dos fretes e recognições das mercadorias que são exportadas da Hollanda para o Brazil, do dizimo e imposições do assucar, e de todos os mais direitos e tributos, actualmente não montam, nem podem montar no futuro, a 500,000 cruzados, emquanto não succeder mudar se a situação da Europa, como abaixo explico. Esses lucros não são bastantes para cobrir as despezas que elles são obrigados a fazer com a milicia, os ministros do governo politico e os bens que possuem tanto no Brazil como aqui, além dos navios e gente de mar que se empregam no serviço da Companhia.

Da renda da Companhia ouso eu dar informações pela conta que fiz ao redigir este papel; mas, quanto ás despezas, como é cousa que somente póde constar dos livros da Companhia, não é possivel apresentar outra prova mais certa do que o facto de não haver a mesma Companhia distribuido, ha dous annos, lucro algum entre os seus accionistas, nem pago os juros do milhão que tem a titulo de deposito, o que é signal certo de que as rendas não dão para as despezas. E isto ainda mais evidente se torna, si considerarmos que, além dos productos que annualmente tiram do Brazil, recebem tambem cada anno grande quanti-

dade de assucar dos seus devedores, a quem venderam negros, e bem assim ouro que alguns navios trazem da Mina, do qual receberam agora 17,002 marcos, e tudo isto ainda não é bastante para, deduzidas as despezas, haverem sobras, com que paguem os juros do dinheiro que tem a titulo de deposito, e menos para dar algum dividendo aos accionistas, como todos os annos faz a Companhia das Indias Orientaes.

E' tão pouca a opinião em que os mercadores têm o capital empregado na Companhia do Brazil que actualmente as respectivas acções se vendem a 46 °/₀, o que quer dizer vender 100$ por 46$. Dessas acções se faz um negocio de compra e venda, apreciando cada qual o valor dellas, conforme a opinião que forma da Companhia, e dest'arte os que collocaram nella 100$, quando foi estabelecida, si quizerem hoje fazel-os valer, não achará quem dê mais de que os ditos 46$, o que é uma prova cabal da decadencia da Companhia.

Tal é a situação, a que os nossos peccados reduziram o Estado do Brazil e o reino d'Angola, e tal é a decadencia dos Hollandezes com relação aos capitaes e mercadorias da Companhia, por meio da qual elles possuem essas colonias. Sendo isto assim, e bem vendo os flamengos que as ditas conquistas não lhes dão nem podem dar proveito algum pelos meios ordinarios, não podia haver occasião tão azada para se pedir e intentar a restituição dellas á coroa de V. M., como a presente conjunctura, si desde dous annos atraz se tivesse trabalhado para isso, com os lucros dos nossos navios de Angola e o total prejuizo dos fructos e vantagens que soffreria desse modo a Companhia.

Ainda é tempo porém de se applicarem os meios tendentes a enfraquecer a Companhia, e assim constranger os accionistas a consentir na restituição, antes que mude a situação da Europa; porquanto, verificada esta hypothese, é possivel que a esperança alimentada pelos Hollandezes até o

presente sobre o negocio do Brazil venha a melhorar, não do modo que elles suppõem, isto é, por via do governo (do qual elles sem razão acreditam que vem o mal), mas por causa do estylo que os directores da Companhia observam afim de haverem a maior quantidade do assucar das capitanias que elles possuem.

Com effeito, esta gente tira do Brazil, além dos direitos e impostos que percebem, o páo-brazil, que é cousa de importancia, e mais os escravos de Angola que são levados para o Brazil e vendidos aos senhores de engenho e lavradores ahi existentes, com o que esses agricultores têm já contrahido grandes dividas, ficando assim obrigados os pobres moradores que se dedicam á cultura do assucar para com os Hollandezes de tal modo que não são senhores do seu proprio suor.

Lamento e deploro a sorte do Brazil, pois, podendo o damno ser remediado, logo que (os Hollandezes) tomaram Angola (como pretendia Antonio Telles da Silva, governador do Brazil), não se têm querido até o presente entender o grande mal que causa obterem os Hollandezes os negros qne os Portuguezes, obrigados da necessidade, lhes vendem em Angola com prejuizo nosso ; e, como não mandam para o Brazil senão negros, somente elles se empregam neste negocio, sendo prohibido que outros façam esse trafico a não ser a Companhia, e vae assim passando para as suas mãos o capital dos moradores do Brazil, de modo que em poucos annos, por causa do estylo que presentemente observam, se farão senhores da maior parte do assucar, que aquellas capitanias produzem, visto como já começam a pagar alli com negros as dividas dos senhores de engenho, para ficarem donos de todo o assucar produzido. Como vendem os negros por preços excessivos, podem continuar nesse trafico com grande proveito, pois compram os escravos em Angola por generos de pouco valor, e no Brazil esses escravos são a me-

lhor das mercadorias. Emquanto não houver pressa em se interromper o curso desse negocio, como até o presente tem succedido, as cousas dentro em poucos annos chegarão a tal ponto que a Companhia logrará a maxima parte dos fructos daquellas capitanias, e dest'arte V. M. perderá inteiramente a esperança de rehavel-as para a vossa coroa a não ser por guerra, podendo succeder o que se segue.

Ha 24 annos que a Allemanha soffre guerra, tendo-se mettido a Hespanha dentro dos seus limites, com o que aquelle paiz se acha de todo abrazado ; e eu não sei que haja republica ou reino da Europa isento de guerra. Para remediar essa geral calamidade, querem reunir uma assembléa de todos os principes e potencias, por meio da qual se obtenha a libertação de todos, compondo-se e resolvendo-se todas as questões e discordias, e V. M. tem tambem nesse congresso os seus embaixadores plenipotenciarios para o mesmo fim. E tanto quanto se pode julgar á vista do estado em que se acham os povos empobrecidos, as terras e as cidades devastadas, e do longo tempo que nisso se tem gasto, é de esperar que d'ahi se siga o effeito de uma paz geral ; pois sabemos que a Allemanha está assolada, a França exhausta, Castella e os mais reinos do rei afflictos e postos em grande perigo, a Dinamarca oppressa e em parte conquistada, a Suecia, posto que victoriosa, em grande decadencia, e estes mesmos Estados da Hollanda, que estiveram sempre em melhor situação, de presente se acham oberados de dividas. Portanto não é fóra de razão esperar que no dito congresso se assente em algum meio de paz e tranquillidade, e, succedendo assim, a nova situação concorrerá para a prosperidade do Brazil, porquanto o mal do Brazil provem do pouco valor dos seus fructos, e é certo que, em se achando a Allemanha em paz, o assucar alcançará immediatamente preços excessivos, e por consequencia o páo-brazil, e essa alta persistirá por alguns annos. Com effeito, todo o

littoral do Brazil não produz presentemente mais assucar do que produzia ha quinze, deseseis ou mais alguns poucos annos passados (fazendo-se conta de uma capitania por outra), e de uma grande parte disso tenho eu experiencia pessoal. Ora, sendo dobrado o preço do assucar em razão da paz (e não será menos, segundo o juizo daquelles que têm mais competencia para julgar), tambem serão dobrados os direitos da Companhia, e, em vez de 500 mil cruzados que esses direitos actualmente produzem, virão a produzir um milhão. A isto accresce a quantidade de assucar que a Companhia recebe em pagamento das dividas dos negros vendidos aos moradores do Brazil, do qual em breve haverá cada anno (por causa do estylo que de presente observam) 4,000 caixas, que poderão valer 600,000 cruzados, conforme a esperança que se tem do preço, do que não se deve duvidar, si a paz fôr concluida. E vindo a Companhia a tirar do Brazil um milhão e meio por espaço de alguns annos, ficará tão prospera que tenho por impossivel queira attender alguma proposta de restituição, mediante uma indemnisação razoavel, e que as capitanias possam ser annexadas ao reino de V. M. a não ser por guerra, a qual ha de ser tambem mais trabalhosa, porque, com o augmento dos lucros, augmentará o poder da Companhia.

Tudo isso porém será presentemente pelo contrario, si se tratar de effectuar o negocio da restituição, uma vez que precedam os meios que eu abaixo indico para o fim de se tirar á Companhia a esperança de melhorar; e se faz mister que nisso se ponha a mão desde já, pois, por não se o haver feito, já houve um começo (de melhoramento) para a Companhia, ficando muito compromettida a acquiescencia á restituição por parte della.

Em relação aos meios que devem preceder, digo principalmente que todos se hão de applicar para o fim de minguar os lucros da Companhia, e compellil-a a fazer despezas no Brazil ; e os meios

que para esse fim podem ser cogitados se acham apontados em um papel de advertencia, que será apresentado a V. M. junto a este, concernente ás condições, com que se deve promover o accordo de paz perpetua entre o Reino e os Estados.

Os lucros, que devem ser de todo cerceados, são os dos escravos de Angola, que de presente constituem a mina da Companhia, como mostrei mui particularmente em duas proposições por escripto apresentadas ao embaixador Francisco de Souza Coutinho (mas sem nenhum effeito), proposições de que enviei copia para esse Reino dirigida ao Marquez de Montalvão, o que fiz levado da minha solicitude para com o serviço de V. M. e o bem-estar da patria.

Deve-se impedir que a Companhia tire escravos de Angola, fazendo-se com que estes Estados concedam sem demora passaportes para poderem os navios de Portugal navegar para todos os portos daquella costa, de conformidade com o artigo vinte do tratado das treguas, que os fez communs ás duas nações. Conseguintemente se deve incontinente pôr toda a diligencia em que nesse Reino muitos navios, generos e negociantes se destinem para Angola, afim de que os subditos portuguezes não vendam aos flamengos os escravos que tiram dessa conquista, e se renove o trafico e commercio das nossas mercadorias naquella região, o que mais ou menos depende da corôa de V. M. Com esta providencia mui poucos escravos passarão ao poder dos Hollandezes, tendo-se muito em attenção que disso não somente dependem a prosperidade do Reino e o detrimento da Companhia, senão tambem a conservação do reino de Angola, onde o dominio de V. M. corre grande perigo de ficar completamente extincto; porquanto os moradores morrem diariamente e vão diminuindo por causa da insalubridade da terra e por falta do que é necessario para a vida humana. O que tenho dito e mais outras circumstancias declarei muito parti-

cularmente nos papeis a que já me referi, mostrando que esse proceder não repugna á autoridade real, e antes concorre para o augmento da reputação de vossa corôa, e se conforma com razões de Estado, e que contra tudo isso é o não fazer assim. Resta somente que V. M. mande tomar informações daquelles que têm conhecimento da materia, sobre o que representei nos referidos papeis, porquanto só porque o digo não se ha de tomar deliberação em um negocio de tamanha importancia, com quanto tudo o que tenho exposto sejam verdades que aprendi por experiencia, e pelo conhecimento que tenho obtido no trato quotidiano com esta gente.

Assim penso eu que se deve começar a tratar do negocio da restituição neste paiz, não com os membros dos Estados-Geraes (com os quaes os embaixadores de V. M. tratam de ordinario os negocios do vosso real serviço), mas com as Camaras da Companhia (que são em numero de cinco) e com os seus accionistas em todas as cidades onde os houver, attendendo-se que a 1ª e principal Camara é a da cidade de Amsterdam, a 2ª a da Zelandia, á qual pertencem as tres cidades de Middelburgo, Flessinga e Ter Veer, a 3ª a do Mosa, comprehendendo as cidades de Delft, Rotterdam e Dorth, a 4ª das cidades de Enchuysen e Hoorn e a 5.ª a da cidade de Groninga. Em cada uma dessas cidades se deve obter que alguns dos mais interessados na Companhia ponham o negocio por obra e movam os outros accionistas a consentir na restituição, expondo-lhes as razões que a isso persuadem e o proveito qus se póde esperar; tambem se prometterá a cada um delles certa quantia, como recompensa, tomando-se o compromisso de não o revelar, o que é mui necessario se faça. E depois de haverem elles movido as camaras a dar o seu consentimento (sem o que nada se deve fazer ulteriormente acerca desse negocio), e de se ter certeza disso pelo que referirem sobre o seu modo de ver,

proponha-se então o negocio aos Estados-Geraes, e predisponham-se tambem alguns dos membros dessa assembléa com a dupla promessa de dinheiro e segredo, empregando-se para esse fim pessoas da mesma nação (uma vez que por indole e costume não o communiquem a ninguem senão a esses taes). Não se faça questão de dar maior ou menor quantia, pois que a contribuição do Brazil será bastante para o effeito. Na proposta de restituição se deve pedir aos Estados que levem-na ao conhecimento da assembléa da Companhia, e a cada camara em particular, sob o pretexto de que a restituição é mui proveitosa á Companhia e á republica, á boa paz e amizade do reino de Portugal e os Estados da Hollanda, não se devendo por isso duvidar da adhesão da Companhia á proposta. Os motivos que V. M. deve allegar para servirem de capa á mesma proposta, puz por escripto ha alguns dias, logo que fui ter com o embaixador, e enviei tambem copia ao Marquez de Montalvão, que me respondeu que a levára ao conhecimento de V. M.

Com este presupposto de (angariar) a vontade da Companhia, deve-se tentar opportunamente a restituição, depois que forem applicados os meios tendentes ao detrimento da mesma Companhia.

Cumpre-me ainda mostrar a V. M. donde e como se ha de haver o dinheiro necessario para a restauração do Brazil, Angola e S. Thomé, sem extorção para com o povo e sem prejuizo dos impostos que o Reino applica ás suas despezas, nem daquelles que usufrue actualmente a coroa de V. M. Operar este milagre é obra de Deus, pois é Elle que move os corações dos homens, e com o seu auxilio me parece que dessas mesmas conquistas e daquelles que nellas quizerem traficar se póde tirar suavemente o dinheiro necessario para a restauração. Entretanto reconheço que este negocio é tal que V. M., antes de effectual-o, o deve mandar

examinar por letrados em religião e direito, e depois em seu concelho, uma vez que diz respeito ao bem publico do Reino, e tambem á conservação da fé catholica nessas conquistas.

Antes de declarar como e donde se poderá haver o dinheiro para o pagamento da restituição, mostrarei qual o preço que os mercadores da Companhia (segundo me parece) esperam haver por essas conqnistas, e assim pondero que V. M., quando se dispuzer a (obter) o consentimento (da Companhia), deve fazer sentir que o vosso intento não é alcançar dos Estados-Geraes a revogação da outorga da Companhia das Indias Occidentaes, mas somente pedir a restituição das ditas conquistas; porquanto nessa outorga ou privilegio se acha comprehendido todo o trato das costas d'Africa e d'America, bem como o que a Companhia occupou ou ainda ha de occupar nas Indias de Castella, ficando-lhe dest'arte livre, além do que já conquistou, o trato do ouro que actualmente tem em Guiné e na Mina. Feita esta limitação, me parece que não se pode prometter mais a essa gente pela restituição das ditas tres conquistas do que tres milhões (de cruzados), uma vez que fique salvo á Companhía o direito ás dividas dos moradores, cujo pagamento ella póde exigir delles, o que monta a uma somma consideravel, bem como que a Companhia levará a artilharia e munições que lá tenha, sendo que uma e outra cousa poderão produzir outro tanto, e que emfim, além de tudo isso, lhe fica livre o uso da sua outorga para o commercio do ouro da Mina e do rio de Guiné, e para as presas das Indias de Castella, o que tudo é considerado por elles cousa de proveito certo, e assim é effectivamente. As demais clausulas desse contracto não me tocam, e sim aos ministros de V. M.

Para servir de exemplo aos outros, a primeira contribuição destinada a esse pagamento deve sahir da fazenda de V. M., isto é, da renda que V. M. de presente não usufrue, por estar alienada da vos-

sa real coroa, contribuindo V. M. com o que fôr possivel.

Assim a fazenda de V. M. poderá contribuir com a metade da recognição que pagam os negros de Angola por sahida, ficando reservada a outra metade para ser applicada ás despezas do Reino. Egualmente devem ser reduzidos á metade os ordenados que se pagam aos officiaes e ministros, e o dizimo das quatro capitanias que forem restituidas, ficando a outra metade para se fazer face ás despezas no ecclesiastico e secular. Tambem serão reduzidos á metade os salarios e pensões que qualquer pessoa perceba, visto como, estando aquellas terras sob o dominio dos hereges, os vigarios servem sem pensões, e os officiaes e ministros da republica nada percebem. V. M. destinará ainda para as despezas da restauração todo o páo brazil que sae de Pernambuco, e, assim fazendo, V. M. não dá cousa alguma pela razão que já foi exposta, mas somente deixa de usufruir por mais alguns annos aquillo de que até o presente se acha privado. Tal é a contribuição da fazenda de V. M., a qual se effectuará sem prejuizo da mesma fazenda, e do progresso e despeza do Reino. Passo agora a explicar d'onde sahirão annualmente as demais contribuições.

O reino de Angola contribuirá com o seguinte, a saber, por cada escravo adulto ou pequeno que sahir (exceptuadas somente as crianças de peito) cobrar-se-ha a quantia de 4.000 rs., que será paga ou por quem os levar, ou por aquelles a cujas mãos passarem. Alem disso, os compradores ou mercadores que os transportarem deverão pagar mais por cada escravo 4.000 rs. no Brazil ou onde os introduzirem para serem vendidos. Estes dous impostos serão cobrados sem prejuizo da antiga recognição de 4.000 rs. que se paga pela exportação de cada escravo de Angola em proveito do rei, e dest'arte fica sendo pequena e facillima a contribuição de Angola, porquanto não se lança imposto

algum sobre as mercadorias que forem levadas para lá, e que são de grande proveito, nem sobre os fretes, ou os negros que forem exportados, sobre os quaes tambem poderão recahir alguns impostos, si o preço da restituição exigir maior contribuição Admittidos os ditos impostos, é facil de ver a differença entre 48 contos de réis, que em tanto estimo a contribuição de Angola, e 520 contos, em que calculo a do Brazil, como se evidencia da conta que abaixo vae.

A contribuição do Brazil deve pesar sobre todo aquelle Estado, si bem que as outras capitanias não se achem sujeitas ao dominio dos hereges. Si se considerar a má visinhança que resulta da occupação hollandeza para essas capitanias, e os futuros incommodos que podem d'ahi provir, o que a experiencia dos annos passados faz patente, parece razoavel que todo o Brazil contribua para livrar-se de hospedes tão nocivos. E para que essa contribuição seja mais suave, não deve recahir sobre as pessoas ou os haveres de cada um, conforme a quantidade dellos, mas somente sobre os fructos que são produzidos por muitos, de modo que a contribuição possa ser facilmente paga sem extorção ou insupportavel onus daquelles que a devem pagar, comquanto não se possa prevenir que essa contribuição de algum modo seja sentida, pois de alguma parte ha de vir (o proprio Deus não quiz fazer pão das pedras, e não é de esperar que o faça, visto como proporcionou meios aos homens para ganhal o), e, sendo a cousa tão justa, commum e desejada de todos, tudo o que se effectuar por todos os meios razoaveis para esse fim, não deixará de ser agradavel aos subditos de V. M.

Em primeiro lugar e afim de que as contribuições do Brazil sejam pagas em geral por todos, exceptuados somente os pobres, isto é, os que não possuem bens, posto que se sustentem com o seu trabalho sem mendigar, V. M. deve mandar que

os donos e possuidores de escravos paguem por cada um 4.000 rs., e dest'arte essa contribuição comprehenderá todos os moradores do Brazil, porquanto é regra sem excepção que quem tem alli bens, entre os da 1ª classe figuram os escravos negros. Digo escravos negros, porque os escravos da gente da costa (indios) devem ser isentos por muitas razões, das quaes não é a menor que, na capitania de S. Vicente, varias pessoas possuem mais de 1.000 delles, e a esses seria impossivel satisfazer a dita contribuição. Tambem devem ser isentos os escravos que forem menores de 10 annos, porque esses não dão proveito ou não prestam serviço aos seus senhores, e a verdade disto se deve apurar por juramento dos mesmos senhores. Ainda devem gozar de isenção aquelles que não tiverem mais de um escravo, salvo si exercerem algum officio, porque esses taes no Brazil são reputados por pobres, mas não assim os que têm dous escravos.

Sobre cada caixa de assucar mascavado do Brazil destinada á exportação lançar se-ha o imposto de 4.000 rs., que será pago pelo carregador, ficando isento o *panela*, não só por ser de pouco valor, como porque, si se cobrar maior recognição, não ha de ser exportado, como actualmente succede aos que se fazem em Pernambuco e outras capitanias do norte por causa dos novos impostos que os Hollandezes lançaram, e emfim para que se conceda esse allivio aos que fabricam este genero de assucar.

Alem desses 4.000 rs. se lançará mais o imposto de 2.000 rs. sobre cada caixa do referido assucar, que fôr posta nos armazens d'el-rei, e esse imposto será egualmente applicado ao pagamanto da dita contribuição.

Todas essas imposições sobre o assucar são pequenas á vista do muito valor que esse genero terá, uma vez que o exportem somente do Brazil

para Portugal, onde os outros povos de necessidade o irão buscar.

A redizima e as penções, que nas capitanias de Pernambuco e Itamaracá se pagavam aos donatarios da terra, tambem devem ser applicadas a esta contribuição, emquanto ella durar, e isto pelas mesmas razões declaradas com relação á contribuição da fazenda real, porquanto os donatarios dest'arte nada dão, e somente deixarão de perceber por mais algum tempo aquillo que actualmente não percebem.

Tambem será tributado para o mesmo fim o frete dos assucares, cobrando-se de cada navio, em que forem carregados no Brazil, 3.000 rs. por tonelada, visto como no tempo das treguas de Castella os navios pequenos, que navegavam para o Brazil, não exigiam mais do 7.000 ou 8.000 rs. por tonelada, e os que montavam artilharia 9.000 rs., e com o dito imposto os fretes subiram até 12.000 rs., o que é uma somma moderada para os carregadores, e a de 9.000 rs. vantajosa para os navios. Este imposto poderá ainda ser elevado a 4.000 ou 5.000 rs., si o preço da recuperação sair maior do que se pretende, porquanto os Hollandezes da Companhia cobram 3.333 rs., que são 100 florins por tonelada, e alem disso lançaram outra recognição sobre os assucares, o que podem fazer em razão do valor desse genero.

Os senhores de engenho e trabalhadores de assucar devem tambem contribuir particularmente com alguma cousa, por ser a gente que possue as terras e dellas tira fructo, e que por consequencia gozará maior beneficio com a restauração. Assim que cada engenho com os seus trabalhadores deve contribuir com 80.000 rs., quantia que devidirão entre si, segundo o estylo que observam em outras occasiões com relação a negocios do seu particular interesse. Deve porém V. M. recommendar que, no tocante a esta contribuição, sejam moderadamente tratados os engenhos que se acharem

baldos de recursos, segundo o criterio da pessoa ou pessoas encarragadas desse negocio.

Estas contribuições serão continuadas por tres annos, si necessario for, até que se haja obtido o preço da restituição, excepto as dos negros e dos engenhos do Brazil, que V. M. mandará que não se cobrem por mais tempo além do necessario, visto como nem o estado daquella conquista o póde soffrer, nem o permittirá a piedade e justiça de V. M.

Tanto que forem restituidas as quatro capitanias presentemente occupadas pelos Hollandezes, V. M. deve mandar cessar immediatamente todos os direitos e impostos lançados por elles, excepto os tributos e a recognição que existiam no tempo do dominio da corôa de Portugal, afim de que o povo, gozando esse allivio, se sinta mais animado e induzido a supportar voluntariamente o pagamento da contribuição.

Quanto ao modo que se deve observar na cobrança das contribuições, bem conveniente fôra dizer alguma cousa (si me fosse permittido) com relação á lealdade e fidelidade dos recebedores, afim de que o povo não seja mais gravado do que se faz necessario, devendo antes ser tratado com verdade e egualdade; mas, como é este um assumpto da competencia dos ministros de V. M., suspendo a penna, para que não pareça que eu me quero envolver em tal. Dirigindo porém a V. M. uma supplica do intimo do meu coração, como subdito fiel, zeloso para com o vosso real serviço, amante da patria, e cujo desejo é a prosperidade do Reino (« um bom companheiro dos seus compatriotas, com assistil-os e ajudal-os nas passadas miserias »—palavras com que V. M. houve por bem honrar-me, pelo aviso que se fez a V. M. do meu proceder, em a vossa carta a mim dirigida a 13 de Janeiro de 1644) peço que, si se realisar a restituição do Brazil a bem dos vossos subditos, determine V. M. que, na cobrança das contribui-

ções, sejam rigorosamente castigados os transgressores de vossas reaes ordens; porquanto nestes ultimos tempos a natureza humana tem sido tão corrompida da cubiça, que eu receio que, por occasião do levantamento das contribuições, alguns subditos de V. M. venham a soffrer detrimento em seus haveres e muitas injustiças, si V. M. não fizer observar a egualdade e a justiça, que nesta materia se fazem mister, com aquella piedosa solicitude, de que Deus vos dotou, para com os vossos vassalos.

Tambem não me cabe discorrer sobre as clausulas do contracto com os Hollandezes, porque essas particularidades são da competencia dos ministros de V. M.; mas espero que, quando chegar a desejada occasião da restituição, se convencionará que o preço della será pago dentro em tres annos, embora elles exijam um juro razoavel (no que se despenderá mais de 400.000 cruzados), pois a contribuição servirá para tudo, dado que o Brazil e as outras conquistas sejam entregues á coroa de V. M., logo que se conclua o tratado da restituição, mediante a fiança que a Companhia exigir, e a V. M. nada faltará, attento o governo e ministros que V. M. tem em seu reino; porquanto, si a entrega das conquistas não se realisar immediatamente ao accordo sobre o preço que se ha de pagar, é certo e sabido que as ditas conquistas não fornecerão as contribuições, por carecerem de liberdade para o fazerem.

Estimativa das quotas com que o Brazil e Angola concorrerão annualmente para a sua restauração

Contribuição da fazenda real

De 6.000 escravos que actualmente saem por anno de Angola, cobrando-se pela exportação de cada um a recognição de 4.000 rs., temos....

24.000$000. A fazenda real contribuirá com a metade..............	12.000$000
Contribuirá outrosim com a metade do dizimo do assucar das quatro capitanias de Pernambuco, Itamaracá, Parahyba e Rio Grande; e, como esse dizimo se avalia actualmente em 20 contos, a dita metade importará em...............	10.000$000
Por todos os meios se procurará elevar quanto fôr possivel o producto do páo brazil das mesmas quatro capitanias, arrendando-se o direito de tirar cada anno 15.000 quintaes. Avaliando-se o quintal a 4.000 rs., o total importará em..	60.000$000
	82.000$000

O total da contribuição da fazenda real importará annualmente em 82.000$000, e, supposto que, mediante contracto do corte do páo-brazil, não se possa obter essa somma, mais se ha de obter, si se navegar por conta da fazenda real para a parte do norte.

Contribuição do reino de Angola

De 6.000 escravos que os moradores de Angola podem tirar annualmente da terra, a 4.000 rs. cada um, imposto destinado a essa contribuição....	24.000$000
4.000 rs. por entrada dos 6.000 escravos no Brazil ou onde forem introduzidos.	24.000$000
Portanto a contribuição de Angola importará ao todo em..............	48.000$000

Contribuição do Estado do Brazil

De 50,000 escravos que pelo menos existem actualmente no Brazil (e creio que, si se verificar o numero delles, achar-se ha que são mais numerosos ; mas como é impossivel dizel-o com certesa, calculo que existe pelo menos essa quantidade—os ditos 50,000, fazendo a conta pelo numero dos engenhos, e tendo em attenção os que se empregam em outros serviços dos moradores e não trabalham nos engenhos), pagando o dono por cada um 4$000, mas somente uma vez, ainda que a contribuição dure por mais tempo, importa esta em	200,000$000
O Estado do Brazil produz agora annualmente 40,000 caixas de assucar mascavado. Pagando o carregador no Brazil 4$000 por cada uma temos....................	160,000$000
Os que receberem nas alfandegas do Reino essas 40,000 caixas de assucar mascavado pagarão para o mesmo fim 12$000 por cada caixa, o que importa em..................	80,000$000

A recognição e redizima de Pernambuco e Itamaracá, que se destinará exclusivamente para essa contribuição, de 18,000 (16,000 ?) toneladas, cada uma de 54 arrobas, (pois tantas produzirão as ditas 40,000 caixas de assucar masca-

vado) e sobre os retames se pagará de imposto dos fretes para o mesmo fim a quantia de 3,000 (1).	48,000$000
Existem pelo menos 300 engenhos no Estado do Brazil. Pagando cada um dos proprietarios 80$000, temos	24,000$000
Total da contribuição do Brazil.......	520,000$000

Assim as referidas contribuições perfarão no todo seiscentos e cincoenta contos de réis, que fazem em um anno um milhão seiscentos e vinte e cinco mil cruzados, os quaes poderão ser cobrados durante tres ou mais annos, si necessario fôr, para indemnisação da restituição das conquistas, cujo preço não se deve regatear, pois, por grande que seja, V. M. fará em todo o caso favor e beneficio aos seus subditos. Cumpre, porém, que V. M. exija somente por um anno o imposto de 4$000 por cada negro dos moradores do Brazil e o de 80$000 por cada engenho, imposto que, por sua natureza e materia sobre que recahe, não soffre que se cobre mais de uma vez. Quanto aos demais, é razoavel que sejam pagos durante os annos que forem necessarios, e, sendo tres annos, se obterão trezentos e cincoenta e cinco mil cruzados, com que V. M. poderá effectuar a recuperação dessas conquistas, sem tirar cousa alguma da gente de Portugal, comquanto não pareça fóra de razão que os mercadores contribuam com alguma quota. Mas o fim desta minha proposição é somente mostrar como se póde levantar as ditas contribuições sem gravar o nosso povo, não somente nos bens que

(1) Suppomos que a traducção hollandeza não é fiel n'esta parte. Trata-se ahi de duas verbas, a da redizima e penções, e a do imposto sobre os fretes. Parece que supprimiram-se palavras com relação a 1.ª, pois não se diz em quanto importavam as penções e a redizima, e, alem disso, o imposto de 3$000 rs sobre 18000 toneladas, dá 54 contos e não 48. Talvez o numero das toneladas seja 16,000, e o rendimento das penções e redizimas 8,000$000, o que se ajusta com a somma total da contribuição do Brazil.

possuem, como ainda nas mercadorias que levarem para as conquistas do Brazil e Angola, do que tudo ficam isemptos, como acima se vê, e dispor a cousa de modo que o dinheiro destinado á restituição saia somente dos bens e fructos que vierem do Brazil e Angola, de cujo gozo o Reino presentemente está privado.

Releva advertir que não se deve mudar os logares apontados para o levantamento desses impostos; a não ser assim, o imposto crescerá somente com relação á uma sorte de bens, si fôr pago em um logar, pelo que o pagamento de uma cousa deve ser effectuada em differentes logares e em varias mãos, pois disso depende em parte a suavidade da contribuição.

Obtida a restituição do Brazil e Angola, póde-se facilmente obter a da ilha de S. Thomé, a qual não é muito desejada dos Hollandezes, por ser mui insalubre e poucos os fructos que d'ahi tiram; a isto accresce que elles são forçados a ter guarnição na ilha e a fazer despezas com os navios e os officiaes necessarios para a navegação e a administração dessa colonia. No que se dér para a restituição do Brazil e Angola deve ser tambem comprehendida a ilha de S. Thomé, sem se fazer preço á parte, comquanto a indemnisação por isso ha de ser augmentada de alguma forma. Mas os moradores da ilha por sua vez devem tambem contribuir, no que se procederá assim: V. M. contribuirá de sua real fazenda do mesmo modo que acima se disse, isto é, concorrerá com a metade da dizima e de outras rendas que a vossa coroa ha de gosar com a posse da ilha, ficando a outra metade para as despezas do governo, e, si isto não fôr bastante, reduzir se-hão as despezas, e se lançará o imposto de 4$000 sobre cada negro escravo e o de 80$000 sobre cada engenho dos moradores, de modo que acima se explicou com relação ás contribuições do Estado do Brazil. E si ainda não bastar, cobrar se-hão dez por cento do assucar que

dessa ilha se exportar, o que é muito menos do que se paga no Brazil pela mesma especie de assucar, por não haver alli, segundo me parece, abundancia de dinheiro, e sobre os fretes os mesmos 3$000 por tonelada, que serão pagos pelos donos dos navios, como acontece com os do Brazil.

Por mais difficil tenho eu a restituição do trato e commercio do ouro da Mina e dos rios daquella costa, visto como os Hollandezes desde alguns annos estão acostumados a isso, e actualmente quasi que tem excluido todos os Portuguezes, pelo que me parece que por modo algum quererão prestar ouvidos á restituição de S. Jorge da Mina, que ha annos tomaram. Mas por isso não se deve deixar de tentar esse negocio posteriormente, dado que a restituição do Brazil succeda como esperamos, nem desprezal-o pela razão de que seja difficultada a recuperação das outras conquistas. Em todo o caso cumpre que se obtenha incontinente a concessão de passaportes para os nossos navios poderem ir aos portos da dita costa da Mina e se empregar no commercio do ouro, como os Hollandezes fazem, de conformidade com o art. 20 do tratado das treguas e observada a ordem ahi declarada, providenciando se a este respeito, bem como a respeito da entrada dos nossos navios em Angola, de modo que o tratado seja observado com tal segurança (pois para isso não faltarão meios, que seria interminavel especificar aqui) que os subditos de V. M. possam continuar nesse commercio, sem perigo de suas vidas e bens, o que sempre é de receiar naquellas partes por causa da sujeição e communicação com esta gente. Fallo como quem tem conhecimento delles por experiencia.

A respeito desse commercio da Mina, deve V. M. empregar todos os meios para animar os mercadores a equiparem navios e proverem-nos de gente do mar, concedendo aos que forem menos abastados para ir ao commercio da troca do ouro muitos favores e privilegios, e áquelles que man-

darem para lá um navio de certo porte (que será declarado) particulares vantagens. Não é duvidoso que os nossos se avantajarão na opinião da gente da costa, porque os nossos terão melhores mercadorias e de preços mais moderados, e porque são mais cortezes no seu modo de tratar, e os Hollandezes o fazem pelo contrario, e assim a pouco e pouco ficarão elles privados da grande quantidade de ouro que d'ahi tiram annualmente, visto como essa mercadoria soffrerá necessariamente diminuição, por se achar dividida entre differentes mãos. Com o auxilio de Deus se póde esperar que pelo decurso do tempo essa diminuição será cada vez maior, e que a vontade dos subditos de V. M., pelo gosto que nisso recebem, crescerá tanto que em poucos annos o reino de Portugal se tornará a fazer senhor desse commercio, que outr'ora foi para elle de tamanha importancia. Por consequencia V. M. deve mandar que com toda a instancia se peça essa permissão, e se empreguem todos os meios possiveis afim de que os vossos subditos se dediquem e continuem nesse commercio.

Devo ainda informar a V. M. acerca da situação da Companhia das Indias Orientaes e dos meios de que se póde lançar mão para enfraquecel-a, visto como tenho eu por impossivel obter-se presentemente a restituição das conquistas desta Companhia e excluil-a das Indias. E' verdade que, segundo o que nos mostra a actual situação, ella está exposta a maior perigo de ruina do que a Companhia do Brazil, porque a actual prosperidade da Companhia das Indias Orientaes não depende tanto doslucros que tira das Indias quanto do valor e boa opinião de que gosam as suas acções, pela esperença que os mercadores têm de futuros lucros. D'ahi procede o terem subido as ditas acções presentemente aqui em Amsterdam a 460 %, o que é tanto como si alguem, que empregára na Companhia 100.000 rs., os vendesse por 460.000 rs., e antes mais do que menos. Isto assim acontece,

apezar de serem os lucros, que o anno passado a Companhia dividio, apenas de 23 % sobre o primeiro capital, o que importa em 5 % sobre os ditos 460.000 rs., porquanto esses lucros não são repartidos, conforme o preço por que cada qual tenha comprado as acções da Companhia, mas segundo o capital com que ella foi primeiramente instituida, a saber, 2 milhões de cruzados. E com isto a Companhia tem feito a Portugal o damno que soffremos por causa do mau e tyrannico governo de Castella, e por nos faltar um rei natural.

Esse preço, que provém da boa opinião de que actualmente gozam as acções, pode descer á metade mui facilmente e dentro em pouco, si as especiarias, que a Companhia traz das Indias para a Hollanda, viessem a diminuir de valor. O meio mais facil, que se pode achar para este effeito, é mandar vir para Portugal especiarias em grande abundancia, o que os accionistas já receiam, depois que o embaixador Francisco de Souza Coutinho concordou em fazer cessar a guerra nas Indias para se observar o tratado das treguas. Portanto deve-se fazer que o trato da India continue com tal força, que as especiarias importadas em Portugal desçam a preço mui baixo, afim de que os mercadores, assim d'aqui como de toda a Europa, as mandem comprar nesse Reino, e deste modo as especiarias deste paiz descerão dos preços que até o presente têm obtido. Para se conseguir isto, cumpre abrir o commercio das Indias com limitação das nações, navios e das mesmas especiarias e generos, que aprouver ao concelho de V. M., dispondo-se as cousas de modo que cada anno venham das Indias muitos navios e mercadorias, e para lá vão muitas mercadorias e capitaes, porque disto depende a decadencia da dita Companhia, a qual, quanto mais avantajada estiver na opinião, como presentemente se observa, tanto mais facilmente poderá arruinar-se por este meio.

Nem se diga contra isto que a diminuição do valor das acções prejudicará somente aquelles que as compraram por preços altos, e não a Companhia mesma, pois se deve considerar que uma tal depreciação virá da diminuição dos lucros, no que consiste a boa ou má fortuna da Companhia, e dest'arte, como ella o anno passado não distribuio mais de 23 % (posto que vendesse por bons preços as mercadorias então importadas, sendo que nos annos anteriores dera maiores dividendos), póde acontecer que dê menos no futuro, e gradualmente os lucros irão minguando tanto que, deduzidas as despezas, nada sobrará, como actualmente succede á Companhia das Indias Occidentaes. E maior ha de ser a perda da Companhia das Indias Orientaes, porque não somente será prejudicada a Companhia, como em geral os principaes mercadores deste logar, que têm nella o melhor dos seus capitaes, attento o excessivo preço de 460, 500 e mais por cento, a que as acções subiram nos annos passados, podendo elles em pouco tempo perder a metade ou muito mais, si for continuando a diminuição dos lucros da Companhia por causa da abundancia dos generos das Indias em Portugal.

E' digno de nota que os mercadores por si tenham elevado os dous milhões, em que consistia o capital da Companhia, a 9 milhões ou mais, não em razão dos valores que nella possuem, mas pela opinião delles mesmos, do mesmo modo que se estima uma pedra preciosa, sem quererem crer quão facilmente essa preciosidade pode quebrar-se ou ficar destruida, dado que os lucros das Indias diminuam, e mude o estado actual com a vinda dos nossos navios e a abundancia das especiarias em Portugal. A gente deste paiz, e particularmente a desta cidade de Amsterdam, é a mais cubiçosa que ha no mundo. Elles o reconhecem: fizeram um ditado, com que mostram conhecer a a sua propria indole. Admira vel-os porfiar em todas as occasiões, sempre que suppõem haver

algum lucro a obter, e empregar-se sem descripção e como quer que seja em todo o genero de negocio de que esperam proveito, sem que nesse empenho se assustem com quaesquer maus successos que cada dia lhes sobrevem. Esta é a causa por que elles metteram tanto (dinheiro) no Brazil, e fizeram lá tão grandes despezas: obraram assim, não para debellar o rei de Castella (pois os mercadores nos seus negocios não se preoccupam com isso, como fazem as republicas), mas somente porque esperam que o Brazil lhes proporcionará grandes riquezas. Tambem é esta a causa por que compram e vendem as acções das Indias por preços tão altos, sem considerar quão facilmente o valor dellas póde depreciar-se, em mudando a vontade daquelles que lhes vendem as mercadorias (o que elles receiam muito do Japão e da China), ou sendo introduzidas em grande quantidade em Portugal; depreciação que se deu aqui anteriormente, quando, tendo-se espalhado más e falsas noticias acerca do commercio das Indias, que elles tem naquelles logares, em um só dia o preço das acções desceu á metade. e com a certesa de que taes boatos eram falsos, voltou logo ao estado anterior. Refiro isto para que se entenda quão facilmente pode mudar a prosperidade desse negocio, e afim de que os ministros de V. M. tratem de, por todos os meios e com todo o empenho, fazer vir muitas mercadorias e especiarias das Indias, bem como tentem, tanto quanto o permitte a real magestade, alienar (dos Hollandezes) os corações dos reis e das nações de quem elles as obtem, estorval-os e impedil-os de as haver (cousa licita e usual aqui entre os mercadores mesmos) para dest'arte irem minguando os lucros, e ficar a Companhia reduzida a tal estado que não possa fazer face ás despezas. Não devemos desesperar da Divina Misericordia: Ella ha de ser tão propicia que V. M. poderá recuperar inteiramente esse commercio para a sua coroa, resgatando as fortificações e praças

que lá tenham os Hollandezes, no que facilmente hão de convir e concordar, em vendo que não podem tirar proveito algum, com ter infructiferos os seus capitaes, que tal é o mal que presentemente a Companhia do Brazil está sentindo.

Trouxe até aqui este discurso, ajudando-me do meu juizo, que é pobre, com quanto o meu animo seja rico de disposições para fazer alguma cousa a bem do serviço de V. M. e tendente ao augmento de minha patria. Si nada adiantei neste papel, — o que se explica, ou porque outros já levaram este negocio ao conhecimento de V. M., ou porque nada disto é desconhecido ao concelho de V. M., ou porque o que eu disse não tenha importancia nem mereça ser admittido,—a boa disposição, com que o escrevi, certamente desculpa-me de tel-o feito, e como é justo que eu mostre isto mesmo por obras, que façam crer e testifiquem o desejo que tenho de ver restituidas aquellas quatro capitanias á corôa de V. M., de que ellas estão actualmente separadas, não achando eu como melhor o possa mostrar do que fazendo algum offerecimento dos meus haveres para a contribuição, que espero se realisará a bem da restauração das ditas conquistas, ouso offerecer a V. M. 18,000 cruzados, que prometto dar para esse fim, além do muito que terei de pagar dos impostos creados para o effeito, quasi que em todas as materias apontadas na relação delles, pelos bens que de presente possuo em Pernambuco, onde sou morador. E com quanto, em relação a real grandeza de V. M., este offerecimento seja diminuto, espero que pela magnanima acceitação do vosso real animo parecerá grande, mandando V. M. recebel-o pela boa disposição com que o faço em prol do vosso real serviço. Pagarei esses 18,000 cruzados na cidade de Lisboa dentro dos tres primeiros annos do pagamento da restituição, a saber, cada anno 3,000 cruzados.

Tendo assim deduzido e apresentado a V. M.

este discurso, parece-me que não vim debalde a este paiz, para onde me trouxe o receio que tinha de experimentar os effeitos que a desaffeição ou antes o odio dos Hollandezes, em razão de ausencia do Conde Mauricio, me podia causar em Pernambuco, deixando eu alli todos os meus bens e familia ; aversão e odio que nelles se gerou pelo que eu fiz, com o favor do dito Conde (e sobretudo com o favor de Deus) para a conservação da fé e allivio dos subditos de V. M., meus companheiros, em muitas e varias occasiões, com grandes despezas da minha fazenda, e sem a minima diminuição da dos outros. Volto para lá com os novos governadores que agora vão partir para aquella capitania, onde espero que o tempo me dará occasião de prestar algum serviço a V. M.

Como fiança desta minha inclinação, deixo n'esse Reino tres filhos, que para esse fim trouxe do Brazil, e d'aqui enviei para essa cidade, para onde o mais velho, que é o unico adulto (*bejaert*), acompanhou os seus dous irmãos, que foram educar-se em um convento, até que attinjam a idade de poder servir a V. M., de cuja grandeza espero se dignará de honral-os e adiantal-os pelo zelo de seu pai para com o vosso real serviço, e segundo o que V. M. me fez a graça de prometter na carta com que me honrou a 13 de Janeiro de 1644.

Deus Guarde a real pessoa de V. M. por longos e felizes annos, como a christandade de vosso Reino ha mister.

Amsterdam, 20 de Julho de 1645.

Beija as mãos de V. M o vosso

Humilde servo,

Gaspar Dias Ferreira.

Traduzido de um escripto em portuguez por

ordem dos senhores escabinos de Amsterdam, com o qual escripto foi conferida a versão e se achou conforme em substancia, por mim abaixo assignado secretario da mesma cidade. Haya, 8 de Dezembro de 1645. (Sem assignatura).

Sentença do Tribunal da Hollanda (1)

Gaspar Dias Ferreira, nascido em Lisboa, detido na prisão do Tribunal da Hollanda, declarou que residira em Pernambuco, onde foi *burguez* da cidade Mauricia, e servira durante alguns annos o cargo de juiz ou escabino. Que, vindo depois a este paiz, requereu a Suas Altas Potencias e obteve cartas de naturalisação, das quaes consta haver promettido que se comportaria como subdito fiel do Estado das Provincias Neerlandezas, e que lhe seria submisso e obediente. Que, nada obstante, achando-se neste paiz, ousou escrever cartas a um certo Diogo Cardoso, seu tio, morador em Sevilha, manifestando o desejo de ir para lá, caso o rei de Hespanha (2) ou os ministros do rei dessem apreço a sua aptidão, ou ao seu conhecimento e experiencia dos negocios e logares do Brazil, e na terceira carta, dirigida ao mesmo Diogo Cardoso, lhe disse não estar satisfeito, porque desconfiava que duas cartas suas haviam sido interceptadas ou retidas, nas quaes escervêra cousas que tendiam a prejudicar, ou eram contrarias a este Estado de que é subdito. Que pelo seu proprio punho escreveu mais dous discursos dirigidos e entregues ao embaixador de Portugal, neste paiz residente, e enviára copia desses discursos ao Marquez de Montalvão, residente n'aquelle reino. Que escre-

(1) Traduzida a vista do texto da sentença, que se encontra no opusculo intitulado—*Sententie gepronuncieert den 25 January 1662 tot Amsterdam tegens Isaac Coymans* Asher n. 315.
(2) Isto é de Portugal.

veu ainda pelo seu proprio punho um outro discurso dirigido ao rei de Portugal, e o entregou a um tal João Baptista Caldeira para apresental-o ao dito rei, dos quaes discursos se vê que elle, reo preso, aconselhava e instigava a Sua Magestade a lançar mão de varios expedientes para enfraquecer e arruinar a Companhia das Indias Occidentaes e obrigal-a a entrar em negociação com o rei sobre a restituição do Brazil, mediante certa quantia, e nomeadamente o aconselhava a mandar alguns navios a Angola para o fim de promover, a bem dos moradores portuguezes, o trato dos negros, conseguindo assim que a Companhia tirasse menos proveito do dito trato, e tivesse de fazer maiores despezas, ou que ficasse de todo privada desse negocio, dizendo elle reo em alguns dos seus discursos, para mais reforçar as suas razões, que os logares de Angola possuidos pela Companhia haviam sido occupados sem direito, por força e com enganos; e mais que alguns dos maiores accionistas da Companhia podiam ser induzidos com promessas de dinheiro a promover a restituição do Brazil. Que elle, reo preso, prometteu tambem ao rei de Portugal e a bem do seu serviço contribuir com a quantia de 18,000 cruzados para serem empregados na recuperação do Brazil, e nas ditas proposições enviadas a Sua Magestade indicou certas medidas, por meio dos quaes se podia privar a Companhia do trato nas costas ou porto da Mina, ou fazer com que esse trato se lhe tornasse infructuoso. Que elle, reo preso, ainda no referido discurso apontou algumas outras medidas, pelas quaes se podia occasionar a decadencia, perda ou ruina da Companhia das Indias Orientaes, com o fim de que o trafico e commercio da mesma Companhia passasse a Portugal, indicando entre outros o seguinte meio, a saber, que, tanto quanto o permittisse a reputação de S. M , se alienassem os animos dos reis e das nações, com as quaes a Companhia faz alli o commercio das especiarias. Que elle, reo

preso, confessou tambem haver escripto e firmado com o seu nome em Amsterdam em data de 12 de Julho de 1645 algumas advertencias para S. M., contendo o projecto das clausulas do tratado de paz que devia ser concluido entre o Rei e Suas Altas Potencias os Srs Estados Geraes, bem como a explicação das mesmas clausulas e da materia nellas comprehendida, da qual declaração se vê que o reo propuzera as ditas condições ou algumas dellas para que, si fossem aceitas por este Estado, ficasse arruinada e anniquillada a Companhia das Indias Occidentaes, ou tão prejudicada que abandonasse o seu privilegio, ou a conquista do Brazil. Que outrosim nas referidas proposições dirigidas assim ao rei como ao embaixador de Portugal, e ainda em algumas cartas ao governador da Bahia o reo se intitulou de *servo*, *vassallo e subdito* do mencionado Rei de Portugal, dizendo em certa carta (entre outras) ao mesmo governador que era elle o maior servidor no civil que o rei tinha no Brazil, e duvidava de que outrem o excedesse no militar, desde a governança até o mais inclusive (?); e em uma carta de 8 de Maio de 1645, dirigida a Mathias de Albuquerque, affirma que o que elle reo tratava com o referido embaixador acerca do negocio do Brazil não procedia de particular interesse, senão somente do desejo de ver libertado o Brazil do poder dos hereges, denominando nesse e em outros topicos de suas cartas, discursos e proposições a autoridade e governo tanto deste Estado como da Companhia das Indias Occidentaes de *poder ou soberania dos hereges*; o qne tudo são factos de consequencias perniciosas e perigosas, incompativeis com a fidelidade do bom subdito e cidadão do Estado das Provinoias Unidas Neerlandezas, e por isso devem ser punidos para exemplo de outros.

Assim que o dito Tribunal, tendo attentamente examinado e ponderado tudo o que respeita a esta materia, e administrando justiça em nome e por parte do Soberano Poder Condal da Hollanda, Ze-

landia e Frisa, bane perpetuamente o supramencionado reo preso, como pela presente o declaram banido, da Hollanda, Zelandia e Frisa Occidental, onde não poderá voltar, sob pena de ser punido corporalmente; e mais o condemna a pagar a multa de doze mil florins em proveito do mesmo Poder Soberano, bem como as custas, segundo a taxação e prudente arbitrio do dito Tribunal, devendo ser o reo encerrado de novo em prisão e ahi permanecer até que as tenha pago e satisfeito.

Dada em Haya pelos Senhores Johan Oom van Wyngaerden, presidente, Johan Dedel, Hugo Blocq, Gerard Crommom, Sebastiaen Francken, Gasper van Kinschot, Frederich van Dorp, Dirck Siexcti, Gualter de Raet, Herman de Hubert, conselheiros da Hollanda. E pronunciada a 16 de Maio de 1646. Com sciencia minha.—*Adr. Pots.* (1)

———

(1) Em uma relação das peças instructivas do processo de Gaspar Dias Ferreira, existente no archivo de Haya, são mencionados os seguintes documentos:

Carta do reo a Diogo Cardoso, 27 de Março de 1644; minuta de uma carta ao Marquez de Montalvão, 8 de Outubro de 1644; minuta de uma carta a Mathias de Albuquerque, 8 de Maio de 1645; minuta de um discurso dirigido ao embaixador de Portugal residente na Hollanda, 26 de Abril de 1645; outra minuta do mesmo discurso com a data de 8 de Maio de 1645; minnta de uma carta a João Baptista Caldeira, 26 de Junho de 1645; minuta de uma carta ao Marquez de Montalvão, 22 de Junho de 1645; minuta de uma carta a um certo Furtado, 5 de Julho de 1645; minuta de uma carta ao mesmo Caldeira, 26 de Agosto de 1645; minuta de uma carta a Francisco Ferreira Furna, 26 de Agosto de 1645; minuta de uma carta a Caldeira, 21 de Setembro de 1645; copia de uma carta ao embaixador, sem data; diversas petições em latim escriptas pelo reo e apresentadas ao tribunal datados de 26 de Novembro de 1645, 29 e ultimo de Janeiro, e 20 de Março de 1646; minuta de uma carta a Francisco Furna, 2 de Outubro de 1645; minuta de uma carta ao rei de Portugal, sem data e sem assignatura; minntas de cartas que parecem dirigidas a Antonio Telles da Silva, uma sem data, as outras datadas de 2 de Março, 9 de Dezembro de 1642 e 31 de Agosto de 1643; carta dirigida, ao que parece pelo conteudo, ao Marquez de Montalvão, 22 de Setembro de 1642; minuta de uma carta dirigida, ao que parece, ao bispo do Brazil; minuta de uma carta a Felippe Bandeira, 1 de Dezembro de

Sentença do Supremo Concelho da Hollanda (2)

Na causa pendente de decisão do Supremo Concelho da Hollanda (*Hoog Raedt in Hollant*) entre partes, de um lado, o procurador geral, appellante, e do outro Gaspar Dias Ferreira, portuguez, de presente detido na prisão deste Tribunal (3), reo no dito processo, e aggravante *a minima* (4); o Tribunal, tendo visto e considerado com maduro juizo tudo o que interessa á materia, e administrando justiça em nome e por parte da Suprema Autoridade Condal da Hollanda, Zelandia e Frisa Occidental, annulla a sentença do Concelho Provincial (*den Raed Provinciel*), e, julgando, manda que sejam cassadas as cartas de naturalisação que o reo

---

1642; idem ou copia de uma memoria contendo as razões, porque o Brazil e Angola devem ser restituidas a Portugal; projecto de alguns previlegios que devem ser concedidos pelos Estados Geraes e pelo Principe de Orange; minuta de alguns *casus conscientiæ* em latim para o padre Marius acerca da posse dos bens que a Companhia das Indias Occidentaes tem no Brazil; representação ao rei de Portugal, 20 de Julho de 1645; minuta das advertencias sobre as condições com que o rei de Portugal poderia fazer um tratado de paz com a Hollanda, e explicação do fim das mesmas condições, 12 de Julho de 1645. Essas minutas ou a maior parte d'ellas foram encontradas em um livro de copias pertencente ao reo.

Copia de uma carta de Feliciano Dourado, secretario do embaixador, 8 de Maio de 1645; copia de uma carta do embaixador, 8 de Maio de 1645, com o extrato de uma carta do reo ao Marquez de Montalvão, escripta no 1º do mesmo mez; carta dirigida de Amsterdam aos Estados Geraes por « varios portuguezes judeus », 13 de Março de 1646; carta dirigida de Bruxelas, 5 de Março de 1646 sem assignatura, mandada pelos Estados Geraes ao tribunal; carta dos escabinos de Amsterdam ao tribunal, 28 de Janeiro de 1646; carta de Caldeira ao reo, 1 de Setembro de 1646.

(2) Copiada do mesmo opusculo.

(3) *Voopoorte van desen Hoove*, a prisão existente no edificio onde funccionava o tribunal, na qual eram recolhidos os reos que tinham de ser julgados.

(4) « *Ende geproponeert hebbende grieven a minima.* »

obteve subrepticiamente de Suas Altas Potencias os Estados Geraes, na audiencia deste Tribunal, em presença do reo, como indigno de tal mercê, e que sejam dilaceradas as suas cartas e mais papeis escriptos e utilisados em detrimento deste Estado e das privilegiadas Companhias das Indias Orientaes e Occidentaes ; condemna o reo a ser preso, pelo tempo de sete annos, no lugar seguro e fechado que fôr ordenado por este Tribunal; a ser banido perpetuamente, depois de cumprida a pena de prisão, dos territorios da Hollanda, Zelandia e Utrecht e (em virtude da autorisação dos Altos Senhores Estados Geraes) (1) das respectivas terras, provincias e dominios dos mesmos Senhores Estados Geraes, bem como dos paizes e logares que possuem ou para o futuro vierem a possuir as ditas Companhias das Indias Occidentaes e Orientaes, não podendo o reo jamais tornar a ditos paizes e logares sob pena de morte; e mais o condemna a pagar a multa de trinta mil libras de quarenta grossos (*grooten*) em proveito da autoridade soberana.

Despresa as demais conclusões do Procurador Geral contra o reo, outrosim o condemna nas custas da justiça e nas do processo arbitradas por este Tribunal, permanecendo o reo encerrado na prisão do Tribunal até que tenha satisfeito e pago as ditas multas e custas.

Proferida no ultimo de Julho de 1647.

Com sciencia de

Jman Cau.

---

(1) Essa autorisação foi dada pelos Estados Geraes a 30 de Julho de 1647, como se vê da respectiva acta das resoluções daquella assembléa.

Edital

Gaspar Dias Ferreira, portuguez, natural de Lisboa, que se achava detido na prisão destes tribunaes (*voorpoorte alhier*), tendo ousado forçar e violar a prisão publica, esquivando-se, na noite de 17 para 18 do corrente mez de Agosto, á merecida pena a que foi condemnado, sendo esta acção de pessimas consequencias, e devendo ser punida para exemplo de outros; os dous tribunaes de justiça da Hollanda, Zelandia e Frisa, pelo presente edital, fazem publico a todos e a cada um que quem denunciar e trouxer o referido Gaspar Dias Ferreira (homem de estatura um tanto baixa, grosso de corpo, de rosto moreno e de mais de 50 annos de idade)(2), de modo que torne vivo ás mãos da justiça, será recompensado com a quantia de 600 florins da Hollanda, com a segurança de que não se revelará o nome do apprehensor, podendo este dirigir-se a qualquer dos mencionados tribunaes. Ordenam e tem por muito recommendado a quem quer que saiba onde para o referido Gaspar Dias Ferreira, o traga immediata e secretamente aos ditos tribunaes de justiça, ou o aprensente aos officiaes superiores do logar onde o reo se occulta ou seja achado, sendo prohibido que alguem o aloje, lhe dê refugio ou o occulte de algum modo, ou lhe preste algum auxilio para que parta por agua ou por terra; o que tudo se observe, sob pena de ser o infractor punido arbitrariamente. Ordenam mais que os dous primeiros meirinhos dos mencionados tribunaes, a quem fôr este edital apresentado, o affixem e publiquem, precedendo toque de sino, como cumpre.

Feito em Haya aos 19 de Agosto de 1649.

Iman Cau.
Adr. Pots.

(1) Impresso existente no registro dos *Placaten* dos Estados Geraes, 1640–1650.

(2) « *Synde een redelijch kort dicklyvigh man, bruin van ghedaente, oudt in de 50 jaren.* »

Epistola Gasparis Dias Ferreira in carcere, unde erupit, scripta die 17 Augusti 1649 (*)

Illustrissimis ac Celsissimis Præpotentibusque Dominis Ordinibus Generalibus Deputatis.

In omni tempore, statu et fortuna decet virum ingenuum suarum actionum rationem palam exhibere, præsertim cum rerum vicissitudo eò premit et impellit, ut stultas non plebis, sed malevolorum linguas in honestorum depressionem, et denigrationem semper intentas necesse sit veritatis nodis religare. Lusitanus sum, et Serenissimi Regis Portugalliæ à natura vassallus: per divisionem Brasiliæ in partes Dominorum fœderati Belgii propria sponte ac promissa fide secessi, eorumque dominium sub directione societatis subivi: accedente illuc terrarum Illm. Dn. comite Mauritio, in illius gratiam, obsequium, et ministerium pro societatis commodo me commisi: mea opera, industria, atque consiliis toto suæ gubernationis septennio populum Lusitanum adeo continuit in officio, ut palam pronuntiare non abnuerit, se plus obsequii à Lusitanis quam à Belgis in omnibus occasionibus pacis bellique percepisse: ipsum Illm. comitem fidissimum, et insignissimum hujus veritatis testem sistire audeo: utrarum rerum gerendarum, sive dirigendarum ergo, veritus sum ne, ipso absente, invidi Lusitani, quando Belgarum odium evadere potuissem, in me ruerent, at scitum volo, utriusque nationis neminem sive argenti, vel auri tantillum a me acceptum, sive injuriam alicui incussam mihi posse exprobare: in hanc perveniens regionem animadverti Societatis res hic ita vergere in ruinam, ut eam diu subsistere nullo modo posse judicarem, et cum de earundem statu in

(*) Copiada do opusculo mencionado por Asher sob o n. 239.

Brasilia satis gnarus essem Lusitanorumque tædii affatim conscius, timens regioni illi brevi ea quæ evenerunt eventura, apud me constitui aliquam explanare sive aperire viam, ut absque ullo neutrius nationis damno Brasilia ad securitatem et quietem perduceretur, quippe qui bona, et quidquid in mundo possideam, in ea regione situm habebam: proposui ideo Serenissimo Regi meo, ut Brasiliam vellet emere a Societate, excogitavi modos, struxi rationes. designavi ac ostendi tramites rectos et obliquos quo ad effectum negotium deduci posset, et inde profecto (?) verbis et suasionibus tanquam (?) ad Principem, et primates Lusitanos usque ad ipsius Religionis prætextum et zelum: interceptis horum meorum scriptorum copiis, a Curia Provinciali duodecim millibus florenorum et exilio particulari damnatus sum: porrò tunc in (me?) adventum miserum, nullius perduellionis reum, imo de republ. non solum in Brasilia sed et hic in Belgio, si res ex recto bonæ rationis status angulo candide perspiciatur, benemeritum, illud rarum (quod nunquam antehac à primordiis hujus reipublicæ visum est) nempe in processu extraordinario, ab ipso tribunali, ad quod appellatio esset devolvenda, Procuratori generali eandem non tantum concedi, sed incitari: nulla hucusque facta fuerat nec permissa similis appellatio in his Provinciis: quid sententiæ possem sperare a judice appellationem petente, sive cupiente? Ea fuit tripliciter capitalis: condemnatio scilicet triginta millium florenorum, septennalis captivitas, ablegatio extra universum orbem, qui Dominis Ordinibus paret ab oriente usque ad occidentem, et qui aliquando futurorum temporum paruerit, et insuper sine sententia ab humano colloquio interdictio, salva præsidis facultate, fuit superaddita: Hos labores per quadriennium exantlavi: et cum universa bona mea (quæ quidem non erant exigua) bello, populationibus, furtis, et direptionibus absumpta sint, ultimo ad clementiam Celsissimi Principis Auriaci pro reme-

dio tantæ miseriæ obtinendo nuper confugi: stiti (obtuli ?) supplicationem suæ Celsitudini, causam meam, statum, et labores veraciter enarrando: remisit eam ipse benigne de more solito ad Curiam provincialem, ut de ea re consilium seu informationem daret: ego vero nil acerbius possem a Curia sperare, quam quod in prima instantia judicaverat, conscius (ut ipsa) me nihil noxæ prætensis culpis (quando sic vocare libeat) addidisse; at vero Curia nil in scriptis respondere decrevit, videns utique ut reor, meæ veraci propositioni non posse resistere per scripta, sed statuit verbo tenus (tantum ?) Celsissimo Principi satisfacere, quod tali modo factum est (quo tamen nescio) ut omnino mihi tota libertatis spes, et remedii adempta fuerit; quid in rigida hac fortuna facturus essem, Celsissimi Domini? quid opis ad meam familiam septem puerorum, et uxoris per orbem sparsam excogitare valerem? quid vitæ vel vivendi modum instituere possem, quid de miserrimo hoc mortali sene ad incitas redacto expectandum foret? solvere mulctam mihi erat impossibile; fugere probrosum; propriis manibus jugulari impium ac detestabile homini Christiano; demum illud medium, quod possem ante tres annos eligere (et quidem præ rubore nolui) hoc elegi, ac patravi: fugi, ut potui: at non vos Celsissimos Dominos fugio, neque vestram Gubernationem aut Dominium. Familia enim mea et omnia in Brasilia sub vestra sunt potestate: fugio acerbam illorum hominum indolem, qui advenarum damnis oblectantur ac tripudiant: hujus veritatis a me hic assertæ probationem ad oculum spero habeatis, si Deus Opt. Max. me in conspectum Serenissimi Regis mei pervenire concesserit: Daturus enim sum operam, quoquo possim modo ei suadere veris rationibus, ut posthabitis populi interpellationibus, sui ipsius proposito et desiderio prudenter satisfaciat, dissidiaque præsentia de Brasilia ad perpetuam pacem componentur. Ipse Deus Opt. Max. Illust. personas vestras

et Republ. servit et felicitet. Dat. Hagæ, carcere aut discessu decimo septimo Augusti 1649. (1)

Gaspar Dias Ferreira.

EXTRACTO DE ALGUMAS CARTAS PORTUGUEZAS ENCONTRADAS A BORDO DA PRESA S. FRANCISCO, QUE FOI TRAZIDA PELO HYATE DA COMPANHIA « WASSENDE BOEG » E PELO BARCO « RECIFE » A 21 DESTE (27 DE NOVEMBRO DE 1652). (2)

De Gaspar Dias Ferreira ao mestre de campo João Fernandes Vieira, escripta em Lisboa a 21 de Setembro de 1652 :

Ferreira começa dando os parabens a João Fernandes Vieira por ter sido nomeado por S. M. conselheiro do seu concelho de guerra, e na continuação da carta communica-lhe, como quem prophetisa, que em Março futuro Vieira será mestre de campo general destas capitanias e Estado: Ferreira não o ouvio a ninguem, mas funda-se em seu proprio juizo, e Vieira não deve tomar esse aviso por vão e despresivel, visto como (diz Ferreira) si nesta occasião não me succeder assim, eu hei tambem de ter por falsas e vães todas as resoluções que ouço dizer terem sido tomadas acerca do governo do Brazil.

Ferreira solicita o logar de procurador do povo de Pernambuco junto ao rei para (como diz) promover a restauração deste paiz em proveito dos Portuguezes, porquanto aquelles que estão providos de poderes para esse fim, a saber, D. Mi-

---

(1) Esta carta foi recebida pelos Estados-Geraes a 19 de Agosto de 1649, e remettida aos dous tribunaes de Hollanda, como consta da respectiva acta das resoluções dos Estados-Geraes.

(2) Arch. de Haya. Trad. litteral do extracto hollandez.

guel de Portugal e Antonio de Albuquerque pouco saberão fazer n'este particular. Mas tudo isto é dito em um estylo negativo, que elle usa, dizendo: « eu não direi que V. S. me faça nomear procurador, mas peço que antes como amigo o prohiba, pois eu sei que d'ahi não pode resultar para mim senão particular perda sem auxilio do povo que está soffrendo. A minha natureza é muito recta e desinteressada, mesmo contra mim no Tribunal dos Hollandezes onde me vi, e V. S. (?) não póde negar a verdade ; aprouve a Deus que, sendo isto notado por elles, esta foi a causa de não me opprimirem com mais duresa ou me levarem á tortura, onde eu asseguro a V. S. que teria confessado o meu e o das partes, com o que perdida seria a vida, e em seguida a tranquillidade e talvez a conservação do reino. (1) Tal digo e peço a V. S., comquanto para o povo bem necessario seja (e duvido que haja ahi algum outro remedio) que me nomeasse seu procurador, antepondo-me a todos os mais. V. S. tal não consinta, pois, como sei que Deus não quiz que eu fosse um martyr dos Hollandezes, tambem não serei dos Portuguezes. »

Mas qual é o seu pensamento, declara elle no fim da carta, onde diz assim : « eu espero que me (enviem ?) logo uma procuração de todo o povo, afim de que eu possa clamar sobre a restauração perante S. M. Estou persuadido de que somente eu a obterei, pois a pedirei, e proporei os meios tendentes a este fim, como é necessario ; e posso dizer tambem a V. S. que somente eu a saberei pedir, propor e dirigir, e conseguil-a-hei, e disto (estou) certo pelo meio que me occorre escrevendo esta. Penso que como Deus quiz que V. S. fosse o

---

(1) «... ende t'geliefde godt dat hy dit bemerckende, tselve oorsaecke was dalse myn niet harder persten ofte ter torture brachten, waer in ick uwe Sria. betuyge dat ick het myne ende dat van partyen soude hebben beleeden, daermede waere het leven weght geweest, alsdan de ruste, ende misschien de conservatie vant conninckryck. . . »

primeiro executor desta empreza, tem tambem ordenado que a termine, e como eu fui um motivo della, sel-o-hei tambem aqui para que se effectue (2). Coragem e confiança em Deus, Senhor e amigo. pois a um Moysés libertador do seu povo, Deus deu para aquella obra um Arão, promotor de suas obras. Isto espero ser, V. S. espere o commigo, e no entretanto o vá preparando. »

—

Do mesmo a Francisco Barreto, mestre de campo general, datada de 21 de Setembro de 1652:

Diz que S. M. quer nomear Barreto governador geral do Estado do Brazil, em substituição ao Conde de Castello-Melhor, cujo tempo expira em Março vindouro, apezar de mui grandes senhores titulares solicitarem o referido governo. Entre os pretendentes o principal é Francisco de Souza Coutinho, embaixador em França, que de lá veio mandado pelo Rei Christianissimo para tratar da liga dos dous reinos. Coutinho é um velho servidor do rei, mui bem visto de S M., tem servido como embaixador em tres embaixadas, e é pessoa de muitos serviços e grandes qualidades, experiencia e descrípção; d'esde o tempo em que esteve na Hollanda obteve patente de S. M. para o dito governo, e agora quer que ella produza os seus effeitos, mas apezar d'isso não será nomeado, pois o rei quer que elle volte a França. Ferreira ouvio isto a um conselheiro de estado e pede que a noticia fique secreta.

Ha alli muitas novas de todas as partes da Europa, das quaes não é a menor a da guerra entre os Inglezes e os Hollandezes; mas falta-lhe tempo para escrever acerca das ditas noticias.

---

(2) « ... dat ick meyne gelh Godt heeft gewilt dat uwe sria soude syn den eersten executeur von dat syn, dat alsoo oock heeft geordonneert dat hy het eyndige, ende gel. ick daer van een motif hebbe geweest, soo sal ick het oock hier syn, op dat het geeffectueert werde... »

Do mesmo ao mestre de campo Francisco Bandeira de Mello, 22 de Setembro de 1652:

N'esta carta Ferreira trata da já mencionada procuração, e diz: « eu agora não me empenho tanto pela carta e procuração da Camara; a cousa não é muito para desejar, e me parece que esses senhores deviam rogar-me muito para aceital-a. V. S. tenha por certo que um outro gallo lhes cantaria, si eu fosse n'esta occasião procurador de Pernambuco, pois eu quizera que me cortassem as barbas, si não resolvesse S. M. a enviar-lhes ainda n'este mez de Setembro que corre uma armada para a restauração, porque eu sei como lhe havia de representar a cousa e de que meios me serveria para mover a vontade do rei, que só considera as despezas, e estas eu havia de mostrar que são nenhumas, ou que os meios podem ser achados independentemente da fazenda real. Aqui não ha ninguem que possa fallar por Pernambuco, nem fazer os papeis que são necessarios para tal fim, o que tudo eu posso mui bem fazer. »

Diz mais que D. Miguel de Portugal e Antonio de Albuquerqne, que estão providos de procuração, nada poderão fazer a este respeito. Façam (os de Pernambuco) o que quizerem, pois elle Ferreira não aceitará a procuração, sem que seja para isto rogado honorificamente.

O Conde camareiro-mor de S. M. foi enviado para a Inglaterra como embaixador, e seu primo Francisco Ferreira como agente. (4)

FIM

(1) Ha mais tres cartas de G. D. Ferreira, uma dirigida a seu filho (22 de Setembro de 1652), outra a Simão do Valle (5 de Outubro de 1652) e a terceira a Fellipe Bandeira (4 de Outubro de 1652). São destituidas de importancia.

DIARIO OU BREVE DISCURSO

ACERCA DA REBELLIÃO E DOS PERFIDOS DESIGNIOS DOS PORTUGUEZES DO BRAZIL, DESCOBERTOS EM JUNHO DE 1645, E DO MAIS QUE SE PASSOU ATE' 28 DE ABRIL DE 1647.

Escripto por um curioso que residia no Brazil no começo da rebellião, e que ainda agora ahi mora.

Arnhem, 1647

Depois que Deus Omnipotente permittio, por sua graça e divina protecção, que a geral e privilegiada Companhia das Indias Occientaes das Provincias Unidas Neerlandezas conquistasse no anno de 1628 a rica e inestimavel frota de prata de Hespanha, como a conquistou o bravo e heroico Pieter Pietersz. Heyn, o mesmo Senhor Deus fez ainda brilhar os raios de sua graça em prol da prosperidade da patria e da Companhia, com lhe entregar nas mãos, e tirar aos inimigos a sua formosa cidade de Olinda a 24 de Fevereiro de 1630, e depois o Recife com os fortes que o defendiam, ficando em poucos annos sujeito todo o paiz desde o norte do Ceará até a Bahia.

Que um pae, levado do seu amor e desvelo, não pode fazer maior bem e dar mais contentamento a seus filhos de que os nossos chefes o fizeram por vezes para com os Portuguezes, é de todo o mundo assaz conhecido, e elles memos devem de reconhecel-o em suas consciencias; pois, apezar de serem uma nação vencida, nossos inimigos mortaes, differentes de nós em religião, temperamento e costumes,—pospostas todas estas considerações, se lhes permittio o livre exercicio de sua religião e de suas cerimonias em todo o

paiz, com terem por toda a parte suas egrejas e capellas, onde faziam o serviço divino, e até na cidade Mauricia (pois que ahi dizia-se missa em dous logares); praça esta que, por ser indubitavelmente dos protestantes, devia estar isenta disso. Na magistratura foram elles admittidos, como escabinos, do mesmo modo que os nossos, sendo escolhidos em numero egual e investidos da mesma autoridade. Que maior consideração podiam elles desejar do que haverem sido empregados varias vezes em importantes e secretos negocios do Estado? Que favor não se lhes fez, que credito não se lhes deu (do que a Companhia, os mercadores e os particulares guardarão lembrança e sentimento nestes vinte annos), e até não fiamos das suas mãos os nossos corpos e as nossas vidas? Não se escolheu e nomeou em 1639 João Fernandes Vieira capitão de uma companhia de cavallaria(*ritmeester*) dos da nossa nação? Que mais se lhes podia dar ou que mais podiam elles desejar, sendo em cousas tão importantes mais favorecidos do que os nossos, os quaes, com razão, não se mostravam pouco ciosos disso?

Os nossos superiores, porém, conhecendo melhor e com mais penetração as cousas, esperavam que por esses meios converteriam o orgulho dos Portuguezes na bondade e nos costumes simples dos Hollandezes, e congraçariam os animos arredios pelos laços de um amor fraternal. O que d'ahi se seguio é mui conhecido de todos os que tenham estado no paiz durante algum tempo, embora diminuto, visto como desde a primeira hora em que conquistamos estas terras elles tem imaginado traições umas sobre as outras, pondo-as por obra de todos os modos, e com isso foram causa da morte de muitas centenas de homens, pois, emquanto durou a guerra, nunca ficaram tanto dos delles nas batalhas e rencontros a peito descoberto quantos (pereceram dos nossos) nas emboscadas, ciladas e traições que os Portuguezes constante-

mente machinavam contra os nossos. De dia, quando passavamos por elles, nos mostravam o melhor dos semblantes, e de noite formavam grupos para nos cortar o pescoço. Que attentados não engendraram contra este Estado? Uns surtiram effeito, e outros, por mercê de Deus, foram muitas vezes descobertos e patenteados; mas dos complices mui poucos foram punidos, os mais delles livraram-se, illudindo-nos com as suas palavras lisongeiras e affectada doçura.

Esse procedimento durou doze annos redondos até que os Portuguezes levantaram-se em 1640 contra o rei de Hespanha, e acclamaram rei a D. João o quarto deste nome, anteriormente duque de Bragança. Que diligencia e instancias não fez o embaixador portuguez Tristão de Mendonça junto ás suas Altas Potencias os Senhores Estados Geraes e sua Alteza para que o rei D. João obtivesse soccorro? Foi este promettido, e enviou-se-lhe uma poderosa frota de navios nossos e com os nossos melhores soldados. Como foi a nossa gente tratada em Portugal, melhor podem referir os que de lá voltaram. Os Castelhanos não destruiram a decima parte dos que foram victimas dos mesmos Portuguezes á mingua, e por mortes e veneno, com o que deram cabo da maior parte, e os restantes assim reduzidos, extenuados e enfermos, deram graças a Deus de se recolher a Hollanda. Estes foram os fructos que a nossa gente colheu das grandes promessas d'el rei D. João. E si tal é a cabeça, o que serão os membros?

Afinal fez-se a paz ou treguas dos dez annos, e se publicou por toda a parte e tambem no Brazil em 1642. Accenderam-se fogueiras em todos os logares. Pensavamos nós que os animos estavam ligados por um tão forte vinculo que podiamos descançar e dormir sem cuidados ou suspeitas!

JUNHO DE 1645

Mas, ah ! essa demasiada confiança illudio-nos miseravelmente, acarretou-nos incommodos e um damno irreparavel, levando-nos quasi á nossa ultima ruina ; pois ha tres annos que elles, sob a capa daquellas falsas treguas, tem secretamente concebido os seus personagens e meditado os seus papeis, assim em Portugal e na Bahia, como nestas partes, e agora começaram a representar uma tão cruel e sanguinolenta tragedia que geme o coração christão só com pensar nisso, o que, sem duvida, ha de durar ainda largos annos. Si o bom Deus, por sua grande misericordia, não se houvera amerciado de nós, hoje em dia nenhum de nós seria vivo, pois haviamos de ter sido cruelmente assassinados.

A conspiração delles permaneceu tão secreta e occulta que nada sabiamos até o meado de Junho pouco mais ou menos, e o que soubemos foi ainda revelado por alguem que havia assignado o pacto homicida. Por essa revelação fomos informados de toda a traição. E' facil de imaginar a perturbação, o alarma e a consternação que causou entre nós o receio de sermos feridos por tão inesperado raio e em tão má situação dos nossos negocios, por estarmos desprovidos de navios, de soldados e munições, e principalmente de dinheiro, que é o melhor nervo da guerra. Tinhamos somente dous pobres e grosseiros navios. Podiamos resistir a uma frota apparelhada que, sem duvida, viria em breve sitiar-nos por mar e por terra ? Que fazer ?

O primeiro acto da tragedia que elles assentaram de representar era semelhante ás bodas de Paris celebradas a 24 de Agosto de 1572, as quaes perdurarão longos annos na memoria dos homens. Antonio Cavalcante, portuguez, e um dos escabinos em exercicio desta cidade Mauricia, pretendia casar uma de suas filhas a 24 de Junho e fazer

nesse dia uma grande festa, para a qual convidára as principaes pessoas d'aqui, assim da milicia como da justiça, afim de se divertirem. Caro porém haviam de pagar o brodio, pois no mais caloroso da festa, e quando o vinho houvesse subido ás cabeças, os convidados seriam accommettidos pela gente para isso disposta, e depois, antes de sabermos do acontecido, nos sorprenderiam pela noite e far-se-hiam senhores desta praça. Graças sejam dadas ao Senhor que converteu em vergonha esse mao designio!

Tanto que foi descoberta a trama, fugiram o dito Cavalcante, João Fernandes Vieira e Amador de Araujo, reuniram uma multidão de pessoas, que faziam um soffrivel exercito, em diversos logares se formaram outros grupos, e entraram a pilhar aqui e acolá. De nosso lado tambem não dormimos, por toda a parte se deram as providencias que o tempo e a occasião permittiam. Os nossos superiores mandaram intimar por meio de editaes os revoltosos a comparecerem, mas elles não fizeram caso, e continuaram no seu mao proposito.

Puzemos tambem em campo um soffrivel exercito, composto tanto de soldados como de paisanos e indios, tendo por commandantes o tenente-coronel Hous e o capitão João Blaer, os quaes perseguiram o inimigo por toda a parte, mas não puderam obrigal-o a dar batalha; pois que os Portuguezes, fugindo sempre de um logar para outro, não queriam bater-se, mas juntar-se com as outras tropas, que andavam dispérsas, para então nos fazer frente com o soccorro que esperavam da Bahia por mar e por terra, ou emprehender alguma facção de importancia. O resultado se ha de saber em breve.

Com essa rebellião entrou tudo em desordem e confusão. O negocio está paralysado, os assucares por baixo preço, mas bem depressa podiam subir. O branco vale 14 escabinos, e o mascavado 9 por arroba. Emquanto esta guerra durar,

não se deve esperar pagamento dos Portuguezes, e ainda quando se restabeleça a paz, será necessario que decorra muito tempo, primeiro que tudo volte á ordem em razão do aquartelamento tanto da nossa gente como das tropas do inimigo, que estragam e espoliam tudo, e vão matando logo os bois, sem os quaes os engenhos não podem moer. Taes são os fructos desta maldita guerra!

Tinhamos em perspectiva uma safra extraordinariamente boa, que muito animava os mercadores d'aqui, pois contavam que no anno vindouro seriam pagos pelos Portuguezes e poderiam ir visitar a Hollanda com um bom retorno; e eís que em um momento se tornaram mais pobres do que d'antes eram ricos de esperanças! E' sem duvida lamentavel trabalhar por tão longos annos em terras tão estranhas para ganhar um *stuiver*, e em um lance d'olhos ver tudo perdido, graças ao senhor *Speck-Jan*. (1) Devemos imitar a resignação de Job e ter paciencia!

JULHO DE 1645.

A 10 de julho os supremos conselheiros enviaram a Bahia, como embaixadores, os senhores Balthasar van de Voorde e o capitão Hoochstraten para tractarem acerca do levantamento e rebellião dos Portuguezes. Os da Bahia se fizeram ignorantes, e dissimularam ou recuaram para formar o salto e inesperadamente cahir sobre nós; mas de ha muito que elles sabem perfeitamente da trama: as cartas interceptadas provam bastante contra elles, pois bastam ellas para mostrar que todos andam mancommunados, e que por consequencia são quebrantadores da paz e perfidos traidores, em quem se não pode depositar nenhuma confiança. A 28 deste voltaram os embaixadores com a sua má recepção e má informação, e

(1) *Speck-Jan*, João Toucinho (?), appellido com que os Hollanlandezes designavam os Portuguezes e os Hespanhoes.

assim agora esperamos a cada hora que nos affrontem com as suas fanfarrices *atoucinhadas*.

Actualmente a burguezia d'aqui e do Recife deve guardar as duas praças, porque poucos soldados se acham aqui por sahirem todos para o exercito. Queira o bom Deus tomar-nos sob a sua divina protecção, permittindo que recebamos de prompto soccorro da patria, poisque sem duvida a noticia da rebellião ha de fazer viva impressão na Hollanda e despertar a muitos que presentemente estão immersos em profundo somno.

A minha ultima carta dirigida a V. S. foi pelo *Moriaen* que partio d'aqui a 2 de Agosto deste anno, e nellas referi tudo o que diz respeito a esta inesperada rebellião dos Portuguezes. De então para cá occorreu o que se segue.

AGOSTO DE 1645.

A 3 de Agosto travou-se uma renhida batalha entre nós e os Portuguezes. Estes occupavam um logar vantajoso; denominado S. Antonio, sobre um monte alto e forte. Apezar disso, a nossa gente deu galhardamente sobre elles, de modo que empenhou-se uma terrivel escaramuça que durou algumas horas até que sobreveio a noite e nos fez retirar. Dos nossos ficaram mortos no logar de 30 a 40 homens ; foram feridos 163, dous tenentes, Hamel e Huyckersloot, e o alferes Ringholst morreram. O capitão André van Loo de Dorth, ferido mortalmente, foi trazido para aqui : morreu na tarde de 10 e foi enterrado no convento. O capitão Sickema, o tenente e o alferes Dorville jazem ainda feridos.

Os Portuguezes contam 460 entre mortos e feridos, e seis dos principaes rebeldes, uns mortos, outros feridos. Si o inimigo tivesse tanta experiencia da guerra quanto nós, nenhum dos nossos (segundo o juizo humano) poderia escapar. Faltou-lhes porêm essa experiencia, poisque elles

não passam de uma gentalha e canalha, que em sua maior parte nunca vio espadas nuas, e si não tivessem sido instruidos e animados pelos nossos transfugas, ter-se-hiam logo escafedido.

A 10 deste o inimigo em numero de 2400 homens chegou deante do Pontal, e poz-lhe cerco pelo lado de terra, de modo que a nossa gente não podia sahir senão pelo lado do mar. Abandonamos o cabo de S. Antonio e ahi foram elles aninhar-se.

A 11 a frota portugueza, composta de 28 vellas entre navios grandes e pequenos, veio ancorar deante do Recife, o que causou não pequeno susto. Logo que os navios fundearam, vieram á terra os seus commissarios. Discorreu-se aqui de um modo mui estranho sobre o que vieram fazer e sobre as suas intenções; mas o que se pode com verdade suppor é que vieram aqui somente para, como vulgarmente se diz, untar-nos mel nos beiços, porque, em contrario a sua expectação, tremulavam as bandeiras de Orange, e elles cuidavam nada menos que o Recife já havia sido tomado por D. João Fernandes Vieira, cabeça dos rebeldes, e mulato bastardo. (1) Pensavam pois que viriam passeiar em terra encasquilhados com a hespanhola rodomontada dos *grandes portuguezes;* (2) mas *Speck-Jan*, vendo que a sua esperança se desfizera em fumo, mostrou-se bom amigo, que não o é senão forçosamente, pois o nosso almirante, achando-se no fundeadouro somente com cinco navios, e tendo mais tres no porto (que não puderam sahir por ser contrario o vento) estava disposto a atacar com tão pequeno numero de velas, mas com grande coragem, a frota portugueza. Louvado seja Deus por ter dado tanta coragem aos nossos!

---

(1) «... *die een halve moor ende bastart is...*»

(2) « ..*ende dachten soo met kousen ende schoenen op de Spaensche Rodomontade na los Grandeses Portugeso aen t'landt te wandelen....*»

A 13, domingo, a frota portugueza partio do fundeadouro para Portugal (segundo diziam), tendo sido previamente abastecida de refrescos, o que deu muito que fallar ao povo, dizendo-se que os senhores do concelho alimentavam os nossos inimigos, e se respondeu a isto que eram amigos nossos. O que elles na verdade são, dirá o tempo. Ficaram no fundeadouro sete navios portuguezes que são da Bahia.

A 14 esses navios soltaram as velas, mas não puderam seguir a sua derrota por causa da forte corrente que vinha do sul. A' tarde entrou neste porto um navio das Indias Orientaes, o qual arribou aqui por causa do mao tempo e por falta d'agua. E' um hyate chamado *Zas van Gent*.

Na mesma occasião o nosso almirante largou o panno para, com os seus navios, acercar-se dos sete da Bahia; não puderam porem os nossos navios reunir-se por ser o vento sudoeste, e o almirante, depois de velejar um pouco, foi impellido muito para baixo e para junto do Recife (arrecifes), e teve de fundear de novo. Os outros navios seguiram, quanto lhes foi possivel, o inimigo que navegava para o norte, e no sabbado voltaram e fundearam neste porto. Não demos mais fé de algum navio portuguez.

Nesta data chegou aqui a guarnição de Serinhaem. A frota portugueza, de que acima fallamos, desembarcára 1500 homens no Rio Formoso; essa força e mais os moradores levantados dos logares visinhos em numero de 2000 cercaram aquella praça; depois de 9 dias de cerco, o commandante Samuel Lambert la Montangie, sentindo falta d'agua e de outras cousas necessarias, rendeu-se por accordo. Os Portuguezes enforcaram cruelmente nas palissadas da fortaleza os indios, que seriam em numero de trinta; e tomaram as armas e as munições da nossa guarnição. Ficamos pois sabendo com damno nosso que os Portuguezes são embaidores e traidores, e que vieram aqui so-

mente para, como dissemos, untar-nos mel nos beiços.

A 15 soubemos que o inimigo descia para o Recife; a nossa gente abandonou os Abcouques (Apipucos) e chegou ao Real, sendo aquelle (?) logar inteiramente esbulhado pela tropa. Esperamos hoje que o tenente coronel Hous e Blaer viessem com a sua gente para a cidade Mauricia, pois ao dito Hous tem sido por vezes ordenado que se retire para aqui; mas não veio.

A 16 de manhã, ao abrirem-se as portas, entrou aqui uma multidão de pessoas, que fugiam do Real e das plantações visinhas. Referiram que alguns milhares de homens do inimigo cercaram ao romper do dia o tenente coronel Hous e todo o resto do seu exercito na casa de Tourlon, onde se haviam recolhido, e que de todos os lados se fazia um vigo fogo. Algumas horas depois chegou-nos a noticia de que Hous capitulára com os Portuguezes, entregando a casa e todos os seus presos.

Portanto o inimigo tem agora presos os seguintes officiaes: o tenente coronel Henrique van Hous, o major Wilt Schut, o capitão João Blaer, tres tenentes, La Motte, Trelanus e Zacheus, e cerca de 270 soldados. Mataram todos os indios e mulatos. O inimigo apanhou os nossos na ratoeira, e fez o que o gato faz ao rato—engulio-os desde a cabeça até a cauda!

Esta perda enfraqueceu-nos muito e causou aqui grande consternação. Incontinente tomaram armas as nove companhias de burguezes, occuparam todos os logares em roda do Recife e da cidade Mauricia para fazer guarda de dia e de noite, visto como esperavamos o inimigo, cujo exercito distava somente meia legua das nossas muralhas; mas não appareceu.

A 17 começamos a demolir as casas da nova cidade Mauricia; esse espectaculo fazia dó, e principalmente o da fugida da pobre gente que mora-

va em torno desta praça, e cujos haveres tinha de deixar em poder do inimigo.

A 18 continuou a demolição das casas. Nesta data foram tambem abatidas e queimadas as casas e o bello palacio de S. Exc. o Conde Mauricio edificado em 1640. Lamentavel espectaculo! O damno foi estimado em uma grande somma.

A 19 continuou a demolição. Nesta data chegaram aqui um mensageiro e um tambor do inimigo que, segundo diziam, nos vinham intimar a rendermo-nos; acreditou-se porem que vieram ver si obtinham a soltura de alguns prisioneiros. Soubemos tambem que Hous, Blaer e outros presos estavam vivos.

Duas horas antes tinhamos enviado ao inimigo um tambor e um emissario.

A 19 a nossa gente matou por equivoco a Franchoys de Froger na cidade de Olinda, e foram conduzidos presos para o Recife alguns que estavam com elle, por se suppor que eram inimigos; mas, sendo logo depois desfeito o engano, foram soltos. Recebemos a noticia de que o alferes H. Struys foi morto perto da casa de Tourlon; servira como secretario em Serinhaem.

A 19 morreu em consequencia de suas feridas o tenente Guilherme Schot, e no mesmo dia o enterraram no convento.

A 20 continuou-se a trabalhar activamente nas nossas fortificações. Algumas pessoas, suspeitas de serem espiões, foram presas. Para maior segurança todos os prisioneiros portuguezes foram mettidos a bordo dos nossos navios. Do Pontal ou, por outra, forte van der Dussen recebemos nesta data a noticia de que os Portuguezes deram tres assaltos contra a praça, e que retiraram-se com perda de cem homens.

A 21 de manhã foram despedidos o emissario e o tambor do inimigo com os olhos vendados. A' noite voltou o nosso emissario, e referio que, como

fica dito, os nossos officiaes e soldados estavam vivos.

Foi despachado um dos nossos navios para ir buscar os nossos soldados que se acham no rio de S. Francisco e em Porto Calvo, e demolir os fortes. Essa força deve reunir-se comnosco para a defeza desta praça.

As fortalezas de Bruyn, Frederik Hendrick, Ernestus e Principe Willem estão bastante fortificadas, bem como o Recife e a velha cidade Mauricia. Si os Portuguezes (como nos ameaçam) nos atacarem por assalto, a cousa não ha de succeder sem muito derramamento de sangue. Graças a Deus, podemos haver viveres e alimentos razoavelmente, e si não nos faltar agua, poderemos manter-nos um bom espaço de tempo contra o inimigo, pois á burguezia não falta coragem. O nosso tambor nos trouxe a noticia de que João Bergerin e Jacob Vermeulen foram mortos pelos Portuguezes.

A 22 continuou-se, como nos dias precedentes, a demolir a cidade Mauricia e a levantar as nossas fortificações e mais obras, que agora acham-se em estado de defeza.

A 23 apresentou-se o inimigo á meia legua d'aqui, como si quizesse levantar algumas obras e entrincheirar-se nas plantações do Sr. van Uffelen; os Portuguezes foram tambem vistos assim a cavallo como á pé nas salinas. Nesta data queimaram-se as casas situadas fóra do forte de Bruyn.

A 24 e 25 continuou-se no trabalho da demolição da cidade Mauricia e construcção das fortficações. Hoje chegou-nos a noticia de que um dos nossos barcos, ao sahir do Pontal com destino a este porto, foi tomado com dous grandes balseiros pelo inimigo, achando-se nelles 400 pessoas entre homens e mulheres.

A 26, pelas 7 horas da noite, deram uma descarga de mosquetes no forte de Bruyn. A burguezia e os soldados tomaram armas immediata-

mente, e assim permaneceram até depois das 10 horas da noite ; mas, como nada mais soubessemos, retirou-se cada qual para o seu alojamento.

A 27, sabbado, trabalhou-se diligentemente nas fortificações e mais obras.

A 28 partiram d'aqui á noite uma galeota e um barco para o Pontal, mas tiveram de voltar por alguma falta que se notou no barco.

A' noite de 29 vimos velejando deante do Recife alguns barcos da frota portugueza. Tinham estado durante todo esse tempo na Bahia da Traição, que fica tres leguas ao norte da Parahyba. Elles nos quizeram fazer crer que a frota seguia em direitura para Portugal, e esses velhacos ainda pretendem ser tidos por nossos amigos !

A 30 fundeou no porto o navio *Overyssel*. O *Soutcland*, que estava um pedaço ao mar, foi seguido por alguns navios portuguezes. Os nossos navios, que se achavam surtos no fundeadouro, não puderam acercar-se dos portuguezes, por serem contrarios o vento e a corrente, e tiveram de ficar sobre ancoras. Nesta data chegou aqui um capitão do inimigo com um tambor para o fim de trocar alguns presos, e a 31 foi despedido.

Como fecho dos acontecimentos deste mez, diremos que estamos no Recife e aqui inteiramente cercados do lado de terra, pelo que não podemos haver agua doce nem refrescos, e temos de servirnos da agua de poços, que é um tanto salobra, e isto ha de causar no povo muitas e graves enfermidades, porque estamos aqui habituados a beber boa agua e a usar de refrescos, sem o que nesta terra não se póde passar bem.

Além dos presos já mencionados, o inimigo houve mais os seguintes: Johannes Listry, general dos indios, Johannes Velthuysen e João van den Broeck. (1)

---

(1) Deve ser *Matheus van den Broek*, autor do *Journal ofte Historiaelse Beschryvinge*, Anno 1651. Asher, n. 272.

O Pontal continúa cercado, e receio que, si não for soccorrido com viveres, munições e agua, essa praça terá de render-se, o que será para nós um grande damno e causa de enfraquecimento, pois dentro della se acham 400 homens entre soldados e paisanos. O commandante é o capitão Dirck van Hoochstraten, e alli se recolheram tambem o capitão de cavallaria Gaspar van der Ley (nomeado tenente coronel em substituição a Hous), o capitão João Hick e seu irmão, Alberto Gerrits, e outras pessoas principaes. Difficilmente podem sahir do forte; entretanto é bem necessario que aqui estivessem, e foram chamados. Si os Portuguezes houverem o Pontal, terão um porto livre, e poderão carregar de assucar commodamente os seus navios.

SETEMBRO DE 1645

De 1 até 5 de Setembro nada occorreu digno de menção, a não ser que continuou a construcção das nossas obras, trabalhando-se nellas diligentemente. O major Garsman veio do Rio Grande; diz se que será nomeado major general. Tambem chegou de Goyanna o Sr Servaes Carpentier e está de cama muito doente, e não sem apparencia de lhe haverem os Portuguezes propinado veneno. Nesta data chegaram dous negros, que fugiram ao inimigo, depois de terem sido apprehendidos por elle. Referiram que viram na fazenda ou cannavial do Sr. Grasvrinckel o inimigo degolar quinze dos nossos que haviam sido presos por elle; que os nossos soldados morriam diariamente de miseria, por não quererem servir com o inimigo, ao passo que os transfugas e os que se sujeitavam a servir eram bem tratados, e lhes pagava um mez de soldo, isto é, 18 florins, o que os Portuguezes fazem para attrahir a si a nossa gente e emquanto tiverem necessidade de seus serviços; mas o que afinal ha de succeder, mostrará o tempo. Eu receio muito que mais tarde os Portuguezes lhes

ensinem o jogo do *corta-cabeça* (1), ou lhes dêm passaportes e os mettam em caravelas velhas para medirem a profundeza do mar, poisque nenhuma confiança se pode ter nessa raça de mestiços. Hoje o almirante Lichthart se fez á vela com cinco navios para atacar os navios portuguezes, que ha de encontrar no Pontal ou em suas visinhanças. Provavelmente os Portuguezes não aguardarão os nossos, pois bem se lembram de quão mal se deram com o banquete dos marinheiros neerlandezes deante das dunas da Inglaterra: D. Fernando e D. Antonio de Oquendo, seus almirantes, devem de ter agradecido de veras á Nossa Senhora do Outeiro Escabroso (2) haverem-se livrado tão barato das garras do leão hollandez!

Na madrugada de 6 fez-se á vela d'aqui o capitão Willem Lamberts com tres barcos bem montados para ir buscar as guarnições, munições e outras cousas no Rio de S. Francisco e em Porto Calvo, o que virá muito a proposito para nos fortalecer um pouco. E' lamentavel abandonarmos tão facilmente ao inimigo praças importantissimas que tanto custaram á Companhia; mas é necessario que o façamos, por nos ser impossivel guarnecer e defender as nossas fortalezas com tão pouca gente, como a que temos aqui no paiz. Muito nos custa occuparmos e guarnecermos as praças principaes e mais importantes, como o Pontal, Tamaracá, Parahyba, Rio Grande. E' fora de duvida que os nossos inimigos se apossarão incontinente das praças que temos de abandonar, e se firmarão nellas, e que depois nos ha de custar muito rehavel-as. O rio de S. Francisco interessa muito á Companhia por causa do gado, e por isso deverá esforçar-se para recuperal-o Deus seja servido compadecer-se de nós por sua misericordia e tomar-nos sob a sua divina guarda! Esperamos

(1) Textual.

(2) *Onse Lieve Vrouwe van Scherpen-heuvel.*

que quanto antes nos venha soccorrro da patria, pois, si não formos soccorridos em tempo, bem pode ser que as cousas tomem aqui um mao aspecto e não tenhamos um novo anno. Mas o Senhor Deus, a quem toda a honra cabe, pode remediar e ordenar tudo pelo melhor

Como o navio *Leyden* está a partir, encerro esta, e me despeço até a proxima (carta).

A 7, estando o *Leyden* prompto para partir, esta manhã, como acima dissemos, chegou aqui um barco mandado pelo nosso almirante com a noticia de achar-se a frota portugueza na bahia de Tamandaré junto ao rio Formoso, e de a haver elle cercado. Immediatamente foram enviados para lá o *Leyden* e o *Eenhoorn* que chegára ha dous ou tres dias de S. Thomé com carga de assucar preto.

A 8 foram reparados para seguil-os os navios *Elias* e *Deventer*; vão nelles uma companhia de burguezes do capitão Jacob Hamel e mais uns 200 burguezes do Recife para atacarem corajosamente e derrotarem a frota portugueza.

A 9 de manhã cedo partiram estes dous navios com alguns barcos para se ajuntarem á frota do nosso almirante.

A 10 de manhãsinha chegou aqui um barco mandado pelo nosso almirante, trazendo-nos a mui grata noticia de haver elle com a sua frota de oito navios e alguns barcos derrotado completamente a frota portugueza a 9 de manhã cedo, a qual se compunha de 13 velas, entre navios grandes e pequenos. Os mais delles deram na praia, e os Portuguezes lhes deitaram fogo, sendo tomados dous navios e duas caravelas. O nosso almirante está agora occupado em recolher a artilharia, as ancoras e outros pertences dos navios portuguezes para trazel-os. Graças a Deus, não tivemos mais de tres mortos e dous feridos; quanto ao inimigo, não se sabe o numero dos seus mortos, porque os Portuguezes se lançavam á agua como ratos para se salvarem em terra, e pela maior parte se afoga-

ram. Poucos foram os prisioneiros que os nossos fizeram, abatendo os que lhes cahiam nas mãos. O almirante portuguez está ferido, e foi tomado pelos nossos com mais alguns prisioneiros. Os Portuguezes estavam occupados em carregar assucar: tiveram de pagar em dobro as recognições.

11—Foi essa uma grande victoria para nós, e brilharia com mais fulgor, si não fôra obscurecida pela triste noticia que chegou aqui na noite de 11; o major Hoochstraten, commandante do Pontal, fez entrega da praça ao inimigo a 5 deste mez, vendendo-a como um traidor. Foi recompensado com o coronelado de dez companhias dos Portuguezes; os demais officiaes foram tambem recompensados e adiantados na devida proporção. A justiça de Deus porém ha de punir, não com um castigo temporario, senão eterno, os que trahiram tão escandalosamente a sua patria e os seus compatriotas, levados pela maldita ambição!

Esta noticia causou aqui grande consternação, mas, mercê de Deus, a maior parte da população não perdeu o animo e a coragem. Vemos agora que no tempo que corre não se pode depositar confiança em pessoa alguma, pois quem supporia que Hoochstraten, Ley e outros, que se achavam dentro da praça, e que serviram tão fielmente á Companhia de 15 annos a esta parte, confiando-se-lhes os segredos do paiz, principalmente a Hoochstraten, que duas vezes foi enviado á Bahia como embaixador, quem supporia, dizemos, que elles pensassem um só momento em violar o seu juramento e em praticar uma tal deslealdade e traição, e muito menos que o fizessem? Parece que os dourados dobrões lhes offuscaram os olhos, e que a cubiça lhes fez perder a razão e a liberdade! Agora esperamos em Deus, pomos nelle todas as nossas esperanças; neste vendaval e perigosa tempestade é elle o nosso Supremo Piloto, a Elle clamamos no aperto em que nos achamos, como fizeram os seus discipulos quando estavam em perigo de nau-

fragar: « Senhor, Senhor, vinde em nosso auxilio, que nós sossobramos », Luc. 22. E pois confiamos que o Senhor nosso Deus acalmará esta tormenta levantada pelos nossos inimigos e confundirá os seus designios!

Sem duvida ha ahi alguns que assentiram á rendição mais por coacção do que por boa vontade; mas Deus conhece melhor os homens e sabe o que é melhor.

Bem podemos agora dizer que temos perdido as melhores perolas da nossa coroa, e que os que foram escolhidos para os mais altos cargos tem tido em maior estima os bens temporaes do que a sua honra e juramento.

As promessas que esses marranos lhes fizeram não hão de durar senão emquanto o bispo da Bahia ou uma bulla de Roma não os desobrigar dellas, poisque o principal canon do concilio de Trento é não se haver de guardar a promessa feita aos hereges, ainda quando subscripta pelo imperador ou pelo papa, como o mostra a sorte de João Hus e de Jeronymo de Praga em 1414 e 1415, restando-nos como estimulo de nós todos, que nos achamos no Brazil, o recurso de voltarmo-nos para o Senhor Supremo dos exercitos, e lhe enviarmos as nossas preces afim de que nos guarde de todos esses colligados Amalecitas e Philisteus, e conservemos a nossa coragem, o nosso mutuo amor e concordia, com preferirmos sacrificar os nossos bens e as nossas vidas no serviço e em defesa da nossa patria a sermos captivos e escravos entre esses marranos; certos de que Deus não nos ha de abandonar, e antes ha de mover o coração e accender o zelo de Suas Altas Potencias os Senhores Estados Geraes, de sua Alteza e dos Dezenove para nos soccorrerem, e lembrarem-se das santas palavras do grande Jehová: « Bemaventurados são aquelles que perseveram até o fim! »

A 12 soubemos com certesa que o inimigo as

sassinára o capitão João Blaer, e que o tenente Lamotte fôra esfolado vivo. Estas são as primicias do' quartel que os Portuguezes dão aos nossos. Esta noite a companhia de burguezes do capitão Gilles van Luffel veio montar guarda no terrapleno da cidade Mauricia, e em toda a parte se tomaram as necessarias providencias.

Hoje o major Garsman foi nomeado e provido no posto de tenente-coronel em substituição de Gaspar van der Ley.

A's sete da noite ouvio-se um vivo fogo de canhão e mosquetes da parte do reducto de pedra, ou *Guarda dos Judeus*, que fica cerca de uma legua d'aqui sob o monte de Olinda, durando o fogo desde ás 7 até ás 10 da noite. No reducto se acham 17 ou 18 dos nossos. E' um fortim que não tem entrada e muito defensavel: sobe-se a elle por escadas (portateis). Suppomos que já é do inimigo, tendo sido vendido por accordo ou traição, pois 2,000 homens não o podem tomar, sem que primeiro se faça sentir a fome; nós não podemos ir soccorrel-o, por termos muito que fazer (Deus nos acuda) com guardar a nossa praça. Certo, não vemos aqui como livrarmo-nos, si não nos vier soccorro da Hollanda.

A 1:: de manhã chegou um barco mandado pelo nosso almirante com uma porção de prisioneiros, e entre elles o almirante portuguez ferido em tres ou quatro partes, mas nenhum dos ferimentos é mortal. E' um octogenario, cujo semblante revela coragem. (1) Disse elle que, si os seus não o houvessem abandonado, a cousa teria corrido de outro modo. Os nossos navios ainda se acham no logar do combate, occupados em retirar alguns dos navios encalhados na praia; os nove navios restantes queimaram-se. Esperamos a cade hora o almirante Lichthart.

Pelas 9 da noite o mesmo fortim fez um vivo

---

(1) «...*een oud tachtiyh man, couragieus van ghesicht.*»

fogo. Entendeu-se que os patifes o fazem para nos attrahir para fóra do Recife e dar sobre nós.

A 15 de manhã chegou aqui o nosso almirante, e foi recebido com grande jubilo nosso pela victoria que alcançára em Tamandaré sobre os nossos inimigos. Os navios tomados ainda não se acham aqui, porque o almirante foi chamado e teve de vir no *Deventer*.

O almirante Lihthart, tendo voltado hoje de sua expedição, entregou ao Concelho Supremo, além do seu relatorio do que se passou, uma carta que interceptára ao inimigo, escripta pelo coronel Martim Soares Moreno ao governador da Bahia, na qual o dito coronel, depois dos cumprimentos, dá os parabens ao governador pela tomada do nosso forte de S. Agostinho, e refere os particulares da rendição. Em substancia diz que contractára com Hoochstraten dar-lhe 18,000 florins em moeda e um regimento de infantaria, e a Ley um habito de Christo etc.

A 16 os Portuguezes escaramuçaram fortemente com os nossos nas Cinco-Pontas e Afogados, o que durou algumas horas. Os nossos fizeram trabalhar galhardamente de todos os lados o canhão contra elles, e sem duvida uma porção dos contrarios deve de ter morrido. Podiamos ver perfeitamente a canhonada das nossas muralhas. Essa escaramuça bem póde ser o prenuncio do que esperamos a cada hora, um assalto geral. Esta noite veio vigiar no nosso terrapleno uma companhia de burguezes, cujo capitão é Bartholomeus van Ceulen.

Nesta data chegou um barco da Parahyba com cartas para os Supremos Conselheiros, nas quaes se lhes communica que um certo Francisco Fernandes de Bulhões esteve com o Sr. Paulus de Linge, director da Parahyba, e procurou corrompel-o, mas enganou-se; porque de Linge fel-o incontinente enforcar, e depois cortar-se-lhe a cabeça, que foi posta sobre uma estaca, e o corpo ex-

posto sobre uma roda. Para taes traidores taes premios! Desejára eu que todos os que aqui estão seguissem o exemplo do Sr de Linge, pois não se encontrariam tantos compradores de praça

Nesta data voltaram o sargento e o tambor que foram enviados hontem á cidade de Olinda para fallar com o inimigo. Referiram que 500 ou 600 dos contrarios tomaram o nosso reducto, mas não quizeram dar noticia da nossa gente que se achava nelle, o que faz presumir que tenham sido assassinados. Ameaçou vir visitar-nos esta noite, bravata que se desfez em fumo.

A's cinco da tarde de 17, domingo, partiram para a patria os navios *Leyden* e *Enhoorn*. Deus lhes dê boa viagem.

A 18 o Sr. Servaes Carpentier, coronel da burguezia d'aqui, deu a alma a Deus; no dia seguinte foi solemnemente enterrado, acompanhando o cadaver quatro companhias de burguezes com suas armas. Sepultou-se na egreja do Recife.

Hoje os fortes e as baterias atiraram vivamente contra o inimigo, que estava occupado em levantar algumas obras nas Salinas.

A's nove da noite houve rebate por duas vezes na cidade Mauricia, parecendo que os Portuguezes estavam promptos a atacar-nos. Tendo porém elles mandado alguns dos seus a sondar o rio (para achar o váo) por onde pudessem passar, fugio um dos seus mulatos que havia sido preso pelo inimigo, atravessou o rio, e advertio a nossa guarda que os Portuguezes nos queriam atacar, e disputavam com os transfugas que por força queriam ser os primeiros a assaltar-nos, ficando afinal a empresa adiada para a proxima noite. O que elles tentarão, mostrará o tempo, pois sem duvida a cousa não se fará esperar muito.

A 19 chegou a nossa frota com as presas de Tamandaré. Da Parahyba recebemos a noticia de que Antonio Cavalcante, um dos tres cabeças da rebellião e sanguinolenta tragedia, tendo sido alli

ferido em uma sahida, morreu em Goyanna em consequencia dos seus ferimentos.

A 21, João, appellidado *Stomp*, corneta do capitão de cavallaria Ley, apprehendido no Pontal, veio ter comnosco, correndo o maior perigo do mundo. e abandonando em S. Antonio sua mulher e seu filho. Avisou-nos de que o inimigo seguira com o melhor de suas forças para Tamaracá, afim de assaltar esse logar. Em razão deste aviso resolveu-se enviar mais gente para lá e providenciar sobre tudo.

A 22 de manhã cedo partio d'aqui uma galeota com um bom numero de soldados para reforçar a guarnição de Tamaracá, a saber, a companhia do tenente-coronel Garsman, cujo capitão tenente é Ter Veille, e mais a companhia do capitão Hendrick Advocaet.

A 23 esperamos as bravatas de *Speckjan*, mas faltou-lhe a coragem, graças a Deus, e não fez mais do que uma negaça para illudir nos, pois o dito do corneta verificou-se. Os Portuguezes seguiram com as suas melhores forças para Tamaracá a ver si alli se lhes deparava melhor ensejo do que aqui, por não ser mais do seu agrado morder as duras nozes que os nossos meios canhões lhes enviam, visto como os que as experimentam não precisam mais de confessor : vão em direitura para o purgatorio afim de serem purgados, como assucar.

A 24, domingo, o Sr. Adriano van Bullestraten, membro do Supremo Concelho, se fez cedo á vela para Tamandaré no navio *Deventer*, levando comsigo uma boa quantia em moeda, bem como viveres e munições de guerra para tudo prover, e dar providencias, de modo que, si o inimigo tentasse algum emprehendimento, fosse repellido. Em geral se crê que o inimigo emprehenderá necessariamente alguma cousa notavel, o que o tempo mostrará.

Hontem publicou-se tambem que dar-se-hia quartel aos transfugas e aos soldados obrigados a

servir no exercito inimigo, si se retirarem para aqui, menos a Hoochstraten e a outros que, segundo penso, terão todo o cuidado em não vir a esta praça.

A 25 chegaram aqui, de manhã cedo, dous barcos vindos de Tamaracá com a noticia certa de que hontem, 24 deste, que foi um domingo, cerca de 3.000 homens, assim Portuguezes como tranfugas e soldados nossos coagidos, atacaram, por volta das 7 horas da manhã, a cidade Schop na ilha de Tamaracá, e que foram valorosamente repellidos por quatro vezes. A nossa gente. posto que muito inferior em numero, atacou os inimigos com uma coragem e intrepidez indiziveis, fazendo fogo contra elles com tanta galhardia (até ás 4 da tarde) que os contrarios tiveram de fugir vergonhosamente. O combate durou sem cessar nove horas. Do inimigo achamos mortos no logar cerca de 250 homens, que foram enterrados em grandes covas, afóra os que os Portuguezes levaram e enterraram. Fomos informados por transfugas que com certeza ha mais de 400 feridos, uma parte dos quaes ficou em caminho. Retiraram-se em tal desordem que, si os nossos os tivessem seguido, os regalariam com um terrivel banquete; mas estavamos muito cançados. Tivemos 15 mortos e 10 feridos. Bilevelt, tenente do capitão Sluyter, morreu de uma bala; Jacques Bellan, alferes do tenente-coronel, foi atravessado tambem por uma bala no pescoço, de modo que difficilmente escapará, mas nós esperamos o melhor. Portou-se mui corajosamente no seu primeiro ensaio, pois ha poucos dias foi feito alferes. Dos officiaes do inimigo, que morreram, só sabemos do capitão Wensel Smit, elevado a este posto pelos Portuguezes. Era paisano, e annos atraz tinha sido tenente de Hoochstraten; mas sem duvida morreram outros que o inimigo levou. Hocohstraten ia sendo preso, mas livrou-se; dizem que uma bala lhe roçou pela pelle, quizera eu que lhe houvesse antes atravessado o coração. Foi

uma grande victoria para nós ; graças e louvores sejam dados a Deus.

Esperamos que, depois desta nossa victoria, o inimigo não ha de vir tão facilmente bater com a cabeça contra os nossos fortes. E' esta a quarta vez que nós o temos repellido : em Santo Antonio, Tamandaré, Parahyba e agora em Tamaracá. Elles acreditam que receberemos prompto soccorro da patria, e por isso procuram atacar-nos á viva força, persuadidos agora de que poucos mais mercadores de côrte (*Hoofsche Negotianten*) acharão que lhes vendam praças, como ultimamente ficou patente na Parahyha.

Hontem fizemos um prisioneiro, que nos deu a noticia de haver João Fernandes Vieira chegado com as suas tropas nas Salinas, logar que fica apenas a um tiro de canhão do forte de Bruyn, mas que não pode ser visto por causa do mato.

A 26 chegou um outro barco de Tamaracá, e confirmou o que acima foi referido. Chegaram tambem os nossos feridos. O inimigo teve talvez mais feridos do que dissemos. Camarão foi ferido de bala em ambas as pernas ; póde agora ficar sendo um bom *campanhista* entre as mulheres, e bem guardar as suas para acautelar que ellas não o façam um Acteon. o que não é fora de perigo. Dous cirurgiães, os Srs. Cosmo e Paulus, que foram apprehendidos pelo inimigo com Hous na casa de Tourlon, voltaram a nós durante o combate de Tamaracá, e por elles soubemos muitos segredos acerca da situação do inimigo.

A 27, de manhã cedo, fez-se á vela d'aqui para as Indias Orientaes o *Zas van Gent*, que esteve aqui surto durante algumas semanas para refrescar.

A 28 soubemos que João Fernandes Vieira, Martim Soares e outros sujeitos vieram procurarnos com todas as suas forças, mas a cousa não passou de uma rodomontada. Aproximem-se, e bem pode ser que os mais delles vão ao encontro

de S. Antonio e de S. Francisco, e lhes digam no purgatorio qual è o gosto das salsichas que os *Flamengos* estão fazendo dos porcos de S. Antonio.

Nota benè. Por porcos entendam-se os Portuguezes ou *Speckjan* ; S. Antonio é seu patrono, bem como dos porcos.

A 29 chegou de Tamaracá o navio *Deventer* com o Sr. Bullestraten, que alli e no forte Orange providenciou sobre tudo. A' noite voltaram o tambor e um dos nossos sargentos que foram ter com o inimigo a 22. Referiram que Hoochstraten desculpa-se de haver entregue o Pontal, com dizer que Gaspar van der Ley e o tenente Jacob Fleming concluiram o accordo em sua ausencia, e que elle não recebeu um real dos Portuguezes ; mas isso temos nós por patranhas que as mulheres velhas contam junto á roca ou quando adormecem as crianças, embalando-as. Si esse traidor é innocente, porque razão permittio que outros, inferiores a elle no posto, dispuzessem d'aquillo que lhe foi confiado sob sua honra e juramento ? Tem-se verificado o contrario, e o mostra o serviço que Hoochstraten está prestando presentemente ao inimigo. Henrique Dias tentou persuadir o nosso tambor e o nosso sargento a ficar entre elles com grandes promessas de dinheiro e adiantamento, o que recusaram redondamente.

Nesta data chegaram tambem um tenente e um tambor do inimigo

A 30 chegou do rio de S. Francisco o barco de Dirck Witte Paert, trazendo a noticia de que o forte, antes da sua chegada, capitulára com os Portuguezes por falta de viveres e munições. Nelle estavam duas companhias de soldados, as de Coin e Schacht, e varios individuos da nossa nação que se recolheram ao forte, os quaes (segundo se diz) foram enviados para a Bahia. Para a Companhia e para muitos particulares é esta, certamente, uma enorme perda que sentirão por muito tempo, pois esse logar era o viveiro do nosso gado, e sem elle

soffreremos grandes incommodos assim por causa da nossa alimentação como por causa dos engenhos, que, em não tendo bois, devem parar. De Porto Calvo nada sabemos, mas receiamos que tenha a mesma sorte. Soccorra-nos o bom Deus, que de presente nos achamos em um grande aperto! E' admiravel que os Dezenove estejam assim a dormir, e não tomem mais em consideração estas conquistas, que custaram tanta fazenda e tanto sangue. Não sabemos que pensar, vendo chegar somente um navio em dois mezes, pois é este o melhor tempo e estação, em a qual se costuma ter o maior numero de navios. Nós os esperamos soffregos, já que a nossa esperança está posta nelles, disso vivemos e por isso ainda temos coragem.

Para fecho deste mez, diremos que, como estavamos, continuamos ainda estreitamente sitiados do lado de terra, não podendo haver refrescos senão com grande perigo, pois o inimigo tem occupado todos os passos e caminhos, e com grande pezar não podemos fazer sortidas; de modo que agora são elles *maestros del campo*, e frequentemente devemos soffrer silenciosos as suas bravatas. As nossas obras estão bem fortificadas, e esperamos que, accommettendo-nos o inimigo, ellas lhe opporão um obstaculo não pequeno. Si os Portuguezes nos tivessem atacado a 16 de Agosto, quando aprisionaram o tenente coronel Hous e a nossa gente, a cousa estaria mal parada para nós, correriamos o maior perigo de perder esta praça, porquanto naquella epocha estavamos inteiramente abertos e fora de estado de defeza; mas a demora delles foi a nossa salvação. A nova cidade Mauricia foi demolida e está agora de todo destruida; o damno é grande e causa lastima ver. Muita gente morre diariamente pela razão já dita. A nossa esperança porém está posta no Senhor e no soccorro que aguardamos da patria.

OUTUBRO DE 1645

No 1°. deste chegou aqui o navio *Zeelandia* e o capitão Lamberts com os barcos que foram soccorrer o rio de S. Francisco e Porto Calvo. Estes chegaram lá muito tarde, e outra cousa não fizeram senão tomar ao inimigo uma caravela com generos, e como nada mais podessem fazer, tiveram de voltar.

Ha alguns dias que os Senhores do Supremo Concelho assentaram de fazer uma nova moeda, e já se cunhou uma grande somma em ouro de 3, 6 e 12 florins, o que vem muitissimo a proposito para contentar aos militares e a outras pessoas. Diz-se tambem que cunhar-se-ha moeda de prata; o tempo o mostrará. Não basta louvar, deve-se admirar o zelo e a diligencia com que Suas Senhorias têm tratado da defeza deste e de outros logares, poisque dia e noite providenciam sobre tudo.

A' noite de 2 trouxeram preso um dos nossos soldados que pretendia passar-se para o inimigo.

A 3 de manhã foram ainda presos alguns dos nossos que queriam passar-se para o lado contrario. Receio que esses taes estejam cheirando á corda, pois é possivel que montem guarda amanhã entre o ceo e a terra.

A 4 tambem foram conduzidos presos alguns dos nossos soldados, os quaes pretendiam passar-se para o inimigo, envenenar os generos, encravar as peças do forte dos Afogados, e tocar fogo nos quarteis; mas foi tudo descoberto, e já alguns torturados.

A 5 chegaram um tambor e um sargento-mór do inimigo. Tanto quanto se pode saber ao certo do que se trata, o inimigo pede tres mezes de treguas, e que o seu almirante seja trocado por 15 ou 16 dos nossos. Do nosso lado pedio-se Hoochstraten em troca do almirante portuguez, ao que este se oppoz, dizendo que não quer ser trocado por um traidor, e que, sendo elle um honrado ca-

valheiro, tal troca não lhe faz honra. Como se fará a troca, dirá o tempo.

6—Esta manhã reunio-se o Concelho de guerra para tratar do negocio dos soldados acima mencionados. Nesta data se deram duros tratos a alguns, que accusaram a certos judeus, dous dos quaes foram presos.

Hoje foi citado por editaes e á toque de caixa Dirck van Hoochstraten e Barent Hendricksz., que entregou aos Portuguezes o forte da cidade (Olinda), para dentro de 8 dias virem se defender aqui. Acreditamos que elles terão bastante juizo para não virem cá, pois, ainda quando as suas barbas estivessem tão crescidas e espessas, como as do velho grego Ajax, mestre Henrique em um momento as cortaria tão eguaes que elles jamais teriam necessidade de barbeiro. E' lamentavel que homens, a quem se fez tanta honra e tanto bem, tenham trahido vergonhosamente a patria por um punhado de ouro. cobrindo de uma infamia eterna e indelevel a si mesmos, a sua geração e descendentes. Hoochstraten esqueceu-se de Deus, de sua honra e juramento, conspirou com D. Antonio Telles da Silva, governador da Bahia, acerca de todos esses attentados, cujos effeitos têm sido tão sanguinolentos, e ainda não estão findos, e antes pelo contrario apenas começam. Mas ai d'aquelles que são causa do mal : o sangue innocente clama vingança no ceo contra elles, e Deus, que é justo e tudo vê, ha de tomar contas aos crueis tyrannos e confundir os seus conselhos!

A 8 partio o emissario do inimigo sem ter feito cousa alguma.

A 9 a companhia de David Sluyter veio de Tamaracá para esta cidade Mauricia, sendo substituida alli pela do capitão Willem.

A 10 foram disparados alguns tiros de canhão nos fortes Ernestus e de Bruyn contra o inimigo: os nossos pretendiam demolir o velho reducto das Salinas. Si somos bem informados, o inimigo le-

vanta alguns fortes no interior para cortar-nos a passagem por toda a parte.

A 11 foram apprehendidos aqui um Italiano e um Wallão que queriam passar se para o inimigo. Os outros foram soltos, por se ter verificado que eram innocentes.

A 14 recolheu se uma tropa dos nossos, que passou a noite de emboscada e afugentou uma partida de inimigos. Passou-se mostra a uma nova companhia de burguezes, cujo capitão é Kelan Snyder, tenente de Jager, e alferes Helleman, totos paisanos. O Sr. Adriano van Bullestraten, conselheiro supremo, partio, ha alguns dias, no *Zelândia* para a Parahyba, onde foi providenciar sobre tudo, porquanto os Portuguezes seguiram para lá com o melhor de suas forças com o fim, ao que parece, de tirar desforra da affronta que lá receberam. A certesa desta noticia e o resultado do commettimento saberemos na primeira occasião. Mas esperamos que elles não sahir-se-hão melhor do que em Tamaracá, e ultimamente no Rio Grande, onde os nossos com os tapuyas e os indios brazilienses (1) mataram os Portuguezes, que alli se levantaram contra nós. Esperamos tambem que na Parahyba já tenham sido tomadas taes providencias que não se lhes depare ensejo de atacar esse logar.

16—Fazem hoje dous mezes que estamos cercados, e este espaço de tempo nos parece um anno, pois o tempo passa fastidiosamente para quem está assim encurralado. A falta de refrescos e de agua causa em muitos graves enfermidades. O gado está todo consumido, e tudo é tão caro que não sabe uma pessoa do povo como haver o seu alimento por mais tempo. Deus venha em nosso auxilio! Si isto durar mais dous mezes sem che-

---

(1) *Brasilianen*, assim denominavam os Hollandezes aos *Petiguares* para destinguil-os dos tapuyas.

N. do Trad.

garem navios, havemos de nos entregar ou perecer de fome. Confiamos em Deus e no suspirado soccorro.

A 18 apprehendemos um indio do inimigo, e por elle soubemos da situação deste. Confirmou que os Portuguezes partiram para a Parahyba, ficando aqui somente uma parte do seu exercito. Si tivessemos forças, deviamos agora tentar um commettimento notavel, mas não podemos perder gente. Esta manhã o inimigo apprehendeu seis dos nossos que sahiram para haver algum refresco, entre elles o artilheiro do forte de Bruyn.

Todos as nossas obras estão duas vezes mais fortificadas, de sorte que o inimigo não encontra mais ensejo de as levar de vencida, como d'antes, quando apprehendeu o tenente-coronel Hous. Si os Portuguezes nos houvessem então atacado, nos poriam em grandes apuros e nos fôra impossivel resistir-lhes.

19 — Hontem e esta noite os Portuguezes levantaram um grande incendio. Suppomos que é a queima dos cannaviaes do Real e da Varzea. Sendo assim, é provavel que *Speck-Jan* queira partir d'aqui, por estar soffrendo falta de varias cousas necessarias, o que causa grande mortandade entre elles. Si forem outra vez repellidos da Parahyba, o padre vigario d'elles bem póde arrumar a mala e cantar a ladainha de Santo Antonio—*Ora pro nobis, Sancti Antonii*—e dizer o ultimo *adeus* (1) a estes logares.

A 20 e 21 continuaram os Portuguezes com os seus incendios Sahio uma força de 70 homens a dar sepultura a alguns cadaveres que haviam ficado no campo a 18 do corrente. Observaram que um dos nossos tinha o nariz e as orelhas cortadas contra todo o direito da guerra : é esta a velha indole tyrannica dos Hespanhoes, ainda muito arraigada em seus corações. A nossa gente es-

(1) Textual.

palhou papeis, em que são convidados com promessa de quartel os nossos soldados, que o inimigo coagio a servir com elle, a passarem-se para nós, avisando-se-lhes que, si não o fizerem e forem apprehendidos em rencontros, batalhas, emboscadas, ou de qualquer outro modo, não lhes havemos de dar quartel, e serão mortos.

Agora não ha mais quartel, porque elles não o querem dar aos nossos indios, matando a quantos apprehendem. Isto amedronta *Speck-Jan* : alguns por esta razão e por causa da penuria já se retiram para a Bahia, pondo se assim fóra da terra. E quando não damos quartel, dizem: « *os flamengos saon todos diablos.* » (1)

A 22 chegou uma galeota da Parahyba com a noticia de que os Portuguezes se estavam fazendo mui fortes no engenho de Jonghe Neel. Esta noite sahio uma força d'aqui para emboscar-se.

A 23, pelas duas horas da madrugada, ouvimos um forte tiroteio : era a nossa gente que escaramuçava com o inimigo nas Salinas, e isto durou duas horas. Do lado do inimigo houve sete mortos e alguns feridos, que salvaram-se. Os mais dos contrarios eram transfugas, que nos deram muito que fazer, pois os Portuguezes não resistiriam por tanto tempo. O forte de Bruyn deu um tiro, e immediatamente toda a burguezia tomou armas.

Nesta data chegou do Rio Grande o Sr. Adriano van Bullestraten com tres barcos, deu alli as suas providencias, bem como na Parahyba. Os indios brazilienses e os tapuyas mataram a todos os Portuguezes que poderam haver ás mãos em uma redondeza de vinte leguas, de modo que aquelles logares estão mui assolados (*desolat*) : os selvagens tapuyas querem agora fazel-o duramente a sua vontade como donos.

De 24 a 28 os Conselheiros Supremos deferiram juramento a todas as nove companhias de bur-

---

(1) Textual.

guezes, comparecendo cada dia perante elles duas companhias, e assim prestaram todas o juramento de fidelidade.

A' tarde chegou aqui um emissario do inimigo que de manhã cedo foi despedido ; deu se-lhe tanto menos importancia quanto a sua commissão nada tinha de particular. Pedio para ficar aqui dous ou tres dias, e, sendo-lhe isto recusado, teve de ir-se embora.

Os nossos navios e uma outra embarcação foram diligentemente preparadas para irem cruzar ou tentar alguma cousa que prejudique o inimigo.

A 30 chegou o navio denominado *t'Huys te Merwe* vindo da patria, d'onde partira ha nove semanas, o que causou extraordinaria alegria, pois mais de dez semanas são passadas, sem que tenha aportado aqui um só navio da Hollanda. Este sahio com destino á Angola; si ficará aqui ou si seguirá para o logar de seu destino, o tempo mostrará, poisque temos muita necessidade desse navio e dos soldados.

Ha dous mezes que não tem vindo um só navio de Angola, e por isso ignoramos em que estado as cousas alli se acham. Por cartas da Bahia dirigidas ao inimigo, que foram interceptadas, somos informados que elles enviaram para Angola quatro navios com 400 ou 500 homens, de sorte que alli ha de succeder sem duvida o mesmo que aqui, trabalhos e carencia das cousas. Perdendo-se Angola, o que Deus não permitta, metade da ruina do Brazil está consumada, porque, si Deus fôr servido, como esperamos, que conservemos a nossa superioridade, o preço dos negros ha de subir consideravelmente, visto como os Portuguezes mandam todos os negros que apanham aqui para a Bahia, onde valem de 200 a 300 reaes de oito, e sem negros é impossivel conservar o Brazil.

A 31 chegou de Amsterdam o navio *Witte Hoop* com 13 semanas de viagem, o que causou

tambem no povo grande alegria. Oxalá não tardem os outros navios com o esperado soccorro !

NOVEMBRO DE 1645

No 1º de Novembro voltou o alferes Jacques Bollan sem ter podido levar a effeito o seu commettimento : os Portuguezes oppuzeram uma forte résistencia atirando vivamente contra os nossos que afinal tiveram de retirar-se.

A 2 chegou aqui a lancha do navio *Overyssel* com a seguinte noticia : o navio *Hollandia*, vindo da patria, descahira muito para o sul do Cabo, e suppondo os que estavam a bordo que o Pontal nos pertencia ainda, quizeram aportar na lancha para haverem agua e refrescos, de que estavam muito necessitados. Aproximando-se porém o dito navio, os Portuguezes atiraram da bateria que está sobre o monte do lado do mar. Não sabiam os nossos o que isto significava, pois estavam longe de pensar que os Portuguezes se achavam nos nossos fortes. A felicidade de todos foi chegar a elles o *Overyssel*, que andava cruzando naquella paragem, e assim souberam que o Pontal fôra vendido ao inimigo pelo traidor Dirck Hoochstraten e entregue a 11 de Setembro. Admirados ficaram todos os do *Hollandia* com ouvirem tão extranha noticia, e saberem que tão repentinamente as cousas tinham mudado aqui. Si os Portuguezes não houvessem atirado, poderiam facilmente pôr o *Hollandia* em aperto, ou pelo menos a lancha com a gente que nella estava. Parece que *Speckjan* temia que o *Hollandia* fosse assaltal-os ; tão medrosos são os traidores ! E mais medo têm elles dos nossos navios do que de S. Antonio ou de S. Francisco ; basta ouvirem pronunciar o nome do nosso almirante para tremerem e se benzerem mais de um cento de vezes.

Foi uma grande felicidade e mercê de Deus escapar assim o *Hollandia* á dansa mourisca ; o con-

trario disto seria um grande damno e a ruina de muitos, pois o *Hollandia* estava bem carregado. Louvores sejam dados a Deus por sua mercê! Este navio nos reanimou muitissimo, e veio muito a proposito por já começarem a faltar os viveres: a manteiga estava consumida, vendendo-se a libra por 5 a 6 florins, a libra do toucinho por 14 *stuyvers*, as hervilhas a 14 *stuyvers* o *kan* (litro), a farinha que antes do cerco custava de 5 a 6 escalinos o alqueire (medida de 26 *kans*) vale agora 28 escalinos, e tudo o mais nesta proporção, o que certamente causa grande embaraço e miseria ao pobre povo e aos burguezes, que pouco tem para gastar, visto como os pobres camponios e os moradores hollandezes que fugiram para aqui não tem que ganhar. A morte faz numerosas victimas entre os burguezes e os soldados em razão das innumeraveis molestias occasionadas por falta de boa agua e de refrescos, o que afflige e causa dó ver e ouvir. Mas nós esperamos que o bom Deus não nos ha de desamparar, e quanto antes chegará aqui um bom soccorro para então podermos atacar essa sucia mourisca, bem como que, antes de Fevereiro, elles se convençam de que para quem muito emprehende (como esses patifes fizeram) o dia 2 do dito mez de Fevereiro é festa da *Candelaria* (1), e nós os façamos voltar á Bahia, onde os seus habitam, para haverem delles soccorros, antes que os *Flamengos* (como elles nos chamam) os obriguem a seguir viagem, não para ir ter com Nossa Senhora do Outeiro Escabroso, mas para o purgatorio. Sem oculos elles bem puderam ver do reducto de Olinda virem os nossos navios da patria, de modo que no dia de Todos os Santos, que é no 1° de Novembro, elles imploraram com dobrada razão os seus santos com um *ora pro nobis* a guardal-os dos *Flamengos*, e lhes prometteram grandes velas de

(1) Allusão ás velas de cera que os catholicos promettem aos santos em casos de aperto.

cera. Quem tivesse tanta cera que desse para carregar um navio, poderia vendel-a a dinheiro ou por assucar com um lucro de mais de cento por cento, e em breve proporcionaria um bom retorno a uma porção de avisados e diligentes mercadores. Creio que desde o menor até o maior bem desejariam elles estar n'aquelle logar donde procedem !

A 3 de manhã cedo, tendo os Portuguezes solemnisado com extraordinaria rodomontada a festa de Todos os Santos e de todas as almas, apresentaram-se deante das nossas muralhas. Tinhamos fora uma força que escaramuçou bravamente com elles; a refrega durou mais de uma hora, e podia ser vista perfeitamente das nossas muralhas. Os fortes Waerdenburgh, Ernestus e de Bruyn fizeram uma vigorosa canhonada, com o que os Portuguezes deram apressadamente ás de Villa Diogo. Sem duvida foram-lhes enviados confeitos tão pesados que alguns succumbiram ao peso, e esses taes não terão necessidade, no anno vindouro, de offertar aos seus santos os promettidos brandões. A nossa gente retirou-se em boa ordem, sendo reconduzida na lancha do forte Waerdenburgh.

A 4 voltou Gaspar Baheem, que, como dissemos, sahira em um barco para haver novas do estado de Porto Calvo. Querendo tomar terra em Barra Grande, acharam os nossos esse logar occupado pelos Portuguezes, e estes os receberam com tão vivo fogo que os nossos tiveram de se fazer na volta do mar e de retroceder para d'onde haviam partido. Não ha duvida que devem de haver aqui muitos traidores que avisam a cada momento os inimigos do que se passa; os Portuguezes aguardam diligentemente esses avisos e sabem tirar proveito delles; pois nada occorre aqui que os traidores, offuscados pelo ouro, não lhes communiquem. Mas ai d'aquelles que o fazem !

A 5 aportou aqui a salvamento o navio *Hollandia*. Nesta data foi aqui sepultado Gerradt Hick, senhor do engenho *Massiape*.

A 6 o capitão Hendrick Advocaet da Camara de Enckhuysen deu a alma ao Senhor no reducto denominado *Jufrau de Bruyn*, e no dia seguinte foi sepultado no convento. Nesta data partio para a Parahyba o navio *Utrecht* afim de carregar de assucar. O navio *Zelandia*, que lá estava chegou aqui, porque assim exigio o nosso heroico almirante Lichthart. Falla se aqui em uma frota que tem de vir de Portugal. Graças a Deus, temos agora tão bons cavallos marinhos no fundeadouro e tambem no porto, que o nosso bravo chefe (*Wimpelman*) não ha de deixal-a fundear e haver refrescos tão commodamente, como aconteceu em Agosto ultimo; elle a observa como um Argus, e toda a sua gente valorosa a espreita tambem diligentemente assim em navios como em barcos, de modo que (graças sejam dadas a Deus) do lado do mar nada temos que receiar de *Speck-Jan*.

9 e 10—Esta noite sahio desta praça uma grande força de soldados, paisanos e indios, commandada pelos capitães Rymbach e la Montangie, com os tenenes Jacob Heldt e Harsteyn, os alferes Willelm Rotbberts e Jeronymo Helman, em numero de cerca de tresentos homens, todos bons soldados. Esta gente esteve á noite de emboscada, esperando o que o Sr. Blaeu nos annunciára, isto é, que quinhentos dos nossos soldados que foram coagidos na casa de Tourlon e no Pontal e os transfugas queriam passar-se para nós, uma vez que nós os auxiliassemos. Mas, sendo os nossos chegados, acharam que, pelo contrario, os transfugas tinham somente feito crer aquillo ao Sr. Blaeu para assaltar-nos e apertar-nos; suppondo pois a nossa gente encontrar amigos, deparou com inimigos, que estavam em posição vantajosa, e flanquearam os nossos de um modo admiravel, por não serem elles poucos, mas em numero superior a 2,000 homens. Não perdemos a coragem. Vendo Rymbach que foramos trahidos, atacou bravamente os inimigos e saudou os com uma tal des-

carga, que muitos delles foram de ventas ao chão, e não terão mais o pensamento de levantar-se. Harsteyn secunda-o com outra descarga, e cahe mui perto do inimigo morto por uma bala infeliz. Continúa o combate, todos cumprem o seu dever, mostrando que possuem animos rectos e que queriam tomar vingança da affronta feita aos seus compatriotas, agora transfugas malditos e infames; cahem com furia sobre os contrarios e enviam a muitos para o reino de Plutão. Vendo os nossos claramente que tinham sido trahidos, retiraram-se á semelhança do piloto avisado que, quando conhece estar eminente uma grande tormenta, colhe as velas até que a tempestade tenha passado. Retiraram-se pois em boa ordem para se porem sob a proteção da nossa fortaleza Willelmus, e deram outra descarga sobre o inimigo, a quem o nosso canhão não se descuidou de enviar tambem uma salva. Emfim retiraram-se de parte a parte, dando os nossos tempo a D. João para agradecer ao seu Santo Antonio, e resmungar o seu *Pater Noster* e *Ave Maria*, contar o caso e dar graças aos santos por se haverem livrado tão barato das mãos dos *Flamengos*. Com effeito, si o inimigo não fora avisado desta nossa facção, poderiamos certamente ter-lhe feito um grande damno e uma grande affronta. E' lamentavel que nenhum dos nossos designios possa ficar secreto, e que sejamos assim trahidos dentro desta praça por delatores, de modo que não se passa a minima cousa que não seja logo communicada por escripto ao inimigo, e dest'arte muitas emprezas que são tentadas mallogram-se com grande detrimento do Estado e da Companhia.

Entre feridos e mortos temos mais de 40 homens, inclusive o tenente Harsteyn. O alferes Helman está ferido. Os mais dos mortos e feridos são paisanos, que foram como voluntarios, e que, como homens desesperados, deram mui calorosamente sobre os Portuguezes e os transfu-

gas. Gritava-se: *mate*, *mate*, a quem apparecia, pois não se dá mais quartel. (1) Nada obstante, as temerosas descargas dos nossos arcabuzes, mosquetes e fuzis fizeram não pequeno detrimento ao inimigo, e o puzeram em desordem, pois é certo que cinco dos delles contra um dos nossos ficaram feridos ou mortos. A maior parte da tropa inimiga, afora os transfugas e os soldados da Bahia, se compõe de criados, mulatos e quejanda canalha; gente esta que não tem experiencia do manejo do mosquete ou arcabuz, e é mais propria para o trabalho ou para serem escravos do que para a guerra. Ai de João Fernandes Vieira, Cavalcante, Amador de Araujo e outros que são a causa de se haver derramado, por amor delles, tanto sangue innocente, e do que ainda se ha de derramar! No dia do ultimo juizo se lhes ha de pedir contas!

Hoochstraten e Albert Gerritz Wedda tambem estiveram presentes. Wedda estava a cavallo junto aos lanceiros portuguezes (dizem que elle é capitão de uma companhia de cavallaria) e estimulava a sua gente a atacar-nos. Quem teria alguma vez pensado que gente da nossa nação, offerecendo-se hoje um tão bello ensejo, não se esforçasse por vir ter com os seus amigos e compatriotas, que os esperavam com os braços abertos, livrando-se a si mesmos da escravidão para gosar do nome de patriotas!

No bolço de um dos *dons*, que ficaram mortos no logar do combate, achou-se um diario do que se passava entre elles, uma carta que lhe foi dirigida por seu pai, e mais uma outra fechada a João Fernandes Vieira, na qual, sabendo os da Bahia do encontro dos Portuguezes com os nossos em Tamaracá, dizia-se que não tinham a esperar delles nenhum soccorro por então. Assim parece que

(1) « ...ende al wat voor den vuyst kwam was : matte, matte, want geen kwartier wast meer gehouden...

começam elles a deitar agua na furia e no fogo que impensadamente atearam.

A 11, de manhã cedo, sahio d'aqui uma força para enterrar os cadaveres que hontem ficaram no campo. Trouxeram o cadaver do tenente Harsteyn que foi sepultado hoje no convento. Chegou o navio *Zelandia* da Parahyba, e passaram-se para cá um corneta e dous soldados que tinham sido apprehendidos na casa de Tourlon.

A 13 fez-se á vela o barco de Simão Slecht com 40 judeus, commandados por um capitão judeu. Seguiram para o norte, e em Tamaracá serão reforçados por alguns indios. O tempo revelará o que vão fazer.

A 14, terça-feira, pelas sete horas da manhã, passou-se para o nosso lado uma companhia de gente nossa composta de 55 homens com o seu capitão Claes Claesz. e alferes Thomas Kock, que a isto foram constrangidos pelo inimigo. Pertencem ao numero dos que se achavam no Pontal, todos bons e lusidos soldados, que nos faziam grande damno. Nós e elles folgamos com serem vindos, e por haverem-se salvado do perigo, pois o inimigo começava a olhar de revez para o dito capitão, e este bem avisado andou procurando a sua segurança, e evitando o mal e o perigo que estavam eminentes sobre a sua cabeça. Entre os Portuguezes (como atraz dissemos) é maxima não serem elles obrigados a guardar a palavra dada a hereges (assim nos chamam) As promessas, o semblante risonho e as extraordinarias mostras de affeição de que ha tão pouco tempo se serviam para attrahir os nossos, tudo agora mudou ; os honrosos epithetos e palavras amaveis que agora usam para com os nossos são : *cachorros*, *filhos da*..., *velhacos de flamengos*. Si os nossos sahem fora do quartel, são espancados pelos assassinos, atormentados e mortos ou arcabusados nos mesmos quarteis. Os que não querem servir voluntariamente são enviados para a Bahia de *Baixo*, e mor-

tos em caminho nas matas ou fora das estradas. A mais insignificante palavra ou replica (?) da nossa gente é uma sentença de morte; as victimas são levadas, como innocentes cordeiros, ao matadouro por este ou aquelle miseravel. O capitão Blaer, Albert Holl, escolteto de S. Antonio, e David van kessel e mais outras pessoas de qualidade foram mortos por elles. Oh ! malditos e ferozes tyrannos, crueis marranos, a vossa crueza que tem causado o derramamento de tanto sangue innocente não se ha de abrandar nunca? Quando vos conquistamos, procedemos assim para com aquelles que se puzeram sob a nossa protecção? Tigres feros e marranos sedentos de sangue, esperamos em breve pôr fim a vossa carreira! A justiça de Deus ha de vingar em vós e vossos filhos pelo quadruplo o sangue innocente derramado !

A fuga da referida companhia, sem duvida, ha de ter causado grande perturbação entre os Portuguezes, porque por ella fomos avisados ponto por ponto de toda a situação do inimigo. Ficamos sabendo que lavra a discordia e o ciume entre João Fernandes Vieira e Hoochstraten ; que elles desconfiam dos transfugas e dos coagidos, aos quaes certamente já terão desarmado, procurando somente uma occasião para fazel-os dansar na corda ou jogarem o jogo do *corta-cabeça.* Entre elles não ha justiça nem disciplina militar, que é o sustentaculo da guerra, e ha tantos senhores commandantes, que reina um verdadeiro cahos. Assim nós confiamos que, como elles emprehenderam esta guerra impia sem fundamento, direito ou razão, não a possam sustentar por muito tempo, e que tudo redundará em damno e vergonha para todos os que foram causa della, o que Deus permitta.

Esta noite partiram d'aqui duas forças; para onde vão mostrará o tempo.

A 15 Jacques Bollan sahio em um barco com uma força para certo commettimento.

A 17 passou-se para o nosso lado um mulato,

trazendo-nos a noticia de que os Portuguezes, tanto que souberam da retirada do capitão Nicolaes no dia 14, desarmaram todos os nossos e os enviaram para a Bahia, isto é, para a *Bahia de Baixo.* E para nós uma triste noticia a de haver sido assassinada tão luzida gente! Dest'arte os Portuguezes cortaram com a mão esquerda a mão direita, porque os nossos eram a sua guarda avançada; *Speckjan* imitou a marcha do caranguеijo. Um dos nossos nos fazia mais mal do que dez Portuguezes, como a experiencia nos tem assaz mostrado. Agora que lavra o ciume entre esses chefes cerberos, o seu reinado terá prompto fim; a rebellião dos Portuguezes e a violação do juramento dos da Bahia, que romperam a paz, acarretarão sobre elles um tal castigo do ceo que, emquanto o mundo existir os vindouros o rememorarão, pois a justiça divina não deixa nunca ficar impunes os que nesses actos de paz invocam o seu santo nome, jurando que a guardarão, e violam-na depois tão levianamente. Outrosim aquelles que são desleaes e traidores para com a patria não escaparão ao castigo merecido; os que porém permanecerem fieis e forem constantes, dando assim coragem, devem esperar do Senhor Deus um bom e santo exito.

A 18 chegou de Terra-Nova e nos veio muito a proposito o hyate *Phœbus Paleys* carregado de bacalhao. Partira da Hollanda ha cinco mezes, e será despachado para lá na primeira occasião. Passou-se revista de mostra á companhia do capitão Claes.

A 19 morreu no Recife o Sr. Henrique Hamel Junior, filho do Sr. Henrique Hamel, conselheiro supremo do Brazil. Era capitão tenente do fallecido Servaes Carpentier. A 20 foi enterrado na egreja, sendo acompanhado por uma companhia de burguezes.

A 21 veio um barco de Tamaracá, pelo qual soubemos que a tropa dos judeus, de que acima

fallamos, estava ainda alli, e aguardava somente vento á feição para effectuar o seu designio.

A 22 chegou aqui um barco vindo do Rio Grande, trazendo-nos a noticia de haver alli chegado Jacques de Bollan com varios barcos. Os nossos e os indios eram em numero superior a 500 homens, e sahiam directamente ao encontro do inimigo.

Dous indios do inimigo passaram-se para nós. Confirmaram o que acima dissemos—que todos os *Flamengos* foram desarmados e enviados para a Bahia, e que Hoochstraten e o commandante do reducto foram presos. O que nisto ha de verdade não se sabe, mas pode bem ser.

A 25 foi apprehendido um negro pertencente a Hoochstraten. Chegou aqui com uma *baneca* (1) ou canastrel cheio de fructas que estavam envenenadas. Alguns, que provaram dellas, entraram logo a vomitar sangue e toda a sorte de immundicie. Os soldados, que estavam perto do canastrel, o tomaram e lançaram n'agua. Apre! traidores, não ousando encarar-nos com coragem, tentais aniquilar-nos pelo veneno e pelo assassinato. Hoochstraten não sabe que praticas diabolicas ponha por obra para vingar-se da sentença que foi proferida contra elle e o commandante do reducto, e pregada na forca, pela qual foram comdemnados como traidores a serem degolados e esquartejados com confiscação de todos os seus bens.

A 26 chegou Pieter Duynckercker, capitão da nossa caravela, trazendo uma outra por elle tomada ao inimigo, a qual ia para a Bahia com o carregamento de 165 pipas de vinho madeira e outros generos, tendo a bordo 40 homens e algumas mulheres. Essa presa não veio fora de proposito para nós e para a Companhia afim de tomarmos de quando em quando sobre a agua salobra um ou dous copos de vinho.

---

(1) Panacum ?

A 27 voltou ao porto o nosso *Dogh-boot* (2) que sahira a cruzar. Nada fez.

Nesta data indo uma mulher para os Afogados foi presa em caminho pelo inimigo que a levou para o Real de Bom Jesus, ameaçando enforcal-a. Sabendo porém pela mulher que tinha sido tomada a dita caravela, onde havia mulheres, *Speckjan* cantou outra cantiga e soltou a apprehendida dando-lhe dinheiro e refrescos. Esta mesma noite voltou ella, trazendo uma carta dirigida pelo coronel Hoochstraten ao capitão Nicolaes. Nessa carta pedia Hoochstraten ao capitão que quanto antes executasse o projectado designio de entregar esta praça ao inimigo, e que elle capitão ou o seu alferes fosse ter com Hoochstraten em tal tempo na ponte da Boa Vista para mais de espaço e verbalmente conversarem acerca da empresa. Tudo isto foi inventado para levar á forca o capitão Nicolaes, mas este foi previdente: quando lhe entregaram a carta, elle a apresentou fechada como estava aos Supremos Conselheiros, que bem entenderam a traição de Hoochstraten, e a sua astucia judaica para o fim de ser morto o capitão Nicolaes. Não sabendo Hoochstraten como vingar se delle, procurou por esse meio tornal-o suspeito a nós e perdel-o. Ainda que a mentira seja ligeira, a verdade sempre a alcança: damos pouca importancia a esta carta e a todas as suas rodomontadas.

A 28 chegaram aqui dous navios de Angola, um chamado *Charitas*, e outro *de Vlucht* (este é um *flibot*). Trouxeram 500 peças (negros) e partiram a 4 deste de S. Paulo de Loanda. Ha mais de quatro meses que não recebiamos noticias de lá, pelo que estavamos cuidando que os Portuguezes tinham retomado Angola. Mas, graças a Deus, as cousas correram de modo mui differente do que pensavam: elles suppunham que tomariam tudo do primeiro salto, e o plano falhou, de sorte

---

(2) *Doggerboot*, barco para a pesca do arenque.

que alli estavam em guerra entre si. Segundo o que se communicou do dito logar, alguns conservam-se ainda occultos. As treguas e a confiança que depositavamos em taes patifes nos illudiram. Esta é a noticia que nos mandaram de Angola.

A 30 partiram para Angola o navio *Huys te Merwe* e o *Cat sonder Ooren* com o Sr. Ouman, general de Angola.

DEZEMBRO DE 1645

No 1.º de Dezembro enviamos ao inimigo as mulheres Portuguezas apprehendidas, as quaes lhe levam um pouco de seu vinho madeira, bacalhao, manteiga, pão e queijo, afim de que os Portuguezes vejam que (graças a Deus) temos ainda viveres aqui para manter-nos. A morte faz grandes estragos entre os burguezes e os soldados, o que, sem duvida, nos enfraquece muito. Supponho que o mal procede da agua má que bebemos e da falta de refrescos ; pois aqui no mesmo dia gosa-se saude e morre-se. Queira o Senhor Deus compadecer-se de nós, e por sua graça e misericordia vir em nosso auxilio, visto como essa molestia pestilencial nos enfraquece tanto que não se póde dizer por escripto, e, a continuar assim, não saberemos que fazer. Esperamos porém que Deus dirigirá tudo pelo melhor.

A 2 chegou o navio *Swaen* de Delft, que largou de Goeree a 16 de Outubro em companhia do *Hollandia*. Este é esperado a cada hora. Hoje veio ter comnosco um dos Turcos de João Fernandes Vieira com a noticia de que entre os Portuguezes havia falta de tudo, pelo que as tropas da Bahia amotinaram-se e queriam partir.

A 3 chegou um barco vindo do Rio Grande com o alferes Jacques de Bollan. Este atacou o inimigo que se havia fortificado de tal modo que difficilmente se chegava a elle ; depois de ter escaramuçado por algum tempo, a nossa gente retirou-se

com perda de um homem e vinte e quatro feridos. Quantos perdeu o inimigo, não podemos exactamente saber.

6—Passou-se para nós um indio do inimigo; trouxe-nos uma lista assim da força vinda da Bahia, como da nossa gente que se acha com os Portuguezes, o que tudo perfaz o numero de 2,200 homens, e mais 2,000 dos moradores rebellados, que nos cercam. A 4 deste elles mataram os nossos soldados com a maior tyrannia do mundo, e talvez alguns officiaes que estavam ao seu serviço. Segundo refere o mesmo indio, mataram tambem o capitão de cavallaria Gaspar van der Ley. Uma tal crueza faz arripiar os cabellos a quem é christão só com pensar n'isso. O Senhor Deus não ha de deixar tamanha malvadeza impune, mas a seu tempo tomará contas a esses maus tyrannos do sangue innocente derramado. Reduziram á escravidão as mulheres e meninos e os destribuiram entre si, e até alguns foram torturados e mortos. Não se póde descrever a animosidade que esta noticia causou na nossa gente. Si o Senhor Nosso Deus nos fizer triumphar delles, havemos de tratar e castigar esses marranos do mesmo modo, e com razão não deixaremos no berço nenhuma de suas crianças, pois esses traidores merecem ser exterminados e extirpados da terra, que não são dignos de pisar. Queiram os Protectores e Paes da Patria, os Senhores Altos e Poderosos Estados Geraes, fazer justiça e tomar represalias nelles do mesmo modo, e esperamos que o farão. A França e a Inglaterra não o esquecerão facilmente, porquanto muitos Francezes e Inglezes foram tambem mortos. Parece que o rei de Portugal, D. João IV, desculpa-se dessa obra da rebellião dos Portuguezes, e não quer saber della; mas o contrario disto mostra a carta interceptada que elle assignou e dirigio a Salvador Correia de Sá Benevides, almirante da frota do Rio de Janeiro, recommendando-lhe que observasse a ordem qne lhe fosse dada

por Antonio Telles da Silva. vice-rei da Bahia, (1) e este lhe recommendou que com a sua frota, composta de 32 velas, entre navios grandes e pequenos, ficasse surto deante do porto do Recife durante o tempo de dous mezes, para cercar-nos por mar e vigiar os nossos navios ; plano sem duvida bem combinado, mas que mallogrou-se por mercê de Deus.

Foi tambem referido pelo mesmo indio como cousa verdadeira que Hoochstraten é ás vezes atacado da molestia reinante, e então fica tão desarranjado que deve ser guardado com muita vigilancia. O que ha nisto de verdade não sabemos com mais segurança do que a que resulta do dito do indio; mas é certissimo que a má consciencia de Hoochstraten (que é a causa de tanto derramamento de sangue) o atormenta d'esse modo, e que o sangue innocente vertido está a vingar-se delle.

Chegou o *Hollandia* vindo da patria bem provido de polvora e bala. Veio muito a proposito por haver escassez de munições.

A 9 aportou o navio *Soutland* (um dos nossos cruzadores). Deu caça a uma caravela, que foi seguida por outro cruzador nosso. Esperamos receber em breve uma boa noticia do resultado.

A 10 recebemos a noticia de haverem chegado 1,500 homens do inimigo na Parahyba ; pela maior parte é gente vinda do Maranhão. O que elles emprehenderão mostrará o tempo.

A 11 entrou a nossa galeota com uma caravela

---

(1) Eis a carta do rei de Portugal, cujo original se acha no archivo de Haya: «Salvador Correia de Sá e Benavides. Eu El-Rei vos envio muito saudar. Se emquanto vos detiverdes n'esse Estado houver n'elle avisos porque se haja por certo será commettido dos inimigos desta coroa. e vol-o requerer o governador Antonio Telles da Silva, vos detereis n'elle em quanto durar a occasião, e bem creio eu de vós que sem esta ordem minha o fareis, se houver causa que o peça. Escripta em Alcantara aos 9 de Maio de 1645.—REI —Sobrescripto: Por El-rei.—A Salvador Correia de Sá e Benavides do Conselho ultramarino e general das frotas do Brazil.—Com o sello real. »

tomada em Mongarpe (Maranguape) carregada de vinhos de Hespanha, farinha, azeite e outros generos. A caravela pretendia ir para a Bahia, mas veio para aqui a proposito.

A 12 partio o navio *Zelandia* para a patria; Deus lhe dê boa viagem.

A 13 chegou de Tamaracá a companhia do tenente coronel Garsman e partio para lá a do capitão Vorsterman.

A 15 chegou um barco do Rio Grande com a noticia de haverem chegado 700 ou 800 indios brazilienses e tapuyas, que vieram do Ceará em nosso auxilio.

A 16 de manhã partiram d'aqui em uma galeota para o Rio Grande o capitão Rymbach e o capitão tenente Dorville afim de reunir da nossa gente quanto pudessem levantar e mais os ditos indios. Isto sem duvida derramará entre os Portuguezes um grande terror, porque os tapuyas são antropophagos e seus inimigos figadaes, e tambem o são os indios brazilienses; como não se dá quartel ha de haver grande derramamento de sangue. O que acontecer soará.

Sete ou oito dos nossos homens que iam para os Afogados foram mortos em caminho pelo inimigo que estava de emboscada. Os fortes dos Afogados e das Cinco Pontas fizeram um tal fogo contra a tropa inimiga que, segundo dizem os transfugas, se contam mais de oitenta dos seus entre feridos e mortos.

A 17 seguiram tres barcos para Tamaracá. Parece que ha um plano; o tempo mostrará.

A 19 passou-se para nosso lado um judeu que fôra apprehendido pelos Portuguezes. Contou que estes passaram uma revista geral de mostra, e que ameaça assaltar-nos na primeira occasião; mas pouco receiamos as suas fanfarrices.

A 23 chegaram aqui um Portuguez e um tambor enviados pelo inimigo, trazendo cartas dos nossos officiaes que se acham presos na Bahia.

Pediam seis semanas de treguas, o que foi recusado, pelo que tiveram de retirar-se immediatamente.

A 27 chegou um barco da Ilha de Fernando com a noticia do mau estado das cousas n'aquelle logar, e por isso os Conselheiros Supremos, que pretendiam mandar para lá o navio *Tamandaré* com 500 ou 600 negros, resolveram envial-os para as Indias Occidentaes afim de serem negociados, porque é impossivel mantel-os alli (aqui?) por falta de viveres e refrescos, onde morrem em crescido numero com grande prejuizo da Companhia. E' certissimo que, si a Companhia conservar estas conquistas, os negros serão extraordinariamente caros, e não poderão ser obtidos em numero sufficiente para o meneio dos engenhos e cultura das terras, porquanto os Portuguezes já têm enviado uma grande porção de negros para a Bahia, e quando elles tiverem de retirar-se, enviarão o resto.

A 31 sahio daqui uma grande força dos nossos, mas recolheu-se no dia seguinte de manhã sem nada haver feito.

Com isto terminamos este anno, e pedimos ao Senhor Deus seja servido proteger-nos e vir misericordiosamente em nosso auxilio, e livrar-nos das mãos de todos os nossos inimigos por honra do seu nome. Amen.

SEGUNDA PARTE

JANEIRO DE 1646

Por mercê de Deus entramos no anno novo, e a Deus rogamos que nelle nos proteja, guarde e favoreça, concedendo-nos melhor fortuna do que no passado, o que esperamos da divina graça. Continuaremos a referir o que se passar nesta guerra dos Portuguezes, posto que pouco seja (o que teremos a dizer) por estarmos encerrados nesta praça; cerco este que confio se levantará em breve com o esperado soccorro da patria, e que então teremos materia para referir cousas de importancia.

No 1º. de Janeiro foi preso aqui um negro que tem morto a outros com veneno, e nomeadamente a um que, bebendo com elle um pouco de garapa, tão depressa bebeu como cahio morto, e isto na presença de varias pessoas Em poder desse negro encontraram-se diversos venenos dentro de uma caixa, com os quaes elle pretendia envenenar os nossos poços. É fora de duvida que alguns traidores fazem o seu jogo por intermedio desse negro. Os Portuguezes, não tirando proveito de atacar-nos corajosamente e a peito descoberto, procuram executar os seus maus designios pela perfidia ou pelo veneno propinado por traidores que residem entre nós, e que elles angariam com dobrões ou com grandes promessas. Os dobrões hespanhoes operam maravilhosamente os seus effeitos nessas creaturas dos Portuguezes, pois nada se passa aqui, por insignificante que seja, que o inimigo não saiba logo, como claramente se tem verificado pelos negros que, ao passarem-se para o inimigo, são apprehendidos.

A 2 passou-se para o nosso lado um negro que pertencêra a Sua Excellencia. Chama-se Francisco, e havia sido preso pelo inimigo. Referio que os Portuguezes mataram a todos os nossos (com

excepção de tres) que se achavam entre elles; que primeiro mataram e depois esquartejaram o capitão de cavallaria Gaspar van der Ley. Para termos certeza disto, esperamos informações posteriores. Pode-se ver agora que confiança deve merecer o quartel promettido por *Speck-Jan*. Quando vier o nosso soccorro, esperamos pagar-lhes na mesma moeda. Francisco disse tambem que entre elles ha falta de tudo, principalmente de sal, azeite e vinho.

A 6 fez-se á vela para o Rio Grande o Sr. Pedro Jansen Bas, Conselheiro Supremo, com a companhia do capitão Rymbach afim de dar providencias alli e nos logares visinhos, bem como visitar os indios brazilienses e os tapuyas que vieram em nosso auxilio. Si houvesse chegado da patria o nosso soccorro, seria esta uma boa occasião para apertarmos o inimigo por deante e por detras, mas, como esse auxilio nos falta, é forçoso pacientarmos. Tambem se diz aqui que os Portuguezes enviaram tres barcos para o Ceará afim de tratarem com os indios (suppõe-se que estes são em numero de 700 homens). Como os emissarios desses indios estavam aqui no Recife, elles mataram os Portuguezes e lhes queimaram os barcos. Os ditos indios já chegaram ao Rio Grande

A 7 partio o navio *Tamandaré* (uma das presas) com 400 negros para serem negociados nas Indias Occidentaes. O desejo dos Srs. Conselheiros Supremos era mandal-os para a ilha de Fernando, mas, como ahi não se pode obter viveres e refrescos para tanta gente, resolveram envial-os, como os enviaram, para as Indias Occidentaes.

A 8 passou-se para o nosso lado um dos indios brazilienses do inimigo. Por elle pouco soubemos acerca da situação dos Portuguezes.

A 9 o inimigo tomou, entre os Afogados e as Cinco Pontas, dous dos nossos indios brazilienses e matou a um.

A 10 foi torturado o traidor Rodrigo de Barros,

porque, como já foi dito, mandava cartas e avisos ao inimigo, sendo negros os portadores de suas cartas. Nega tudo o que lhe é imputado; foi confrontado com os negros que persistiram nas suas declarações anteriores. Rodrigo de Barros é um verdadeiro traidor, que por quatro vezes tem sido perdoado; esta vez porém bem pode ser a ultima.

A 11 chegou de Angola um hyate com cerca de 250 negros. Os nossos tiveram lá com os Portuguezes um renhido encontro. Estes foram tão bravamente atacados de um lado pelos nossos, e do outro pelos negros, que ficaram no campo 300 ou 400 delles, e o resto teve de salvar-se fugindo.

Pelas 8 horas da noite de 12 vieram os Portuguezes fazer bravatas deante do nosso forte Waerdenburgh. Parecia que queriam atacal-o; mas o nosso canhão os recebeu de modo que tiveram de retirar se com nariz de palmo.

A 15 chegou ao fundeadouro um dos nossos cruzadores Cruzára deante da Bahia, e diz que alli estavam carregando 24 velas. Corria tambem que chegará aqui uma frota vinda assim do Rio de Janeiro como de Portugal, o que pouco receiamos, pois o nosso almirante espera tratal-os como os tratou em Tamandaré Temos, graças a Deus, 14 bons navios e outras embarcações, com os quaes podemos resistir ao inimigo Uma galeota e um barco partiram para o Rio Grande com viveres.

A 17 sahio a cruzar o hyate *Tonyn*.

A 18 foram aqui açoutados e marcados a fogo quatro negros que costumavam levar ao inimigo as cartas de Rodrigo de Barros e de outros traidores.

A 19 começou-se a levantar um forte de madeira entre as Cinco Pontas e os Afogados para tornar segura a passagem de um a outro logar, porque os Portuguezes a fazem mui perigosa, e cada dia tomam ou matam alguns dos nossos. Tambem derrubou-se o mato junto aos Afogados, onde de ordinario o inimigo se põe de emboscada.

A 20 o dito fortim foi posto em estado de defeza

A 21 chegou o navio *Trou van Vlessingen*, que nos trouxe uma mui feliz noticia, a saber, que foi conquistada a cidade de Hulst por Sua Alteza. Trouxe-nos tambem a noticia de que brevemente chegará o soccorro da patria, que esperamos soffregamente, visto como com este prolongado cerco cada vez ficamos mais apertados. Por falta de refrescos grande mortandade dizima a nossa gente, e ha muitos doentes que são atormentados por inchação nas pernas, de que muitos ficam suffocados (*vertiscken*); a agua salobra deve ser a causa principal do mal. Esperamos que (os da Bahia), sabendo que está a chegar o nosso soccorro, farão retirar as tropas vindas de lá para guardarem o seu proprio ninho, o que Deus permitta.

Por cartas vindas no dito navio se nos communicou que Gaspar Dias Ferreira foi preso na Hollanda por ter connecimento da traição dos Portuguezes d'aqui, e manter correspondencia com os de Portugal. Não nos regosijou pouco sabermos que essas perfidias foram descobertas, e que o passaro está na gaiola. Desejamos que todos os que nos trahem sejam do mesmo modo perseguidos, pois somos vergonhosamente trahidos. Nada se passa aqui que os Portuguezes não saibam logo; mas afinal de contas esses traidores hão de receber o seu premio.

A 22 de manhã cedo o tenente-coronel Garsman com cerca de 400 ou 500 homens tirados de todos os nossos fortes e com duas peças de campanha marchou para o nosso fortim, ficando de emboscada no mato duas forças. O inimigo, que o não sabia, passou por ellas, e de improviso foi de tal modo saudado que teve de tornar a passar o rio com perda de uma porção dos seus. O nosso canhão não errou o alvo, de sorte que elles tiveram 50 homens entre mortos e feridos, e por causa da nossa forte canhonada puzeram-se ao fresco. Em-

quanto a nossa gente escaramuçava com o inimigo, foi abatido o mato. Não tivemos nenhum morto, e somente quatro feridos. A' noite Pedro Duynkerker trouxe uma presa, isto é, uma caravela carregada de 225 caixas de assucar, a qual ia do cabo de S. Agostinho para a Bahia. Nessa caravela achava se Albert Gerritz. Wedda, que salvou-se em terra com os outros.

A 24 renderam-se graças ao Senhor Deus em todas as egrejas pela victoria de Hulst alcançada por S. A o Principe de Orange: dirigiram-se ao Senhor ardentes preces para que seja servido ajudar-nos contra os nossos inimigos, e recebermos de prompto o soccorro da patria. Depois da acção de graças os soldados e os burguezes marcharam em armas, e em torno das muralhas e fortes deram se tres descargas assim de mosquetes como de canhão. Em summa demos todas as mostras de regosijo, conforme permittiam as nossas tristes circumstancias. Esperamos que, com o favor de Deus, obteremos breve o nosso livramento destes grandes apuros em que ha seis mezes nos achamos. Agora reservam-se todas as quartas-feiras para as preces publicas em virtude de ordem dos nossos superiores, os quaes expediram varios editos para o fim de ser devidamente guardado o sabbado do Senhor e os dias de preces publicas.

A 25 veio uma partida inimiga fazer bravatas tanto deante do forte de Bruyn como da Boa-Vista, gritando elles: « venham cá, cachorros de framengos, venham buscar farinha, cajús e laranjas. » (1) Os nossos responderam: « venham vocês buscar os seus navios e caravelas com os seus vinhos e assucares etc., que lhes tomamos. » Um dos *Toucinhos* (*Specken*) subio a uma arvore para se fazer melhor ouvir, mas um dos nossos atirou e o

---

(1) « Vein aca cacieres de framengos, Vein boscair farinha, acayous laranges, etc. »

passaro veio a baixo, de modo que a um tempo perdeu a voz e a vida.

A 27 chegou um barco da Parahyba, trazendo-nos a noticia de que o capitão Pedro Braziliense com duas companhias de indios brazilienses bateu uma grande força portugueza, ficando 30 no campo, alem dos que elles levaram (como é seu costume) com cabos que trazem adrede para esse fim, e por isso raramente se encontram muitos mortos. E' incerto o numero de feridos que tiveram. Os indios recolheram umas cem armas que o inimigo largou fugindo.

A 31 soubemos com certeza que Camarão se fortificára com 700 homens no Rio Grande, e que os nossos iam ao seu encontro com todos os nossos indios brazilienses sob o mando do capitão Rymbach e do capitão-tenente Dorville. Assim na primeira occasião teremos provavelmente noticia de um rencontro.

FEVEREIRO DE 1646

No 1º de Fevereiro a maior parte dos nossos navios surgiram no fundeadouro, os outros ficaram no porto, mas seguirão tambem para lá. Corre o boato que chegará uma frota portugueza. Graças a Deus, nós a esperamos com boas disposições, porque podemos formar uma frota soffrivel juntamente com os navios que estão cruzando. Falta-nos porém gente. Permitta Deus que recebamos brevemente o soccorro da patria, pois, para fallar a verdade, o Estado do Brazil está agora pendente de um delgado fio.

A 2 chegou um dos nossos barcos da ilha de Fernando com um bom numero de gallinhas e milho, o que vem muito a proposito para os doentes; mas pouco aproveita aos pobres, porque se vende a cabeça por 5 e 6 florins.

A 3 partio para o Rio Grande o barco do capitão Dirck Witte Paert com alguns soldados, e to-

mará mais gente em Tamaracá para reforçar a Rymbach.

A 4, domingo, chegou um barco do Rio Grande com a seguinte noticia: a nossa gente, fazendo o numero de 1.100 homens, comprehendidos os nossos e os indios brazilienses, atacou a 27 do mez passado o inimigo que se entrincheirára junto ao engenho Cunhaú, situado entre o Rio Grande e a Parahyba. O capitão foi o primeiro a atacar com a nossa gente, mas foi gravemente ferido no hombro por uma bala, e teve de retirar se. Succedeu-lhe Otto ter Ville, capitão-tenente do coronel Garsmam que no primeiro ataque foi ferido no coração e cahio sem proferir mais uma palavra. Veio substituil-o o tenente Breentsma, que foi tambem ferido, e, depois de duas horas de combate, os nossos retiraram-se em boa ordem, conservando-se bem uma hora em forma de batalha á vista do inimigo, a quem assaz provocaram a ver si tinha coragem de sahir a atacar-nos, mas parece que essa lhes faltou. Dos nossos ficaram no campo 26 homens e foram feridos cerca de 70. Segundo parece a falta de viveres, fez com que a nossa gente se apressasse a atacar o inimigo, porquanto, si o tivessemos cercado somente durante cinco dias, o inimigo ter-se-hia rendido por si mesmo, ou teria de abrir caminho, o que era mui difficil, porque havia somente uma passagem por onde os contrarios se retirariam, e isto os nossos poderiam impedir sem custo. Mas, como os nossos se achavam possuidos de muita animosidade e desejosos de vingança contra os Portuguezes, foi impossivel conter a colera em que estavam abrazados, por causa da crueldade e tyrannia que os Portuguezes tem usado para com os nossos compatriotas. Essa crueldade, que a penna não póde referir, tem sido praticada não somente para com os nossos officiaes presos, soldados, moradores e indios brazilienses, mas ainda para com os de Serinhaem que se puzeram tão voluntariamente sob a sujeição delles;

pois, segundo fomos avisados a 17 do mez passado, os Portuguezes assassinaram os moradores hollandezes, accusando-os de nos terem informado acerca da situação da sua frota, que os nossos tomaram em Tamandaré. Roelandt Carpentier, possuidor do engenho Rio Formoso, fez accordo com os Portuguezes, e ficou no mesmo engenho sob a salvaguarda delles ; mas os Portuguezes, querendo fazer-se senhores de um tão bom esbulho, accusaram-n'o (Deus sabe com que pretexto) de traição, e sem forma de justiça o degolaram. Onde jamais se ouvio fallar na christandade de semelhante tyrannia, violando-se assim tão facilmente as promessas e a salvaguarda concedida ? Isto provem do que já dissemos a este respeito a 11 de Setembro. Os de Serinhaem soffrem agora o castigo de terem confiado tão levianamente nas promessas dos Portuguezes, bem como de se haverem obrigado por juramento a estar sob a obediencia delles, tornando-se inimigos da egreja de Deus e dos nossos compatriotas, poisque bem podiam retirar-se para aqui com os outros.

A 7 chegou da Hollanda o navio *t'Hugs van Breda*, tendo durado a viagem nove semanas e cinco dias. Esteve em Cabo Verde, como lhe foi recommendado, e tomou couros em grande quantidade. Por cartas vindas da patria fomos informados de que Gaspar Dias Ferreira, tendo tido conhecimento de toda a trama dos Portuguezes nestas terras, foi conduzido preso a Haya com o seu primo Mathias Ferreira Rabello, e criado do mesmo Dias Ferreira, e que este foi estrangulado em Haya e depois esquartejado. Os primeiros navios que chegarem nos trárão a certeza desta noticia. Louvado seja Deus por terem sido descobertos os habeis e secretos planos deste traidor, e isto de um modo tão extraordinario !

Desde a partida deste sugador do sangue e da fazenda da gente pobre d'aqui, abusando do credito que tinha para com S Exc., a quem acompa-

nhou a Hollanda em 1644, como si fôra um grão senhor, ou tivesse direito ao titulo de *dom*, soube desempenhar o seu papel tão admiralvelmente com os seus complices e adherentes que nós, moradores do Brazil, nos havemos de lembrar durante toda a vida da dolorosa perda que com isso soffremos, bem como os mercadores da patria, que negociavam neste paiz, visto como muita gente ficou arruinada por ter aventurado a sua fortuna no Brazil. Isto tudo porém é nada em comparação do sangue innocente (derramado) por causa das manobras e perfidias deste e outros que taes traidores, o que clama vingança ante o throno do Senhor, e ante as viuvas e orphãos vivos, que presentemente soffrem grande miseria, indigencia e penuria pela mesma causa. Quem pensaria alguma vez que Gaspar Dias Ferreira, sendo tratado com tanta honra e consideração por nós aqui e na Hollanda, pedia occultar em seu coração durante tantos annos uma tal falsidade e traição?

O que não fizeram as pessoas gradas d'aqui a bem de sua prosperidade e riqueza, e para honral-o e tratal-o com grandissima consideração? A minima parte disto não lograram os nossos nacionaes, por muito lealmente que tivessem servido este paiz. Certamente é mui grande a ingratidão de Gaspar Dias Ferreira, e muito mal recompensou elle os seus bemfeitores.

A sua traição foi descoberta, segundo nos informam, do seguinte modo: Gaspar Dias Ferreira, tendo carregado um pequeno navio com uma porção de arcabuzes e de munições para envial-os a Portugal succedeu ser o navio tomado por piratas de Alger, e as cartas de Ferreira irem ter ás mãos de um judeu que alli residia, o qual, lendo-as e vendo a sua muita importancia, as mandou a um outro judeu de Amsterdam; este as apresentou á Companhia, e assim foram ellas parar ás mãos de Suas Altas Potencias, seguindo-se d'ahi a prisão do dito Ferreira.

Esperamos saber do fim desta tragedia pelas noticias que nos trouxerem os proximos navios.

A's 10 da noite vieram os Portuguezes occultos pelas trevas até as palissadas do novo fortim de madeira e começaram a rompel-as ; ouvindo o rumor, a sentinella atirou, e em seguida atiraram os do forte. O inimigo vio que estava descoberto e retirou-se.

A 12 Antonio Mendes, um dos Portuguezes principaes que ha muito se achava preso por causa dessa traição, morreu na prisão, e suppõe-se que se suicidou com veneno, porque tinha de ser justiçado hoje. Foi conduzido sobre uma grade de vimes *(horde)* arrastada por negros para a forca e enforcado de pernas para cima.

A 14 chegou um barco do Rio Grande com a noticia de terem-se retirado os Portuguezes para a Parahyba na mesma noite em que os nossos os atacaram, abandonando assim o seu fortim. Foram achados ainda vestidos os nossos que ficaram mortos junto á fortificação, e que não tinhamos podido levar. Os Portuguezes perderam tambem muitos na escaramuça. O receio de serem outra vez atacados pelos nossos foi provavelmente a causa da retirada delles.

A 17 chegou a salvamento da Zelandia o navio *Vlissingen* com cerca de 50 soldados. Trouxe-nos noticia do soccorro, devemos esperal-o a cada hora. E' esta sem duvida uma grande esperança no aperto em que estamos. Permitta Deus que breve o tenhamos.

A 21 o capitão Claes sahio com uma grande força, mas não deu fé do inimigo, a não serem algumas sentinellas aqui e acolá. Parece que o inimigo, tendo noticia da vinda do nosso soccorro, e receiando que então o ataquemos (o que bem pode ser) quer reunir as suas forças.

A 23 o capitão Killiam Snyder sahio com uma força de 70 homens, mas recolheu-se sem ter feito cousa alguma.

A 27 grande rebate occasionado pelo inimigo: estivemos em armas nas muralhas mais de 3 horas. Troou o canhão dos nossos fortes, atirando contra elles, e é certo que alguns deixaram ficar por ahi os ossos. Atiraram vivamente contra nós de longe sem nos fazer mal. Depois retiramo-nos para os nossos quarteis.

A 28 embarcou nos navios *Elias* e *Orangie Boom* a gente que vae para Hollanda. Embarcaram tambem de 50 a 60 mulheres e uma porção de paisanos.

MARÇO DE 1646

No 1.º de Março partiram os ditos navios para a patria. Deus lhes dê boa viagem. Foram presos aqui um negro e uma negra que, segundo se diz, pretendiam envenenar o nosso almirante.

A' noite tivemos novo rebate na cidade Mauricia. Parece que *Speck-Jan* tem prazer em trazer-nos acordados e interromper de noite o nosso somno. Si o soccorro já fôra chegado, nós lhe dariamos que fazer de outro modo.

A 2 chegaram dous barcos do Rio Grande com a noticia de haver fallecido o capitão Rymbach em consequencia do seu ferimento. Era um bravo e bom soldado que por muito tempo servio a este paiz. Mas contra a morte não ha remedio.

A 3 uma força nossa sahio de Tamaracá e assaltou no districto de Iguarassú uma casa, para onde se tinham retirado 32 Portuguezes entre homens, mulheres e meninos. A casa foi queimada com todos os que nella estavam, excepto um Portuguez que trouxeram para cá. Este disse que eram 400 os Portuguezes que estavam na Parahyba. O que essa força inimiga fará, mostrará o tempo. Nesta data desembarcaram os nossos soldados do Rio Grande, dirigindo-se cada qual para a sua guarnição.

A 7 passou-se para cá um indio braziliense. Tambem diz que o inimigo retirou se para a Para-

hyba. Não sabemos si assim fez com medo da nossa frota ou porque tenha em vista outro fim.

Na madrugada de 9 cerca de 50 dos nossos homens, commandados por João Maes, tenente do major Pistoor, sahiram para queimar a Casa dos Camponezes (*Boeren Huis*) na Boa Vista; mas foram descobertos pelo inimigo, e entraram a escaramuçar de parte a parte, o que durou duas horas. Como o inimigo recebia soccorro de todos os lados, e contavam-se dez delles contra um dos nossos, nós nos retiramos para pormo-nos sob a protecção do nosso canhão; o inimigo avançou sobre nós para cortar-nos a passagem, mas não obteve vantagem alguma. A lancha do forte Waerdenburgh passou a nossa gente, e, graças a Deus, não foi ninguem morto ou ferido.

10 — Esta noite o forte dos Afogados fez um vivo fogo contra o inimigo que se tinha approximado algum tanto, o que obrigou a burguezia a tomar armas; mas afinal vimos que o commettimento não passava de uma rodomontada de *Speck-Jan*, e cada um de nós voltou para casa.

A 11 chegou um barco da Parahyba com a noticia de haverem os nossos sahido com os indios brazilienses para fazerem algum detrimento ao inimigo. Os nossos porém, tendo-se apressado muito, sem esperar pelos indios que ainda vinham atraz, atacaram o inimigo e foram batidos, porque este era muito mais numeroso, e cercou a nossa gente, escapando com difficuldade de 16 a 20 dos nossos; entre mortos e feridos tivemos de 40 a 50 homens. Commetteram os nossos uma grande falta não esperando os indios, com cujo auxilio a refrega sem duvida teria corrido melhor. Todas essas pequenas perdas e damnos que temos recebido em tantos rencontros não nos tem debilitado pouco, visto como temos imperiosa necessidade de gente.

A 12, domingo, o inimigo atacou furiosamente pelas 9 (da noite) o nosso fortim de madeira, denominado *kyck in de pot*, com 1000 ou 1200 homens.

No fortim se achavam o commandante, que era o tenente Crol, um sargento e 20 soldados, os quaes se defenderam valorosamente O inimigo deitou abaixo a maior parte das palissadas, que cercavam o fortim, e por meio de fachinas, que trouxera em abundancia, já tinha deitado fogo á madeira e taboas do dito reducto, de modo que aqui das muralhas podiamos ver o clarão; o ataque prolongou-se até depois das 2 da madrugada, e o inimigo acercou-se tanto do fortim que podia arrebatar das mãos dos nossos os arcabuzes e lanças, atirando tão vivamente que causa admiração ver como ficára atravessado de balas o pobre fortim; até as telhas foram abatidas a tiro. Finalmente teve de retirar-se, deixando alguns mortos, que pela pressa não poude levar, como é seu costume. Em torno do fortim estava tudo coberto de sangue, o que faz crer que sem duvida morreu muita gente. O tenente foi gravemente ferido, e o sargento e dois soldados mortos. E' admiravel que a nossa gente podesse resistir dentro daquelle reducto por tanto tempo a um assalto e tiroteio tão fortes! Estavam porém na ultima extremidade: si o inimigo atacasse mais uma vez, ser-lhes-hia impossivel continuar a resistir, visto como estavam quasi que suffocados com o fumo do fortim abrazado, não tinham agua para matar a sede, e se achavam tão fatigados com dispararem os seus mosquetes que já tinham esgotado as forças. Mas Deus veio em nosso auxilio: nós Lhe devemos a nossa gratidão e os nossos louvores. Emquanto durou o combate não dormimos: estavamos de promptidão nas nossas muralhas, esperando-os com boa disposição, e o canhão dos Afogados, do terrapleno e das Cinco Pontas fez um nutrido fogo contra elles, de modo que uma porção dos contrarios seguio viagem para o purgatorio no espaço de tempo necessario para resar uma *Ave Maria*. Esperamos dar informações mais completas na primeira occasião acerca da perda do inimigo.

A 13 de manhã cedo mandou-se outra guarnição para o fortim afim de substituir a gente fatigada que lá estava. O povo affluio para ver o estado do mesmo fortim. Deram-se logo as providencias para ser reparado, e agora está tão bem provido e fortificado que *Speckjan* não terá mais vontade de *in de pot te kyken.* (1)

A 14 de manhã um dos negros dos Portuguezes, que passou-se para cá, disse que elles perderam no assalto ao fortim dous capitães e muita gente, bem como teve muitos feridos. Esse negro foi preso provisoriamente, visto como tem vindo para cá muitas vezes somente para illudir-nos; depois de desempenhar aqui o seu papel foge outra vez para o inimigo.

A 15 foram torturados alguns que se passaram ha alguns dias. Parece que pretendiam fazer alguma traição; o tempo o dirá.

A 16 chegou uma caravela denominada *Bullestraten.* Fez-se á terra até deante da Bahia, onde houve alguns presos; sabendo disto, o inimigo expedio logo tres caravelas com soldados, tendo oito peças cada uma, as quaes pretendiam perseguir a nossa, mas esta salvou-se em razão de uma tormenta que sobreveio

Varias das nossas caravelas, navios e outras embarcações se acham ainda no mar a cruzar.

O capitão Claes sahio com a sua companhia em um barco para o norte; o que vae fazer mostrará o tempo.

A 18 o almirante Lichthart, o capitão Claes e cerca de 400 homens partiram em nove barcos para S. Lourenço da praia afim de haver farinha que alli abunda; breve saberemos o resultado desta expedição.

A 21 chegaram dous navios da carreira de Guiné com o general Buychaver para serem providos aqui

---

(1) *Te diep in de kan* ou *in de pot te kyken* significa *virar o copo*, beber muito.

de viveres e seguirem viagem para a patria. Mas ah ! estamos tão apertados e necessitados de mantimentos que não se póde descrever a nossa situação ; si nao vier depressa o soccorro, a cousa tomará má cara para nós. Dos padeiros não se póde haver pão por dinheiro, a libra custa seis *stuyvers* ; um *kan* de hervilhas, favas, cevada, farinha custa de 14 a 20 *stuyvers* ; uma libra de manteiga 28 a 36 *stuyvers* ; uma libra de carne 10 a 12 *stuyvers,* e assim tudo mais em proporção, de sorte que o nosso aperto e miseria se fazem maiores de dia em dia. Sem duvida o soccorro vem com passos vagarosos, mas contra Deus e o tempo não ha remedio ; nesta conjunctura devemos conservar a nossa esperança e submetter-nos á divina vontade do Senhor.

Carga dos navios *Eendracht* de Amsterdam, e *Endracht* de Enchuysen, chegados de Guiné a 21 deste com o general Buychaver :

1.600 marcos de ouro
50 lastos de pimenta de Guiné.
14.500 libras de presas de elephante.
22.840 libras de assucar preto de S. Thomé.

A 22 chegou o navio *Swaen* que sahira a cruzar, trazendo um Portuguez e quatro negros apprehendidos em terra na visinhança da Bahia. Segundo o que diz o preso, os da Bahia já enviaram para Portugal uma parte da nossa gente apprehendida por elles, e ainda se achava na Bahia mais de 300 que haviam de seguir para Portugal na primeira frota. Si isto é verdade, muito folgamos, mas põe se em duvida a noticia ; talvez o preso dissesse isto para salvar a vida. Da Hollanda esperamos soffregos a confirmaçao desta noticia.

A 23 de manhã cedo chegou um barco de Tamaracá expedido pelo almirante aos Srs. Conselheiros Supremos afim de trazer-lhes a noticia do

que succedera na expedição: tinha chegado alli a salvamento com certa quantidade de farinha. O barqueiro disse ter visto no mar cinco velas, que suppõe serem cruzadores.

Na mesma data á noite chegaram de Tamaracá o almirante, o capitão Claes e a nossa tropa, tendo embarcado em Tamaracá mandioca para 900 a 1000 alqueires de farinha. Isto nos vem muito a proposito, e ainda quando fosse dez vezes mais, saberiamos o bom c.minho que levariam.

A 24 de manhã cedo vieram ter comnosco tres turcos de Gaspar Dias Ferreira, e confirmaram o que já foi dito, isto é, que o inimigo com o melhor de suas forças seguira para a Parahyba e para o norte, e que ficaram somente assim com João Fernandes Vieira como aqui na visinhança duas companhias de mulatos, quatro de negros e alguns Portuguezes; que começavam a amedrontar-se bastante por causa do nosso soccorro que estava a chegar, e já alguns voltavam os olhos para a Bahia. Isto é o que dizem os turcos. Chegou do Ceará a caravela *Lichthart*. O Sr. Paulo Antonio Dames, escolteto desta praça, fez um geral arrolamento dos burguezes e familias do Recife e da cidade Mauricia. Como não podemos haver mais pão dos padeiros, os Srs. Conselheiros Supremos farão destribuir semanalmente aos burguezes a ração de pão por dinheiro; providencia esta bem tomada, porque sem pão não podemos manter a vida.

A 26 chegou um barco da Parahyba com a noticia de que 4.000 ou 5.000 homens do inimigo se achavam em torno da cidade daquelle nome, de sorte que ninguem podia sahir dos nossos fortes. O que uma tal força pretende fazer dirá o tempo.

A 28 chegou da ilha de Fernando a galeota chamada de *Vlucht* que levára para lá uma porção de negros; de passagem tomou no Rio Grande certa quantidade de cal e a trouxe para aqui.

Ás tres horas da madrugada de 29 chegou da Hollanda a fragata *Zelandesa*, que ha nove sema-

nas partira da Zelandia. Trouxe a noticia de que a nossa frota estava prompta no Texel, na Zelandia e outras camaras para seguir para aqui. Esta noticia causou uma alegria geral. Deus permitta que venha depressa afim de nos livrarmos desta miseria e deste apertado cerco.

Na noute de 30 o tenente coronel Garsman e alguns soldados partiram em barcos para o Rio Grande afim de levar esta boa nova ás nossas praças do norte, e dar as convenientes providencias por toda a parte.

A 31, sabbado antes da paschoa, destribuio-se a ração de pão aos burguezes, isto é, tres libras de pão por semana, pagando-se aos Conselheiros seis *stuyvers* por cada libra; é com isto que nos havemos de ajudar até que cheguem os nossos navios. Não se dá pão aos negros, o que causará fugirem elles em grande numero.

Partio o hyate *Tonyn* para a ilha de Fernando com uma porção de negros, artilharia e munições de guerra para o reducto que alli se fez.

ABRIL DE 1646

No 1º de Abril encontraram-se nos Afogados algumas cartas espalhadas pelo inimigo, onde se lê que tencionavamos, por causa da fome, partir para a patria com todos os nossos navios surtos no porto, e que elles nos offereciam tres alqueires de farinha durante a viagem por cada pessoa. O nosso apuro dá grande alento ao inimigo, e por isso do seu forte recentemente feito, Arraial de Bom Jesus, fizeram um vivo fogo de canhão e mosquetes. No mesmo dia appareceram elles deante do *kyck in de pot*, gritando aos nossos que se passassem, poisque lhes dariam quartel. Nós não gritamos, mas lhes respondemos pela bocca dos mosquetes e meios arcabuzes, com o que cessaram os gritos.

A 3 passaram-se tres dos nossos soldados

para o inimigo. Queixavam-se da diminuicão da ração de pão, e tal parece ser a causa real (da deserção). Como quer que seja, elles não acharão tão boa a situação do inimigo, como cuidam.

A 4 chegou o hyate *Arguin* da Zelandia.

A 6 trouxeram preso para aqui um soldado dos Afogados que pretendia, segundo se diz, deitar fogo á casa da polvora do dito forte e fugir.

A 11 sahiram a cruzar varios dos nossos navios, caravelas, galeotas e outras pequenas embarcações.

A 12 chegou um barco de Tamaracá com dous Portuguezes apprehendidos em Maria Farinha. Um é filho de um Portuguez chamado Ramalho, o outro é um mulato. Disseram que João Fernandes Vieira estava em Tamaracá, e partirá para a Bahia; que os Portuguezes com medo da frota que esperamos da patria começam a retirar-se.

A 14 chegou á cidade Mauricia o Sr. Garsman.

A 16 uma mulher, que pretendia passar-se para o inimigo, foi *pescada* junto ao forte de Bruyn; afogou-se, por não saber onde era a passagem do rio.

A' 19, quarta feira, largaram para a patria os navios *Deventer*, *Utrecht*, *Trou*, *t'Huys van Breda* com os dous barcos da carreira de Guiné. Deus lhes dê boa e feliz viagem.

A noite partio para o norte o capitão Claes com 170 arcabuzeiros. Parece que se tenta um commettimento; em breve saberemos de alguma cousa extraordinaria.

Na tarde de 20 os Portuguezes accenderam varios fogos e deram tiros de mosquete; não podemos saber o fim.

A 21 os Portuguezes pozeram cartas em paos duas vezes no mesmo dia; os nossos as foram buscar, mas ignoramos o conteudo dellas.

A 22, domingo, vieram ter comnosco de manhã um mulato e um negro, que foi vaqueiro de S. Exc. Declararam que João Fernandes Vieira

foi enviado a Bahia; que Hoochstraten é cuidadosamente vigiado pelos Portuguezes; que estes reunem-se na Varzea para assaltar o nosso fortim de madeira, e que soffrem grande falta de tudo, inclusive carne, azeite e sal, que os hospitaes estão cheios de doentes e feridos, e que disto o informante estava bem certo, porque servira por muito tempo no hospital da Varzea. Disse mais que os passados, tão depressa lá chegam são enforcados ou mortos. Isto é o que disse o negro, e si são verdadeiras as suas declarações o tempo mostrará.

No mesmo dia o *Cat sonder Ooren* trouxe um pequeno penke *(Pinkje)* tomado na costa d'Africa, onde se achavam dous capuchinhos e um padre jesuita. As cousas em Angola ainda corriam soffrivelmente bem. A rainha de Angola com os seus negros batera uma tropa portugueza, ficando 100 no campo, e o resto fugio.

A 23 Jacques de Bollan e dous soldados foram presos no Recife por causa do assasinato do capitão Jacob, chefe dos tapuyas, ultimamente perpetrado no Rio Grande.

A 24 o tenente coronel Garsman foi levado preso para bordo do navio *Hollandia* por causa desse mesmo facto.

A 27 chegou o almirante na fragata. Foi até deante da Bahia, mas, como não encontrou os nossos navios e caravelas, voltou sem ter feito cousa alguma. Os capitães Moucheron e Deniger partiram para o Rio Grande afim de tomar informações acerca do negocio do Sr. Garsman.

A 29 o capitão Claes Claesz. voltou de sua expedição, cujo resultado foi o seguinte. Tendo partido d'aqui a 19, chegou a 21, que foi um sabbado, em Catuama perto de Tamaracá. Domingo de manhã fizeram juncção com elle o commandante capitão Willem Lamberts e Gaspar Honinckuys, commandante dos indios; a nossa tropa, inclusive os indios, se compunha de 500 homens. Embarcaram á noite e na segunda-feira de manhã cedo

chegaram ao rio Tisucapape (Tijucupapo), onde desembarcaram. A gente inimiga havia levantado uma ou duas pequenas obras sobre a passagem, mas os nossos a expulsaram, e marcharam para o forte grande, que os Portuguezes alli fizeram, tão defensavel e tão bem provido que, como ficou patente, mal podia ser forçado, e pouco proveito podiam os nossos obter. Nada obstante, os nossos assaltaram o forte por seis vezes, de cada vez foram repellidos, e por ultimo tiveram de retirar-se, ficando mortos no logar os capitães Willem e Houinckhuys, dous tenentes Thomaz Kock e Hans Wermlick, dous sargentos e 18 ou 20 homens, e muitos feridos.

Até o presente não podemos saber qual a perda do inimigo. Dous dias antes de chegarem os nossos, os Portuguezes haviam sido informados, como referio um cirurgião hollandez que apprehendemos por occasião desse assalto. E' fora de duvida que estamos sendo aqui trahidos vergonhosamente; mas, si os traidores forem descobertos, hão de ser punidos, como merecem. A expedição foi emprehendida principalmente para havermos farinha, pois esse logar é o manancial della.

Vem ainda alguma farinha do Rio Grande que o Supremo Concelho taxou somente em 10 florins por alqueire. Mas, comquanto se tenha obtido assim a fixação do preço do *kan*, que, feita a conta, sae a sete *stuyvers*, todavia certos avarentos e sanguesugas do pobre povo não se pejam de vender por 18 e 20 *stuyvers* o *kan*, e isto é incontestavelmente uma grande usura e lucro sordido que não se deve tolerar. Os senhores do Concelho sabendo disto, sem duvida hão de próvidenciar.

MAIO DE 1646

A 4 partio d'aqui para Tamaracá o Sr. Adriano van Bullestraten com a companhia de arcabu-

zeiros do capitão Hilt que ficará lá de guarnição, vindo para aqui substituil-a a do capitão Vorsterman.

8 — Já dissemos que o inimigo é diariamente informado do que se passa aqui; por mercê de Deus isto foi hoje em parte descoberto e patenteado. Dous Portuguezes, chamados João Vieira d'Allegro e Francisco Ribeiro (que ha muito residem no Recife) eram os unicos que ficaram entre nós; Deus sabe e o tempo revelará quantas perfidias machinaram e quantos avisos deram ao inimigo. Tendo esse João Vieira de Allegro attrahido a si um mulato para levar ao inimigo uma caixinha contendo cartas, o mulato entregou a caixa aos membros do Supremo Concelho, que a fizeram immediatamente abrir, e encontraram nella cartas escriptas em cifra. Incontinente alguns dos Conselheiros acompanhados de soldados foram á casa dos ditos Portuguezes para prendel-os, e exigiram de Vieira (o escriptor das cartas) que as decifrasse e declarasse o conteudo dellas. Vieira recusou fazel-o com grande pertinacia, pelo que foi levado ao banco dos tratos, mas ainda assim nada confessou. Durante esse tempo as portas tanto da cidade Mauricia como do Recife conservaram-se fechadas, de modo que pessoa alguma podia entrar ou sahir. Grandes segredos sem duvida occultam-se nessas cartas, cujo conhecimento muito interessa a este Estado e paiz; bem pode ser que se descubram em breve, pois, si não quizerem confessar, serão outra vez torturados.

A 10 chegou de Tamaracá o Sr. Adriano van Bullestraten na fragata *Hase Windt*; providenciára acerca da ilha e dos fortes. A companhia de arcabuzeiros ficou lá de guarnição, vindo para cá em seu logar a do capitão Vosterman. De Tamaracá tivemos noticia que os Portuguezes preparam centenas de jangadas; o tempo dirá para que fim.

A 11 chegou um barco do Rio Grande com os capitães Moucheron e Deniger. Trouxeram a no-

ticia de que o inimigo se fortificára em Mongoape (Mamanguape). Por sua vez os nossos fortificaram-se mui bem na casa de João Leston. O mais não podemos saber.

Como a nossa frota tem-se demorado tanto e os nossos viveres se tornam escassos, diminuio-se hoje a ração de pão: recebemos por semana apenas duas libras de pão e de escasso peso, e com isto temos de passar sobriamente até que praza a Deus que chegue a nossa frota.

A 14 tratou-se do caso dos presos portuguezes; se lhes fará quanto antes o processo.

Um velho Portuguez residente no Recife foi recolhido preso a um dos nossos navios. E' o ultimo que residia entre nós S: reside ainda algum ou se occulta entre os judeus, Deus o sabe e o tempo mostrará.

A 15 passaram-se para o inimigo quatro dos nossos soldados.

Entre meia noite e uma hora de 16 (para 17) apresentou-se o inimigo deante dos nossos fortes, como si pretendesse dar um assalto. Foi por toda a parte tão bem recebido com tiros de canhão, mosquetes e arcabuzes que, depois de tres horas de tiroteio, retirou-se. Parece que os transfugas os tem animado muito em razão da nossa situação, e por esse modo querem experimentar si estamos destituidos de forças de modo que não possamos mais manejar as armas. Graças a Deus, acharam o contrario, e é possivel que esses transfugas, em recompensa de suas revelações, sejam pagos com o nó corredio da corda, pagamento que sem duvida já receberam.

Vimos velejar uma caravela por deante do Recife, indo para o sul. Primeiramente suppuzemos que era uma presa tomada pelos nossos cruzadores; mas é uma vela portugueza que anda descahida, ou veio dar uma vista d'olhos ao nosso porto. A nossa fragata *Haseuendt* está cruzando agora no cabo de S. Agostinho; permitta Deus que

a encontre. Parece que a dita caravela foi enviada das ilhas com vinho ou para trazer avisos.

Fugiram cinco dos nossos soldados para o lado inimigo.

A 17 entre meia noite e uma hora, os Portuguezes começaram outra vez a atirar, mas nada tentaram. Parece que querem esfalfar-nos. Chegaram aqui um tambor e um Portuguez mandados pelo inimigo. Ha mais de seis mezes que não vem aqui um emissario delles, porque o Supremo Concelho prohibio que tivessem a ousadia de mandar alguem a esta praça, sob pena de ser enforcado immediatamente quem viesse. Diz-se que este emissario teve por missão entregar certa carta escripta pelo rei D. João IV, rezando que os Estados Geraes e a Companhia das Indias Occidentaes tinham tratado com o rei de Portugal acerca destas terras do Brazil, indemnisando S. M. todas as despezas que a Companhia tem feito desde o começo; que a França, a Hollanda e a Zelandia poderão traficar aqui, e que cada qual ficará na posse de sua fazenda; e tem mais outros artigos. A ratificação (do tratado), dizem elles, virá em um dos nossos hyates. Nós porém não acreditamos nem fazemos caso do que elles dizem, antes estamos certos que isto é uma jesuitica invenção para (embair-nos ?) e fazer-nos desesperar do soccorro, pois não podemos crer que os Srs. Estados Geraes e a Companhia vendessem a D. João estas conquistas sem sciencia dos interessados que moram aqui; tambem não cremos que D. João seja tão abonado que possa pagar a quarta parte do capital, de modo que não damos importancia a esta embaixada e a taes rodomontadas

A 18 o mesmo portuguez e o tambor foram despachados, sendo acompanhados por uma companhia de soldados até além dos Afogados, pois a burguezia, cheia de animosidade contra os Portuguezes, queria á força lançal os da ponte no rio,

pelo que foi necessario conservar-se a ponte trancada até que elles passassem.

A 21 chegou a fragata *Hasewindt* com uma caravela que tomára entre Olinda e Tamaracá. A caravela vinha do Rio de Janeiro e ia para Portugal com 225 caixas de assucar branco e mascavado, tendo a bordo 22 homens que foram trazidos para aqui.

A 22 foram presos varios soldados que queriam fazer motim no forte Ernestus por causa da ração. Nesta data passou se revista de mostra á companhia de burguezes do Sr. coronel Walbeeck, e se achou que constava de 83 homens.

A 23 o capitão Hans van der Goes passou revista de mostra, e achou-se que havia 85 homens.

A 24 fez revista o major Mathys Beck; o seu capitão tenente Joost van Bullestraten tem 89 homens, e o capitão Bartolomeus van Ceulen 88.

A 25 foi torturado o portuguez Francisco Ribeiro, preso, ha alguns dias, com João Vieira de Allegro. Denunciou um certo mercador francez chamado Luiz Heys, que foi preso com o seu sobrinho.

Hoje, 26, a nossa ração de pão foi reduzida a uma libra por semana, e por uma libra temos de pagar ao Supremo Concelho 4 *stuyvers*. Certamente é mui penoso á pobre burguezia ter de viver com duas onças de pão por dia. Que farão —coitados!—os que têm a casa cheia de creanças? Não podemos comprehender o obstaculo ou a causa por que no espaço de 10 mezes, que tantos dura este cerco, nenhum ou poucos navios com viveres temos recebido da patria, ao passo que antes da guerra eramos abundantemente providos de viveres vindos da Hollanda, com os quaes podiamos prover todo o paiz. E' sem duvida triste dizer que os nossos compatriotas se tenham preoccupado tão pouco comnosco! Queira Deus que não nos succeda o que succedeu aos da Bahia em 1624, que tiveram de entregar a praça ao inimigo por falta

de viveres e forçados pela fome : a nossa frota foi soccorrel os, mas quando chegou já era muito tarde. Comtudo a coragem da burguesia é tão extraordinaria que tudo iria bem aqui, si houvesse somente um pouco que comer. Nada obstante, morreremos antes com a espada em punho a entregarmo-nos ao inimigo, e temos ainda fé no Senhor Deus que nos ha de livrar em breve deste nosso grande apuro.

A 28 chegou um barco de Tamaracá com a noticia de haverem sido apprehendidos pelos Portuguezes 10 ou 12 dos nossos indios brazilienses, que haviam sahido para haver refrescos e viveres.

Nos degraos (da casa) do padre Ongenae achou-se uma carta que foi ahi posta por alguns maus sujeitos, dirigida ao nosso almirante, e aos officiaes da milicia e da burguesia etc., cheia de palavras sediciosas tendentes a provocar motim, contendo tambem ameaças. Isto deu logar ao Concelho Supremo mandar publicar um edital, onde se lê que quem descobrir o autor da carta, será recompensado com 600 florins, e se occultará o seu nome, e ao proprio autor se promette que, si arrepender-se e o declarar, será perdoado, e terá mais 300 florins como premio. Devem estas cartas ser de particular importancia ; tanto quanto podemos saber, os soldados querem que se solte o tenente coronel Garsman ou pretendem havel-o á força. Sem duvida ha ahi grandes rodas que fazem mover o carro, e com o tempo os culpados bem poderão ser conhecidos e punidos.

A 30 João Vieira d'Allegro, portuguez, foi justiçado aqui no Recife : primeiramente foi decapitado e depois esquartejado. Suspenderam os quatro quartos fóra dos nossos fortes, de modo que os Portuguezes possam contemplal-os quando bem quizerem, e sirvam de exemplo a todos os traidores.

Tendo sahido dous dos nossos soldados do forte Principe Willem ou Afogados para apanhar

carangueijos e buscar lenha, foram apprehendidos por Portuguezes que estavam escondidos no mato junto ao forte. Levando os soldados, lhes disseram : « vocês ha muito não tomam uma fartadella, pois comam agora », e lhes deram carne, farinha e bananas, e mais uma moeda para beberem, deixando-os voltar ao forte, onde os soldados contaram a aventura. Mandou-se immediatamente um sargento com soldados para procurar os Portuguezes. Os nossos foram ao mesmo logar a ver si os encontravam, mas já eram partidos, e em um saco, que elles deixaram, acharam algumas cartas, que esta noite foram trazidas para aqui.

A 31 o Sr. Antonio Dames e os Srs. escabinos da cidade Mauricia fizeram uma visita geral tanto no Recife como nesta cidade para saber que viveres restam. Acharam mui poucos, de sorte que a nossa ultima esperança é uma sortida geral contra o inimigo a ver qual o resultado que o Senhor Deus nos queira conceder.

JUNHO DE 1646

No 1.º de Junho o inimigo apresentou-se na Boa Vista e deixou ficar uma carta sobre um pao, que um dos nossos sargentos e dous soldados foram buscar. Levaram-na aos Srs. Conselheiros.

A 3 voltaram os nossos cruzadores : viram no mar treze navios portuguezes. Para onde se dirigem dirá o tempo.

A 4 foi a toque de caixa annunciado um jejum geral e o dia das preces, que será quarta-feira.

A 5 a burguesia fez outra vez a guarda durante o dia. O navio *Omlandia*, tendo partido d'aqui para o Rio Grande, tomará de passagem os indios brazilienses e suas mulheres de Tamaracá e Parahyba para leval-os ao Rio Grande, porque aqui não ha mais viveres para lh'os dar, nem para alimentarnos, sendo impossivel persistir por mais tempo. Permitta Deus que não se verifique o que diz a carta

que no 1.° deste foi enviada para aqui — havermos de nos entregar aos Portuguezes, pois em dita carta elles nos intimaram a rendermo-nos em tres ou quatro dias, e si não o fizessemos, passado esse praso, não teriamos que esperar quartel: todos, até as creanças no berço, seriam trucidados e mortos. Os judeus, si quizerem ser christãos, terão quartel; senão tambem serão mortos. Taes são as rodomontadas com que nos ameaçam.

Tudo está aqui tão escasso e caro que é impossivel dizel-o: uma libra de bacalhao meio podre custa 12 *stuycers*, 1 libra de peixe-páo 16, uma libra de farinha de trigo 56, um *kan* de farinha (de mandioca) idem, uma libra de amido (tapioca ?) 42, uma libra de manteiga 5 florins, o peixe fresco como d'antes, e tudo o mais nesta proporção. Em uma palavra, a penna não pode descrever bastante a nossa miseria.

A 6 guardou se o dia com um jejum geral, que será repetido todas as quartas-feiras até que chegue a frota.

A 7 o inimigo mandou um portuguez e um tambor com cartas. Os emissarios não passaram além das Cinco Pontas, visto como os Srs. Conselheiros não lhes quizeram dar audiencia, e assim tiveram de retirar-se com as cartas sem haverem feito cousa alguma.

A 8 foi decapitado aqui um cirurgião chamado mestre Christoffel que estava ao serviço da Companhia, e, quando o inimigo tomou Serinhãem, passou a servil-o, deixando sua mulher e quatro filhos naquelle logar. Foi apprehendido por tapuyas. Esta noite passou-se para o inimigo um judeu com sua mulher, chamado Manuel da Costa, por alcunha Principe da Parahyba.

A 10 de manhã o inimigo descobrio a emboscada em que desde hontem estava o capitão Claes: atirou-se fortemente de parte a parte, durando o fogo cerca de uma hora. O fortim de madeira, *kyck in de pot*, tambem atirou bastante contra os

Portuguezes, e sem duvida muitos dos *Speckjans* ficaram no campo. O capitão Claes recolheu se trazendo um negro que foi apresentado ao Supremo Concelho, e referio que chegára ao Pontal uma caravela vinda da ilha da Madeira para avisal-os de que a nossa frota passára por lá. Esta noite correu o boato de que a nossa frota ou alguns dos seus navios foram vistos entre a Parahyba e o Rio Grande. Permitta Deus que seja verdade

A' noite passaram-se para o inimigo sete dos nossos soldados, que lhe hão de ter communicado o nosso estado miseravel. Isto não ha de alegrar pouco o inimigo e animal-o a assaltar-nos, pois, como contou o negro, os Portuguezes fazem grandes preparativos de jangadas para nos atacarem antes que chegue a frota, e de todos os lados se reunem ; mas temos fé em Deus. Os soldados não tem razão de fugir, porque recebem boa ração para poderem passar Mais razão de queixa tem o pobre povo e a burguezia, visto como não recebem senão um pão de centeio de uma libra por semana. Julgue cada um si uma pessoa póde viver com isso ! Entretanto a burguezia deve vigiar e prestar serviço como os soldados, e tem feito tanto que, depois de Deus, é á burguezia que cabe a honra de se haver conservado esta praça.

Esta noite sahio uma companhia de negros e se poz de emboscada na ponte da Boa-Vista. De manhã escaramuçaram mais de uma hora com o inimigo que era em numero superior a 500 homens, e não ousou sahir do mato, d'onde atirava *á la volée*, sem alcançar nenhum dos nossos. Troou o nosso canhão de todos os lados contra o mato, de sorte que certamente ficaram muitos delles debaixo das folhas. Os nossos negros retiraram-se em boa ordem pela ponte e chegaram aqui a salvamento.

De 12 até 15 o inimigo não tem feito senão todas as noites dar-nos rebate com os seus tiros.

A 16 fugio para aqui um negro, e nos communicou que o inimigo pretendia dar um assalto. Isto não passa de uma bravata.

A 18 chegou um barco de Tamaracá. Trouxenos a noticia de haver uma numerosa tropa de Portuguezes assaltado aquelles arredores e a ilha, e queimado os tres barcos que alli estavam de guarda. Diz se aqui que os fortes de Itamaracá serão arrasados, porque a falta de viveres não permitte conserval-os por mais tempo.

A 20 passou-se para o nosso lado um turco, que veio do Pontal em uma jangada. Avisou-nos que d'alli se tinham visto varios navios nossos vindos da patria. Permitta Deus que cheguem sem demora.

A 22 chegaram dous barcos do forte Orange com a tropa que estava em Tamaracá. Abandonaram-na por ordem do Supremo Concelho, tendo encravado a artilharia e abatido as trincheiras. Tanto que os nossos se retiraram, entrou Hoochstraten com onze companhias, e sem duvida elles fortificarão esse logar, e ahi se aninharão, de modo que a Companhia terá muito trabalho para rehavel-o. Os mesmos barcos nos trouxeram a noticia de que um artilheiro e um arcabuzeiro, mal satisfeitos com a ração, amotinaram se e fugiram para o inimigo. Um outro arcabuzeiro, que tambem pretendia passar-se para o inimigo, sendo agarrado e torturado, confessou que elle e mais um companheiro tinham combinado fazer com que os Portuguezes assaltassem um dos logares mais fracos, e haviam carregado as peças de modo que não causassem damno ao inimigo. Os dous arcabuzeires foram enforcados. O Sr. Bas irá para o forte quanto antes para providencir sobre tudo.

Chegaram tambem do Rio Grande quatro barcos com gado e provisão de farinha. Isto veio muitissimo a proposito, pois não sabiamos que fazer por falta de viveres.

O alferes Loo e muitos soldados foram presos.

Disse-se que o alferes queria fugir para o inimigo; mas como os soldados não sabiam qual era a intenção delle e não fizeram senão cumprir a sua ordem, foram soltos no mesmo dia.

Graças a Deus chegaram da patria o *Elisabeth* o *Verguldc Valck* de Amsterdam, navios da nossa frota. Ha oito semanas que partiram do Texel com mais 15 navios, dous dos quaes naufragaram alli mesmo. Soubemos que algumas semanas antes de largarem, 34 dos nossos navios já se tinham feito á vela de todas as camaras, e bem podia ser que tivessem ficado retidos na Inglaterra por causa de ventos contrarios e tempestades. Nesses dous navios chegaram duas companhias de soldados em numero de 200 homens pouco mais ou menos. Trouxeram grande quantidade de farinha e viveres. Não podemos assaz louvar e agradecer o Senhor Deus que, por sua grande misericordia, nos enviou este soccorro inesperado na extraordinaria e extrema miseria em que estavamos, permittindo que os ditos navios tivessem tão breve viagem, e que aquietemos um pouco esta nossa nossa grande fome Esperamos a frota brevemente. O Senhor queira preserval-a de accidentes e má fortuna para que chegue aqui a salvamento, e nos livremos deste apertado e penoso cerco. A vinda dos dous navios causa em todos alegria e regosijo. Esta noite os nossos navios e todos os fortes do Recife e cidade Mauricia deram uma salva de canhão e mosquetes.

Para commemorar o soccorro mandado pelos nossos, vão aqui os seguintes poucos versos, que servem para mostrar o estado em que estavam as nossas cousas, e para louvarmos e agradecermos o Senhor Deus por tão grande livramento:

« Exultemos e louvemos reconhecidamente o Senhor Deus que veio em nosso auxilio em tão grande aperto! Do alto dos ceos, do seu throno, elle contempla a miseria do seu povo oppresso,

para quem o cruel marrano preparava a morte, cujas fauces abertas—ai de nós—nos teriam devorado, si não fôra o auxilio de Deus. Pela fome, pela penuria de pão e de viveres, nós não sabiamos dar-nos a conselho, estavamos em extremos de morte, tinhamos a ultima ração, restavam somente quatro barris de farinha... Podia isto aproveitar a 8.000 (1) pessoas? Não se nos deparava nenhum auxilio humano, nenhuma esperança, nenhum meio de livrarmo-nos; sentiamo-nos submergir, estavamos exhaustos de forças. Não havia outro remedio senão com as nossas forças communs atacar o inimigo! O burguez, o soldado, estavam todos animados a derramar o seu sangue por Deus e pela Patria antes do que sujeiter se ao jugo servil do marrano; antes, mil vezes antes dispostos a morrer, e contentes com a morte, já que a marrana sucia não guarda as suas promessas! Quem delles se fia, bem cedo se arrepende. Que proveito pode provir das treguas com os *Specken*? Um inferno cheio de dores. Elles zombam do juramento. Soffiamos por algum tempo, certos de que a mão forte do Senhor ha de, em breve, cobril-os de vergonha, e fazer-lhes sentir a sua colera, os seus flagellos, e, como aconteceu a Caim expellido de cidade em cidade, vingará o sangue innocente abundantemente derramado, sangue que de continuo excita o céo a tomar vingança contra elles! Esperemos e confiemos somente em Deus que, por sua mercê, foi servido lançar as suas vistas sobre nós, que nos protege, que nos defende, o Senhor, nosso castello, nossa fortaleza! Em summa, graças e louvores ao Senhor por todo e sempre!»

A 23 chegou da Zelandia o navio *Regenboogh* com o capitão Oyens e uma companhia de soldados composta de 136 homens. Trouxe a noticia certa de que o navio *Zelandia* naufragára nas costas da Inglaterra; poucas pessoas escaparam, e

(1) «*mocht dat acht duysent zielen baten?*»

não se salvou fazenda alguma. Foi certamente um grande damno. O Senhor queira recompensar os interessados em um outro (navio ?)

Hoje fez-se á vela o Sr. Pieter Jansz. Bas, membro do Supremo Concelho, na galeota *Heesmsted*, para providenciar sobre o motim levantado no forte Orange e o mais. Todos os indios brazilienses, que estavam aqui nos fortes, foram enviados nesta data para o Rio Grande em um barco. Seguiram com elles os quatro capuchinhos apprehendidos na presa de que acima se fallou.

Chegou a caravela *Lichthard* do Rio Grande com gado e farinha.

A 24 chegou de Hollanda o hyate *Hagen en Veldt*, da camara da Zelandia com 84 soldados.

A 25 foi arcabuzado um sargento que prententendia fugir para o inimigo com alguns soldados, que elle corrompera. Os soldados, bem como o alferes van Loo (para quem já se tinha levantado o poste) foram perdoados por intercessão das principaes mulheres d'aqui. Van Loo foi, comtudo, privado do seu posto de alferes, e substituido por Balten Joppe.

Hoje aconteceu aqui um accidente infeliz: os soldados vindos no *Hagen en Veld*, passando por deante da casa do Sr. Bullestraten, deram uma salva, do que resultou morrer um delles.

Pelo dito hyate se confirmou a noticia da perda do *Zelandia*. Salvaram-se 40 pessoas, bem como o saco das cartas que foi devidamente entregue.

A 28 os nossos barcos avistaram no mar entre Olinda e Tamaracá o navio *Salamander*, que não pôde aportar por lhe serem contrarios o vento e a corrente. Nesse navio se acha o capitão Gerardt Schut com a sua companhia de 150 homens. Esperamos que chegue a cada momento com o primeiro vento favoravel.

A 29 o inimigo tomou uma das nossas lanchas que ia com viveres para o forte dos Afogados. Foram presos tres dos nossos e um morto. O capi-

tão Gheweldiger passou se do dito forte para o inimigo.

JULHO DE 1646

No 1.º de Julho chegou o *Salamander* da Zelandia com o capitão Schut e sua companhia. Esperamos soffregos os nossos outros navios.

A 2 chegou a fragata de *Sterre* da camara da Zelandia com 10 soldados. Tomou na altura de Porto Calvo uma caravela carregada de 350 caixas de assucar. Essa caravela, que foi trazida para aqui com 28 presos, procedia da Bahia e ia para Portugal com mais quatro. Estas perseguiram a nossa pequena fragata, que por isso correu grande perigo, mas foi soccorrida pela fragata *Hasewindt* que por alli cruzava. O *Hasewindt* chegou um pouco tarde para fazer uma boa presa, porque as caravelas seguiram o seu curso. Graças a Deus, é esta a desforra da nossa lancha tomada pelo inimigo a 2 deste no rio dos Afogados.

A 3 o inimigo matou dous soldados que pescavam junto ao *Kyck in de Pot.*

Chegou a fragata *Rhee de Vlissingen* com 63 soldados; 14 semanas de viagem.

A 4 destribuio-se aos burguezes ração dobrada de pão e mais um *kan* de hervilhas. Algumas pessoas, que estavam mui esfomeadas, comeram tão gulosamente das provisões trazidas pelos nossos navios, que adoeceram e morreram. A fome a nada attende.

A 5 partiram alguns barcos para o Rio Grande com a companhia do capitão Claes, Lamontangie e uma das que chegaram ultimamente. Reunir-se-hão com os nossos indios brazilienses e se fortificarão no engenho Cunhaú, para que, quando chegar a nossa frota, se ataque o inimigo pelo norte e pelo sul.

A 6 voltou o Sr. Bas de Tamaracá com a companhia do capitão Blaewen Haen e Coenraet Hilt,

O inimigo abandonou o monte de Tamaracá e a cidade Schoppen, levando seis peças de artilharia. Queimaram a casa do director que havia alli, e esbulharam tudo.

A 7 o capitão Claes sahio com uma força, e voltou a 8 sem ter encontrado o inimigo.

A 11 o nosso hyate *Arguin*, que andou cruzando no mar, recolheu-se a este porto. O navio *Souteland*, estando de guarda junto a bateria do lado de Olinda, carregado de assucar, foi a praia e despedaçou-se, porque uma forte corrente fez resvalar a ancora e partir-se a amarra; molharam-se mais de 200 caixas, o que é um grande damno, pois o assucar está dando agora um preço tão alto como nunca deu no Brazil, vendendo-se o branco a 51 e 52 escalinos a arroba, e o mascavado por um pouco menos. O navio *Swaen* correu tambem grande perigo: partio-se o seu cabo, e foi impellido contra o arrecife; mas, tendo disparado um tiro de peça, e sendo logo soccorrido pelos bateis não soffreu damno algum, graças a Deus.

A 12 chegou o navio *Loanda* com o Sr. van Goch, e a companhia do capitão Willem Hamel, composta de 120 homens.

A 15, domingo, desembarcou a dita companhia de 120 homens, estando alguns doentes de diarréa e de escorbuto, porque a viagem durou vinte semanas. O Sr. van Goch veio tambem indisposto para a terra e alojou-se provisoriamente na casa do Sr. Bullestraten. Deus permitta que a nossa frota chegue breve afim de que nos libertemos deste duradouro cerco.

Na noite de 16 fugiram para o inimigo 11 dos presos portuguezes na lancha do *Souteland*. Queixavam-se muito de que não se lhes dava a devida ração.

A 18 passaram por aqui cinco navios da carreira das Indias Orientaes, que nos enviaram uma carta, avisando nos que, 14 dias atraz, tinham fallado com 11 dos nossos navios, que vinham para

cá, na altura de 6º de latitude sept., a bordo dos quaes se achavam o Sr. Schoonenburg, o coronel Hinderson, e o vice-almirante Banckert. Assim os esperamos a cada momento.

A 19 sahio uma numerosa tropa para fazer damno ao inimigo, mas recolheu-se sem ter feito cousa alguma.

A 25 chegou de S. Thomé o navio *Groote Christoffel* carregado de assucar.

A 26 passou se para cá um negro do inimigo. Disse que os Portuguezes começavam a amedrontar-se com a vinda de nossa frota. Esperamos vel-a toda aqui em breve para então atacarmos o inimigo com bastante força.

A 27 passaram-se para o inimigo seis soldados da companhia do capitão Schats.

A 28 chegou um barco do Rio Grande com a noticia de que o navio *Wapen van Medenblick* descahira para lá, tendo a seu bordo o major Stackhouwer, soldados e viveres.

A 29 chegou o navio *Ringh* de Zelandia com 46 soldados, e a fragata *Arent* com 60; nove semanas de viagem.

A 30 passou-se para cá um negro do inimigo, e por elle soubemos somente que o inimigo mantinha boa guarda por toda a parte com receio de ser atacado pelos nossos.

A 31, terça-feira, chegaram da camara de Amsterdam os navios *Goude Leeuw* com o Sr. governador Sigismundus van Schoppen, o *Blaeuwen Haen* com o Sr. conselheiro supremo Abraham Trouwers, e o *Graeff Enno* com 700 soldados pouco mais ou menos.

AGOSTO DE 1646

No 1.º de Agosto desembarcaram o governador Schop e o Sr. Trouwers, que foram acolhidos com grande alegria. O canhão do Recife, da cidade Mauricia e fortes salvou com tres descargas;

duas companhias de soldados e duas de burguezes estavam em armas para recebel-os. Agora esperamos de Deus que em breve liberte este logar, e lance o terror no coração dos traidores portuguezes.

Hoje tornamos a ver as duas velas que tinhamos visto a 31, e que se suppõe ser uma o navio *Middelburgh*, e a outra uma vela franceza; descahiram muito para baixo Deus queira trazel-as ao porto a salvamento.

A 2 chegou da Costa do Ouro o navio *Haerlem* trazendo 1.600 marcos de ouro, e 15.000 libras de dentes de elephante.

Na noite de 4 o sr. governador sahio d'aqui com 500 ou 600 homens (arcabuzeiros e mosqueteiros), e emboscando se entre este logar e Olinda, prendeu alguns negros para haver noticias; os Portuguezes se achavam do outro lado, e suppondo que, como dizem, estavam *á mão framengos* (1), passaram o rio, e eram chegados ao meio deste, quando os nossos fizeram fogo (o que foi um pouco cedo); o inimigo respondeu, e nisto o capitão Hilt, sahindo da emboscada, atirou tão vivamente contra *Speckjan*, que muitos delles cahiram n'agua sem terem tempo de dispor sobre o numero das missas que devem ser cantadas para salvar as suas almas damnadas do purgatorio. O governador foi ferido em uma perna, mas o ferimento não é perigoso. Voltou de manhã com a tropa. A ferida é pequena, pois hoje mesmo elle sahio.

A 7 o capitão Claes sahio com a sua companhia e uma de negros para fazer mal ao inimigo. O governador e os Srs. Conselheiros foram visitar os fortes Principe Hendrick e Principe Willem. Chegou o navio *Goude Son* da Camara da Zelandia com 200 soldados, tendo feito a sua viagem em 19 semanas.

A 8 chegou o navio *Wapen van Dorth* com o

---

(1) «*ha a mão de framengos.*»

Conselheiro Supremo da Camara do Mosa e 150 soldados ; viagem de 23 semanas. Hoje partio para as Indias Occidentaes a fragata *Rhee.* A' noite sahiram 800 ou 900 homens para fazer mal ao inimigo.

A 9 de manhã passaram o rio na Boa Vista 30 homens (dos nossos), e, tanto que a passaram, vieram os Portuguezes escaramuçar com elles, o que podiamos ver perfeitamente das muralhas. O nosso canhão fez fogo. Engrossando o inimigo,os nossos tiveram de retirar-se. Tivemos tres feridos ; não podemos saber quantos o inimigo perdeu.

Esta noite voltou a nossa tropa sem ter feito nada ; sahio logo uma outra.

A 10 sahio ainda outra força ; mas ambas voltaram sem ter feito cousa alguma.

Na noite de 11 o Sr. presidente Schonenburgh e o Conselheiro Supremo Hendrik Haecx foram re cebidos mui solemnemente. Toda a burguesia e soldados estavam em armas, e, depois de haver dado tres descargas o canhão de todos os logares, os burgueses e soldados tambem salvaram por tres vezes, de modo que parecia estar tudo ardendo em fogo. Julgue cada qual o que cuidará *Speck-Jan*, ouvindo isto. Esperamos que, com o favor de Deus, iremos visital-o em breve, e pol-os no mesmo aperto em que elles nos puzeram a nos.

Na noite de 12, domingo, o governador Schop sahio com 1000 ou 1100 homens, e o almirante com 300 marinheiros e 6 peças para a Barreta ; chegando ahi, não encontraram ninguem, pois o inimigo retirou-se para a casa de Cavalcante. Incontinente e diligentemente começou-se a levantar um forte que terá nove pontas.

A' noite o capitão do *Swaen* foi morto na Barreta por uma sentinella, porque, indo aquelle capitão e mais duas pessoas para traz do exercito, e tendo a sentinella gritado duas vezes « quem vem lá », sem receber resposta, fez fogo e matou o dito capitão.

A 13 o governador seguio com 300 homens para a casa de Cavalcante, e travou se ahi uma escaramuça. Dos inimigos foram alguns feridos, e vio-se cahirem cinco ou seis; nós tivemos alguns feridos e um morto.

A 15 fomos ter á Casa do Leite nas Corcuranas e no engenho S. Bartholomeu, onde foi apprehendido em seu leito Fernando do Vale, senhor do mesmo engenho, e mais nove Portuguezes, e conduzidos para aqui.

A 17 poz-se em estado de defeza o forte da Barreta, a que se deu o nome de *Schoonburgh*, por chamar-se assim o Sr. general A guarnição é de 200 homens, tendo por commandante o capitão Blauwen Haen.

A 18 foram enviados para casa com passaportes cinco dos Portuguezes presos. O tempo mostrará o pago que elles darão. As quatro horas de 19 o Sr. Abraham Trouwers, membro do Supremo Concelho, depois de quatro ou cinco dias de enfermidade, rendeu a alma ao Senhor.

A 21 deu-se sepulture mui solemnemente ao cadaver do dito conselheiro na egreja do Recife; os burguezes e os soldados em numero de 400 homens acompanharam-no até a egreja e deram tres salvas de mosquetes.

A 24 chegou um barco da Parahyba com a noticia de haverem os Portuguezes abandonado a cidade, retirando-se para a Varzea, depois de queimarem e destruirem os engenhos.

Chegou um barco da ilha de Fernando com milho e gallinhas

SETEMBRO DE 1646

No 1.º deste chegou o navio *Wapen van Delft* com 105 soldados e viveres; viagem de seis mezes.

A 6 vieram dous Portuguezes e um corneta do

inimigo, e foram despedidos sem terem feito cousa alguma.

A 7 chegou o navio *Mauritius* de Amsterdam com 150 homens. Partio de lá a 30 de Maio. Hoje o tenente Willem Robberts voltou de Barra Grande, onde saqueou algumas casas; trouxe presos alguns Portuguezes. Seis dias antes estivera alli Hoochstraten.

Hoje, 8, foi agarrado um soldado, e apoleados dous, que queriam fugir para o inimigo.

A 10 passou-se, fora do Recife, revista de mostra ás nove companhias de burguezes e verificou-se que se compõem de 700 homens. O Sr. Beaumon, Conselheiro Supremo, fez um discurso, agradecendo summamente á burguezia os seus bons e leaes serviços á Companhia, e pedindo-lhe que continuasse a prestal-os. A' noite sahio o governador com 700 ou 800 homens para a Barreta. Vae sem duvida desaninhar os Portuguezes, do que bem depressa teremos novas.

Ao romper do dia 11 os nossos encontraram-se com os Portuguezes nos Coqueiros, que ficam a tres leguas d'aqui, seguindo-se uma renhida refrega. Estavamos na praia a descoberto, e o inimigo vantajosamente postado no mato, d'onde fazia um vivo fogo; pretendia cercar-nos, mas o governador, que estava um pouco atraz com tres companhias, soccorreu os nossos, e atirou de tal modo contra os Portuguezes, que elles tiveram de retirar-se para o mato. Tivemos 26 mortos e 94 feridos. Certamente não ficaram menos dos inimigos.

A 13 chegou o navio *Wapen* de Medenblick, que estava no Rio Grande.

A 14 chegou o *Vere*, um dos navios de guerra dos Estados, com o coronel Hinderson

A 17 publicou-se aqui um perdão geral a todos os Portuguezes, com excepção apenas de Dirck van Hoochstraten, Gaspar van der Ley e Albert Gerritz. Wedda. Aqui acredita-se que elles farão

pouco caso, e que portanto o perdão produzirá pouco effeito.

A 18 o governador Schop partio para Goyana com as companhias do capitão Claes e do capitão Kill.

A 19 os navios *Swaen* e *Ringh* partiram para a patria. Deus lhes dê boa viagem.

A 25 passaram-se para cá tres Portuguezes. Queixavam-se muito de que havia entre elles grande falta de tudo, e disseram que já começavam a amotinar-se, e que João Fernandes Vieira não ousava sahir de sua casa com receio de ser morto, porque lançam-lhe a culpa de todos estas desgraças. Affirmaram tambem que mais de 600 Portuguezes passar-se-hiam voluntariamente, e não o fazem, porque não podem por causa da boa guarda, sendo que elles mesmos correram grande perigo de vida para chegarem aqui.

A 27 o capitão tenente Breensma sahio d'aqui com 50 homens para os Afogados e encontrou o inimigo. Os Portuguezes eram em numero superior a 600 homens, e cinco dias havia que estavam de emboscada.

Os nossos, tendo passado a segunda ponte. foram cercados, e de partê a parte atirou-se fortemente; mas, como os nossos eram muito poucos contra tantos, tiveram de retirar-se com perda de doze mortos e quatro presos, sendo feridos onze. O canhão das Cinco Pontas e dos Afogados atirou contra os Portuguezes, pelo que é de suppor que não sahiram incolumes.

A 29 passaram-se para cá dous negros. Disseram que no ultimo encontro morreram dos Portuguezes cinco entre capitães e officiaes e quatorze soldados, e muitos foram feridos, de sorte que *Speckjan* não o levou ás mãos lavadas.

OUTUBRO DE 1646

A 10 de Outubro passaram-se para o nosso lado dous Portuguezes com todas as suas armas. Dizem o mesmo que os outros disseram : os soldados da Bahia se amotinaram por terem permanecido aqui por tanto tempo, e já andaram ás vias de facto com os moradores, seguindo-se d'ahi ferimentos e mortes ; entre elles ha grande falta de tudo, não só dos viveres necessarios como de roupa. Deus permitta que seja verdade; desejára eu que já se tivessem ido embora.

A 12 foram enforcados quatro soldados, e um apoleado, o qual pretendia fugir para o inimigo.

A 18 chegou o hyate *Enckhuys* de S. Thomé com a noticia de que tudo ia alli bem.

A 19 chegou o navio *Noordt Hollant* com 60 soldados ; viagem de 18 semanas.

A 24 partio a nossa frota sob a direcção do coronel Hinderson e do almirante Lichthard, indo por commissario geral Paulo Antony Dames. Compõe-se de 13 navios entre grandes e pequenos, e leva 10 companhias de soldados e 3 de indios brazilienses, fazendo o numero de 1.200 a 1.300 homens, além dos marinheiros, e tudo bem provido. Diz-se geralmente que têm a mira no rio de S. Francisco ; o que fôr soará. Os nomes dos navios são estes :

Graef Enno, almiranta de Amsterdam.
Loande de S. Paulo, vice-almiranta da Zelandia.
Wapen van Dorth, sota-almiranta de Dorth.
Blauwen Haen, de Amsterdam.
O hyate *Argyn*, de Midelburgo.
O hyate *Sterre*, de Midelburgo.
Duas grandes lanchas.
Amstel (?)
Slooterdyck.
Quatro barcos.
A caravela *Recife*.

NOVEMBRO DE 1646

A 2 deste chegou o *Trou* de Amsterdam com viveres e uma companhia de 105 homens ; viagem de 9 semanas.

A 3 chegou o navio *Melckmeyt* da camara de Amsterdam com 102 soldados ; viagem de 23 semanas. Chegou tambem o navio *Principe Hendrick* de Groninga com viveres e 19 soldados ; 13 semanas de viagem.

A 4 chegou o navio *Brouwer* de Amsterdam com a companhia do capitão Koin, composta de 104 homens ; 12 semanas de viagem.

A 5 chegou o navio de *Liefde* do Mosa com 105 homens.

A 6 o *Hout-thuyn* de Groninga com o capitão Latteringen e sua companhia de 124 homens ; 18 semanas de viagem.

A 12 o *commandeur* Banckert chegou da Parahyba com os navios *Ter Vere*, *Middelburgh*, *Nieu* e *Out Vlissingen*, navios de guerra dos Estados. Da Parahyba escreveram que os Portuguezes destruiram todos os engenhos, e enterraram as caldeiras ; mas as plantações de mandioca, fumo e fructos estão mui bonitas, de modo que agora podemos ser providos, graças a Deus, de toda a sorte de refrescos, o que será um grande allivio tanto para os doentes como para os sãos.

A 16 chegou do rio de S. Francisco a fragata *Sterre* mandada pelo coronel Hinderson, e por ella soubemos que a frota chegára a salvamento no fim do mez passado em Cururipe, que fica nove leguas ao norte daquelle rio, e cerca de 60 d'aqui ; desembarcaram e seguiram para o forte sem encontrar ninguem. Tendo Hoochstraten abandonado a sua obra ou fortaleza começada, e levado as peças, retirou-se, segundo se suppõe, para o Bahia. Os nossos encontraram uma grande casa cheia de fumo e farinha, que era o armazem do

inimigo. Os moradores retiraram-se para uma ilha sita a duas leguas do forte. Foram enviadas para lá duas lanchas bem montadas e com bandeira branca na popa, a ver si os nossos podiam entender-se com os Portuguezes, o que não aconteceu. Posteriormente os Portuguezes enviaram por uma mulher velha cartas ao coronel Hinderson, cujo conteudo não se sabe; tres ou quatro Portuguezes já receberam passaportes.

A 18 soubemos que 1,300 homens do inimigo abalaram da Varzea para o rio de S. Francisco.

A 19 a fragata *Sterre* tornou a partir para o rio de S. Francisco.

A 22 duas das nossas companhias escaramuçaram galhardamente com o inimigo nos Afogados. Atacaram fortemente os nossos até o alcance do canhão do forte, e este os saudou de modo que das suas tres companhias mais de 18 homens ficaram mortos, afora os muitos feridos que levaram ao retirar-se. Graças a Deus, não tivemos mortos nem feridos.

A 23 passou-se para cá um indio braziliense com sua mulher. Confirma o que acima dissemos, por ter estado presente na refrega. Disse tambem que por semana se dá aos soldados a ração de duas libras de carne e tres *kannen* de farinha, e mais nada, e que soffrem grande carencia de tudo, o que é bem de crer, porque ha mais de 18 mezes que nada tem recebido do Recife. Quem sabe quanto os Portuguezes consumiam em tempo de paz, se ha de admirar (de que tenham podido passar), porque muitos milhares de pessoas moram no interior. Da Bahia podem ser escassamente providos, porque temem muitissimo os nossos navios que desde o começo da guerra tem feito tão boas presas, e as trazem para aqui.

A 24 o governador Sr. Mare partio d'aqui com 30 homens; parece que vae para o sul fazer algumas observações.

A 29 voltou, mas não se pode saber ao certo o

que pretende, pois é negocio secreto. O que se sabe é que os Portuguezes tornaram a levantar o forte Gysselingh e mais um outro ao pé da fonte da egreja de N. S. de Nazareth, e fortificaram muito a parte superior do monte com uma bateria do lado do mar, de modo que, para rehaver-se o Cabo, muitas vidas se ha de perder.

Um dos nossos hyates, vindos de Angola, tomou em caminho um navio portuguez com 70 homens, e o trouxe até defronte deste porto. Como os nossos eram poucos, não puderam metter gente na presa para guardal-a, e o meio que tiveram para reter o dito navio, foi provel-o de viveres somente para tres dias, e assim forçaram os Portuguezes a conservar-se em sua companhia. Vendo porém elles que o ensejo era favoravel, cortaram á noite as amarras e fugiram. Foram perseguidos, e deram na praia em um logar perto d'aqui chamado Candelaria, salvando-se os Portuguezes em terra.

Pelos ultimos transfugas soubemos que os Portuguezes passaram revista de mostra, e verificaram que existem 8.000 homens, além dos que trabalham nos engenhos e plantações que não entram neste numero; podem pois reunir uma grande força. Esperamos que por penuria e por castigo de Deus não poderão manter-se por outro tanto tempo, e que o Senhor Deus nos deixará alcançar um bom exito nesta penosa guerra para honra e gloria sua, e salvação das nossas almas. Amen.

DEZEMBRO DE 1646

No 1º deste chegou um barco do rio de S. Francisco, trazendo uma não pequena quantidade de fumo que foi apprehendida lá pelos nossos. Trabalhava-se diligentemente no forte; o inimigo não foi visto, mas é certo que não nos deixará em paz por muito tempo; ha de procurar-nos, como o tempo mostrará.

A 5 partio para a patria o *Goude Son* da Zelandia. Deus lhe dê boa viagem.

A 7 tivemos noticia de Tamaracá. Soubemos que, tendo sahido uma partida dos nossos para haver lenha e agua no mato, foram atacados pelos Portuguezes que alli estavam de emboscada, do que resultou perdermos 7 dos nossos. Isto acontece muitas vezes, porque os Portuguezes moram nos matos, como lobishomens, e os nossos, sendo apanhados desprevenidos, raramente escapam ás suas garras.

Na manhã de 9 chegou do Rio de S. Francisco a fragata *Sterre* com o cadaver do nosso almirante João Cornelis Lichthart, que morreu repentinamente a 18 de Novembro, estando em seu hyate n'aquelle rio. Em a mesma hora esteve bom e morreu. Esta noticia causou aqui uma grande tristesa em todos, grandes e pequenos, porquanto elle era muito estimado por suas excellentes qualidades, e mui temido do inimigo. Este não ha de folgar pouco com o passamento do almirante, pois temia-o como se teme a morte.

A 12 foi o almirante enterrado mui solemnemente no Recife, desfilando duas companhias de burguezes e duas de soldados deante do corpo, e sendo este acompanhado pelos Senhores Conselheiros e todos os burguezes. Salvaram todos os navios. A morte deste heroe é sem duvida uma perda irreparavel para todos os que habitamos no Brazil.

A 15 a fragata *Sterre* partio para o rio de S. Francisco, onde está o nosso exercito. Levou um barco com munições e provisões.

A 19 chegou um barco do mesmo rio trazendo a noticia de ter-se ateado alli um grando incendio por accidente. Quasi todas as cabanas se queimaram, e perdeu-se muita fazenda.

A 21 o Sr. governador Schop e o Sr. Mare sahiram com 400 ou 500 homens. Muitos dizem que vão para Iguarassú, onde fará juncção com elles o.

Sr. Stackhouwer acompanhado dos seus soldados e indios. Bem pode ser que succeda alguma cousa notavel, o que o tempo dirá.

Uma certa pessoa, que ha 16 mezes foi apprehendida pelo inimigo no Rio Grande, ia ser enviada para a Bahia, mas fugio-lhe e passou-se para os nossos em Cururipe. Como essa pessoa tinha estado por muito tempo entre elles, nos revelou muitas particularidades, e nomeadamente que alguns dos grandes senhores portuguezes foram presos por ordem de João Fernandes Vieira, visto como eram accusados de ter conhecimento do recente attentado contra a sua pessoa, e tambem de entreter correspondencia comnosco; Manoel Cavalcante, um dos principaes rebeldes, anda fugido nos matos com uma porção de moradores e soldados da Bahia; João Pessoa (Pesoe) e Cosmo de Crasto, ambos senhores de engenho, foram condemnados a pagar, cada um d'elles, a multa de 200 coroas, e tres vezes por semana devem apresentar-se no Real do Bom Jesus; os mais ainda estão presos. Graças a Deus por ter lançado a discordia e a desconfiança entre esses chefes cerberos, do que esperamos com o tempo tirar bons fructos em proveito deste paiz. Sentem falta de muitas cousas, o que não causa pequeno descontentamento entre elles.

A 23 partio d'aqui para Rochela o navio *Goude Leeuw*.

A 24 partio uma força de 85 homens com o Sr. Mare para ir ter com o governador.

A 27 partiram dous barcos para a ilha Fernando, levando tres mulheres banidas deste paiz.

A 29 o Sr. Lucas Pennevart, mouro, que esteve muito tempo entre os Portuguezes, e foi preposto (*factor*) de João Fernandes Vieira, veio ter comnosco. D'elle souberam os nobres e poderosos Senhores (do Concelho Supremo) varias particularidades acerca do inimigo, mas as declarações ficaram secretas.

Encerro este anno para começar o novo, no qual pedimos ao Todo Poderoso que nos dê melhor fortuna, nos proteja e nos livre das mãos dos nossos inimigos para gloria do seu nome. Amen.

TERCEIRA PARTE

JANEIRO DE 1647

A 2 de Janeiro chegou o navio *Timmerman* da Camara de Amsterdam com uma companhia de 125 homens; nove semanas de viagem. Trouxe-nos a noticia de haverem os Francezes tomado a praça forte de Dunkerke. O Sr. Schop voltou sem haver feito cousa alguma, porque o inimigo foi avisado de sua excursão a Iguarassú, de modo que não tiveram os nossos ensejo de atacal-os.

Chegou do rio de S. Francisco um barco, trazendo-nos a seguinte triste noticia extrahida de uma carta escripta naquelle forte a 30 de Dezembro ultimo: « A 27 de Dezembro sahiram d'aqui cinco companhias de brancos e uma de indios para irem ter a um curral de gado, que fica a seis legoas deste logar. Commandava a tropa o capitão Lambert, aliás La Montangie; conduziam a vanguarda os capitães Kiliam e Gysselingh, que por duas vezes já tinham afugentado o inimigo, matando e apprehendendo a muitos delle. La Montangie, em vez de secundar, como devia, os ditos capitães, tomou um outro caminho atravessando o rio, e quando se achava no outro lado, foi cercado por deante e por detraz, de modo que não podia retirar-se. Os tapuyas deram sobre os nossos, que fugiam largando as armas, e assim a maior parte chegou ao forte sem armas, e até sem espadas; o coronel Hinderson os quiz castigar pela covardia de abandonarem tão vergonhosamente os seus officiaes, mas foram perdoados por intercessão dos principaes officiaes e em attenção a serem moços. Os

alferes La Fleur, Cornelis van der Voorde e Thomaz Rames salvaram a sua honra, e, como bravos militares, recolheram-se com uma porção dos nossos. Esta derrota é lançada á conta do commandante La Montangie que a occasionou em razão da má ordem que deu. O maior mal, que soffreram os nossos soldados, foi feito pelos Tapuyas, que matavam os fugitivos. Pela maior parte morreram os officiaes das cinco companhias, a saber:

Mortos: os capitães Killiam Snyder, Gerrit Schut, Koin, La Montangie; os tenentes Jeronymus Helleman, Bailjaert de Flessinga, Cornaus de Haya e o alferes Middelburgh de Swol.

Foi preso o capitão Gysselingh.

Dos soldados perdemos os seguintes, cuja falta se verificou na revista: da companhia do capitão Schut, 19; de Koin, 34; de Killiam, 14; de Gysselingh, 22; de La Montangie, 14; indios brazilienses, 2; officiaes, 9; ao todo, 114 homens

Jan Jansz. van Yssendyck, tenente de Gysselingh, e Adriaen Mebus, alferes do capitão Schut, largaram em caminho as armas; e por isso a 29 de Dezembro as armas lhes foram quebradas aos pés, e elles condemnados, como desleaes, a voltar para Hollanda. Temos seguramente 1.300 homens, mas não ousamos afastar-nos d'aqui meia hora de viagem, porque o inimigo anda em grande numero por estes arredores. A perda de officiaes e soldados tão bravos causou aqui não pequena perturbação. Seja Deus servido vir em nosso auxilio. Trabalha-se diligentemente no forte.»

9.—Como o inimigo nos levou vantagem no referido rencontro, os nobres e poderosos Senhores do Supremo Concelho mandaram nesta data affixar editaes por toda a parte, ordenando que todos os moradores que se acham sob o seu dominio e obediencia na Parahyba, no forte de S. André e logares visinhos, se recolham ás nossas fortalezas, visto como os ditos senhores retirarão as guarnições que alli estão para empregal-as alhures. E'

pois de suppor que se juntará a maior parte das nossas forças a ver si alcançarnos alguma victoria sobre o inimigo, ou seja nestas cercanias ou na Bahia, esperando a protecção de Deus, pois querer obter vantagens sobre o inimigo por meio de pequenas tropas é fazer o que faz o mosquito: voar em torno do fogo e queimar-se.

A 11 o inimigo veio fazer uma galharda bravata deante do forte dos Afogados denominado Principe Willem. A artilharia o saudou de modo que elle bem depressa se retirou.

A 12 chegou da Parahyba o barco de Pieter Claesz., e trouxe nos a noticia de que algumas tropas portuguezas chegaram alli, depois de partirem as guarnições que estavam na Parahyba e no forte S. André, e apprehenderam varios dos nossos, entre outros a um mercador chamado Adam Bartels, bem como mataram algumas pessoas que ficaram em suas plantações contra a ordem dos nobres e poderosos Senhores Assim os nossos não podem sahir sem grande perigo dos fortes que ainda occupamos na Parahyba, pois aventuram-se a ser mortos ou presos.

João Fernandes fez espalhar aqui varios boatos por meio de suas creaturas,—elle tem muitas (Deus o sabe)—para nos incutir terror; mas não lhes damos muita importancia, visto como confiamos em Deus. Por esse motivo foi presa uma mulata que ousou dizer abertamente que dentro de dez dias o Recife se banharia em sangue, e que seria feliz quem estivesse com João Fernandes; foi intimada para explicar o que ha de succeder; ao meu ver, isto será tomado por um palanfrorio de mulher.

A 18 chegou o major Jacob Stackhouwer com a gente que se achava na Parahyba e S. André.

A 21 o inimigo chegou á noite deante da Barreta, e incontinente levantou duas baterias, d'onde a 22 de manhã fez vivo fogo contra o forte denominado Schoonenburgh. A segunda bateria foi le-

vantada ao longo da praia para impedir que o forte receba soccorro. De manhã vimos e ouvimos o fogo, e immediatamente o governador Schop mandou para lá cinco companhias de soldados pelos parceis afim de reforçarem os nossos, porque as ditas companhias não podiam seguir pela ilha da Palha que o inimigo occupava.

Esta noite sahio d'aqui uma companhia de arcabuzeiros, tomando o caminho de Olinda, mas recolheu-se de manhã sem ter feito cousa alguma.

A 23 de manhãzinha ouvimos o vivo fogo da Barreta; algumas horas depois restabeleceu-se o silencio, e logo veio gente nossa da Barreta com a noticia de se haverem retirado os Portuguezes levando a sua artilharia, em grande parte por causa dos tiros dos nossos hyates, que os flanqueavam junto aos parceis (arrecifes), e tal fogo fizeram contra elles que, sem duvida, morreram muitos. Dos nossos ha quatorze entre mortos e feridos.

A 28 partio d'aqui o Sr. Schop com 700 homens em sete velas, entre navios e fragatas, para o rio de S. Francisco. Na vespera haviam partido 400 indios. Certamente pretende-se levar a effeito algum commettimento, o que o tempo mostrará.

FEVEREIRO DE 1647

A 7 chegou um barco do rio de S. Francisco, trazendo um Portuguez que passára alli para o nosso lado. Declarou elle que ha apenas dous mezes que partira de Portugal, onde fallava-se muito em uma frota hollandeza que tinha de vir para cá com 6.000 ou 7.000 homens, e disso foram avisados os da Bahia para estarem de sobre aviso Começa pois a lavrar o medo entre elles. O mais que disse o Portuguez ficou secreto.

A 12, terça-feira, chegou da Hollanda pelas 8 horas da manhã o navio *Hoppesack* com o coronel Henrique van Hous e 30 soldados; sete e meia se-

manas de viagem. Sahio com mais tres navios que esperamos a cada hora.

Hoje 24 negros e negras com seus meninos passaram-se para a Barreta: fugiram ao inimigo que pretendia mandal-os para a Bahia. Dizem que virão outros.

O assucar está agora muito caro aqui: mal se pode haver por um florim uma libra de assucar ruim; si continuar assim, havemos de fazel-o vir da patria.

Do rio de S. Francisco chegaram dous barcos com o fiscal Tapper. Trouxe a noticia de que o tenente La Fleur sahira para haver novas dos Portuguezes; estes, que estavam de emboscada, o assaltaram e mataram, não voltando ninguem.

A 17 os nobres e poderosos Senhores do Supremo Concelho enviaram ao inimigo os portuguezes Gaspar Ferreira e um filho, que estavam presos aqui ha 18 mezes. Com que fim o fizeram mostrará o tempo, bem como os fructos que provirão da bondade dos nossos superiores para com elles.

Por um barco que veio do rio de S. Francisco soubemos que a nossa frota partira d'alli a 4 deste sob o mando do conselheiro supremo Simon van Beaumont, commandando a milicia o Sr. Sigismundos van Schop. Dirigiram-se para o sul com cerca de 3.000 homens entre soldados, indios e marinheiros. Aqui se tem por certo que o objectivo é a Bahia; o resultado esperamos saber em breve, e seja servido o Senhor Deus de favorecel-o com a sua divina protecção. No rio de S. Francisco ficou somente o Sr. coronel Hinderson com 500 ou 600 homens, entre indios e soldados.

A 27 e 28 chegaram os navios *Prins* e *Blauwen Boer* de Amsterdam com 105 soldados; dez semanas de viagem. Trouxeram tambem viveres, e a noticia de estar livre e franco o commercio, o que aqui ha de ser mal recebido.

MARÇO DE 1641

No 1º deste partiram o navio *Goude Leeuw* para a patria e o *Timmerman* para Rochela. Deus lhes dê boa viagem.

A 2 passaram-se para o nosso lado alguns negros dos Portuguezes. Trouxeram a noticia de que o melhor das forças do inimigo seguira para o sul. Tivemos tambem uma triste noticia a respeito de um dos nossos barcos, que, vindo do Rio Grande, naufragou nas aguas da Parahyba com onze pessoas e algum gado. Entre outros morreram o tenente Gabriel de S. Marie, o mercador Reynier de Leeuwen e a mulher do capitão Prevoos.

Passou-se para o nosso lado João de Candia, grego de nascimento e experimentado barqueiro, o qual servio contra a sua vontade o inimigo por muito tempo. Trouxe um barco.

A 9 uma tropa inimiga foi á Barreta. Pretendiam sorprender a sentinella que estava da parte de fóra, mas a sentinella presentio-os e matou a um mulato; vendo que estavam descobertos, os mais retiraram-se.

A 10 chegou um dos nossos hyates que cruzava deante do Pontal. Trouxe quatro dos nossos que estavam alli presos, os quaes fugiram em jangadas para o dito hyate. Disseram que os Portuguezes soffrem grande falta de tudo, e que Hoochstralen estivera na Bahia, mas já voltou.

A 12 o inimigo apprehendeu seis dos nossos junto ao forte dos Afogados. No mesmo dia passou-se para cá um mulato dos Portuguezes, e, depois de interrogado pelos membros do Supremo Concelho, foi logo recolhido a bordo, de modo que o povo ignora quaes foram as suas declarações.

A 14 chegaram os navios *Zael* e *Vergulde Valck* com 20 soldados e seis semanas de viagem.

A 16 chegou a fragata *Meermine* de Flessinga

com seis semanas de viagem. Trouxe a noticia de que na Hollanda fallava-se muito de paz entre os Estados Geraes e o rei de Hespanha ; e que outras fragatas viriam para cá afim de crusar nestas costas, o que esperamos vivamente.

Chegou do rio de S. Francisco o hyate *Sterre* com a noticia de que 4.000 homens do inimigo pouco mais ou menos cercaram uma casa denominada de *Brugge*, que 50 ou 60 dos nossos occupavam sob o mando do tenente van Westerwout. Os nossos não podiam resistir a uma tal força ; trataram pois com o inimigo sahir em liberdade e por accordo, mas tão depressa sahiram, foram desarmados e mortos, menos dous ou tres indios que com a corda no pescoço conseguiram admiravelmente chegar ao nosso forte; e por elles soubemos a façanha do cruel marrano. O commandante salvou a vida. O coronel Hinderson esforçou se muito por soccorrel-os : tendo sahido o capitão Chain Fleury com uma partida para reconhecer o inimigo, e adiantando-se um pouco, foi immediatamente cercado pelos Portuguezes, de modo que não havia sahida nem meio de salvarem se, pelo que tiveram de bater-se ; o coronel Hinderson, que seguia as pisadas dos nossos, vendo o estado das cousas, e não tendo comsigo mais de 300 homens que não podiam romper a decima parte das forças inimigas, retirou se para o forte, e, si não o fizera, teria soffrido o mesmo desastre da sua vanguarda, visto como lá ficaram o capitão Chain Fleury, 40 soldados e 60 indios. Foi uma grande perda, porque, tendo-se o inimigo apossado desse logar forte, ficaram os nossos tolhidos de ir buscar gado. A referida casa dista somente meia legua do forte, e tem junto um curral, onde cerca de 1.000 cabeças se recolhiam todas as noites, o que era um grande soccorro para o nosso exercito. Poisque agora as perdemos, o rio de S. Francisco não é mais do que uma esteril charneca e um cancro para a Companhia, e necessariamente deve ser

abandonado e retirar-se a gente para logares de vantagem.

A 18 chegou o navio *S. João* com cerca de 40 homens; doze semanas de viagem.

A 20 chegou o navio *t'Huys van Breda*, expedido pelo governador Schop para nos trazer a noticia de que a... (em branco) o nosso exercito desembarcára em Tapicurá (Taparica), ilha que fica a tres leguas da Bahia. Avisado da vinda dos nossos, o inimigo retirou-se com cerca de 700 homens escolhidos dentre os seus para um monte que existe em dita ilha, e começou a levantar ahi um forte para o fim de nos expellir della. O Sr. governador, vendo isto, reunio os officiaes superiores e inferiores, bem como os soldados, e lhes fez sentir a imperiosa necessidade de atacarem com a maior diligencia o inimigo, antes que elle puzesse em estado de defeza a sua fortificação, porque, desde que o inimigo o fizesse, não se poderia mais obter na ilha algum proveito ou vantagem, e consequentemente o nosso exercito seria forçado a abandonal-a com damno da Companhia e grande quebra da reputação de todos; e tendo assim o governador animado e excitado os officiaes e soldados com excellentes razões, foi resolvido atacar-se o inimigo com todas as forças, e em seguida o atacaram, achando se todos bem dispostos e revestidos de grande coragem. Os contrarios resistiram por muito tempo; bateram-se de parte a parte bravamente; mas os nossos, tomando novo animo, os atacaram tão galhardamente com uma forte descarga que os Portuguezes deitaram a fugir precipitada e desordenadamente. No logar occupado pelo inimigo encontramos 140 a 150 mortos, e os feridos não foram em numero menor. Tivemos 15 a 16 entre mortos e feridos. Morreram o capitão Monschein e o seu tenente, e o governador Schop está ferido; espero que em breve se restabeleça. E' de admirar que ha muito não tenha elle perdido a vida, visto como em todas as occasiões

expõe-se como um soldado ordinario, e quasi sempre se acha onde a refrega anda mais travada. Deus seja servido guardar esse heroe de toda a adversidade, amen! Houvemos todas as munições do inimigo e uma porção de assucar e oleo de baleia que serão enviados para aqui. Foi esta uma grande victoria para a Companhia, e com o favor de Deus e o soccorro vindo da patria havemos de obter outras vantagens. Si nesta batalha os Portuguezes tivessem sido vencedores, nenhum ou bem poucos dos nossos, segundo o que parece, poderiam alcançar os navios, e, em todo o caso, teriam de abandonar a ilha. Agora fizeram os nossos alli um forte mui defensavel, e assim esperamos que com o favor de Deus ficaremos senhores da ilha.

A 21 chegou um barco do rio de S. Francisco, e trouxe a noticia de haver o escolteto Paulo Anthony Dames partido d'alli a 2 deste em um barco com a sua familia, o ministro Stetten, o advogado Heeregraef e outras pessoas. Na altura do Porto Francez viram os nossos um barco portuguez com um outro hollandez, e como o escolteto Dames está muito retardado, aqui passa por certo que aquelle barco foi tomado.

A 26 chegou o navio *Vlissingen* de Taparica com o assucar e o oleo que alli foram tomados.

A 30, sabado, João Fernandes Vieira enviou para cá duas mulheres, a saber, a mulher de um capitão e a de um tenente, que tomaram no Porto Francez em o referido barco. O escolteto Dames, sua mulher e filha, e essas duas mulheres, depois de muita miseria e penoso trabalho, chegaram á Varzea. Saquearam completamente o barco e nada deixaram aos pobres presos, e até quizeram matal-os em Porto Francez, como os matariam si não fôra o humilde pedido da senhora Dames. Mandaram os outros presos para a Bahia; receiamos muito que tenha sido para a Bahia de *Baixo*, visto como de dez nenhum chegou ao seu destino.

As ditas mulheres trouxeram cartas de João Fernandes Vieira, propondo a troca do escolteto Dames, sua mulher e filha pelo almirante Jeronymo da Silva (Serrão de Paiva) e mais duas moças portuguezas que temos aqui.

ABRIL DE 1647

No 1º deste o inimigo apprehendeu a mestre Henrique, carrasco destas conquistas, que sahira um pouco para fora dos nossos quarteis; deram-lhe primeiramente um tiro, e depois lhe cortaram a cabeça com o seu proprio facão (*Slagsweerd*). Ha muitos candidatos ao seu emprego.

A 2 os nobres senhores do Concelho Supremo enviaram por um tambor uma carta ao inimigo sobre a soltura dos presos.

A 3 o tambor voltou da Varsea com o recado de que os Portuguezes mandariam a sua resposta por escripto em dous ou tres dias. Os navios *Blauwen Boer* e *t'Huys van Breda* partiram para Rochela.

A 4 chegou o navio *Salamander* da Zelandia, e não trouxe soldados, o que é para admirar pela muita necessidade que temos delles. Durou nove semanas a viagem.

A 5 passaram-se para nós dous Castelhanos.

A 8 o coronel Hinderson chegou do rio de S. Francisco.

A 12 chegou da Zelandia a fragata *Middelburgh* com o Sr. Brest, que foi posto como director das fragatas. Trouxe a noticia de ter sido declarado livre o commercio. Que proveito póde provir disso? Si a terra está fechada, si não se pode haver assucar, que retorno receberão os mercadores em troca de suas mercadorias? Nenhum, a não ser dinheiro com prejuizo de 30 a 35 por cento; a mercadoria é vendida aqui proporcionalmente mais barata do que na Hollanda, o que dará pouco apetite aos mercadores do Brazil.

A 13 João Fernandes Vieira enviou para cá Anna Brandt, filha do Sr. Dames, e por ella soubemos com certeza que, tendo os Portuguezes sahido do Pontal em tres barcos, e encontrado o de João de Candia (montado com uma peça e 36 homens) o atacaram; os nossos defenderam-se vivamente, mas foram tomados pelos adversarios qne eram mais fortes e numerosos. O tenente do major Bayert e 19 soldados morreram, e o resto foi preso. Enforcaram a João de Candia.

A 16 os Srs. Beaumont e Schop, vindos de Tapicurá (Taparica), chegaram aqui.

A 22, segunda-feira, a senhora Anna Dames foi solta pelos Portuguezes e enviada para cá. O Sr Dames morreu a 17, que foi quarta-feira.

A 28 o Sr. Schop despedio-se dos nobres e poderosos senhores do Concelho Supremo e partio no hyate *t' Waeckende Hert* para o nosso exercito de Tapicurá (Taparica).

Aqui termino este *Diario*. Esperamos que, quando a nossa poderosa frota vier da patria, obteremos melhores fructos e faremos maiores progressos, e havemos de proseguir nesta memoria.

O Senhor Deus seja servido proteger os nossos commettimentos ulteriores para a propagação da santa e divina verdade, augmento de muitas terras e praças, proveito e conservação da Companhia. Amen.

FIM

INDICE

ERRATA

Wassende Boeg, a pag. 117, em vez de *Wackende Boeye*.

REVISTA

DO

INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRAPHICO

PERNAMBUCANO

AGOSTO DE 1887

RECIFE
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL

1887

REVISTA

DO

INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRAPHICO

PERNAMBUCANO

AGOSTO DE 1887

RECIFE
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL

1887

ASSEMBLÉA GERAL

ACTA DA SESSÃO SOLEMNE DO 25.º ANNIVERSARIO DO INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRAPHICO PERNAMBUCANO EM 27 DE JANEIRO DE 1887

Presidencia do Exm. Sr. Conselheiro

João José Pinto Junior.

A uma hora da tarde, depois de recebida a continencia da guarda de honra postada em frente do edificio, os Exms. Srs. Rvm. Bispo Diocesano, Drs. Presidente da Provincia, Primeiro Vice Presidente e o General Commandante das Armas, são acompanhados pela respectiva commissão, ao som de uma musica marcial, collocada á entrada do salão, até o logar que lhes é destinado; e estando presentes os Exms. Srs. Chefe de Divisão Inspector do Arsenal de Marinha, Commandante da Escola de Imperiaes Marinheiros, Ajudantes de Ordens da Presidencia e do Commando das Armas da Provincia, Rvm. Vigario desta freguezia de Santo Antonio, os Srs. Consules de Portugal, do Perú e outros, Deputados Geraes e Provinciaes, Dezembargadores, Juizes de Direito, Lentes da Faculdade, Professores, Chefes e Empregados de differentes Repartições, Advogados, Medicos, Jornalistas, Academicos, distinctas senhoras e muitas outras pessoas gradas, commissões do Conselho Superior da Sociedade Propagadora da Instrucção Publica de Pernambuco, dos Conselhos Directores da mesma sociedade, nas parochias do Poço da Panella e da Boa-Vista desta cidade, do Club Litterario Pinto Junior, da Associação dos Funccionarios Publicos, do Gremio dos Professores Primarios, do Instituto dos Professores, da Imperial Sociedade dos Artistas Mechanicos e Liberaes e da Sociedade Onze de Agosto,

grande numero de cidadãos de todas as classes ; verificou-se igualmente a presença dos seguintes socios do Instituto: Commendador Antonio Gomes de Miranda Leal, Conselheiro Quintino José de Miranda, Dr. José Hygino Duarte Pereira, Conselheiros Manoel do Nascimento Machado Portella e João José Pinto Junior, Dr. Cicero Odon Peregrino da Silva, Monsenhor Joaquim Arco-Verde de Albuquerque Cavalcanti, Dr. Maximiano Lopes Machado, Dr. João Baptista Regueira Costa (1.º secretario), Major José Domingues Codeceira (2.º secretario), Chefe de Divisão José Manoel Picanço da Costa, Drs. Ignacio Joaquim de Souza Leão, Thomaz Garcez Paranhos Montenegro, José Eustaquio Ferreira Jacobina, Josê Joaquim de Oliveira Fonseca, Amaro Joaquim Fonseca de Albuquerque, Paulo José de Oliveira, Joaquim Antonio de Castro Loureiro, José Isidoro Martins Junior, João Alfredo de Freitas, Commendador Manoel Camillo Pires Falcão, Majores Luiz Coêlho Cintra, Manoel Heraclito de Albuquerque e Leopoldo Borges Galvão Uchôa, Francisco Augusto Pereira da Costa e Augusto Cesar da Cunha.

O Exm. Sr. Presidente do Instituto, leu um discurso analogo ao acto e declarou aberta a sessão.

Em seguida dada a palavra ao Primeiro Secretario Dr. Baptista Regueira, leu este o seu relatorio sobre o movimento litterario, economico e administrativo do Instituto, durante os dous ultimos annos ; coube depois a palavra ao segundo orador do Instituto Dr. Lopes Machado, que, memorando as datas solemnisadas por esta associação, fez o elogio historico dos socios fallecidos durante o biennio social.

Occuparam em seguida a tribuna e felicitaram o Instituto, os Srs. : Dr. José Isidoro Martins Junior, por parte do Conselho Superior da Sociedade Propagadora da Instrucção Publica ; Dr. Paulo José de Oliveira, como orador do Conselho Director da mesma sociedade na parochia do Poço da Pa-

nella; Dr. Virginio Marques Carneiro Leão, por parte da mesma sociedade e do corpo docente da Escola Normal da parochia da Boa-Vista; a Exm.ª Sr.ª D. Anna Isabel de Oliveira, como oradora do Club Litterario Pinto Junior e Lindolpho Campello, por parte da Associação dos Empregados Publicos Provinciaes e do corpo academico.

Esgotada a lista dos oradores inscriptos, o Exm. Sr. Presidente, agradecendo a todas as autoridades nacionaes e estrangeiras, assim como as Exm.as Familias e mais pessoas que honraram a festa com as suas presenças, declarou encerrada a sessão.

Depois da musica tocar o hymno da Independencia, como já havia feito na abertura da sessão, o mesmo Exm. Sr. Presidente, convidou e acompanhou as pessoas que se dignaram aceitar o convite para visitar a bibliotheca, o archivo e o museu do Instituto; feito o que as primeiras autoridades da provincia retiraram-se com as mesmas formalidades com que haviam sido recebidas, e bem assim os outros convidados, sendo mais de quatro horas da tarde.

Ao levantar-se a sessão recebeu o Instituto o seguinte telegramma do Exm. Sr. Dr. Joaquim Pires Machado Portella:

« Saúdo jubiloso o Instituto que completa hoje um quarto de seculo. »

Foi respondido nos seguintes termos:

« Sessão esplendida. O Instituto agradece as felicitações do seu socio benemerito »

E por nada mais haver occorrido fiz a presente em que assigno com o Exm. Sr. Conselheiro Presidente e Dr. 1.º secretario. — Dr. *João José Pinto Junior*, presidente — *João Baptista Regueira Costa*, 1.º secretario. — *José Domingues Codeceira*, 2.º secretario.

Discurso do Presidente do Instituto

Senhores.—A' conhecida bondade dos meus illustres consocios devo a honra de occupar, ha um anno, esta cadeira.

Não pude esquivar-me á subida consideração com que me distinguiram, e no desempenho de tão honrosa missão, sou hoje obrigado a solicitar vossa esclarecida attenção, de conformidade com o que preceitúa o artigo 28 da lei organica deste Instituto.

Lamento apenas não poder ser n'este momento o interprete fiel desta associação, nem tão pouco traduzir, em phrases bem expressivas, tudo quanto de enthusiasmo me agita o coração de pernambucano.

Festejamos hoje, senhores, um duplo anniversario: o da installação do *Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*, e o da cessação do ominoso dominio hollandez nesta e em outras provincias do norte do Brasil.

Esses dous anniversarios despertam as mais vivas e duradouras impressões.

O primeiro—o da fundação do Instituto—recorda o esforço de alguns pernambucanos benemeritos que entenderam congregar-se em torno do glorioso estandarte das nossas tradições, e conseguiram erigir este templo, onde, durante vinte e cinco annos, temos vindo pagar o tributo da nossa fé civica, fazendo a apotheose do passado e glorificando os que trabalharam e morreram pela patria.

D'entre esses distinctos pernambucanos folgo de poder fazer aqui menção do Exm. Sr. Dr. Joaquim Pires Machado Portella pelos relevantissimos serviços que desde a fundação prestou e continúa a prestar a este Instituto.

O segundo—o da restauração de Pernambuco recorda a seu turno, a inolvidavel empreza daquelles grandes patriotas do seculo XVII, que de 1630 a 1654, sacrificaram-se dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, na reivindicação desta terra que lhes haviam usurpado, e despenderam os seus cabedaes, a sua saûde, o seu sangue, as suas vidas na elaboração do futuro nacional.

Senhores, depois do dia 7 de Setembro de 1822, precedido do 6 de Março de 1817, não ha para esta provincia outro que mereça ser tão festejado como o 27 de Janeiro de 1654.

Sim, senhores.—A' duzentos e trinta e tres annos, nesse dia que despontava radiante de esplendores, como si a natureza quizesse sorrir aos vencedores para lhes compensar as amarguras soffridas, João Fernandes Vieira (1), como um dos chefes intrepidos e destemidos, que conseguiram supplantar o inimigo, tomou posse da cidade e das fortalezas, segundo refere o insuspeito Netscher (2) considerando-o um homem extraordinario, a quem o Brasil poderia collocar com orgulho no rol de seus maiores cidadãos.

As 11 horas da noite do dia antecedente tinham sido assignados por Sigismundo Van-Scop, Gisberto Vvit, Vanderval e Vanlôo os artigos da capitulação em virtude dos quaes se realisava aquella

(1) João Fernandes Vieira, como é sabido, foi o primitivo chefe dos *Independentes*, e os seus esforços muito concorreram para que, depois de uma luta de 8 annos, 7 mezes e 14 dias, os hollandezes fossem obrigados a desoccupar esta terra, que o dito Vieira tinha adoptado como patria desde os seus dezesete annos de idade.

(2) Les Hollandais au Bresil. edit. em 1853 pag. 164
José Bernardo Fernandes Gama—Memorias Historicas da Provincia de Pernambuco. ediç. 1864, tomo 3, pag. 265 á 267.
General José Ignacio de Abreu e Lima.
—Synopsis dos factos mais notaveis da Historia do Brazil—ediç. de 1845 pag. 119.

occupação, e effectuada ella o General Francisco Barreto de Menezes(3) pôde no dia 28 fazer a sua entrada triumphal na cidade do Recife.

Estes acontecimentos que eram as ultimas estrophes de uma grande Iliada, escripta com o sangue de bravos. não arrancaram somente do poder batavo a capital de Pernambuco.

Vós todos sabeis, senhores (porque de certo conheceis as Epanáphoras de D. Francisco Manoel) que a capitulação da campina do Taborda (4) continha, além dos artigos 19 e 29, o seguinte preambulo:

« *Assento e condições, com que os senhores do Conselho Supremo, residentes no Arrecife entregam ao Sr. Mestre de Campo General Francisco Barreto, Governador em Pernambuco, a cidade Mauricea, Arrecife, e mais forças e fortes junto a ellas e mais praças que tinham occupadas na banda do Norte*, a saber: *a Ilha de Fernam de Noronha, Ceará, Rio Grande, Parahiba, Ilha de Itamaracá: ucor lado tudo pellos commissarios de huma, e outra parte, abaixo assinados.* »

Não foi, pois, unicamente a nossa provincia que logrou subtrahir-se ao jugo estrangeiro; toda a immensa porção de territorio, que abrange as provincias da Parahyba, do Rio Grande do Norte, Ceará e da actual provincia das Alagòas até a

---

(3) O General Francisco Barreto de Menezes, commandante em chefe do exercito libertador, foi o organisador de todo o plano de ataque ao Recife, então occupado pelos Hollandezes. e a elle deve-se a moderação com que foram tratados pelos vencedores os Hollandezes vencidos e prisioneiros.

(4) « Campina fronteira ao forte das Cinco Pontas, então chamada do Taborda por ahi ter morado um pescador de nome Manoel Taborda » (Historia das Lutas com os Hollandezes no Brazil desde 1624 a 1654 pelo Barão de Porto-Seguro, ediç. de 1872 pag. 367.)

Essa antiga campina do Taborda é o lugar actualmente denominado—Cabanga.

(Fernandes Gama, citadas Memorias Historicas, tomo 3º pag. 253.)

margem esquerda do rio S. Francisco, foi redimida comnosco e deve a sua existencia politica de hoje aos inarraveis esforços dos patriotas que a 27 de Janeiro de 1654 penetraram n'esta cidade.

Esse facto é bastante para que no dia de hoje quasi todo o norte do Brasil exulte, cheio de glorias e de recordações enthusiasticas.

Sim, senhores—Esta data que festejamos parece que devia ser saudada por enviados especiaes de todas essas provincias que, como Pernambuco, tiveram a ventura de libertar-se do jugo hollandez.

Entretanto só o *Insttuto Archeologico* desta provincia se lembra de commemorar o glorioso facto da extincção do dominio hollandez!

E aqui estamos nós, em nosso posto, em quanto muitos outros sentem escoar-se o dia de hoje, sem se aperceberem de que elle representa um marco mieliario na estrada da nossa vida collectiva !

Devo ficar aqui, senhores.—Os discursos que se vão seguir dos illustrados 1.º secretario e orador desta associação, hão de inteirar-vos dos nossos trabalhos e das evoluções porque passou o *Instituto* no biennio que agora termina.

Haveis de ver que si não fizemos tudo o que deviamos, fizemos, ao menos, aquillo que pudémos.

Basta olhar para as nossas *Revistas* e para a preciosa collecção de documentos geographicos e historicos trazidos da Hollanda pelc nosso benemerito consocio Sr. Dr. José Hygino Duarte Pereira, afim de que se comprehenda que não desanimamos na faina que nos impuzemos.

Anima-nos a mesma corajosa fé que entumescia os peitos de Champollion e de Rawlinson quando se debruçavam sobre os caracteres mysteriosos das ruinas egypcias e babylonicas.

E se os hieroglyphos e cuneiformes foram decifrados, porque razão não havemos nós de des-

cobrir, nos documentos que folheamos, a vida intima de Pernambuco colonial, para escrever-lhe a historia como ella deve ser escripta?

Havemos de trabalhar ininterrompidamente e o *Instituto* poderá dizer com o poeta portuguez (5):

« Os que depois de nós vierem vejam
Quanto se trabalhou por seu respeito. »

Está aberta a sessão.

27 de Janeiro de 1887.

DR. JOÃO JOSÉ PINTO JUNIOR.

---

(5) Dr. Antonio Ferreira, notavel jurisconsulto portuguez e autor dos *Poemas Luzitanos*.

Relatorio

APRESENTADO PELO 1º SECRETARIO DO INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRAPHICO PERNAMBUCANO NA SESSÃO MAGNA ANNIVERSARIA DE 27 DE JANEIRO DE 1887.

Meus senhores. — A confiança, revelada pelos vossos suffragios, collocou-me, pela terceira vez, na cadeira de 1º secretario, cuja missão, no presente dia, é relatar-vos o que de mais importante occorreu nesta associação, durante os annos sociaes de 1885 e 1886.

Celebra hoje o Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano o 25º anniversario de sua installação.

Ha 25 annos que cinco homens, sentindo baterlhes no peito um coração amante das glorias patrias, pozeram hombros á empreza de fundar uma associação, que tivesse por fim colligir, verificar e publicar os documentos, monumentos e tradições, que lhes fosse possivel obter e de que tivessem noticia, pertencentes á historia das provincias, que formavam as antigas capitanias de Pernambuco e Itamaracá, desde a epoca de seu descobrimento até os nossos dias.

Entre os homens de força de vontade pensar é obrar, e, dentro em pouco, tão patriotica idéa era traduzida em facto, com a installação de uma *Sociedade Archeologica*, aos 27 de Janeiro de 1862, data esta que recorda o dia, em que cessaram a invasão e o dominio hollandez no Brasil, com a entrega da cidade do Recife e da fortaleza das Cinco Pontas.

Muito solemne é, por conseguinte, o anniversario que hoje celebra o Instituto, pois que não só lembra o dia em que Pernambuco varreu do seu solo o invasor, embora trocando jugo por jugo,

como o em que começou a libertar-se de um inimigo, não menos prejudicial em seus effeitos, qual era a ignorancia das nossas tradições, o desconhecimento das nossas glorias, o desprezo dos nossos monumentos.

Já lá vão annos que, em identica solemnidade, ouvia-se, em primeiro lugar, no recinto do Instituto, a voz autorisada do seu venerando presidente, monsenhor Muniz Tavares, que, com a gravidade do ancião, carregado de serviços feitos a patria, abria a sessão, prendendo a attenção do selecto auditorio com o desenvolvimento de uma these sobre os indigenas da America.

Após elle, levantava-se desta cadeira, para ler-vos o seu relatorio, o não menos illustrado secretario perpetuo, dr. Soares de Azevedo, esse velho instruido, a quem se poderiam applicar as palavras de Mavire: de que era como uma estufa, onde apezar do inverno acham-se flores odoriferas e arbustos raros e uteis.

Finalmente subia á tribuna o nosso sympathico orador, dr. Aprigio Guimarães, que derramava flores sobre a sepultura dos socios fallecidos, rememorando-lhes os serviços e fechando sempre com chave de ouro a presente solemnidade.

Si, porêm, no dia de hoje a palavra do digno presidente desta associação não destôa, como acabais de verificar, do accento grave e solemne, que revestia o verbo de Muniz Tavares, esse ultimo Abencerrage dos patriotas de 1817, si, como tereis occasião de reconhecer daqui a poucos minutos, a eloquencia do nosso orador tem se mantido na mesma altura, a que elevaram na Aprigio Guimarães e os que lhe succederam, a palavra do 1º secretario do Instituto, sem as roupagens classicas do estylo de Soares de Azevedo e despida dos atavios de phrase, que distinguiam os que, depois delle, occuparam esta tribuna, é por certo uma nota desafinada, no meio das harmonias desta festa patriotica.

Dizia Luiz XI de França aos que o censuravam de ter feito do seu parlamento um homem indouto: Pois um congresso de tantos homens entendidos não poderá fazer entendido a um só?

Muito embora, com relação á minha admissão no gremio desta sociedade, possais justificar-vos com as palavras de Luiz XI, constituindo, como constituis, uma corporação de homens eruditos-jámais, senhores, deixará de reflectir sobre vós a culpa de terdes elevado a esta cadeira o ultimo de vossos consocios.

Entretanto não será isso um motivo para que não procure eu corresponder á confiança, que em mim depositastes, pois, como dizia Cicero, na sua oração pro Roscio Amerino: Eu antes quero ficar opprimido sob o peso desta incumbencia, do que desprezar e abandonar com infidelidade o que me foi encarregado com confiança: *Opprimi me onere officii malo, quam id, quod mihi cum fide semel impositum est, aut propter perfidiam abjicere, aut propter infirmitatem animi deponere.*

Passarei, portanto, a expor-vos o estado economico, administrativo e litterario do Instituto, durante os annos academicos de 1885 e 1886.

Celebraram-se nesse espaço de tempo, entre ordinarias e extraordinarias, 41 sessões, das quaes 3 foram em assembléa geral, sendo 2 para a eleição dos membros da mesa administrativa e das differentes commissões, e outra a 27 de Agosto de 1885 para a reforma dos estatutos.

No correr do biennio engrossaram-se as fileiras desta associação com a admissão de mais 7 socios honorarios, 15 correspondentes e 12 effectivos e, sob proposta da mesa, foram unanimemente elevados á cathegoria de socios benemeritos, pelos relevantes serviços prestados ao Instituto, o commendador Antonio Gomes de Miranda Leal, o conselheiro Quintino José de Miranda e os drs. José Hygino Duarte Pereira e Joaquim Pires Machado Portella.

Mencionando os novos operarios que, com suas luzes, esforços e dedicação vieram ultimamente auxiliar-nos na afanosa jornada por entre as ruinas do passado, seja-me licito commemorar tambem os nomes daquelles que, fazendo parte desta associação, pagaram á natureza o tributo da vida.

Si não temos entre nós o Juizo dos Mortos, essa instituição egypcia, que submettia a seu exame a vida dos homens distinctos e que só os honrava com funeraes quando verificava haverem cumprido o seu dever, temos esta corporação, que, no dia de hoje, inicia, por assim dizer, o processo biographico de seus consocios, pagando-lhes a homenagem devida ao seu merecimento ; si, como entre os romanos, não é o irmão pela natureza, que vem aqui tecer o elogio funebre do finado, é o irmão pela confraternidade das idéas, é o nosso orador, a quem compete proclamar as virtudes civicas e moraes e os titulos de benemerencia de cada um dos socios, que a morte arrebatou, na sua destruidora carreira.

Ainda bem que essa missão é confiada a uma palavra ungida de todos os perfumes da eloquencia, palavra que os fará reviver em nossa memoria, porque, na phrase do grande orador romano : *A vida dos mortos consiste na memoria dos vivos.*

E de feito, senhores, d'aqui a poucos instantes ouvireis dos labios inspirados do orgão do Instituto que o dr. José Bernardo de Figueiredo foi um cidadão por todos os titulos digno do respeito dos contemporaneos ; que o consul portuguez dr Claudino de Araujo Guimarães á amenidade do cavalheiro alliava o fino tacto do diplomata, com o qual procurou sempre estreitar os laços que prendiam a dous povos irmãos ; que o dr. Antonio Epaminondas de Mello, esse pernambucano distincto, filho de uma das glorias da provincia, comprehendendo perfeitamente o sabio preceito da legislação de Solon, de que a nenhum cidadão era licito conservar-se indifferente nas publicas dis-

sensões de sua patria, abraçou desde a mocidade a carreira politica, onde representou papel saliente; que o commendador Emilio Xavier Sobreira de Mello foi um funccionario de inexcedivel honestidade e cuja intelligencia corria parelhas com o seu zelo pelo serviço publico; que o desembargador Marcos Correia da Camara Tamarindo soube honrar a toga que vestio e a elle se poderiam applicar as palavras de Horacio, de que era dotado de prudencia e se distinguia por sua rectidão, quer nos tempos prosperos, quer nos adversos—*Rerum prudens et secundis temporibus, dubiisque rectus*; que o dr. Joaquim José da Fonseca 1° vice presidente, que foi, desta associação, á amabilidade, que o distinguia, reunia uma solida illustração juridica que conquistou-lhe posição eminente entre os advogados dos auditorios desta cidade; que o dr. José Bento da Cunha Figueiredo Junior, emquanto permaneceu entre nós concorreu com a sua assiduidade para a boa marcha dos trabalhos desta associação, occupando posteriormente os mais altos cargos de administração em diversas provincias do imperio; que o dr. João Francisco Dias Cabral, incansavel mineiro dos nossos archivos, era a alma e a vida do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano onde distinctamente occupou o lugar de secretario perpetuo; que o conselheiro José Liberato Barroso, ex-presidente desta provincia e um dos socios mais illustradosdo Instituto, elevou-se por seu merecimento ás alturas do ministerio, tendo antes deixado luminosos vestigios de sua passagem, em uma cadeira de lente de nossa Faculdade de Direito; que o Dr. Aristarcho Cavalcanti de Albuquerque, que aqui prestou-nos relevantes serviços, na qualidade de segundo orador, foi um cidadão notavel pela honradez de seu caracter e vigor de sua intelligencia, que se escondia por entre a modestia, como, para servir-me da comparação de um poeta, a violeta humilde se esconde por entre os fios d'agua que lhe

serpenteiam em torno; que o commendador Paulino Pires Falcão foi um agricultor laborioso, o qual viveu dos recursos que lhe proporcionava o seu trabalho, guiado por uma intelligencia esclarecida, que elle poz ao serviço da industria; que o dr. Francisco Manoel Raposo de Almeida occupou por seu talento e illustração um lugar saliente entre os nossos litteratos, e, durante o tempo, em que permaneceu nesta provincia, imprimio um grande impulso á marcha desta associação, que lhe é devedora de innumeros trabalhos sobre archeologia e historia patria; que o engenheiro dr. José Tiburcio Pereira de Magalhães, dispondo de uma actividade não vulgar, deveu o que foi á sua perseverança, aos seus esforços e a sua força de vontade, no exercicio da profissão que abraçara; que o desembargador Francisco Domingues da Silva percorreo todos os gráos da escala judiciaria, destacando-se sempre pela sisudez do seu caracter e cultura de sua intelligencia, na difficil sciencia de julgar e que finalmente o dr. Gaspar Drummond que, pelos seus dotes intellectuaes era destinado a representar uma figura superior nos destinos do paiz, teve, ao contrario, por sorte rolar o rochedo da montanha, qual novo Sisipho, e quando se lhe abriram as portas do parlamento, foi para illuminar a tribuna da camara temporaria com um clarão de sol em seo zenith, elle que alquebrado pela enfermidade já caminhava para o occaso da vida.

Tudo isso vos será dito, mas em phrase eloquente, pelo nosso distincto orador, que porá em relevo os traços biographicos de cada um dos socios fallecidos, durante o biennio, e que, por certo. apagará a desagradavel impressão das palavras que aqui ficam consagradas á sua memoria, porque, no dizer do poeta de Venusa: Um tom humilde avilta os grandes objectos :*Magna parvis tenuare modis*.

Diversas foram as deliberações do Instituto

durante os dous ultimos annos, presidindo o maximo criterio ás medidas por elle adoptadas para a boa marcha de seus trabalhos.

Sob proposta do nosso consocio e 2º vice-presidente, dr. Cicero Peregrino, resolveu o Instituto reformar os seus estatutos e convocada para esse fim a assembléa geral, que reunio-se a 6 de Agosto de 1885, foi apresentado pela commissão de redacção o projecto de reforma, que, depois de discutido convenientemente, mereceu a vossa approvação.

Contém os novos estatutos as alterações que a experiencia aconselhava como mais necessarias para attingir a nossa associação aos fins, a que se propõe.

Uma das disposições, que a nova lei reformou, é relativa ao objecto do Instituto, que, sendo anteriormente restricto á historia, remonta-se hoje á prehistoria tambem das provincias, que formavam as capitanias de Pernambuco e Itamaracá, offerecendo dest'arte um campo mais largo, um horizonte mais vasto para as vossas investigações.

Passaram igualmente os estatutos antigos por notavel reforma com relação á direcção dos nossos trabalhos, que foram divididos em trabalhos administrativos e trabalhos scientificos.

Para os primeiros ficaram reduzidas a tres as commissões existentes : *commissão directora* composta dos membros da mesa, de *contas* e de *redacção*,

Para os segundos crearam-se quatro secções : de *archeologia*, de *historia colonial*, de *historia nacional* e de *geographia*, ás quaes pertencerão os socios, conforme a escolha que fizerem, de accordo com as suas aptidões.

Encerram ainda os novos estatutos outras disposições, que consultaram os interesses litterarios e economicos desta associação, como fossem a creação da classe de socios benemeritos, titulo este que só póde ser conferido aos que prestarem

serviços relevantes ao Instituto, a reducção da joia dos socios effectivos, que foi equiparada a dos correspondentes, a dispensa desta contribuição aos que fizerem alguma offerta importante e diversas outras medidas, relativas á bibliotheca, ao archivo e ao museu do Instituto.

Deliberou ainda esta associação, na sessão de 17 de Dezembro, sob proposta de nosso ex-presidente e socio benemerito o exm. sr. conselheiro Quintino de Miranda, que se representasse ao Governo Imperial acerca da resolução, contida no aviso do Ministerio do Imperio, de 29 de Novembro de 1885, mandando suspender, de Dezembro em diante, os vencimentos, que, na qualidade de lente de nossa Faculdade de Direito, percebia na Europa o dr. José Hygino Duarte Pereira.

Achando-se então o nosso consocio examinando, em commissão do Instituto, os documentos mais importantes relativos á lucta hollandeza, que se ferio entre nós, não podiam deixar de reflectir sobre esta associação os effeitos daquelle aviso, pois que a suspensão dos vencimentos do illustrado professor, privando-o de continuar a manter-se no estrangeiro, traria a interrupção das pesquisas a que, com tanto proveito para o Brazil e especialmente para esta provincia, estava elle procedendo nos archivos de Haya.

Muito acertada, portanto, foi a deliberação do Instituto, dirigindo ao Governo Imperial uma representação, em que, abundando em considerações da maior relevancia, pedia que revogasse o aviso de 29 de Novembro, marcando um prazo razoavel, dentro do qual podesse o nosso consocio concluir os seus trabalhos, aliás já muito adiantados.

Infelizmente, porém, essa representação, em que depositava o Instituto as mais bem fundadas esperanças, não foi tomada em consideração pelo Ministerio do Imperio, que, em aviso de 30 de Janeiro do anno passado, declarou não poder revogar a sua resolução anterior; restando-nos apenas

a satisfação de havermos cumprido o nosso dever, na difficil situação, em que se vio collocado o Instituto.

Na sessão de 5 de Agosto do mesmo anno, sob proposta de grande numero de socios, deliberou tambem esta associação que se pedisse á Assembléa Provincial da Parahyba a approvação do projecto de lei, que concede ao dr. Maximiano Lopes Machado uma subvenção para a publicação de sua obra *Historia da Parahyba do Norte.*

Nunca é de mais para encarecer a importancia dessa obra, com que o nosso eloquente orador pretende levantar um monumento *ære perennius* á heroica provincia que lhe dera o berço.

A historia, reduzida primitivamente ás civilisações helenica e italica, como nos faz ver um escriptor, era representada entre os gregos por Herodoto de Halicarnasso e Thucydides e entre os romanos por Fabio Pictor e Catão o Censor, que perpetuaram as tradições de suas patrias !

Mais tarde Sempronio Azelio, apartando-se do estylo dos pontifices, contribuia para que consistisse ella não na simples enumeração dos acontecimentos, mas no conhecimento de suas causas, na explicação de seu espirito.

Era como que o preludio da importante conquista, que, seculos depois, devia fazer o bispo de Meaux, o insigne Bossuet, o qual, muito antes que as portas do oriente se abrissem aos estudos de Anquetil Duperron e de Fauche, havia assentado as bases de um novo processo, de um novo plano, escrevendo a historia universal.

Só então, como observa Alberto Pimentel, depois que a attenção do historiador se fixou sobre toda a humanidade, foi possivel crear o que se chama, com muitissima propriedade, a *philosophia da historia* e, traçado esse novo caminho, appareceram Vico, Montesquieu, Cantu, Cousin, Michelet, Edgard Quinet e muitos outros.

Animado do mesmo espirito philosophico que

esses escriptores, que elevaram a historia á sua verdadeira altura, e guiado pelos processos modernos, não limitou-se o dr. Maximiano Lopes Machrdo, ao compôr a obra de que me occupo, a uma simples chronica dos factos, de que foi theatro a sua provincia natal.

Ao contrario, collocando-se n'um ponto de vista, d'onde podesse apreciar as causas, as relações e as consequencias dos acontecimentos, que ahi tiveram lugar desde os tempos primitivos até os nossos dias, folheou os documentos, que lhe foi possivel consultar, combinou as asseverações dos differentes escriptores acerca de certos pontos duvidosos, corrigio as inexactidões, de que se resentiam as chronicas da epocha e de todos esses elementos extrahio a verdade, escrevendo, com *aquella brevidade correcta* e *luminosa*, de que nos falla Cicero, a importante — *Historia da Parahyba do Norte*.

Reconhecida a essa prova de patriotismo, por parte de um de seus filhos mais distinctos, a heroica terra de Vidal de Negreiros sentio pulsar-lhe no peito um coração amante das suas glorias no passado e esse sentimento inspirou-lhe a apresentação de um projecto na sua Assembléa Provincial, concedendo uma subvenção para a publicação daquella obra.

Não applaudir o Instituto os generosos impulsos dessa corporação, não vir mesmo ao encontro dos intuitos nobilissimos que a animavam, seria faltar a um dos seus mais imperiosos deveres.

E de feito, si um dos fins desta associação é publicar os documentos, monumentos e tradições, relativas ás provincias, que formavam as antigas capitanias de Pernambuco e Itamaracá, com maioria de razão é concorrer para que esses elementos se publiquem, quando se acham reunidos, á luz da critica, em uma obra de grande folego, como a *Historia da Parahyba do Norte* e tratando-se de uma provincia, que tem sido a co-participante da

de Pernambuco, nas suas luctas e nos seus heroismos, nas suas glorias e nos seus infortunios

Foi, por conseguinte, de elevadissimo alcance a deliberação, que tomou o Instituto, dirigindo-se para esse fim á Assembléa da Parahyba, a qual acaba de dar arrhas do seu patriotismo, approvando em 2ª discussão a subvenção que se projecta conceder para a publicação da historia de sua provincia e dest'arte honrando as tradições gloriosas de seus antepassados.

Varios de nossos consocios occuparam, durante o biennio, a attenção do Instituto com os fructos de suas elocubrações, nos dominios da archeologia e historia patria.

Na sessão de 19 de Fevereiro de 1885 foi lida por mim a traducção de uma *Memoria*, intitulada *Inscripções em rochedos do Brazil.*

Escripta em lingua ingleza pelo professor da Universidade de Indiana e hoje nosso consocio, o dr. João Carlos Branner, é esse trabalho, segundo elle declara, a continuação do que encetou em 1871 o chorado professor Hartt, sob cuja direcção servio o mesmo dr. na *Imperial Commissão Geologica Brazileira.*

Occupando-se de inscripções, existentes nos sertões de Pernambuco e Alagôas, foi meu intuito, trasladando a portuguez a Memoria do distincto americano, concorrer para que cada vez mais se accentúem esses estudos, a que aliás tão poucos se consagram entre nós.

Si ha um assumpto, que deva interessar a attenção dos eruditos, e ao serviço do qual abalisados escriptores estrangeiros têm posto a sua actividade, os seus esforços e a sua dedicação, já individualmente, já reunidos em sociedades, das quaes se destaca o *Congresso Internacional dos Americanistas*, é, sem duvida alguma, a historia dos habitantes primitivos deste vastissimo continente e sobretudo do Brazil, esse *presente do seculo XVI,*

offerecido pelo acaso ao futuro, na phrase de um eximio litterato.

A vida especial do nosso selvagem, a qual apresenta muitos pontos de affinidade com a dos povos do Velho Mundo, as differenças anatomicas que o distinguem das outras raças, a sua classificação, filiação e evolução, o seu progresso e a sua decadencia, tudo isto são pontos de interrogação que pedem uma solução immediata ás sciencias anthropologicas, ethnographicas e ethnologicas, tudo isto são esphinges que esperam o seu Edipo e que só podem encontral-o no espirito investigador do homem de lettras, que á luz dessa lampada, que se chama critica, consegue devassar-lhes os mysterios em que se envolvem.

Mas, para chegar a esse resultado, é incontestavel a utilidade que resulta do conhecimento dos escriptos, tradições e monumentos e entre estes o das inscripções, não só as que consistem em caracteres alphabeticos como as symbolicas e phoneticas; pelo que mui relevante foi o serviço que prestou o dr. Branner á archeologia prehistorica, copiando e reunindo no pequeno volume, que traduzi, os hieroglyphos que poude salvar das mãos destruidoras do tempo.

Nesse interessante opusculo occupa-se o illustrado americano das inscripções que descobrio em Aguas Bellas desta provincia na fazenda *Cacimba Cercada*, no lugar conhecido por *Pedra Pintada* distante 10 leguas daquella villa e em *Sant'-Anna*, da provincia das Alagôas.

Diz o dr. Branner que todas ellas se acham em rochedos elevados; a maior parte em massiços de gneiss de decomposição, parecendo terem sido feitas com instrumentos de pedra; e que, em geral, são coloridas de uma tinta vermelha escura, ou antes parda.

Assignala o autor da Memoria a semelhança desses hieroglyphos com os que deparou o professor Hartt na região amazonica, especialmente os

que são representados por uma espiral e por um circulo, com um ponto no centro; sendo que, no seu conceito, as unicas figuras que symbolisam objectos conhecidos são a assignalada com a lettra *r* que parece um grosseiro ferro de lança e com a lettra *o*, parte da qual poder-se-hia suppor um peixe; cumprindo accrescentar que uma dellas representa tambem uma tartaruga e algumas outras a lua e as estrellas; attrahindo principalmente a attenção a que se acha gravada n'uma pedra de *S'Anna* cuja collocação sobre outras dir-se-hia artificial, e indicar pela configuração de todo o grupo algum *mound* que alli se construisse.

Affirma o dr. Branner que a versão geral entre os habitantes d'aquelles lugares é que esses desenhos alludem á existencia de algum thesouro occulto nas suas proximidades, idéa esta, que aconselhou a um antigo proprietario, residente perto de *Pedra Pintada*, a fazer diligentes pesquisas, afim de ver si o descobria.

Observando, porem, que taes inscripções se acham quasi sempre em paragens proximas d'agua ou de algum lugar, onde é provavel que ella se encontre, quando não é muito rigoroso o verão, conclue o douto professor que é possivel que estejam nessas localidades por ser ahi que viviam naturalmente os primeiros habitantes do paiz, durante o verão, que reina quasi todo o anno, inclinando-se a suppor que alguns senão todos esses desenhos se referem ao supprimento d'agua, que è tão incerto nessas regiões de grandes seccas ou para servirem de registro das estações, ou para dirigirem um voto ou supplica aos poderes distribuidores da chuva.

O nosso consocio dr. Maximiano Lopes Machado, na sessão de 21 de Maio, occupou a attenção do Instituto com a leitura de um capitulo da *Historia da Parahyba do Norte*.

Nessa interessante parte de sua obra, occupa-se o nosso consocio dos indios da America, da

chegada dos primeiros portuguezes á Parahyba e da fundação de diversas ordens religiosas.

Pondo em contribuição as sciencias, que, no dizer de um escriptor, brotaram da historia, como de uma fonte abençoada, estuda elle os traços caracteristicos, os costumes e a linguagem dos selvagens em geral e especialmente dos que povoavam o territorio de sua provincia, na época do descobrimento do Brazil.

Não admittindo que elles fossem autocthones, mas que habitassem o continente americano, em virtude de emigrações realisadas em tempos remotissimos, aprecia o dr. Machado as hypotheses figuradas pelos diversos escriptores, não só com relação ao ponto do globo, d'onde teriam partido, como á região, atravez da qual poderiam chegar ao nosso continente.

Falla na possibilidade de sua vinda ou do norte ou do oriente pela Atlantida, essa terra, segundo Platão, maior que a Lybia e a Asia reunidas, cuja existencia, em épocas prehistoricas, diz o marquez de Nadaillac, parece ir sahindo do dominio das hypotheses ; e, tratando do cataclysma que a submergio, fazendo em seu lugar correr o Atlantico, torna saliente uma circumstancia, aliás já observada por Cornell, na sua *Geographia Physica*, qual é a configuração da costa d'Africa e do Brazil, que dir-se-hia estiveram unidas primitivamente e parece terem sido separadas pela força das aguas, as quaes, correndo de permeio e n'uma certa direcção, determinaram a forma, que uma e outra apresentam actualmente.

Aceitando tambem como provavel que os indios procedessem d'Asia, o berço da humanidade, é inclinado a suppor que se tivesse effectuado a sua passagem pelo estreito de Berhing, que nesse tempo talvez fosse um isthmo ; e, por ultimo, estabelece tambem a hypothese de haverem elles emigrado do oriente pelo sul, para o que admitte a possibilidade da existencia de uma vastissima terra,

que, como a Atlantida de Platão, tivesse sido invadida pelas aguas, deixando vestigios na *Terra do Fogo*, cuja denominação indica alguma erupção vulcanica e nessa multiplicidade de ilhas e archipelagos, que constituem a Oceania.

Após estas considerações geraes, descreve o nosso consocio a chegada dos portuguezes á Parahyba.

Na sua opinião vieram elles na flotilha, que em 1501 enviou D. Manoel para explorar a costa do Brazil e o primeiro ponto dessa região, em que aportaram, depois de sahirem de Portugal, foi a bahia de Acejutibiró.

Assim opinando, aparta-se entretanto o nosso consocio de todos os escriptores que trataram daquella expedição, os quaes assignalam o Rio Grande do Norte, como a primeira paragem do Brazil, em que ancorou a esquadrilha de Gonçalo Coelho; pensando uns, como o visconde de Porto Seguro, que foi junto ao cabo de S. Roque, e outros, como o senador Candido Mendes, que foi na enseada dos Marcos.

Funda-se, porem, o nosso consocio para se pronunciar pela bahia de Acejutibiró na denominação que veio posteriormente substituir o nome primitivo.

Com effeito refere Americo Vespucio que, na *primeira terra*, em que aportou a esquadrilha de 1501, foram victimas os portuguezes de uma grande traição por parte dos indios, que, attrahindo a si tres marinheiros, devoraram um delles cruelmente a vista de todos, dando a entender, por meio de acenos e de uma vozeria infernal, que a mesma sorte haviam tido os outros dous.

Ora, combinando esse facto, do qual aliás não fazem cabedal os demais escriptores, com o nome de *Traição*, imposto á bahia de Acejutibiró, conclue o nosso consocio que foi ella o primeiro ponto, em que a flotilha ancorou, pois essa denominação recorda, sem duvida alguma, a scena de anthro-

pophagia, de que constituio-se theatro a primeira terra do Brazil, em que desembarcaram os da esquadrilha de Gonçalo Coelho; fazendo observar que, por occasião da distribuição das capitanias pelos diversos donatarios, já tinha aquella bahia nome portuguez, como consta da carta de doação de Pero Lopes de Souza.

Termina o nosso consocio o interessante capitulo, de que nos deo leitura, com uma noticia da fundação das differentes ordens religiosas na Parahyba do Norte, ora seguindo, ora refutando os diversos autores, que têm escripto sobre a materia, como Manoel de Sá, Rocha Pitta, Jaboatão e Fr. Gaspar da Madre de Deus.

Occupa-se, em primeiro lugar, dos frades de Santo Antonio, os quaes tendo fundado o seu convento em Olinda, passaram a Iguarassú e d'ahi foram chamados a Parahyba, onde já os padres da Companhia exerciam notavel influencia no espirito dos indios, accusando a mais pronunciada tendencia para o dominio temporal.

Alli chegando, dentro em pouco ferio-se a lucta entre Franciscanos e Jesuitas, os quaes, para attrahirem os indios ao seu gremio, crearam uma especie de theogonia, a semelhança da que tinham estabelecido no Japão; mas, recrudescendo a animosidade, que contra elles havia, teve lugar a sua expulsão.

Em seguida trata o nosso consocio dos Carmelitas, que vieram após os frades de Santo Antonio, contestando nesta parte, com solido fundamento, a opinião de Fr. Gaspar da Madre de Deus, que pensa terem elles se estabelecido na Parahyba depois dos Benedictinos.

Estes, como prova o dr. Machado, vieram em terceiro lugar e dividiram entre si o serviço da catechese, nas differentes aldeias, ficando os de Santo Antonio encarregados dos indios das fronteiras.

Concluindo, aprecia o nosso consocio, com

raro criterio, as datas e os factos, os serviços e as luctas, o florescimento e a decadencia dessas communidades religiosas, que se estabeleceram em o solo parahybano, nos tempos coloniaes.

Na sessão de 5 de Novembro leu o nosso consocio ó sr. Francisco Augusto Pereira da Costa uma—*Breve Noticia*—sobre a creação do Tribunal da Relação desta provincia.

No intuito de publicar um *Diccionario Historico, Geographico* e *Estatistico* da provincia de Pernambuco, tem o nosso consocio consagrado ultimamente as suas vigilias á composição dessa obra monumental e a ella pertence o interessante artigo, com que occupou a attenção do Instituto.

Nesse trabalho recorda-nos o nosso consocio que, antes da reorganisação, determinada pela lei n. 2,342 de 6 de Agosto de 1873 reduziam-se a quatro os Tribunaes de Relação do Imperio, dos quaes o mais antigo era o da Bahia, creado por Felippe III em 2 de Março de 1609; seguindo se-lhe o do Rio de Janeiro, o do Maranhão, cuja creação data de 23 de Agosto de 1811 e finalmente o de Pernambuco.

Este Tribunal, o mais moderno dos que então funccionavam e cada um dos quaes comprehendia em sua jurisdicção diversas provincias, foi creado, como nos lembra o nosso consocio, por alvará de 6 de Fevereiro de 1821.

A sua séde era na villa do Recife e tinha por districtos os territorios, não só de Pernambuco, que n'aquella época contava tres comarcas, Recife Olinda e Sertão, como das provincias da Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará, tendo a mesma alçada e graduação que o do Maranhão e devendo ser presidido pelo governador e capitão general da provincia.

Apezar de creado em Fevereiro de 1821, só, anno e meio depois, foi inaugurado, o que teve lugar a 13 de Agosto de 1822, sob a presidencia do seu primeiro chanceller, o desembargador Lucas An-

tonio Monteiro de Barros; terminando nesta parte a Memoria do nosso consocio, que, incontestavelmente, offerece a vantagem de se encontrarem nella reunidos todos os dados relativos aos nossos Tribunaes de 2.ª instancia e especialmente ao desta provincia.

Leu ainda o mesmo sr. Augusto Costa um importante trabalho sobre o lugar, em que repousam os restos mortaes de João Fernandes Vieira.

Si a falta de um epitaphio, essa voz dos tumulos, na phrase de Hervey, não tem conseguido estender por sobre aquelle nome o manto do esquecimento, que, no dizer de Lamartine, é uma segunda mortalha, tem, entretanto, contribuido poderosamente para que se levantem duvidas sobre o verdadeiro local da sepultura do illustre madeirense.

Essas duvidas, porem, parecem agora resolvidas com a descoberta, que acaba de fazer o sr. Augusto Costa, na bibliotheca do convento de S. Francisco, em Olinda.

No interessante trabalho, de que nos deu leitura, depois de traçar o historico das pesquisas e excavações, a que procedeu o Instituto em 1864 e 1865 na igreja da Misericordia d'aquella cidade e das diligencias, que para o mesmo fim promoveu o sr. major Codeceira, na ilha da Madeira, declara o nosso consocio haver verificado que o local da sepultura do heróe de S. Jorge não foi outro, senão a igreja do Carmo de Olinda.

Funda-se elle para assim se pronunciar n'um trecho da preciosa obra de Fr. Manoel de Sá, que encontrou na referida bibliotheca, intitulada —*Memorias Historicas dos illustres arcebispos, bispos e escriptores da ordem carmelita*, a qual, no capitulo 11, menciona que *o restaurador de Pernambuco descança em humilde sepultura na capella-mór d'aquella igreja, do lado do Evangelho*.

E as razões que actuaram no espirito do nosso consocio, para se louvar na affirmativa desse escriptor, nascem da combinação da verba 6ª do tes-

tamento de Vieira com o resultado das pesquisas que se fizeram em 1875, na ilha da Madeira.

Com effeito, no seu testamento, pedio elle que o depositassem na igreja do Carmo de Olinda, em quanto não se contruisse um carneiro, que mandara fazer na *capella mór da Santa Casa da Misericordia daquella ilha*, para seu encerro e de sua mulher D Maria Cesar.

Ora, não se tendo realisado a construcção desse carneiro, nem até a morte de sua esposa, porque esta, que lhe sobreviveu, foi sepultada na igreja de Santa Thereza de Olinda, nem d'ahi em diante, como se verificou das pesquisas, a que se procederam na ilha da Madeira, conclue o nosso consocio ser por demais admissivel, que, na propria igreja do Carmo, em que, de accordo com o seu pedido, fôra Vieira depositado, lhe dessem sepultura os seus testamenteiros, cumprindo dest'arte, na parte que lhes foi possivel, as suas disposições de ultima vontade.

A essas considerações, que põem em relevo a veracidade do que affirma Fr. Manoel de Sá, addiciona o nosso consocio judiciosas reflexões a respeito do credito, que nos deve merecer esse escriptor, o qual, compondo um livro, como as *Memorias Historicas*, destinado a proclamar os meritos e a reputação dos homens celebres da sua ordem. deveria ter á sua disposição os mais veridicos e valiosos subsidios e as informações mais exactas e fidedignas ; pelo que não se comprehende, que, sem fundamento, assignalasse a igreja do Carmo de Olinda, como o local da sepultura de João Fernandes Vieira.

Concluida pelo Sr. Costa a leitura de sua interessante Memoria, que foi ouvida com attenção pelo Instituto, deliberou esta associação, sob proposta sua e mediante previa licença, que se mandasse proceder a excavações na capella-mór daquella igreja, e ahi, no lado do Evangelho, descobriram-se effectivamente, envoltos em espessas ca-

madas de cal e de mistura com outros fragmentos, diversos ossos humanos, na sua maior parte já destruidos pelo tempo, os quaes resolveu o Instituto submetter ao conhecimento de uma commissão medica, para esse fim nomeada.

N'uma sessão especial, celebrada a 9 de Maio do anno passado, sessão a que, por convite do Instituto, compareceu o que de mais selecto havia na sociedade pernambucana, procedeu o dr José Hygino Duarte Pereira á leitura de um minucioso relatorio, em que deu conta do resultado da commissão, de que esteve ultimamente incumbido na Hollanda.

Não havendo o Governo Imperial attendido á representação que lhe dirigio o Instituto, pedindo que fosse marcado um prazo razoavel, dentro do qual podesse o nosso consocio concluir as suas investigações nos archivos de Haya, vio-se elle forçado a interromper os seus trabalhos e a voltar a esta provincia, de cuja gratidão constituira-se credor, pelo relevante serviço que lhe acabava de prestar.

Abre o nosso consocio o seu importante relatorio com uma rapida apreciação sobre o gráo de desenvolvimento, a que attingio a Hollanda nas armas, nas lettras, na navegação e no commercio; expellindo de seu solo as tropas hespanholas, conquistando um lugar entre as nações independentes e por fim reduzindo a orgulhosa Hespanha a representar um papel secundario na politica européa e a implorar a paz.

Observa o nosso consocio que a conquista de Pernambuco e das capitanias visinhas, effectuada no seculo XVII, nada mais foi do que um episodio dessa lucta prolongada, que se travara na Europa entre os reis de Hespanha e os seus subditos rebellados das provincias neerlandezas; e que o mesmo conjuncto de causas, que os levara ao oriente, impellira-os para o Brazil, onde o odio ao jugo estrangeiro e o antagonismo de crenças religiosas

jamais permtttiram que fundassem uma colonia prospera e duradoura, nem mesmo no periodo, que decorreu da conquista á restauração, e durante o qual empunhou, com vantagem, as redeas do governo um illustre principe da casa de Nassau.

Passando a tratar do objecto da commissão, de que estivera encarregado nos archivos de Haya, refere o nosso consocio haver ahi verificado a existencia da volumosa collecção de documentos, de que faz menção o Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, no seu relatorio apresentado em 1874 ao Ministro do Imperio; e que, si esta importante fonte de informações escapou ás pesquisas feitas de 1850 a 1854 pelo general Netscher e pelo dr. Joaquim Caetano da Silva, aquelle para compor a obra *Hollandezes no Brazil*, e este para extrahir copias por conta do Instituto Historico Brazileiro, foi porque só em 1856, isto é, depois que Nestcher publicou o seu livro e Joaquim Caetano deu por finda a sua missão, entraram para o real archivo de Haya os papeis pertencentes á Companhia das Indias Occidentaes, que se suppunha perdidos, mas que desde 1851 se achavam em Amsterdam, para onde haviam sido removidos da capital da Zelandia.

Sem deixar de occupar se tambem com os documentos, que provieram de outros archivos, como o do Tribunal da Hollanda e o dos Estados Geraes, os quaes todos se acham presentemente em Haya, chamou especialmente a sua attenção o archivo da Companhia das Indias Occidentaes.

Consta este repositorio de duas volumosas collecções, sendo uma intitulada: *Cartas e mais papeis, procedentes do Brazil, 1630 a 1654*, e compondo-se de 19 in-folios, cada um dos quaes contem centenas de peças, e outra: *Actas ou Notulos Diarios do Conselho Supremo e Secreto do Brazil, de 1635 a 1654*, e constando de 8 in-folios.

Apreciando essas duas collecções, faz o nosso consocio judiciosas considerações sobre os documentos principaes, de que mandou extrahir co-

pias e que consistem em officios, relatorios, cartas, jornaes, diarios ou noticias de expedições militares ou para descobrimento de minas, peças de processos judiciaes, actas de ássembléas synodaes e politicas, providencias sobre os indios, diversas ordens e instrucções, e deliberações secretas do governo colonial; documentos estes que interessam á historia civil, militar, economica e ecclesiastica, não só de Pernambuco, como da Bahia, Sergipe, Alagôas, Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará.

Além dessas duas interessantes collecções, que constam de peças em manuscripto, menciona o dr. José Hygino um grande numero de livros e volumes que pertenceram a Companhia das Indias Occidentaes e dos quaes, na impossibilidade de adquiril os para o Instituto, mandou extrahir copias dos mais importantes.

Emitte o nosso consocio a sua opinião sobre cada um desses livros, os quaes contém valiosissimos dados acerca da situação administrativa e economica do Brazil hollandez, sendo ferteis, sobretudo, de informações no que concerne á geographia das provincias do Amazonas, Pará, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba e Pernambuco até o rio S. Francisco.

Após o archivo da Companhia das Indias Occidentaes, que até então não havia sido explorado, occupa-se o illustrado professor do archivo dos Tribunaes da Hollanda.

A provincia da Hollanda tinha dous Tribunaes sendo o mais moderno instituido por Guilherme o Taciturno, para conhecer das appellações interpostas das decisões do mais antigo e ambos elles estendiam a sua jurisdicção sobre as provincias da Hollanda, Zelandia e Frisa.

Entre os papeis procedentes daquelles Tribunaes, encontrou o nosso consocio a collecção que contém as peças do processo intentado contra dous membros do Supremo Conselho do Brazil, que as-

signaram a capitulação da praça do Recife a 26 de Janeiro de 1654; não figurando ahi o que foi instaurado ao tenente-coronel van Schop, pelo mesmo facto, por haver elle comparecido não perante aquelle Tribunal, mas no Conselho de guerra instituido pelos Estados Geraes da republica, onde foi condemnado a 20 de Março de 1635, decisão esta que não consta houvesse sido proferida com relação aos outros dous membros do Conselho.

Attrahiram ainda a sua attenção, entre os papeis deste archivo, algumas peças do processo do portuguez Dias Ferreira, incurso em crime de traição, o qual, tendo sido condemnado, evadira-se da prisão em que, havia tres annos, se achava recolhido, deixando uma carta em latim dirigida aos Estados Geraes.

Neste archivo observa o dr. Hygino a falta do processo que se mandou intentar contra os tres ex-governadores do Brazil, Bas, Hamel e Bullestraten, accusados de *graves abusos e excessos de poder*, pelos Estados Geraes, a Camara de Amsterdam e o conde Mauricio, e que devia lançar muita luz sobre a sua administração, falta esta que torna tambem saliente com relação ao que devia instaurar-se ao ex-accessor Johannes Van Walbeck, a quem se attribuia o haver-se locupletado a custa dos moradores e com prejuizo da Companhia, o que não obstante, mandou o nosso consocio extrahir copias das peças avulsas que encontrou, bem como dos demais processos, a que se refere no seu relatorio.

Apezar de já ter sido o archivo dos Estados Geraes o objecto especial das investigações do general Netscher e do dr. Joaquim Caetano, declara o digno commissario do Instituto haver ahi aproveitado os documentos que, por sua extrema importancia, não podiam deixar de fazer parte do seu peculio de copias.

Em tal caso diz elle acharem-se as cartas que o conde Mauricio dirigio aos Estados Geraes, du-

rante os oito annos de seu governo no Brazil e que elle fez copiar para o nosso archivo, não só pela riqueza de informações e apreciações que contém, como por ser a collecção que nos trouxe ainda mais abundante do que a que organisou o dr. Joaquim Caetano para o Instituto Historico Brazileiro.

Neste archivo fez ainda o nosso consocio diversos extractos na volumosa collecção dos registros das resoluções dos Estados Geraes, os quaes contêm numerosas noticias e utilissimas informações sobre os negocios do Brazil; mandando copiar textualmente, ao retirar-se de Haya, as resoluções mais importantes, attenta a impossibilidade de concluirem-se os extractos na sua ausencia, e bem assim trazendo copias de uma volumosa collecção impressa composta de leis, ordenanças, regimentos e outros actos officiaes e na qual se encontram todos os regulamentos relativos ao Brazil, que foram organisados pela Companhia e approvados pelos Estados Geraes.

Pertencem ainda ao real archivo de Haya os mappas, plantas e aquarellas que o nosso consocio fez copiar para o Instituto dos proprios originaes manuscriptos e que, segundo elle declara, foram organisados pelos engenheiros ou empregados da Companhia, com excepção apenas de alguns de origem portugueza; cumprindo observar que aquelles, de que nos trouxe copias, são os mais importantes e representam diversos lugares e fortificações não só de Pernambuco, como da Bahia, da Parahyba, do Ceará e do Pará.

No intuito de alargar a esphera de suas investigações, refere o dr. Hygino haver visitado tambem o archivo particular do rei da Hollanda, onde achou muitas peças relativas ao conde Mauricio, umas de interesse historico e outras meramente curiosas.

Esses papeis formam duas collecções: a primeira tem por titulo—*Peças relativas ao governo de João Mauricio no Brazil*, e contem relatorios.

roteiros, descripções de varios paizes, editaes, petições, cartas do marquez de Montalvão, etc., sendo notaveis as diversas cartas em latim e portuguez, dirigidas por Gaspar Dias Ferreira ao conde Mauricio, em cujo animo exerceu notavel influencia, distinguindo-se pela sua lucidez, vigor da argumentação e justeza das conclusões, os dous pareceres que lhe são attribuidos e que o nosso consocio considera superiores ao celebre *Papel Forte*, do padre Antonio Vieira, sendo, no seu conceito, sufficientes para resgatarem aos olhos da posteridade os defeitos de caracter de Gaspar Ferreira.

A segunda collecção, que se encontra no archivo particular do rei, é propriamente um registro, no qual se contém a correspondencia em francez acerca dos quadros ou pinturas do Brazil, com que Mauricio presenteou a Luiz XIV.

Consta de uma escriptura e um inventario que a acompanha, existentes nesse archivo, que um grande numero de desenhos, pinturas e quadros sobre o Brazil, pertencentes a Mauricio, foram por elle vendidos em 1652 ao eleitor de Brandenburgo, averiguando o nosso consocio ser erronea a supposição de haverem as demais curiosidades artisticas daquelle principe se perdido nas chammas do incendio que em 1704 devorou todo o interior do seu palacio de Haya; porque da curiosa correspondencia, que alli deparou o digno delegado do Instituto, se verifica que 40 quadros foram offertados por Mauricio a Luiz XIV, em 1679.

Apreciando esse facto, admira o nosso consocio que ao glorioso Guilherme III ou ao eleitor de Brandenburgo houvesse Mauricio preferido, para presentear, o autocrata da França, que invadira caprichosamente a Hollanda e a quem não duvidara elle obsequiar por essa forma, antes do tratado de Nimégue e ainda quando as tropas francezas occupavam o ducado de Cléves; notando-se que a aceitação da offerta por Luiz XIV coincidira

com a resolução tomada por elle de conceder a paz ao eleitor de Branderburgo

Entretanto respeita o nosso consocio os motivos que levaram o principe a fazer aquelle presente, uma vez que, da carta escripta por Mauricio, 15 dias antes de morrer, se conclue que, só depois de collocados na sala do Louvre, manifestara elle a intenção de vender os seus quadros a Luiz XIV, como já o fizera em 1652.

Além das copias de valiosissimos documentos, extrahidos dos archivos de Haya, refere o dr. Hygino haver trazido da Europa uma interessante collecção não só de livros, sobre assumptos que interessam á historia, geographia e ethnograhia, especialmente da America, como de opusculos hollandezes do seculo XVII, relativos ao Brazil, e que, pelo grande numero dos que foram publicados na Hollanda, pode-se dizer que formam alli uma litteratura, versando elles principalmente sobre as luctas entre hollandezes e portuguezes, a debatida questão de saber si devia ser livre ou não o commercio entre a metropole e a colonia e ás questões diplomaticas, a que deu lugar a occupação do nosso paiz no seculo XVII, accrescendo a essa preciosa acquisição uma collecção de retratos, formada pelo nosso consocio, dos hollandezes, que militaram com distincção no Brazil ou que se tornaram notaveis por haverem escripto chronicas, memorias ou quaesquer outros trabalhos sobre a historia e a geographia do paiz.

Occupa-se finalmente o dr. José Hygino do Museu Britannico, que declara haver visitado na sua passagem pela cidade de Londres.

Ahi encontrou o nosso consocio um vastissimo campo ás suas investigações, pois o archivo daquelle Museu contém um avultadissimo numero de manuscriptos de origem hespanhola e portugueza.

Os documentos referentes ao Brazil que, de accordo com as suas instrucções, foram por elle

copiados, são na sua maior parte desconhecidos e consistem em pareceres do Conselho de Estado de Madrid, do Conselho de Portugal e outras juntas, de cartas e jornaes acerca do Brazil durante o periodo da occupação da Bahia pelos hollandezes e de um grande numero de officios, cartas e pareceres, roteiros e itinerarios, noticias e descripções, não só a respeito de Pernambuco, como das provincias do Amazonas, Bahia, S Paulo. Santa Catharina e Matto Grosso, documentos estes que, unidos aos que foram copiados em Haya, constituem um abundante manancial que vem enriquecer o nosso archivo.

Eis, Senhores, o resumo do minucioso relatorio com que, na sessão de 9 de Maio, occupou o nosso consocio a attenção do Instituto por cerca de tres horas, deixando uma grata impressão no selecto auditorio, aqui reunido.

Aos que ouviram a leitura dessa importantissima peça, aos que leram-na posteriormente publicada em nossa *Revista* não terá, sem duvida, escapado a consideração de que não esteve inactivo na Europa o dr. José Hygino e que não foi inutil, nem destituida de importancia uma nova investigação nos archivos da Hollanda ; ao contrario, como elle nos annunciara, havia ahi innumeros materiaes para se escrever a historia do Brazil hollandez, os quaes não tinham sido ainda explorados com vantagem, nem podiam sel-o sem muito tempo e trabalho, mas que, por um milagre de força de vontade, foram convenientemente aproveitados pelo digno commissario do Instituto, durante o pouco tempo em que permaneceu naquelle reino.

Não é, porém, somente com relação ao dominio batavo entre nós que deve ser considerada de grande alcance a missão de que esteve encarregado na Europa o nosso consocio.

Entre as instrucções, com que elle d'aqui partio, instrucções que foram approvadas pelo Presidente da provincia, figurava tambem a incumben-

cia de extrahir copias de quaesquer outros documentos, que julgasse de utilidade para a historia do Brazil e especialmente desta provincia.

Já dizia Tacito que os factos mais importantes permanecem sepultados na incerteza; de um lado a credulidade adopta os boatos mais vagos; do outro a desconfiança rejeita os factos mais provados e dest'arte cada vez mais se condensam as nuvens para a posteridade: *Maxima ambigua sunt, dum alii quoquo modo audita pro compertis habent, alii vera in contrarium vertunt et gliscit utrumque posteritate.*

E de feito, si folhearmos a nossa historia, veremos que ella se resente de innumeros erros e que torna-se preciso recolher o maior numero de documentos, afim de servirem de base á critica que tenhamos de exercer sobre os acontecimentos, afim de offerecermos os materiaes necessarios ao futuro historiador; pelo que é incontestavel a relevancia do serviço, que prestou-nos na Europa o dr. Hygino, pois não limitou-se ao periodo da dominação hollandeza entre nós, mas consultou os archivos, copiando os manuscriptos mais valiosos, relativos a outros pontos da nossa historia e geographia e estendendo as suas investigações ás demais provincias do Imperio, nenhuma das quaes quasi que deixou de ser contemplada no seu peculio de copias.

Si entretanto, com relação ás difficuldades, que venceu, em pouco menos de um anno, decifrando os caracteres da velha escripta hollandeza, poderia o nosso consocio exclamar, como o general romano: *Veni, vidi, vici*, não se lhe podem, com certeza, applicar as palavras dirigidas ao vencedor de Pharnacio: *Tu sabes vencer, Annibal, mas não sabes aproveitar-te da victoria*, porque, em vez de descansar á sombra dos louros do primeiro successo, que obteve, procura tirar vantagem das riquezas que colheu, no desempenho de sua commissão, traduzindo, apreciando e entregando aos

dominios da publicidade os documentos principaes, de que extrahio copias nos archivos de Haya e cuja leitura não deve ser privilegio de eruditos.

Nesse intuito apresentou-nos elle, na sessão de 20 de Maio, a traducção das *Actas da Assembléa Geral* convocada pelo principe Mauricio de Nassau, documento este que encontrou entre os *Noulos* de 1640 e que nos revela todas as particularidades do que alli se passou.

Essa Assembléa, da qual nos transmittiram noticia Barleus e Fr. Raphael de Jesus, e de que só Fr. Manoel do Salvador tratou mais largamente, trabalhou no palacio das *Torres* do Recife, desde o dia 27 de Agosto até 4 de Setembro daquelle anno e compunha-se de 55 membros entre escabinos portuguezes e moradores de todas as freguezias, os quaes, sob a presidencia do conde Mauricio, alli se reuniram para deliberar acerca dos negocios peculiares do Brazil hollandez ; versando as propostas sobre o culto, a administração da justiça, a policia, assumptos economicos e especialmente sobre a administração local.

Apreciando esse documento, diz o nosso consocio, que elle põe em relevo a attitude nobre, leal e independente, que assumiram os nossos antepassados perante aquella corporação, recommendando-se ainda ao nosso estudo por ser talvez o que nos dê a medida mais ajustada da situação do Brazil hollandez, em 1640, pois ahi se acham indicados todos os males que padecia o corpo social e os remedios que, a juizo dos conquistados e dos conquistadores, se lhes deviam oppor, sendo que entre as differentes peças, de que constam as actas distingue se a falla de encerramento da Assembléa, da qual se evidencia que Mauricio, desejando ver o porto do Recife aberto a todas as nações, aproveitou se do ensejo para inspirar aos moradores vistas mais largas sobre a agricultura do paiz.

Não é menos interessante uma monographia, intitulada—*Descripção geral da capitania da Pa-*

rahyba, de que apresentou-nos tambem o dr. José Hygino uma traducção, na sessão de 26 de Junho do anno passado.

Esta Memoria foi publicada em Hollanda, na *Chronica do Instituto* de *Utrech*, e tem por autor Elias Herckman.

Director da capitania da Parahyba, em cujo caracter teve de empenhar-se nos combates que se travaram, Elias Herckman sabia manejar, com a mesma habilidade, a espada e a penna e deixou-nos diversos trabalhos de sua lavra.

Traduzindo a descripção daquella capitania, por elle composta, contribuio o dr. José Hygino para fazer-nos conhecida essa monographia do illustre escriptor, a qual, na realidade, contem curiosas informações a respeito de todas as aldeias e engenhos, ilhas e cabos, rios e lagôas da Parahyba, além de uma noticia sobre as suas producções naturaes e os costumes dos tapuyas.

O nosso consocio, dr. Joaquim Loureiro, leu, como relator, na sessão de 28 de Outubro do anno passado, o parecer da commissão medica, nomeada pelo Instituto para emittir a sua opinião sobre os ossos exhumados da presumida sepultura de João Fernandes Vieira.

Antes de responder aos quesitos propostos, faz a commissão a descripção geral dos ossos, submettidos ao seu exame, os quaes, segundo declara, resumem-se em fragmentos de tamanhos tão diminutos que é impossivel determinar a que parte do esqueleto pertencem, sendo pequeno o numero d'aquelles que pode-se dizer a que osso estiveram unidos e muito menor ainda o dos que permittem um estudo mais ou menos completo; cumprindo observar que, nos fragmentos de pequeno tamanho, apenas existe do tecido osseo a substancia esponjosa, tendo desapparecido a substancia compacta, e ficando todos reduzidos pela pressão digital a uma substancia pulverulenta, devido a ter o esqueleto permanecido por muito tempo debaixo

da terra e á acção lenta, continua e prolongada do calorico, que desenvolvia-se no lugar.

Descrevendo os ossos, que permittem um estudo mais ou menos completo, assignala a commissão: 1.º *a clavicula direita*, a qual mede 15 centimetros de comprimento, notando-se nella diversas rugosidades, que em alguns pontos são bastante salientes, 2.º *a omoplata*, da qual a escapula direita é a que se acha menos deteriorada e mede do angulo superior ao inferior 16 centimetros, sendo largo este osso e de tamanho não pequeno; 3.º *os dous femures* que são bem expressos e de igual espessura, estando o esquerdo bastante estragado, tendo o direito 10 centimetros de circumferencia, sendo o canal medullar bastante largo e medindo 30 centimetros de comprimento, sem fallar nas extremidades superior e inferior que não existem; 4.º *o coxal*, que não está completo e do qual só pode ser estudada uma parte do illeo esquerdo, onde se encontra a fossa illiaca interna, que vê-se claramente ser concava e não achatada; 5.º *o maxillar inferior*, do qual a parte esquerda é de pequeno tamanho, deixando ver a direita, de um modo bem saliente, o tuberculo mentoniano, o orificio do mesmo nome mais proximo do bordo alveolar, que do inferior, o estado deste bordo e a estreiteza do canal dentario, estando igualmente bastante gastos os cinco dentes encontrados; 6.º *os parietaes*, que são de grande espessura, apresentando a sutura bi-parietal ou sagital já ossificada; 7.º por ultimo *algumas phalanges*, que, se não são de grande tamanho, tambem não são pequenas; nada mais apresentando ellas digno de menção.

Depois desta descripção geral e especial dos ossos submettidos a seu conhecimento, entra a commissão em considerações scientificas de grande alcance, com as quaes responde, pela maneira seguinte, aos quesitos propostos pelo Instituto:

1.º Quanto *a serem de um ou mais individuos* os ossos encontrados, que o exame minucioso de

todos elles, a comparação entre os fragmentos de todos os tamanhos e dimensões, os pontos symetricos, a igualdade de espessura e desenvolvimento, nenhuma duvida deixam pairar de que pertencessem a um só individuo.

2.º Quanto ao *sexo* que o seu grande desenvolvimento em tamanho e espessura, as circumstancias que revelam terem deixado as inserções musculares fortes impressões, o não achatamento da fossa illiaca interna, a proeminencia da curva da clavicula, a pouca convexidade da curva do femur, tudo leva a affirmar que fossem de pessoa do sexo masculino.

3.º Quanto *á idade*, que a ossificação das suturas craneanas, o estado gasto do bordo alveolar do maxillar inferior, a approximação do orificio mentoniano do bordo superior da maxilla inferior, o estado gasto dos dentes, o phenomeno da rarefacção da substancia ossea, particularmente nos femures e na clavicula e por fim a largura do canal medullar dos femures, autorisam a dizer que pertencessem a individuo de idade superior a 50 e mesmo a 60 annos.

4.º Quanto *ao tempo da inhumação do cadaver*, que attendendo ao estado de pulverisação, em que está a maioria dos ossos, á falta da cabeça dos humeros e ainda á destruição da maior parte do esqueleto, é de presumir que fosse de longa data, podendo ser de muito mais de seculo.

5.º Quanto finalmente *a existencia de metaes na sepultura, de envolta com a substancia calcarea, ahi encontrada*, que, interpretando-se as reacções resultantes do emprego dos processos chimicos, verifica-se, de mistura com aquella substancia, a existencia de cal, zinco e ferro, sendo este em pequena quantidade e os dous primeiros em proporções equivalentes.

Foi este, em resumo, o parecer que, sobre os ossos encontrados na presumida sepultura de João Fernandes Vieira, apresentou nosso consocio o

dr. Joaquim Loureiro, como relator da commissão, para esse fim nomeada, a qual tirou-se com vantagem da incumbencia, que lhe foi confiada.

Concluida a leitura, deliberou o Instituto que se lhe agradecesse o serviço prestado, bem como se remettesse o seu trabalho á secção, a quem compete afinal pronunciar-se sobre si o restaurador de Pernambuco do poder hollandez está sepultado, como se presume, na igreja do Carmo de Olinda.

Alem dessa commissão especial, a de contas e a de redacção apresentaram tambem, durante o biennio, diversos trabalhos sobre assumptos de interesse economico e litterario, a respeito dos quaes foram ouvidas pelo Instituto.

A commissão de contas emittio pareceres acerca dos balancetes trimensaes e dos orçamentos feitos nos fins dos annos de 1885 e 1886 pelo thesoureiro, regulando a receita e a despeza dos annos vindouros e consultou sobre a demonstração apresentada pelo dr. José Hygino, relativamente á quantia que lhe foi entregue pelo Instituto e á applicação que lhe deu no desempenho da sua commissão á Hollanda ; concluindo pela approvação de suas contas.

Não menos valioso foi o concurso, que nos prestou a commissão de redacção, já organisando o projecto de estatutos, pelos quaes se rege actualmente esta associação, já publicando, o anno passado, dous numeros da nossa Revista trimensal.

Contém o primeiro numero desse orgão do Instituto o relatorio de suas investigações nos archivos de Haya, apresentado pelo nosso consocio dr. José Hygino, na sessão de 9 de Maio, e os discursos de abertura e encerramento daquella sessão, proferidos pelo exm. sr. conselheiro Pinto Junior e pelo nosso eloquente orador.

A impressão, aqui produzida pela leitura do minucioso relatorio do nosso consocio, accentuou-se ainda mais pelo interesse, com que foi acolhido

rado esse numero da Revista ; sendo-me grato annunciar-vos, na presente occasião, as manifestações de apreço, que, ao receberem essa publicação do Instituto, nos dirigiram as associações litterarias, os homens de lettras e a imprensa jornalistica de algumas provincias.

Não foi recebido com menos interesse o segundo numero da Revista trimensal, publicado o anno passado, o qual se recommenda pela importancia das materias que contém, pois, além dos *Dialogos das grandezas do Braizl*, obra esta attribuida ao nosso primeiro poeta Bento Teixeira Pinto, encerra as diversas traducções feitas pelo dr. José Hygino dos documentos por elle copiados, nos archivos de Haya.

A par das commissões de contas e de redacção, as secções de archeologia e historia colonial, ultimamente creadas, emittiram tambem pareceres, que foram approvados pelo Instituto, a primeira acerca de uma *inscripção* em latim, encontrada na igreja de Nossa Senhora de Nazareth do Cabo e a segunda sobre a *Noticia dos vinculos e capellas existentes nesta provincia*, trabalho este, bem como a inscripção, que nos foi offertado pelo nosso consocio, o sr. dr. Ferrer de Araujo.

Apezar de não serem prosperas as nossas finanças, nenhuma alteração tem soffrido o Instituto no seu movimento economico, graças ao zelo e actividade do nosso thesoureiro, o sr. commendador Antonio Gomes de Miranda Leal.

A bibliotheca, o archivo e o museu, que se acham sob a minha direcção, passam agora a funccionar n'uma sala mais vasta, com a remoção do pluviometro, que occupava um dos compartimentos da sala immediata.

Resentindo-se a bibliotheca da falta de estantes para accommodar o grande numero de livros, que lhe têm sido offerecidos, ou que foram adquiridos por compra, mandou o Instituto fazer outras

com o material, que para ellas forneceu o nosso prestimoso consocio dr. José Hygino.

Devemos á solicitude do 1º vice-presidente desta associação, o sr. desembargador Adelino, uma relação das obras e opusculos que possuimos, relação que muito me auxiliará na confecção do respectivo catalogo.

Durante o biennio foi a nossa bibliotheca enriquecida por offertas de inestimavel valor historico, geographico e ethnographico, o que põe em evidencia o interesse que desperta a nossa associação, tanto no paiz como no estrangeiro.

Além dos *Annaes do Parlamento*, que nos remetteu a secretaria da Camara dos srs. deputados dos *Boletins* e *Revistas*, com que nos presentearam as sociedades de Geographia do Rio de Janeiro e de Lisboa e o Instituto Historico Geographico e Ethnographico Brazileiro, e do 1º tomo das *Publicações do Archivo Publico doImperio*, que nos enviou o seu digno director, o socio benemerito dr. Joaquim Portella, cumpre-me destacar algumas offertas, com que distinctos cavalheiros penhoraram a gratidão do Instituto.

Figura entre estas a que nos fez o ex-presidente do Amazonas, dr. José Jansen Ferreira Junior, da importante obra de S. Anna Nery, intitulada *Le Pays des Amazones* e de cuja composição fôra elle incumbido pela Assembléa daquella provincia.

« Quem não entrou ainda nesse mundo novo, diz o illustrado dr. Franklin Tavora, onde ao homem, que pela primeira vez nelle penetra, se afigura não ter sido precedido por um unico se quer de seus semelhantes, onde ha leguas e leguas, que ainda não foram pisadas por homem civilisado e onde ha rios que só a canôa do indio tem fendido, não póde formar idéa dessa esplendida maravilha »

Reconhecendo esta verdade escreveu Sant'Anna Nery um livro completo sobre a região amazo-

nica, pois, ao passo que os demais escriptores, que o precederam, se tem limitado a um ponto somente :—o naturalista, ás particularidades da flora e da fauna, o geographo aos dados topographicos, o commerciante aos phenomenos da producção, o homem de lettras ao pittoresco das descripções —o autor do *Pays des Amazones*, como elle proprio confessa—estudou essa região debaixo de todos os pontos de vista, e em sua harmoniosa unidade; e depois de La Condamine e Humbold, de Castelnau e Agassiz, de Coutinho e Barbosa Rodrigues disse em um só volume o que elles disseram em muitos, suscitou energias, inflammou coragens, imprimio a resolução de ver e colonisar o mais bello, o mais rico, o mais fertil'paiz do mundo, o paiz do caoutchouc, o El-Dorado legendario, as terras virgens que esperam a semente da civilisação.—

Merece tambem menção especial uma obra sobre a provincia do Espirito Santo, que nos foi offerecida pelo seu autor, o sr. Bazilio Carvalho Demon.

Escripta, nas duas primeiras partes, no estylo da *Synopse* de Abreu e Lima, das *Datas Celebres* do nosso consocio José de Vasconcellos e das *Ephemerides Nacionaes* de Teixeira de Mello, recommenda-se o livro do sr. Carvalho Demon não só por se acharem ahi consignados dia por dia todos os acontecimentos, de que tem sido theatro aquella provincia, e que são por elle apreciados á luz da critica, como por conter na terceira e ultima parte uma descripção topographica, que nada deixa a desejar com relação á geographia da provincia do Espirito Santo.

Presenteou-nos o erudito sr. João Capistrano de Abreu com um interessante opusculo, por elle editado, sob o titulo : *Informações e fragmentos historicos do padre José de Anchieta*.

Vendo no catalogo da bibliotheca publica eborense a menção de manuscriptos anonymos relati-

vos ao Brazil e aos Jesuitas, obteve copia dos mesmos o sr. Capistrano de Abreu, que verificou só ter sido um delles publicado na *Revista* do Instituto Historico da côrte.

Depois de um estudo consciencioso, chegou o douto professor á conclusão de terem por autor o celebre padre José de Anchieta.

Publicando-os primeiramente no *Diario Official*, reunio depois no folheto, que nos offereceu, os referidos manuscriptos, que contêm noticias precisas, variadas e curiosas sobre as cousas do Brazil e os Jesuitas, fornecendo, sobretudo, elementos para se escrever a nossa historia moral.

Prestou, portanto, o sr. Capistrano de Abreu um valioso serviço ás nossas lettras, já salvando do esquecimento esses thesouros de informações e noticias, que se achavam ineditos, já acompanhando-os de preciosas notas sobre diversos pontos, que elle discute, já reivindicando um lugar entre os chronistas do Brazil para o venerando José de Anchieta, o apostolo, a quem se poderia applicar o *pertransit beneficiendo*, o cathechista, para quem a brandura era uma força, o missionario, que entre os selvagens realisava o pensamento de Lossiéres, citado por um seu biographo de *que um cenobita vale mais que um exercito contra anthropophagos.*

O nosso consocio o sr. major Cintra remetteu-nos da côrte uma numerosa collecção de livros e folhetos sobre historia, geographia, commercio e industria do paiz; o sr. desembargador Adelino obsequiou-nos com diversos relatorios da presidencia do Piauhy e alguns volumes da collecção de leis desta provincia, e o sr. conselheiro dr. Pinto Junior com a traducção do livro de Ferdinand Denis, intitulado o—*Brazil*.

Recebemos do sabio archeologo portuguez e hoje nosso consocio, Estacio da Veiga, o riquissimo presente das obras que tem publicado sobre a

sciencia de sua predilecção, as quaes são ornadas de curiosissimas gravuras.

Não obstante deixarem de occupar-se do Brazil, comtudo, versando sobre archeologia, objecto principal dos estudos, a que nos dedicamos, são dignos de figurarem em nossas estantes as *Antiguidades de Mafra*, a *Memoria das antiguidades de Mertola* e a *Carta Archeologica do Algarve*.

Distinguem-se, pela sua importancia, entre os livros adquiridos por compra para a nossa bibliotheca, o *Diccionario Universal de Historia Natural* por D'Orbigny, o qual é illustrado de finissimas estampas coloridas, representando os reinos da natureza, e os cento e vinte nove volumes entre livros e folhetos, que comprou na Europa o dr. José Hygino e da maior parte dos quaes, havendo-nos sido remettidos de Londres em Dezembro de 1884, tive occasião de occupar-me no meu relatorio de Janeiro de 1885.

D'entre, porém, os que nos trouxe ultimamente da Hollanda o nosso consocio, destaca-se um precioso Atlas, contendo 57 mappas manuscriptos de varias capitanias do Brazil e de todo o littoral, desde o Rio da Prata até o cabo de Nassau, atlas este que encerra tudo quanto os hollandezes conheciam acerca da geographia do nosso paiz, e que o dr. Hygino comprou ao successor de Frederico Muller, livreiro de Amsterdam.

Mais do que a bibliotheca, foi o nosso archivo enriquecido, nos dous ultimos annos, com a acquisição de numerosos documentos, uns em original, outros por copia, outros impressos, alguns offertados por distinctos cavalheiros e quasi todos relativos á lucta hollandeza que se ferio entre nós no seculo XVII e mandados copiar por conta do Instituto.

Entre as offertas, sobresae a que nos fez o nosso consocio o sr. dr. Joaquim Portella, da cópia do decreto de 2 de Março de 1821, pelo qual foi dispensado Caetano Pinto de Miranda Montenegro

do processo, que deveria correr, para justificar-se dos successos de se terem apoderado do governo de Pernambuco, no anno de 1817.

Por parte do coronel Francisco Benicio foi-nos tambem offerecida uma interessante descripção do Bonito em 1811 e uma narração do combate havido entre as forças legaes e os bonitenses, reunidos na Serra do Rodeador.

Apresentou-nos igualmente o sr. major Codeceira, como offerta sua, não só o original dos decretos de amnistia, concedida aos revoltosos de 1848, como o inventario impresso das fazendas, dinheiro e mais objectos existentes no palacio do governo desta provincia e apprehendidos por occasião do saque havido na cidade do Recife, em Setembro de 1831.

O sr. dr. Cicero Peregrino offereceu-nos alguns numeros antigos do *Diario de Pernambuco*, e o ex-presidente da Parahyba, dr. Bandeira, os *Jornaes da Parahyba*, contendo o relatorio em que o engenheiro de minas, Francisco Soares da Silva Retumba, deu conta do resultado de sua excursão ao interior da provincia.

De todos os documentos, porém, que entraram, nos dous ultimos annos, para o nosso archivo, os que avultam pelo numero e pela importancia são os que o dr. José Hygino copiou na Hollanda e na cidade de Londres, em desempenho de sua commissão, os quaes interessam á geographia e á historia civil, administrativa, ecclesiastica, militar, diplomatica, litteraria e das artes desta provincia e do Brazil em geral.

Como a bibliotheca e o archivo, recebeu o nosso museu algumas offertas de grande valor.

A esforços do nosso consocio, o sr. chefe de divisão José Manoel Picanço da Costa, foi para elle transportada do Arsenal de Marinha e assentada na competente carreta, uma peça de bronze que se fundio em 1629, a qual tem tres metros de comprimento e pesa tres toneladas.

Havendo servido na guerra hollandeza, achava-se naquelle Arsenal e foi cedida para o nosso museu pelo exm. sr. Ministro da Marinha, a quem pedio o Instituto a guarda dessa preciosa reliquia.

O nosso consocio, sr. desembargador Oliveira Maciel, offertou-nos diversas moedas de cobre, antigas e modernas, e o ex-presidente da Parahyba, dr. Herculano Bandeira, o *fac simile* da inscripção, copiada pelo engenheiro Francisco Soares da Silva Retumba, de um rochedo da povoação de *Pedra Lavrada*.

Embora não tenhamos ainda um Champollion, que possa decifrar esses hieroglyphos e assim esclarecer, na phrase de Burton, muitos pontos obscuros dos tempos prehistoricos do Brazil, comtudo é incontestavel a utilidade que resulta da copia e conservação de todas as inscripções, existentes nos rochedos de nossa provincia e das que nos ficam visinhas, e nesse sentido já foi apresentada e approvada pelo Instituto uma proposta do nosso consocio dr. Cicero Peregrino.

Sem querer prevenir o juizo da secção de archeologia, que, a respeito, tem de interpor a sua opinião, parece-me que a inscripção, que nos remetteu da Parahyba o dr. Bandeira, fôra gravada sobre algum monumento prehistorico, porque, tendo por costume os *mound builders* ou constructores de monumentos, dar ás suas construcções a forma de qualquer animal irracional ou mesmo de um ser humano, verifica-se claramente que a pedra, em que se acham os caracteres da inscripção, representa uma cabeça vista de perfil, com uma notavel depressão na fronte.

Fez-nos tambem o nosso consocio, dr. Irineu Joffily, uma offerta de grande valor paleontologico.

Refiro-me a alguns ossos fosseis de um animal gigantesco, descoberto na comarca de Campina Grande e que elle nos enviou da Parahyba para o nosso museu, por intermedio do dr. Maximiano Lopes Machado.

A sciencia de Cuvier, a quem, como nos mostra Cortambert, bastava ter sob os olhos um osso, uma maxilla, uma parte qualquer do corpo de um animal, para reconstruir o ser com todas as suas peças e poder dizer os seus habitos, seus instinctos e sua habitação, não tem sido devidámente cultivada no Brazil, pois, além do sabio Lund e do professor Hartt, que nos deixaram preciosissimos trabalhos, rarissimos são os que hoje se dedicam entre nós aos estudos paleontologicos.

Entretanto, conforme nos refere o dr. Irineu, na carta que acompanha o seu presente, só na comarca de Campina innumeros são os fosseis que se tem desenterrado nas fazendas do *Campo Formoso, Piabas, Aldeias* e *Olho d'agua das bestas* e aos quaes não se tem ligado o valor scientifico, que merecem.

Os ossos, que nos remetteu o nosso consocio, foram encontrados naquella ultima fazenda, no centro de uma rocha immensa, em uma especie de tanque, que actualmente se acha entulhado e onde é vigorosa a vegetação; parecendo-lhe que as aguas, violentamente impulsionadas por qualquer causa, tivessem acarretado para aquella grande cavidade os animaes mortos pelo cataclysma, assim como pedras e terra, que obstruiram o tanque.

Qualquer que seja, porém, a opinião que se forme a esse respeito, não se póde contestar que os ossos, que hoje possue o nosso museu, fossem de um animal de proporções gigantescas e de uma especie já extincta, pois só um de seus dentes pesa pouco mais ou menos um kilo e, pela forma mamillosa que apresenta, indica ter pertencido a um mastodonte.

Reconhecendo a importancia da offerta do dr. Irineu, resolveu o Instituto que se lhe consagrasse na acta um voto de louvor, e se officiasse ao Presidente da Parahyba, chamando a sua attenção, no interesse scientifico, para as jazidas fosseis de Campina Grande.

Faltaria a um imperioso dever, si, mencionando os donativos, com que, durante o biennio, foram enriquecidos a bibliotheca, o archivo e o museu do Instituto, deixasse em esquecimento a valiosa offerta que nos fez o sr. desembargador Gonçalves Pires.

Quero fallar do retrato em busto de Gervasio Pires Ferreira, o primeiro presidente constitucional que vio o Brazil, o qual nos foi offerecido por aquelle distincto cavalheiro.

Diz Dumourtier, citado por um notavel biographo, que *todo o elogio d'um grande homem se encerra no seu nome.*

E, realmente, pronunciar o nome de Gervasio Pires Ferreira é tecer o elogio do martyr da revolução de 1817, o martyr desses tempos, em que o querer ser livre importava ter um pé no cadafalso; é tecer o elogio do patriota que, comprehendendo com Levis que o patriotismo consiste em auxiliar a patria com sua pessoa e bens, pessoa e bens por ella sacrificou, já pagando no carcere o crime de tentar libertal-a, já abrindo a sua bolsa para animar aquella gloriosa revolução e soccorrer os seus companheiros de infortunio ; è finalmente tecer o elogio do cidadão que, ao ver caminhar o sol da republica para o occaso, como que perdeu o uso da falla, e só quebrou o silencio, que se havia imposto, quando o povo, reconhecendo-lhe os serviços, elegeu-o, em 1821, para presidente da Junta Provisoria do Governo desta provincia.

E, si em sua vida era digno o benemerito pernambucano da honra que o cidadão romano merecera, vendo o seu busto, por ordem de Pollion, collocado entre as imagens dos mortos celebres, hoje, que se lhe abriram as portas da immortalidade, tem elle o incontestavel direito de occupar um lugar distincto ao lado de Domingos José Martins, José Luiz de Mendonça, João Damasceno e Francisco Muniz Tavares.

Não me é licito, senhores, abusar, por mais tempo, da vossa attenção.

A benevolencia com que me tendes ouvido, constituindo-me para comvosco devedor de immensa divida, como que me está impondo silencio.

Antes de concluir, porém, permitti que, mais uma vez, vos dirija algumas palavras, acerca dos fins desta associação e da somma de esforços que é preciso empregar para attingirmos ao nosso desideratum.

Si, no espaço de um quarto de seculo, pois tanto é o que conta de existencia o Instituto Archeologico, alguma cousa temos feito, muito nos resta ainda a fazer.

Como os pontifices romanos, que guardavam cuidadosamente, no fim de cada anno, os extractos dos quadros brancos, onde escreviam, dia por dia, os acontecimentos publicos mais notaveis, não tenhamos nós do Instituto, por unica missão, archivar os documentos, monumentos e tradições, que podermos salvar do esquecimento.

Ao contrario, escolhendo os assumptos mais dignos de memoria, procuremos desenvolvel-os á luz da critica que exercermos sobre esses elementos, que enriquecem os nossos archivos, dando-lhes um valor scientifico.

Façamos, com relação aos nossos estudos, para apropriar-me de uma comparação de Pierron, o que fazem os lapidarios, que tomam um diamante e o cortam, que passam em seguida a outro, depois a outro, e os vão afeiçoando com o mesmo cuidado.

Mas, na reunião desses materiaes para o futuro historiador, não attráia sómente a nossa attenção a historia militar desta provincia.

Não se diga das nossas investigações o que dizia Agesiláo dos limites da Lacedemonia : que elles chegavam até onde chegava a sua lança

Não, não é somente até onde tem chegado a

nossa espada, a espada de nossos heróes, que devem terminar os estudos, a que nos consagramos.

Nem limitemos as nossas elocubrações a um passado tão proximo, como até hoje temos feito.

Si, para attenuar aquella especie de patriotico egoismo, podem ser applicadas a nós do Instituto as palavras de Tacito, com relação aos gregos, de que elles só admiram os seus feitos : *qui sua tantum mirantur*, applique se-nos tambem o que diz o severo historiador, acerca dos romanos, de que são indifferentes ao que é moderno e só presam o que é antigo, *recentium incuriosi, dum vetera extollunt.*

Qual um rio caudal, que se alimenta de innumeros tributarios, a historia recebe os elementos que lhe fornecem diversas sciencias e mais do que nenhuma a archeologia, que é a que construe as civilisações pelo estudo dos objectos antigos.

« De todas as sciencias, diz o sabio Masselin, cujo dominio é mais vasto e mais variado, nenhuma é mais interessante, mais profunda e mais util do que a archeologia.

« Pelo estudo dos monumentos, das habitações, das medalhas, dos desenhos, dos utensilios, etc., etc., esta sciencia nos revela o gráo de civilisação dos povos, suas linguas, seus costumes, suas crenças e seus usos. Ella nos inicia em sua vida intima, em suas ceremonias particulares e publicas e nos ensina, melhor que a tradicção, a causa e a data precisa dos acontecimentos, assim como seu justo valor, fazendo reviver para nós os povos, entre os quaes elles se deram e fornecendo á historia os materiaes mais verdadeiros e mais precisos, quando completamente a não substitue. »

E si estes são os horisontes da archeologia, estes devem ser os nossos horisontes, porque é nos dominios dessa sciencia e da geographia, que, pela lei da nossa creação, procuramos os elementos necessarios para offerecermos ao futuro historiador.

Si, porém, no meio das explorações, que fizermos, apossar-se de nós o desanimo, pela indifferença dos contemporaneos e pela frieza com que forem recebidos os nossos esforços, lembremo-nos que tambem os navegantes dos mares polares, cuja missão é toda scientifica, são muitas vezes cercados pelos gelos que vitrificam as suas ondas, são entorpecidos pelo frio daquellas regiões glaciaes; mas afinal, desapparecendo as inclemencias da estação, proseguem elles nas explorações que encetaram e em resultado conta quasi sempre a sciencia uma nova conquista.

Assim pois, aquecidos pelo sol do patriotismo, zombemos dos gelos da indifferença; reunidos em torno dessa especie de lareira, que se chama Instituto Archeologico, affrontemos a frieza glacial dos contemporaneos.

Refere Boichot um curioso phenomeno, que se observa nas eminencias do Broken.

Quem se achar de manhã na montanha, diz aquelle escriptor, e voltar-se para o occidente, verá uma figura colossal que repetirá todos os seus movimentos.

Como na ordem physica, na ordem moral dir-se-hia que da-se o mesmo phenomeno.

E, applicando ao Instituto a comparação que faz a esse respeito um litterato distincto, direi: que quando galgarmos o cume da montanha, o que symbolisará termos attingido ao nosso desideratum, si parecermos pequenos para os que estiverem no valle, a nossa figura projectar-se-ha além em proporções colossaes: será a nossa estatura moral perante a posteridade.

Sala das sessões do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, 27 de Janeiro de 1887.

JOÃO BAPTISTA REGUEIRA COSTA.

DISCURSOS

Proferidos na assembléa geral do anniversario, em 27 de Janeiro de 1887

DO BACHAREL MAXIMIANO LOPES MACHADO, ORADOR DO INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GROGRAPHICO PERNAMBUCANO.

Senhores.—O dia de hoje lembra o facto mais saliente e predominante da historia brazileira.

O dia 27 de Janeiro recorda o termo da guerra tremenda com que a Hollanda nos sorprendeu no regaço da paz, sob o tecto da familia.

Recorda 24 annos de combates, de assaltos, de correrias e evoluções estrategicas; 24 annos de esforços empregados na dominação por parte dos invasores, na repulsa por parte dos invadidos; 24 annos, emfim, de sorpresas, de incendios e de exterminio, como são as guerras entre povos de raças differentes, de outra religião, de outra linguagem, de outras tradições e costumes.

Guerra em que o sentimento nacional tornou-se em furia, em que os soldados invasores, aguerridos e amestrados, conseguem apenas que a fortuna das armas se equilibre; e só por ultimo se supponham vencedores quando Mathias d'Albuquerque, chamado pela metropole, se recolhe á côrte de Madrid, quando o general Rojas y Borja, seu substituto no commando do exercito, succumbe no começo da batalha da Mata Redonda.

Engano completo!

Nunca de duas nacionalidades naquellas condições póde sahir um povo homogeneo. O direito do mais forte é um absurdo; a força póde comprimir, mas a fusão é impossivel pelo antagonismo rancoroso das raças.

Não tardou, por isso mesmo, que o povo pernambucano apparentemente submettido, se erguesse como um só homem, levasse de rojo os vencedores de hontem, e os obrigasse, vencidos hoje, a depor as armas, a deixar esta terra que não era sua e a retirar-se para o seu paiz, envergonhados e confusos como os soldados carthaginezes expellidos de Capua.

Senhores, a patria e a familia são forças immensas, irresistiveis, que no meio das grandes catastrophes levam o homem acima de todos os interesses, para redobrar o sentimento moral em energias na lucta entre os principios da liberdade e da escravidão, entre a justiça e o crime, entre as doutrinas e as acções, entre a intelligencia e a força bruta.

Separae do homem as affinidades da vida intima com as inspirações religiosas e politicas, as tradições populares, as superstições originaes e pittorescas de infinitas legendas, as crenças, usanças e abusos até, outras tantas flores com que o pensamento do povo se adorna, e vereis o que fica delle ?

Nada absolutamente, excepto o fatalismo, que vem a ser a descrença nos principios da religião e a indifferença na vida publica e particular.

Luctar, pois, contra aquellas forças, expressão de todo o sentimento, no intuito de apagar o caracter e feição de um povo para sobre elle imprimir a força, o cunho de uma outra individualidade, é cousa que não está na vontade, nem no poder do homem.

Vede o exemplo na emigração heroica dos habitantes de Serinhãem á noticia da aproximação do inimigo, orgulhoso com a queda do Arrayal e de Nazareth.

Mathias d'Albuquerque protege com o seu pequeno exercito a mais de oito mil pessôas que abandonam os seus lares, os seus commodos, as suas alegrias, o brilho e a suavidade da luz da-

quelle céo formoso, que presta ineffavel encanto as varzeas, aguas e montes, e seguem a pé por matas espessas e fraguedos não conhecidos ainda.

E' admiravel, senhores, a resolução com que mãis e filhas das principaes familias, acostumadas a todos os commodos e recatos, investem com heroica firmeza os precipicios, as correntes dos rios e lamaçaes das varzeas. Não esqueçamos entretanto, a disposição do pequeno exercito com os seus exploradores na vanguarda, corpo de batalha no centro, seguindo após os emigrantes e immediatamente o generoso e valente Camarão, cobrindo a retaguarda com os soldados de seu terço, soldados de dedicação até o heroismo, e de vingança até a ferocidade.

O que exprime essa agglomeração de familias, protegidas por uma pequena força em marcha arriscada por mais de quarenta leguas em terrenos ingratos, senão a antipathia da raça, o horror invencivel desse outro povo, ao mesmo tempo herege e sacrilego, que transformava em estabulo a casa de Deus e profanava os vasos sagrados, servindo-se delles em abominaveis orgias, mais escandalosas e abominaveis do que as do ultimo rei de Babylonia ?

Um outro exemplo, senhores, e ainda mais frisante, nos offerece essa mesma Hollanda tão admiravel na resistencia pela sua independencia, quanto violenta na compressão da independencia alheia.

O moto—*a união faz a força*—, erguido por ella á altura de um principio politico, de resistencia nacional nos seus dias de amargura contra a Hespanha dos Filippes que arremeçaram ás fogueiras da inquisição milhares de cidadãos, como exemplo tremendo para a submissão imposta pelas armas do duque d'Alba, Farnése e D. João da Austria ; aquelle moto, dizemos, nunca teve applicação mais contraria ao sentimento intimo da alma e da justiça do que quando ella por esforços de uma

companhia de armadores cahiu de improviso sobre um povo longiquo, desconhecido e inerme para trucidal-o, e, extranho phenomeno! imitando os agentes hespanhoes, para escravisal-o da mesma fórma á sua desmesurada ambição.

Senhores, as memorias de heroicidade da pequena nação neerlandeza não attenuam o horror deste facto, senão figurando-se o homem adormecido, e paralysada a seiva generosa do coração para ficar em lugar delle o animal com a sua natureza organica, com todos os seus instinctos ferozes em lucta pela raça.

Não, o povo pernambucano não estava submettido, apezar dos seus desastres.

Mauricio de Nassau, o chefe hollandez que mais fizera com a politica do que nenhum outro conseguira pelas armas, não aventurou uma prophecia temeraria, quando disse ao embarcar para a Europa « o Brazil hollandez não se poderá manter, está irremissivelmente perdido. »

Portugal voltara ao dominio dos seus legitimos soberanos. A guerra reappareceu e progrediu com furor indescriptivel. Os campos cobriram-se de chamas, o sangue correu a jorros, succederam-se peripecias terriveis, uma prolongada alternativa de acções magnanimas e de reprezalias atrozes.

Os povos meridionaes são assim, levam sempre ao extremo as paixões e as virtudes. Como que o sol lhes infiltra com o calor excessivo aquellas qualidades até a ultima fibra do coração. Em taes temperamentos não ha sacrificios parcimoniosos, tudo é grande, assombroso e em harmonia com a natureza de seu solo.

Portugal não era extranho á lucta, applaudia-a em segredo. Mas nas condições excepcionaes em que se achava para a Hollanda e a Hespanha, nada podia fazer. A guerra da independencia nacional absorvia-lhe todos os recursos e attenção. Pernambuco ficou entregue ao valor dos seus filhos, as suas crenças e aos seus brios; á todos

os riscos, á todos os revezes nos combates, nos assedios, nas marchas cortadas de exterminios e assolações.

Quanta abnegação, quanta serenidade, quanta gentileza nesses atrevidos movimentos e audaciosas entreprezas!

Todo o territorio que gemia sob a planta do conquistador foi sendo aos poucos libertado.

Cae primeiro Nazareth do Cabo, depois Itamaracá, cae Olinda, S. Lourenço, Muribeca, e as duas grandes e sanguinolentas batalhas de Guararapes, nas quaes o inimigo empenha as suas melhores tropas e os seus mais experimentados generaes, são intimações formaes ao governo do Recife para que se renda.

Avaliae o furor daquellas batalhas, entre os dous pequenos exercitos, de perto apenas de sete mil homens, e julgae pelas perdas do inimigo o valor dos nossos soldados.

Depois de troar a artilheria de parte a parte, principiaram as cargas de infanteria com subido arrojo, levando os nossos ao inimigo á confusão e á morte na escalada da montanha.

Seis horas de peleja, em que ora uns, ora outros, vacillavam ao choque dos terços, parecendo os chefes dizer aos soldados, como Larochejaquelein na passagem do Cynca: *si j'avance, suivez moi, si je recule, tuez moi, si je meurs, vengez moi*, e voltavam á carga.

O inimigo envolvido, não pôde resistir, poz-se em fuga ao crepusculo da tarde, deixando em nosso poder artilheria, bandeiras, bagagens e papeis do quartel-general, algumas centenas de prisioneiros, e no campo, entre mortos, o general em chefe, e todos os chefes das suas brigadas!

Os restos fugitivos recolheram-se á esta cidade, trazendo a noticia da sua completa derrota. Foi uma noite de tribulação, de lagrimas e de rancores a que aqui se passou.

O porto da cidade não estava bloqueado, e por

isso podia ainda resistir ao cerco, que se estendia do Giquiá á Olinda, e a lucta continuou ainda por algum tempo, até ser aquelle fechado pela esquadra de Magalhães, de accordo com os chefes do exercito brazileiro, sobre as operações, que não podiam demorar-se.

As fortificações avançadas ao sul da cidade foram atacadas e tomadas. A população do Recife amotinou-se, gritavam as mulheres, choravam as creanças e os soldados flamengos recusavam-se a combater.

André Vidal, o illustre general parahybano, alma de todo o movimento da guerra, marcha com a risonha placidez, com que costumava encarar a morte, á escalada do forte das Cinco Pontas ; levanta trincheiras e rompe a primeira canhonada. Approximam-se os momentos de avançar, quando de repente a bandeira branca tremúla na fortalezá, pedindo a suspensão das hostilidades, e a cidade rende-se, por fim, aceitando as condições impostas pelo vencedor.

Neste dia, no dia 27 de Janeiro, o exercito libertador entra triumphante pelas ruas desta capital, com bandeiras desfraldadas e ao som dos hymnos da patria.

O Brazil era dos brazileiros !

———

Alguns illustres pernambucanos da actual geração, sahindo da indifferenca glacial, que abate os animos e só os deixa despertar para os estimulos da existencia convencial, conseguiram á custa de immensos sacrificios e de admiravel perseverança fundar o Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano neste dia em que a historia commemora a restauração da provincia e os feitos gloriosos dessa época.

Rememorando a vitalidade desses homens e o seu entranhado patriotismo na conquista desta terra que, sem os esforços e generosidade do heroismo não existiria para nós, procuraram na

grandezas do passado despertar todos os elementos viçosos e robustos que surgem, para tornal-a ainda maior, conquistando pela cultura intellectual o logar que lhes parece reservado no movimento geral da civilisação.

E' o nosso vigesimo quinto anniversario, e se ainda pouco se tem feito, vamos conseguindo romper o scepticismo e a indifferença, obstaculos poderosissimos ao movimento das lettras nas suas graciosas e proficuas manifestações.

Honra e gloria, pois, aos fundadores desta instituição, que á despeito de todas as difficuldades creadas pelo desanimo, conseguiram lançar na terra a semente, que germina viçosa e promette á posteridade sazonados e saborosos fructos.

A' memoria desses homens e dos que lhes foram succedendo no termo da vida, paga o Instituto uma divida de gratidão neste dia, recordando os seus nomes, e algumas das qualidades com que se distinguiram.

Senhores, depois da ultima commemoração, tamaram logar na ordem dos que existiram :

O dr. Francisco Manoel Raposo d'Almeida, engenho culto, illustração reconhecida e rigidez de animo. Batalhador irreductivel, a sua phisionomia retratava os dotes de sua alma.

Parece que Deus lhe rasgara aquella fronte espaçosa para os grandes pensamentos e grandes infortunios ; lhe talhara aquella nobre cabeca, tanto para a inclinar no estudo como para a erguer nos d[illegible]s da adversidade.

[illegible]clarão da sua intelligencia superior, cuida[illegible]mente cultivada, apparece como um raio do sol [illegible]s tropicos na feição do estylo viril das suas obras [illegible]itterarias, nas memorias publicadas na *Re-vista* [illegible] Instituto, especialmente na biographia do [illegible]allogrado poeta e litterato José Soares de Azev[illegible]

[illegible] to[illegible] magnifico estudo o leitor acha-se insen-

sivelmente na Grecia de Pericles a ouvir a vc
Demosthenes.

O dr. Raposo d'Almeida era formado em di
e canones pela Universidade de Coimbra, e ac
desconhecido em S. Paulo, como acabam os g
des homens, para resurgir na posteridade, aca
pelas suas lettras. —

O dr. João Francisco Dias Cabral acon
nhou-o nessa jornada, sem o deter as lagrim
os affectos dos seus concidadãos.

Formado em medicina pela escola da Ba
estabeleceu a sua residencia na cidade de Mac
onde era reverenciado por todos pela sinceri
do seu caracter e nobreza de coração.

Attrahido pelo aspecto das ruinas, especi
enlevo que namora os espiritos, o dr. Dias Cal
versado na historia patria, e convidado pelas s
dões das margens do grande rio da sua provin
onde se pelejaram renhidos combates entre os
fensores do solo nacional e invasores hollan
zes, procurou arrancar das ruinas das fortifica
alli existentes o segredo do passado.

E esses vestigios, onde em outros tempos h
inteira a quadrella das muralhas, dentro das qu
as sentinellas observavam dia e noite o movim
inimigo, lhe segredavam maravilhas que dev
ser logo registradas, antes de se esvairem e
derem-se na sombra dos seculos.

Auxiliado pelas sympathias de alguns mo
estudiosos e de fé, fundou com elles o Instituto
cheologico e Geographico Alagoano, onde se
guardando os titulos de perpetuidade dessas
dencias historicas, condemnadas a perpe
quecimento pela indifferença e pela desidia,
fossem os seus esforços.

Foi um benemerito o illustre consocio
perda deploramos. A imprensa do paiz las
tambem em sentidas phrases de reconhecim
e saudade, tanto soube aquilatar os seus ser
talentos e virtudes.—

O dr. Claudino de Araujo Guimarães, consul de Portugal nesta provincia, e ultimamente transferido para os Estados-Unidos, ahi falleceu, longe da patria e no serviço do seu paiz.

Formado em direito pela Universidade de Coimbra, foi encarregado pelo governo portuguez de promover no estrangeiro os interesses commerciaes do seu paiz e proteger a pessoa dos concidadãos. Commissão importantissima, que desempenhou com prudencia e capacidade, reconhecida pelo mesmo governo, segundo as provas de distincção com que o honrou.—

Perdas tão sensiveis foram ainda mais aggravadas pela renovação de outras que se seguiram em curto periodo.

O desembargador Marcos Corrêa da Camara Tamarindo, respeitabilissimo pelas suas virtudes particulares e civicas.

O conselheiro José Bento da Cunha e Figueiredo Junior, tão modesto como notavel na existencia publica.

O dr. Joaquim José da Fonseca, alma angelica, consciencioso e crente, foi um desses poucos homens que appareceram e desappareceram sem deixar um desaffecto, mas ao contrario disto muita consideração, muito respeito entre os seus concidadãos pelas suas nobilissimas qualidades. Formado em direito pela Academia de Olinda, o dr. Fonseca entregou se ao fôro, onde colheu palmas juridicas que sempre lhe refloresceram.

A sua inabalavel perseverança, o valor intrinseco dos seus meritos, o conceito geral que o levantavam aos olhos dos seus concidadãos, fizeram-no geralmente estimado adquirindo certa unanimidade de apreço e estimação que só elle parecia ignorar, e entretanto não era isso mais do que natural tributo do senso moral ao timbre que reala a lealdade, a lealdade que realça a intelligencia. Foi vice-presidente deste Instituto, onde, como em todas as occasiões, obteve predilecções novas.

O conselheiro Francisco Domingues da Silva, magistrado consumado, o typo respeitavel da honra e do dever.—

O dr José Tiburcio Pereira de Magalhães, homem de fé, de estimulos, perseverante, applicado e previdente podendo-se dizer da sua insistente vontade o que se observa nesses rios de pequena nascença, que engrossam no seu transito pelos tributarios adquiridos, e vão lançar suas aguas opulentas na vastidão dos mares.—

O commendador Emilio Xavier Sobreira de Mello, empregado zeloso, atilado e investigador, que soube elevar-se na escala do funccionalismo de terceiro escripturarto da fazenda a director do Thesouro Nacional.—

O vigario Firmino José de Figueiredo, sacerdote estimavel pela mansidão do caracter e virtudes do coração.—

O dr. Aristarcho Cavalcante de Albuquerque, um dos nossos mais dedicados collaboradores; modesto, singelo, de uma existencia desambiciosa e tranquilla, de intelligencia brilhante e concepções elevadas.

O dr. Gaspar de Drummond, espirito perspicaz, eloquencia imaginosa e abundante.

Se encontrasse campo vasto em que podesse dar forma ás flores da sua fantazia, teria conquistado lugar distincto entre os que mais primam na tribuna.

Não póde .. lutou e morreu duas vezes!

Eis as perdas lamentaveis que o Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano soffreu nestes ultimos tempos.

Cidadãos distinctos todos pelas suas virtudes e talentos cahiram ao sopro da morte; transmudaram-se de repente no que haviam de ser para não voltarem ao que foram!

A successão é uma regra immutavel e geral do mundo: mas as nossas predilecções não estão essencialmente sujeitas aos individuos, porque não

são como elles, transitorias. Os que chegam hoje, advertem aos que chegarem amanhã, do que se deu na ordem dos tempos e das idéas.

E' tambem uma successão, mas uma successão, inversa, de cima para baixo, que não extingue, nem esquece, mas, antes reconstrue e aviva as acções generosas dos antepassados, como seremos tambem lembrados por nossa vez quando formos antepassados das novas gerações.

E' o que fazemos agora, recordando os nomes e as qualidades dos nossos consocios, que se disfizeram em pó, obedecendo a regra immutavel e geral á que estamos sujeitos.

O Instituto, inclinando-se reverente ante a cruz que assignala os seus jazigos, deposita sobre elles uma corôa de saudades.

Isto, Srs., que não passa de uma demonstração de acatamento e respeito á memoria dos que hontem desappareceram d'entre nós, está muito longe da immovel magestade dos seculos que se occultaram nas sombras do passado.

Precisamos erguer dos mausoléos, carcomidos e derrocados pelo tempo, as cinzas que elles encerram, para se encorporarem e viverem com a época que resurge á imaginação. Tudo tem seu logar na ordem em que existira; é de necessidade unir o passado ao presente.

Nas nossas modestas estantes temos o necessario para reerguer e repovoar esses templos desertos, essas praças ermas e essas arcarias tombadas; importantissimos documentos, desenterrados dos archivos da Europa pelo zelo infatigavel de um nosso benemerito consocio que alli foi catar e descobrir magnificencias da nossa antiguidade relativa, dessa antiguidade que nos falla e nos domina.

Ajudai-nos, senhores, com as vossas luzes, com o vosso patriotismo.

———

Illm. exm. e rvm. sr.— V. Exc., tão bondoso,

tão illustrado e tão amante do seu paiz, como particularmente venerado nesta diocese, que tão paternal e sabiamente dirige, consinta lhe beijarmos as mãos em signal do acatamento e respeito que devemos ao chefe da igreja pernambucana, e como penhor de agradecimento pelo auxilio generoso que tem prestado as investigações historicas e archeologicas deste Instituto, já facilitando-lhe com manifesto prazer os archivos da camara episcopal, e já permittindo-lhe que no fundo das campas, nos ossuarios dos templos fosse receber as confidencias sobre a identidade dos restos mortaes dos nossos maiores.

Este nosso reconhecimento só aqui podia ser manifestado para ser olhado e medido pela grandeza da benevolencia de v. exc.

Fazendo votos pela preciosa saude do seu preclaro Pastor, o Instituto tem fé em Deus de que não hade desmerecer da sua generosa confiança.—

Illm. exm. sr. presidente da provincia.—A visita com que v. exc., logo á sua chegada, se dignou honrar a este Instituto, assim como o acolhimento á commissão encarregada de convidal-o para esta festa anniversaria, e ainda mais a cooperação que no pouco tempo do seu governo lhe tem prestado, são motivos para o seu profundo reconhecimento.

Fortalecido com estas provas de confiança e interesse que v. exc. mostra tomar pela cultura e progresso das letras, não duvida apresentar-lhe neste momento uma supplica que, deferida, será um grande serviço prestado por v. exc. á provincia e ao paiz.

Consiste ella, senhor, em mandar recolher ao archivo da secretaria do governo ou ao deste Instituto, os preciosos documentos dalli retirados por concessão á particulares, e que não mais voltaram ao seu lugar, apezar do tempo decorrido e do nenhum proveito conhecido.

E' natural que esses individuos tivessem pas-

sado termo de responsabilidade á secretaria do governo, e por ahi não será difficil a sua arrecadação.

Depois da remessa de uma parte do archivo da provincia para a côrte, depois do fogo a que foram condemnados os *papeis velhos* da Thesouraria de Fazenda, entre os quaes um bom numero de documentos officiaes, nomeadamente o inventario dos bens dos jesuitas e o que produziram em hasta publica, depois de uma administração perniciosa de mais de dez annos, resta-nos apenas dessa horrorosa devastação os documentos alludidos.

Os esforços empregados para esse fim serão applaudidos, pelos homens convencidos de que na voz do passado ha conselhos e lições, e por todos quantos se interessam pelo progresso intellectual do paiz, como prova irrecusavel do alto patriotismo de v. exc.

—

Do bacharel Isidoro Maatins Junior, orador da commissão do conselho superior da Sociedade Propagadora da Instrucção Publica.

Exmas. senhoras e meus senhores; senhores do Instituto Archeologico.—O conselho superior da Sociedade Propagadora da Instrucção Publica incumbio-me de vir hoje comprimentar-vos pelo duplo e brilhante anniversario que se solemnisa aqui, neste momento.

Cumpro, portanto, o meu dever de mandatario daquella Associação, subindo agora a esta tribuna, que tão exalçada foi pelo orador que me precedeu, e que me parece ainda vibrar ao echo dos vossos applausos.

Meus senhores. Os dous gloriosos acontecimentos, que se commemoram hoje nesta casa são a restauração desta provincia que me foi berço e a fundação deste benemerito Instituto, a cuja grande personalidade moral eu me dirijo nesta occasião.

E ao considerar esta festa duplamente digna e duplamente fecunda, eu me sinto deslumbrado e sem forças para desempenhar a incumbencia de dizer aqui algumas palavras por parte do conselho superior da Sociedade Propagadora. E' que as grandes emoções fulminam como uma faisca electrica; neste momento eu sinto mais do que penso, e a força psychica que me está dominando todas as outras é o desejo fetichista de atirar-me, como os crentes indianos de Jagernath, sob as rodas desse carro triumphal, em que vejo, com o transluzido olhar da imaginação, passar todo o deslumbrante conjuncto das heroicas tradições pernambucanas!

Mas... eu devo chamar a reflexão em meu auxilio, e chamo-a, para que possa desempenhar o meu dever sem vos cansar o espirito e abusar da vossa condescendencia.

Senhores. Eu comparo os notaveis successos historicos que tiveram lugar em Pernambuco de 1630 a 1654 a um desses grandes phenomenos telluricos, que ao mesmo devastam e fecundam a região onde se manifestam ou se produzem.

Vós sabeis que as forças, as energias naturaes, filhas das condições sidereas e physico-chimicas do nosso planeta, são incoerciveis, são indomaveis, como tambem o são as condições biologico-sociaes a que se submettem todos os seres vivos, desde os protozoarios até os homens.

Sabeis perfeitamente que si houvesse um homem bastante insensato e bastante heróe para pretender, por exemplo, fechar um oceano dentro de um carcere formado de diques,—fosse esse homem um descendente dos antigos Titães fabulosos, e fossem esses diques mais elevados que os cumes do *D*apsang e do Everest—tal homem seria victimado pela sua empreza, sacrificado pela sua tentativa, esmagado pela sua obra, submergido pelo oceano que elle houvesse buscado encarcerar!

Xerxes não conseguio atemorisar o Mediterra-

neo, com as correntes que lhe mandou pôr, nem com as chicotadas que lhe infligio!

Pois bem, meus senhores; a Hollanda do seculo XVII representou, na America, o papel desse homem insensato a que eu me referi.

Afigura-se-me que em 1630 a vida pernambucana era um grande rio caudaloso, um Amazonas sussurrante que se espraiava orgulhoso sob os iris e chamalotes do céo tropical, neste pedaço de terra que estremecemos.

Um dia, no dia 16 de Fevereiro de 1630, o hollandez invasor, julgando que podia arrancar este solo ás aguas soberanas, como havia outr'ora conquistado o chão das Provincias Unidas ás vagas do mar do norte,—arrojou aqui os seus exercitos, os seus fuzis, os seus canhões e as suas balas, como outros tantos diques ou reprezas destinadas a fazer recuar a onda pernambucana.

A onda recuou, recuou muito; teve um momento de repouso—momento que durou 15 annos—mas depois avolumou-se, encapellou-se, subio pelas encostas, e despenhou-se dos montes Tabocas e dos Guararapes com o fragor de uma avalanche, vindo outra vez espraiar-se no Recife a 27 de Janeiro de 1654, e levando em suas bavas ensanguentadas as ultimas esperanças do predominio hollandez!

O batavo tinha sido humilhado. O grande mar da alma pernambucana tinha sido mais indomavel do que as vagas do mar do norte...

Mas como aquelle outro diluvio da legenda mosaica, a inundação pernambucana havia deixado uma arca na superficie da terra... Era a arca das nossas tradições, o santuario de todas as reliquias patrioticas que nos haviam legado os batalhadores d'aquelle tempo, os soldados d'aquella guerra!

E vós, Srs. do Instituto Archeologico, encon-contrando, muito tempo depois, os destroços dessa arca, os membros dispersos desse grande corpo

combalido mas sempre veneravel,—fizestes com esses destroços o monumento em que hoje se rememoram as lutas e as glorias dos nossos bravos, construistes com aquelles restos o Pantheon onde devem viver eternamente aquelles nossos heróes!

Honra, portantto a vós!

Senhores. O Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, com estas e outras commemorações, com as suas pesquizas archeologicas, com o seu amor pelo passado e a sua fé no futuro, é uma benemerita associação cujos labores eu cada vez mais aprecio, porque vejo que delles ha de sahir alguma tentativa no sentido de uma comprehensão scientifica da Historia—esse nobre ramo dos conhecimentos humanos que tão largos subsidios offerece a Sociologia.

Além disso, eu noto tão sensivelmente em nosso paiz a falta, a ausencia absoluta de uma *Historia do Brazil* completa e bem orientada, que não me canço de fazer votos para que surja o mais depressa possivel esse historiador que nos ha de honrar e orgulhar a todos, immortalisando-se a si.

Quando eu me recordo de que, desde aquelle celebre livro de Salviano *De Gubernatione Dei* até os ultimos trabalhos dos sociologistas modernos, os methodos e a Philosophia da Historia têm percorrido um brilhantismo do caminho qua ficou assignalado com os esforços e os nomes de Vico, de Herder, de Montesquieu, de Condorcet, de Augusto Comte e de tantos outros valentes espiritos; eu lamento que ainda hoje a minha patria não tenha um historiador que, com uma concepção positiva do mundo, e de posse de todos os fios da nossa vida nacional, nos apresente uma grande obra onde esteja feita a *Historia do Brazil*, sem outra preoccupação que não a da verdade.

E por isso é que eu me volto para vós, Srs. do Instituto Archeologico. Vós tendes obrigação de

impulsionar uma tentativa qualquer no sentido da construcção da nossa *Historia Geral*, ou pelo menos, de uma grande e bella *Historia de Pernambuco*. Envidae para isto todos os esforços e tereis prestado mais um grande serviço social.

Permitti, porem, que eu vos peça o seguinte:

Fazei com que o vosso futuro historiador seja: «bastante *naturalista* para, no portico de seu livro distender a discripção vasta e exacta da terra e das zonas nacionaes, com a determinação dos climas, aspectos e de todos os cem modos diversos pelos quaes os *meios* collaboram com os homens; bastante *ethnologista* para comprehender e amar as diversas raças que armaram neste paiz as suas tendas e que teem contos, lendas, instinctos e aspirações dignas de estudos; bastante *philanthropo* e *democrata*, para rir e chorar com o povo, e seguil-o na sua formação e transformações progressivas; bastante *economista*, para surprehender o povo no seu trabalho, tomando nas mãos os fios da riqueza publica e particular e mostrando a irradiação desse polypo de nova especie—a Escravidão, o qual ainda hoje faz com que a nossa historia seja uma obra de privilegio e de iniquidade; bastante *philosopho*, para ter uma idéa nitida da cultura e dos destinos humanos; bastante *erudito*, para conhecer a fundo todos os factos e todas as peripecias do passado nacional; bastante *poeta*, emfim, para construir com tudo isso uma obra artistica, viva, palpitante de seiva e de enthusiasmo!»

Estes requisitos que não foram imaginados por mim, mas que eu encontrei em um magnifico trabalho de um dos melhores criticos brazileiros, o illustre escriptor Sylvio Romero, —são tambem os que vós deveis exigir do futuro historiador do Brazil.

Só assim tereis concorrido para um bom monumento historico digno de vós e dos vossos antepassados.

Vou deixar a tribuna, Srs do Instituto Archeologico: tenho muito abusado da vossa attenção. Poucas palavras mais e terei terminado.

Dizem que a estatua de Memnon, no Egypto antigo, saudava todos os dias a aurora com um canto mysterioso mas suavissimo .. Eu comparo a digna Associação que promoveu esta festa áquella estatua sonora que parecia amar o sol e, por isso, saudava-o quando elle apparecia no levante. Tambem o Instituto Archeologico, tambem este edificio em que vós funccionaes, canta, e parece desfazer-se em hymnos, quando a aurora do 27 de Janeiro illumina-lhe todos os annos o tecto glorioso.

Que esse canto se propague pelo espaço e se prolongue no tempo, honrando a vós e ao luminoso Passado pernambucano -- é tudo o que eu desejo.

—

DO DR. PAULO JOSÉ DE OLIVEIRA, ORADOR DA COMMISSÃO DO CONSELHO DIRECTOR DA SOCIEDADE PROPAGADORA DA INSTRUCÇÃO PUBLICA DO POÇO DA PANELLA.

Senhores do Instituto Archeologico! — A Sociedade Propagadora de Instrucção da freguezia do Pôço da Panella, que, como vós, porfia na diffusão do ensino ao povo; que, como vós, persevera em demonstrar praticamente que a dedicação daquelles que se interessam pela propagação de ideias uteis triumpha sempre dos preconceitos; a Sociedade Propagadora, digo, associa-se ao jubilo de que vos achaes hoje possuidos, commemorando o vigesimo quinto anniversario de vossa gloriosa installação.

Cinco lustros já têm perpassado na ampulheta do tempo depois da installação do vosso Instituto; isto diz eloquentemente que durante um quarto de seculo tendes batalhado com ardor, que jámais fo

desmentido, na indagação da verdade historica da nossa vida colonial.

Durante esse longo periodo tendes esquadrinhado, coordenado e accumulado elementos importantissimos, que constituem hoje a preciosa collecção, que ornamenta o vosso valioso archivo, desse archivo, que mais tarde servirá como um contingente de summa valia, para enriquecer as paginas da nossa historia, illustrando o nome brasileiro e collocando este imperio a par das nações mais adiantadas.

Enunciar o que venho de dizer, meus senhores, é proclamar o acrysolado patriotismo desse punhado de luctadores, que concretisa a nobre instituição que se denomina Instituto Archeologico Pernambucano ; é mais ainda, Senhores, é demonstrar por factos quanto póde a dedicação e a perseverança de poucos contra o indifferentismo de muitos.

O nosso archivo, onde tendes enthesourado o fructo de tantas locubrações, se é pequeno pelo espaço que elle occupa, é grande, é immenso pelo seu valor historico e scientifico.

O historiador, o geographo, o ethnographista, o geologo, o mineralogista, o paleontologista e tantos outros, que cultivam os diversos ramos dos conhecimentos humanos, ahi podem colher as mais proveitosas lições, ahi podem elucidar os pontos mais controvertidos de nossa historia, desde a época em que o Batavo pisou este solo da America, até a sua expulsão pelos lusitanos alliados aos naturaes desta provincia.

O vosso archivo, pois, enriquecido largamente ainda com as preciosas collecções trazidas da Hollanda pelo infatigavel e illustrado investigador a quem confiaste tão importante missão, o vosso archivo, repito, é a prova a mais inconcussa de que tendes bem comprehendido a missão de que vos encarregastes, e melhor ainda correspondido á confiança dos que depositaram em vossas mãos a direcção deste importante Instituto.

Proségui, perseverae na senda gloriosa que tendes trilhado até hoje, e os posteros bemdirão dessa pleiade que com tão minguados recursos, mas possuindo em alto gráo o amor pelo estudo e pelo trabalho, dotaram a nossa chara patria com thesouros inestimaveis. São estes, senhores do Instituto Archeologico Pernambucano, os votos que vos trago em nome da Sociedade Propagadora da Instrucção Publica da freguezia do Poço da Panella.

—

Do bacharel Virginio Marques Carneiro Leão, orador da commissão do conselho director da Sociedade Propagadora da Instrucção Publica da parochia da Boa-Vista.

Senhores do Instituto Archeologico. — O conselho director da Sociedade Propagadora da Instrucção Publica na parochia da Bôa-Vista, incumbio-me de, no dia de hoje, em que commemorais o vigesimo quinto anniversario de vossa benemerita e patriotica associação, comprimentar-vos pelo modo porque interpretais os sentimentos do povo pernambucano ou antes do povo brasileiro.

Sim, senhores da Sociedade Archeologica, do povo brasileiro ! A festa que hoje solemnisaes, não pertence exclusivamente ao povo pernambucano ; ella vae além, porque tem encontrado abrigo em todos os corações brasileiros.

27 de Janeiro de 1654 é uma estrella. cujos raios attingem a todos os que, dominados de sentimentos elevados e generosos, não podem ser indifferentes ás grandes causas, como incontestavelmente são as dos feitos patrios.

27 de Janeiro de 1654 é uma data brilhante em que se reflectem os serviços prestados por uma pleiade gigante de homens, que entenderam dever anniquillar o grande valor que a Hollanda ostentava no Brazil.

27 de Janeiro de 1654 é uma data que merece os vossos festejos, porque lembra os esforços empregados por um povo nascente para conseguir o seu mais sagrado direito—*o direito de liberdade*, que, havia tempo, jazia opprimido pelo jugo despotico de uma companhia a que a Hollanda dava força e importancia; é uma data que merece o nosso respeito, porque symbolisa uma victoria, obtida a custo, por um povo fraco mas altamente brioso.

O conselho director da Sociedade Propagadora da Instrucção Publica, na parochia da Bôa-Vista, e o corpo docente da Escola Normal a cargo da mesma sociedade, curvam se reverentes ante á memoria d'aquelles heróes que tão grandes serviços prestaram á restauração de Pernambuco e felicitam ao Instituto Archeologico pelo modo brilhante porque solemnisa o seu vigesimo quinto anniversario.

—

DA EXMª. SRª. D. ANNA ISABEL DE OLIVEIRA, ORADORA DA COMMISSÃO DO CLUB LITTERARIO PINTO JUNIOR

Senhores do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano.—O Club Litterario «Pinto Junior» a que vos dignastes convidar para vossa festa, manda agradecer o vosso convite e significar bem alto a consideração em que vos tem como guardas fieis, que sois, das glorias, monumentos e tradições de nossa cara e heroica provincia.

Apezar de reconhecer-me pobre de talentos e dotes oratorios, julgo-me todavia rica de sinceridade e convicção, por isso acceitei a tarefa de que me incumbiram, porque tanto basta para servir de interprete aos sentimentos d'aquella modesta associação.

Sim, meus senhores, dizendo-vos que nós, do Club « Pinto Junior » estamos acostumadas a reconhecer-vos como naturezas superiores a quem a

historia gloriosa de Pernambuco muito deve, fallamos com toda a convicção, e declarando que o nosso enthusiasmo por vós crepita-nos no coração como as lavas de um vulcão, fazemol-o com toda a sinceridade. Nós, umas desprotegidas dos bens da fortuna, que frequentamos a Escola Normal da Sociedade Propagadora da Instrucção Publica, na Boa-Vista, mas umas admiradoras enthusiasticas de tudo que é grande, nobre e generoso, reunimonos na associação litteraria a que demos o nome de « Pinto Junior » como reconhecimento do muito que esse cidadão respeitavel tem feito a bem da instrucção e alli discutimos com toda tensão das nossas fracas forças, pontos da historia do Brazil e especialmente de Pernambuco

Por ahi já vedes que não desconhecemos os grandes serviços que haveis prestado ao nosso paiz e particularmente á nossa provincia, dos quaes ainda ha bem pouco tempo déstes eloquente prova, mandando um dos vossos mais illustres membros colher nos archivos de Haya documentos relativos á occupação do Brazil pelos hollandezes. Permitti, pois, senhores, que no dia de hoje, data memoravel que faz lembrar a restauração desta provincia do poder dos hollandezes, em nome do Club «Pinto Junior» eu faça os mais ardentes votos pelo vosso engrandecimento e prosperidade, que são o engrandecimento e prosperidade da nossa provincia e da nação brazileira.

—

DO ACADEMICO E EMPREGADO PUBLICO PROVINCIAL, SR. LINDOLPHO CAMPELLO, ORADOR DA COMMISSÃO DA SOCIEDADE DOS EMPREGADOS PUBLICOS PROVINCIAES E DO CORPO ACADEMICO.

*Exm*as*. senhoras, Exm*os*. senhores.* — E' na verdade e nos erros das gerações que desapparecem na eternidade dos seculos, que aprendem as ge-

rações que surgem : é no grande livro da humanidade que se educa a mesma humanidade.

Os mortos são os mestres dos vivos ..

E' na historia que o homem vai ver a quanto se póde elevar e a quanto se póde degradar.

Não é tomando os factos isoladamente que se avalia do gráo de evolução porque ha passado a humanidade ; é estudando-os á luz da philosophia, procurando o meio em que elles se manifestaram, o estado mental da sociedade que os produzio, que se póde com justiça aprecial os.

Sem attenção a essas circumstancias, a Grecia antiga educando seus filhos na pilhagem, e Roma matando atrozmente os seus escravos, seriam hoje apresentadas ao grande tribunal das idéas novas e dos sentimentos humanitarios, como dous povos, onde o coração do homem não estivesse ainda formado ; no entretanto, pelo estudo dos factos e das condições vitaes de então, nós reconhecemos que aquellas nações, que deram, por assim dizer, as leis ao mundo, obedeciam a um phenomeno sociologico, porquanto ellas passavam pelas primeiras phases da actividade social—o militarismo.

A activid ade humana passa por tres phases : a militar de conquista, a militar de defeza e a phase de industria. Ora, aquellas nações estando nessas primeiras phases, se alimentando, portanto, da guerra, não pediam deixar de preparar seus filhos nos exercicios physicos para assim lhes adquirir a agilidade e a estrategia necessaria ás batalhas e empedernecer-lhes os corações por meio das scenas de sangue nos combates dos amphitheatros.

A sociedade tem suas leis : e o homem por mais poderoso não póde impedir a manifestação de seus effeitos. E assim como, diz Miguet, o *passado não se refaz*, assim tambem o futuro ha de ser a expressão exacta do material de civilisação conduzido pelos povos atravez dos seculos e do espaço.

E' verdade que e possivel accelerar ou retar-

dar a marcha dos povos ; mas, nunca impedir definitivamente a manifestação dos phenomenos.

Sem se procurar scientificámente a correlação dos phenomenos sociaes, as mutações que o tempo com a sua mão firme tem feito no immenso scenario da humanidade, a historia não passará de um insondavel abysmo, onde a vista intellectual do homem vae perder-se na densidade das trevas, sem encontrar explicação para esse amontoado de factos que se nos apresentam muitas vezes contradictorias e sem realidade objectiva.

A bussola trouxe á posse do mundo civilisado terras então ignoradas, quando pensava-se mesmo que o nosso planeta estava de tode conhecido; a historia de mãos dadas com a sciencia transpoz o homem biblico e reconheceu pela paleontologia que a idade da terra estende se a uma época immemoravel e que a humanidade tem a sua origem na noite dos tempos.

A historia, pois, é fonte segura de conhecimentos indispensaveis para felicidade de um povo.

Assim, o Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano tem missão elevadissima no nosso meio social.

A nova geração pernambucana a vossos esforços já tem o sentimento vivo da sua solidariedade com o passado desta provincia.

Immortalisar, divinisar mesmo, os grandes homens, que desappareceram de entre nós cobertos de gloria, é accender no coração da geração que passa o fogo sagrado do amor da patria.

Convencido desta verdade, não só pela Associação dos Funccionarios Provinciaes de Pernambuco, como tambem pela corporação academica a a que me honro de pertencer, congratulo-me comvosco pelo faustoso dia 27 de Janeiro.

E' impossivel ser pernambucano, e não sentir-se o coração palpitar-lhe de uma fórma desconhecida ao contemplar-se tanta abnegação, tanta va-

lentia personificadas nos quatro heróes que constituem a pagina mais gloriosa de nossa historia.

E' verdade que a lucta a mão armada, o derramamento de sangue humano, não se compadecem mais com o espirito moderno; mas a humanidade no seu vagaroso caminhar na estrada da civilisação, ainda não pôde substituir inteiramente a espada pela palavra. A guerra ainda é a consequencia forçada nas altas questões sociaes.

E ainda quando o aperfeiçoamento das relações sociaes já não fosse um dos objectivos da philosophia moderna, ainda assim essas individualidades excepcionaes, que se encontram nos annaes de nossa historia, devem ser por nós contempladas com orgulho, porque ellas constituem a grande cadeia das tradicções historicas e foram um elemento de civilisação.

O homem actual, no pensar de Pascal, representa a sequencia de homens durante o caminhar do tempo; de sorte que si os primeiros homens ainda hoje vivessem, não estariam mais adiantados do que a geração presente.

E' portanto, concludente que a nossa civilisação, que a nossa liberdade assentam nos materiaes accumulados pelas gerações que se succedem; e como se explicam as diversas formas que revestem a historia de um povo.

Assim, nós devemos reverentes curvar a nossa fronte diante dos heróes que por feitos em 1654 nos abriram caminho á conquista de novas liberdades.

DIALOGO QUINTO

Bran.—Não quero que me agradeçaes o haver indo a este posto mais cedo do que costumava ; orque quiz nisto fazer força á minha vontade, o que tão valorosa façanha, como a que David fez em encer o gigante.

Alv.—E de que causa nasceo fazerdes vós ssa força ?

Bran.—Determinava alçar-me com a menagem e não cumprir a palavra, que vos tinha dado, e vos relatar todas as grandezas do Brazil, porue, imaginando que tinha já saltado o maior barranco, com haver tratado da abundancia dos frutos, como por elles se faziam os moradores desta erra ricos, examinei a memoria pera decorar o ue havia mais que dizer, e achei que fôra o salto curto, e que tinha ainda por diante outros barrancos maiores e mais difficultosos a perder de vista, que são os que o dia de hoje tenho entre as mãos pera haver de tratar ; porque se me representam tantas aves de diversas calidades, tantos incognitos pescados, differentes na natureza e fórma, desconhecidos no mundo, tantas silvestres feras, extranhas nas figuras e inclinações, que requeriam grandes volumes pera se haver de tratar de todas ellas. Estas cousas me faziam grande carranca pera me haver de retirar do promettido ; mas, vendo que o não podia fazer sem ficar mal reputado, arrazei-me a passar avante, com descorrer por aquellas cousas que os elementos que rodeam a terra do Brazil encerram dentro em si, sem tratar do mais alevantado do fogo, porque de todo o tenho por esteril, que a salamandra, que se diz cri-

ar-se nelle, entendo ser fabulosa ; (1) porque quando as houvera, nas fornalhas dos engenhos de fazer assucares do Brazil, que sempre ardem em fogo vivo, se deveram de achar. E como o seu consorte mais vizinho é o ar, quero começar por elle, o que pretendo que será tratar das aves, assim domesticas, como agrestes, que se acham por todo este terreno. As domesticas são innumeraveis gallinhas, das quaes são algumas maiores das ordinarias ; muitos e bons gallipabos, que se produzem com facilidade, por ser o clima disposto pera a criação delles ; pombas, patos e adens de excellente comer, e estas são as aves, que neste Brazil se criam em casa, as quaes abundam com grande multidão de ovos.

Alv.—Pois em que parte do mundo se poderão achar, pera effeito de se criarem á mão, mais dessas que tendes nomeadas? Ao menos eu nunca as vi em Hespanha, posto que das agrestes acham se muitas de differentes castas e muita estima.

Bran.—Neste particular lhe sobrepuja summamente toda esta provincia, que, se me derdes attenção, e a mim me occorrer á memoria o nome e natureza dellas, vos causará espanto ; posto que por muito que diga, sempre deve de ficar curto.

Alv. Dou-vos minha palavra de não distrair o pensamento em outra cousa senão em vos escutar.

Bran.—Além das aves domesticas, de que tenho feito menção, se acham pelos bosques e campos grande multidão de *jacús*, que são como gallinhas silvestres, de tanta estima, que lhe não fazem ventagem as mesmas gallinhas, posto que sejam muito gordas; e outra ave, chamada *aquaham* da mesma maneira, e não de menos estima ; ou-

———

(1) Léa-se : ...sem tratar do mais alevantado *delles, que é o fogo*, porque de todo o tenho por esteril, *poisque* a salamandra, que se diz criar-se nelle, entendo ser fabulosa.

N. do R.

tras a que chamam *mutús*, que são do tamanho de um grande gallipabo, não menos prezados que elles ; *jaburú* que é muito maior que um pavão, bastante pela sua grandeza a abundar meia duzia de companheiros, posto que famintos, com ser carne assaz saborosa. Outra ave a que chamam *uruis*, que não desmerece o nome de boa ; *inhapupé*, semelhantes ás perdizes de nossa Hespanha e não sei se me alargue a dizer que são melhores ; *inhambu* (1), tambem como as mesmas perdizes. E do seu tamanho *nambús*, não maiores que as codornizes, as quaes não invejam em bondade, gôsto e sabor aos tão estimados faisões da Europa. Rolas sem conta, assaz gordas, que a pouco trabalho se tomam ; da mesma maneira codornizes e pombas torcazes. Em todas estas aves agrestes se faz preza á custa de pouco trabalho ; e assim ficam servindo, case como as domesticas, aos moradores da terra.

ALV.—E que modo se tem na caça dellas ?

BRAN.—Tomam-se com armadilhas e laços, e tambem á espingarda e frecha ; porque neste Brazil não se uza de caça das aves, como em Portugal, por não se quererem os homens dar a isso. Acham-se tambem pelos campos uns passaros, a que chamam *amuns*, de uma calidade estranha, que, além do seu canto semelhar a chôro, não tem nenhum modo de sangue, nem nunca se lhe achou, e são de uma côr preta tristonha.

ALV.—Nova cousa é pera mim a natureza desse passaro ; porque nunca ouvi dizer de outro que carecesse totalmente de sangue.

BRAN.—Pois assim passa, que estes passaros o não tem. *Hyendayas* são outros passaros que se criam no sertão ; e, ao tempo da colheita das novidades, principalmente dos milhos, descem ás fraldas do mar pera se aproveitarem do cevo del-

(1) Escripto assim ; riscado e emendado para—*inanbuuasú*.
N. do R.

las, e nisto são tão importunas que custa muito trabalho o defendel-as delles; porque não basta grandes gritos nem estrondos de bacias, nem o matarem-nas ás pancadas, pera se desviarem das milharadas; em tanto que já vi alguns homens postos em affronta com ellas.

ALV.—Desse modo deviam de ser as harpias.

BRAN.—Si tiveram o rosto da feição que os poetas as pintam, não duvidára que eram as proprias. Outro passaro se acha, chamado *sabiá*, da feição do *melro* (1) de Hespanha, e antes cuido que é o proprio, porque cantam como elles, sem lhes faltar mais que um dobrete; *roxinoes*, posto que não tão musicos como os da nossa terra, por carecerem daquelle doce dobrar e requebros, que os outros têm, porque todos os passaros do Brazil são faltos de semelhante suavidade; *cujujuba* é um passaro pequeno e de bico revolto, o qual, em se vendo preso, cerra voluntariamente o sesso, sem fazer mais por elle purgação até morrer.

ALV.—Tambem morrerá de não comer, que, pois sente tanto a prisão, deve de fugir disso.

BRAN.—Parece que quer escolher antes semelhante maneira de morrer, porque se sabe delle que não deixa de comer; *macugagá* é uma ave que dá grandes e continuos brados, repetindo muitas vezes este seu proprio nome; *tucano*, ave fermosissima, emplumada de varias côres, de sorte que alegra a vista a contemplação dellas; *canidés* se chama a um passaro, que, com ser pequeno de corpo, tem o rabo muito comprido. *Apeçu* (?) é ave que tem quatro esporões, a modo dos de gallo; *gurainheté*, passaro de pennas amarellas e pretas; *garateuma*, ave de côr loura, fermosissima; *anacans*, de feição de papagaio, mas não são da mesma especie. Outro passaro chamado pelo nome da terra *guraingaetá*, cuja estranha ca-

(1) Diz por cima em outra letra—tordo.

N. do R.

lidade quero deixar em silencio, por me não alargar em referil-a.

Alv.—Antes vos peço que me digaes tudo o que souberdes a respeito.

Bran.—Este passaro tem tão grande amor aos filhos, que, pera os não furtarem, vae lavrar o seu ninho de ordinario a par de alguma toca, aonde as abelhas lavram mel, as quaes, por esta maneira, lhe ficam servindo de guardas dos filhos; porque, como todos arreceiam de se avizinhar a ellas, temendo o seu aspero aguilhão, ficam os filhos livres de perigo; aos quaes mostram tanto amor, que, pera effeito de os sustentar, se vão lançar por entre alguns bichos, que se lhe apegam nas carnes, sem arreceiarem que lh'a comam, havendo por cousa suave padecerem as dores que elles lhe causam a troco de terem, por esta via, a sustentação certa pera os filhos, a que os dão a comer, quando têm fome, e só pera isso, os trazem tanto á mão; e estes passaros são emplumados de varias côres.

Alv.—Não se escreve mais dos pelicanos pera encarecimento do amor que tem aos filhos.

Bran.—Tambem ha outros passaros, aos quaes chamamos *pica-páo*, por dar uns golpes com o bico nos troncos das arvores, tão grandes, que toda a pessoa que os ouvir, si ignorar a calidade do passaro, julgará sem duvida ser machado, com que se corta madeira. Outra ave povoa os campos desta terra, de bellissimas pennas, chamada *tamatianguassú*, a qual voa sempre muito por alto, por onde vai formando umas vozes, que parecem humanas. E da mesma maneira ha outra que lhe não é inferior na fermosura da plumagem, chamada *euriquaqua*, um passarinho, que com não ser maior de um ovo, tem o bico de mais de meio palmo de comprido, ao qual dão por nome *arassari*. Outra ave, chamada *migua*, semelhante a pato. *Girubas* são uns passaros, que criam por barrocas, que têm as pennas de verde côr de mar; e da mes-

ma maneira outra chamada *pirarigua*. Os dias passados me trouxeram a amostrar um passaro, que me disseram chamar-se *japú*, de uma côr amarella, digna de estimar. *Guirejuúba* são umas aves azues, assaz prezadas da gente da terra; e assim outra ave chamada *tiquarem*, e outra de côr vermelha, chamada *guaxa*. Tambem ha outra sorte de passaros, cujo canto forma o choro de uma criança, que tem por nome *cunhatainape*. *Tucanossú* é outra sorte de ave, que tem o bico do tamanho de um palmo, com o corpo não ser grande; e outro passaro a que chamam *taraba*. E entre estes se acham as *arveloas* e *andorinhas* do nosso Portugal.

ALV.—As andorinhas tenho eu por africanas, e que de lá se passam pelo verão á Hespanha a fazer seus ninhos; e maravilho-mo darem-se desta parte.

BRAN.—Sim, dão em muita cantidade. Outra ave, por nome *peitica*, a qual é tão molesta e agorenta pera o gentio da terra, que os obriga a fazer grandes extremos, quando a topam ou ouvem cantar, como adiante direi, quando tratar dos costumes da terra. Tambem se acham grandissimas *emas*, das quaes tenho por fabuloso o dizer-se que comem ferro, porque nunca soube que o comessem, posto que tenho visto muitas. Estas *emas*, quando correm, abaixam uma aza, e a outra dão ao vento, cruzando-a a modo de vela latina, e assim correm mais que um cavallo; da mesma casta ha outras a que chamam *siriemas*, as quaes se ajudam dos pés e azas pera o correr, com o que ficam sendo velosissimas, sem nunca se alevantarem da terra.

ALV.—Em Africa se acham muitas, e a mesma calidade ouvi já relatar dellas.

BRAN.—De *papagaios* ha innumeravel cantidade, que andam em bandos, como as pombas o fazem na nossa terra, com fazerem por onde passam grande gralhada, e são bons pera se comerem;

e destes ha differentes castas, como são os que chamam *papagaios reaes*, conhecidos pelos encontros das azas, que tem vermelhas, e são os mais estimados pera se ensinarem a fallar. Outra casta, a que chamam *coriquas*, que, ainda que não são tão fermosos, quando dão em fallar, o fazem muito bem. Outros, que se tem por estrangeiros, chamados *cyia*. E da mesma maneira *araras*, grandes e fermosas, que tambem fallam, quando são ensinadas. E outra especie, case desta mesma calidade, a que dão o nome de *toins*, de pequeno corpo e mui lindos, que explicam arrezoadamente tudo o que lhes ensinam; e destes taes os mais estimados são os que se chamam *quaiquaiais*, de pennas pardas, pretas e verdes.

ALV.—Tenho visto em Portugal alguns papagaios, que se levaram de cá, de côres differentes, mas tão compassadas que davam mostra de serem feitas á mão.

BRAN.—Assim o são; porque, pera se haver de dar essas côres aos taes papagaios, os despem das pennas, e na carne, que ao tirar dellas lhe fica envolta em sangue, lhe accommodam, pelas partes que querem, certas pelles de rans, que tem propriedade de lhes communicar as taes côres.

ALV.—Folgo de saber isso; porque entendia que erão naturaes, com vos affirmar que me tendes maravilhado com tantas sortes de passaros e aves, quantas me tendes nomeadas, de tão varias e estranhas calidades, do que infiro que em nenhuma das partes do mundo se poderão achar mais copia d'ellas, e é muito poder-vos alembrar os seus nomes com serem tão arrevesados.

BRAN.—Pois ainda me ficam outras tantas por nomear, por me não ser possivel fazer conserva na memoria de tanta diversidade d'ellas, que ainda não tratei das muitas sortes de aves de volataria, que se acham nesta terra; as aves são todas de tanta bondade, que as melhores, criadas em Irlanda, não poderão ter nunca com ellas compa-

ração. A de mais estima destas aves é uma sorte dellas a que chamão *garata urana* que, como a rei lhe criou a natureza corôa na cabeça, caze ao modo de crista de galo, que entre todas as aves de volataria póde levar o preço em ligeireza e agilidade, que tem para caçar; e porque pelo pouco venhaes em conhecimento do muito, vos quero contar o caso que vi succeder a uma ave d'estas. Um homem assaz nobre, capitão-mór por Sua Magestade de uma das capitanias do Estado, tinha um passaro destes já domestico, que criava em casa, o qual, alevantando-se acaso da alcandora, se foi pôr sobre um monte de pedras que estavam juntas d'alli perto; ouve vista d'elle um grande gato e, cuidando que tinha a presa certa, se foi chegando pera o passaro mui alapardado com tenção de o atropellar e levar nas unhas; mas elle, tanto que sentio vir o gato, alevantou uma perna, ficando sobre a outra; e ambos estiveram assim por um pequeno espaço, imaginando um de se cevar no outro, e o outro no outro; e até que, alevantando a cabeça o gato, se lhe lançou em cima o gavião, e desta sorte engarrafou nelle com as unhas, que, a pouco espaço abrindo o gato as mãos e pernas, ficou morto, e quando lhe quizerão acudir, já o estava.

ALV. - Cousa estranha é essa pela fereza desse animal e forças de que é dotado

BRAN.—Pois ainda vos direi mais que dalli a poucos dias trouxeram de presente ao senhor da casa um leitão arrezoadamente grande, o qual, soltando-se nella, deu o gavião sobre elle, e em breve espaço lh'o tiraram das unhas morto.

ALV.—Não deve ser de pequena bondade o passaro que a tanto se arroja, e folgára de saber de que modo se caça com elle nesta terra.

BRAN.—Não se aproveitam destas aves pera caça, e em parte tem desculpa os que o podiam fazer e não fazem, por ser a terra muito coberta de matos, e não é possivel poderem-se soltar sem se

perderem. Afóra os desta casta, ha outro modo de falcão ou gavião, que não sei de que especie seja, tambem mui agil pera caça, mas não tão grande, como os de que fiz menção, de que um dos taes se chama *piron*, e outro *ganbia piruéra*, e outra casta a que chamão *eixua*, e outra semelhante, que tem por nome *taguató*, e outros *quaráquará*, e tambem *guaquaque;* e do mesmo modo *jaqueretu*, o qual é assaz feio na composição. E, entre estes todos, ha uma casta chamada *tuinda*, que caça de dia e de noite. Todos estes passaros, que tenho nomeado, são de bico revolto e de unha retorcida.

ALV.—Muitas mais aves de volataria ha logo nesta terra do que em Irlanda nem em outra parte do mundo.

BRAN.—Todas as que tenho nomeado são excellentes pera o uso da caça; porque levam na unha qualquer gallinha, por grande que seja, e alcançam a mais ligeira ave, quando a seguem. Outros passaros ha que não se mostram senão ao pôr do sol, já case noite, em grandes bandos, e não pequena gralheada, a que chamam—*burahú*. E eu os comparo aos aivões da nossa terra. *Kacum* se chama uma ave, que nunca dorme, e faz da noite dia.

ALV.—Acham se desta parte por ventura aves nocturnas?

BRAN.—Sim; porque ha dessa casta todas as que se conhecem em Portugal, e ainda outras que nunca lá se viram; e tambem ha buitres (abutres), que cá se conhecem com o nome de urubú, maiores que os de Europa. Demais das aves de que tenho tratado, ha infinidade de outras, que se sustentam de pescados, e pastam sobre os rios e alagôas, todas de maravilhoso gosto no comer, como são patas e adens fermosissimas, e outra sorte desta calidade, a que chamam *Airires*, *patoris*, *masaricos*, *sericos*, *colhereiras* vermelhas e brancas, que dão maravilhosas plumagens. Outra sor-

te, a que chamam *caram*, a modo de maçaricos; *gaquara*, que é uma ave, que não pesca senão de noite; *gararina*, que de ordinario mora dentro das aguas. De todas estas aves se acham grande cantidade por todos os rios e alagoas, e se tomam com facilidade á espinguarda, frecha, e outros modos, que pera isso buscam. E com isto confesso que tenho esgotado a memoria de tudo o que tinha conservado nella pera haver de dizer acerca das aves, com me ficarem outras muitas, que me não vieram á noticia

ALV.—Tendes dito tantas d'ellas, que me maravilha haverdes lhe podido recitar os nomes e propriedades, como tendes feito; e assim, conforme ao promettido, parece me que vos fica agora obrigação de vos passar a tratar dos pescados. que são os habitantes do terceiro elemento das aguas, conforme a ordem que dissestes tinheis determinado de levar enfiada vossa pratica.

BRAN.- Já que me quereis obrigar pela palavra, antes de me metter por ellas, não quero deixar de vos dizer uma couza de muita consideração, de que não tenho feito menção, que não é das que menos podem fermozentar o elemento aereo, a qual é que, nos annos seccos, costuma nestas partes a descer do sertão innumeraveis borboletas de diversas cores, que case occupam e enchem com a sua multidão o concavo do ar mais baixo; as quaes todas levam direitamente o seu caminho enfiadas com o norte, sem, por nenhum caso, se desviar d'aquelle rumo; de maneira que nunca vi ferro tocado na pedra iman que tão direito se inclinasse ao norte; e em tanto succede isto assim, que si acaso, pelo caminho por onde vão passando, encontram com algum grande fogo, antes se contentam de alevantar no alto, pera haverem de passar por cima delle, com levarem o seu rumo direito, do que desviarem-se pera uma das partes, que lhes foram mais faceis; com esta ordem vão correndo sempre, em igual multidão. por espaço de

doze e quinze dias até passarem, dando remate a sua jornada com se afogarem nas aguas do mar.

ALV.—Cousa estranha é essa e assaz digna de consideração, e creio que deve de haver causa que obrigue a essas avezinhas a buscarem direitamente o norte.

BRAN.—Assim o tenho pera mim; mas não me quero cansar em a especular, por não vir a me lançar em algum rio, como Aristoteles, e antes me contento de dar principio ao que tenho pera dizer dos pescados que habitam no terceiro elemento das aguas; dos quaes é bem que demos o primeiro logar ao regalado *cejupirá*, porque creio delle que, entre os demais peixes de posta, póde levar a palma a todos em bondade, e que lhe fica muito inferior o prezado *solho* da nossa Hespanha; *carapitanga*, outra sorte de pescado medianamente grande, muito gostoso; *cavalas*, das quaes todas as que se tomam neste estado são excellentes. O peixe chamado *serra*, tão prezado na Indía Oriental; *camoropim*, pescado grande e de bom comer, cujas escamas são do tamanho de um meio quarto de papel, aos quaes vi fazer uma cousa extranha, na qual me mostraram claramente haver tambem amor entre estes mudos nadadores.

ALV.—E que é o que lhe vistes fazer pera conjecturardes que havia nelles amor?

BRAN.—Em uma tapagem, que estava feita em certo rio, pera pescarem nella (a que nesta terra chamam gamboa), se chegaram dous peixes de semelhante especie, dos quaes entrou um pera dentro, ficando o companheiro de fora; o que entrára, tapando-se-lhe a porta, ficou preso, e, com a vasante da maré, foi tomado e morto. O companheiro, ou pera melhor dizer consorte, que tal devia de ser, que ficára de fóra, esteve esperando por elle todo o tempo que a maré lhe deu lugar pera o poder fazer, mas tanto que as aguas foram faltando, por não ficar em secco, se desviou daquella parte, e se foi, com dar primeiro algumas panca-

das grandes com o rabo sobre as aguas, case querendo mostrar com ellas o sentimento que levava, e despois tornou a continuar a mesma paragem por espaço de seis ou oito dias, sempre ao tempo que a maré enchia, como que vinha buscar o companheiro no logar onde o perdera, e alli dava as mesmas pancadas na fórma das de primeiro.

ALV.—Não é pequeno argumento esse pera se provar que em toda a cousa vivente se póde achar amor, posto que em uns em mais cantidade, e em outros em menos.

BRAN.—Pois assim passa, como vol-o tenho referido. Tambem se pescam muitos *dourados*, *meros*, *moreas*, *pescadas*, *tainhas*, *cações*, *albacóras*, *bonitos*, *lavradores*, *peixe espada*, *peixe agulha*, *xexéos*, *salmonetes*, *sardinhas*; todas estas sortes de pescados são gordos e gostosos pera se comer.

ALV.—Os mesmos se acham em Portugal.

BRAN.—Pois aqui os ha em mais cantidade; e, antes de passar mais avante, vos quero dizer da extranheza de um peixe, si assim se deve chamar, o qual é conhecido por *peixe boi*, nome que lhe foi posto por se semelhar no rosto case com o mesmo animal, posto que é maior dous tantos, não em ser alevantado, mas na largura e compridão; porque, em alguns desta especie, se acha mais pezo do que tem dous bois. Este pescado se toma e pesca ás farpoadas pelos rios aonde desembocam os d'agua doce, e comido tem o mesmo sabor e gosto da carne de vacca, sem haver nenhuma differença de uma cousa a outra, em tanto que, si misturarem ambas as carnes em uma panella, difficultosamente se conhecerá a uma da outra; e por este respeito se come este pescado cozido com couves, e se faz delle picados e almondegas, com aproveitar pera tudo o de que se usa da carne de vacca, e algumas pessoas a dei eu já a comer e lhes não disse o que era, e ficaram entendendo que comiam carne de vacca.

ALV.—Pois não deixára eu de ter muito escru-

pulo, si nos dias de peixe uzasse desse pescado; porque entendêra que comia carne.

BRAN —Esse mesmo houve já nesta terra, e foi questão assaz altercada; mas determinou-se por theologos que era realmente peixe, e que por tal devia de ser recebido geralmente, visto ter o semelhante peixe a sua habitação sempre nas aguas, e não sair nunca a pastar fôra dellas. *Ubarana* é bom pescado; e da mesma maneira outro chamado *guibicuarassú*. *Camorim* é um peixe pequeno, a que chamam peixe pedra, por ter outra dentro na cabeça em lugar de miolos; e por muito sadio é assaz estimado pera doentes, com se pescarem em grande cantidade.

ALV.—Nunca ouvi dizer de fera, ave, nem peixe, que tivesse dentro na cabeça pedra em vez de miolo.

BRAN.—Pois estes peixinhos a tem, como vos tenho dito. *Corimã* é pescado de feição de tainhas, mas maiores e mais gordas; *carapeva* é peixe estimado por gordo, o qual se acha no mar e tambem nos rios d'agua doce; *curumatã* é reputado por savel de Portugal, porque são da propria feição, e tem tantas espinhas como elle; *piranha* é pescado pouco maior de palmo, mas de tão grande animo que excedem em ser carniceiros aos tubarões, dos quaes, com haver muitos desta parte, não são tão arriscados como estas *piranhas*, que devem de ter uma inclinação leonina, e não se acham senão em rios d'agua doce: tem sete ordens de dentes, tão agudos e cortadores, que póde mui bem cada um delles fazer officio de navalha e lanceta, e tanto que estes peixes sentem qualquer pessoa dentro n'agua, se enviam a ellas, como fera brava, e a parte aonde a ferram levam na bocca sem resistencia, com deixarem o osso descoberto de carne, e por onde mais frequentam de aferrar é pelos testiculos, que logo os cortam, e levam juntamente com a natura, e muitos indios se

acham por este respeito faltos de semelhantes membros.

Alv.—Dou-vos minha palavra que não haverá já cousa na vida que me faça metter nos rios desta terra ; porque, ainda que não tenham mais de um palmo d'agua, imaginarei que já são essas piranhas commigo, e que me desarmam da cousa que mais estimo.

Bran.—Bem podeis entrar por todos os rios sem receio, que nem em todo se acham estas *piranhas*, antes somente ouvi dizer que as havia no rio de S. Francisco, e no de Una, e outros semelhantes, que são bem conhecidos, e se sabe criarem-se nelles *piranhas*, as quaes são boas de comer, e se pescam ao anzol, posto que primeiro se perdem muitos, porque os cortam com os dentes. Ha outra casta de pescado, que chamam *peixe gallo*, por ter o espinhaço muito alevantado. *Salé* é de outra casta e tambem assaz bom ; *soassú* é peixe que tem grandes olhos, gostosissimo de comer; *saúna* que é a modo de mugéns ; *mandeu*, da feição de solhos; *roncadores*, *corcovados*, e *baiacús*, cuja propriedade extranha em ser peçonhento causa espanto.

Alv.—E de que modo tem essa peçonha ?

Bran.—Este pescado, além de não ser muito grande, semelha a sapo e o fel delle é tão finissima peçonha, que toda a pessoa, que o come ou cousa que fosse tocada nelle, não póde escapar de perder a vida, por ser o mais refinado veneno de todos quantos se acham no Brazil ; e, com tudo, quando se tira o fel a este pescado, de maneira que se não quebre, nem se espalhe, tocando por algumas partes do corpo, se come a carne do pescado assada ou cosida sem nenhum impedimento.

Alv.—Não o houvera eu de comer de nenhuma maneira, porque sempre cuidára que levava do fel.

Bran.—Pois ainda tem este peixe outra propriedade, a qual é que, despois de estar morto, se lhe esfregam a barriga, vae logo inchando como

sapo. *Tamoatés* são outros que se armam, e despois que o estão, as suas escamas parecem laminas; *arares* se armam tambem da mesma sorte, e tem a cabeça maior que o corpo; *jacundã* é peixe d'agua doce, excellente pera se dar a comer a doentes; *piabas* e *saras* possuem a mesma propriedade; *tararira* é pescado de muitas espinhas, que cria dentro na cabeça uns bichos. Tambem ha muitas *tartarugas*, que, com ser peixe maritimo, vem a desovar na terra, e nella, de ovos que põem, tiram seus filhos.

ALV.—Com já haver muitas vezes ouvido tratar dessas tartarugas, nunca me disseram dellas essa propriedade.

BRAN.—Pois passa na fórma que tenho dito. Tambem se acham muitos camarões, assim no mar, como pelas alagoas em terra, de extranha grandeza, e da mesma maneira cagados.

ALV.—Não passeis mais avante; porque tendes tratado de tantas castas de pescado, de differentes calidades e naturezas, que faz confusão o considerar nos modos delles.

BRAN.—Pois vos poderei dizer que a terra deste Brazil é tão caroavel de produzir pescados, que nos campos por onde nunca os ouve, quando pelo inverno se formam nelles alagoas, logo se acham nellas uns peixes, a que chamam *mussús*, semelhantes a inguas, e cantidade grande de camarões; de modo que todas as pessoas que vivem pelo sertão se sustentam delles, com mandarem metter de noite uns covos, com algum cevo dentro, pelas taes partes, e de madrugada os mandam tirar cheios de semelhantes pescados

ALV.—Si com tanta facilidade se tomam, não devem de padecer os moradores desta terra falta delle.

BRAN.—Dos semelhantes que se tomam em covos ha muita copia.

ALV.—E de que modo se pesca o demais peixe nesta terra?

BRAN.—Com redes e trasmalhos, e em certas tapagens, que se fazem por alguns esteiros, aonde com a crescente da maré entra muito peixe, e, despois de estar dentro, lhe tapam a porta, e, como as aguas fallecem, ficam case em secco, e os tomam sem trabalho ; mas a principal pescaria, de que se aproveitam os demais moradores deste estado, é a que mandam fazer por negros em jangadas, os quaes nellas saem fóra ao mar alto, aonde ao anzol pescam peixes grandes e fermosos, com os quaes se tornam a recolher ao pôr do sol, e desta sorte se toma muito pescado.

ALV.—E porque não se aproveitam de ir pescar no alto em barcos, como fazem as chinchas do nosso Portugal ?

BRAN.—Porque não está em uso ; e algumas pessoas, que o começaram a fazer, desistiram logo disso. Tambem se criam, pelas alagoas e rios, um animal a que chamam *capivara*, os quaes vivem nas aguas, e pastam sobre a terra, semelhantes á lontra na natureza, mas não nas feições, o qual é bom pera se comer.

ALV.—E esse animal é reputado por peixe ou por carne ?

BRAN.—Por carne se reputa, porque a tem elle muito boa e gostosa ; além de que, conforme rezam, era bem que fosse tido por carne, por pastar na terra, que é ao que se deve de ter respeito pera semelhantes duvidas. Além destas *capivaras*, se acham tambem pelos mesmos rios e alagoas uns lagartos grandissimos, a que os naturaes da terra chamam *jacaré*, mas não tão carniceiros como os da India. Estes lagartos põem ovos ao modo dos de pato, mas não são redondos, porque são algum tanto chatos, os quaes tem em choco dentro na agua, somente com olharem pera elles, porque a sua vista é bastante pera produzir nelles os filhos, como as aves o fazem com o calor das pennas ; e ao tempo nascem delles lagartinhos.

ALV.—Isso parece historia, a que se não póde dar credito.

BRAN.—Pois não o tenhaes por cousa fabulosa, porque a mim me trouxeram uns ovos destes, que se acharam dentro na agua, e, quebrados, sairam de cada um dous lagartinhos já vivos, que se meneavam de uma parte pera a outra. E com isto me haveis por escuso de tratar mais dos pescados, dando-me licença pera que me passe aos mariscos, que ha muitos e diversos nesta provincia.

ALV.—Não vos vi tratar das baleias, que de força deve de haver muitas, pelo ambar que lançam na terra.

BRAN.—Sim, ha ; porque nesta costa se acham muitas e mui grandes, principalmente no verão, e dellas saem algumas á costa, de que se faz azeite de peixe ; e na Bahia matam muitas ás farpoadas alguns biscainhos, de que fazem o mesmo azeite, por ser cousa que tomaram por officio. Mas o cuidardes que as baleias lançam o ambar na terra, é engano manifesto ; porque não ha tal, que a causa de vir á terra não é outra senão que essas mesmas baleias e outros grandes pescados o vão buscar pera o comerem no profundo das aguas maritimas, aonde nasce em grandes arrecifes, e, com a força que fazem pera o espedaçarem, se quebram alguns pedaços, uns grandes, e outros mais pequenos, que despois o mar lança á costa, aonde se acham ; posto que ha poucos dias que me certificaram uma cousa, que succedeu nos limites do Rio Grande, assaz verdadeira, a qual desbarata tudo o que acima digo, acerca da criação do ambar.

ALV.—Pois não me tenhaes isso em segredo.

BRAN.—Affirmaram-me dous homens dignos de fé e credito pelo haverem visto com o olho, que nas praias do Rio Grande, no Cabo Negro, um morador da mesma capitania, por nome Diogo de Almeida, condestable da fortaleza, achára nella um páo do comprimento de um braço e case da mesma grossura, que o mar lançára á costa, o qual ti-

nha dous esgalhos de rama na ponta, um delles já quebrado, e outro inteiro, que tinha algumas folhas já seccas, que semelhavam as de assipréste (cypreste?) e por este páo vinha pegado ao modo que o faz a rezina pelas arvores, tres ou quatro onças de ambar-gris, muito bom, que parece que no fundo das aguas se criam tambem arvores, da sorte daquelle páo, que dão o ambar por rezina. E se assim é, enganaram se os que entenderam até agora que nascia como arrecifes, e deram no alvo os que queriam que fosse rezina; porque o páo achado dá disso bastante prova. E porque o haver-se achado este páo não é cousa em que possa haver duvida, faço volta a tratar dos mariscos, dos quaes os primeiros quero que sejam cantidade grande de polvos, lagostins e lagartos, que se tomam pelos arrecifes nas conjuncções das aguas vivas, quando a maré está já descoberta de todo.

Alv.—E de que modo os tomam a tal tempo?

Bran.—Tomam-os de noite com fachos accesos, donde o tal marisco, espantado da luz delles, se deixa tomar sem fugir. Tambem ha somma grande de *perseves*, e outro marisco, a que chamam *lapas*, *caramujos*, e ostras, das quaes se acha tão grande multidão, que case ficam servindo de ordinario mantimento aos moradores desta terra, principalmente aos que vivem chegados ao mar. E destas ostras vi já algumas tamanhas, e não o digo por encarecimento, que era necessario ser partido o seu miolo ás talhadas com faca, pera se haver de comer. Dão-se pelos rios salgados, nas margens dos mesmos rios, e pelos pés, ramos e troncos de uma arvore, a que chamam *mangue*, de que já tenho tratado.

Alv.—Acham se por ventura, nas taes ostras, perolas ou aljofares, como se acham nas que se pescam na costa das Indias?

Bran.—Não creio que sejam est'outras, de que trato, dessa calidade; porque as ostras, de que se tiram as perolas nas Indias, se pescam no mar

alto, e as de cá se tomam pelos rios; posto que em algumas, despois de assadas ao fogo, se acham algumas perolas, que já vêm desbaratadas delle, mas isto raramente, e eu tenho em casa uma destas que vos darei.

ALV.—Folgarei com ella pera a amostrar no reino, e poder dizer que no Brazil tambem achamse perolas.

BRAN. - Da mesma maneira ha muitas *amejoas*, e outro marisco a que chamam *sapimiaga*, e sobre tudo um de calidade extranha, a que dão nome de *sernambim*.

ALV.—Que calidade é a desse marisco?

BRAN.—Differente da que tem todos os mais, porque se acha nelle sangue, na forma que o tem os pescados, sem embargo de estar encerrado dentro na sua concha, cousa de que todo outro semelhante marisco carece, e sobretudo o que mais espanta é que, nas conjuncções das luas, lhe acode o menstro, como costuma a vir ás mulheres.

ALV.—Não ousarei eu contar isso em Portugal, porque me não darão credito.

BRAN.—Pois aqui vos poderei dar em prova da verdade que trato todos os moradores deste estado; porque o não preguntareis a nenhum dos antigos da terra, que vos não asselle o que tenho dito por verdadeiro.

ALV. Não duvido que seja assim, mas eu não me quero obrigar a buscar essas provas.

BRAN.—Ninguem vos póde obrigar a que creaes senão o que quizerdes; mas no que digo não ha duvida. Acham se tambem na terra differentes castas de cangrejos, que são verdadeiro sustento dos pobres, que vivem nella e dos indios, naturaes e escravos de Guiné, pela muita abundancia que ha delles, e pouco trabalho que dão em se deixarem tomar; ha uma casta dos taes, a que chamam *ussá*, e outra *sery*, e tambem *goajá*, e da mesma maneira *guoazaranha*. *Aratú* é outra casta delles, que se tem por contra peçonha, posto que eu o

não experimentei. Tambem se acham uns de ou-tra calidade, a que chamam *garaussá*; e sobre tudo os *guanhamús*, cuja natureza causa espanto.

ALV.—Pois não m'a deixeis encoberta.

BRAN.—Esta sorte de cangrejo faz sua habitação em terra, ao longo dos rios salgados, por covas e lapas, que nella fazem com tirarem a terra pera fóra, pera lhes ficar despejado o lugar de baixo, ao modo que as formigas fazem os seus formigueiros, e d'alli se sustentam com as hervas e fructos, que se produzem na terra, porque, ainda entre as sementeiras cultivadas, fazem a sua morada, com lhes fazerem assaz damno. Estes taes se tomam, tirados das covas e por fóra dellas, com serem de maravilhoso comer, e criarem dentro em si grandes e fermosos coraes; e, o que mais espanta, é que, com as primeiras aguas, que costuma a chover por estas partes pelo mez de Janeiro ou Fevereiro, saem de suas furnas em grandes esquadrões, d'onde se espalham pelo sertão case uma legua, occupando os campos, aonde nunca chegou o salgado, nem sombra delle. E por os taes se tornam innumeraveis, e ainda se irem elles, de por si, a metter pelas casas das pessoas, que por aquellas partes moram, com serem os que se tomam por esta maneira os mais gordos e gostosos pera se comerem. E dizem os naturaes, quando se acham estes cangrejos por esta maneira, que andam ao *atá*, que soa tanto como andarem lascivos.

ALV.—Maravilhosas cousas me ides dizendo, as quaes, si houveram chegado á noticia dos antigos, creio que houveram composto sobre ellas grandes volumes, das quaes nós não fazemos caso, como se não foram dignas de muita consideração.

BRAN.—Isso é por respeito de já serem entre nós muito sabidas e usadas, e de tudo o que se trata desta maneira não causa espanto; mas, porque tenho ainda muito que dizer das feras agrestes e domesticas, será bem que deixemos o mar, e

ponhamos a proa em terra, que é o quarto elemento, de que ainda não tratamos a respeito das feras.

ALV.—Assim vos peço que o façaes.

BRAN.—Não me envergonho agora de vos confessar uma fraqueza minha, a qual é que desejei summamente de furtar o corpo por me não metter no labyrinto de haver de tratar das varias castas, differentes naturezas, extranhas feições, arrevesados nomes das feras agrestes e domesticas, de que é povoado todo este grande terreno braziliense; mas a obrigação da palavra, que vos tenho dado, me faz atropellar por tudo com accommetter a jornada, o que farei com entenderdes que não póde a memoria capacitar, nem o engenho destinguir, o muito que havia pera dizer sobre semelhante materia, da qual vos affirmo dante mão que, por muito que diga, me ha de ficar os dous terços por dizer; e com este presupposto quero dar principio ao que já tenho entre as mãos. Começarei pelo neptunino, ligeiro e bellicoso cavallo, dos quaes, posto que ha muitos, abundara innumeravel cantidade estes campos americanos, em tanto que nos de Buenos-Aires se não criara tanta copia delles, mas tem crueis inimigos, que os perseguem com lhes tirarem a vida; os quaes são os escravos de Guiné, que os matam sem reparo, pera os haverem de comer, em qualquer parte que os acham, e ainda aos regalados e de muito preço furtam das estrebarias, onde estão, pera o mesmo effeito. E deixando isto de parte, digo que os cavallos desta terra são grandes soffredores de trabalho, com andarem desferrados; porque, ou seja por serem mais duros dos cascos, ou pela terra ser menos pedregosa, não tem necessidade de ferraduras; e succede de ordinario a um cavallo destes correr-se nelle, em uma tarde, canas, argolinha e pato (páreo ?), acompanhado tudo de muitas carreiras, e ás vezes continuam neste exercicio tres e quatro dias a reo (a fio ?), com terem pera tudo alento, e os

acharem tão inteiros no principio como no cabo: sendo assim que um só exercicio destes bastára pera aguar vinte cavallos dos de Hespanha, e estes têm alento pera tudo, com comerem mal, porque o seu mais ordinario mantimento é herva, a que nesta terra chamam capim; e de maravilha se lhe dá um pouco de milho, por quanto não se acha todas as vezes que se busca.

Alv.—E quanto val um cavallo desses?

Bran.—Alguns, que eram summamente bons, vi já vender por quinhentos cruzados, e outros por menos; mas, quando no cavallo se acham as partes de ginete, sem manha má, sempre val ao redor de duzentos cruzados.

Alv.—São de tanta dura os cavallos nesta terra como em Portugal?

Bran.—Sim, são, e ainda mais; porque aqui não se enxerga em um cavallo ser velho, a respeito que tão agil está pera todo trabalho o de quinze e dezeseis annos, como o de quatro.

Alv.—Dão-se tambem destas bandas bestas muares?

Bran.—Sim, dão, mas não as ha.

Alv.—Não vos entendo esse modo de fallar.

Bran.—Pois declarar-me-hei mais. Digo que se dão, porque de alguns asnos cavallares, que se mandaram vir do Reino, se produziram maravilhosos machos e mulas; mas, ellas mortas, seccou a geração delles, sem haver quem se quizesse cançar em mandar buscar outros, ou ao menos um asno e asna, pera que se produzissem dos semelhantes na terra: e por isso disse que se davam bem as bestas muares, mas que as não havia.

Alv.—Agora vos tendes declarado.

Bran.—Tambem ha nesta terra cantidade grande de gado vaccum, todo de muitas carnes e gordura, excellente pera se comerem, que dão infinidade de leite, do qual não se sabem ou querem aproveitar, e a maior utilidade que do tal gado tiram, são os novilhos, de que se fazem bois man-

sos pera serviço dos engenhos e das lavouras, com ser das melhores fazendas que ha na terra. E conhecia eu um homem que tinha mais de mil cabeças de gado vaccum, dividido por curraes, dos quaes tirava grande proveito; e outros tem menos, posto que todos pretendem ter curraes de vaccas, por ser fazenda de muita importancia.

ALV.—E por quanto se vendem cada uma vacca e novilho?

BRAN.—A vacca, sendo boa, é estimada nestas capitanias da parte do norte em quatro e cinco mil réis, e o novilho, que serve já pera se poder metter em carro, a seis e a sete mil réis; e um boi já feito val de doze até treze mil réis. E este é o preço mais ordinario. Tambem se produzem na terra muitas ovelhas, carneiros e cabras, em tanto que das ovelhas parem muitas de um ventre dous carneiros, e das cabras a dous e a tres cabritos. (1)

ALV.—Isso é cousa extranha; e pois tanto multiplica o gado, de semelhante especie não deve de carecer a terra de queijos, nem de lã.

BRAN.—Antes não ha nella nenhuma cousa dessas, porque seus moradores não se querem lançar a isso; que podendo ter grande cantidade de lã de ovelhas, ainda que não fôra mais que pera enchimento de colchões, se contentam antes de comprar a que trazem do Reino, a tres e a quatro mil réis; e da mesma maneira os queijos. E passa esta negligencia tanto avante, que, com se dar semelhante gado grandemente na terra, não se querem dispor á cria delle, contentando-se cada um de criar somente o que lhe abasta pera provimento de sua casa, que não pode ser maior vergonha.

ALV.—Isso é uma cousa que convem não tratar della por honra do Brazil.

BRAN.—Deste gado, ovelhum e cabrum, se for-

---

(1) Segue por outra lettra: e «quatro».

N. do E.

ma tambem outra especie, da qual eu já tive e muito; a qual é uns mestiços, filhos de ovelhas e de cabrão, que, representando a feição de ambos os paes, tomam de um uma cousa, e do outro a outra, com que se forma case outro animal differente na composição, e são excellentes pera se comerem.

Alv.—Nunca ouvi tratar dessa nova casta de animal, nascido de semelhante mistura.

Bran.—Pois aqui no Brazil os ha, e tive já muitos delles, como tenho dito, pelo que não vos fique disso nenhum escrupulo. Tambem ha muitos porcos, excellentes, dos da casta do nosso Portugal, cuja carne, por se ter por muito sadia, se manda dar a doentes.

Alv.—Pois eu me achei, um dia destes passados, em casa de um enfermo, o qual, perguntando ao medico si poderia comer carne de porco, lh'a defendeu com grandes encarecimentos.

Bran.—No principio da doença, sempre teria por acertado deixar-se de usar della, mas, no seu decurso, não se acha que houvesse feito damno a algum enfermo; posto que estes modernos medicos querem perverter isto, que sempre foi approvado pelos antigos: pode ser que o façam somente por serem reputados por scientes, sem mais outro fundamento.

Alv.—Assim o fazem muitos com notavel prejuizo dos enfermos; mas folgarei que me digaes si todo esse gado. de que tendes tratado, era natural da terra, e o acharam já nella os nossos Portuguezes, quando a vieram povoar, ou si foi mandado trazer de Hespanha.

Bran.—Nenhum gado dos que tenho referido havia nesta provincia, antes se trouxe todo pera ella de Portugal, excepto alguns cavallos e eguas, que vieram do Cabo Verde, por se haverem lá produzido primeiro que nestas partes; e si quereis ouvir das naturezas e calidades das alimarias, que havia na terra natural de cá, dae-me attenção, e pó-

de ser que vos faça arcar as sobrancelhas d'espantado.

ALV.—Dizei tudo; porque me tendes disposto pera vos ouvir.

BRAN.—Acham-se, por estas partes, muitos animaes, a que chamam *anta*, do tamanho de um boi, os quaes se criam pelos campos, e se caçam á espingarda e em fojos, e tem boa carne pera se comer.

ALV.—E a pelle é como a que nós uzamos.

BRAN.—Da mesma maneira, mas não se servem dellas, por se não disporem a cortil-as e concertal-as, e, sem nenhum beneficio, as deixam perder; tambem ha innumeravel cantidade de veados, corsas e porcos.

ALV.—E esses animaes tomam-se de modo que se costumam de caçar em Portugal?

BRAN.—Não; porque somente se matam á espingarda e á frecha, com os irem esperar aos postos aonde costumam de continuar, e tambem com armadilhas e fojos; e desta maneira se tomam grande cantidade delles, com ser carne muito boa pera se comer, semelhante a de Portugal. Os porcos são de differentes castas, como é uma a que chamam *teassu*, e outra *tahitetè*; e da mesma maneira *teasuitè*, que são os nomes por que são conhecidos os taes porcos, por serem uns maiores, e outros mais pequenos; e todos os de semelhante casta tem os embigos nas costas, differente dos que vieram de Hespanha, porque parece que assim os quiz criar a natureza..

ALV.—Cousa extranha é essa, e será dura de crer a quem della não souber muito.

BRAN.—Pois nisto não ha duvida, por ser cousa assaz sabida; e posto que estes animaes se matam á espingarda e frecha, e por armadilhas e fojos, como tenho dito, todavia ha uma casta delles, que se caça por um modo extranho; o qual é que vai o caçador á parte aonde já tem feito certo o bando delles, e alli, antes de se amostrar, escolhe

uma arvore, que lhe fique mais accommodada pera poder subir nella, quando lhe for necessario, e como a tem preparada, mostra se ao bando dos porcos com dar alguns brados, os quaes, tanto que os sentem, arremettem a elle, como leões, pera o espedaçarem. O prevenido caçaoor se acolhe logo á arvore, aonde espera que o bando dos porcos chegue a elle, que incontinente o fazem, roendo-lhe as raizes e tronco, por não poderêm chegar ao que se acolheu em cima; mas o prompto caçador, como os vê envoltos naquella braveza, não faz mais que, com um agudo dardo, que leva nas mãos, picar um dos porcos, de modo que lhe tire sangue, donde os outros em lh'o vendo correr, arrematam a morder ao que está sangrado, e elle, por se defender, morde tambem aos que o perseguem; e assim se vão dessangrando uns aos outros, enganados com o cevo do sangue, que cada um de si derrama, até que travam todos uma cruel batalha, na qual se vão espedaçando com os dentes até cairem mortos, estando a tudo isto o caçador segurissimo assentado sobre a arvore, dondo com muito gosto espera o fim da contenda pera colher o despojo, o que faz de muitos porcos, que no mesmo lugar ficam mortos, os quaes faz levar pera sua casa, donde ordena delles o que lhe parece, por ser carne de maravilhoso comer.

Alv.—Aprazivel e deleitosa caça deve de ser essa, por se fazer preza de tão pouco custo; tomára eu occupar-me sempre em semelhante exercicio.

Bran.—Pois aqui não se exercitam nelle, senão os indios naturaes da propria terra. Tambem se acha cantidade grande de outro animal, a que chamam *pacas*, o qual é muito maior que lebre, listado de pardo e branco, cuja carne, por gorda, é semelhante da de porco, mas mais gostosa pera se haver de comer. *Cotia*, que é um animal pequeno, que se faz domestico, e anda pelas casas, quando o querem trazer nellas; e tambem outra

sorte dos semelhantes, a que chamam *coaty*, e assim uns como o outro são bons pera se comerem. *Tatú* é um bicho, que se vê pintado nos mappas pela sua extranheza e feição, de que é composto; porque anda armado de umas couraças, á maneira das que nós usamos, com não serem pouco fortes, e debaixo de semelhante armadura agasalham o seu pequeno corpo. E destes taes se acham muitos, que se estimam pera a meza.

ALV.—Estes dias atraz passados me amostraram um desses bichos, que me fez maravilha de ver o modo delle.

BRAN.—Eu quiz levar um pera Portugal, mas não pude sair com a minha pretenção, por me morrer no mar.

ALV.—Não fôra lá pouco estimado.

BRAN.—*Jarataquáqua* (1) é animal do tamanho de um gozo, de côr parda, da mais rara e extranha natureza, de quantos o mundo tem, a qual é que se acaso, andando pastando pelo campo, fôr accommettido de alguma pessoa, que o pretenda tomar, vai fugindo della; mas, quando se vê apertado, larga, pera sua defensão, uma ventosidade, que é poderosa, com o seu ruim cheiro, de abater e lançar por terra sem accordo toda a cousa viva que o segue, quer seja homem, quer cavallo, quer cão, ou outra qualquer sorte de animal, sem nenhum reparo, e alli fica arvoado, sem dar accordo de si, por espaço de trez ou quatro horas; e, o que faz maior maravilha, é que os vestidos, sella, estribos, ou a coleira do cachorro, a que alcança o ruim cheiro da ventosidade, nunca mais aproveita pera nada, e se deve de entregar ao fogo pera que o consuma. E não basta ao homem, a quem isto succedeu, lavar-se uma, dez, nem vinte vezes

(1) Na primeira syllaba ha escripto por cima a emenda *May*, proveniente provavelmente do nome *Maitacáca*, porque tambem é designado em alguma outra provincia.

N. do E.

dentro n'agua pera effeito de perder aquelle ruim cheiro, antes prevalece nelle por espaço de oito ou dez dias, até que, com o tempo, se vai gastando. E a mim me succedeu, estando um dia vendo pezar assucar, e entrar na casa de um homem, ao qual havia mais de sete dias que havia tocado a ventosidade do animal, e com vir já lavado muitas vezes, cabello e barba feita, e outro vestido, f tanto o máo cheiro, que de si lançou, que nos obrigou, aos que alli estavamos, a desamparar a casa e sair fugindo pera fóra, com ignorarmos o caso, até que elle proprio contou o que lhe havia succedido.

ALV.—Cousa estupenda é essa, e certamente indina de se poder crer pela sua extranheza e raridade; assim aconselhára eu aos reis e principes que buscassem modo de industria pera criarem semelhantes animaes domesticamente, em forma que não soltassem a ventosidade senão quando lhe fosse mandado; porque com isso venceriam grandes exercitos sem arriscarem espadas.

BRAN.—Pois não o tenhaes por graça; porque dessa maneira succederia, quando fôra cousa que se podera pôr em effeito. Tambem se acham na terra muitos coelhos, dos nossos de Portugal, não por serem naturaes de lá, mas parece que se deviam de transmontar alguns, que de lá vieram, e dos taes se produziram os muitos que agora ha. Tambem ha outra casta dos naturaes, a que chamam *sauja*, mas mais pequenos; e outros, por nome *pundry*, de rabo grande semelhante a rato; e da mesma maneira *apariás*, que são excellentes pera se comerem; e assim uma casta delles, muito pequenos, a que chamam *mocó*, os quaes se fazem domesticos, e se trezem pela casa, pera contra os ratos, por serem grandes perseguidores delles. Tambem ha outra sorte, a que chamam *reruba*, que todos são da especie de coelhos, uns pequenos e outros mais grandes.

ALV.– Não ha tantos em Portugal, e nisso parece que lhe faz o Brazil muita ventagem.

BRAN.—*Aquostimery* é um animal pequeno, o qual tem o rabo tamanho que lhe baste pera se cobrir todo com elle; e assim, quando o topam, não se lhe enxerga mais que o rabo, porque o corpo lhe fica escondido de baixo. *Mocós* ou *guoquy*, por outro nome, são uns bichos do tamanho de um laparo, com os quaes despensou a natureza que tivessem bolso debaixo da barriga, dentro no qual agazalham os filhos, despois que os parem; e quando caminham os levam alli dentro mettidos, e, estando parados, os soltam pera que pastem e comam pelo campo, e, querendo outra vez caminhar, os tornam a receber

ALV.—E esse bolso é por ventura aberto até as entranhas?

BRAN.—Não, porque tem uma pelle sobre a outra, e, na de fóra, se forma semelhante bolsinho.

ALV.—Maravilhosas cousas me ides contando, com as quaes me tendes suspenso.

BRAN.—*Tamendoassu* é um animal de côr parda e branca, do tamanho de um poldro de seis mezes; o qual tem o rabo tão comprido e largo, que é bastante a cobril-o todo dos pés até a cabeça; e a sua carne é muito boa de comer. Tambem ha na terra diversos modos de *raposas*, grandes caçadoras, principalmente de gallinhas, que lhe não escapam, quando lhe póde chegar.

ALV.—Quanto a essas, melhor fôra que as não houvera, porque em toda parte são damninhas.

BRAN.—*Irará* é um animal do tamanho de um gato, de côr negra, focinho comprido, a bocca de feição de coelho, cujo verdadeiro mantimento são formigas (1) e dellas se sustenta.

ALV.—Não sei de que modo possa ajuntar tan-

---

(1) Parece que houve aqui engano da parte do autor, pois as formigas são alimento, não das Azeranhas, mas dos Tamandoás, de que estava tratando.

N. do E.

tas formigas, que bastem pera a sua sustentação, por ser a caça muito miuda.

Bran.—Usa pera o effeito de uma extranha invenção, a qual é que vai buscar os formigueiros e outros (1) lugares por onde costumam a andar formigas; e alli, lançado em terra, bota fóra da bocca a lingua, a qual, por ser muito comprida, e ter muita viscozidade se cobre incontinente de formigas, que, umas atraz outras, concorrem a buscar o cevo, e, como o bicho sente que se ajuntaram já muitas, recolhe a lingua pera dentro, com levar nella um arrezoado boccado, e, elle comido, torna a largal-a outra vez, e muitas até se fartar do seu mantimento, que por outra maneira não lhe é difficultoso o buscal-o.

Alv.—Tambem não carece de muita consideração o modo desse animal, e calidade de sua sustentação, a qual, com parecer difficultosa, lhe fica sendo facil pela industria de que se aproveita.

Bran.—Tambem ha nesta terra muitos camaleões, que se chamam pela lingua natural della *senebu*, os quaes são grandes e fermosos, e de côr verde, que é a sua natural; e acontece estarem sobre uma arvore, por espaço de dous e tres dias, sem se mudarem della, parece que sustentando-se do vento, como escrevem os naturaes.

Alv.—Pois é de saber si esses camaleões mudam tambem a côr, como elles affirmam.

Bran.—Sim, mudam, porque eu vi já muitos, que, postos sobre pannos de differentes côres, despois de estarem sobre (2) elles por algum espaço, vão tomando case a mesma côr, posto que não tão perfeita, nem distincta; e o gentio da terra os comem e dizem delles ser boa carne. *Tejú* é um sardão, grande perseguidor de gallinhas, e com tudo estimado pera se haver de comer. *Gia* é ani-

---

(1) "E outros" está riscado e emendado "pelos".

(2) "Sobre" riscado, e posto em cima "n",,.

N. do E.

mal de feição de rã, e tamanho como um kágado, muito bom pera se haver de comer, e quem quer que o tiver não carecerá de boa ceia. Tambem ha nesta terra um extranho animal, ao qual os nossos portuguezes chamam *preguiça*, e o gentio natural *ahum*, em cuja calidade, por ser assaz notoria, não me quero cansar em vol-a relatar.

Alv.—Antes vos peço que o façaes muito em particular, porque desse animal não sei, nem tenho ouvido dizer nada até agora.

Bran.—Esta *preguiça* é do tamanho de um cachorro, posto que não tão alevantada, de um extranho rosto e feições, tem a côr parda e preta, e as mãos e pés com dedos mui distinctos e acompanhados de grandissimas e agudas unhas : é bicho dotado por natureza de grande freima e preguiça, em tanto que, pera haver de subir ou baixar de uma arvore, posto que pequena, gasta pelo menos dous dias de tempo, e pela terra lhe succede o mesmo pera se haver de mover pequeno espaço ; porque pera alevantar e estender um braço, e despois fazer o mesmo do outro pera ir avante, faz intervallo de um bom quarto de hora, sem bastar, pera que se mova com mais alguma pressa, açoutes, feridas, nem ainda fogo ; porque, da mesma maneira e pelo mesmo compas (compasso), vai mostrando as mãos e pés como se lhe não fizeram nada ; e tem tanta força nelles, que aonde quer que aferra, não ha poder lh'as desaferrar, senão com grande trabalho. Os filhos, emquanto são pequenos, trazem sempre comsigo pegados pelo corpo ; porque elles tem cuidado de se aferrarem no pai ou mãi, de maneira que nunca os largam até serem grandes.

Alv.—De cada vez me ides contando mais extranhezas, e taes que, pela calidade dellas, não capacita o entendimento podel-as haver no mundo.

Bran.—Pois, no que vos vou dizendo, não me arredo em nada da verdade, nem haverá quem a ella me possa pôr glosa. *Aguará-assú* são uns ani-

maes á feição de cão. *Maracaia* são de feição de gato, posto que do mato, muito fermosos, por terem todo o corpo listado. *Tiquaam* é outro gato, tambem do mato, mui agourento pera os indios, em tanto que, si acaso os encontram, tendo começado qualquer jornada, desistem logo della, por lhes parecer que lhes não póde succeder bem, havendo visto semelhante bicho. *Heirate* é um animal grande, o qual sobe sobre as arvores, aonde vê que ha mel, do modo que o fazem os gatos, e despois de estarem em cima dellas, com os dentes e unhas furam o tronco pera haverem de comer o mel, e assim se fartam delle, sem arreceiarem o aguilhão das abelhas.

ALV.—Deve de ter esse animal a natureza de urso, em ser inclinado ao mel.

BRAN.—Eu não sei que natureza é a sua, mas sei que o seu verdadeiro mantimento não é outro. *Juparra* é outro animal grande caçador, e a elle caçam tambem os indios com cachorros, pera o haverem de comer. *Quoandú* é uma casta de ouriço, da feição dos de Portugal, de que tambem os indios se aproveitam pera seu mantimento. *Guasuni* é cachorro do mato, medianamente grande. *Jagoaruapem* é um animal, não muito grande, grandissimo caçador e mateiro pera semelhante arte.

ALV.—Já que tão bem sabe caçar esse animal, não deve de padecer fome.

BRAN.—Nunca se occupam senão na caça. Já tereis visto os fermosos e lindos *saguins*, que se criam nesta provincia, donde os levam pera Portugal, com serem lá estimados pelo seu bom cabello, pequeno corpo, feições de rosto, e viveza dos espiritos.

ALV.—Dessa calidade tenho visto muitos, e ainda tenho um em casa, de que me fizeram presente os dias passados; e são bichos de muita consideração.

BRAN.—Confesso-vos que arreceio de vos dizer

dos bugios, porque ha tanto que contar delles, que póde ser que me tenhaes por fabuloso ; mas, como estou em parte aonde posso logo abonar minha verdade, direi o que souber da materia. Nesta terra se produzem grande cantidade de bugios, de differentes castas, uns muito grandes, e outros mais pequenos ; os grandes são chamados *guaribas*, dos quaes direi por derradeiro. Destes, que não são tamanhos, se conhecem differentes habilidades e costumes, dos quaes o primeiro seja que tem de costume ir furtar o milho pelas milharadas, quando elle está de vez, e pera o effeito se prevìnem deste modo : antes de descerem das arvores, elegem-dentre si tres ou quatro espias, que dividem pelas partes por onde melhor se descubra o campo de cima de grandes arvores, os quaes estão sempre vigiando com o olho aberto, e os demais bugios, havendo-se com esta prevenção por seguros, descem abaixo a fazer seu furto, levando cada um delles, par uma extranha invenção, a tres e a quatro espigas, e si não forem sentidos, se recolhem com ellas ; mas, si acaso vem gente, estando ainda occupados no furto, lhe fazem signal as espias, com darem certos brados, que, como são ouvidos dos demais, se recolhem com presteza no estado em que se acham ; e si acaso as espias se descuidaram, e sobreveio gente, sem lhe haverem dado signal, estando elles occupados no furto, fazem o melhor que podem ; e o primeiro que fazem é arremetterem ós sentinellas, e aos bocados as espedaçam, com lhe darem por esta via o castigo do seu descuido

ALV. -Não póde fazer mais, nem governar-se com melhor providencia uma pessoa racional ; e folgára de saber que modo ha pera se tomarem esses bugios, porque vejo levar muitos delles mansos a Portugal.

BRAN.--Tomam-nos com laços e armadilhas, dos quaes um escravo meu lhe fazia uma assaz galante, a qual era que tomava uma botija de boca

estreita, e a meava de milho, e assim a punha lançada no chão com alguns grãos por fóra ao redor da boca della ; e, tendo assim a botija preparada na parte onde os bugios costumavam a vir fazer seus furtos, tanto que algum chegava a ella, vendo os grãos de milho, despois de os comer olhava pelo buraco a ver si achava mais, e tanto que os devisava dentro, mettia a mão pela bocca da botija, e quando a queria tornar a tirar pera fóra já cheia de milho, o não podia fazer, porque, como a mettera vazia, pòde bem caber pelo buraco, mas, trazendo a cheia, não lhe era possivel podel-a tornar a tirar pera fóra, por este modo ficava preso ; e como ignorava que lhe era necessario tornar a soltar o milho, pera poder levar a mão, o que fazia era somente dar muitos gritos até que ao rebate delles acudia o caçador a lhe lançar um laço, com o qual, despois de quebrar a botija, o trazia pera casa.

ALV.—Modo de caçar é esse, em que eu sempre me exercitára, pelo gosto que havia de ter de ver preso aquelle animal por semelhante via.

BRAN.—Outra cousa estupenda vi contar dos mesmos bugios, posto que a não posso testificar de vista, mas affirmaram-me pessoas dignas de fé ; a qual é que, quando o rebanho destes animaes vão fazendo o seu caminho pelo inverno, si acaso encontram algum rio crescido, que lhes empida a passagem, porque a nado o não podem fazer, pelo intervallo dos filhos pequenos que consigo levam, usam de uma maravilhosa industria pera não deixarem de continuar o seu caminho ; a qual é que buscam duas arvores crescidas, que fiquem fronteiras uma da banda d'aquem do rio e a outra d'alem, e subidos á arvore, da parte donde acham-se, logo em uma rama della, que penda sobre o rio, se aferra um dos taes bugios com as mãos, deixando o corpo dependurado pera baixo, e áquelle se lhe ajunta outro, com lhe fazer da mesma maneira presa com as mãos na petrina, e logo outro,

e muitos, até que se forma por este modo uma corda de bugios, e como está bastantemente comprida se embalança tanto com ella, de uma parte pera outra, até que o ultimo bugio, dos de baixo, possa aferrar com as mãos a rama da arvore que lhe fica mais vizinha da outra parte, na qual, fazendo força, vai atezando a corda pouco a pouco, e despois que o está, por riba della passam os demais bugios com seus filhos ás costas; e, como taes estão já da outra parte, o primeiro, que se aferrou do tronco na arvore opposta, solta tambem as mãos della, e fica da outra parte com os companheiros; porquanto o que está d'alem não se solta, tendo a corda em perfeição até que o outro passou por esta via, e si ajunta com os demais.

Alv.—Cousa é essa que, pela sua raridade, não sinto tanta confiança em mim, que me atreva a contal-a no Reino; porque arrecearei que me dêm apupadas.

Bran.—Pois aqui achareis muitas pessoas que assim vol-o affirmem. A outra sorte de bugios se chama *garibas*, os quaes são muito maiores e tem barba, e no modo com que vivem e providencia com que se governam, case que se querem parecer com a gente humana. Estes fazem sempre sua habitação por cima de grandes matos e crescidos arvoredos juntos em cabildas, donde estão em continua grita, que se ouve de muito longe, e toda a pessoa que ignorar a causa terá pera si serem vozes humanas, ou som de instrumentos, porque daquella maneira respondem. Estes guaribas costumam a fazer-se a barba uns aos outros, quando as tem crescidas, ajudando-se pera isso de certas pedras agudas, unhas e dentes; e quando lhe tiram com algumas frechas e dellas são ligeiramente feridos, tornam com muita brevidade a tiral-a logo do corpo; e, com accendida colera, a arremessam contra o que lh'a tirou, intentando querer fazer o mesmo que lhe fizeram, e a ferida curam despois com facilidade, applicando-lhe certas hervas só

delles conhecidas. E quando succede serem feridos de ferida penetrante e mortal, conhecendo o seu mal, antes de se entregarem a morrer, se dependuram na arvore em que estão, liando na rama delle o rabo, de sorte que morrem ali dependurados, sem cairem pera baixo, tanto aborrecem o serem presos de seus matadores

ALV.—E quando essas guaribas encontram acaso com algum homem por esses matos, folgára de saber si o deixam passar livremente, sem lhes fazerem mal.

BRAN.—A's vezes o deixam passar, porque não reparam nelle, e outras o perseguem com carrancas e biocos e outros medos que lhe fazem ; em tanto que eu vi ja um mamaluco, filho da terra, vir assaz affrontado, de perseguido dellas, e me affirmou que tanto o apertaram que se via em termos de se perder. Tambem se acham nesta terra umas *onças* ou *tigres* muito listrados, do tamanho de um bezerro, grandes perseguidores do gado domestico, do qual costuma sempre matar muito.

ALV.—E de que modo o matam ?

BRAN.—Com nenhum outro senão com se arremessarem a elle, e lhe darem com a mão uma bofetada sobre a cabeça, com tanta força que é bastante—oh cousa maravilhosa !—a lhes quebrar os cascos por muitas partes, com lhe espargir os miolos, morrendo logo a vacca ou novilho a quem isto aconteceu, sem por a parte de fóra lhe fazer ferida, nem mostrar signal por onde recebera tanto damno.

ALV.—Folgara de saber si assim como accommette e mata o gado, o faz tambem á gente.

BRAN.—A homem branco não ouvi dizer nunca que matassem, mas aos indios e negros de Guiné sim, quando se acham muito famintos. Tambem ha outra sorte desta mesma especie, de menor corpo, a que chamam *susurana*, que costumam de matar alguns bezerros e gado miudo, mas não são tão damninhos como os outros. Não quero calar as

differentes castas de cobras peçonhentas, que se acham por toda esta provincia, como são *jararacas*, *saracucús*, *cobra de coral*, e outra que chamam de *cascavel*, porque tem uns nós no rabo semelhantes a elles, e quando os meneia com força formam um som que se parece com elles. Estas todas são peçonhentissimas, e matam as pessoas a que mordem em breve termo, e por isso são mui temidas. Outra sorte ha tambem de cobra, muito mais grande, a que chamam os indios *boassú*, e nós cobra de veado, porque comem, engolindo um inteiro, quando o tomam. Caçam dependuradas sobre arvores, e de salto fazem a sua preza; e já succedeu arremessarem-se a homens que mataram, com lhe metterem o rabo pelo sesso, por ser parte aonde logo acodem com elle. E destas semelhantes cobras vi eu uma tão grande que tenho temor de dizer a sua grandeza, temendo de não ser crido, e se affirma tambem dellas uma cousa assaz extranha, a qual é que, depois de mortas e comidas dos bichos, tornam a renascer como a Phenix, formando novamente sobre o espinhaço carne e espirito.

ALV.—Isso tenho ou por cousa indigna de se poder pôr em pratica, porque não mostra nenhuma apparencia de poder ser verdade, por encontrar as leis da natureza.

BRAN —Já vos disse que eu não o vi, mas ainda me atrevo a vos mostrar muitas pessoas, que vos affirmem haver experimentado o caso, assim como vol-o tenho relatado. E com isto vos confesso que não me acho pera mais, nem me atrevo passar avante, posto que me ficam ainda muitos animaes terrestres de que pudera fazer menção.

ALV. —Tendes dito de tantos, e mostrado tantas maravilhas de suas naturezas e calidades, que não sei que vos possa ficar mais por dizer, senão dos costumes deste gentio da terra, e é a ultima cousa de que promettestes tratar.

BRAN.—Pera isso é necessario que cobre novo alento e novo animo, por ser materia tanto comprida como difficultosa; e pera dar remate a esta nossa pratica, o que summamente desejo, amanhã vos virei buscar, a este mesmo posto, ás horas costumadas.

DIALOGO SEXTO

Bran. — Assim como o que tem caminhado grandes jornadas, na derradeira se apressa mais pera haver de chegar á sua pousada, e nella descansar do trabalho que tem passado, assim, havendo eu no dia de hoje de dar cumprimento á minha obrigação, nesta ultima pratica me apressei mais do acostumado em vir occupar este posto, no qual ha já pedaço que vos espero.

Alv.—Confesso meu descuido, de que foi a causa uma visita; comtudo si soubera que ereis já aqui vindo, atropellára pelas obrigações de comprimento por vos vir buscar.

Bran.—Ainda não haveis feito falta, e pera dar principio ao que tenho entre maos, digo que bem vos deve de alembrar haver-vos já mostrado o comprimento e largura de tudo quanto nós os portuguezes temos povoado nesta costa braziliense, e da mesma maneira as cidades, villas e lugares, capitanias que pelo districto de toda ella se acham, com as cousas de que abundam, e assim das que carecem; tratei tambem do bom céo, e melhor temperamento de que goza todo este terreno, sua riqueza, fertilidade, e abundancia de mantimentos, gados, aves e pescados, das quaes cousas deveis de ter inferido, quando não querais ser reputado por herege das cousas do Brazil, o quanto vos enganaveis em o julgardes por ruim terra.

Alv.—Estou já bem arrependido do meu engano, e não pouco corrido de haver perseverado nelle; mas, com todas as suas abundancias que me tendes representado, vejo que, posto que tudo lhe sobeja pela fertilidade do seu terreno, vem a padecer muitas faltas, das quaes me alembra ha-

verdes attribuido a culpa á negligencia commum e pouca industria dos seus povoadores; mas faltou-vos por dizer o que se poderia fazer pera semelhante falta ter emenda.

BRAN.—Condemno minha pouca memoria, com vos dizer que isso se remedeará, quando a gente que houver no Brazil fôr mais daquella que de presente se ha mister pera o grangeamento dos engenhos de fazer assucares, lavoura e mercearia, porque então os que ficarem sem occupação de força hão de buscar alguma de novo de que lancem mão, e por esta maneira se farão uns pescadores, outros pastores, outros hortelões e outros tecelões, e exercitarão os demais officios, dos que hoje não ha nesta terra na cantidade que era necessaria houvesse; e como isto assim succeder, logo não haveria falta de nada, e a terra abundaria de tudo o que lhe era necessario, enxergando-se ao vivo a sua grande fertilidade e abundancia, com não ter necessidade de cousa nenhuma, das que se trazem de Portugal, e quando a houvesse, fôra de poucas.

ALV.—Quando totalmente o Brazil se podera sustentar sem o provimento que lhe vem todos os annos de Portugal, nunca o podera fazer, si lhe não vier gente, por ser o com que elle se povoa.

BRAN.—Enganaes-vos nisso, porque o Brazil tem já hoje em si tanta gente que basta pera o povoarem, e, ainda antes de poucos annos, lhe ficará sendo sobeja; porque a capitania de Pernambuco, com as mais do norte, póde já hoje pôr em campo mais de dez mil homens armados, nos quaes entrem muitos de cavallo. E porque nos imos desviando da materia sobre a qual havemos hoje de tratar, que é sobre os costumes geraes da terra, lhe quero começar a dar principio com dizer primeiro brevemente do que guardam os nossos portuguezes, dos quaes, os que não são mercadores, se occupam em suas lavouras, como tenho dito, e pera o effeito fazem a sua habitação pelos cam-

pos, aonde tem sua familia, em casas que pera isso fazem fabricar, umas de telha e outras de pindova ou sapé, que é uma rama com que se fazem semelhantes coberturas ; e posto que tem suas casas de moradas nas villas e cidades, não fazem residencia nellas, porque no campo é a sua ordinaria habitação, aonde se occupam em grangear suas fazendas e fazer suas lavouras, com a sua boiada e escravos de Guiné e da terra, que pera o effeito tem deputados, porque a mór parte da riqueza dos lavradores desta terra consiste em terem poucos ou muitos escravos, sustentam-se de suas criações, tendo de ordinario um pescador, que lhes vai a pescar ao mar alto e tambem aos rios, donde lhes traz pescado bastante pera sua sustentação.

Alv.—E esse pescador é captivo ou forro ?

Bran.—Não é senão escravo captivo do gentio da terra ou de Guiné, e tambem dos forros, que pera o effeito assoldadam a troco de pequeno premio ; e muitos usam tambem de caçadores, que lhe trazem cópia grande de caça, e com isto e o mais de suas criações, leite de seus curraes, muito assucar, vivem abastadamente.

Alv.—Pois dizei me se usam todos, geralmente, de comerem farinha da terra ?

Bran.—Alguns, e não poucos, usam tambem de pão, que mandam amassar e cozer em suas cazas, feito de farinha, que compram do Reino, ou mandam buscar ás casas das padeiras, porque ha muitas que vivem desse officio. As mulheres se trajam muito bem e custosamente, e quando vão fóra, caminham em hombros de escravos, mettidas dentro em uma rede.

Ala.—E não fôra melhor em cadeira, ou em palanquim, como os da India ?

Bran.—Não, porque a rede é excellente pera se andar nella por caminhos ; e da cadeira seria trabalhoso usar-se, por respeito que succedem estarem as igrejas desviadas, e da mesma maneira

as visitas que fazem a suas amigas e parentas ; e tambem costumam de levar consigo, pera seu acompanhamento, além dos homens que levam de pé ou de cavallo, duas ou tres escravas do gentio de Guiné ou do da terra, que se não desviam de ir sempre ao redor da rede, a que accommodam uma alcatifa por baixo. Os homens tem seus cavallos em que costumam andar, com os trazerem bem ajaezados, principalmente quando entram com elles em algumas festas : em summa são case todos liberaes, bellicosos e grandemente amigos da honra, pela qual se aventuram a muitas cousas.

ALV.—Tudo isso tenho bem enxergado nas pessoas com quem conversei ; demais que os acho a todos mui bem fallantes.

BRAN.—Assim é ; porque já vos disse que o Brazil era academia aonde se aprendia o bom fallar, e isto baste por agora acerca dos brancos: porque temos muito que dizer dos costumes do gentio da terra. Primeiramente este gentio não tem rei a que obedeçam, somente elegem alguns principaes, aos quaes reconhecem alguma superioridade, principalmente nas cousas da guerra, porque nas outras fazem o que lhes parece melhor.

ALV. - E a quem pertence a eleição desses principaes ?

BRAN.—Posto que alguns succedem por herança de seus pais e avós, todavia a mór parte delles se elegem de por si, porque basta ser bom cavalleiro e reputado por tal, pera todos lhe darem obediencia ; moram pelos campos em umas casas que fazem, muito compridas, cobertas de palha divididas por muitos ranchos ; porque cada casal, com sua familia, tem o seu, a que elles chamam lanços, sem se metter parede nem outra cobertura, entre uns e outros.

ALV.—Não devem logo de ser ciosos das mulheres, nem das filhas.

BRAN.—Antes o são em grande maneira, e sobre isso fazem mil extremos. Antigamente, e ain-

da até o dia de hoje no sertão, andavam e andam todos despidos, assim homens, como mulheres, sem usarem de cousa alguma, pera com ella haverem de cobrir as suas partes vergonhosas.

Alv.—Deviam de ouvir contar de nosso padre Adam, emquanto esteve em estado de graça.

Bran.—Mas já agora o gentio que habita entre nós, anda coberto, os machos com uns calções e as femeas com uns camisões grandes de panno de linho muito alvo, e os cabellos ennastrados com fitas de seda de differentes côres, costumes que introduziram entre elles com assaz trabalho os padres da companhia; porque não havia quem os fizesse apartar de sua natureza, que os incitava a andarem nús.

Alv.—E tem esse gentio, por ventura, algum rito ou ceremonia de crença?

Bran.—Não tem nenhum; e si algum modo de adoração fazem, posto que não se lhe conhece, é ao diabo, ao qual dão o nome de *juraparim*.

Alv.—Si elles a tal santo se encomendam, não é muito que suas obras pareçam a elle.

Bran.—E por isso se diz geralmente que este gentio do Brazil carecem, na sua lingua, de trez letras principaes, as quaes são *F. L. R.*, em signal de que não tem fé, lei, nem rei; são todos inclinadissimos a guerras, e entre si as tem sempre travadas uma nação com a outra; comem carne humana, o que mais fazem por vingança, como adiante direi, que pera sustentação; affirmam que tem por tradicção de seus antigos passados, que S. Thomé lhes mostrara o uso da mandioca, de que se sustentam, que d'antes não usavam della, nem conheciam a sua calidade, mas isto sem nenhum fundamento.

Alv.—... (1) de ser; pois não sabemos, nem lemos de S. Thomé que passasse nestas partes.

(1) Faltam no principio as primeiras palavras desta linha, que provavelmente seriam "*Isso não póde ser*" ou "*não devia de ser.*" *N. do Ed*

BRAN.—Isso podia Deus fazer quando fosse servido, como fez que Abacave levasse o comer ao propheta Daniel ao lago dos leões, aonde estava encerrado; mas, como disse, estes indios não dão, em prova do que querem dizer, alguma rezão que concluinte seja. Costumam de dar liberalissimamente tudo quanto têm, e se lhe pede, com muita facilidade, posto que aventurem a ficar despidos, como muitas vezes succede, em fórma que se não enxerga, entre elles, rosto (rasto ?) nenhum de ambição.

ALV.—Disso se lhe póde ter grandes invejas, por ser cousa de que a nossa Hespanha anda muito desviada.

BRAN.—Tudo o que até agora tenho dito dos costumes destes indios, foi fallar em geral, e vindo ao mais particular, primeiramente digo que, quando a este gentio lhe parem as mulheres, a primeira cousa que ellas fazem no instante que acabam de parir, e póde ser que ainda sem terem bem livrado, é ir-se metter no mais vizinho rio ou alagôa de agua fria, que acham, no qual se lavam muitas vezes, e, despois de bem lavadas, se recolhem pera casa, aonde já acham o marido lançado sobre a rede em que costumam dormir, como si fôra elle o que parira, e alli o regalam, e é visitado dos parentes e amigos, e a parida se exercita nos officios manuaes de casa, fazendo o comer, e indo buscar agua ao rio, e lenha ao mato, como si nunca parira.

ALV.—E como é possivel que a agua não faça damno a essas paridas, fazendo-o ás nossas qualquer pequeno ar em Portugal?

BRAN.—Antes lhes serve esta de medicina e preservativo pera lhes não fazer o parto damno, pelo costume que tem de se lavarem sempre nos rios, e pescarem nelles; e assim não quero deixar em silencio um caso que me succedeu a este proposito. Indo caminhando eu a cavallo por um oiteiro abaixo em um dia muito chuvoso, na la-

deira achei uma india assentada no meio da estrada, envolta case toda em sangue, e ao redor della tambem derramado muito; querendo eu saber a occasião daquillo, me respondeu que havia parido naquelle lugar, e que o sangue era do parto; perguntando-lhe mais pela criança que parira, me disse que um grande golpe d'agua, que por alli corria da chuva, pela rigeira (regueira?) de um carro, lh'a havia levado pera baixo; piquei então o cavallo depressa pera acudir á criança, que não perecera, e achei a meia morta, atravessada na mes.... (1) ir mão della a raiz de uma arvore, fil a recolher logo por um meu escravo, e despois, sendo entregue a outra escrava de leite, pera lh'o haver de dar, viveu e chegou a ser grande.

Ala.—E as mulheres portuguezas, que habitam por esta terra, usam por ventura de semelhante costume?

Bran.—Por nenhum modo, antes se guardam do ar, como as de Portugal, posto que não continuam tanto a cama.

Alv.—Não póde haver mais barbaro costume desse que me tendes referido; e creio que por todo o mundo se não achara seu semelhante, nem era licito que o houvesse senão entre estes indios, que não faço differença delles ás brutas feras.

Bran. — Enganaes-vos grandemente nisso; que, posto que usam deste e de outros semelhantes costumes que aprenderam, e lhes ficou em uso dos seus passados, todavia se acha nelles bons discursos e agudas respostas, e não se deixam enganar de ninguem. Aos filhos ensinam de pequenos a que sejam guerreiros e inclinados a guerras, e pera o effeito os adestram no arco e frecha, de modo que, com terem pequeno corpo, são grandes frecheiros, pera que os exercitam na caça, e as fe-

(1) Falta de umas poucas de palavras, que facilmente se concebem: achara a criança na mesma estrada, detida pela raiz de uma arvore.

N. do E.

meas, como lhes a idade dá pera isso lugar, servem a seus pais, emquanto não casam.

Alv.—E que estylo é o que tem no seu recebimento?

Bran.—As sobrinhas são as verdadeiras mulheres dos tios; e quando as querem tomar por taes. não se lhes póde negar; assim pela maior parte, se casa o tio com a sobrinha, filha de seu irmão ou irmã. E tambem casa o pai a filha com quem lhe parece bem; posto que pera isso se usa um modo assaz galante, o qual é que o mancebo que se namora de qualquer donzella, o remedio mais certo de alcançal-a é ir-se ao mato com um machado e fazer lenha, sem o fazer a saber a ninguem; a qual, despois de feita, acarretam ás costas em feixes, e a vai lançar ao rancho aonde habitam o pai e mãi da sua afeiçoada; e em semelhante exercicio continúa por espaço de alguns dias, com o qual dão a entender sua tenção, e nunca por esta via se lhe nega a esposa.

Alv.—Devem de ter logo estes noticia do modo com que Jacob ganhou a sua amada Rachel, e parece que nesse uso o querem imitar. E é de saber si tomam mais de uma mulher.

Bran.—Podem tomar tres e quatro, e ainda sete ou oito, segundo a valentia e esforço, de que cada um é dotado, que a isso se tem principalmente respeito, e a ser homem que possa bem sustentar as mulheres, que toma á sua conta pera esse effeito.

Alv.—Pois como não tem essas mulheres brigas entre si, causadas dos ciumes, que de força devem de ter umas das outras?

Bran.—Por nenhum caso lhe alembra isso; antes são mui conformes, cousa que é digna de fazer grandes invejas. As donzelas, emquanto o são, se conhecem pelos cabellos, que trazem cortados, mas tanto que as fazem donas, o deixam crescer, sem nisso haver engano.

Alv.—Aprovo o costume, principalmente ha-

vendo nelle a certeza, que tendes dito ; mas faltou-vos por dizer si esses indios que se fazem parilos, occupando o lugar das mulheres, estão muitos dias lançados na rede.

Bran.—Não, senão aquelles que bastam pera serem visitados dos amigos e parentes. E nas visitas que se fazem uns aos outros, guardam tambem um extranho costume, o qual é que, quando se chegam a ver, a mulher que está na casa, ou a que de novo vem de fóra, sendo já de perfeita idade, se põem assentada aos pés do hospede, que chegou, ou do que vizita, e alli, com um choro muito sentido e magoado, lhe está recitando, por grande espaço, as cousas passadas, que succederam a seus pais e avós, de infortunios, accommodadas todas a provocarem as maguas, sem aquelle que é chorado responder palavra ; de modo que semelha mudo, emquanto dura o choro, e despois delle acabado, o recebem e agazalham o melhor que podem a seu uso.

Alv.—Tivera eu por grande agouro o ver-me chorar, e não consentira, por nenhum modo, que tal se me fizesse.

Bran.—Como todos andam despidos, tomam por abrigo contra o frio da noite fazer fogueira ao longo das redes, onde dormem, e como a casa é muito comprida e toda aberta por dentro, e as redes muitas, que se por ella armam, vêm por esta maneira a ter muitas fogueiras dentro em si, com as quaes se aquentam de sorte que não padecem frio, posto que estejam despidos.

Alv.—E de que movel é que usa este gentio pera seu serviço ?

Bran.—De nenhum outro mais que da rede, em que dormem, e de uma cuia, que é um meio cabaço, em que vão buscar agua, com haver da communidade tres ou quatro fornos de barro em que cozem a farinha, feitos ao modo de alguidares ; e com isto somente se têm por mais ricos do que Creso com todo o seu ouro, vivendo tão contentes

e livres de toda a ambição (1), como si foram senhores do mundo.

Alv.—Esse costume me faz grandes invejas, porque se me representa nelle a edade dourada; mas comtudo deve de ter, de força, cada um desse gentio mantimento de que se sustentam, porque, sem isso, não lhes era possivel terem de comer pera si e sua familia.

Bran.—Nem disso fazem cabedal, porque tem de costume, pelo tempo das sementeiras, fazerem suas roças, aonde vão todos juntos a semear e a plantar seus mantimentos, e...(2) pam alguns dias até que lhes parece que os tem feitos pera lhes poder durar por todo o decurso do anno, e pelo mesmo modo acodem despois a lhe dar suas limpas, e fazer o mais beneficio necessario; e como dão cabo a este trabalho, se exercitam em suas caças e pescarias, de que tomam grande cantidade assim de feras como de pescados, por serem todos bons mestres do tal exercicio. E quando tem necessidade de farinha mandam ás roças, que são geraes, pera della a fazerem; porque ás mulheres toca semelhante officio e o de apparelhar a comida, a qual sempre tem prestes, feita a seu modo, pera quando o marido chega de fóra.

Alv.—Não é máo costume esse de ser o mantimento geral, quando não houvera nelle engano.

Bran.—Por nenhum caso o ha; porque ninguem colhe mais daquillo de que tem necessidade pera sua sustentação, e por esta via vem o mantimento a abranger a todos; e quando ha tambem falta delle, ninguem carece della. Tem mais de costume, quando querem ir ás suas caças e pescarias, pera as quaes se ajuntam muitos, o primeiro, que se alevanta antes de amanhecer, anda pelo terreiro, e, a grandes brados, prega aos demais que se alevantem e botem a preguiça de parte, saindo

(1) Por cima escripto " cobiça ".
(2) Faltam palavras; tatvez " nisso occupam ".
N. do Ed.

os ranchos, por ser já tempo de se pôrem a caminho, e com esta pregação vae continuando por algum espaço, até que todos tomam suas armas, com as quaes se põem a caminho.

Alv.—Serve-lhe logo o indio de espertador.

Bran.—Sim, serve; porque nunca falta um que faça semelhante officio. Verdade seja que os seus principaes lhe ordenam estas saidas mais por rogo que por imperio.

Alv.—E esses principaes dominam por ventura muitas gentes, ou que jurisdicção têm nesse cargo, que lhes attribuis?

Bran.—Em cada aldeia ha um principal, que não reconhece superioridade a outro, senão quando succede haver algum tão cavalleiro, que, pelo medo que tem delle, lhe guardam o respeito; mas os ordinarios são obedecidos dos da sua aldeia case por zombaria; porque, nas cousas ordinarias, cada um faz o que quer, sem embargo do principal lhe ordenar o contrario, mas, nas cousas tocantes á guerra, lhe guardam mais respeito; porque elle é o que as trata e ordena, determinando o que se deve fazer com receber as embaixadas e dar resposta a ellas, posto que, pera o assentar das pazes ou mover novamente guerra, se segue e guarda o parecer dos mais antigos. E certamente que, si este gentio tivera mais obediencia aos seus capitães, que foram mui valerosos soldados, segundo as forças e animo de que são dominados, e muita ousadia que sempre mostraram no accommetter do inimigo; mas as superstições de que usam, com darem credito a seus feiticeiros, os desbaratam e lançam a perder as mais das vezes.

Alv.—Pois que é o que tratam com esses feiticeiros?

Bran.—Pera haverem de determinar qualquer guerra, se ajuntam em uma casa redonda, que só pera o effeito tem alevantada no meio da praça de suas aldeias, a que chamam *carpe*, e alli decretam as causas que têm pera fazerem guerra ao inimigo,

e o modo com que devem de proseguir nella, estando presente a tudo o seu feiticeiro, que é qualquer indio ou india, que se finge sel-o. E a este tal toca approvar ou desapprovar a jornada, com prometter bom ou máo successo, pera o que usam de uma cousa assaz ridiculosa, a qual é que, quando affirma que vencerão os inimigos, mostram umas redes pequenas, dizendo que nellas os hã de metter a todos manietados, como si fossem pexes, e outras vezes, com uns abanos que tem lavrados de palma, promettem haverem-nos de enxotar de modo que logo se ponham em fugida; e tanto credito dão a esta vaidade, que tem por sem duvida que assim lhes ha de succeder.

ALV.—Pois quando lhe isso sae pelo contrario, como senão desenganam ser tudo mentira?

BRAN.—Nada basta o lhes tirar do pensamento semelhante erronia, em que seus pais os puzeram, com haverem já recebido grandissimos damnos por darem credito a estes feiticeiros; e, pera prova disto, vos quero contar uma historia assaz galante, a qual foi que nos tempos passados houve um feiticeiro destes, que affirmou aos indios que a terra, pera adiante, havia de produzir os fructos de por si, sem nenhuma cultura nem beneficio; por tanto que bem podiam todos folgar e dar-se á bôa vida com se lançarem a dormir, porque a terra teria cuidado de lhes acudir com os mantimentos a seu tempo. Tanto credito lhe deram os pobres indios, que o fizeram da maneira que lhes elle aconselhou, com virem a padecer, por esta via, a mais trabalhosa fome, que nunca se sabe haver neste Estado; em tanto que chegaram, obrigados da necessidade, a se venderem a si e as mulheres e filhos por uma espiga de milho, que não póde ser maior miseria.

ALV.—Comparo isso ao dos bugios, que me contastes, que mettiam a mão pela boca da botija vasia, e despois a não podiam tirar, e por não saberem largar o que apanharam se deixavam capti-

var; donde infiro que gentes que a semelhante cousa dão credito, devem de ser da maneira dos mesmos bugios.

Bran.—Já vos disse que não careciam de bom entendimento, posto que estão tão cégos com estes feiticeiros (que o não são nem nada), que se não acabam de desenganar de sua falsidade e mentira. A guerra determinada, a primeira cousa que ordenam é mandarem fazer os caminhos mui limpos, rasos e largos, pera sairem por elles e tornarem, quando vierem victoriosos; e do mesmo usam quando são visitados de algum honrado hospede. E, em o dia determinado pera a partida, tem cuidado o seu principal de ante-menham sair ao terreiro, e por roda delle anda fazendo uma pregação, e a grandes brados anima a todos os seus soldados, que pelegem e accommettam ao inimigo valerosamente, alembrando-lhes pera isso algumas façanhas e victorias dos seus passados e fraqueza do inimigo.

Alv. Não fazem mais os nossos capitães e generaes nas occasiões, que lhes importa animarem as suas gentes.

Bran.—Pois este costume é antiquissimo entre este gentio: a pregação feita, não preparam grandes bagagens, porque cada um leva comsigo o que lhe é necessario pera alguns dias; e quando lhe falta, o buscam pelos campos, matos e rios, porque delles se sustentam. As armas que levam são arco e frecha, espadas curtas de um páo pezado e forte, que desbaratam e põem por terra qualquer parte do corpo aonde assenta o seu golpe; e os cabos das taes espadas levam emplumadas de pennas de varias córes, e da mesma maneira as cabeças, pera com isso se fazerem mais temidos; as rodellas, que tambem comsigo levam, são grandes e pintadas, feitas de um páo leve, bastante a lhes cobrir todo o corpo, com que se reparam das frechas do inimigo.

Alv.—Não são más armas essas, e si o animo fosse egual, não deixaram de fazer boas emprezas.

Bran.—Esse tem elles muito grande, como já disse; mas de sorte que, si indo caminhando com toda esta bravosidade, ouvirem cantar um passaro, do qual já fiz menção, agourento pera elles, desamparam a jornada, e se tornam a recolher; e da mesma maneira, posto que vão pera accommetter alguma grande empreza, si, antes de chegarem a tal parte, encontrarem acaso alguns poucos inimigos e os matarem, se contentam com isso, tornando-se a recolher, com deixarem o demais por fazer.

Alv.—Pois não me gaveis semelhante gente de animosa, porque quem isso faz, não póde ter semelhante virtude.

Bran.—Pois ainda vos direi mais que, quando entendem que são sentidos, e que não podem por esse respeito sair com a sua pretenção, na mesma parte aonde disto se certificam, largam as armas, e sem ellas se tornam a recolher, e então o que mais corre fugindo, e primeiro chega a aldeia, de onde partiram, esse tal é reputado por mais valente; porque dizem ser acompanhado de grande alento e forças, por haver corrido mais que os companheiros.

Alv.—Bem ha que gente tão arrevesada nos costumes faça da cobardia esforço.

Bran.—Pois ainda não concluo por aqui, porque em semelhantes occasiões, pera poderem melhor correr, serrafação as pernas com facas até derramarem muito sangue, tendo pera si que ficam por esta via mais ageis pera caminharem com mais presteza.

Alv.—Não lhes gavo essas prevenções de melhor fugirem.

Bran.—Tambem o fazem pera melhor chegarem. E sempre accommettem a batalha ou escaramuça com muito animo, e todo o guerreiro que nella mata inimigo ás suas mãos, ou ajuda a af-

rar nelle pera o matarem, posto que sejam seis ou sete pessoas, tomam todas nome, e ficam dalli em diante reputados por cavalheiros e se podem riscar.

ALV.—Tocae-me isso dos nomes e das riscas mais pelo miudo, pera que vos fique entendendo.

BRAN.—O nome tomam todos aquelles que mataram ou ajudaram a aferrar no inimigo morto, o que fazem desta maneira : na madrugada do dia seguinte, despois de haver precedido a batalha ou assalto, muito de madrugada, estando ainda todos lançados em suas redes, se alevantam os taes, e a grandes brados vão dizendo : *eu me hei de chamar daqui por diante fulano* (applicando-se o nome que querem), *porque tenho morto a meu inimigo em campo*, o que vai repetindo por muitas vezes, e *por este nome quero ser conhecido e nomeado daqui em diante ;* e todos lhe fazem ao passar muita festa, e lhe dão salvas, principalmente as mulheres. O riscar é que fazem umas riscas pelo corpo, de preto, a qual lhes fica servindo pera o diante de insignia militar, e tambem se assignalam riscando com fogo, ou picando aquella parte que querem riscar com uma agulha, e estando em sangue fresco, lhe applicam tinta preta, que é bastante pera lhe fazer ficar o signal pera sempre.

ALV.—Não gavo muito essa cavallaria nem modo de insignia militar.

BRAN.—Pois ainda vos direi mais que, posto que este gentio pelo campo mate o inimigo ás estocadas, ou com tão poderosos golpes que o parta pelo meio, como o não matou com lhe quebrar a cabeça, logo hão que o morto não é morto, nem o matador se póde jactar de lhe haver dado a morte, nem poderá tomar nome nem riscar-se.

ALV.—Logo, dessa maneira, não morreu o que não tem a cabeça quebrada ?

BRAN.—Assim o cuidam elles, e passa isto tanto avante que, despois de haverem ganhada alguma aldeia ou lugar do inimigo, a primeira cousa que fazem é acudirem aos cemiterios, donde des

enterram os cadaveres que alli estão enterrados, e a todos vão quebrando a cabeça, com ficar tão reputado por valente o que quebra por esta via, podendo gozar de todas as honrarias militares, como aquelle que a quebrou pelejando no campo, aonde teve a vida em risco de a perder.

ALV.—Ora não me digaes mais que esta gente é dotada de entendimento, porque não vol o-hei de crer.

BRAN.—Niguem vos póde obrigar a que creaes senão o que quizerdes, nem a mim que deixe de relatar a verdade do que tenho tomado á minha conta. Quando captivam alguns dos inimigos o levam pera suas aldeias aonde os soltam das prisões.

ALV.—E se os tem soltos como lhes não fogem?

BRAN.—Não fogem porque as aldeias estão distantes umas das outras, e assim não lhes é possivel poderem fugir sem serem logo achados pelo rasto, porque em o saberem seguir fazem ventagem aos cães de caça; e, além disso, atinam tanto que eu vi algumas vezes a certos indios, que pera haverem de atinar pera a parte por onde querem ir por entre brenhas altas, que não mostravam caminho, não fazem mais que com uma frecha apontarem direitamente pera o lugar com lhe ficar aquelle horizonte tanto na memoria que fizeram o seu caminho sem o errarem em cousa alguma, de mais que tambem são os captivos bem guardados.

ALV.—E pera que querem esses captivos, senão for pera resgate?

BRAN.—Sabeis quanto isso passa pelo contrario que poderei affirmar, e não o tenhaes por fabula, qne si a estes indios lhe derem pelo resgate de um captivo destes, principalmente si for branco, outro tanto ouro quanto se affirmava que tinha Creso, e juntamente todas as riquezas do mundo. o não deram.

ALV.—Muito me dizeis.

BRAN.—Pois assim passa; porque antes o que-

rem matar no terreiro, o que fazem por este modo: mandam primeiramente que ao tal captivo se lhe faça, entre os seus, a vontade em tudo quanto queira ou peça, em tanto que, si desejar a mulher do proprio principal, e a pedir, não se lhe nega, tudo isto pera effeito de que se desmalenconize e vá engordando; e como lhes parece que já o está, o que logo fazem é ordenar um grande caminho muito limpo, desde o lugar da aldeia até onde passa o rio, e o caminho feito, fazem sabedor ao preso de como já é chegado o tempo pera haver de ser morto em terreiro, atando-lhe uma corda por debaixo dos braços, com lhe ficarem livres elles e as mãos; e de modo fazem esta atadura, que deixam duas pontas compridas á corda, cada uma por sua parte, e com grandes gritas e festa o levam desta maneira, pelo caminho que tenho dito, ao rio, dentro no qual o lavam muito bem, desde os pés até a cabeça; e como está lavado, o tornam a trazer pera a aldeia com os mesmos cantos, bailes e festas, e alli, posto no terreiro, se chegam a elle seis ou sete valentes e robustos mancebos, que lançam mão das pontas da corda, e a tem em tezo, de modo que o desaventurado preso se não possa bolir, porque em o querendo fazer pera alguma das partes, o tiram pera a outra, e desta maneira o tem em talas, até que entra o matador pelo terreiro muito arrogante, empluniado todo de pennas de varias côres, e, com vagarosos passos, rodeado dos principaes cavalleiros, se vae chegando contra o preso, e tanto que se lhe põe em fronte, com soberbas palavras e arrogantes meneios, lhe diz que tem muita rezão de se alegrar por vir a morrer ás mãos de um tão grande e bom cavalleiro, como elle o é, e muito mais de suas carnes haverem de ser sepultadas no ventre de tantos valerosos principaes e soldados, como os que estão por roda, os quaes só por isso esperam, por ser muito melhor assim, que serem comidos e sepultados nos ventres de immundos bichos; por tanto

que cobre animo, e se farte de ver ser o sol, e si a estas palavras desmaia o pobre preso, é julgado de todos por pusillanime e covarde; mas si tambem lhe ronca, dizendo que parentes lhe ficam vivos que o saberão bem vingar, e que por isso morre contente, se reputa por valerozo. Mas, comtudo, quer succeda de uma maneira quer de outra, o matador lhe ameaça com a espada a cabeça, mostrando querer descarregar o golpe, e tanto que o pobre, de assombrado delle, a quer desviar ou abaixar a cabeça, segunda logo com outra tão possante que lhe fende a cabeça pelo meio, e antes de cair em terra já lh'a leva feita em miudas rachas, com outros muitos que lhe dá. E si succeder que o preso, ao tempo de lhe descarregarem o golpe, fôr tão manhoso e tiver tantas forças que, com os braços e mãos que lhe ficam livres, arrebatar a espada ao matador, escapa da morte, porque pera esse effeito lh'as deixam livres.

Alv.—Grande façanha é a que faz por esse modo esse cavalleiro matador!

Bran.—Não a tem elles por pequena; e despois do desaventurado morto por esta via, o entregam ás velhas, a quem pertence o dividirem-lhe os quartos, e porem-nos a cozer e a assar, espedaçados pera servirem de iguarias aos circumstantes, repartindo-se por todos, que comem aquella humana carne com grande gosto, mais por vingança que por matarem com ella a fome.

Alv.—Bem mal si póde julgar si a comem por vingança, si por gosto.

Bran.—Por vingança se tem entendido que o fazem. E as tripas e intestinos botam as velhas em uns alguidares e com grandes cantos e bailes andam á roda dellas com umas canas nas mãos, nas quaes trazem atados alguns anzoes que lançam sobre as tripas, fingindo com grandes risos que estão pescando dentro nellas.

Alv.—Por fim que, com essa barbara crueldade, se hão somente por satisfeitos?

Bran.—Ainda fazem mais, porque tem já muitos vinhos preparados, precedendo logo grandes borracheiras, que duram por espaço de alguns dias.

Alv.—Os dias passados, indo visitar um amigo meu á sua fazenda, me não deixaram dormir toda uma noite uns indios que andavam nas suas borracheiras, na qual formavam uns cantos, qual eu nunca outros semelhantes vi.

Bran.—Esse é o seu costume mais ordinario, porque pera effeito de se emborracharem, apparelham muitos vinhos que fazem do sumo de canas de assucar, que vão buscar pelos engenhos, e tambem de mel e de uma fructa que chamam cajù, e, juntos em roda muitos homens e mulheres, estão nesse canto todo um dia e noite inteira sem dormirem, bebendo sempre de ordinario muito vinho até cairem todos por terra sem accordo, e ás vezes saem tambem d'alli alguns não pouco escalavrados.

Alv.—E que metros ou cantigas são essas que cantam em tanto espaço de tempo?

Bran.—Nenhuma outra mais que alevantar o primeiro a voz, e dizer o passaro está sobre a folha, ou a folha sobre a agua, ou outra cousa semelhante, e com isto vão continuando sempre, dizendo uns e respondendo outro, por todo o espaço que lhes dura a borracheira, servindo as mulheres de tipre, por alevantarem a voz mais delgada.

Alv.—Custoso entretimento, pois passam todo um dia e noite sem dormirem, com despenderem tanto vinho; mas, si acaso captivam algumas mulheres, folgara de saber si as matam tambem nesse terreiro, como aos homens.

Bran.—A's vezes as matam e outras não, que é quando succede tomal-a alguns dos vencedores por sua mulher ou manceba; e por este modo escapam da morte, emquanto o que a tomou á sua conta assim o determina, sem lhe dar mais exercicio de trabalho do que ás demais mulheres, suas

naturaes; mas a graça é que, si algumas destas captivas acerta de fugir, e vae prenhe, despois de estar entre os seus posta em salvo, e chega a parir, o proprio avô, e ainda a mesma mãe, matam a creatura nascida e a comem, dizendo que o fazem ao filho de seu inimigo; porque a mãe foi somente um bolso em que se criou e aperfeiçoou a tal semente, sem tomar nada della; e por este modo usam de mil crueldades em outros casos semelhantes.

ALV.—Não me espanto de semelhante barbaridade, a respeito de outras muitas que já me tendes contado, e cuido que tudo isso deve de nascer de não haver, entre essas gentes, rasto algum de amor.

BRAN —Antes se acham entre elles muitos que deram bastante prova de o terem assaz grande, e pera isso vos quero contar uma gallante historia, que aconteceu ha pouco tempo em uma capitania das deste Estado. Estava entre os petiguaras uma mulher captiva dos tabajaras, que são seus capitaes inimigos, a qual, sem embargo de a ter por manceba um petiguar, andado o tempo, determinaram os demais juntamente com elle, que póde ser que fosse o principal autor, de matarem a pobre tabajara, pera effeito de a comerem. a qual tinha já tomado estreita amizade com outra india das dos petiguares. irmão do namorado que fôra; e esta, ouvindo tratar entre elles da morte que pretendiam dar á cunhada e amiga, estimulada do amor que lhe tinha, lhe manifestou o perigo em que estava, aconselhando-lhe que fugisse delle, com se offerecer a lhe fazer companhia. Aceitou a outra o conselho e offerta, e a amiga não desistio de sua promessa, com fazerem ambas juntamente a fugida, a qual lhes succedeu tão bem, sem serem achadas, vieram aportar á povoação dos brancos, onde a que era de nação tabajar, achando-se entre os seus, que por alli á roda habitavam, se foi pera suas aldeias, aonde sendo reconhecida

de seus paes e parentes, lhe deu conta do muito que devia á outra india, sua amiga, pela haver livrado da morte, o que lhe foi agradecido de todos, e ficou vivendo entre elles ; mas não passaram muitos dias que os tabajares, esquecidos do que havia passado, trataram de fazer na petiguara o que os outros queriam fazer na sua natural, e o puzeram por obra sem bastarem rogos da pobre india, sua parenta, pera se livrar a companheira do que della se ordenava ; por fim, chegado o praso, a puzeram em terreiro pera effeito de a matarem, o que vendo a amiga, parece que, não esquecida ainda da obrigação em que lhe estava, arremeteu contra o esquadrão dos parentes, como uma leôa, e por força lh'a tirou das mãos, levando-a comsigo á casa de alguns brancos, com a livrar por esta maneira de indigna morte que se lhe apparelhava, pagando-lhe na propria especie o amor que lhe tinha mostrado, quando se resolvera a fugir dos seus, por lhe dar a vida.

ALV.—Poucos exemplos haveis de achar semelhantes entre tanta barbaridade.

BRAN.—Pois tambem vos posso affirmar que, com ser este gentio assaz lascivo por natureza, ha muitas donzellas entre elles, que amam summamente a castidade, como são umas, que totalmente fogem de ter ajuntamento viril, pretendendo de se conservarem virgens, e pera que o possam melhor fazer, exercitam no arco e na frecha, com andarem de ordinario pelos campos e bosques, á caça de brutas feras, nas quaes fazem grandes presas, recreando-se neste exercicio, pelo qual despresam todo outro.

ALV.—Essas taes deviam de ouvir contar de Diana e de suas nimphas, e pelas imitar tomam a caça por exercicio ; e com tudo não me persuado a crer dellas que hajam de ser continentes, por ser dom da alma, que o não estima senão quem conhece o seu preço, e como a essas falta o tal co-

nhecimento, não vejo cousa porque haja de cuidar que possam guardar essa continencia.

BRAN.—Cuidae vós o que quizerdes,que eu não vol-o posso tolher, nem deixar de louvar as taes, por se saberem desviar do fogo na parte aonde elle mais arde; o que se deixa bem ver em outro costume, que tambem guardam, assaz pouco continente, o qual é que, quando são vizitados de algum nobre hospede, principalmente si é branco, os agazalham primeiramente sobre uma rede aonde os fazem assentar, que é o que lhes serve de cadeiras, e o principal fica em outra, e antes de travarem pratica se brindam um ao outro com um petimbabo de fumo de tabaco, que pera o effeito lhe trazem; e isto feito, despois de o tal hospede manifestar ao que viera, e o principal lhe dar resposta, lhe entrega logo uma donzella ou filha sua por mulher, pera que a tenha por tal emquanto alli estiver, que não póde ser mais barbaro costume.

ALV. E os brancos aceitam o usar dessas indias, sendo gentias?

BRAN. - Muitos o não fazem, antes as regeitam dissimulando com elles; mas não que o digam ao principal, que lh'a deu, porque se haveria por muito affrontado. Dos inimigos que matam, despois de se fartarem de suas carnes, tomam um pedaço della, que despois de secca envolvem dentro em um grande novello de fio de algodão, e desta maneira o guardam com muito cuidado; e quando succede fazerem alguma grande borracheira, pera mais se alegrarem nella desenvolvem a carne do novelo, e della fazem muitas partes em pequenas feveras, que repartem entre todos, pera que as comam; e isto costumam fazer em signal de vingança que tomaram e victoria que tiveram.

ALV.—Não lhe gavo o modo de semelhante vingança.

BRAN—Pois sabei emquanto são vingativos, que, despois de matarem os inimigos, lhes tiram os dentes, os quaes enfiam por cordeis, fazendo

delles um collar, com porem os grandes queixaes nos extremos e os mais pequenos no... (1) destes que pezava catorze arrateis. e por aqui considerareis o grande numero de dentes que nelle haveria.

ALV.—Não lhe hão de dar os lapidarios muito dinheiro por essas pedras, porque as tenho por ruins, pera haver de ser engastadas.

BRAN.—Tudo isto fazem, imaginando que assim se vingam melhor, e reina nelles em tanto esta natureza de vingança que, si acaso, caminhando por um caminho, derem uma topada em algum páo ou pedra, não passam avante até por vingança arrancarem ou quebrarem aquillo que lhe fez damno ; e com serem vingativos, são tambem alguns delles summamente crueis, porque um homem de credito me contou que vira a um indio destes, vindo de um assalto, que fôra dar a certa aldeia de inimigos com outros muitos, trazer seis crianças, que não chegava a maior a ter anno perfeito de idade, dependuradas em um páo, que levava ás costas, como gallinhas, a metade da parte de diante e a outra de traz ; e que, despois de caminhar assim com ellas por grande espaço, as puzera sobre uma pedra, donde com uma pequena facca lhes foi quebrando a cada uma das crianças a cabeça a golpes pequenos, que nellas lhes dava, pera que assim lhes ficasse sendo maior o tormento, sem demonstrar nenhum rasto de piedade aos gemidos e choros das pobres crianças.

ALV.—Nunca de nenhum Poliphemo, Lestrigon, ou Scytha, se contou semelhante crueldade.

BRAN.—Costuma tambem este gentio, pera effeito de mostrar maior fereza e bizarria, furar o rosto pelo beiço de baixo e tambem pelas queixadas, por onde mettem umas pedras verdes ou bran-

---

(1) Palavras cortadas : provavelmente " no meio ; e eu vi um. "...

N. do E.

cas de feição de botoques, com as quaes tem pera si que andam galantes e gentis-homens.

ALV.—Esse costume devia de lhes ensinar algum demonio, e á sua imitação o usam com darem maior mostra nelle de sua grande barbaridade.

BRAN.—Pois com toda ella sabem muito bem dividir os tempos do anno em grande conformidade, regulando-se pera isso com os fructos de certas arvores, quando amadurecem; porque então sabem que é o tempo chegado de suas sementeiras, e outros exercicios em que se occupam, e tambem conhecem case todas as estrellas dos céos, que nós conhecemos, posto que lhe applicam nomes differentes.

ALV.—E' muito haver esse conhecimento entre semelhante gente.

BRAN.—Destes costumes, que até agora tenho tratado, são dos que usam no sertão o gentio que por elle habita, sem terem commercio nem conhecimento dos brancos, que os que andam entre nós e estão debaixo da doutrina dos religiosos vivem já muito desviados de semelhantes costumes; porque sabem a doutrina e baptisam os filhos, com se cazarem na fórma do sagrado concilio, e não tem mais de uma mulher, com andarem vestidos, e juntamente aprendem a ler, a escrever e a contar; e saem alguns delles destros no canto, e assim são bons charameleiros, posto que sempre tiram á sua natural inclinação, como se vio em um caso, que succedeu os dias passados.

ALV.—E que caso foi esse?

BRAN.—Os padres da companhia ensinaram a um destes indios, por sentirem nelle habilidade, a ler e a escrever, canto e latinidade, e ainda algum pouco das artes; mostrando-se elle em tudo mui agil e de bons costumes, chegaram a lhe fazer dar ordens menores, e cuido que ouvi dizer que tambem as d'epistola e evangelho, pera o ordenarem em sacerdote de missa. Mas o bom do indio, obrigado de sua natural inclinação, amanhe-

eu um dia despido, e se foi, com outros parentes eus, pera o sertão aonde exercitou seus barbaros ostumes até a morte, não se alembrando dos bons ue lhe haviam dado.

Alv.—Isso só basta pera corroborar a minha pinião; mas folgára que me dissesseis si acham-e nesta provincia mais castas de gentio, que uma, ssim como entre nós ha francezes, inglezes, itaanos e outros.

Bran.—Sim, acham-se, porque ha muita diveridade de castas delles, assim como: *aimorés*, *tupiambás*, *tabajaras*, *petiguares*, *tapuias* e outros.

Alv.—E vivem todos esses, por ventura, com anta brutalidade, como dos que tendes tratado até gora?

Bran.—Case todos se parecem na vivenda, exepto os tapuias que desenfferençam-se grandenente nella, mas não em barbaridade.

Alv.—Pois dizei-me de que modo vivem esses apuyas?

Bran.—Dil-o-hei em summa brevemente; porque se vão já fazendo as horas de recolhermos e larmos remate á nossa pratica. Estes tapuias viem no sertão, e não tem aldeias nem casas orlenadas pera viverem nellas, nem menos plantam nantimentos pera sua sustentação; porque todos ivem pelos campos, e do mel que colhem das arores e as abelhas lavram na terra, e assim da aça, que tomam em grande abundancia pela freha, se sustentam, e pera isto guardam esta orlem: vão todos juntamente em cabilda assentar eu rancho na parte que melhor lhes parece, aleantando pera isso algumas choupanas de pouca mportancia, e dalli vão buscar o mel e caça por oda, por distancia de duas ou tres leguas. E emuanto acham esta comedia, não desamparam o tio, mas, tanto que ella lhe vae faltando, logo se nudam pera outra parte, aonde fazem o mesmo; desta maneira vão continuando com sua vivenda empre no campo, com mudar sitios, sem se can-

sarem em lavrar nem cultivar a terra ; porque a sua frecha é o seu verdadeiro arado e enxada, a qual tambem não usam juntamente com o arco, como faz o demais gentio ; porque, com ella tomada sobre mão, com a encaixarem em uns canudos, que no dedo trazem, fazem tiros tão certeiros e com tanta força que causa espanto, de modo que case nunca se lhe vae a caça, a que lançam a frecha por esta via. E eu vi os dias passados a um destes fazer um tiro sem arco, que, alem de dar no alvo a que atirara, passou uma grossa porta de parte a parte. Tambem são na falla differentes; porque o demais gentio os não entendem, por terem a linguagem arrevesada ; trazem os cabellos crescidos como de mulheres, com serem geralmente tão temidos de todo o mais gentio, que é bastante um só tapuia pera fazer fugir muitos ; e assim entram mui poucos por grandes aldeias mui confiados, e dellas tomam tudo o que querem, sem ninguem lhes vir á mão; e ainda as proprias mulheres lhe deixam levar, tão grandissimo medo lhe tem cobrado. E com isto me parece que tenho já chegado ao limite de minha obrigação, o menos mal que pude, deixando-vos agora o campo aberto pera poderdes condemnar o Brazil por ruim terra, como de principio fizestes, se virdes que, com as verdades que delle tenho dito, se lhe pode de justiça attribuir semelhante nome dos avisados ; porque dos nescios não trato, que os seus ruins discursos os desculpam.

ALV.—Tendes-me já tão convertido a vossa seita, que por toda a parte por onde quer que me achar, apregoarei, do Brazil e de suas grandezas, os louvores que ellas merecem.

FIM

POSTFACIO

Quem pode ter sido o auctor deste livro? E, qualquer que seja o seu nome, fôra elle nascido em Portugal ou em Pernambuco? Eis duas questões que assaltam logo, desafiando a nossa natural curiosidade, que se augmenta ao ler as paginas em que o proprio auctor dá de si tantas e tão explicitas indicações biographicas, apresentando ao mesmo tempo, para resolver a segunda questão, argumentos em favor de uma e outra opinião.

Com effeito, diz-nos o auctor que, em 1583, corria em Pernambuco com a cobrança dos dizimos, e que em 1586 viu em mato o logar em que hoje está a cidade da Parahyba; que em 1591 estava de novo em Pernambuco, e ahi militára perseguindo, com gente armada, Petiguares na mata do Brazil; que em 1599 fôra a Portugal; que ahi estava em 1607; que ahi tinha engenho e ahi escreveu a obra em 1618

Ao ler pela primeira vez mui por alto, ha mais de trinta annos, esta obra, encontramos tropeço quasi invencivel em ser filho de Pernambuco o auctor no dizer elle que em 1583 era *novo na terra*, usar muito das expressões os *nossos Portuguezes, nosso Portugal, nossa Lusitania, nós os Portuguezes*, especialmente empregando esta expressão: *temos povoado nesta costa braziliense*. Isto corroborado com o encontrarmos em Barcia a noticia de que um tal *Brandaon* havia sido auctor de outros semelhantes *Dialogos*, e em vista do nome *Brandonio*, que se dá o interlocutor que se inculca de autor e mestre, julgamos não ser esta a obra de que elle tambem trata, attribuindo-a a Bento Teixeira.

Hoje, com o estudo mais aprofundado do inedito, com o reconhecer que elle foi escripto em Pernambuco por um individuo que não hesita em

declarar essa capitania como superior á propria da Bahia, capital do Estado; que mostra pelos adiantamentos do Brazil todo tanto interesse que julga as tres capitanias já n'aquella epocha capazes de ter senhor livre e *isento* (independente), e de não necessitar o Brazil sequer de mais colonos de Portugal; que até quando censura, se reconhece que o faz por excesso de zelo, e chega a dizer que os filhos do Reino iam ao Brazil aprender a ser bem fallantes, e até a civilidade e a policia— «*Academia pubrica, aonde se aprende com muito facilidade toda a policia, bom modo, honrados termos de cortesia* », e « *os filhos de Lisboa e os das demais partes do Reino vem aprender a elle* (Brazil) *os bons termos, com os quaes se fazem differentes na policia que antes lhes faltava*»--não hesitamos em crer que foi ella obra de um Pernambucano, e então não pode o auctor ter sido senão o proprio tradiccional Bento Teixeira, auctor da *Prosopopeia*, pois não era possivel encontrar se em qualquer colono obscuro e que de si não deixasse a menor noticia tantas qualidades recommendaveis de instrucção.

Si elle diz que em 1583 era *novo na terra*, devemos interpretal-o, como ahi recem-chegado da metropole, depois de lá haver passado a adolescencia a frequentar os estudos, talvez desde 1569. E si defende a gloria das conquistas portuguezas, e diz *nossos Portuguezes*, não pode ser isso apresentado como argumento em contrario, quando de expressões analogas vemos que usavam outros antigos colonos, que ninguem duvida haviam nascido no Brazil, visto que as expressões *Brazliense* e semelhantes eram applicadas aos indios ladinos e mamalucos, distinguindo-se na colonia por Portuguezes os de puro sangue da Europa.

Por outro lado, o proprio interlocutor Alviano, que figura recem-chegado do Reino, e com todas as prevenções contra o Brazil, não hesita em reconhecer a Brandonio os foros de Brazileiro, quando lhe diz: « *o vosso Brazil.*»

Somos os primeiros a reconhecer que todos estes argumentos não são infalliveis, e que em parte se prestam tambem á defensa das opiniões oppostas, sendo que cada qual adoptará aquellas com que mais sympathise segundo a sua propria nacionalidade e prevenções. Pela nossa parte contentamo nos de emittir aqui o nosso veredicto, com toda a consciencia, depois de pezar maduramente as razões de um e outro lado; e a circumstancia de nos acharmos quasi no mesmo caso, em que suppomos o auctor, de ter ido na meninice a estudar á metropole, e de voltar de lá na juventude, já quasi alheio aos usos da patria, mas sempre no intimo favoravel a ella, sahindo em sua defensa, apezar de todas as prevenções da educação, nos faz julgar como jurado bastante apto para decidir na questão com conhecimento pleno de causa.

As muitas noticias anteriores, que só nesta obra se encontram, de factos presenciados pelo seu proprio autor, á par de sua naturalidade, de sua linguagem, não isenta de leves incorreções grammaticaes, lhe grangearam inquestionavelmente um honroso logar entre as primeiras publicadas acerca da terra de Santa Cruz.

O estylo dialogal, para o gosto de nossos dias, parece tirar-lhe certa importancia e reduzil-a a um simples cathecismo; mas é certo que estava então bastante em uso, e na lingua portugueza acabavam de empregal-o com mui feliz exito em Castella, Luiz Vivei, e em Portugal Garcia d'Orta, Amador Arraes, Heitor Pinto, Diogo de Couto e outros. Demais: o mesmo estylo dialogal é pelo nosso autor tão bem manejado, que quem ler a obra com attenção notará nisso mesmo muitos mais meritos e menos monotonia do que em uma narração corrente e seguida.

Para esta edição valemo-nos, como dissemos na Advertencia, de um MS, que se conserva na Bibliotheca de Leyde, depois de ter pertencido ao celebre philologo Voss. E' um codice de 157 folhas

em 4.º, de mui boa lettra, encadernado de modo que infelizmente no cortar das folhas algumas palavras foram tambem cortadas.

Na Bibliotheca Publica de Lisboa havia uma copia mais moderna da qual demos noticia na Obs. F. (p. 98 a 100) das *Reflexões Criticas* impressas em 1834 no T. 5.º das Mem. Ultr. da Acad. R. de Sc. de Lisboa. Constava de 106 folhas, sem rosto, nem o nome do A., lendo-se apenas na 1.ª pagina por outra lettra a declaração — *Foi composto por Bento Teixeira*—. Não será estranho que esta copia fosse tirada, nos fins do seculo 17.º, do proprio codice que hoje se encontra em Leyde.

Julgamos dever, em geral, respeitar a orthographia do MS até em suas irregularidades caracteristicas.

Desfazemos os breves escrevendo *com*, *um*, *nem*, em vez de *cõ*. *ũ*, etc. Adoptamos o uso do *u* consoante e do *v* sempre que deve ser vogal.

Regularisamos o uso dos *i*, *j* e *y* empregados indifferentemente no MS. Igualmente regularisamos a orthographia das palavras com as syllabas *ca* e *ga*, *qua* e *gua*, etc, preferindo sempre o uso das primeiras.

Substituimos o *y* por *i*, onde esta letra hoje se emprega. Regularisamos o emprego dos *i i* e dos *e e* trocados muitas vezes, talvez por não haver podido o copista distinguir uma lettra da outra no manuscripto original ; assim como regularisamos o emprego dos *s s* e dos *c c*

O autor era inquestionavelmente homem de bastante saber e bom juizo, e quasi tudo quanto previa vemos hoje realisado. Era em Pernambuco senhor de um engenho e devia occupar na colonia muito boa posição, ao vermos que quando ia á metropole tinha conferencias ou audiencias dos individuos do governo, taes como o Bispo de Coimbra D. Affonso de Castelbranco, quando governador de Portugal, o Conde Meirinho Mor, etc.

Limitando-nos a estas simples considerações,

concluiremos este postfacio, declarando que se antes não demos á luz este MS., foi pelo desejo de o fazer pela primeira vez por meio do *Jornal do Recife* e ao cuidado do nosso amigo José de Vasconcellos nesta propria provincia de Pernambuco, patria querida do autor. (1)

Recife, 30 de Setembro de 1877.

VISCONDE DE PORTO SEGURO.

(1) O *Jornal do Recife* publicou somente o 1º. dialogo.

N. da R

RELATORIO

SOBRE O ESTADO DAS ALAGOAS EM OUTUBRO DE 1643; APRESENTADO PELO ASSESSOR JOHANNES VAN WALBEECK E POR HENRIQUE DE MOUCHERON, DIRECTOR DO MESMO DISTRICTO E DOS DISTRICTOS VISINHOS, EM DESEMPENHO DO ENCARGO QUE LHES FOI DADO POR S. EXC.ª E PELOS NOBRES MEMBROS DO SUPREMO CONCELHO.

O districto das Alagoas da capitania de Pernambuco (tanto quanto os abaixo assignados poderam saber por informações dos moradores que ainda alli existem) tem o seu começo no rio de S. Antonio Grande, e estende-se ao longo do littoral para o Sul até o rio de S. Miguel, comprehendendo para o interior ou occidente o que tenha sido povoado, porque não é costume no Brazil marcar limites para o lado do *sertão*.

As *alagoas*, ou lagoas propriamente ditas, das quaes procede o nome desse districto, são duas, a do Norte e a do Sul, tendo ambas a mesma barra, e demoram na altura de 9° e 3/4 de lat. merid. Nas grandes marés tem somente dez ou doze pés d'agua, de modo que não podem servir senão para a navegaçao de barcos pequenos ou de pouco calado, tanto mais quanto o vento, soprando directa e constantemente do mar sobre a barra, faz quebrar constantemente o mar sobre ella, e assim a sahida torna-se ainda mais difficil, porque só póde effectuar-se com vento de terra e de maré cheia, devendo aguardar-se o concurso destas duas condições.

Trataremos em primeiro logar da lagoa do Sul, porque é a que foi melhor povoada. No tempo da primeira povoação foi seu proprietario Diogo Soa-

res da Cunha, pae de Gabriel Soares da Cunha, senhor do Engenho Novo, o qual a obteve por doação de Duarte d'Albuquerque, senhor de toda a capitania de Pernambuco. O donatario apresentou as cartas de doação aos antecessores dos Senhores Conselheiros Supremos, e essas cartas de presente se acham sob a guarda de Balthasar da Fonseca. O doadordeu a Diogo Soares, como bem allodial, duas leguas ao Norte e tres ao Sul da barra das Alagoas com sete leguas para o interior e mais quatro leguas da bocca do rio Parahyba (que desemboca na mesma lagoa) para o Sul, e sete para o sertão, de sorte que o donatario ficou sendo possuidor de toda a lagoa do Sul. Por sua vez e em virtude da doação a elle feita, Diogo Soares destribuio a diversas pessoas grandes parcellas de terra para serem povoadas; mas como os moradores (exceptuados mui poucos) se retiraram para a Bahia por occasião da passagem de Luiz Barbalho, levando as suas cartas de doação, não é possivel saber ao certo a parte de cada um, e o que soubemos por indagação é o seguinte:

As terras situadas entre Porto Francez e a ponte do rio Cabauna, que é o lado sudeste da lagoa do Sul, foram dadas por Diogo Soares a Gonçalo Ferreira, Gonçalo Fernandes e Francisco Martins. Todos tres retiraram-se e por consequencia as suas posses passaram para a Companhia. Essas ditas terras são boas para pastos e campos de mandioca; é campanha pela maior parte plana e no verão tem sempre agua.

As terras que se seguem para o occidente ao longo da lagoa, onde fica a povoação de Nossa Senhora da Conceição e onde de presente se acha a nossa guarnição, pertenceram á egreja da mesma povoação. Essa egreja foi feita por João Esteves, que era senhor da ilha Massagueina (1) sita abaixo

---

(1) Massangueira.

entre as duas lagoas, e tembem dada (?) á Misericordia.

Depois dessa região que mede meia legua de cumprimento ao longo da lagoa, segue-se uma outra meia legoa pertencente a Belchior da Costa que reside no rio de S. Francisco, e d'ahi seguio (?) para vir povoar as suas terras.

Em seguida se encontram as 600 braças de Antonio Fuentes e meia legua de Simão André; ambos retiraram-se. Gabriel Soares pretende haver, a titulo de credor, as terras e bens de um e de outro.

Segue-se a meia legua do capitão Manoel de Magalhães, que deixou-se ficar sob a nossa obediencia, e depois 600 braças de Pedro Gonçalves, ausente. Diogo Soares não fez doação das demais terras do lado do Sul, mas conservou-as para si.

Toda a região nomeada estende-se da lagoa para o Sul até o rio Itinga, e, como a que fica ao oriente da povoação, é tambem propria para creação de gado e plantações de mandioca. As terras que ficam proximas ou á vista da lagoa são as melhores, exceptuadas aquellas onde existem os engenhos; em geral as do lado meridional da lagoa do Sul são superiores as do lado septentrional.

Toda a parte septentrional da lagoa do Sul presentemente não está povoada; antes porém da vinda de Luiz Barbalho era occupada pelas seguintes pessoas que obtiveram terras por doação de Diogo Soares da Cunha:

Começando do oriente ou da pequena egreja, a primeira doação foi feita a Manoel Gonçalves Evangelio e comprehendia meia legua ao longo da lagoa. O donatario retirou se por occasião da guerra.

Segue-se meia legua dada a Nicol (Nicoláo) Fernandes, que ficou residindo nesta conquista. Depois egual parcella concedida a Marcos de Torres, ausente; idem a Gonçalo Fernandes, ausente; idem a Leonora Bezerra, que reside no rio de S.

Francisco ; idem a Balthasar de Mattos, ausente : idem a Manoel da Fonseca, ausente ; idem a Domingos Martins, que retirou-se e cujos filhos residem no rio de S. Francisco ; segue-se uma legua inteira dada ao padre Antonio Gonçalves, ausente, e foi esta a ultima doação feita por Diogo Soares da Cunha.

Toda esta parte septentrional da lagoa actualmente não é povoada ; está talvez inteiramente inculta e deserta, porque os poucos moradores que ahi ficaram depois da guerra se transportaram para a parte do Sul, onde fizeram assento, e se acham mais seguros contra os negros dos Palmares, porque ahi permanece a nossa guarnição.

Outrosim, toda essa orla ou borda do mar, que é o declive ou descida dos montes, é propria para plantação ; a planicie, que fica em cima, offerece uma razoavel pastagem e tem abundancia d'agua. Os moradores desta parte não costumavam alimentar-se de peixe, porque a praia não é tão apropriada para a pesca quanto a do lado do sul. As terras da parte occidental da lagoa são do Engenho Velho, que fica á beira mar e pertence a Domingos Rodrigues de Azevedo.

Quanto á pesca nestas lagoas, industria de que os moradores tiravam o seu maior proveito faz-se nos mezes de verão, que é quando a agoa das lagoas se torna salobra e menos profunda ; na estação chuvosa pouco ou nenhum peixe apanha-se, porque as chuvas fazem a agua fresca, e os peixes fogem para o mar. Os que se pescam ahi são lucios, carapebas e principalmente curimães ; este é um peixe de pé a pé e meio de cumprimento, e nos mezes de Novembro, Dezembro e Janeiro engortam tanto que servem-se da pelle delle como oleo para arder nas lampadas. De uma curimã fresca podem tres pessoas fazer o seu jantar ; vende-se por seis *stuyvers*, e a carapeba por um ; a carimã secca vale oito *stuyvers*. Pesca-se á noite com redes de 60 até 70 braças de cumpri-

mento ; deitam-nas no logar onde percebem o peixe e impellem-no para ellas, batendo com os remos (n'agua) ; de dia, porém, ou em noites de luar claro, quando as redes podem ser vistas, é infructuosa a pesca, e por isso no plenilunio deve cessar durante uns oito dias.

No verão as lagoas tem constantemente sete a oito pés de profundeza, e a agua é um pouco salobra ; mas no inverno, quando os rios transbordam, eleva-se mais seis a sete pés e torna-se então de todo doce, e não é clara Anteriormente havia de ordinario na lagoa do Sul dezesete a dezoito pescarias, mas actualmente só existem quatro.

A lagoa do Norte (que não é menos piscosa que a do Sul) foi dada com as suas terras circumvizinhas por Duarte de Albuquerque a Miguel Gonçalves Vieira, provedor da fazenda d'el rei, pois ditas terras estavam comprehendidas na doação que se lhe fez de cinco leguas ao longo da costa de Paripueira para o Sul, e de dez leguas para o sertão. Assim como Duarte Soares destribuio as terras da lagoa do Sul, o provedor destribuio as do Norte a differentes pessoas em dez datas, sendo cinco na parte do norte e outras tantas na do Sul ; mas os donatarios tendo-se passado para o inimigo durante a guerra, todas essas terras (que tem a mesma natureza das da lagoa do sul) estão vagas e inteiramente incultas, pois não ficaram ahi senão as pessoas declaradas na lista que vae baixo, e essas residem na parte do Sul da lagoa, onde têm duas pescarias.

As ilhas que ficam para baixo e para a parte da barra entre as duas lagoas são as seguintes :

A ilha *Massagueira*, dada por João Esteves á Misericordia. *Precario*, habitada por Manoel de Caldas, tem pasto para 300 a 400 animaes e terras proprias para mandioca.

A ilhota defronte da entrada é habitada por um portuguez e um paisano hollandez, que vivem da pesca ; de maré cheia fica na maxima parte alaga-

da e por causa da salsugem é impropria para pasto ou plantação. Pertenceu a um individuo que retirou-se.

A ilhota, que fica justamente ao occidente da precedente, onde os barcos surgem, é da mesma natureza ; habitam-na duas ou tres familias portuguezas que vivem da pesca. Pertence a Gabriel Soares.

As ilhotas (marcadas) no mappa para o lado da lagoa do Norte ficam alagados de maré (cheia) ; são improprias para a cultura ou habitação.

A ilha do *Porto*, situada no começo da lagoa do Sul, pertenceu a Antonio Porto, ausente ; em alguns logares é propria para plantação, mas em tempo chuvoso, quando a agua da lagoa cresce, fica pela maior parte submergida.

A ilha ao oriente da da Misericordia, situada entre a barra e o caminho do Porto Francez, é propria para pasto e plantação de mandioca. E' occupada por Antonio de Castro, que se estabeleceu nella o anno passado com sua familia, e ahi tem uma soffrivel partida de gado, bem como tem feito boa plantação.

A ilha que fica ao oriente da barra e se estende ao longo da costa para a ponta de Jocara, não é habitada, pois os moradores retiraram-se para a Bahia.

No districto das Alagoas se encontram seis engenhos—tres na lagoa do Sul e tres na do Norte Tem excellentes terras para pastos e cannaviaes ; mas, pela pobreza dos donos, ainda este anno não poderão ser postos em estado de moer.

Na lagoa do Sul o primeiro é o engenho de Domingos Rodrigues de Azevedo, de que já fallamos, situado ao lado occidental da lagoa e chegado á margem. Faltam-lhe a casa de moenda e a roda d'agua, mas o dono está serrando madeira para preparal-a e pretende moer no anno proximo, pois que tem provisão de cannas. Domingos Rodrigues comprou este engenho a Gabriel Soares.

O segundo é o engenho *Novo* de Gabriel Soa-

res, situado no rio Parahyba. Tem provisão de cannas, mas como a casa de moenda não está completa, nem a casa de purgar coberta, adiou a moagem para o anno proximo.

O terceiro é o engenho *S. Miguel.* Pertenceu a Antonio Barbalho Feio, que o vendeu pouco tempo antes de retirar-se para o inimigo a Marten Meynderse, paisano mercador. Actualmente está deserto, nada tem de pé senão a casa de purgar, as caldeiras de moenda e a mesma moenda. As terras são mui boas.

Os tres engenhos da lagoa do Norte estão situados no rio Mondai, que despeja no mesmo lago pelo lado occidental.

O primeiro ou o mais proximo pertence a Huybrecht e Jacob Cloet, e só tem a casa de purgar; tudo o mais está inteiramente arruinado.

O segundo pertence a Lucas de Abreu, ausente, e somente está em pé a capella.

O terceiro pertence a Antonio Martins Ribeiro. Posto que, por causa dos poucos negros que ahi existem, esteja tudo acabado, ainda não se pôde até o presente fazel-o moer; mas parece bem provavel que dos cinco engenhos seja este o que primeiro moerá.

A'vista do engenho de de Cloeten fica a aldeia *Mondai*, que se compõe de dez ou doze familias de indios e foi transferida para ahi de S. Antonio, junto ao Parahyba. Convindo muito que, para tranquillidade e segurança dos moradores das Alagoas contra os negros dos Palmares, S. Amaro fosse de novo habitado pelos indios (pois S. Amaro fica justamente na passagem), tiveram elles ordem de retirar-se de Mondai e estabelecer alli a sua aldeia; mas por causa da sua fraqueza não ousam residir em S. Amaro, salvo si se mantiver alli constantemente uma força de trinta ou quarenta soldados.

No districto das Alagoas se comprehendem de ordinario os campos de *Inhaúí*, situados no rio de

S. Miguel, que passa de permeio. São conhecidos esses campos como os mais bellos pastos de todo o Brazil. Antes da guerra existia ahi uma incrivel copia de gado, e de presente não só se acham deshabitados pelo homem, como quasi não tem gado, não tanto em consequencia das excursões que por ahi houve (com o que se destruio uma grande parte delle), quanto por causa dos tigres que nessa região augmentaram, e especialmente por causa dos morcegos; visto como estes cahem sobre os animaes e lhes furam o couro com os seus dentes agudos, as moscas pousam immediatamente para sorver o sangue, e os bichos ou insectos apparecem, o que faz morrer o gado. Esta é a razão porque o gado, em vez de augmentar por si mesmo, está destruido e aniquilado. Mas, em sendo os campos habitados e o gado tratado, o mal a que agora está sujeito póde ser prevenido mais facilmente.

O caminho ordinario do engenho S. Miguel ou da aldeia situada defronte para os campos de Unhaú, segue ao sudoeste e ao longo do rio primeiramente, durante duas leguas de boas terras de pasto, até Furado, ribeiro que sahe no S. Miguel, e depois por tres leguas de campina secca ou charneca até o passo do rio, onde começam os campos de Inhaú.

As ditas cinco leguas pertenceram a Antonio Barbalho, que foi senhor do engenho S. Miguel.

Os campos de Unhaú pertenceram ás pessoas seguintes: a primeira meia legua (a contar) do dito passo a Gonçalo Ferreira, ausente; depois uma legua a Manoel de Caldas, que mora na ilha da Misericordia; duas leguas de terras, uma do lado do Norte e outra do lado do Sul do rio S. Miguel a Manoel Pinto Pereira, que reside em Serinhãem, mas vae morar nas Alagoas; duas leguas situadas junto ao rio a Gonçalo da Rocha Barbosa, ausente; duas leguas situadas do mesmo modo aos filhos de Brasio Correia Dantas, que ficaram

residindo nesta conquista ; meia legua a Bastião Ferreira, que reside na lagoa do Sul ; meia legua a Mathias Correia de Brito, que tambem ficou ; meia legua a Belchior Pinto, que reside em Serinhãem ; finalmente tres leguas a Belchior Alves, e estas são as ultimas que se descobriram nestas regiões. Todas essas terras (a contar) do passo do rio são as melhores e mais bellas pastagens do Brazil, e, como dissemos, estão presentemente desertas.

Pois que tratamos do rio de S. Miguel, diremos quaes as pessoas a quem pertenceram as suas respectivas terras. As terras situadas ao longo do rio da parte do norte, estendendo-se para cima meia legua até o engenho de S. Miguel, pertenceram aos herdeiros de D. Genevra (Genoveva ?), viuva de D. Felippe de Moura, os quaes se passaram para o inimigo. Conservaram as terras para si somente, sem querer dal as a outrem, porque, como eram ricos, não queriam admittir nellas senão quem tivesse meios para levantar engenho, e para este fim desejavam conservar a madeira no seu todo ; finalmente deram meia legua de terras abaixo do engenho S. Miguel a Bastião Ferreira, mas este foi muito perseguido pelos negros do mato, e cerca de seis mezes passados estabeleceu a sua residencia na lagoa do Sul. Em toda esta região não se encontra gado, porque a terra é mui coberta de matas, e mais propria para plantação. E' cortada de muitos ribeiros.

Sobre as terras, que ficam ao Sul do rio, desputaram Gonçalves da Rocha e Belchior Alvares, e a questão compoz-se do seguinte modo : Belchior Alvares possuiria uma legua em quadro, sendo a primeira da barra para cima, e Gonçalves da Rocha quatro leguas ao longo do rio até a egreja de S. Miguel.

Descripto assim o estado das Alagoas, passamos a tratar do modo por que, segundo o nosso juizo, se deve proceder para, de conformidade com

a resolução tomada pela Assembléa dos Desenove a 3 de Outubro do anno passado, povoar-se este districto.

Cumpre considerar a natureza e condição das terras, como são beneficiadas, e a natureza e condição dos da nossa nação hollandeza, que residem nestas conquistas.

Quanto ás terras das Alagoas, ellas em sua maior parte foram utilisadas anteriormente para pastos ou plantações de mandioca e fumo, e para um ou outro trabalho é necessario o serviço de negros ou capital com que sejam comprados, porquanto no Brazil desde tempos antigos é costume empregarem-se negros neste mister. Os brancos abstem-se deste e quasi que de qualquer outro trabalho, e pouco mais fazem a não ser inspeccionar os negros, salvo quando fazem profissão de algum officio, como os de ferreiro, pedreiro, carpinteiro e outros que taes.

Os hollandezes e os subditos de outras nações, que se passam para o Brazil afim de estabelecer aqui a sua residencia, são ordinariamente pessoas de pouca fazenda, e ás mais das vezes o seu fito é vender a retalho alguma mercadoria, estabelecer taverna, ou exercer algum officio. e poucos são os que nos engenhos se occupam com a criação de animaes, plantação de canna ou cultura das terras. Do pequeno numero que a isto se tem dedicado, quasi que nenhum ha que tenha tirado proveito não só por falta de conhecimento do trabalho que emprehendem, como principalmente porque, sendo no Brazil as mercadorias europeas mui caras, a agricultura não póde dar fructos que lhes permittam manter-se devidamente, conforme a condição (que tinham) em sua patria.

Os moradores portuguezes, tanto os simples camponezes como tambem os senhores de engenho, estão affeitos commumente a viver de agua, farinha, um pouco de bacalháo e legumes ordinarios, de modo que em alguns engenhos não ha vi-

nho por muito tempo; os nossos compatriotas, porém, não se contentam somente com tomar á mesa um trago de vinho ou de cerveja, mas gostam tambem de reunir ás vezes os seus amigos, do que resulta que as despezas de manutenção são mui desiguaes: onde um póde subsistir, o outro se arruina. Seria, pois, mui desejavel que os da nação hollandeza se aproximassem um pouco mais da sobriedade dos moradores portuguezes do Brazil, com o que se tornariam mais aptos para povoar as terras. Mas difficilmente se póde alterar as qualidades naturaes, e só a necessidade os força muitas vezes a essa abstinencia (?), de que a não ser assim não querem saber.

Passamos a uma outra consideração, que é a difficuldade de auxiliar os novos colonos com capital bastante para que possam comprar os negros ou animaes necessarios, e com elles estabelecer-se e empregar-se na agricultura. Como as pessoas que se fazem colonos são de ordinario pouco abastadas, é-lhes penoso ganhar primeiramente para tanto, e aquelles que prosperam no Brazil ao ponto de fazer um bom peculio—e os ha muitos—preferem ficar nas suas casas ou continuar nas seus officios, com que se deram bem, ou esforçam-se por voltar á patria com os seus haveres, a applicarem á agricultura o seu conquistado capital, porquanto veem que até o presente poucos por esse meio enricaram.

Em geral os portuguezes tem observado o seguinte a respeito dos nossos compatriotas, e é que nenhum delles, por muito firme que seja a sua vontade (ou por confiança ou por qualquer outro motivo) de tentar fortuna no Brazil, deixa de ter os olhos fitos na patria, e toma a resolução de terminar aqui os seus dias. Não é isto um pequeno embaraço para dar-se firmeza á colonisação dos nossos.

O meio mais prompto e menos dispendioso que tem a Companhia para promover a colonisação

das Alagoas, bem pesadas as difficuldades que ficam expostas, consiste, ao nosso ver, em fazer com que a guarnição desse districto (a qual presentemente consta de duas companhia) se componha de gente casada, e que se lhes pague ahi todo o seu soldo e pensão alimenticia, afim de que tenham recursos para se manterem. Não convem que se lhes fique a dever o soldo mensal para que não procurem mudar de guarnição ou partir para a patria ; de modo que, não vendo elles no presente melhor situação para si, se esforcem por passar melhor, e para isto terão nas Alagoas ensejo mais favoravel do que em qualquer outro logar do Brazil, tanto por causa das boas terras, como porque a região é tão piscosa que, alem de terem peixe barato, o poderão exportar em abundancia, com o que muita gente póde ganhar o alimento. Em circulando dinheiro, não é duvidoso que cada qual cuidará de tirar proveito da plantação, creação de gado grosso ou miudo, ou da pesca, e si algum chegar ao ponto de obter um ou dous negros—o que não é muito difficil, porque o preço dos negros é sempre modico, irão de quando em quando augmentando os recursos.

D'antes era tão grande a abundancia de farinha que muitas vezes o alqueire se vendia ahi por um escalino, porquanto produziam mensalmente oito mil alqueires, de sorte que havia uma grande navegação para exportação de viveres para o Recife.

Por todos os modos se deve trabalhar para este fim, si se quizer ver estas conquistas em um estado florescente.

Entregue no Concelho (do Recife) a 26 de Novembro de 1643.

Johannes van Walbeeck.

Henrique de Moucheron.

Lista dos Portuguezes que residiam nas Alagoas em 1643

Gabriel Soares, senhor do engenho Salgado ou engenho Novo; Matheus Correia de Brito, lavrador; Amaro Fernandes, feitor do capitão Willem Lamberse; Antonio Ribeiro; Estevão Tavares e seu cunhado; Antonio Cardoso; João Rodrigues, cada um com sua familia; Domingos Rodrigues d'Azevedo, senhor do engenho Velho; João Bezerra, seu feitor; Fernando de Souza, mestre ferreiro do engenho; Manoel Rodrigues, secretario do tribunal (dos escabinos).

Na lagoa do Sul

Capitão Manoel de Magalhães, Gregorio de Araujo, Gaspar Monis, Gonçalo Affonso, Balthasar Soares, Simão Correia, Gaspar Gedos, Domingo Francisco, André da Rocha, José de Figueiredo, Antonio Jorge, Gaspar Luiz, Manoel Pereira, Henrique Tassel, Domingo Rodrigues Pereira, Sebastião Pereira, Francisco André, Francisco de Caldas, Antonio Monis, Manoel Machado, Braz da Rocha, Domingo Fernandes, Manoel Lopes, Antonio de Castro, Pero Rodrigues, Manoel de Caldas, Belchior Fernandes, Gonçalo Fernandes de Souza, Manoel João, Antonio Pereira, Felipe Pereira e suas familias.

Na lagoa do Norte

Manoel da Costa, Antonio Fernandes Castilho, Domingos Pinto, Antonio Mendes, João de Vedeiro, Huybrecht Cloet, senhor de engenho; Antonio Martins Ribeiro, idem; Belchior Dias, seu feitor.

——

DESCRIPÇÃO

DOS

Quadros que o Conde Mauricio de Nassau offertou a Luiz XIV (1)

QUADRO DA LITTERA—*C* (2)

N. 1—C'est une pomme nommée *caschu.* Histoire des Indes du Docteur Pison, fol. 121.

N. 2—Une chataigne crûe à la pomme; étant rotie, a le même goût d'une chataigne.

N. 3—Un Tapoyer de la nation qui mange les hommes; leur façon de vivre trouvera-t-on f. 24 sub capite de Regionibus et Indigenis Brasiliæ et Chilii.

N. 4—Une couleuvre ou serpent qui a 20 et 24 pieds de longueur, qui mange les hommes et de la venaison, et tout ce qu'il peut attraper; la peau du dit serpent se trouve-t-encore en l'Académie de Leyden. (Pison, f. 277, 279, 281).

N. 5—C'est un mangeur de vremies (fourmis), et il met sa langue, laquelle est fort longue et plus d'un aune, dans des trous des vremies, lesquelles croyant de manger sa langue, il les avale tout d'un coup, car il n'a point d'autre norriture, et avec la langue étroite, laquelle il sait si dextrement manier il attire l'eau. (Pis. 320).

N. 6—Un oiseau ; sa langue est une plume. (Pis. 92).

---

(1) Esta memoria se encontra entre os papeis do Conde Mauricio; archivo particular do rei da Hollanda.

Reproduzimos fielmente o texto, corrigindo somente a orthographia para facilitar a leitura.

(2) Os quadros das letras A e B não se referem ao Brazil, mas ao Chile, Perú e Angola.

N. 7—Sont des cocos; il y a de l'eau là dedans, et du blanc, qui est en dedans, on peut faire du lait, un grand rafraichissement, principalement en mer ; chaque neud coute deux sous. (Pis 130).

N. 8—Un ananas, le meilleur fruit qui est en tout le Brésil, qui a le goût comme du musque ; la description de ce fruit on trouvera fol. 195.

N. 9—Une chèvre.

LE TABLEAU DE LA LIT.—D

N. 1—Cassia (Pis. 143).

N. 2—C'est un fruit qui a la forme d'un stomac. (Pis. 260).

N. 3—Fantaisie pour représenter une rivière, de laquelle il ne se faut pas servir dans les grands tableaux.

N. 4—Un poisson qui vole si longtemps, que ses ailes mouillées pour se sauver, quand les autres poissons le chassent, et plusieurs se jetent par hasard dans les bateaux en mer ; c'est un bon manger. (Pis. 61).

N. 5—Un cheval marin ; on l'a trouvé en Brésil, dont la peau est présentement encore en l'Académie de Leyden.

N. 6—Un léopard.

N. 7—Un Rhinoceros qui peut vaincre un éléphant à cause de la corne. N. B. Cette corne est très bonne contre le venin et d'autres maux.

N. 8—Une biche.

N. 9-Un sanglier. (Pis. 98).

N. 10—La canne, dont on presse le sucre dans les moulins, qui est á voir fol. 108, tournés par quatre bœufs

N. 11—C'est comme on plante les cannes en terre, et de chaque neud il croit une autre canne, si grande comme les autres, et il est très remarquable, quand un harpan (arpent) est planté une

fois, en quatre vingts ans on n'a pas à faire de les replanter, non obstant qu'il a été brulé, comme les ennemis font souvent. (Pis. 109).

N. 12—Un loup.

N. 13—Un petit crocodile, dont il y en a qui ont cinq et six pieds de longuer.

LE TABLEAU DE LA LIT.—E

N. 1—C'est un animal qu'on appelle le *Pares-seux*, qui va si lentement, qu'il lui faut plusieurs jours pour monter un arbre. (Pis. 32).

N. 2—Un moulin á sucre tourné par une revière. Des chaudières dans lesquelles on écume le sucre; on les trouvera dans l'histoire du Docteur Pison, fol. 110. On les peut mettre dans les grands tableaux aussi grands que nature; numéro un ce sont les formes, dans lesquelles on met le sucre.

N. 3—Un portugais qui conduit une *Senhora de Engenho*.

N. 4—La canne de sucre.

N. 5—La racine nommée *mandioca*, dont on fait de la farine pour la manger ou bien du pain. (P., 114).

N. 6—Une charrette à la mode de ce pays-lá, sur lesquelles on mène ordinairement les cofres du sucre.

N. 7—C'est un melon à eau, qui rafraichit extrémement.

N. 8—La vraie taille des bœufs du Brésil qui son extrémement furieux, principalement ceux qui ne sont pas chatrés.

LE TABLEAU DE LA LIT—F

N. 1—Un fruit qui se nomme *Bacovas*, fort

doux et bon à manger tout cru, l'arbre a le même nom; de ses grandes feuilles les Brésiliens couvrent leurs hutes. (Pis. 154),

N. 2—Une sorte de flèche avec un bouton pour tirer des perroquets ou autres oiseaux, pour les tenir vivants, et s'il y a une pointe du bois du Brésil qui est très dur, ils percent une porte, même un corselet de fer, comme les picquiers les solent autrefois porter en Hollande. (Pis. 154).

N. 3—Une *mulata*, dont sa mère a été nègre, et son père un blanc; de cette façon ils portent toujours les fruits.

N. 4—Des raisins; ils murissent quatre fois l'année, fort doux, et le vin en est très agréable, et quand on les plante, trois mois après il portent du fruit.

N. 5—L'ornement des Tapoyers fait de plumes.

N. 6—Un fort nommé Porto Calvo, pris des ennemis.

N. 7—Des Tapoyers qui pèchent.

N. 8—C'est de la farine, qu'on mange au lieu du pain, fait d'une racine. (Pis. 114).

LE TABLEAU DE LA LIT.—G

N. 1—Un autruche, dont on fait les plumes, qu'on porte aux chapeaux; ils ne volent point, mais ils courent aussi vite qu'un cheval, et ordinairement ils mettent leurs courses afin qu'ils ayent le vent en poupe, et pour aller plus vite ils levent tantôt une aile et tantôt l'autre; on les prend à cheval avec des lances en pleine course; les cuisses son extrêmement bonnes, et tout de même si delicat comme un chevreau; ils avalent des pipes de tabac, et même des morceaux de fer.

N. 3—Un animal qui s'appelle *anta*, quasi comme un éléphant, fort sauvage, mais bon á manger.

N. 4—Un vrai tigre, mais d'une extreme grandeur. (Pis. 103).

N. 5—Un sanglier (Pis. 98).

N. 6—Une autre espèce de tigre qui a le poil fort uni.

N. 7—C'est la feuille de la *mandioca*.

N. 8—La racine fendue, dont on fait la farine.

N. 9—Une bute en terre relevée, dans laquelle on plante des morceaux de bois de la susdite racine, tout de même comme on plante le houblon, et en huit mois de temps la racine gagne cette grandeur n. 8. Le (sic) liqueur de la dite racine étant pressé est blanc comme du lait, et grand venin tant pour les hommes que pour touts les animaux, hormis les chevaux (?); la racine étant coupée en petits morceaux engraisse un cheval, fol. 115. Une roue ferrée, litt. A, en façon d'une raspe, avec laquelle on rend la racine menue. Litt. B. c'est une presse, dans laquelle on presse le liqueur de la dite racine. C'est un chaudron de cuivre, dans lequel on sèchel a susdite farine, fort nourissante pour les hommes.

N. B. Il faut peindre ceci dans les grands tableaux à la grandeur et proportion des figures. (P., 114).

N. 10—Un crocodile qui mange même les hommes, s'il en peut devenir maitre.

LE TABLEAUX DE LA LIT.—H

N. 1—Fantaisie pour représenter une revière, de laquelle il ne se faut pas servir dans les grands tableaux.

N. 2—C'est un arbre qui porte des figues, un fort bon manger.

N. 3—C'est ce perroquet, du quel on a entendu parler, qui repondait à tout ce qu'on lui mandait, et même il fit des questions aux hommes, mais tout à la langue brèsilienne; mais les truchements

en firent rapport, qu'il n'a vecu que trois semaines, tout le monde a cru qu'un diable brésilien a parlé pour lui. (1)

N. 4—La façon des pots, dans laquelle (sic) on va quérir de l'eau douce.

N. 5—Une femme d'un Tapoyer.

N. 6—Ce sont les armes des Tapoyers.

N. 7—C'est une nègre (sic), toute rousse, les cheveux et la peau de même.

N. 9—Un Tapoyer, qui dort entre quatre femmes nues sans se mouvoir.

LE TABLEAU DE LA LIT.—I

N. 1—Un animal fort étrange. (P., 99)

N. 2—Un animal, dont ses jeunes sortent et

---

(1) E' este o celebre papagaio de que trata W. Temple, denominado *le Chevalier Temple*, em suas *Memorias*, p. 66. edic. da Hollanda, anno de 1692, citadas nesta parte pelo philosopho Locke no *Ensaio do Entendimento Humano*, liv. 2, cap 27, § 8.

« Eu desejava saber do proprio principe Mauricio de Nassau, diz o autor das *Memorias*, o que havia de verdadeiro em uma historia que varias vezes haviam contado acerca de um papagaio que o principe possuio durante o seu governo do Brazil.

« Dizia-se que esse papagaio interrogava e dava respostas tão acertadas, como si fora uma creatura racional, pelo que acreditava-se na casa do principe que o tal papagaio andava *possesso*. Accrescentava-se que um dos capellães do principe tomára tamanha aversão aos papagaios por causa daquelle, que não podia supportal-os, dizendo que elles tinham o diabo no corpo.

« Ouvi referir todas estas circumstancias e muitas outras que me asseguravam serem verdadeiras, e isto me levou a rogar ao principe que me dissesse o que de verdadeiro havia em tudo isso.

« Respondeu-me elle com a sua costumada franqueza e em poucas palavras: que havia alguma cousa de real, mas que a maior parte do que me haviam contado era falso. E então referio-me que, quando chegou ao Brazil, ouvio fallar nesse tal papagaio; e, com quanto suppozesse que nada de real havia no conto, teve a curiosidade de o mandar vir, apezar de achar-se o papagaio muito longe do logar onde o principe residia.

« O passaro era muito velho e muito gordo. Quando entrou na sala, onde se achava o principe acompanhado de varios Hollandezes, e tanto que os vio, foi dizendo: *que reunião de*

entrent dans le ventre, quand ils voient ou perçoivent quelque chose, dont ils ont peur.

N. 3—Un oiseau fort rare (P. 88).

LE TABLEAUX DE LA LIT.—K

Tout sorte d'oiseau peints à naturel

N. 1—C'est un animal; son poil reluit comme de l'or, et est doux et plus fin que le castor. (1)

LE TABLEAU DE LA LIT.—L

N. 1—C'est un poisson; quand on en mange,

---

homens brancos é esta? Alguem lhe mostrou o principe, perguntando *quem elle era?* O papagaio respondeu que *era um general*.

« Aproximaram-no do principe, e este lhe perguntou: *d'onde vens?*—Papagaio: *Do Maranhão.*—Principe: *A quem pertences?*—Papagaio: *A um portuguez.*—Principe: *O que fazias lá?*—Papagaio: *Guardo gallinhas.*—Principe, rindo-se: *Guardas gallinhas?*—Papagaio: *Sim, eu bem sei fazer chuc, chuc* (como se costuma fazer, quando se chamam as gallinhas, o que o papagaio repetio varias vezes.)

« Repito as palavras desse interessante dialogo em francez, como o principe m'as transmittio. Perguntando-lhe eu em que lingua fallava o papagaio, disse-me que em *braziliense*. Perguntei-lhe tambem si elle principe entendia essa lingua, respondeu-me que não, mas que teve o cuidado de fazer vir dous interpretes, um brazileiro que fallava hollandez, e outro hollandez que fallava *braziliense*; que os interrogára separadamente, e que ambos reproduziram as mesmas phrases.

« Não omitti esta historia, porque é ella extremamente singular e curiosa, e pode passar por certa. Ouso dizer que pelo menos o principe acreditava o que me dizia, e que elle sempre passou por homem de bem e de honra. Deixo aos naturalistas o cuidado de raciocinar sobre este caso, e aos outros homens a liberdade de pensar a tal respeito o que bem lhes aprouver. Seja como for, conclue o cavalheiro Temple, não é talvez de máo gosto destrahir o publico com taes digressões, venham ou não a proposito. »

Papagaio ou *arara*?

(1) O resto da pagina em branco.

on demeure soul, ou comme enivré si longtemps jusques à ce que la digestion est faite. (P., 301)

N. 2—C'est un petit perroquet.

N. 3—Changade (jangada) dont le bois est fort leger, et douse pieds de longueur; les négres sont dessus pour pècher en mer.

N. 4—Sont les œufs ou semence d'un poisson en mer. (P., 51)

N. 5—Sont les chevilles qui tiennent ces trois bois ensemble.

N. 6—Ce sont des bàtons, auxquels ils atachent les poissons qu'ils ont pris; il faut savoir que en mer ils mettent une petite voile sur un bàton, qu'ils ont auprès d'eux, pour aller tant plus vite, et quand il ne fait point de vent, ils vont à la rame.

LE TABLEAU DE LA LIT.—M

Un Tapoyer peint au naturel de la nation qui mange les hommes, avec une femme de la mème nation, ornés et habillés à leur mode ordinaire. Le blanc qu'il a dans les oreilles c'est du coton, de quoi il se sert, quand il fait du feu. Pour faire du feu. il met une flèche sur un bois, et la tourne vitement entre les deux mains, tellement qu'il en prend du feu.

Les deux os ou des pièces du (sic) pipe de tabac, qu'il a au còté de la bouche, lui servent d'un grand ornement, à ce qu'il croit. Ce verd qu'il a au dessous de la lèvre, c'est une certaine pierre, et marque qu'il est marié. Ce qu'il a dans sa main droite, c'est son épée de bois extrémement dur et pesant, de quoi il se sert pour tuer des hommes, ou quand ils ont guerre entre eux mèmes. Pour cacher leur nudité, l'homme se lie avec un petit ruban, et la femme met un bouquet d'un arbre devant et derrière. Cet animal qui est auprès de lui, c'est le mangeur de vremis.

La danse des Tapoyers se fait en chantant avec un grand cri. de tout ce que leurs prédécesseurs et pères ont fait en temps de guerre, et combien de Portugais ils ont tué, et ce qu'ils ont souffert d'eux, tellement que chaque chanson leur sert de memoire, comme (chez) nous les histoires. Même on est assuré qu'ils chantent encore présentement au louange du prince Maurice de Nassau et de ses bienfaits à eux, puisqu'ils ont promis de le faire; une autre troupe de la même nation qui vient aussi pour danser ou entendre leurs histoires.

LE TABLEAU DE LA LIT.—*A A* (2)

Un moulin à sucre tourné par une petite revière.

Au haut de la montagne c'est la chapelle, et plus bas la maison du seigneur du moulin. En bas c'est la maison du Portugais, qui plante le sucre. De delà la revière au haut de la montagne c'est la demeure d'un des principaux Portugais, qui plante le sucre, et la chapelle plus haut.

N. B. Tout ce qu'on voit dans le pays, ce qui a la couleur jaunâtre, c'est de la canne, dont on presse le sucre.

LE TABLEAU DE LA LIT.—*B B*

Au haut de la montagne c'est la chapelle d'un village, qui est là auprès. Un cloitre des pères capucins de l'ordre de S. Franciscus. La maison d'un portugais noble.

N. B. Tout ce qu'on voit dans le pays, ce qui a la couleur jaunâtre, c'est de la canne, dont on presse le sucre.

---

(2) Ignoramos si falta a serie de M a Z.

LE TABLEAU DE LA LIT.—*C C*

Un moulin à sucre tourné par quatre bœufs avec la maison du seigneur et la chapelle. La ruine d'une grande et belle église.

N. B. La même remarque.

LE TABLEAU DE LA LIT.—*D D*

La demeure d'un labrador, c'est-à-dire, qui ne se mèle d'autre chose que de planter de la canne.

N. B. La même remarque.

LE TABLEAU DE LA LIT.—*E E*

Trois diverses maisons ou habitations des *lavradores* qui plantent le sucre, N. B. Idem.

Au bord de la rivière, laquelle s'appelle Parahyba, c'est un fort nommée *Margareta*.

Au haut de la montague c'est la ville de la Parahyba avec une tour blanche, laquelle sert pour un signal à l'entrée de la revière susdite, la nuit on y fait du feu.

LE TABLEAU DE LA LIT.—*F F*

C'est la ville d'Olinda avec leurs églises et cloitres ruinés sur une montagne vis-à-vis de la mer; ce qu'on voit de loin est le Recife, la demeure de la regence et des marchands hollandais et juifs, et magasins du sucre, le havre des grands vaisseaux, comme aussi la demeure du prince Maurice de Nassau, gouverneur du Brésil, a savoir, la où est la maison avec les deux tours blanches.

LE TABLEAU DE LA LIT.—*G G*

Un moulin à sucre tourné par l'eau avec les fours, où on cuit le (sic) liqueur de la canne dont on fait le sucre.

A' l'embouchure du fourneau, le feu est si ardent que les nègres esclaves aiment mieux de mourir, et s'empoisonnent, s'ils peuvent, que de souffrir cette chaleur.

Les Portugais pour leur empêcher de faire, ils leur coupent le garet (jarret?). D'autres qui ont les véroles se guérissent devant un tel four. Au plus haut de la montagne c'est la chapelle, plus bas c'est la demeure du seigneur du moulin. N. B. Idem.

LE TABLEAU DE LA LIT.—*H H*

C'est la ruine de la belle église das pères jesuites dans la ville d'Olinda, laquelle était fort ornée d'or en dedans; ils y disent encore la messe, et font leur service.

La revière se nomme *Bibaribi*; de delà c'est um moulin à sucre avec la demeure du seigneur, et plus haut la chapelle. N. B. Idem.

LE TABLEAU DE LA LIT.—*I I*

Un chapelle et la demeure des Portugais. Un couvent des pères Augustins, et plus bas un village où demeurent des Portugais. N. B. Idem.

FIM

DOCUMENTOS

PELA MAIOR PARTE EM PORTUGUEZ

SOBRE VARIOS ASSUMPTOS (1)

* Ao Illm. Sr. Mathias de Albuquerque, governador e supertendente de guerra da villa e capitania de Pernambuco, como tambem todas as mais pessoas ecclesiasticas, cidadãos, moradores, indios e todo o mais genero de pessoas desta dita capitania de qualquer estado e condição que sejam, paz e saude.

Supposto que os altos e mui poderosos Senhores os Estados das Provincias Unidas e juntamente os illustrissimos Senhores participantes da Companhia das Indias Occidentaes sempre foram de intento tratar com os moradores naturaes e todas as mais pessoas assistentes nesta dita Capitania e mais Provincias com todo o amor, bom trato e em tudo mui amigavel commercio, sem que á pessoa alguma, por minima que seja, se lhe faça oppressão, nem menos os obriguem no particular de sua consciencia, ou lhe seja feita força alguma contra sua profissão e juramento, nem cousa em que possam receber damno ou prejuizo, senão em tudo favor e amparo; comtudo parece que foi Deus assim servido que a villa de Olinda, Recife, fortalezas com todas as mais dependencias se rendessem a força das armas, sendo que o nosso intento era e o desejavamos muito si para isso houvesse havido

---

(1) * designa os documentos existentes no Archivo Real de Haya, e ** os do Archivo particular do rei da Hollanda.

logar, que tudo se entregasse com bom accordo e composição, para que assim os cidadãos e moradores em tudo ficassem possuindo e gozando seus bens, liberdade de seu commercio e consciencia, como dantes faziam, e ainda aventajados em tudo no que podesse ser ; e poisque tudo assim succedeu e são já passados alguns mezes que uns com os outros e outros com os outros nos havemos com toda a inimizade e guerra campal, podemos todavia com ajuda de Deus, sem que nos faça falta a muita força e poder que em breve esperamos, com muita facilidade sustental-a e attender a todas as difficuldades e quaesquer impossibilidades e acommettimentos que sejam, o que sendo assim consideramos e achamos que a dita villa de Olinda nos não é de proveito algum, mas antes poderia ser de perda e oppressão; pelo que commettemos a V. S. obrigados de um amor entranhavel e christão, como tambem pela muita lastima que das perdas e damnos de V. S. temos e do muito sangue que se deve derramar, indo o negocio adeante, se sirva de que nos accordemos e queira acceitar nossa amizade e bom zelo, e quando V. S. haja por bem de que isso assim seja e que nos communiquemos e vejamos, daremos assim aos ecclesiasticos como seculares em tudo todo o contentamento e gosto possivel, e será de sorte que ainda nos darão as graças dos accordos e partidos que com V. S. fizermos, o que tudo cumpriremos, e receberemos a V. S. e aos seus com os braços abertos com muito amor e amisade, e em caso que V. S. não responder, desestimando nossa paz e liberalidade naquillo que é resão, apezar nosso e de V. S. seremos obrigados levar a guerra adeante com todo o rigor, pondo fogo nos suntuosos conventos, edificios desta villa de Olinda até arrasar-se, e isto não obrigados por barbarismos humanos nem que nos dêm alegria as perdas e damnos de V. S., como resão que a teve de pôr fogo a sua patria, senão pela obrigação que nos corre, a lei de soldados e segundo es-

tylo de guerra, não consentiremos nem deixaremos ventagem a nosso inimigo, protestando a Deus e ao mundo que será muito contra a nossa vontade, lastimados da adversidade que d'ahi lhe virá a V. S. E por esta occasião usamos desta advertencia, pedindo a V. S. e a cada um em particular e a todos em geral, assim ecclesiasticos como seculares, tanto quanto amam e desejam a conservação e tranquillidade de sua patria, e fazendo hajam por bem V. S. e seus valedores dar ordem para que dentro no termo de 25 dias, que se cumprirão 20 deste mez de Outubro, se nos manifeste seu intento, aliás passado o dito tempo, sem que V. S. nos responda sobre este caso, no que não duvidamos, se porá em execução o acima dito, apartando de nós toda a clemencia, usando de todo o rigor, do que V. S. será causa, e dará conta a Deus das perdas e menoscabos que a esta villa virão, abrazando-a e destruindo-a até a deixar feita cinza, e assim queira V. S. com tempo deliberar-se atalhando os damnos que d'aqui hão de resultar. Guarde Deus a V. S. Feito no Concelho d'Estado a 6 de Outubro de 1830. (Sem assignatura).

———

** Sua Excellencia e mui nobres Senhores do Supremo e secreto Concelho, a todos os moradores desta conquista do Brazil, mandamos saber como para prevenir faltas de mantimento de farinha que causasse alguma fome entre os moradores, especialmente os pobres, que nos vae ameaçando por os negros dos lavradores de roças se occuparem em prantar assucares; portanto a todos quaesquer moradores, assi senhores de engenho e lavradores de canna e roças, sem alguma falta façam prantar por cada peça de trabalho que tiver 200 covas no mez de Agosto, sob pena de quem *negliger* (sic) prantar as ditas obrigações de 200 covas pagar por *amenda* (sic) o valor da falta que nisso houver;

portanto mandamos o nosso fiscal e officiaes de justiça que com muita attenção se informem sobre os que forem em falta por assi nos parecer servir pera o bem do povo todo. Felto em nosso Concelho, hoje 13 de Abril de 1638.

Por ordem de Sua Excellencia e Supremo Concelho

Carpentier

** Sua Excellencia e mui nobres Senhores do Supremo Concelho fazemos saber a todos os moradores do Estado conquistado do Brazil, mandamos saber como para prevenir faltas de mantimento de farinhas que causasse alguma fome entre os moradores, especialmente os pobres, que nos ia ameaçando por os negros dos lavradores de roças se occuparem em prantar cannas, tinhamos o anno passado publicado um mandado por onde obrigamos aos moradores a que plantassem roças, ao qual muito poucos obedeceram; portanto nos pareceu necessario renovar o dito edital, e de novo mandamos a todos quaesquer moradores, assi senhores de engenho e lavradores de canna e roças, que sem alguma falta façam plantar por cada peça de trabalho que tiverem 200 covas de mandioca, a saber, 100 covas neste mez de Janeiro e outras 100 no mez de Agosto proximo, sob pena de quem não quizer prantar as ditas obrigações de 200 covas digo 400 covas pagará por a emenda o valor da falta que nisso houver, e quem se achar por devassa que agora mandamos tirar não ter plantado o anno passado e mais negligente de plantar este anno pagará a emenda dobrada. Portanto mandamos o nosso fiscal e aos officiaes de justiça que com muita attenção e diligencia se informem sobre os que forem em falta e procedam contra elles até se executarem em conformidade deste e por assi nos prazer servir para o bem do povo todo.

Feito em nosso Concelho, hoje 18 de Janeiro de 339—Recife. Por ordem de S. Exc. e Supremo oncelho

Carpentier.

——

** S. Exc. e os mui nobres senhores do Supremo Concelho a todos os moradores deste Estado do Brazil, debaixo da obediencia dos mui altos e poderosos Senhores Estados das Unidas Provincias dos Paizes Baixos e illustre Companhia das Indias Occidentaes, mandamos saber como pera boa economia deste Estado não somente será necessario prover de presente sobejem mantimentos e farinhas pera os moradores e nossas guarnições, mas pertencer a bons economos prever principalmente que não haja falta no tempo vindouro; portanto mandamos que todos os senhores de engenho e seus lavradores de cannaviaes, assi framengos como portuguezes, prantem neste mez de Agosto e Setembro que vem por cada negro e negra de trabalho 250 covas de mandioca e outras tantas no mez de Janeiro do anno de 1640, e os outros moradores assi portuguezes como framengos que não tiverem engenhos nem cannaviaes, mandamos que plantem por cada negro e negra de trabalho que tiverem 500 covas de mandioca no mez de Agosto e Setembro e outras tantas no mez de Janeiro proximo, sob pena de quem não tiver prantado as ditas obrigações no mez de Agosto ou Setembro, sendo portuguez ser tido por desleal e pouco afeiçoado a este Estado, e si tambem faltar em Janeiro proximo ir preso á cadeia e ser castigado como desleal, e mandado fóra desta terra, ou como nos parecer, e sendo framengo, alem do castigo acima pagará a real por cada cova que faltar, e pera que este nosso edital alcance seu plenario effeito mandamos a nosso fiscal, ouvidores, escoltetos, escabinos e todos os officiaes de justiça inquiram e se informem

das justiças, e o mandem executar conforme neste edital se contem sem respeito de pessoas framengas ou portuguezas, ou conveniencia nenhuma, sob pena de serem privados de seus officios. e pera que ninguem possa pretender ignorancia mandamos aos nossos escoltetos e escabinos que mandem publicar este edital por todas as partes. praças e logares publicos e egrejas, donde é uso e costume, pera que venha á noticia de todos.

Feita em nosso Concelho, hoje 25 de Julho de 1639.—Recife. Por ordem de S. Exc. e Supremo Concelho

Carpentier.

Maurice, comte de Nassau.

O qual treslado de edital eu Manoel Ribeiro de Sá, publico tabellião do judicial e notas da cidade Mauricia e seus termos, capitania de Pernambuco, e secretario da Camara della o fiz tresladar do proprio que fica em meu poder, a que me reporto e com elle o concertei, subscrevi e assignei de meu signal raso em os 3 dias de Setembro de 1640 annos.

Manoel Ribeiro de Sa.

———

** S. Exc. e mui nobres senhores do Supremo Concelho fazemos saber a todos os moradores de nossa residencia nas capitanias conquistadas neste Estado do Brazil que, antevendo nós o anno passado a falta que havia de succeder do mantimento da terra, e querendo, como é resão, remedial-a com tempo, procurando e attendendo mais ao bem commum que a outro nenhum respeito, mandamos publicar por nossos editaes, que foram fixados em todas as partes publicas das ditas capitanias, que todos os senhores de engenho e lavradores de cannas de qualquer calidade e nação que fossem, pran-

assem no mez de Agosto e Setembro por cada negro e negra de trabalho 250 covas de mandioca e outras tantas no mez de Janeiro seguinte, e outros moradores de qualquer nação que fossem prantassem por cada negro e negra de trabalho que tivessem 500 covas de mandioca em cada um dos ditos tempos, sob as penas contidas nos ditos editaes; porquanto a falta presente nos tem mostrado que o nosso mandado se não cumprio, e que a maior parte dos senhores de engenho e mais moradores não prantaram a dita cantidade de covas de farinha, como lhe foi mandado, e as penas que foram postas são de tal calidade que pera se executarem era necessario preceder primeiro (vistoria ?), e considerando que se podia allegar por escusa a perturbação que os moradores padeceram com as tropas inimigas e successos da guerra que os ameaçaram e outros justos respeitos e dependencias, houvemos por bem de nesta occasião não tratar da execução das ditas penas e somente attender e procurar o remedio da falta do dito mantimento da farinha da terra, pera o que de novo determinamos e mandamos a todos os sobreditos que nenhum senhor de engenho nem lavrador de canas de qualquer calidade e nação que seja, comece a fazer assucre esta safra seguinte que tem principio no 1° dia de Agosto, sem ter primeiro prantado 300 covas de mandioca por cada peça de trabalho negro e negra que tiver, sob as mesmas penas por nós postas nos editaes passados, em que serão executados a nosso arbitrio, e além dessas perderão os que o contrario fizerem todo o assucre que tiverem feito, si deitarem a moer antes de fazer a dita pranta de mandioca que lhe é mandada por este edital, e este assucre cobrarão os nossos escoltetos e applicarão a metade para si e a outra metade para a obra da ponte que ora se edifica na passagem do Recife, e para execução da dita pena correrão os escoltetos no mez de Outubro todos os engenhos de seu districto, fazendo pesquizas e exa-

24

me do cumprimento deste novo mandado ; e porquanto no mez de Janeiro é tempo da moenda d assucre, escusamos pela dita occupação aos senhores de engenho de mais pranta de mandioca no decurso do anno, mas não aos lavradores de canna que a esses mandamos sob as mesmas penas referidas que no mez de Janeiro e Fevereiro prante cada um 200 covas de mandioca por cada peça de trabalho que tiver negro e negra na mesma forma que acima é declarado, e aos outros lavradores que não tiverem engenhos nem canna, que nos ditos tempos declarados de Agosto e Janeiro prantem por cada peça de negro e negra que tiverem 500 covas de mandioca em cada um dos ditos tempos, que vem a ser a mil covas por anno sob as penas contidas nos nossos editaes passados para se executarem a nosso arbitrio, e além dessas encorrerão em pena de metade dos escravos que tiverem de trabalho, a qual applicamos na mesma forma que fica applicada a pena posta aos senhores de engenho e lavradores de canna, sendo certos uns e outros que rigorosamente havemos de mandar executar e observar este nosso mandamento pela grande importancia que em si inclue, e pera cumprimento delle não permittiremos que haja esquecimento ou escusa, nem o haverá em nós de assi o mandarmos executar, porquanto delle depende todo o remedio deste Estado e bem commum, e o contrario seria destruirmo-nos por nossas mesmas mãos, ao tempo que Deus nos guarda evidentemente e defende das dos nossos inimigos, e desde logo mandamos pera bom cumprimento deste decreto a nossos escoltetos e escabinos e todos os mais officiaes de justiça façam suas inquirições e devassas contra os transgressores deste dito decreto e os mandem prender para serem punidos, como temos ordenado, o que farão sem respeito de pessoa, nem nações (?), nem parentesco, nem outra alguma conveniencia, sob pena de serem privados de seus officios ; e declaramos que a dita pranta de man-

dioca se fará na forma costumada pera que bem fructifique, cuja approvação ou reprovação pertence aos escabinos a requerimento dos escoltetos: e pera que o povo possa ser livre de toda a molestia, concedemos que aquelle que tiver prantado sua obrigação o manifeste na camara de sua jurísdicção ao presidente dos escabinos, e com certidão da approvação da pranta a que é obrigado ficará isento de o escolteto o poder examinar, nem chamar mais a juizo por este caso senão a quem enganosamente passar ou mandar passar a dita certidão. E porquanto a nossa tenção não é outra mais que acudir ao bem commum, encommendamos e mandamos a todos os parochos que nos dias festivos nas estações que fazem ao povo lhe encommendem, cada 15 dias ao menos, a pranta de mandioca, conforme lhe temos mandado, e que se guardem das penas postas, pera que depois não possam allegar innocencia nem arequerer perdão, e os parochos que não fizerem esta recomendação o teremos por suspeito a nossos Estados, porquanto nossa tenção não é outra que dar o devido cumprimento a este nosso decreto pera bem commum, pera o que mandamos fixar este em todos os logares publicos desta conquista.

Dado neste nosso Supremo Concelho aos 15 dias do mez de Abril de 1640.

Mauricio, conte de Nassau.

Por ordem de S. Exc. e senhores do Supremo Concelho,

João Walbeeck.

— —

S. Exc. e os Senhores do Supremo Concelho fazemos saber que, porquanto assim convem ao

bom governo e segurança deste Estado, quietação e defensão deste povo, mandamos que, dentro em......... dias que começam o primeiro do dia da data deste nosso mandamento, a toda a pessoa de qualquer calidade, condição, nação e religião que seja, que morar fora do Recife e cidade Mauricia e fora da fortalesa, não exceptuando a ninguem, brancos, negros, mulatos e mamalucos, portuguezes, francezes ou flamengos, não sendo pessoa que actualmente serve em nossa milicia, logo entreguem todas as armas e toda a polvora e munição que tiverem aos comendores da freguezia mais vizinha, ou a quem alli estiver por nossa ordem para as receber; não exceptuando arma alguma feita pera ferir ou matar, ou seja espada ou adaga ou dardo, e em 1.º logar as armas de fogo. Mas não entendemos serem armas os instrumentos ou ferramentas dos engenhos e lavradores, tirados os facalhões dos carreiros que reputamos por armas, e receberão quitação da cantidade e calidade das armas que se entregarem, sob pena que, sem alguma remissão ou esperança de perdão, será morto enforcado aquelle que se achar que ficou com arma alguma depois de passado este termo, a qual pena se executará com o mesmo ou maior rigor do que foi antigamente no tempo da guerra, e achando-se armas escondidas a algum dos moradores serão obrigados todos de sua freguezia a responder por elle, e S. Exc., depois da dita entrega das armas, as concederá somente a quem lhe parecer digno dellas, e ninguem sob a mesma pena poderá d'aqui por deante fazer outras armas ou tel-as nunca sem ordem de S. Exc., nem ferreiro algum ou armeiro forjará ou fará arma alguma em nenhum tempo sob a mesma pena, das quaes cousas todo aquelle que for accusador em publico ou em secreto o teremos por mui fiel e honrado vassalo deste Estado, e lhe daremos sobre isto por premio 100 florins, e mais si o caso fôr tal que o merecer.

Dado em este nosso Concelho hoje.......... (sem data.)

Mauricio, Comte de Nassau.

Por ordem de S. Exc. e dos Senhores do Supremo Concelho.

J. van Walbeeck.

—

** Porquanto a pena de forca e morte natural para sempre, posta por nosso edital publico sobre a restituição das armas, infallivelmente se ha de cumprir e muito sentiremos que alguma pesssoa, ou por inadvertencia ou por malicia, incorra na dita pena, não havendo entregue as armas que tiver, como lhe foi mandado, e querendo desviar tamanho mal a todos nossos subditos, porque a todos desejamos larga vida, e não tiral-a, de novo os admoestamos a todos de qualquer calidade, e condição, e nação que sejam, que si, por inadvertencia, curiosidade ou malicia, ficou algum com alguma arma, entregue logo ao commendor do presidio mais visinho; o que se não entende com aquelles que, depois do presente edital, tem nova nossa licença e passaporte de S. Exc. para ter armas, e para isso lhe concedemos de termo....... (em branco) dias, depois do dia da data deste, dentro nos quaes o relevamos da pena posta, e acabados elles lhe fazemos saber que fica fechada a porta a toda a remição, e se executarão as penas de forca e morte natural para sempre conteudas no nosso mandado sobre a dita materia, e para nos virem á noticia os culpados retensores de armas mandaremos fazer as diligencias necessarias.

Dado no Supremo Concelho, aos........ dias de.............. 1643 annos.

J. Mauricio, Comte de Nassau.

Por ordem de S. Exc. e mui nobres Senhores do Supremo Concelho.

J. van Walbeeck.

—

** Porquanto me ha chegado a minha noticia que o escoltete e dous escabinos portuguezes fizeram geral composição sobre penas e condemnações que podiam dever-se, sem examinar em juizo a verdade e justiça, as quaes composições são contra as instrucções do mesmo escoltete, e contra o que os ditos escabinos devem observar no cargo que tem de julgar, pois não podem condemnar a ninguem senão em juizo, ouvidas as partes judicialmente, o que tudo foi muito mal feito, principalmente sendo cousa tão geral e publica, mando que todos os que pagaram por este modo o possam pedir a quem o deram, ou sejam escoltete ou escabinos, e que se lhe tornem, e que mais não façam semelhantes fintas e composições tanto contra direito.

Mauricia............ (sem data nem assignatura.)

— —

** De S. Exc. ao Sr. Alvaro Gomes, a quem Deus guarde, no rio de S. Francisco:

Tenho por informação que ninguem melhor que Vmc. me poderá ajudar nesta occasião, e espero que o faça de boa vontade, porque com a mesma lh'o saberei agradecer, quando me occupar.

Belchior Alvares ha de deixar nesse rio cantidade de gado de differentes marcas que me pertence, e outras cousas que lhe encarreguei; ordeno-lhe que tudo entregue a Vmc. pera que, com sua fabrica, o ajunte e não traga em um, ou dous ou mais lotes, como puder, e não bastando a fabrica de Vmc., occupe a que mais for necessaria,

pelo que lhe peço que tudo o que Belchior Alvares entregar a Vmc. e lhe der por rol, faça diligencia por trazer-m'o com a brevidade possivel, e de tudo será Vmc. mui bem pago aqui. Si Belchior Alvares fôr vindo á chegada desta, não faltará lá ordem pera se entregar a Vmc. o que lhe deixou.

Dada nesta ilha de Antonio Vaes aos 18 de Fevereiro de 1639.

Guarde Deus a Vmc.

Mauricio, comte de Nassau.

——

** Illm. Sr. João Mauricio, Conde de Nassau Catzinellenbogen, Diest, Senhor de Bilstein, Dignissimo Governador, Capitão e Almirante General de mar e terra do Estado do Brazil:

A Camera da villa de Olinda, como mais populosa e principal entre as mais Cameras do povo de Pernambuco e de todo o Estado conquistado, tendo experimentado em as benignas acções de V. Exc. a benevola propenção que tem a este povo e a todos os moradores deste Estado. e desejando constituir em a illustrissima pessoa de V. Exc. um refugio perpetuo e firme asylo e patrocinio contra as inconstancias da fortuna, pera que nas necessidades, apertos, pretenções, negocios e leaes intenções tenham aqui e em Hollanda um padroeiro que os empare e favoreça a sua sombra os povos e moradores do Brazil que com tanto amor governa;

Pede com amoroso affecto e encarecimento a V. Exc. seja servido aceitar debaixo do favor e patriocinio de sua illustrissima pessoa os moradores deste Estado do Brezil. e chamar-se padroeiro seu, quando os mui altos e poderosos Senhores Estados Geraes das Provincias Unidas e S. A. o Senhor Principe de Orange sejam servidos concederno-lo pelas cartas que lhe havemos de escre-

ver, pedindo-lhe a confirmação deste patrocinio em a pessoa de V. Exc., pera que com esta segurança e refugio vivam os moradores alentados e contentes, e o Estado se conserve rendoso aos mui nobres Senhores da outorgada Companhia das Indias Occidentaes, e por penhor desta mercê pedimos a V. Exc. nos despache esta petição como pedimos.

Treslado do despacho de S. Exc.

Sempre tive ao povo portuguez, e a todos os moradores deste Estado a affeção de que tem experiencia, e de novo farei o que a Camera da villa de Olinda me pede nesta petição, e mais particularmente, quando Deus fôr servido levar me a Hollanda, estarei sempre certo, como bom intercessor, com muito boa vontade pera tudo o que ahi se offerecer aos moradores do Brazil com os Senhores Estados Geraes, e S. A. e Concelho da illustre Companhia.

Antonio Vaes aos 3 de Agosto de 1639.

Mauricio, comte de Nassau.

E eu, Manoel Ribeiro de Sá, secretario da Camera da villa de Olinda, o fiz tresladar da propria.

Manoel Ribeiro de Sá.

(CONTINUA)

INDICE

REVISTA

DO

INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRAPHICO

PERNAMBUCANO

DEZEMBRO DE 1887

NUMERO 34

RECIFE
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
1887

RESTOS MORTAES
DE
JOÃO FERNANDES VIEIRA

~~~~~~~~

INDICAÇÃO DO SOCIO FRANCISCO A. PEREIRA DA COSTA

Venho trazer ao conhecimento e consideração o Instituto a resolução de um problema de gran-e interesse historico, qual o da indicação precisa o lugar em que foi sepultado João Fernandes Vi-ira, um dos vultos mais proeminentes da historia os tempos coloniaes, e particularmente do glo-oso periodo da luta homerica da guerra hollan-eza.

O Instituto, que em 1864 tanto se empenhou em esquizas tendentes ao descobrimento do jazigo da-uelle grandioso herõe, que em 1865 ainda prose-uiram, procedendo a escavações em um mausoléo ue a tradição popular apresentava como a sepul-ura de Fernandes Vieira, existente na igreja da isericordia de Olinda e que em 1875 ainda con-nuou em investigações a respeito, por interme-o do nosso digno consocio major José Domin-ues Codeceira, que procurou obter informações ecisas da ilha da Madeira, patria do herõe, on-e, segundo o seu proprio testamento julgava-se pousar, em um jazigo, na capella-mór da igreja Misericordia da cidade de Funchal, capital da ia, vio perdidos todos os seus trabalhos e frus-adas todas as suas esperanças.

Agora, porem, sem o emprego de esforços nem trabalho algum e quando já não havia esperan-s de conseguir-se o almejado fim, o acaso, um

~~~~~~~~

feliz acaso, veio desvendar o mysterioso véo e
trar á luz da evidencia o lugar certo e determ
da sepultura, que, qual outro El Dourado, ta
procurava.

Incumbido pela presidencia da provincia
em commissão com dous de nossos illustres co
legas, os Srs. Monsenhor Joaquim Arcoverde
Albuquerque Cavalcante e Dr. João Baptista R
gueira Costa, examinar e dar parecer sobre os l
vros e documentos historicos existentes nos co
ventos e mosteiros do Recife e Olinda, que conv
nham, mediante cessão, remover para a Biblioth
ca Provincial, encontrei no curso dos meus trab
lhos, na livraria do convento de S. Francisco d
Olinda, a obra—*Memorias historicas dos illustr
simos arcebispos, bispos e escriptores portugue
da Ordem de Nossa Senhora do Carmo*, escrip
por Fr. Manoel de Sá e impressa em Lisbóa e
1724.

Esta obra de que já tinha conhecimento, p
citações de Antonio José Victoriano Borges d
Fonseca, em sua *Nobiliarchia Pernambucana*,
por honrosa menção de Barbosa Machado na s
Bibliotheca Lusitana, e de Innocencio Silva no *Di
cionario Bibliographico*, foi de um grande val
para mim o seu achado, porquanto desejava con
sultal-a, para obter noticias mais circumstancia
das daquelles de nossos conterraneos que perten
ceram á Ordem do Carmo, e especialmente de D
Fr. Manoel de Santa Catharina, natural de Pernam
buco e bispo diocesano de Angola.

Effectivamente encontrei valiosos apontame
tos e no capitulo XI, que trata da origem e fund
ção das nossas vigararias da Bahia e Rio de Jan
ro e da Reforma da de Goyanna, sob o titulo *Ca
logo dos Conventos*, á pagina 58, vem menciona
logo em primeiro lugar o convento de Nossa S
nhora do Carmo de Olinda, em cujo artigo se
este periodo :

« Na capella-mór da sua igreja, da parte d

...gelho, descançam em humilde sepultura as ... daquelle grande Heróe Restaurador do mes... tado, João Fernandes Vieira, e ainda que lhe ...m os marmores para o mausoléo e não tenha ... hio que declare o heroico de suas acções, ti... estas a fortuna de serem escriptas pela ele... penna do Exm. Sr. D. Luiz de Menezes, con... da Ericeyra. Della fez tambem escripto particular, intitulado *Castrioto Lusitano*, o P. Fr. Raphael de Jesus. »

Nada mais positivo, nem mais convincente. Vemos agora o que diz o proprio Fernandes Vieira na verba sexta do seu testamento, feito na sua propriedade de Maranguape, em 15 de Fevereiro de 1674, e aberto em Olinda, no dia do seu fallecimento, em 10 de Janeiro de 1681 :

« Levando-me Deus para si, me terão vinte e quatro horas por amortalhar, com a cera necessaria acesa, e com reponsos de musica ; e peço a todas as pessoas que me rezem um Padre Nosso pelo amor de Deus, e serei amortalhado no habito da Sempre Virgem Nossa Senhora do Livramento do Monte do Carmo, de quem sou Terceiro, e sobre elle o da Ordem minha de Christo, como mais propria do Christão. E será meu corpo mettido em um caixão bem forrado de chumbo e calefetado, o qual será posto em deposito na igreja do convento de Nossa Senhora do Carmo da villa de Olinda, fóra da terra, para d'ahi ser trasladado á capella mór da Santa Casa de Misericordia da Ilha da Madeira, de que sou Padroeiro, onde tenho mandado fazer um carneiro por minha conta e de minha mulher, para ser o nosso encerro e de nossos filhos ; e emquanto se não fizer a obra, cada dia se porá uma lampada acesa no lugar em que estiver o caixão, e porão cêra sempre ardendo, e se dirá uma missa quotidiana por minha alma e de minha mulher e filhos pela esmola de doze vintens cada uma. »

Pela verba transcripta, cumpre averiguar os

seguintes pontos : Se effectivamente João Fe des Vieira foi padroeiro da capella-mór da da Misericordia da Ilha da Madeira e se m construir alli algum jazigo para si e sua fa em que fosse sepultado.

Vejamos. Para responder vantajosa e n vamente áquelles dous pontos, bastam as se tes provas :

1.ª A obra do Dr. Gaspar Fructuoso, sob tulo—*Historia das ilhas do Porto Santo, Made Deserta e Selvagens*, impressa na cidade do Fu chal em 1873, obra volumosa (4° de 920 pgs.) q trata especialmente sobre tudo que diz respeit historia da Madeira, descendo mesmo a partic ridades e minudencias ; pois bem, nesta obra n se encontra a respeito daquella determinação, tratando de Fernandes Vieira, do seu heroismo dos seus serviços no Brazil, termina : « A Mad ra não deve esquecer tão illustre filho, cujo nom é um dos mais celebrados nos annaes brazileiros. E nada mais.

2.ª Os seguintes topicos de duas cartas escri ptas da cidade do Funchal em 24 de Novembro d 1875 e 23 de Julho de 1876, pelo Sr. Carlos Joaqu de Oliveira Castro, pessoa respeitavel e de elev dos creditos, a respeito de investigações sobre assumpto promovidas pelo nosso consocio maj Codeceira :

« Estou de posse de sua estimada carta de de Maio e apontamentos relativos ao testamen de João Fernandes Vieira.

« Foram infructuosas as pesquizas que se fi zeram nos archivos da Santa Casa de Misericordi do Funchal, sobre os ditos apontamentos. Onde se podia colher alguma cousa procurou-se, e eu quatro grossos volumes que vi e li os indices, on de estão copiados todos os testamentos, legados, doações, fôros, etc., etc., que foram feitos á Santa Casa, desde o seu começo até 1700 e tantos, não

e o nome de Vieira nem nada que lhe diga
eito.

Sobre o seu pedido de indagações dos restos
ão Fernandes Vieira, nada pude colher. O
cio do actual hospital (invocação de Santa Isa-
foi construido depois de 1686 e acabado em...
. Na sua capella não existe jazigo algum de
Fernandes Vieira, e mesmo na pauta dos pa-
eiros desta Santa Casa, que data de 1511 (tendo
cipio no hospital de Santa Maria Maior), não
ste o nome de J. F. Vieira.

« Foi tudo o que pude colher, quer de infor-
ções do meu amigo conego Felippe, presidente
commissão administrativa da Santa Casa, quer
Saudades da Terra, do Dr. Azevedo, livro va-
so para a historia da Madeira. »

3.º Fallecendo D. Maria Cesar, esposa de Fer-
ndes Vieira, em 11 de Agosto de 1681, foi sepul-
la na igreja de Nossa Senhora do Desterro, hoje
m o nome de Santa Thereza, em virtude do con-
nto que junto a ella construiram os frades The-
zios, como consta da respectiva certidão de obi-
, que obteve o Instituto, e acha-se publicada á
g. 125 do 1º volume das *Revistas*.

4.º Finalmente, as questões e demandas que
deram depois da morte de Vieira, pelos seus
ultiplos e embaraçados negocios, o facto de ficar
ua mulher residindo em Pernambuco, onde nas-
eu e contava numerosos parentes, e a circum-
ancia já mencionada de não existir jazigo algum
a capella-mór da igreja da Misericordia da ilha
a Madeira; são provas robustas e corroborativas
e todo o allegado, e que vem confirmar a noticia
o padre Fr. Manoel de Sá em sua obra de que a
*capella mór da igreja do convento do Carmo de
llinda guarda os restos mortaes de Fernandes
Vieira.*

Cumpre ainda entrar em uma ordem de consi-
erações de muita importancia para o caso.

O padre Fr. Manoel de Sá era um carmelita

distincto, prelado superior de sua ordem, e e-
ptor de creditos, por muitos trabalhos impor-
tes que deixou firmados com o seu nome, co
consta do *Diccionaaio Bibliographico* de Innoce
cio Francisco da Silva.

E é claro que, escrevendo uma obra sobre
sua Ordem, maximè de uma obra tendente a pr
clamar os seus creditos e reputação dos seus l
minares, como são as *Memorias Historicas* q
vimos de fallar, tivesse a sua disposição os ma
veridicos e valiosos subsidios e as mais fidedign
informações.

Além disso, Fr. Manoel de Sá foi, por assi
dizer, contemporaneo de Vieira, porquanto nasc
em 1673 e morreu em 1735 ; e a respeito de su
Memorias, encontramos o honrosissimo e aut
sado juizo de Barbosa Machado, que diz : em s
Bibliotheca Lusitana, serem ellas *escriptas c
summo desvello e boa critica* ; alem de mencion
o juizo de outros escriptores, taes como Marag
no *Thesaur. Paroch.* que o chama *eruditissimo*,
o padre Manoel Caetano de Souza, que no s
Cathal. dos Bisp., de Port., o chamou « diligent
simo academico..., nas suas nunca bastantemen
louvadas *Memorias* », e em outro escripto « *di
gentissimo e prudentissimo autor.* »

Ainda mais um argumento. Fr. Manoel de S
em seguida ao capitulo referente a sepultura d
Fernandes Vieira, diz que no mesmo convento
no cemiterio dos religiosos, fòra sepultado o bisp
desta diocese D. Fr. Francisco de Lima, o qu
menciona ainda a pag. 153, quando trata da vid
deste illustre carmelita ; e effectivamente foram e
contrados os seus restos mortaes pelo Institut
em 28 de Outubro de 1867, como consta do auto
relatorio respectivos insertos no segundo volum
de nossa *Revista*, pags. 147 a 153.

Deixando assim demonstradas todas as pro
babilidades em favor da valiosa noticia que aca
de encontrar, e trazendo ao conhecimento e co

eração do Instituto, proponho que se procedam investigações e exames necessarios no intuito se encontrar os restos mortaes do heroico bahador, um dos vultos mais altaneiros da guerhollandeza, João Fernandes Vieira.

Sala das sessões do Instituto, 29 de Abril de 36.

JTO DE EXHUMAÇÃO DOS PRESUMIDOS OSSOS DO GOVERNADOR JOÃO FERNANDES VIEIRA, PROCEDIDO NA CAPELLA MÓR DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DO CARMO DA CIDADE DE OLINDA.

Aos dezeseis dias do mez de Junho de mil ito centos e oitenta e seis, na igreja de Nossa Sehora do Carmo da cidade de Olinda desta provinia, ás 11 horas da manhã, achando-se presente a ommissão nomeada pelo Instituto Archeologico Geographico Pernambucano, composta dos Drs. laximiano Lopes Machado, Adelino Antonio de ,una Freire, Joaquim Antonio de Castro Loureiro, Ionsenhor Joaquim Arco-Verde de Albuquerque Cavalcante e Francisco Augusto Pereira da Cosa, para o fim de se abrir a sepultura do jazigo que se presume ser do governador João Fernandes Vieira, em vista da indicação de Fr. Manoel de Sá, em sua obra : *Memorias Historicas dos Illustrissimos Arcebispos, Bispos e Escriptores Portuguezes da Ordem de Nossa Senhora do Carmo*, pagina 38, impressa em Lisboa no anno de 1724, dirigio-se a commissão para o logar indicado em ditas *Memorias*, na capella-mór da referida igreja, do lado do Evangelho, acompanhada das testemunhas presentes Dr. Ignacio de Barros Barreto e Major José Domingues Codeceira, e antes de dar começo aos trabalhos leu-se a indicação do referido chronista que é a a seguinte:

«Na capella-mór da sua igreja, da parte do Evangelho, descançam em humilde sepultura as cinzas d'aquelle grande heróe Restaurador do mesmo Estado (Pernambuco), João Fernandes Vieira, e ainda que lhe faltaram os marmores para o mausolêo e não tenha epitaphio que declare o heroico de suas acções, tiveram estas a fortuna de serem escriptas pela elevada penna do Exm. D. Luiz de Menezes, conde de Ericeyra» E dando principio ao acto da escavação, ao lado do Evangelho, na forma indicada, do primeiro degráo do altar-mór, encostado ao estrado das cadeiras do côro que alli existem em seguimento para o arco-cruzeiro, fez para esse fim a commissão uma abertura no ladrilho, na extensão de um metro e trinta e dous centimetros, e de um metro, pouco mais mais ou menos, de largura, e na profundidade de oitenta e oito centimetros, pouco mais ou menos, encontrou uma coberta de argila rija e solida, que, bem examinada conheceu-se ser formada na extensão de uma sepultura, a qual, depois de destruida essa coberta, verificou-se ter um metro e e setenta e seis centimetros de extensão e sessenta e seis de largura, apresentando descripta no terreno a configuração de um ataúde que devia ter sido aquelle em que fôra encerrado o cadaver que alli se encontrou, sendo de presumir que aquella coberta ou camada de argila se tivesse formado quando abateu o ataúde na occasião em que apodreceu a madeira, visto ser o terreno de argila e se achar muito compacto e rijo.

No fundo da sepultura, que deve ter sido o do ataúde, se via estendida em toda a sua extensão e largura uma porção de cal branca, mais ou menos solidificada, distinguindo-se perfeitamente o lado dos pés e o da cabeça que achava-se envolvida n'aquella camada de cal, tendo os pés voltados para o altar da capella-mór e a cabeça para o arco-cruzeiro ou entrada da mesma capella.

Verificando a commissão que a maior parte

dos ossos se achava em fragmentos e misturados com a cal, fel-a retirar cuidadosamente, bem como os residuos que alli se achavam, fazendo passar tudo em uma peneira grossa, que produzio o resultado que se vê e a commissão apresenta: ossos em sua maior parte fracturados, alguns dentes separados das mandibulas, demonstrando haver estado o cadaver enterrado ha muitos annos; residuos da madeira do ataúde, já carbonisada, pregos de ferro bastante oxydados e gastos, brochas de cobre com cabeças a semelhança das que hoje se usam douradas, indicando terem servido para guarnecer o ataúde, cal petrificada, etc.; o que tudo fez a commissão encerrrar em uma urna de metal que foi conduzida para este Instituto.

Parecendo conveniente á commissão explorar toda a parte do lado do Evangelho, afim de ver se ahi havia mais alguma sepultura, proseguio nesse trabalho escavando todo esse lado desde a extremidade da sepultura de que faz menção este auto, até o arco-cruzeiro sem encontrar outra nesse lado do Evangelho, nem vestigio algum que demonstrasse ter servido o indicado lugar de sepultura além da que fica mencionada, nem tão pouco encontrou ossos ou outro qualquer fragmeuto delles; pelo que deu a commissão porfindo o seu trabalho, mandando lavrar o presente auto que todos assignaram.

E eu Antonio Cavalcante de Albuquerque Pimentel, amanuense do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, o escrevi a mandado da commissão.- Maximiano Lopes Machado.—Dr. Joaquim Antonio de Castro Loureiro.—Monsenhor Joaquim Arco-Verde de Albuquerque Cavalcante.—Francisco Augusto Pereira da Costa.—José Domingues Codeceira.—Ignacio de Barros Barreto.

PARECER MEDICO

Nós abaixo assignados, doutores em medicina pelas faculdades medicas do Brazil, medicos clinicos residentes no Recife, encarregados pelo Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano de examinar os ossos exhumados em 17 de Junho de 1886, na capella mór do convento do Carmo de Olinda, e analysar as substancias calcareas contidas na sepultura, depois de acurado estudo e varias pesquizas, somos levados á diversas considerações em resposta aos cinco seguintes quesitos propostos, embora a resolução de questões desta natureza seja sempre difficil, e tanto mais quanto os dados fornecidos no caso presente são em numero pequeno d'entre os que podem ser estudados, e estes mesmos bastante deteriorados pelo tempo.

1.º Quesito.—Pertencem todos os ossos exhumados a um só individuo ou contém fragmentos bem caracteristicos de mais de um?

2.º Quesito.—Qual é o sexo do individuo a que elles pertencem?

3.º Quesito.—Que idade podia ter approximadamente este individuo?

4.º Quesito.—Pode-se conhecer o tempo da inhumação do cadaver respectivo e saber se esta foi ha um seculo ou ha dois seculos?

5.º Quesito.—De envolta com a cal achada na sepultura, de onde foram extrahidos os ossos, existe algum metal e qual a sua natureza?

DESCRIPÇÃO

Os dados que nos foram fornecidos, além da substancia calcarea, pregos grandes e pequenos, taxas de cobre e pequenos pedaços de madeira quasi que carbonisados, resumem-se nos ossos encontrados na catacumba pela maior parte em fragmentos de tamanhos tão diminutos que não

ɔde se determinar a que parte do esqueleto per-
ncem, sendo pequeno o numero daquelles que
ɔde-se dizer de que osso fazem parte, e muito me-
ɔr ainda o dos que permittem um estudo mais
ı menos completo. Nos fragmentos de tamanho
minuto apenas existe do tecido osseo a substan-
a esponjosa, tendo desapparecido a substancia
ɔmpacta, ficando todos reduzidos pela pressão
ıgital a uma substancia pulverulenta, devido a ter
esqueleto permanecido por tempo muito longo
ebaixo da terra e á acção lenta, continua e pro-
ɔngada do calorico que desenvolvia-se no lugar.
Os fragmentos que podem ser determinados a
ue osso pertencem, como a parte esquerda do osso
ontal, partes da diaphyse do humero, pedaços de
iversas costellas e das phalanges, geralmente em
ɔdas os ossos submettidos a exame, isolada e
omparativamente, não mostram dois pontos ou
uas partes iguaes, notando-se entretanto partes
ymetricas; nem a espessura deixa de ser a mes-
ıa, o que exclue a idéa de haver ossos de mais de
m individuo.

Os ossos que permittem um estudo mais ou
ıenos completo são a clavicula, o omoplata, os
lois femures, o osse illiaco, o maxillar inferior, os
arietaes e algumas phalanges, sendo que todos
lles não estão em estado de completa integridade.

Clavicula.—A unica que encontrámos é a di-
eita, medindo 15 centimetros de comprimento;
ıota-se nella que a superficie de inserção do mus-
:ulo sterno-cleido-mastoidiano no terço interno
la face superior, e a em que se insere o musculo
grande peitoral nos dois terços internos, e o mus-
:ulo deltoide no terço externo do bordo anterior,
ɔem como a superficie de inserção do musculo
:rapesio no terço externo do bordo posterior, são
sensivelmente rugosas.

As rugosidades que existem neste osso para
cima e para diante, destinadas ás inserções mus-
culares, para baixo para a inserção do ligamento

costo-clavicular e para traz para o ligamento sterno-cleido-hyoidiano, são bastante salientes.

Omoplata.—Das duas scapulas a direita está menos deteriorada e mede do angulo superior ao inferior 16 centimetros de comprimento e 9 de largura tomada na parte media, isto é, do bordo externo abaixo da cavidade glenoide até ao ponto correspondente do bordo interno ou espinhal. Sendo este osso de forma triangular, cuja base está no bordo superior ou cervical, é largo e de tamanho não pequeno.

Não apresenta mais a apophyse coracoide, o acromio, a espinha de omoplata e do bordo superior, somente encontra-se uma pequena parte, onde vê-se o angulo superior.

As suas duas superficies rugosas de fórma triangular, uma na parte inferior da face anterior, onde se insere o musculo grande dentado, a outra no bordo axillar ou externo, desde o ponto em que termina a cavidade glenoide até o angulo inferior, no qual se insere a longa porção do musculo triceps, são bastante asperas. A crista obliqua para baixo e para fóra, que divide a depressão da face posterior em duas partes, e dá inserção superiormente ao musculo pequeno redondo e inferiormente ao musculo grande redondo, é visivelmente saliente.

Femures.—Ambos bem espessos e de igual espessura, o esquerdo bastante estragado, o direito dá lugar a uma investigação mais satisfactoria; tem 10 centimetros de circunferencia e o canal medullar bastante largo, mede 30 centimetros de comprimento, sem fallar nas extremidades superior e inferior, que não existem.

Não apresenta mais superiormente a cabeça do femur, o collo anatomico, o grande e pequeno trochanter, nem o collo cirurgico, que, se não faltasse, esclarecia muito nossas investigações depois das grandes discussões havidas e estudos feitos por Chassaigne, Rodet, Malgaigne, Richet e outros, so

e a differença de longitude e direcção do collo ·urgico do femur, segundo a idade e o sexo; in- ·iormente tambem não apresenta os dois condy- s nem o espaço popliteo, mas deixa ver cla- ·mente a bifurcação da linha aspera, conhecida mbem por bordo posterior, com rugosidades uito proeminentes em toda a sua extensão, par- ;ularmente na parte média.

A trifurcação desta linha para a extremidade ıperior é visivel, onde o ramo externo vai ao gran- ; trochanter e dá inserção ao musculo grande uteo; o médio se dirige ao pequeno trochanter e ısere em sua extenção o musculo pectineo; o in- :rno, apezar de pouco pronunciado, é ainda visi- el, e vai ter ao bordo inferior do collo, dando in- erção ao musculo vasto interno. Sua curva é isfarçada e não muito convexa.

Coxal. A porção deste osso que póde ser es- udada, é uma parte do illeo esquerdo, onde encon- ra-se a fossa illiaca interna situada acima da su-)erficie de articulação com o osso sacro; e a parte)osterior da crista illiaca que é bastante rugosa e nserindo no seu labio interno o musculo transver- so do abdomen, no labio externo o musculo gran- de obliquo. Se este osso estivesse completo, po- der-se-hia estabelecer com segurança e clareza o sexo, attendendo ao grande numero de caracteres distinctivos; não obstante vê-se sómente que a fossa illiaca interna é concava e não achatada.

Maxillar inferior.—A parte esquerda deste osso é de pequeno tamanho e deixa só ver o come- ço do ramo ascendente; a direita, comprehendida desde a symphyse do mento, ponto de soldadura das duas metades do maxillar, até o ramo ascen- dente que vai constituir a apophyse coronoide, que falta, assim como o condylo que se articula na ca- vidade glenoide do osso temporal, deixa ver bem saliente o tuberculo mentoniano, o orificio do mes- mo nome mais proximo do bordo alveolar que do inferior, o estado gasto deste bordo e a estreiteza

do canal dentario, sendo que os cinco dentes encontrados estão igualmente bastante gastos.

Os quatro pequenos tuberculos da face posterior denominados apophyses *geni*, algumas vezes pouco distinctos, são muito salientes, sendo visiveis a linha obliqua externa e a myloidiana.

Parietaes.—De grande espessura, apresentam a structura bi-parietal ou sagital já ossificada.

Phalanges.—As encontradas se não são de grande tamanho, tambem não são pequenas; a não ser isto, nada apresentam digno de mensão.

CONSIDERAÇÕES

1.ª O exame minucioso de todos os ossos, a comparação entre os fragmentos de todos os tamanhos e dimensões, os pontos symetricos, a igualdade de espessura e desenvolvimento, nenhuma duvida deixam,de modo que podemos affirmar pertencerem todos a um só individuo.

2.ª São innumeros os caracteres distinctivos quanto á idade no esqueleto inteiro, todavia nos ossos que permittiram um estudo mais ou menos completo encontrámos provas que nos autorisam a dizer com approximação que a idade do individuo a que elles pertenceram é muito superior a 50 annos e mesmo a 60.

Estas provas ou razões são: a ossificação das suturas craneanas, como se verifica na sutura sagital, o que tem lugar dos 50 annos em diante; o estado gasto do bordo alveolar do maxillar inferior, a approximação do orificio mentoniano do bordo superior da maxilla inferior, o que só tem lugar nas pessoas idosas, e não do bordo inferior, como nas crianças, e da parte media da face anterior, como nos adultos; o estado gasto dos dentes, o phenomeno da rarefacção da substancia ossea, determinado somente pelo progresso da idade, o que foi notado em todos os ossos particularmente nos femures e clavicula; a largura do canal

medullar dos femures, nos quaes a substancia compacta que forma sua superficie é bastante delgada.

3.ª Do mesmo modo que a idade, existem muitos dados para distinguir o sexo no esqueleto completo, maxime na configuração e conformação da bacia, mas apezar do estado incompleto e deteriorado dos ossos, encontram-se caracteres pelos quaes póde-se dizer qual o sexo do individuo.

Em osteologia é princpio corrente serem os ossos do homem mais desenvolvidos em tamanho e espessura que os da mulher, bem como todas as rugosidades, tuberculos, cristas e saliencias geralmente fallando, mais pronunciadas no sexo forte que no fraco. Estas circumstancias em sua totalidade verificam-se nos ossos que examinamos, revelando que as inserções musculares deixaram fortes impressões, o que nos leva a affirmar serem todos elles de um individuo do sexo masculino.

Se ajuntarmos a isto o unico dos caracteres distinctivos que encontrámos dos muitos que existem em todo osso coxal, isto é, o não achatamento da fossa illiaca interna que no caso presente é concava e não achatada como na mulher, e ainda mais não sendo a curva da clavicula disfarçada, como sóe ser na mulher, e sim proeminente, nem sendo a curva do femur muito convexa como na mulher e sim disfarçada, maior é a razão de nossa affirmativa. Além disto, attendendo-se a longitude do femur que mede 30 centimetros, faltando as extremidades superior e inferior, e dando proporcional e aproximadamente 15 centimetros para as duas extremidades, temos 45 centimetros para todo femur, comprimento mais que regular e que não é o maximo.

Orfila medio em um grande numero de cadaveres o comprimento proporcional do tronco e dos membros superiores e inferiores comparativamente ao tamanho do individuo; e medindo tambem um não pequeno numero de esqueletos procurou determi-

nar o comprimento de cada um dos ossos dos membros superiores e inferiores proporcionalmente ao comprimento do tronco e de todo corpo.

Estas pesquizas levaram-n'o a organisar dous quadros ou taboas. A 1.ª, resultado das medidas tomadas com exactidão em 51 cadaveres e organisada segundo a idade e sexo, serve para por ella determinar-se não só isoladamente o comprimento de cada um dos ossos longos, como tambem o de todo corpo, do tronco, dos membros superiores e inferiores ; a 2.ª, resultado das medidas exactas tomadas em grande numero de esqueletos, e organisada, segundo o comprimento de todo esqueleto, do tronco, dos membros superiores e inferiores, serve para por ella determinar-se o comprimento de cada osso longo dos dous membros superior e inferior e vice versa.

E' assim que tendo, calculado approximadamente em 45 centimetros o comprimento do femur e procurando nas taboas n. 1 este comprimento, a que sexo e idade corresponde, encontrámos sempre correspondendo ao sexo masculino, 3 vezes á idade 60 annos, uma de 55, outra de 50, e outras a idades menores entre 40 e 20 annos.

Desprezando estas idades abaixo de 50 annos, porque no caso presente temos dados que só podiam ser achados em individuos idosos e de idade superior a 50 annos, chegámos a mais uma prova em favor do sexo masculino e da idade acima de 50 annos.

4.ª Nesta mesma taboa um femur de 42 centimetros de longitude corresponde a cadaveres de tamanhos variaveis entre 1^{m},64, e 1^{m},77 ; tomando a medida temos aproximadamente 1^{m},71 para altura do individuo a que pertence este femur. Pela taboa n. 2 este osso com tal extensão corresponde a esqueletos cujos comprimentos são 1^{m},65 e 1^{m},67 ; tomando a media destes dous numeros temos 1^{m},66 para comprimento do esqueleto desde a parte mais elevada do craneo até a face plantar dos pés.

Ajuntando-se a 1^{m},66, media do esqueleto, 50 centimetros, media justamente da espessura das partes molles do corpo humano, temos para a altura do individuo 1^{m},71, numero que está de accordo com o tamanho ácima determinado, segundo a taboa de medidas tomadas em cincoenta e um cadaveres.

5.ª Medindo a clavicula 15 centimetros de comprimento, póde-se calcular com approximação a distancia que vai da cabeça do humero direito á do esquerdo em 45 centimetros, e tendo a scapula 16 centimetros de largura na parte inferior e 6 centimetros de largura na parte media, conforme descrevemos tratando deste osso, concluimos por estas medidas que o individuo, a que pertenciam esta scapula e clavicula, era de hombros largos.

6.ª Determinar com exactidão o tempo da inhumação de um cadaver somente pelo exame dos ossos é difficil, porque a molestia de que soffreu o individuo a que elles pertenceram, a natureza do terreno, onde foi inhumado o cadaver e muitas outras circumstancias, podem influir para a deterioração mais ou menos rapida dos mesmos; todavia attendendo-se ao estado de pulverisação em que está a maioria dos ossos, a falta da cabeça dos humeros e das extremidades dos dous femures e ainda a destruição da maior parte do esqueleto, é de presumir que a inhumação é de longa data, podendo ser de muito mais de seculo.

Analyse chimica qualitativa.

Apezar de não haver um laboratorio apropriado para exames desta natureza, da falta de apparelhos proprios e ainda de alguns reagentes, como acido sulphydrico, sulfureto de ammonio e outros, procedemos a exame chimico na substancia calcarea, sobre a qual tinha de verificar-se a existencia de metal ou metaes. Ella compunha-se de duas partes, uma branca pulverulenta e friavel, desfazando-se a mais leve pressão e assemelhando-se ao carbonato de cal, porém com mais densidade; a outra acinzentada e em fragmentos

bastante duros com aspecto metallico e sem deixar-se riscar com a unha.

Esta ultima substancia tratada pelo acido nitrico e submettida depois á acção dos differentes reagentes deu, além de outras, as seguintes reacções: com o mono-sulfureto de sodio, precipitado branco gelatinoso com pontos escuros ou cinzentos, não soluvel em excesso de reactivo; com a potassa caustica, precipitado branco gelatinoso, soluvel pela maior parte em excesso de reactivo. com o ferro-cyanureto de potassio precipitado azul da Prussia.

A parte que dissolveu-se em excesso de potassa caustica, sendo tratada novamente por agua destillada e acido nitrico e submettida depois á acção do acido sulfurico, deu um precipitado branco perfeitamente soluvel no acido azotico; levado á chamma do alcool não tingio de purpura a luz, tratada isoladamente pelo acido oxalico e bicarbonato de soda o precipitado obtido foi branco e abundante.

7.ª Procurando interpretar estas reacções, nota-se evidentemente a presença de tres metaes. por quanto o precipitado branco com monosulfureto de sodio e a potassa caustica que em excesso o dissolve em parte, prova a existencia de zinco, assim como as experiencias feitas sobre o resto do precipitado (não soluvel em excesso de potassa caustica) provam existir cal, do mesmo modo que o precipitado azul com o ferro cyanureto de potassio prova a presença do ferro, o que não é para admirar, não só porque de envolta com a substancia calcarea foram encontrados muitos pregos oxydados, como tambem porque no zinco do commercio ha sempre ferro, sendo que o ferro é achado em pequena quantidade, em quanto que a cal e o zinco são achados em proporções quasi equivalentes.

CONCLUSÕES

Tomando por base as considerações que vimos fazer, quer sobre ossos, quer sobre a snbstan-ı calcarea, respondemos aos quesitos que nos ram apresentados pelo modo seguinte:

Ao 1.° quesito; todos os ossos são de um só dividuo.

Ao 2.° quesito: o individuo a que elles pertenəm era do sexo masculino.

Ao 3.° quesito: o individuo era de idade muito aior de 50 annos.

Ao 4.° quesito: a inhumação é antiga, sendo ·esumivel que tenha tido lugar ha mais de um seılo.

Ao 5.° quesito: cal, zinco e ferro, foram os meıes encontrados na substancia calcarea submettia á analyse chimica.

Recife, 12 de Outubro de 1886.

Dr. Joaquim Loureiro.—Dr. Adrião Luiz Peeira da Silva.—Dr. Raymundo Bandeira.—Dr. łarreto Sampaio.—Dr. Praxedes Gomes de Souza ʾitanga.—Cirurgião dentista, *Numa Pompilio.*

PARECER DA COMMISSÃO

A commissão abaixo assignada, tendo presene o auto de exhumação e o exame medico dos preʾumidos ossos de João Fernandes Vieira, a anaʏse das substancias calcareas contidas na sepulura e o reconhecimento da madeira carbonisada lo ataúde, dos pregos oxydados e carcomidos pela liuturnidade dos tempos, vem apresentar á consileração do Instituto o seu parecer a semelhante respeito.

O Instituto desde muito investiga, mas sempre

debalde, o local da jazida do chefe ostensivo da restauração pernambucana. Algumas phrases sóltas se lêm em escriptos biographicos mais ou menos modernos, d'onde veio naturalmente a tradição de ter sido elle sepultado na igreja da Misericordia de Olinda, onde falleceu a 10 de Janeiro de 1681; e em vista da disposição da clausula 7.ª do seu testamento, na qual Vieira determina que seu corpo « será levado na tumba da Santa Casa de Misericordia, acompanhado por todos os irmãos, a quem pede por piedade lhe rezem um Padre Nosso por sua alma », fez para alli seguir uma commissão persuadida da exactidão do facto.

Depois de muitas duvidas e opiniões encontradas entre os membros da commissão, convenceu-se o Instituto de que não se tinha realisado a inhumação de Vieira naquella igreja.

Mais tarde conjecturou que o cadaver fosse transportado para a ilha da Madeira, segundo a disposição da clausula 6ª daquelle testamento e encerrado em um tumulo que pretendia construir na Misericordia daquelle lugar para si, sua mulher e filhos. Pedira o Instituto a pessoas gradas alli residentes informações a respeito, e estas com toda a gentileza responderam, depois de aturadas pesquizas no antigo local da Misericordia, nos livros e assentos do seculo XVII, nada terem descoberto nem desse facto haver alli a mais leve tradição. Não se verificava, por tanto, a disposição da clausula 6.ª.

O Institudo nada mais tinha a fazer depois daquellas diligencias, no intuito de honrar a memoria do illustre Lucideno e registrar na historia o lugar onde descançam os seus restos mortaes.

A commissão encarregada pelo governo da provincia de arrecadar das bibliothecas abandonadas dos mosteiros de S. Bento e convento franciscano de Olinda os livros aproveitaveis, encontrou as *Memorias Historicas dos illustrissimos arcebispos, bispos e escriptores portuguezes da ordem de*

ossa Senhora do Carmo, escripta por Fr. Manoel Sá, carmelitano, e impressas em Lisboa no anno 1724.

Na leitura que fez da dita obra descobrio o sso distincto consocio Sr. Francisco Augusto reira da Costa, que fazia parte daquella commiso, á pagina 38, a seguinte noticia, em relação ao nvento do Carmo de Olinda:

« Na capella-mór da sua igreja, da parte do vangelho, descançam em humilde sepultura as nzas daquelle grande heróe Restaurador do meso estado (Pernambuco), João Fernandes Vieira, ainda que lhe faltaram os marmores para o mauoléo e não tenha epitaphio que declare o heroico e suas acções, tiveram estas a fortuna de serem scriptas pela elevada penna do Exm. D. Luiz de Ienezes, conde de Ericeyra. »

O nosso illustre consocio communicou immeiatamente ao Instituto, em officio de 29 de Abril o anno passado, a indicação de Fr. Manoel de Sá, na primeira sessão apresentou-se com as *Meorias Historicas*, para que todos a lessem e reolvessem o que cumpria fazer, sendo elle de opinião que se procedessem ás necessarias investigaões no interesse da verdade.

Resolveu o Instituto que se nomeasse uma commissão e alli fosse, obtida a licença do Exm. Diocesano, proceder a rigoroso exame sobre o que se lia na obra do escriptor carmelitano, visto «não haverem marmores, mausoléo nem epitaphio, mas simplesmente uma sepultura humilde onde descançaram em paz as cinzas do Restaurador. »

O interesse, que a noticia despertou, chamou á igreja do Carmo de Olinda grande numero de pessoas distinctas tanto desta como daquella cidade. A commissão, encetando os seus trabalhos, limitou-se, na forma da indicação, a remover o ladrilho da capella-mór da parte do Evangelho, do primeiro degráo do altar ao arco cruzeiro, em seguimento á face do estrado das cadeiras do côro.

E dando principio a excavação, de cima para baixo, encontrou junto ao degráo do altar uma cobertura na profundidade de 88 centimetros, de oxydo de calcio, e sob ella a forma de um ataúde que devia ter encerrado o cadaver ahi sepultado.

Destruida a coberta, compacta e rija, reconheceu a commissão, pela disposição da ossada alli encontrada, que o morto ficara ccm a cabeça na direcção do arco cruzeiro e os pés para o altar. A maior parte dos ossos estavam reduzidos a fragmentos e misturados com cal, pedacinhos de madeira carbonisada, pregos carcomidos e brochas de cabeças largas, de metal enegrecido, denotando tudo isto annos remotos do enterramento. Depositando aquelles restos e todos estes objectos encontrados em uma urna de metal, continuou na excavação até o arco cruzeiro, mas nada descobrio até ahi, nem mesmo vestigios de outra sepultura.

A commissão medica no seu relatorio osteogenico, apresentado ao Instituto, declarou que, depois de acurado estudo e varias pesquizas, reconheceu existirem apenas no tecido osseo dos fragmentos a substancia esponjosa, tendo desapparecido a compacta, ficando quasi todas reduzidas a uma substancia pulverulenta, devido a ter o esqueleto permanecido por tempo muito longo debaixo da terra e á acção lenta, continua e prolongada do calorico desenvolvido no lugar. Mas, que não obstante, podiam ser determinados, como a parte esquerda do osso frontal, parte da diaphyse do humero, pedaço das costellas e das phalanges ; e que geralmente em todos esses ossos, submettidos a exame, isolada e comparativamente, não mostram dous pontos ou duas partes iguaes, notando-se entretanto, partes symetricas com a mesma espessura, o que exclue a idéa de haverem ossos de mais de um individuo. Os que permittem um estudo mais completo, diz ella, são : a clavicula, a omoplata, os dous femures, o illiaco, o maxillar inferior, os parietaes e algumas phalanges.

A clavicula encontrada é a direita e mede 15 centimetros de cumprimento. Tratando do omoplata, exprime-se deste modo: das duas escapulas, a da direita está menos deteriorada, e mede do angulo superior ao inferior 16 centimetros e 9 de largura, tomada na parte media, isto é, do bordo externo abaixo da cavidade glenoide até o ponto correspondente ao bordo interno ou espinhal. E' largo e de tamanho não pequeno. Os femures são bem espessos e de igual espessura ; o esquerdo bastante estragado, mas o direito dá lugar a uma investigação mais satisfactoria. Tem 10 centimetros de circumferencia, e o canal medular bastante largo ; o seu comprimento é de 30 centimetros, sem fallar nas extremidades superior e inferior que não existem.

A porção do coxal, que póde ser estudada, é uma parte do illiaco esquerdo, onde encontra-se a fossa illiaca interna, situada acima da superficie da articulação com o osso sacro e a parte posterior da crista illiaca, que é bastante rugosa, inserindo no seu labio interno o musculo transverso do abdomen, no labio externo o musculo grande obliquo. A fossa illiaca interna é concava e não achatada, como sòe ser no sexo feminino.

A parte esquerda da maxillar inferior de pequeno tamanho deixa ver somente o começo do ramo ascendente ; a direita, comprehendido desde a symphyse do mento, ponto da soldadura das duas metades do maxillar, até o ramo ascendente que vai constituir a apophyse coronoide. que falta, deixa ver bem saliente o tuberculo mentoniano, o orificio do mesmo nome mais proximo do bordo alveolar que do inferior, o estado gasto deste bordo e a estreiteza do canal dentario, sendo que os cinco dentes encontrados estão igualmente bastante gastos.

Os parietaes são de grande espessura e apresentam a sutura bi-parietal ou sagital já ossificada.

As phalanges não são pequenas e nada offerecem digno de menção, a não ser isso.

Do exame dos ossos, comparação entre os fragmentos, dimensões, pontos symetricos, igualdade de espessura e desenvolvimento, conclue não haver duvida que todos são de um só individuo.

Que das provas colhidas pelo estudo e observações conclue tambem ser a idade do individuo superior a 50 ou mesmo a 60 annos; já pela ossificação das suturas craneanas, pelo estado gasto do bordo alveolar do maxillar inferior, e approximação do orificio mentoniano do bordo superior da maxilla inferior; já pelo estado gasto dos dentes, pelo phenomeno da rarefação da substancia ossea determinada somente pelo progresso da idade, já finalmente pela largura do canal medular dos femures, nos quaes a substancia compacta, que forma a sua superficie, é bastante delgada.

Que sendo mais desenvolvidos e espessos os ossos do homem que os da mulher, o que se verifica nos que foram examinados, revelando ainda que as inserções musculares deixaram fortes impressões; resulta serem todos elles de um só individuo do sexo masculino, accrescentando o caracter distinctivo da concavidade e não achatamento da fossa illiaca; a curva proeminente da clavicula e concavidade do femur muito mais pronunciada do que se verifica na mulher.

Que, finalmente, não se podendo determinar com exactidão o tempo da inhumação por diversas razões, comtudo attendendo-se ao estado de pulverisação em que está a maioria dos ossos, a falta da cabeça dos humeros, das extremidades dos dous femures e a destruição da maior parte do esqueleto, presume ser a inhumação de longa data excedente a muito mais de seculo.

Do auto de exhumação e do parecer acima transcriptos em suas capitalidades fica reconhecida a veracidade da noticia do chronista carmelitano, visto não ter existido do lado do Evangelho,

do altar mór ao arco cruzeiro, outra sepultura senão aquella, e pertencer a ossada ahi encontrada e disposta, segundo o ceremonial da igreja, a um individuo qualificado de 50 ou 60 annos de idade e alli sepultado ha muito mais de um seculo.

Da clausula 7ª do testamento só se deduz que o corpo do testador fosse levado na tumba da Misericordia da casa em que fallecesse ao seu jazigo, acompanhado pelos irmãos, mas não que fosse sepultado naquella igreja.

A clausula 6ª, porém, depois das informações pedidas e respostas recebidas da ilha da Madeira, confirma ainda mais a noticia do chronista.

Entre outras cousas diz esta clausula:

« E será meu corpo mettido em um caixão forrado de chumbo e calafetado, o qual será posto em deposito *na igreja do convento de Nossa Senhora do Carmo da villa de Olinda*, *fora da terra*, para d'ahi ser trasladado á capella mór da Santa Casa da Misericordia da ilha da Madeira, de que sou padroeiro, onde tenho mandado fazer um carneiro por minha conta e de minha mulher para ser o nosso encerro e de nossos filhos; *e emquanto se não fizer a obra*, cada dia se porá uma lampada accesa no lugar em que estiver o caixão e porão cera sempre ardendo, e se dirá uma missa quotidiana por minha alma, de minha mulher e filhos, pela esmola do doze vintens cada uma. »

O carneiro, que Vieira pretendia mandar fazer na Misericordia da Ilha da Madeira, para si, sua mulher e filhos, não se fez. Seriam esses os seus desejos talvez; alli nascera e passara a infancia; conservava naturalmente vivas todas essas recordações saudosas da patria, que fazem o homem voltar-se para o ponto em que nasceu, querendo vel-o atravez dos horisontes que o encobrem, respirar com avidez as suas brisas, contemplar com ternura a belleza dos seus campos. Cobiçava dar á patria o coração que por ella palpitava. Mas a prova de que o não mandou construir está nas

pesquisas e exames feitos nos livros e assentos correspondentes ao seculo XVII, no local da antiga Misericordia, onde nada se encontrou, nem mesmo a tradição o recorda. A prova está ainda no facto de ter sido sua mulher sepultada na igreja de Santa Thereza de Olinda, fallecendo muito depois delle, e permanecerem até hoje alli os seus restos mortaes, o que não aconteceria, se na Madeira existisse o jazigo perpetuo de Vieira e sua familia.

O testamento foi cumprido, como tudo leva a crer, na parte relativa ao deposito do corpo na egreja do Carmo, em caixão de chumbo. Mas não era possivel ahi permanecer *fóra do chão*, por mais de 3 ou 4 dias em virtude da decomposição e gazes desprendidos, incommodos e prejudiciaes aos religiosos e fleis.

Embora forrado de chumbo, o caixão, e calafetado, isto não impediria a corrupção do corpo nas suas partes simples, nem a vasão dos gazes por onde quer que fosse.

Até a época do testamento Vieira não havia mandado construir o carneiro na Ilha da Madeira como se vê das palavras da clausula: *e emquanto não se fazia a obra;* depois tambem não a fez, como dizem as investigações e pesquisas recebidas; nestas circumstancias como deixar-se de operar o enterramento na igreja do Carmo, onde o cadaver fóra depositado, *fóra do chão?*

Por mais sinceros que fossem os desejos dos testamenteiros de Vieira em cumprir nesta parte as disposições da sua ultima vontade teriam desapparecido ante a impossibilidade daquelle facto.

Na analyse chimica qualitativa, procedida n'um torrão da substancia calcarea, encontrada ao lado e sob os ossos craneanos, com o fim de verificar-se a existencia de metaes, chegou-se a este resultado:

Cal, ferro e zinco.

Ferro em pequena quantidade, attribuida á

xydação dos pregos; cal e zinco em proporções uasi equivalentes.

A analyse não teve por si instrumentos e apparelhos superiores, nem reagentes de força, como cido sulphydrico, sulfato de ammonio e outros; om tudo obtiveram-se duas partes, uma branca ›ulverulenta e friavel, desfazendo-se á mais leve ›ressão, a *outra acinzentada* e em fragmentos duos com aspecto metallico.

Tratada esta ultima substancia pelo acido ni-rico, e submettida depois á acção de differentes eagentes, deu as seguintes reações: com o mono sulfureto de sodio precipitado branco gelatinoso com pontos escuros ou cinzentos, não soluvel, em excesso de reactivo; com a potassa caustica precipitado branco gelatinoso, soluvel pela maior parte em excesso de reactivo, e com ferro cyanureto de potassio, precipitado azul da Prussia.

A parte que não dissolveu-se em excesso de potassa caustica, sendo tratada novamente por agua destillada e acido nitrico, e submettida depois á acção do acido sulfurico, deu um precipitado branco perfeitamente soluvel no acido azotico; levada á chamma do alcool não tingia de purpura a luz. Tratada isoladamente pelo acido oxalico e bicarbonato de soda, o precipitado obtido foi branco e abundante.

Interpretando-se estas reacções, notou-se a existencia de zinco no precipitado branco pelo mono sulfureto de sodio, e cal no restante do mesmo precipitado azul pelo ferro cyanureto de potassio a presença do ferro.

Chumbo ou zinco, metaes confundidos pelo vulgo antigamente, prova a existencia do forro do caixão, tal como recommendara Vieira em seu testamento.

Entre as regras que cumpre observar sobre qualquer successo que parece duvidoso, uma d'ellas é: devemos seguir e accommodar-nos com o

que escreveram os que viveram mais chegados ao tempo do successo.

Fr. Manoel de Sá publicou as *Memorias* de sua Ordem em 1724 e Vieira morreu no principio de Janeiro (10) de 1681, quarenta e tres annos antes, ou ainda menos, attendendo-se á época da morte e á publicação da obra, talvez annos depois de escripta. Com certeza não consignou o facto sem ter delle pleno conhecimento, não só pela qualidade do morto, circumstancias do seu enterramento, como pela brevidade do tempo decorrido, ainda na memoria da communidade, senão mesmo em vista dos assentos do convento.

E se a narração das pessoas presentes aos factos, ou que puderam ter conhecimento delles, é considerada fonte historica, cabe a critica discernir o que ha de mais ou menos digno de credito, comparar e ligar entre si os acontecimentos para por esse meio chegar-se á verdade historica. Assim, pois, considerando que pelo auto de exhumação a unica sepultura encontrada na capella-mór da igreja de Nosso Senhora do Carmo de Olinda, da parte do Evangelho, foi a que continha os ossos presumidos de João Fernandes Vieira, apezar da escavação feita desse lado, da escada do altar ao arco-cruzeiro :

Considerando que no testamento celebrado a 15 de Fevereiro de 1674 acha-se inserida a clausula de ser o corpo do restaurador fechado em caixão, forrado de chumbo e depositado naquella igreja fora do chão, até ser traslado para a ilha da Madeira, onde pretendia o testador mandar fazer um carneiro, na capella-mór da Misericordia da dita ilha, para si, sua mulher e filhos :

Considerando que aquella obra não se fez, não só porque não foi encontrada, segundo as investigações e exames já referidos mandados proceder alli pelo Instituto, nem constar dos livros termo ou assento que isso recordasse ; mas ainda porque, sua mulher fallecida, depois delle, foi en-

enterrada na igreja de Santa Thereza de Olinda, bem como a filha e netos tiveram sepultura em outros lugares, o que assim não succederia, se o facto fosse real;

Considerando que então entre nós não eram conhecidos os processos de embalsamação, nem fora delles se consegue prevenir e obstar a corrupção dos cadaveres por mais tempo, e que o deposito fóro do chão por mais de 70 horas trazia incommodo e perigo á saúde publica, o que parece resolvido pela inhumação em « humilde sepultura em que lhe faltaram os marmores e epitaphio » ;

Considerando que pelo exame e parecer de medicos, clinicos distinctos, residentes nesta capital, ficou reconhecido, « depois de acurado estudo e varias pesquizas», que os ossos encontrados na unica sepultura existente da parte do Evangelho da igreja do Carmo pertenciam a um individuo do sexo masculino, idade de 50 annos, e com presumivel inhumação de muito mais de seculo, o que coincide, na generalidade destes dous termos, com a idade de Vieira ao tempo da morte;

Considerando que pela analyse chimica qualitativa em uma pequena porção de substancia de ferro, attribuido aos muitos pregos oxydados, e zinco em proporção equivalente a cal, o que tambem coincide com a recommendação contida na clausula testamentaria de ser forrado o caixão mortuario com chumbo, metal que podia ser substituido pelo zinco por qualquer circumstancia ;

Considerando que toda a presumpção è fundada na relação natural que existe entre a verdade conhecida e a que se procura, e como essa relação póde ser mais ou menos necessaria, d'onde resulta tornarem-se tambem as presumpções mais ou menos falliveis, dependendo o gráo de certeza da connexão que existir entre o facto conhecido e o ignorado ;

Considerando, finalmente, que a indicação das

Memorias de Frei Manoel de Sá e investigações feitas em virtude della resultaram os seguintes factos : não existir outra sepultura da parte do Evangelho na capella mór da igreja do Carmo de Olinda, nem vestigio de mais alguma, senão a encontrada junto ao primeiro degráo do altar, estar o caixão em que fôra encerrado o cadaver completamente desfeito e carbonisados alguns residuos pela acção do tempo ; ter sido sepultado o cadaver, pela disposição dos ossos, de pés voltados para o altar ; e verificando-se do parecer medico, que aquelles ossos, submettidos a exame, pertencem a um só individuo do sexo masculino, de idade muito maior de 50 annos, sepultado ha muito mais de seculo; reconhecendo-se ao mesmo tempo pelo exame chimico das substancias calcareas a existencia de zinco, com que devia ter sido forrado o caixão mortuario, segundo recommendação testamentaria, e com o fim de ser o corpo trasladado para a igreja da Misericordia da Ilha da Madeira, o que se realisou ; resultando destes factos e de outros contidos na exposição acima mui fundadas presumpções de que os ossos de que se trata não podem ser de outro senão de João Fernandes Vieira, é a commissão abaixo assignada de parecer que como taes sejam reconhecidos, segundo a autoridade das regras da critica, estabelecidas para discernir das fontes da historia o que nellas ha mais digno de credito para obter a verdade, o que parece ter conseguido a commissão no presente caso.

Recife, 7 de Agosto de 1887.

Maximiano Lopes Machado.
Dr. José Hygino Duarte Pereira.
José Domingues Codeceira.

DOCUMENTOS

PELA MAIOR PARTE EM PORTUGUEZ

SOBRE VARIOS ASSUMPTOS

Continuação (1)

* Ao Capitão João Lopes Barbalho.—Com esta vae a ordem que Vm. ha de seguir, e outra ao capitão Antonio Phelipe Camarão; muita confiança tenho de que Vm. fará tudo, como convem, e a diligencia e cuidado vencerá o pouco poder com que Vm. vae, e como assim só me fica advertir a Vm. que se não fie nem de si mesmo, que esta é uma das maiores cousas que até agora se fez na guerra, e que cessará tudo o que Vm. tem obrado em serviço de S. M.. Tudo o que V. puder obrar de caminho faça, entendendo primeiro que o pode fazer com segurança, e não dê quartel a indio nem framengo, entregando-os aos tapuyas e desculpando-se com elles, e aproveitando-se que é tempo. Eu não quero dobrões nem fato, negros e mais negros, todos em meu nome, que eu comporei os soldados, e com isto veja Vmc. o tempo que ha de pôr no marchar, que a armada parte d'aqui quinta-feira que são 17 deste mez. O engenho de Gaspar de Merida fique livre, e o de Antonio de Bulhões, ou de seu filho Zacarias, nestes não faça nehum damno nem consinta que se faça, nem lh'o encarrego; o

---

(1) Veja a Revista de Agosto deste anno. * designa os documentos do archivo do rei do Hollanda, e ** os do archivo publico de Haya.

alferes vae por mar. Deus nos ajude, e a Vm. dê o successo que eu lhe desejo. Da Bahia hoje 16 de Novembro de 1639 annos

Tio de Vm.

Luiz Barbalho Bezerra.

—

* D. Fernando Mascarenhas, conde da Torre do Concelho de Estado de S. M , commendador das villas do Rosmaninhal e Santiago da Fonte Arcada, capitão de mar e terra do Estado do Brazil e das armadas maritimas que nelle se acham.

Por convir ao serviço de S. M. que na capitania de Sergipe assista com infantaria pessoa de valor, experiencia e cuidado, para que assim se fique atalhando as correrias que os Hollandezes fazem n'aquella paragem, saqueando os moradores, e tirando o gado que nos pode ser necessario, ordeno ao capitão de arcabuzeiros João Lopes Barbalho que com 100 infantes se va ajuntar com o capitão João Magalhães, para que assim a sua infantaria e soldados do capitão-mór D. Antonio Phelipe Camarão, como os do governador Henrique Dias, estarão á ordem do dito capitão João Lopes Barbalho, tomem posto com (vista ?) a se poderem conservar sem serem cortados dos Hollandezes, e em parte que (possam) acudir a encontrar as sahidas que elles fizerem para esta parte do rio de S. Francisco, tendo para isso nas paragens necessarias tropas para que se (informe ?) com tempo da cantidade e caminhos que fazem os Hollandezes, aos quaes encontrará e romperá, usando de todos os ardis necessarios pera assim o fazer, e sendo que o poder seja tão grande que totalmente entenda que o empenho que fizer será grande, e que não se poderá sahir delle com reputação, (e sem perda ?) de soldados, aguardará ter vista delles e esperará se repartam a fazer ditas correrias, para que assim

divertidos os possa romper e desbaratar, e sendo que os Hollandezes o vão buscar com todo o poder, e entendendo que lhe não poderá resistir, se retirará mais atrás pera melhor sitio, tomando algum passo (immedia)to ao rio, onde com mais commodidade o possa resistir, andando sempre á sua (vista), dando naquelles que se desmandarem ou apartarem do maior poder; não dará quartel a nenhum, e pera mais segurança e pera que miudamente me avise de tudo, trará da outra parte do rio de S. Francisco de ordinario 10 homens entre brancos e negros, encarregando-os saibam dos moradores tudo o que houver de novo, e si pera esse effeito fôr necessario tomar um framengo o mandará fazer, e m'o enviará, mandando cada 15 dias render por outros os que lá andarem. Conservará o dito capitão os moradores que achar na dita capitania e os que a sua sombra forem, não consentindo que os soldados, indios e negros lhe façam agravo nenhum; e os que o fizerem os castigará como lhe parecer, pois por sua conta corre o que fizer mal feito e consentir se faça, e não consentirá que tropa nenhuma passe a campanha, salvo aquella que lhe mostrar ordem minha por escripto, e os indios que vão administrar as (roças) de Antonio Rodrigues e João Rodrigues, terá cuidado de saber como os ditos procedem, e não o fazendo bem porá com elles a pessoa que lhe parecer, havendo-se em este particular e em todos os mais do serviço de S. M. com o cuidado e fidelidade que delle espero.

Dada na Bahia sob meu signal somente aos 31 de Julho de 1639.

E com o maior cuidado encarrego ao capitão o bom tratamento dos moradores, e não consentir que no caminho se lhes fará exacção alguma.

D. Fernando Mascarenhas, conde da Torre.

—

D. Fernando Mascarenhas, etc. — Porquanto os recursos de guerra e accidentes que o tempo offerece se não podem prevenir, em tudo o que por esta ordem não estiver prevenido, se governará pelo que lhe parecer, fiando de sua (diligencia, e zelo todos os bons effeitos que vae pretender em serviço de S. M., e quietação e segurança dos moradores daquelle districto.

Dada na Bahia no dia acima.

D. F. M., conde da Torre.

—

* D. Fernando Mascarenhas, conde da Torre, etc.– Porquanto estou embarcado para ir tomar porto na capitania de Pernambuco, convem ordenar ao capitão-mór D. Antonio Felippe Camarão, que tem ido até o rio de S. Francisco, a viagem que ha de seguir e facções que ha de intentar; seguirá em tudo a instrucção e ordem seguinte.

Tanto que receber esta passará o rio de S. Francisco junto com o capitão João Lopes Barbalho, só com a gente de guerra assim dos brancos como dos indios, e deixando o mulherio, velhos e doentes em Sergipe; e todos unanimes marcharão (para a) aldeia que o dito D. Antonio Felippe Camarão sabe, a qual está sete leguas do (rio ?) adonde se previnirá de bastimentos, procurando juntar-se com o Rodella, (para que) o acompanhe, fazendo muito por adquirir todos os principaes se-g(urando-lhes que) S. M. os gratificará e lhes fará mercê, como bons vassallos... como melhor lhes parecer, conforme as noticias que tiverem do inimigo, marcharão na volta de Serinhãem, passando pelas Alagoas e Porto do Calvo pera tomarem todos bastimentos e cantidade delles que em cada uma destas paragens houver, assim de farinhas, carnes, legumes e pescado, e chegando a Serinhãem não se empenharão, (mas) tratarão de in-

ietar ao inimigo de modo que o obrigue a sahir a
scal-os, e si sahir com poder se retirarão na vol-
de Pojuca, e d'alli á povoação de Santo Antonio
Cabo, fazendo espaldas ao sertão, procurando
mpre ter as espias boas e de confiança, pera que
o sejam cortados do inimigo, e pera que lhe dê
iso da chegada de nossa armada, aonde faz pon-
, pera procurarem logo acudir á praia, pera que
houver inimigos a defender a desembarcação,
e deem pela espalda, e pelegem com elles, pera
ıe fique livre o desembarcadouro, e trabalharão
uito por avisar ao capitão André Vidal, pera que
dos juntos mui conformes acudam á praia, e em
ıvendo vista da armada trabalharão por todos os
ıeios que puderem dar-lhe todos os avisos do
esenho do inimigo, e do estado em que estão e de
ıas cousas, e a prevenção que tem feita pera nos
npedir a desembarcação e em que logares.

Advirta-se que, em chegando a Santo Antonio
o Cabo de Santo Agostinho, queimarão e abra-
arão com todo o estrondo possivel os engenhos
o sertão de Grogaú, sem lhe deixar pedra sobre
edra, e todos os mais cannaviaes daquelle dis-
ricto, de modo que venham a queimar cinco ou
eis engenhos destes, e não queimarão mais. Os
ramengos que encontrarem e aos que se forem re-
olhendo, e aos que se acharem em casas que não
orem fortes, os saltearão e farão suas emboscadas
lhe não darão nenhum quartel, sem se perder
occasião nenhuma, advertindo mais que esta guer-
a que se lhes ha de fazer ha de ser por assaltos, e
sem que o inimigo saiba a parte certa aonde o tem,
ıem o numero e cantidade da gente que leva.

Quanto aos moradores lhe encommendo e man-
lo lhes não façam nenhum agravo, nem molestia,
nem vexação alguma, mas antes os amparem e
defendam pelo melhor modo que poderem a todo
seu poder, advertindo e castigando com pena de
morte a qualquer soldado de qualquer condição
que seja, ou indio que lhe fizer agravo ou avexa-

ção, e o bastimento que houverem mister lh'o pedirão com muita moderação, sem lhe damnarem as suas roças nem creações, confiando delles que lh'o darão com muito gosto e vontade, como de sua bondade se espera e se tem experimentado, advertindo mais aos ditos moradores se deixem estar pacificos e quietos, em quanto a nossa armada não tiver lançado gente em terra, porquanto é a occasião de o poderem fazer e demonstrarem sua lealdade e acudirem ao exercito, com o que poderem e lhe for necessario.

Advirta-se mais que, si o inimigo os não vier buscar com poder, e a armada com a occasião dos tempos se dilatar, correrão a campanha até a paragem de S. Lourenço e Vargea, emquanto a armada não chegar, e sempre terão espaldas no sertão, para que o inimigo os não corte como já ficou dito, e desta paragem não passarão adiante.

E nesta paragem da Vargea e de seu districto queimarão quantos engenhos puderem queimar dos que tiverem occupado os framengos, e todos os cannaviaes abrasarão sem perdoar a nenhum.

Procurará com toda a diligencia e cuidado ajuntar assim todos os soldados que por (lá) andam espalhados, assim os que andam fazendo guerra ao inimigo, como os que andam molestando os moradores.

Todo o conteúdo na instrucção atraz dará execução o dito capitão-mór D. Antonio Philippe Camarão com o zelo e cuidado que costuma ter ao serviço de S. M.

Bahia, 17 de Novembro de 1639.

** D. João Lopes Barbalho ao (Conde da Torre) —Ainda que a maior materia me não poderá certificar de que V. Exc. me deixe de fazer mercê com toda largueza, a propria conveniencia do real serviço me faz reparar na pouca das ordens que me vieram, porque com ellas me não fica logar ne[illegible]

para prometter um favor a quem emprehender algum effeito que mereça e nem para castigar alguem trahidor que convenha, nem para levantar gente, nem para que, ajuntando-se commigo André Vidal, esteja á minha ordem, sendo mais moço que eu ;em fim que em nenhuma materia tenho jurisdicção alguma, porque me não veio mais que uma carta simples com o treslado de uma ordem do Camarão, pela qual eu não posso intentar nada, nem obrigar a ninguem ; e juntamente por onde vim achei algumas ordens em mãos de mercadores, os quaes os quaes os não mandam reconhecer-me em cousa alguma ; e que, vindo rapaz, se me deram ordens mui largas em occasião de pouco porte, é força estranhar a limitação destas em occasião de tanta consideração maiormente que nunca quizera nem perder o que me toca, nem tomar mais logar do que se me dá ; e para haver de governar isto, é necessario usar de muita authoridade; com o que nestas materias me vejo confuso, o que me faz entender lhe parecerá a V. Exc. poderá o Camarão remediar este defeifo, o que acredita minha pouca sorte, e bem a tivera por boa ter elle esse cabedal, porque, além de que assás o merecera eu ganhava muito em ir isento desse trabalho, o que manifestara melhor a consideração do que eu o poderei fazer ; comtudo o gosto de V. Exc. é maior interesse, e sendo elle tal, o terei eu mui grande de o poder satisfazer.

Hontem, 5 deste, chegamos a este passo de Camaragibe, onde me disseram viram uns 100 Hollandezes. Quando succeder, espero banqueteal-os como convem, e assim aos mais que tiver occasião de o poder fazer, porém elles se previnem já como V. Exc. o poderá entender; sem embargo faço as diligencias, para o que, e para mais segurança, doze ou quinze leguas ao largo levo boas espias, das quaes tive aviso estarem neste forte 500 homens, que o Mansvelt tem já passado Serinhaem, e retirado os que alli estavam, e assim

imos seguindo viagem. Queira Deus seja como até aqui.

A esta tropa se ajuntou com a gente que trazia o capitão Francisco da Cruz, havendo encalhado em terra junto ao Porto dos Francezes, obrigado de 37 velas inimigas que por ahi passaram, sobre o que logo avisei a Bahia em um barco que para esse effeito fiz partir; eu tenho por boa sorte ir elle em esta companhia por ser pessoa de satisfação; e juntamente se nos vae ajuntando muita gente, porém os mais delles desarmados. Tive por noticia que, assim em o rio de S. Francisco, como aqui tem o inimigo muito gado junto ás forças, não no devem gastar tão em breve que não entremos em partilha. O capitão Pinheiro dará informação com mais largueza, e eu sempre estarei prompto ao que por V. Exc. me for ordenado, a quem Deus guarde, permitta prosperas victorias com a saude e vida que deseja, como havemos mister.

6 de Janeiro de 1640.

João Lopes Barbalho.

—

João Mauricio, conde de Nassau, Catzenellenbogen, Vianden e Dietz, senhor de Beylstein, governador, capitão e almirante general do Estado do Brazil.

Faço saber a todos os moradores do Estado do Brazil que estão debaixo de nossa obediencia, que, porquanto tem chegado a nossa noticia por duas ordens que me vieram á mão do conde da Torre, general d'el-rei de Hespanha, e por uma carta do mestre de campo Luiz Barbalho, escripta de sua letra e signal a seu sobrinho João Lopes Barbalho, tomados estes papeis entre outros no fato do dito João Lopes Barbalho, cabo de companhias e tropas que vieram da Bahia, nas quaes or-

dens ordens e carta se contem que não desse quartel a nenhum framengo nem braziliano, antes os entregasse aos tapuyas, para que os matassem a todos, desculpando-se com elles, e lhe encommenda mais sobre isso o roubar os moradores, e lhe ordena que para si lhe tome negros e mais negros, e não fato nem dobrões, exceptuando desta crueldade somente dous engenhos por seus respeitos; e por ser digno de retribuição tão perversa ordem e intenção, mando que nenhum dos ditos moradores receba em sua casa, nem fóra della, nem por nenhuma via, esconda soldado algum do inimigo, nem doente nem ferido, e si pelo dito inimigo lhe for algum deixado forçosamente em casa o manifeste, e leve logo no estado em que estiver ao presidio mais visinho para o rigor que o inimigo deu por ordem se executasse em nossos soldados, e será morto sem piedade alguma, e seus bens dados em pilhagem a nossos soldados.

Dado nesta cidade Mauricia, aos 24 de Fevereiro de 1640.

J. Mauricio, Comte de Nassau.

Por ordem de S Exc.

Charles Tourlon.

—

Mon cousin.—L'on m'a fait entendre que vous traitez favorablement les Religieux Racolets de quatre couvents de cet ordre, qui sont en l'Inde Occidentale, dont je vous sais beaucoup de gré, suivant l'affection que j'ai pour tout ce qui regarde le service de Dieu, et la bonne volonté particulière que j'ai toujours eue pour l'ordre de S. François. C'est ce que j'ai voulu vous témoigner par cette lettre, et vous convier, comme je fais autant qu'il m'est possible, à continuer à departir aux dits re-

ligieux votre protection et assistance, selon le besoin qu'ils en ont par delà. Deux de leurs religieux, qui s'y en retournent, seront porteurs de la présente, lesquels je vous recommande avec les autres, vous assurant que je tiendrai à plaisir particulier tout ce que vous ferez pour eux, et vous ferai connaitre le sentiment que j'en aurai en toutes les occasions qui m'en donneront le moyen, priant sur ce Dieu, qu'il vous ait, mon cousin en sa sainte garde.

E'crit à Saint Germain em Laye le 13 Avril 1640.

Louis.

Bouthilier.

A' Monsieur le Conte de Nassau, governeur pour les Seigneurs E'tats Généraux des Provinces Unies des Pays-Bas en l'Inde Occidentale.

---

* Com toda a suavidade e cortezia temos até hoje tratado a cobrança do que se deve á Companhia, e por termos alcançado pouco effeito tomamos de novo um meio, o ultimo nesta materia, pera que faltando-lhe Vmc. nelle se use de todo rigor, sem reparar em damno ou ruina sua, pelo que Vmc. logo se venha ver comnosco neste Supremo Conselho para tratarmos e accordarmos quantas caixas de assucar ha de dar esta safra por conta do que deve, conforme ao que tiver, e deixe Vmc. ordenado de maneira a sua moenda que não faça lá falta pelos poucos dias que tiver de ausencia, porque logo em chegando lhe daremos despacho, e por esta damos a Vmc. por seguro de todo o arresto e diligencias da justiça de qualquer outro acredor pera que venha sem nenhum receio.

Guarde Deus a Vmc.

Recife,..... (sem data nem assignatura).

** Mui Nobres Senhores do Supremo e Secre-
Concelho.

Bem entendemos que não ha cousa mais justa
m mais precisa que acudir aos mantimentos
s soldados, mas tambem entendemos que Vv.
. não devem querer que se façam fintas, e se
nham ao povo mandamentos que não (servem ?)
ais que de extorções, e penas aos escoltetos, e
sprezo aos maiores; assim nos parece que se-
a nova finta, si agora se fizesse.

Vv. Ss. nos mandaram que se manifestassem
das as roças, assim se fez, e depois de esgotar-
os as velhas, mandaram Vv. Ss. que logo se des-
zessem as novas, ficando a metade dellas pera
povo, e que da outra metade se desse logo a fa-
nha ; assim se ha feito, e temos por informação
ue muitas roças novas não deram todas inteiras a
rinha que se lhe deitou nem a ametade della, por
tempo haver sido secco e pouco criador; e porque
ão devemos obrigar o povo a impossiveis, dize-
os a Vv. Ss. que não sabemos de outras roças
obre que seja de deitar nem fintar farinha ; si nis-
o houve engano, a diligencia que se pode fazer é
nandal-as examinar, e isto faremos quando Vv. Ss.
ol-o mandem.

Temos ouvido em algumas partes que os com-
nissarios vendem a farinha, e como de repente se
irou tanta, e havemos acabado tão depressa, pe-
limos a Vv. Ss. que mandem examinar a farinha
que os commissarios receberam por os roes de
ossas fintas, e em que a despenderam, porque
nos parece que nisto se não procede como de-
vera.

Advertimos a Vv. Ss. que tambem os mora-
dores do Recife gastam farinha, e que essa que se
deixou não só é pera os moradores, como Vv. Ss.
lhe prometteram, senão que alguma deve vir ao
Recife, aonde ha povo que se não sustenta com
pão, e val aqui hoje o menos a 20 reales, e assim

o promettimento que se fez ao povo com o susten-
to que se lhe não podia tirar, e sendo que este
Recife tem necessidade, são consequencias que se
devem considerar; e com tudo Vv. Ss. poderão
mandar desfazer o resto das roças todas no estado
em que estiverem, e applicar para execução disto os
soldados que o saberão mui bem fazer, que os es-
cabinos parece que devem receber este favor de
Vv. Ss., escusando-se das imprecações e clamores
que sobre elles fará o povo reputando-os por au-
tores destes damnos e miserias.

No tocante a carne, apresentamos a Vv. Ss. a
manifestação de quatro freguezias; quem occultou
alguma mandem Vv. Ss. tomar-lh'a; esta que
está manifestada mandem Vv Ss. destribuil-a
como lhe parecer. Dos homens deputados pera a
avaliação mandamos a Vv. Ss. o rol com esta, pera
que os commissarios os mandem chamar, quando
houver gado pera o analysar.

No Cabo e Pojuca demos ordem ao escolteto
Hol pera aceitar a manifestação; do gado que se
manifestou podem Vv. Ss. mandar se não comam
essas vaccas que ha; não sabemos que dizer outra
cousa senão que se cornam os bois, e que aonde
acharem outros se tomem, porque assim o tem me-
recido quem os occultou, e como isto de carne e fa-
rinha ha chegado a este estreito estado, pedimos a
Vv. Ss. que, pera que não sejamos odiosos ao
povo, mandem pelos soldados tomar-lhe o que lhe
acharem de comer, que a nós não convem fazer-
mos essas extorções, e na milicia não são tão es-
tranhadas nos casos de necessidade, que antes
entendemos é permittido aos soldados, e aos esca-
binos será grande vituperio o fazerem-no. Guarde
Deus a Vv. por muitos annos. Mauricia, Janeiro de
1640. (1) (Sem assignatura).

---

(1) Da acta do Supremo Concelho de 10 de Janeiro de 1640
consta que se mandou tirar copia desta representação para ser
remettida á Assembléa dos Desenove «afim de saberem o estado
da terra.»

* Ao Conde de Nassau.—Cheguei a esta praça com desejo de se me offerecerem occasiões de servir a V. Exc. e com particular desejo de poder communicar a V. Exc. materia de muita importancia, assim para V. Exc., como para mim. O modo fique á eleição de V.Exc., ou enviando-me pessoa confidente com occasião de tratar dos prisioneiros que tenho, de que vão com esta cartas, ou permittindo que eu envie d'aqui ao mesmo effeito. E si o sargento-mór Picardo fôra vivo, poderia dizer a V. Exc. que eu fui quem lhe houve passaporte de S. M. pera ir de Lisboa á Hollanda com outros 200 prisioneiros. E si por ahi houver alguns destes poderão dizer a V. Exc. a boa passagem que lhes fiz, e depois que cheguei a esta praça, dei passagem a todos os soldados prisioneiros que achei, porque me parece nisto que, ainda que com as armas, tenhamos toda a boa correspondencia. E emtanto guarde Deus a V. Exc. muitos annos. (1)

Bahia, 28 de Agosto de 1640.

Marquez de Montalvão.

—

* Ao Sr. Bernardino de Carvalho.—Estou mui informado dos bons procedimentos de Vmc. e de suas partes, e assim me quiz valer de Vmc. e pedir-lhe me dê na mão de Gaspar Dias Ferreria a carta que será com esta com o maior segredo que fôr possivel, porque me importa muito que lhe chegue ás mãos, e Vmc. me accusará de como recebeu esta e deu a carta a Gaspar Dias Ferreira;

———

(1) Esta e as seguintes cartas, trocadas entre o Conde de Nassau e o Marquez de Montalvão, são copias authenticadas com a seguinte declaração que se lê no final de todas ellas:

« Fatemur illustriss. D. Com. Mauritium a Nassau nobis communicasse has litteras, et in testitimonio (si opus sit) nos illas legisse subscribimus nostra nomine.

Soler, Kesslerus. »

esteja certo que em tudo o que por cá se lhe offerecer, me achará com benigno animo. Guarde Deus a Vmc. Bahia, 28 de Agosto de 1640.

Marquez de Montalvão.

—

* A D. Jorge Mascarenhas, Marquez de Montalvão.— Fui sabedor que V. Exc. era chegado a essa Bahia e me pareceu devia dar lhe as boas vindas, como faço por esta, offerecendo-me a seu serviço. Tive noticia que um nosso sargento por nome Van den Brande (o qual tinha por morto n'um encontro que houve no Rio Real) estava prisioneiro de V. Exc. nessa Bahia, e tão honrado e bem tratado de V. Exc. como de sua illustre pessoa se espera, pelo que lhe dou as graças, e prometto corresponder havendo occasião em que o possa fazer. Si é possivel fazer-me V. Exc. mercê, mandar-me neste barco ao dito sargento-mór, o terei a grande mercê e favor, e dando me o tempo por algum successo da guerra semelhante occasião, não faltarei em igual retribuição.

Tambem está ahi prisioneiro um morador do Rio Grande por nome Gartsman, que os annos passados seguio a guerra, o qual levou comsigo o coronel Barbalho, pedindo-lh'o eu por muitas cartas minhas, a que me não respondeu, quando passou pelas montanhas destas capitanias ; de presente sou importunado de sua mulher, que é portugueza, com petições representando-me a falta que lhe faz na administração de sua fazenda, e aos filhos que della tem. Sirva-se V. Exc. de querer remediar a esta pobre mulher por ser portugueza, e mandal-o tambem neste barco, dos quaes favores não serei esquecido nas occasiões que o tempo me dér do serviço de V. Exc., cuja pessoa Deus guarde muitos annos. Mauricia, 20 de Outubro de 1640. (Sem assignatura).

* Ao Marquez de Montalvão.—Tendo escripto a V. Exc. neste barco dando-lhe os parabens de sua vinda, de novo recebi a sua de 25 (28?) de Agosto por mão de Gaspar Dias Ferreira, e rendo a V. Exc. as graças de sua boa vontade e correspondencia, de que me dou por mui agradecido, obrigado e certo, sem mais provas ou demonstração. Dos prisioneiros trato a V. Exc. na outra que lhe tenho escripto, e porque não tenho pessoa digna que enviar a V. Exc., como me ordena, em rezão da lingua que aos nossos é difficil, V. Exc. me fará grande mercê em mandar a quem lhe parecer, e fôr de seu gosto; para o que me terá V. Exc. sempre mui aparelhado com um animo mui obrigado a servil-o. Guarde Deus a V. Exc. muitos annos.

Mauricia, 21 de Outubro de 1640.

—

* Ao Conde de Nassau.—Em resposta da que escrivi a V. Exc. recebi a sua carta de 29 (21?) de Outubro tão cheia de demonstrações de boa correspondencia, que me deixa V. Exc. obrigado a continual-a sempre da minha parte, com particular desejo de que V. Exc. conheça que a falta que pelo passado pode haver della, procederia (de) todas as occasiões que o tempo e a guerra offereceu, ficando intacto o conhecimento do muito que se deve á pessoa de V. Exc., de que eu me lembrarei em todo o successo pera cumprir com tão precisa obrigação.

Em outra respondo a V. Ex. ao que me escreveu sobre os dous sargentos-móres prisioneiros que estão nesta praça, e pode V. Exc. estar certo que estimava muito mandar-lh'os neste barco, por ser a primeira cousa em que V. Exc. me occupa de seu gosto; mas, apezar de o não poder fazer (pelas causas que dou a V. Exc.), não é a menor demonstração do meu desejo.

Não mando pessoa a V. Exc. nesta occasião como me pede, porque espero que, havendo de passar adiante a pratica das conveniencias desta guerra, como respondi ao Senhor Bispo sobre a proposta que de lá veio, (1) será preciso haver passaportes e commissarios de parte a parte, e por essa via procurarei que V. Exc. entenda o animo com que vim a este Estado, para me empregar em tudo o que se offerecer de seu serviço. Guarde Deus, etc. Bahia, 5 de Novembro de 1640.

M. de Montalvão.

—

* Ao Marquez de Montalvão. –Tenho escripto a V. Exc outra sobre a pratica das conveniencias desta guerra, e quando eu não houvera alcançado em vir ao Brazil mais que conhecer a V. Ex. e communical-o, creia-me que para mim foi a maior fortuna e é o maior premio ; todos os que a mim pareceram defeitos nos tempos atraz, dou por bem padecidos, pois a presença de V. Exc. os faz ditosos; na vontade com que V. Exc. vai multiplicando pera comigo mercês suas, me dou por tão empenhado que nenhum tempo, nem occasião lhe prometto me escusará da correspondencia della, porque é impossivel faltar em mim o conhecimento de obrigação tão singular. A esta medida pode V. Exc. regular o empenho em que me poz na materia dos prisioneiros, porque na verdade mais obrigado fico por elles do que si m'os mandara, pelo animo que de V. Exc. eu conheço no pezar de lhe não ser possivel fazer-me um favor pelos impedimentos que na outra sua me aponta, os quaes confesso por mui justificados e bastantes.

———

(1) Publicaremos depois a correspondencia sobre esta materia.

N. da R.

Encaminhei a pratica das conveniencias da guerra, como V. Exc. verá, a que logo houvesse commissarios ou refens, e os mando sem dilatar o modo, dando o logar possivel a que esses sejam os que convem, nos quaes espero que V. Exc. supponha pessoas de calidade e partes necessarias para materias de seu gosto, e na pressa de mandal-os não deixei de vencer algumas contradicções do meu concelho, antepondo a todos o animo que alcanço em V. Exc de me fazer favores e mercês.

Não sei que me disse este moço que lá mandei acerca de uma sella e outros adereços de nosso uso, que me metteu em confiança de mandar a V. Exc. este par dellas de minha cavalhariça; desculpe V. Exc. a indecencia que tiverem a sua pessoa com o animo de servir-lhe, e o erro de lh'as mandar com o desejo de o agradar, como farei em todas as cousas de seu serviço. Guarde Deus etc.

Cidade Mauricia (sem data).

---

* Ao conde de Nassau.—Em outra tenho respondido a V, Exc. a tudo o que na sua me diz sobre a pratica e conveniencias da guerra; nesta quizera achar modos sufficientes de dar a V. Exc. as graças por tantas mercês e favores, como me faz, e pela deferencia com que engrandece minhas acções, que não tem outra cousa de louvaveis que serem encaminhadas ao serviço de V. Exc. com mui grande vontade de poder merecer nelle a gloria em que V. Exc me põe com tão antecipados agradecimentos; de tudo infiro « quanto interessa servir (?) » a V. Exc. com obras, pois tão liberalmente concede V. Exc. aos offerecimentos da vontade o premio que só a ellas se devia; porem a mais alta recompensa de todas, espero eu tirar dos serviços que desejo fazer a V. Exc., que hão de ser de calidade que tenham em si mesmo o merecimento e o premio.

Muito reconhecido me deixa V. Exc. das contradicções que me diz venceu nesse concelho per me mandar os refens com tanta pressa, e supposto que V. Exc. sabe dispor tudo com tanta attenção e prudencia, que pode ser mais invejado que encontrado, devo eu estimar muito que o animo de V. Exc. esteja disposto a todas as finezas que lhe merece e com que egualmeute lhe correspondo.

Os refens que mando a V. Exc são pessoas de postos militares que respondem aos que cá vieram. E vindo de lá delegado, como V. Exc. na sua me diz, irá de cá outro da calidade que n'outras tenho insinuado a V. Exc., pera que cresça (?) tudo o que tocar ás conveniencias da guerra, e asseguro a V. Exc. vocalmente do animo e desejo, com que vim a este Estado, de servir a V. Exc., pois eu d'aqui não posso fazer mais que com as demonstrações que tenho feito a V. Exc.

A liberal grandeza de V. Exc. não necessita pera si excogitar mais que de uma sombra de occasião, que isto vem a ser o que esse moço de V. Exc. devia referir acerca da sella, mas desta sorte fica sendo maior a minha obrigação e mais manifesto o animo de V. Exc. que com tanta generosidade se descobre entre a desculpa e o beneficio; este modo rendeu mais grandioso o presente, que se por si e por vir da mão de V. Exc. era com effeito em extremo agradavel. A devida correspondencia fica reservada no meu animo, e essas ninharias que mando a V. Exc. servirão só de acreditar este empenho, de que devo sahir melhor, quando o tempo, como espero, me conceder occasiões de novas cousas do serviço de V. Exc., a quem Deus guarde muitos annos.

Bahia 4 de Janeiro de 1641.

Marquez de Montalvão

—

* Ao conde de Nassau.—O logar-tenente Juan Langtão me informou de alguns particulares, em que deve receiar a justiça de V. Exc., querendo que eu me valha em seu favor da confiança que V. Exc. me tem dado para lhe pedir mercês, e como justamente póde obrigar-me com as leis de hospedagem a ter empenho em seus perigos. e por ser cousa do V. Exc., lhe devo desejar todo o bom successo.

Peço a V. Exc. se sirva com sua natural benignidade querer que, nesta occasião, bastem por satisfação da justiça os motivos da misericordia usada em testemunho da muita mercê que V. Exc. me faz, e essa devo esperar de seu generoso animo, obrigação que me terá em perpetuo reconhecimento, como acreditarão as occasiões, em que V. Exc. fôr servido mandar-me. Guarde Deus, etc.

Bahia, 7 de Janeiro de 1641.

M. de Montalvão

(Seguem-se uma carta de Montalvão datada de 2 de Março de 1641, e outra de Mauricio de 12 do mesmo mez. Não as reproduzimos, porque se encontram a pgs. 155 e 156 da *Hist. das Lutas dos Hol. no Br.*, 1.ª edic.)

—

* Ao conde de Nassau.- Depois de partida a náo, em que dei conta a V. Exc., como S. M. ordenou que eu deixasse este governo e me fosse a Portugal, chegou esse barco, e o trombeta que nelle veio trouxe uma carta de V. Exc. para mim, que deu aos senhores governadores, a que elles devem de responder; e só me chegou que V. Exc. se queixa de mim, mas eu creio que, tornando V. Exc. a examinar o fundamento da sua queixa, julgará que era mui fóra de que lhe eu merecia.

Com o rigor do tempo não tive logar até agora para partir, o que farei logo que estiver mais so-

cegado, e hei de trabalhar muito por dar fundo defronte desse Recife, assim para que de mais perto mostre a V. Exc. o sentimento que me causou esta sua carta, como para pedir a V. Exc. uma memoria do que em que o hei de servir em Portugal, porque, ainda que as mudanças deste governo divertirão esta nossa visinhança, e o muito com que esperava servir a V. Exc., tambem se poderá o tempo tornar a compor de maneira que, fóra d'aqui, tenha eu muitas occasiões de me desempenhar com V. Exc.

O pintor fica acabando o retrato que V. Exc. lhe ordenou fizesse, e creio que não haverá tempo para me deixar outro, e assim peço a V. Exc. se sirva de lh'o mandar copiar, e de me fazer mercê mandar-m'o remetter por Flandres a Lisboa. Guarde Deus, etc.

Bahia, 13 de Maio de 1641.

M. de Montalvão.

—

** Aos senhores governadores da Bahia.—O tenente general, Martim Ferreira, que envio a Vv. Ss. nesta náo, é digno de toda honra pela militar perseverança e prudencia, com que aqui se houve comnosco em tão longa hospedagem no tempo que esteve fazendo a (assistencia) de refens a que foi mandado; e me parece a mim que mais mereceu elle na tolerancia de tão prolixa detenção do que si o fizera combatendo com alguma força. Estimarei que Vv. Ss. assim o conheçam, e de toda a mercê que lhe fizerem me darei por empenhado para o conhecer nas occasiões do serviço de Vv. Ss., a quem Deus guarde muitos annos.

Mauricia, 22 de Junho de 1641.

Maurice, comte de Nassau.

—

** Ao M. de Montalvão.—A promptidão e perverança militar, com que o tenente general, Marn Ferreira, se houve nesta assistencia e acto de fens a que V. Exc. o mandou a este Pernambuco, i tanta que, assim pelo merecimento della como ıla amizade de tão prolixa hospedagem, me sinto ɔrigado a pedir a V. Exc. o conheça por merecedɔr de toda a honra, e da que V. Exc. lhe fizer para ɔm S. M., farei eu grande estimação, e ajuntarei s mais mercês recebidas das mãos de V. Exc., ıja pessoa Deus guarde muitos annos.
Mauricia, 22 de Junho de 1641.

Maurice, comte de Nassau.

—

** Ao conde de Nassau —A opinião de valido e V. Exc. é o maior motivo para todos se valerem e mim, e eu, por me conservar nella, não pude egar esta carta a quem m'a pedio, que, por ser essoa a quem devo obrigação, lhe desejo todo o om successo, e como me affirmou que nas mãos e V. Exc. estava, tambem eu lhe assegurei o favor.
O caso é que, partindo d'aqui em companhia, as náos da India outra por nome *Nossa Senhora 'a Conceição*, de que era capitão João Lopes Faria ɔi tomada por navios de Hollanda na costa de An;ola, e levada a esse Recife, adonde me dizem está fazenda depositada até se julgar si foi tomada m tempo que se possa dar por presa; e porque ui informado que, quando a tomaram, era depois le publicadas as pazes (não se culpando nisto a juem a tomou, pois não sabia do estado das cousas), peço a V. Exc. seja servido, por me fazer nercê, favorecer o livramento deste navio e fazenlas delle, e em caso que haja nisto algum inconveniente forçoso que não dê logar a que V. Exc. he faça este favor, pelo menos haja V. Exc. por ɔem de ordenar que se não disponha da fazenda

até vir a resolução de Hollanda, e toda a mer-
que V. Exc. fizer aos que procurarem esta caus-
será de grande estimação para mim, e eu procur-
rei servir a V. Exc. em toda a occasião que se of-
ferecer, para o que sempre me achará V. Exc. tã-
prompto como devo, ao reconhecimento de minhas
obrigações. Guarde Deus, etc.
Lisboa, 12 de Novembro de 1641.

M. de Montalvão.

—

** Ao conde Mauricio.—Vim tão obrigado
mercê que recebi de V. Exc., em quanto fui vi-
rei nesse Brazil, que não quiz que passasse es-
caravela, sem tocar esse porto do Recife para sig-
ficar a V. Exc. que cheguei a esta cidade com bo-
saude, e que me fez S. M., que Deus guarde,
mercê que lhe mereço por minhas qualidades
serviços, occupando-me nas cousas de maior im-
portancia de seu serviço, como são as de sua f-
zenda, aprestação de todas suas armadas e co-
quistas, com logar no governo e Concelho de E-
tado, e a mercê de que fiz mais estimação foi n-
mear ao Principe nosso Senhor por coronel d-
nobreza deste Reino, e fazer-me seu tenente:
porque sei que ha V Exc. de estimar estas novas,
por serem de um tão grande seu servidor, lh'as
quiz mandar e juntamente para obrigar a V. Ex-
a que me mande muitas suas acompanhadas d-
occasiões de seu serviço, estando certo que me e-
pregarei nelle com mui particular gosto
Com esta occasião não quero deixar de d-
a V. Exc. o sentimento que S. M. e todo este Re-
tem de ver que, em tempo que com tão urgent-
causas se tratava de tornar este Reino á anti-
amizade que sempre teve com os illustres Estad-
da Hollanda, e quando se juntavam suas armadas
e as de França a ajudar a conservação deste R-

o, fossem por outra parte a occupar nossas conuistas. Bem cuido eu que não teve V. Exc. parte m materia que tanto tem escandalisado o mundo, tambem creio que fará o que deve a seu illustre angue com lembrar e persuadir aos Senhores do overno da Hollanda emendem acção tão injusta, omo a que se tem feito.

A S. M., que Deus guarde, representei o modo m que iamos correndo, e affirmo a V. Exc. que he está mui obrigado, e com grande desejo de que V. Exc. tenha a mor parte do governo de suas arnas; e iamos tratando deste particular, quando hegou a nova da jornada que o tenente Henderson fez a Angola.

V. Exc. me diga si é servido que eu vá continuando esta pratica, porque entendo será de muita importancia a V. Exc. e a seus servidores. O Reino tem um pé de guerra bem formado, e temos as fronteiras bem guarnecidas e providas, e eu vou pondo as cousas do mar em mui bom estado, que são as novas que posso dar a V. Exc., e pedir-lhe que, pois a paz está celebrada por dez annos, escreva a Henderson, accommode as cousas de maneira que nos não obrigue a desfazer o que está feito neste particular, e espero que em tudo o que toca a esse Brazil faça V. Exc. o mesmo por credito de sua opinião, e por ter mais obrigado a S. M. e a todo este Reino. Guarde Deus, etc.

Lisboa, 12 de Março de 1642. (1)

M. de Montalvão.

---

(1) Esta carta se encontra á pag. 162 da *Hist das Lutas dos Hol.*, 1ª edic., mas com variantes que mostram ter sido corrigida. A carta authentica, tal como foi redigida pelo Marquez de Montalvão, é a que acima fica.

N. da R.

** Ao mesmo.—Todos os que sabem a muita mercê que V. Exc. me faz e de nossa boa correspondencia se valem de mim, e assim o fazem agora o padre frei João da Cruz, primo de Gonçalo Novo de Lira, a quem me dizem que V. Exc. favorece, e frei Francisco de S. André, seu companheiro, que ambos passam a esse Estado com passaporte de S. M.; e porque a maior confiança que leva para V. Exc. lhe pôr os olhos, e os amparar, como espero de sua benignidade, é esta minha carta, peço a V. Exc. que, por me fazer mercê, lhe mostre tão boa vontade, que vejam estes religiosos quanto lhe aproveitou a minha intercessão, e eu a muita opinião que grangeo em me terem por tão grande servidor de V. Exc., a quem Deus guarde muitos annos.

Lisboa, 14 de Março de 1642.

M. de Montalvão.

—

** Ao M. de Montalvão.—Supposto que a restituição de V. Exc. não foi para mim cousa nova ou não esperada, pela certeza que tenho da prudencia e acertadas acções de V. Exc., comtudo havia eu sentido tanto a molestia que V. Exc. padeceria entretanto na reclusão, que lhe confesso foi egual o gosto da nova da restituição á pena que havia recebido; e disto esperava que V. Exc. me desse logo o parabem, porém sem isto o tomo eu, pois não cabe o dar-se-lhe a V. Exc. de cousa que, a meu ver, por muito certa, não alterou o estado nem a opinião de V. Exc.; mas de todo o modo é bem que seus servidores nos alegremos com V. Exc. e lhe ajudemos a festejar o haver querido S. M. tanto satisfazer-se da importancia que tem na pessoa de V. Exc.

Logo que aqui cheguei, fiz a V. Exc. sabedor de que me tinha mais perto mui a seu serviço, escre-

vendo-lhe pelo padre frei Raphael, que veio em minha companhia, e desejo saber si foi aportar por lá á presença de V. Exc. Depois recebi do Brazil, em umas náos que de lá vieram, uma de V. Exc. de 30 de Abril de 1644 com duas copias de duas de 20 de Julho de 1643, e com ellas a mercê costumada que sempre recebi de V. Exc., da qual aqui de Hollanda lhe torno a confessar ou retificar meu empenho, como fazia do Brazil, porque a memoria dos muitos em que estou para com V. Exc. é sempre em mim tão viva, como em V. Exc. a continuação com que os vae cada vez mais multiplicando.

Dos particulares que V. Exc. me trata n'uma das copias de 20 de Julho de 1643 não sei dizer a V. Exc. outra cousa que haver sempre estado prestes a seu serviço, e obrigado a muita vontade que confesso em V. Exc. para me occasionar grandes vantagens, e com egual inclinação aos progressos desse Reino, observando sempre a obrigação natural que devo a estes Estados. Nenhuma das cousas que V. Exc. me aponta, vi aqui tratar, e só o faz embaixador dos negocios da India.

Os Senhores Estados Geraes e S. Alteza me promoveram, pouco tempo depois de chegado, a tenente general da cavallaria destes Estados, e a governador da praça e cidade de Wesel, sem me deixarem levar alguns mezes de ocio que entendia vinha buscar.

Em toda a parte e logar me tem V. Exc. mui feito a seu serviço, cuja pessoa Deus guarde muitos annos.

Haya, 2 de Janeiro de 1645.

Maurice, comte de Nassau.

—

** Por provisão d'el-rei de Hespanha em tempo que possuia o Estado do Brazil, foi ordenado que no tocante ás cobranças por via de juizo que se fa-

ziam contra os moradores, senhores de engenho e lavradores, não se lhes tomasse nada de suas fabricas, nem se lhes fazia separação em partes dellas por respeito das notaveis perdas que resultavam, desannexando-se das fazendas o meneio dellas, e só se fazia execução nas fazendas por arrematação das safras, isto emquanto o acredor não egualava seu debito ao valor de toda a fazenda do devedor; assim o declaro ser costume e registo de provisão, e as mais pessoas assignadas. Hoje, 1(de Dezembro de 1642. Estavam assignados o Dr. Manoel Barbosa da Silva, Felipe Paes, Balthasar Gonsalves Moreno, Francisco Barbosa Nunes, Luis Bras Pereira, Fernão Soares da Cunha, Fernão d'Olanda, João Pimenta, Augusto Lopes de Moura.

—

** Sendo advogado em a villa de Olinda, vi observar não se fazer penhora nem executar em os escravos do meneio dos partidos de cannas aos lavradores dellas, e assim tambem se guardava nos escravos e mais fabrica dos engenhos, porque em favor da lavoura e agricultura das cannas que é a que nesta terra ha, e de que depende a conservação de todos os moradores, se lhe aplicava a estes bens todos os privilegios que o direito concede aos bois de arado e instrumentos rusticos da lavoura. E por elles não havia execução nos ditos bens, nem por dividas do fisco real nem de particulares, excepto não tendo os condemnados outros bens, porque se fazia execução tambem nelles. E neste caso vi por sentença dada na cidade da Bahia, na Relação que ahi esteve, mandarem que se fizesse primeiro execução em umas dividas que nomeou o condemnado, por cujo respeito se ficou guardando se admitisse a execução nesta terceira especie de bens, que são dividas e acções antes de se fazer nos escravos e mais bens da lavoura das cannas. E quando se chegava a fazer execução em enge

nhos, não se desmembrava delles a fabrica e peças com que elles moíam, porque se reputavam por corpo mistico, e não se lhe mandavam tirar as partes integrantes delles par não perecer. E assim se vendia todo incorporado ou arrendava, conforme a quantidade das dividas, e porque muitas vezes succedia ser a divida pequena, neste caso, *ne propter æs aliennm modicum possessio magna distrahatur*, ficava em arbitrio do Juiz o dispor sobre isso, mandando vender ou arrendar, o que a meu parecer se fundava na doutrina referida por Menoch. *de arbitr.—vide lib.* 2, *centuria* 2, *casu* 182, n.º 34, *cum duobus sequentibus*, e *casu* 183, n.º 24 *usque ad* 26. E sempre sem damno consideravel se favoreceu mais a conservação da lavoura e engenhos. Isso vi se praticar e por verdade fiz este.

Recife em 18 de Março de 1643.

Antonio Pereira.

—

* Aos Illustres Senhores do Concelho de Zelandia.—Illustrissimos Senhores. Notorio deve ser a Vv. Ss. o que de sua parte fez o capitão Carlos Torlon na conquista deste Estado do Brazil, pelo que mui justamente pudera esperar mui grandes premios, mas em logar delles lhe permitte sua fortuna o castigo de ser desterrado de sua casa e fazenda em que vivia casado comigo, sem mais culpa que a infcrmação que quizeram dar alguns que lhe eram pouco affectos, e como o sentimento de sua falta me toca mais a mim (?)........ peço humildemente de mercê a Vs. Ss. se sirvam querer favorecer sua causa, pera que se possa vir pera sua casa e fazenda, onde poderá ser de utilidade sua pessoa e exemplo de acharem muitos serviços e

buscar o emparo de Vv. Ss., cujas illustrissimas pessoas guarde Deus.

Pernambuco, 27 de Agosto de 1837. (1)

—

* Aos mui nobres Senhores do Supremo Concelho no Estado de Pernambuco. — Tenho noticias certas que os senhores directores de Angola tratam ao governador Pedro Cesar de Menezes com tanto aperto, que não só se falta á decencia e policia, com que os Senhores Estados costumam tratar os prisioneiros de sua qualidade e posto, mas ainda se passa a termos de piedade. E supposto que de Vs. Ss. tenho entendido que o governo de Angola está separado do dessas capitanias, o justo sentimento que este excesso merece me obriga a recorrer a V. Ss. sem embargo desta declaração, para que pelos meios que fôr possivel se sirvam lembrar aos Senhores Directores que nem o governador Pedro Cesar lhes merece castigo pela culpa de muito confiado, nem fica bem correspondida a vontade com

---

(1) Esta carta é de D. Anna Paes que na mesma data dirigio outra aos Estados Geraes.

Na acta da sessão de 21 de Novembro de 1637 da asssembléa dos Estados Geraes consta ter sido recebida uma carta de D. Anna Paes, mulher do ex-capitão Carlos Tourlon, escripta em Pernambuco a 27 de Agosto do mesmo anno, dizendo que Tourlon, por ter incorrido no desagrado do Conde Mauricio, foi enviado para a Hollanda, ficando ella em Pernambuco mui afflicta pela ausencia do marido, e pedindo que Tourlon fosse restituido a sua casa e fazenda Ouvidos os membros dos Estados Geraes que, como delegados, haviam assistido ás sessões da Assembléa dos Dezenove, e declarando elles que alli nada constava contra Tourlon, resólveram os Estados Geraes que fosse permittido a Tourlon voltar a Pernambuco como particular e para tratar dos seus negocios, salvo si, depois da dissolução daquella assembléa, se verificasse ser elle culpado em alguma cousa.

Da acta do Supremo Concelho do Brazil de 20 de Março de 1637 consta tambem que o conde lhe commnicara as razões que teve para pôr em segurança Carlos Tourlon, ex-capitão da guarda. — *N. da R.*

que S. M. pretende continuar a alliança, que sempre os senhores Reis, seus predecessores, tiveram com os Senhores Estados, e que é força que estes avisos se recebam com grande estranheza no mesmo tempo, em que S. M. me manda corresponder neste Estado com a benevolencia devida á confiança com que se acha, que eu espero ver em Vs. Ss. mui assegurada nesta occasião, e nas mais que se offerecerem, como da minha parte procurarei em tudo o que tocar a meu logar e pessoa, que sempre estimarei empregar no serviço de Vs. Ss., a quem Deus guarde.

Bahia 13 de Dezembro de 1643.

Antonio Telles da Silva.

--

Ao Exm. Sr. Conde de Nassau. Emquanto o tempo me manda occasião para as demonstrações com que desejo servir a V. Exc., devo ao menos não faltar ao cuidado de procurar as boas novas de sua saude, que é o primeiro intento desta missão, das quaes farei a estima que merecem, quando V. Exc. se sirva de mandar-me as que espero.

Aos Senhores do Supremo Concelho dou as noticias que tenho do mau tratamento que em Angolo se dá ao governader Pedro Cesar de Menezes, que em tudo é muito contrario ao que se deve não só ao seu logar e pessoa, mas ainda a prisioneiros. E como no animo de V. Exc. é tão natural a justesa e a clemencia, espero que pelo modo que fôr possivel se servirá V. Exc. de advertir aos Senhores Directores de Angola a obrigação que tem, e as causas que devem respeitar para moderar seu rigor, que não refiro por muito conhecidas. E posto que o governo de Angola não esteja subordinado a V. Exc. (como V. Exc. me ha dito), confio que resulte a mesma obediencia do respeito que se

deve ao parecer e advertencias que V. Exc. fôr servido fazer neste particular, ficando eu obrigado a empregar-me no serviço de V. Exc. com a vontade que devo. Guarde deus, etc.
Bahia 13 de Dezembro de 1643.

Antonio Telles da Silva.

—

* D. João por Graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves, etc.

Faço saber aos muito prudentes, honorificos, discretos e estimados assistentes com a pessoa do Conde de Nassau que do padre frei Estevão de Jesus, que veio a esta côrte a tratar negocios seus, entendi o bom termo, com que eram tratados os catholicos que se acham nas capitanias desse districto, de que recebi tão particular satisfação que me parecee manifestal-a com esta carta a tão prudentes ministros, significando-lhes que em reconhecimento desta acção (que lhes rogo e encommendo muito queiram continuar com as ventagens que merece esta offerta), me acharão sempre com muito boa vontade para tudo o que convier ao commum e particular de cada um delles.

Escripta em Lisboa a 18 de Janeiro de 1644.

El-Rei.

—

** Fragmento da copia ou minuta de uma carta sem endereço, data nem assignatura.

« Nem é a menor cousa que devemos oppor contra a avessa correspondencia de V. S. o receber os foragidos e salteadores que fogem desta nossa jurisdicção para sua sombra e acolheita, como para parte inimiga, como fez Thomé Delgado com o seu barco e os que nelle foram fugidos

com a fazenda alheia, e agora Domingos da Rocha, de Serinhaem, com um barco de assucares e muitos portuguezes devedores aqui, que vão todos levantados com o alheio para o Rio de Janeiro, maldade digna de grande castigo, com a qual ousadia se levantam aqui muitos de todas as nações, roubando e matando homens, e levando escravos, e levou accorrendo para lá, como faziam no tempo de toda a hostilidade, devendo V. S. agora mandar-nol-os logo aqui presos, como assentamos com os seus delegados, e nem a resposta dos assentes da boa correspondencia (que com elles aqui tratamos e tomamos) esperando-a, a tivemos até hoje de V. S., e si ao principio nos punha esta falta somente em admiração, hoje vemos que o foi das consequencias que experimentamos.»

—

** Serenissimo Principe e Senhor.—Da temperança dos ares procede a fertilidade das terras, e da clemencia dos principes o augmento e tranquillidade dos povos ; porém com rezão podemos dizer que o tempo nos tem mostrado acontecer isto pelo contrario na edade dos primeiros tres annos antes da vinda de V. Exc.

Não desculpo, Senhor, aos moradores o largarem suas casas e fazendas com tão pouca consideração e errado conselho, como o mesmo tempo tem mostrado, sem pera isso poderem allegar rezão alguma que os desculpe, nem que com isso livrassem os que cá ficaram, porque pela minha causa padeceram trabalhos e affrontas ; e posto que eu (fazia) como preso companhia aos mais sem liberdade.. .. .. de ma(neira) que a tivesse pera tornar a minha casa, conhecendo quaes poderiam ser os fins de tão errados principios, e retirado a minha casa pela licença que já d'antes tinha dos senhores do governo, me fui accordar com elles

nas cousas mais essenciaes de nossa alliança qu
me deram por escripto.

Em rezão deste accordo, Senhor, procure
persuadir por minhas cartas a todos os moradore
que se tinham retirado, aos que ellas puderam
alcançar, se retirassem ás suas casas e fazenda
pera livremente as gosarem e gosarem sua reli
gião, conforme o dito accordo e elles o fizeram
confiando mais de minhas palavras que das espe
ranças de se poderem cumprir cousas prometti
das, posto que dignas de nos ..... com ellas, se
gundo o exemplo que temos dos que escreveram
dizendo que a palavra é um tronco tão verdadeiro
e forçoso que até aos inimigos ha de guardar a pro
messa.

Soffremos comtudo, Senhor, este jugo de ma
contentes com os encargos de quem está sujeito
sentindo comtudo o damno delles, e muito mais po
conhecermos serem sem ordem dos que tinham
poder pera castigar culpas, quando as houvera ; e
si os damnos que padecemos alcançaram a mui
tos, a mim em particular mais que a todos, como
preso esbulhado de meus bens, sem ordem nem
culpa alguma, nem presumpção della, nem (cau
sa) que a que quiz o director Emses (Ypo Eyssens)
parecendo-lhe que com semelhante rigor me po-
dia obrigar a lhe dar por mulher uma sobrinha que
me havia pedido, e eu lhe havia negado, por estar
em poder de seus pais.

Durou, Senhor, esta prisão até á vinda de V
Exc., de quem recebi o fructo de minha liberdade
e fazenda, que não logrei emquanto durou minha
prisão, e em que recebi notavel perda e sobretudo
a de um irmão morto em poder de g(ente) selva-
gem, pessoa de mais reputação e de mais idade
que a minha ; tudo isto sem ordem dos que a ti-
nham pera semelhantes castigos, quando houvera
culpas que o mereceram.

No que fica dito, Senhor, se tem mostrado
quaes foram o procedimento da primeira edade, e

quaes vieram a ser com a vinda de V. Exc., com a qual não somente cessaram estes damnos, mais ainda até perdoaram culpas que mereciam ser castigadas, de maneira que geralmente podemos dizer, como cada hora dizemos—si faltára a vinda de V. Exc., já não houvera portuguezes que tivessem vida nem fazenda.

E como em nós, Senhor, ha este conhecimento, por que sempre estaremos obrigados a dar agradecimentos, temos razão de sentir o damno que podemos receber com o que se publica de V. Exc., que já nos está pondo em grande tristeza e desamparo, quando assi aconteça, e si a ida é por falta de alimentos da Companhia, cousa é que os povos podem muito bem remediar com tão larga vontade, como a que V. Exc. sempre teve e tem pera nos emparar e fazer mercês.

Pelo que peço a V. Exc. mui encarecidamente em nome de todos os moradores destas capitanias, em especial da Parahyba, seja por bem desistir de sua ida, pois não somente serve de emparo de todos, mas ainda de augmentar os bens e rendas da Companhia e dos Estados da Hollanda.

O que mais temos pera pedir e peço em nome de todos é materia de muita consideração, pois della pende não somente o augmento da terra e seus habitadores destas capitanias e mercadores, como da mesma Companhia, e estas, Senhor, consistem em tres cousas: a 1ª no favor que os Senhores do Supremo Concelho podem dar aos ditos moradores em diversidade de cousas; a 2ª em cessarem os interesses, que tem posto a todos em miseravel estado; a 3ª é não se fazerem execuções de escravos e bois, porque, si sobre isto se fizer um verdadeiro exame, se achará que de muito mais consideração será aos credores alimentarem seus devedores do que será fazerem execução em seus bens, cousa que já em outro tempo aconteceu.

O commercio não póde deixar de faltar, faltando a lavoura, e o tempo tem bem mostrado este

desengano, porque se não achará testemunho de pessoa que diga, nem se accorde do que vemos de presente na falta e carestia de mantimentos, e que dura ha tão largo tempo, nem que si visse estarem os engenhos pejados em tal tempo; tudo isto, Senhor, vem a ser em damno geral dos nomeados e faltando o remedio das cousas apontadas, se perderá tudo, pelo que de novo peço a V. Exc. e mais Senhores do Supremo Concelho queiram remediar isto de modo que todos alcancem os bens que temos resão de desejar.

8 de Novembro de 1643.

Duarte Gomes da Silveira.

—

** Ao Concelho Supremo.—Justamente me previnem Vv. Ss. o allivio que posso ter na ausencia do senhor conde de Nassau, com me darem a entender a successão de seu governo nas pessoas de Vv. Ss., do qual devemos eu e os moradores dessa capitania esperar sempre os mesmos acertos, e a mesma benevolencia que experimentamos até aqui em S. Exc. o senhor conde de Nassau, para que reconheça sempre nesta nossa correspondencia a obrigaçõo que me fica de cuidadosamente a procurar, como o farei em as occasiões que se offerecerem, e em todas as que Vv. Ss. se servirem mandar-me, confiando receber a mercê que Vv. Ss. me asseguram, e de seu animo devo esperar. Guarde Deus, etc.

Bahia, 1 de Abril de 1644.

Antonio Telles da Silva.

—

** Nobilissimos, espectatissimos e prudentissimos Dezenove Senhores.—Posto que algumas n-

cessidades nos tem constrangido a pedir a Vv. Ss., como a nossos superiores, o remedio dellas, o não pedimos porque em parte as remediaram sempre os Senhores que aqui nos governam, e porque não achamos o mesmo remedio na que de presente se nos offerece, os escabinos e pessoas das mais nobres neste povo. humilhados e sob o respeito devido á nobilissima presença de Vv. Ss., lh'o pedimos nesta occasião em que nos parece convem, e as considerações que nos obrigam e causam.

Depois que por Vv. Ss. foram estas capitanias vencidas, esta foi governada por directores, que veramente procederam de tal maneira que nos obrigaram a que os amassemos, e lhes obedecessemos reciprocamente, e assi temos continuado até agora ; tempo em que os Senhores do Supremo Concelho mandaram retirar para o Recife ao director Gisberto de With, que actualmente está presidindo, e não entendemos que em seu logar ponham outro que a governe e a este povo, que é grande, e que dista do de Pernambuco 25 ou 30 leguas, aonde se não pode ir com a facilidade que infinítas vezes as oppressões succedem obrigar a cada qual de nós, e algumas não soffrem dilação os riscos dellas ; e tambem não podemos deixar de sentir a ausencia do dito director, que não só como tal nos assistio, mas como intimo amigo, acudindo em todo o tempo e horas a nossos despachos e requerimentos, tratando-nos com affavel cortezia, remediando nossas afflicções,zelando nossos bens, conservando a justiça e boa policia, e finalmente unindo e inclinando a si os animos de todos nós, e pondo esta capitania em mais quietação e paz do que nunca esteve ; effeitos que não podemos deixar de sentir a falta delles, e que de boa vontade nos obrigam ao desejar por superior pera sempre ou algum dilatado termo, no que V. Ss. nos farão singular mercê. E já nos contentaremos com que lhe succedesse outra pessoa que conheçamos por superior, porque sem elle parece não pode ha-

ver conformidade em republica alguma, e estamos antevendo mil descordias, ou nossa ruina causada da desinvoltura dos militares contra os populares, e cada qual ha de querer dominar, e sempre o pobre ha de ficar succumbente, e pera havermos de recorrer á Camera de Justiça, de mais de que seus poderes são limitados, difficilmente remedeará o damno causado dos salteadores brancos e pretos, e a diversos mil que cada hora se offerecem, que só pode remedear a autoridade de um director, e ainda que o poder de dita Camera se estenda, como os mais dos moradores nestas partes vivem em suas fazendas apartadas umas das outras, e distantes da cidade, e só se ajuntam nos dias que tem limitado pera as audiencias, e os militares não quererão obedecer, e commumente são insolentes, por mais que seus officiaes os refreiem; quem ha de ser o que ha de supprir a semelhantes faltas, si não for um, ajustado e perito no governo, director ?

Mui nobres Senhores, considerações são estas que sem exageração fizemos, a que Vv. Ss. sem dilação devem deferir com o remedio, e si o virmos, viveremos satisfeitos, e confiados em que somos sugeitos a quem nos é propicio, e continuaremos em informar a Vv. Ss. dos mais particulares, assi dos que necessitarmos como dos que nos parecerem uteis ao andamento do bem da ampla general autorisada Companhia, a quem Deus dê sempre felices successos.

Frederica da Parahyba, 23 de Junho de 1644.

Affectos subditos de Vv. Ss.

Miguel van der Venne, escabino presidente, eleitor; Thomé Leitão, escabino, eleitor; João van Ool, escabino, senhor de engenho; André Dias de Figueiredo, escabino, senhor de dous engenhos; Gaspar do Valle, escabino, eleitor; João Gouteries, escabino; Fernão Rodrigues de Bulhões, se-

cretario da camara, eleitor; Etmondo Fosse, vice-secretario; Gonçalo Lopes de Oliveira, notario publico; Christovão Dias de Oliveira, mercador; João Nunes dos Passos, mercador; João Tibur, mercador; Pieter Tonneman, mercador; Samuel Gerard, eleitor e administrador da camara dos orphãos; Francisco de Aranzedo, idem; Fernão de Moraes d'Alto, administrador da camara dos orphãos; Antonio Correia de Valadares, senhor de engenho; Jorge Homem Pinto, eleitor, senhor de 6 engenhos; João de Souto, eleitor, senhor de engenho; Hyeromino Cadena, senhor de engenho; Antonio Barbalho Bezerra, senhor de engenho; Joannes Lermitte, eleitor; Edward van Muinickiever, eleitor, mercador; João Cornelio van Delman, eleitor; Joseph Falcão de Souza, cidadão; João Barbosa de Mesquita, lavrador de cannas; M. João Tavares de Matos.

—

• Ao Senhor conde de Nassau e a Vv. Ss. representei em outra occasião a indecencia grande com que era tratado em Angola o governador Pedro Cesar de Menezes, a que Vv. Ss. se servirão de me responder que logo avisariam aos senhores directores de Loanda o tivessem com o devido respeito a sua qualidade e merecimento. E não tenho até hoje noticias de estar já alliviado da prisão e aperto, em que o havia a primeira inhumanidade, e porque creio que com as advertencias de Vv. Ss. haverá já mudado de fortuna, peço a Vv. Ss. me communiquem as novas que de sua pessoa tiverem, porque, quando não sejam as que devo esperar do procedimento de ministros tão politicos, como os que me persuado haver naquelle governo, o manifeste a S. M. pera que com os mui altos e poderosos Estados se trate do melhoramento que solicito a este fidalgo.

Ao tenente de mestre de campo general, Andr
Vidal de Negreiros, tenho concedido licença per
se passar ao reino de Portugal a servir a S. M. na
fronteiras pela ociosidade em que se acha no so-
cego deste Estado, e sabendo que enviava eu esta
cartas, me pedio que o quizesse fazer portado
dellas pela conveniencia que lhe resultava de se
poder com esta occasião ir despedir e beijar a mã
a seus pais, que tem na cidade da Parahyba, e por-
que é tão justa a petição, me pareceu fazer-lhe est
favor debaixo da dependencia de Vv. Ss. o quere-
rem permittir, o que estimarei muito por não fica
mallogrando a viagem, nem eu o desejo de lh
prestar esta minha intercessão, que tenho por mu
librada na boa amisade e nobre correspondencia d
Vv. Ss., que nunca faltarei em tudo o que Vv. Ss
se servirem mandar-me. Guarde Nosso Senhor, etc
Bahia, 14 de Agosto de 1644.

Antonio Telles da Silva.

—

Ao Supremo Concelho—Vindo o sargento-
mór Martim van Elst a despedir-se de mim, em
nome do Exm.º Sr. Conde de Nassau, lhe encom-
mendou o rvm.º padre frei Ignacio de S. Bento, re-
ligioso da mesma ordem, que esta carta ha de da
a V. Ss., alcançasse licença para se poderem pas-
sar a esta cidade umas sobrinhas suas, que tem
nessa capitania, padecendo algumas incommodi-
dades ; e desenganado de não haver effeito por esta
interposição, me pedio agora licença para nesta
embarcação poder ir pessoalmente a solicitar da
benevolencia de V. Ss. o favor de as poder traze
comsigo. E lembrando-me eu que a todas as pes-
soas que o Sr. conde Nassau quiz mandar ir desta
terra pera essa nesta ultima náo, as deixei ir livre-
mente, me não atrevi a negar-lhe a disposição com
que de minha parte podia concorrer para esta acção

ão piedosa, assegurando-me a egualdade com que V. Ss. devem querer substituir a S. Exc na correspondencia devida a nossa visinhança e amisade, e nesta fé estimarei que V. Ss. se sirvam de lhe dar essa permissão, não a encontrando por alguma via ou as resões d'Estado desse governo, ou algumas particulares do gosto de V. Ss., porque esse é pera mim o preceito mais poderoso, e o mais suave será mandar-me V. Ss. suas occasiões que desejo merecer em seu serviço. Guarde Nosso Senhor a V. Ss. muitos annos. Bahia 14 de Agosto de 1644.

Antonio Telles da Silva.

—

P. S. A este porto chegou um navio de Lisboa que trouxe as duas cartas que serão com esta, que S. M., que Deus guarde, foi servido mandar escrever, uma ao Exm.º Snr. conde de Nassau, e outra a V. Ss., remettendo-m'as ambas a mim, pera que as enviasse, por haver fallecido o padre frei Estevão de Jesus, que os trazia, e supposto que tenho por sem duvida que já S. Exc. deve ser partido pera Hollanda, como me tinha avisado, comtudo, considerando que se podia dilatar mais a jornada, não quiz ficar com o exemplo de faltar em lh'a remetter.

—

• Ao Supremo Concelho.—Os Snrs. Gisberto de Witth do Concelho de Justiça, e Theodoro de Hoochstraten, governador dos soldados no cabo de S. Agostinho, deputados de V. Ss., e pessoas de cujos merecimentos e qualidade fiz toda a estimação devida, me deram a carta de V. Ss. e propuzeram a materia a que V. Ss. os mandaram a esta Bahia. E supposto que eu desejasse sempre

vincular maiores obrigações e correspondencia desta nossa boa visinhança, comtudo me não foi possivel dar-lhe outra resposta que a que será presente a V. Ss., a quem estimarei que queiram significar a experiencia que acharão em meu animo, para o que tenham V. Ss. entendido, e se assegurem que em tudo o que depender deste governo, estou muito prompto para fazer o que devo, assi em cumprimento da verdadeira fé, com que el-rei meu senhor me manda que observe a capitulação das pazes, como pelo natural effeito, com que estimo a agradavel amisade de V. Ss., em cuja benevolencia espero merecer as occasiões que me offerecerem de seu serviço e gosto. Guarde N. S. etc. Bahia 19 de Fevereiro de 1645.

Antonio Telles da Silva.

—

• Idem.—Vi as tres proposições que comprehendem o papel que V. Mcs. me presentaram em nome dos mui nobres senhores do Supremo Concelho, governadores em Pernambuco. E havendo eu considerado com particular attenção e desejado sempre com todo o affecto, que posso encarecer, estreitar cada vez mais a correspondencia e lhaneza desta nossa amisade e visinhança, fico sentidissimo de se não estenderem meus poderes a praticar nem contrahir capitulação alguma sem particular e expressa ordem de S. M., el-rei, meu senhor. Mas pera que os ditos senhores tenham entendido quão deliberada tenho a vontade a solicitar todos os meios de complicar com maiores obrigações a benevolencia reciproca destes dous governos, darei logo conta a S. M. nestas primeiras embarcações que estão para partir com copia das mesmas proposições, para que com seus embaixadores se determine o effeito dellas com os muitos poderosos Senhores Ordens Geraes. E estimarei eu que se

sponham de maneira que se fique conseguindo que se pretende, e eu muitas occasiões de merecer a V. Ss. as que me quizerem dar de seu serço.

Bahia 13 de Fevereiro de 1645.

Antonio Telles da Silva.

Por ordem de S. Exc.

Bernardo Rarasco.

—

* Idem.—Depois de haver escripto a V. Ss., ne rogaram os Snrs. deputados de V. Ss. lhes ermittisse que levassem no seu navio o padre rei Antonio Prestes, religioso da ordem de S. Ben-o, commovidos das apertadas instancias que o everendo padre provincial de dita ordem lhe fez ma e muitas vezes em consideração de negocios ue tem de grande importancia, que nessa capitania estão pendentes de sua assistencia, e elle representará a V. Ss. E como as materias tocantes religião merecem sempre todo o favor, me não trevi a negar-lh'o; antes me achei empenhado a edir a V. Ss., como por esta faço com todo o enarecimento que posso, se sirvam de lhe mandar azer o acolhimento que elle vae confiado experimentar, e eu lhe segurei da natural benevolencia piedade de V. Ss., a quem estimarei agradecer om toda occasião que se me offereça de seu seriço, o que particularmente nesta receberei de V. s. Guarde N. S., etc. Bahia 20 de Fevereiro de 645.

Antonio Telles da Silva.

* Idem.—As repetidas instancias do padre I
Abbade frei Anselmo da Trindade, nosso subdit
assistente no engenho de Massurepe, augmenta
das com a solidão, em que o deixou a morte c
religiosissimo padre frei Cypriano, me moveram
solicitar com o Sr. Antonio Telles da Silva, gove
nador desta praça, passagem para dous religiosc
em companhia dos Snrs. embaixadores de V. Ss
que, consideradas as cousas, o não encontrarã
Nesta conformidade escolhi dous sujeitos, o pa
dre pregador frei Antonio dos Reis, e o padre fr
Antonio da Resurreição, os quaes remetto per
que por mim, e já como vassallos, beijem a mão
V. Ss., que delles entenderão serem religiosos fó
de bulhas, mansos e quietos, e mui conformes
humildade religiosa, com que vão tratar da conso
lação e conservação da existencia, em que se te
retirado o padre D. Abbade frei Anselmo; seg
ro eu achem V. Ss. nelles tanta singeleza e confo
midade que sirvam de lhes assistir com particula
favor, e vão bem advertidos de receberem mercê
com humildes correspondencias, ficando certo qu
elles me desempenhem de sorte, que eu fiqu
satisfeito da eleição que fiz, e V. Ss. alegres d
lhes franquear a passagem, como espero, pedind
Deus guarde a V. Ss. e lhes augmente a vid
e saude por largos annos. Bahia 20 de Fevereir
de 1645. O menor capellão e orador de V. Ss.

O Abbade frei *João da Victoria*
D. Abbade Provincial.

—

As seguintes cartas marcadas com este signa
*** foram encontradas pelo almirante Lichthart a
bordo dos navios de Serrão de Paiva tomados na
bahia de Tamandaré a 8 de Septembro de 1645.

*** Ao capitão-mór (Serrão de Paiva).--Não res

pondi a Vm., porque o piloto disse que se queria ir logo, e eu estava occupado despachando o embaixador para irem á terra. Esta gente parece que está prestes para qualquer acontecimento, porque tem dado mostras disso; Deus o encaminhe, e disponha o que convier mais a seu santo serviço e de S. M. A divina (providencia) guarde a V. m. S. Pantaleão, hoje sabbado. (1)

Salvador Correia de Sá e Benevides.

—

*** Ao capitão-mór. Estimamos com todo o effeito que V. m. gose boa saude, e que haja chegado o general Salvador Correia de Sá, pera que V. m. se tire já desse porto, que sabemos o tinha enfadado.

Ao general Salvador Correia escrevemos, dando-lhe noticia do succedido; V. m. nos fará mercê vêr pela sua o que nesta nos não é possivel representar-lhe, pelo muito que importa enviar-lhe uma consulta, que V. m. verá a tempo que sirva. Na primeira occasião que será breve relataremos tudo o que nesta falta. Todos enviam a V. m. muitos recados, e se recommendam em sua graça, em especial os padres e o auditor. N. S. guarde a V. m. Serinhaem 10 de Agosto de 1645.

Martim Soares Moreno.
André Vidal de Negreiros.

—

*** Idem.—Confusos e perplexos nos tem a falta dessa nossa armada, já trazemos os olhos cançados de a buscar destes outeiros, e não topamos mais qne com navios e barcaças flamengas, que

(1) Escripta deante do Recife em Agosto de 1645.—*N. da R.*

por toda esta costa andam a seu parecer, por nã terem quem o estorve, e já nos contentavamos com a esquadra com que partimos da Bahia, que da bo fortuna, valor e zelo de Vmc. esperamos felize successos, e confessamos a Vmc. que até agor logramos estes, mas não já com o gosto que re quer, por nos faltar a ajuda de Vmc. no mar.

Deste outeiro de Nazareth se avistaram até 1 embarcações juntas, que julgamos serem da com panhia de Vmc., e nesta esperança se nos alegra ram os corações com todos os excessos de gosto Temos assentado que é muito conveniente que Vmc. com os navios que traz em sua companhia venha dar fundo defronte desta barra do Cabo de Santo Agostinho, onde logo lhe mandaremos um pratico para as metter dentro deste porto, em c qual mediante a graça de Deus daremos fim a esta empreza deste sitio que temos posto a 250 flamengos que estão no Pontal fortificados, e que já os tiveramos rendidos, si não tiveram esperanças de soccorro pelo mar.

Hoje, que são 30 de Agosto, esperamos pela caravela de Luiz de Mello, que a nossa vista foi brigando com uma náo flamenga, e se metteu no Porto das Gallinhas com perda de um homem.

Estes senhores flamengos não quizeram admittir nossa amisade, sobre haverem feito nesta campanha as maiores crueldades que os nascidos nunca viram, de que nos estimulamos a proceder contra elles, como era de razão. Na Vargea sahio o seu governador das armas com 500 homens escolhidos a receber o mestre de campo André Vidal de Negreiros, que com parte de nossa gente ia áquellas paragens evitar os damnos que nellas se faziam; deu-lhe Deus tão boa fortuna que os rendeu em uma casa forte depois de lhe haver morto 150 homens, cem indios, aprisionou duzentos e tantos flamengos com todos os mais officiaes de guerra e os de mais valor e opinião.

Recommendamos a Vmc. o quanto importa

ir para este porto, e assi despachamos tres ex-
·loradores a buscar a Vmc. que N. S. guarde
ıuitos annos.

Nazareth 30 de Agosto de 1645.

Martim Soares Moreno.

André Vidal de Negreiros.

*** Idem.—Supposto que Vmc. foi primeiro em
:aber de nós com este aviso que tivemos, não fo-
nos derradeiros em fazer a mesma dilligencia, que
ɔor todos os portos desta costa despachamos jan-
gadas, e nenhuma pôde vencer os mares. Beija-
nos a Vmc. a mão pelo mimo que nos faz de no-
:as de sua saude e conservação dos mais compa-
ıheiros que muito festejamos, e sempre confiamos
Įue sós com os que sahimos da Bahia nos ha Deus
le ajudar, que é o legitmo *Salvador*. Pedimos a
´mc. as alviçaras dos felizes successos que have-
nos alcançado dos flamengos, que declaradamen-
e regeitaram a nossa amisade, e que hoje estarão
ɔem arrependidos pelo mal que ficaram de partido,
Įue tem perdido melhor de 800 homens e prisionei-
·os, o seu governador das armas, um sargento ma-
or, um tenente, Blaer e o capitão-mór dos indios,
ɔessoas de grande opinião, a que elles tinham por
:adelha de sua guerra; agora temos estes entre
nãos que já tiveramos rendido, si lhe puzeramos
ɨ peças de artilheria, o que faremos logo, e com a
ɔoa fortuna de Vmc. os concluiremos Por essa
·arta que mandamos a Vmc. considerará o que
nos convém, e assi o tornamos a repetir que ne-
nhuma outra cousa se deve fazer mais que entrar
neste porto, que com assistencia de Vmc. nelle
nos damos por meio seguros do perigo que lhe
receiamos, fazendo o contrario. O desembargador
Francisco Bravo da Silveira, com excessivo gos-

to, festejou as novas de Vmc. e todos os mais amigos. Guarde Deus a Vmc.

Arrayal de Nazareth em 31 de Agosto de 1645, ás 10 horas da noite.

M. Soares Moreno.
A. Vidal de Negreiros.

—

*** Em os mais dos portos desta costa temos mandado por jangadas este mesmo aviso a Vmcs., e nos não damos por satisfeitos (não ?) vendo a Vmc. defronte desta barra, que com grande desejo tomara cada qual de nós ter azas para chegar a dar fim ao que desejamos, e para remediar temos mandado desta barra duas jangadas, nenhuma pôde vencer os tempestuosos mares e arribaram; todavia porfiamos a repetir com esta terceira, que será Deus servido que tome algum dos nossos navios. Temos assentado que convém muito que Vmcs. com essa armada se venham metter neste porto, donde se não pode receiar perigos, porque menos será o risco de quatro balas que lhe podem atirar do Pontal do que o perigo a que Vmcs. estão offerecidos no mar largo, onde tem as aguas contra si e onze navios flamengos que até agora se contaram por esta costa, que ora devem de estar prevenindo sahir a buscar a Vmcs., e em conclusão Vmcs. conhecerão muito bem a ventagem que elles lhe podem fazer, e ainda que esta não fôra tão conhecida, sempre nos está bem que Vmcs. entrem neste porto, donde quando seja necessario, os poderemos soccorrer, si bem que ficarão muito seguros, e nós daremos fim a esta empreza que temos entre mãos, que por falta de duas peças de artilharia os não temos já concluidos, porque, glorias a Deus, temos alcançado felizes successos, como Vmcs. saberão mais devagar, que agora não ha tempo para mais. Si for necessario pratico para

a entrada da barra, temol-o aqui perito, e irá logo em uma jangada. Guarde Deus a Vmcs.
Arrayal de Nazareth ultimo de Agosto de 1645.

Martim Soares Moreno.
André Vidal de Negreiros.

—

*** Idem—Vmc. bem deve de ter entendido que os meus pareceres até agora não foram desacertados; o que de presente se me offerece é dizer a a Vmcs. que andam espancando o mar sem proveito e com muito risco, e assi sou de parecer que com qualquer vento favoravel Vmcs. se venham metter dentro neste porto, que é menos risco o de 4 balas, e não o estar a andar na costa, donde lhe póde vir muito damno, e estes quatro bebados que aqui estão, em lhe mettendo (nós) 4 balas dentro, é o que nos convem pera os rendermos logo, e logo o porto é nosso, e Vmcs. seguros, e nós com um porto tão seguro para nossos avisos para a Bahia. Guarde Deus a Vmcs.
Outeiro de Nazareth 31 de Agosto de 1645.

Martim Soares Moreno.

—

** Idem.—Cantar mal e porfiar se póde dizer por nós, que temos feito a Vmc. sete avisos com este, e não obramos até agora nada com nenhum; em os que fizemos a Vmcs. achamos que por todos os meios convinha que Vmcs. entrassem neste porto, onde ficariam mais seguros e alliviados do trabalho, que houveram tido com as inquietações do mar, que menos seria o risco de 4 balas do Pontal que o perigo que lhe tememos, si derem os 11 navios que o flamengo traz fora em busca de Vmcs., e si os não acharam ainda será por mais a sua von-

tade, com barlavento ganhado, commetterem
Vmcs. ; e si a duvida de entrar pela barrn era s
a do vento, tem Vmcs. vencida essa difficuldad
que, louvores a Deus, amenhã Domingo tomare
mos posse da Fortaleza do Pontal, tem Vmcs.
passo mui livre pera darem fundo, onde quizerem
e ficamos mais promptos pera determinarmos
que melhor convier, concertar nossos navios, faze
aguada, tomar refresco e guarnecer de marinhei
ros e alguns soldados pera o que se offerecer, con
que bem nos temos declarado com Vmcs. ; es-
peramos que esta chegue a dar-lhe dentro da bar-
ra. Guarde Deus a Vmcs. Nazareth 2 Setembr
de 1645.

M. Soares Moreno.

A. Vidal de Negreiros.

*** Idem.—Já a Vmc. será presente o como fi-
camos senhores deste forte de Nazareth, aonde
Vmc. trate de vir-se, havendo occasião convenien-
te, porque o cabedal do Recife anda em duas es-
quadras—conforme o aviso que temos—e com uma
náo de fogo com fundamento de derrotar a Vmc.
como vimos em uma carta do mesmo Recife que
tomamos em uma lancha que vinha de soccorro
para este Pontal, escripta pera o sargento-mór que
governava a fortaleza ; bem o tenha assim enten-
dido para dispor o que lhe melhor convier, com
tal consideração como sua de Vmc., a quem adver-
timos que estes senhores flamengos com suas
traições e aleivosias nos fizeram romper em armas,
e requeremos a Vmc. o faça da mesma maneira
a sangue e fogo, porque desta sorte o buscam, e
quando Vmc. se determine a vir seja com toda a
brevidade, porque qualquer dilação poderá ser
damnosa, e esta nos fica copiada em nosso livro

era nella constar a toda a hora. Guarde Deus a
mc. Pontal do Santissimo Sacramento em 6 de
etembro de 1645.

M. Soares Moreno
A. Vidal de Negreiros.

—

*** Idem—Não nos diz Vmc. cousa qne não es-
vessemos antevendo, pois Salvador Correia de Sá
ão promettia mais de si; com tudo ainda temos
speranças pelas noticias que tivemos da Parahy-
a, que elle ha de voltar, e assi se pode crer, pois
le outra maneira appareceria João Alvares Soares,
le quem se não póde presumir faltas na pessoa,
o navio nem no tempo, que não ha sido tal que
odesse sossobrar, quanto é mais que a sua dila-
ão não é por forcejar contra elle.

Vmc., Senhor, tem este porto de Nazaereth
om as fortalezas por nós presidiadas comnosco,
om fundo muito limpo para estarem muito segu-
os e sem amarras em certo modo; assi que lhe
edimos, rogamos e requeremos se venha pera ella,
orque aqui o concertaremos e preveniremos de
do o refresco, e lhe daremos munições e gente
ue quizer até que nos resolvamos no maior ser-
iço de Deus e d'el-rei.

O inimigo tem só nm navio que possa pelejar,
mais é carvão de sacaria (?), e não trata de pele-
a, mas que ver si póde derrotar a Vmc. e roncar,
sta é a verdade. Vmc, Senhor, a taes mostras
ue tem dado do seu valor não queira agora com
etirar-se pôr em duvida o vencimento que leva-
nos no mão... (seguem-se duas palavras illegiveis)
essa armada; porque dará muitas contas a Deus
a el-rei de tantas mil almas quantas dependem
a mesma (?)armada, assi que, senhor amigo, Vmc.
enha com esses Senhores, que os espera melhor
eculo de sua edade, e tão breve quanto Vmc. verá
o que pessoalmente lhe communicaremos, e por-

que em tão valente capitão é erro affirmar encarc
cimentos quando a rezão é tão clara, nos não d
latamos mais, porque ficamos esperando a Vm
com a casa da Virgem de Nazareth coberta per
nella todos exaltarmos o Santissimo Sacrament
cuja invocação demos á fortaleza rendida, em qu
achamos breu e outras cousas que podem servi
Deus Guarde a Vmc. Francisco Bravo se re
commenda a Vmc. muito e aos mais senhores.

Pontal 6 de Setembro de 1645.

M. Soares Moreno.
A. Vidal de Negreiros.

—

*** Antonio Telles da Silva do concelho de gue
ra de S. M., governador e capitão general de ma
e terra deste Estado do Brazil. (1)

Em razão das sedições e motins levantado
pelos moradores portuguezes da capitania de Per
nambuco, de que tive noticia por carta dos Senhc
res governadores da mesma capitania por part
dos Estados Geraes, resolvi ajudar com toda a di
ligencia a remediar taes excessos, não só porqu
m'o pediram os referidos governadores, como par
não faltar á devida correspondencia e boa amisa
de, como me foi mui recommendado por S. M. Ca
tholica, para o qual fim nomeei capitão a Jerony
mo Serrão de Paiva, que se regulará por estas in
strucções no commando dos navios e mais barco
que tem a sua disposição.

Tanto que partir d'aqui, dirigirá o seu curs
para Pernambuco, e navegará 20 ou 30 legua
afastado da costa até a altura de 10 gráos, ond
procurará descobrir terra e reconhecer as Alagoas
si, antes de chegar a essa altura, encontrar vent

(1) Traduzida do Hollandez.

fresco para o sul, fará toda a dilligencia por não passar a terra de noite, e, tendo-a reconhecido, tratará de dar desembarque á gente, com aviso dos pilotos mais praticos, para maior segurança em Una, Lagamar ou Tamandaré, que fica tres leguas ao sul da ilha de S. Aleixo. Não vindo a tomar os referidos portos, tomará o dos Fernambius (?) ou o lagamar de Maracuipe, que demora... (em branco) leguas ao norte da dita ilha de S. Aleixo ; e si, tendo feito toda a necessaria dilligencia, não puder tomar nenhum dos mencionados portos, buscará o das Gallinhas, procurando em todo o caso desembarcar a gente entre Barra Grande e o porto das Gallinhas, com a recommendação de que mui attentamente vigiará que os navios não sejam desviados dessas paragens por correntes e ventos, e acontecendo que á tarde ou á noite cheguem diante da Barra Grande lançarão ancoras para trazerem a terra sempre bem reconhecida.

Tendo desembarcado a gente com as munições de guerra, seguirá com os navios para o porto de Pernambuco, e entregará a minha carta aos Senhores do Concelho Supremo, governadores dessa capitania, remettendo-a logo que ahi chegar. E caso aconteça, o que Deus não permitta, que um ou mais navio, por força de correntes ou tempestade, desgarrem ou percam as ancoras e se afastem do porto, procurará com muito cuidado e diligencia, logo que acalmar o tempo, juntar-se de novo no mesmo lugar diante do dito porto, e, continuando a tempestade por muito tempo, irá tomar a bahia da Traição, onde se reunirão para assi juntamente effectuar o seu intento.

A fiel execução desta minha ordem me obrigará a procurar adiantamento a todo aquelle que melhor se houver na observancia della, assim como não deixarei tambem de castigar os infractores, como cumprir. E pois que os casos são incertos e duvidosos, o que nesta não for expresso, deixo ao prudente arbitrio do capitão-mór Jeronymo Ser-

rão de Paiva, fiando-me do seu bom comportamento, experiencia de tantos annos e de seu valor, que me é bem conhecido.

Bahia 21 de Julho de 1645. (1)

Antonio Telles da Silva.

Por ordem de S Exc.

Bernardo Vieira Ravasco.

—

*** A Serrão de Paiva. (2)—Na mesma tarde em que Vmc partiu d'aqui, chegou a S. Antonio Salvador Correia, e hontem entrou no porto. Comquanto eu tenha feito toda a diligencia para despachal-o quanto antes, elle não poderá sahir senão amanhã, pois que hoje não é possivel partir. Si não levar toda a frota, irão pelo menos dez navios fortes, com os quaes mais se pode contar para effectuar a ordem que lhe foi transmittida para descanço desses senhores do Supremo Conselho. Assim que Vmc., tendo primeiro e principalmente posto em terra a nossa infanteria, andará á capa e esperal-o-ha na visinhança da ilha de S. Aleixo durante este pouco tempo até que elle chegue afim de irem juntamente para o Recife na conformidade das instrucções dadas a Vmc., e que Vmc. seguirá em tudo. Com esta vae a relação das munições que cabem a sua frota afim de que Vmc. tenha mais ou menos conhecimento dellas. Como este barco pertence ao numero dos que são destinados para S. Vicente, deve elle voltar immedia-

---

(1) Na mesma data foi passado o acto de nomeação de Serrão de Paiva para capitão-mor da frota que se destinava a Pernambuco.

(2) Traduzida do hollandez.

ımente ; Vmc. o despachará com toda a pressa, ızendo pôr em terra primeiramente a pessoa que ae por capitão delle. Guarde Deus a Vmc.
Bahia, 24 de Julho de 1645.

Antonio Telles da Silva.

—

*** Idem. (1)—Antonio Telles da Silva, depois le communicar que fez seguir Salvador Correia ›ara o Recife, com cuja frota se juntaria a de Ser·ão de Paiva, accrescenia :

« Como Salvador Correia é um general de S. ›I., conselheiro do seu Concelho Ultramarino. não ›ude deixar, nesta occasião, de preferil-o á dispo›ição, com que puz a Vmc. como capitão-mór des›a armada, desejando eu fazer a Vmc. general de ıma maior. Assim, chegando elle, Vmc. arriará ›andeira e fará içar ao mastareo uma bandeirola, : o mesmo fará o vice-almirante.

« Tendo eu ordenado ao referido general que, ›ccorrendo ahi algum caso em que tenha necessilade do avisado concelho dos mestres de campo Martim Soares Moreno e André Vidal, para melhor ;overno das duas frotas, com o vice-almirante e os nais capitães convocará os que lhe parecer bem ; Vmc. o obedecerá, e se regulará segundo o que fôr ·esolvido, como confio de sua prudencia, e no mais ›bservará Vmc. o que nas suas instrucções lhe é ·ecommendado. Guarde Deus, etc. Bahia 28 de Iulho de 1645. »

Antonio Telles da Silva.

—

*** A Salvador Correia(1)—Os coroneis e o capi-

(1) Traduzida do hollandez.

tão mór da frota deram-me noticia da boa fortu
com que ahi chegaram : a gente foi posta em te
ra e começou a marchar para ir apasiguar
sedições que nessa capitania appareceram, feli
dade esta que eu lhes asseguro com a pr
tecção dessa segunda frota, do que entendo d
pender a prosperidade que se póde desejar ness
expedição.

Por uma caravela que aqui chegou de Lisbo
recebi a carta, que vae junto, de S. M., a quem Deu
guarde. Não trouxe, quanto ao mais, nenhuma no
va de importancia. A D. Catharina beijo a mã
muitas vezes. Guarde Deus a Vmc. Bahia 17 d
Agosto de 1645.

Antonio Telles da Silva.

—

** Salvador Correia de Sá e Benevides. (1)
Eu El-Rei vos envio muito saudar. Si emquant
vos detiverdes nesse Estado, houver nelle aviso
porque se haja por certo será commettido dos in
migos desta coroa, e vol-o requerer o governado
Antonio Telles da Silva, vos detereis nelle emquan
to durar a occasião, e bem creio eu de vós que ser
esta ordem minha o fareis, si houver causa que
peça. Escripta em Alcantara a 9 de Maio de 1645

Rei.

Para o general das frotas do Brazil.

—

** A Serrão de Paiva. (2)— Recebi a carta d
Vmc. que me foi mui agradavel por saber da fe
liz viagem de Vmc., e que a nossa infanteria fôra
posta em terra ; pesa-me porém a sua queixa so

(1) Carta authographa.
(2) Traduzida do hollandez.

bre a pouca marinhagem, pois me parecia que havia eu provido cada navio com os marinheiros que lhe eram necessarios. Neste barco mando 30 que Vmc. receberá, segundo a lista inclusa, de que temos aqui copia para que eu saiba, por aviso de Vmc. si falta alguem e castigar o que faltar, como cumprir. Vmc. destribuirá essa gente pelos navios que estiverem menos providos, e ordenará a todos os capitães que façam pertinentemente mostra da sua gente, afim de que eu saiba com quantos cada em se acha, mandando-me Vmc. de tudo listas para serem conferidas com a quota da gente destinada para cada navio, e nesta conformidade fazer eu castigar os que se verificarem que com a subita partida da frota ficaram em terra.

O capitão deste barco me referio que a mulher de Salvador Correia em seu galeão lhe dissera—provavelmente para que elle repetisse—que elles foram mandados a sulcar o deserto do mar, ao passo que eu, aqui descançado, aguardaria a honra de restaurar Pernambuco, dando com isto a entender que se querem esquivar; eu não creio que ella o tenha dito, mas tão excessivos foram os meios com que esse homem procurou escusar-se desta viagem, fazendo-a impossivel, por mais que eu a facilitasse com a importancia do serviço de S. M.., e tal era a resolução com que elle embarcou levando mulher e filhos, que, comquanto eu não creia que elle deixe de obedecer ás minhas instrucções, bem como a carta de S. M., que agora lhe envio—todavia se póde tirar d'ahi uma forte presumpção para duvidar da sua boa disposição, e que elle não quer ser presente a essa facção. E o vice-almirante de sua frota tanto parecia tel-o percebido que se offereceo para fazer tudo o que lhe fosse ordenado; mostrei-lhe a copia das instrucções de Salvador Correia e elle se apartou de mim com a promessa de não seguil-o, si Salvador Correia se fosse embora

Portanto, si Vmc. vir que Salvador Correia

quer partir, em qualquer occasião que seja, proteste immediatamente contra elle, declarando em nome de S. M. e no meu que por modo algum pode elle abandonar a frota de Vmc. em tão importante occasião, porquanto com as duas frotas reunidas poder-se-hia obter a pacificação que se pretende, e, indo se elle embora, não somente deixaria Vm. exposto ao perigo que lhe pode sobrevir dos 8 navios hollandezes, que estão a vista de Vm.. (senão tambem) que eu não posso crer, nem mesmo pôr em duvida o bom exito da facção assegurado pelos galeões. Vm. apresentará tambem esse protesto ao vice-almirante, mandando fazer escripturas authenticas delle, bem como da resposta e resolução do general e do vice-almirante afim de que S. M. tenha conhecimento de tudo. Outrosim Vm. me enviará immediatamente copias de todas as peças.

Mas suppondo que Salvador Correia—segundo as presumpções e as anteriores demonstrações—resolva finalmente ir-se embora, e o vice almirante falte á sua promessa, e considerando que, pelo poder com que os Hollandezes se acham no mar, seja de receiar que elles, desesperados com a obra dos moradores, não tenham em attenção o favor que eu lhes faço com enviar para lá essa frota sob o mando de Vm., e talvez tentem fortuna egual á que tiveram com o conde da Torre, tenho entendido advertir a Vm. que em tal caso communique com os mestres de campo, e resolva com elles o que fôr mais conveniente, ou permanecer Vm. ahi deante do Recife até o fim da empresa, ou voltar com a frota para a Bahia, por terem conhecimento que o poder dos navios delles é maior de modo que os nossos não lhes possam resistir, e segundo o bom conselho e aviso que derem a Vm., fará o que mais cumprir ao serviço de S. M., reputação das nossas armas, e desempenho do dever que nos corre, pois eu dou tudo por mui bem confiado ao valor e prudencia de Vm., e nenhum conselho

posso dar a Vm. sobre casos futuros que ahi occorram e o que mais convenha se faça, visto como os fundamentos e as circumstancias dos mesmos casos não me são tão bem conhecidos como aos mestres de compo e a Vm. para tomar resolução acerca da conveniencia de voltar a frota para aqui ou ficar ahi na costa.

Do zelo de Vm. espero que nesta materia se haverá como sempre, e segundo a confiança que enho de suas obrigações, certo de que Vm. será um dos mais interessados na honra de livrar a esses senhores, os quaes espero ver nesse descanço que eu lhes procuro. A ninguem Vm. deixará ver esta. Guarde Deus a Vm.

Bahia, 17 de Agosto de 1645.

Antonio Telles da Silva.

P. S. Faço saber a Vm. que estou mui preoccupado assim a respeito dessa frota, como do successo em terra, e si Deus não conciliar os moradores e os Hollandezes, e não forem as cousas dispostas a esse descanço e paz que eu lhes desejo, muitissimo necessario que Vm. me mande aviso immediatamente e quanto antes de tudo o que occorrer, e me dê conta promptamente do que se passar, afim de que eu tenha de tudo a conveniente noticia sem demora.

—

*** A Antonio Telles da Silva — Recebi com grande satisfação a carta de V. S datada de 17 de Agosto, porquanto por ella soube da boa disposição de V. S., a quem o Senhor Deus queira accrescentar muitos e felizes annos para nossa protecção.

Recebi tambem os marinheiros que V. S. me enviou, que ao todo são 90, segundo o numero que na Bahia se fixou; de modo que a falta não é tanto na quantidade como no valor e substancia, por serem muitos delles moços, e nisto é que consistia a

faltà. Com esta mando a V. S. a lista dos que se acham em todos os navios, inclusive capitães, pilotos, dispenseiros e artilheiros.

Vi mais o que V. S. me escreveu sobre o que lhe dissera o capitão do barco, referindo-se á mulher de Salvador Correia; bem pode ser que tal tenha acontecido, mas eu não sei, nem a ella ouvi dizer cousa alguma. Darei conta a V. S. do que se passou com o seu marido Salvador Correia, que é o seguinte:

Logo que tive aviso delle e houve vista dos seus navios, sahi immediatamente ao seu encontro para saudal-o, e tivemos a felicidade de que todos os nossos navios sahiram ao mesmo tempo com vento de terra, juntando-se somente ao vice-almirante no dia seguinte, e quando fui com elle, immediatamente arriei a minha bandeira, como V. S. me ordenára, e juntos seguimos para o Recife, onde achamos 8 navios e um hyate, entrando mais um no dia seguinte com sua bandeira no alto. No outro dia mui cedo tratou Salvador Correia de enviar dous emissarios para terra, sendo um delles seu sobrinho Martinho Ribeiro e o outro o ouvidor da armada, a quem entreguei a carta que V. S. me recommendou enviasse (ao Supremo Concelho), acompanhada de uma outra minha.

Partidos os emissarios, nos reunimos eu e os capitães no navio de Salvador Correia justamente ao tempo em que lhe foi enviada pelos coroneis e outras pessoas de experiencia, com os quaes se tinham conformado, uma proposição, onde lhe faziam ver que era perigoso estar sobre ancoras no porto de Pernambuco no mez de Agosto; proposição esta que elle immediatamente nos apresentou, e nós achamos conveniente e acertado afastarmo-nos para o sul quanto fosse possivel, do que se fez um acto, engrossando elle (o perigo) com o numero dos navios e gente que nelles tinhamos, posto que isto se lhe fez bem patente na Bahia, comtudo reconhecemos tudo redondamente e as-

signamos todos o referido acto, por nos parecer que deste modo o obrigariamos a não nos abandonar, tanto mais quanto elle fingia não saber o fim para que viera, comquanto bem soubesse que a sua viagem era para soccorrer-nos. Finalmente, depois de se terem levantado algumas questões, concluio Salvador Correia que nada se podia resolver com segurança antes de recebermos a resposta que os emissarios trariam, e assim ficou este negocio suspenso até que elles viessem.

No dia seguinte vieram-no visitar alguns Hollandezes, trazendo cartas dos nossos deputados, as quaes Salvador Correia nos mostrou; resavam que os Hollandezes estavam irritadissimos contra mim, porque eu puzera gente em terra, em vez de trazel-a directamente para o Recife, communicava-nos o bom tratamento e honra que os Hollandezes lhes dispensavam, pediam criados e vestidos para se demorarem um pouco em terra, e avisavam que o general do mar o viria visitar no dia seguinte. Salvador Correia não lhes enviou criados nem vestidos, mas pelo contrario ordenou que voltassem immediatamente, e elles assim fizeram na tarde do mesmo dia em que os flamengos visitaram o general, e trouxeram cartas.

Aconteceu nesse mesmo dia cahir um forte pé de vento, com que os navios quasi foram impellidos sobre o meu; nisto Salvador Correia se fez á vela, e eu teria feito o mesmo, si não fôra suppor que Salvador Correia se movia por causa da forte ventania, o que muitas pessoas tambem me disseram, de modo que fiquei parado.

Sendo manhã, não vi mais Salvador Correia nem nenhum dos seus navios. Achei-me só com os meus, excepto o de João Alves Soares que depois não tornei mais a ver, nem delle tive noticia; mas, sendo João Alves tão cuidadoso e diligente, é de suppor que, com o favor de Deus, não tenha naufragado. Levantei immediatamente ferro, e me fiz ao mar para procurar Salvador Correia; en-

contrei os emissarios em um barco, lhes perguntei pelo general, e lhes pedi que se passassem para o meu navio, e fiz pôr o batel ao mar. Elles porém chamaram á falla um navio de Salvador Correia, para onde se passaram, e d'ahi me escreveram que esse navio viera do cabo de S. Agostinho, e não tinha encontrado nem visto a armada, pelo que se encostava ao vento para ir procural-o na Bahia da Traição; do que depois concluimos que o mesmo navio devia de lhes ter dado alguma commissão, e por causa della alli ficaram, poisque nelle foram. (1) Isto é o que se passou.

Quanto a Salvador Correia, nunca mais soube d'elle.

Na 2.ª noite, quando andava eu occupado em procural-o, partio-se a verga grande do mastro de traquete do *Patacho d'Elrei*, o que pol-o em grande perigo. Sendo necessario refazel-o, entramos na Bahia da Traição afim de pôr a verga, e, isto feito, sahimos de novo ao mar, e com mui fortes ventos e tormentas tornamos a haver vista de Pernambuco na altura do Cabo de S. Agostinho. Ouvindo nós tiros de peça, mandei á terra, e soube que os coroneis estavam em Nazareth; avisei os da minha volta, e lhes pedi que me mandassem as suas ordens sobre o que me cumpria fazer. Responderam que eu me mettesse no porto de Nazareth, dizendo-me que alguns poucos tiros de peça que eu devia esperar fossem disparados do forte nada eram, e nada importavam. Quiz cumprir esta ordem, mas todos me disseram (alguns porque sabiam, outros porque assim lhes pareceu) que isto seria a ruina da frota, visto como esta necessariamente devia ancorar deante do forte, de modo que em poucas e breves horas seriamos anniquilados, e o proprio piloto que veio para pôr-me dentro do porto, decla-

(1) « Waer uit wij daernaer besloten dat dat selve schip hun eenige bootschap most gedaen hebben ende om harentwille op daer gebleven sijn, alsoo sy daer op gingen.»

rou isto mesmo deante de nós todos ; além de que eu não tinha navios que podessem deter-se na costa á espera de tempo proprio para entrar, pois cheguei com o mastro de Pedro Duarte partido, o navio de Calavar somente provido de uma ancora, e Cacão (Cascão ?) com os mastros derribados, em summa tudo em um estado miseravel. o que communiquei aos coroneis, respondendo-lhes que, para salvar-me, ia outra vez metter-me no porto de Tamandaré, e, si quizessem ouvir o meu parecer, este era não brigar ou ter guerra com pessoa alguma, e ser necessario voltar com a frota para a Bahia. (1)

Responderam-me os coroneis, dizendo com muita insistencia que era do mais alto interesse que eu não partisse, mas ficasse e me fosse metter no porto de Nazareth; ordem esta que eu de boa vontade quiz cumprir, mas deante da entrada desta bahia appareceram cinco navios, um hyate e tres barcos (hollandezes), de modo que não pude fazel-o. Agora, ao escrever esta, veem se mais dous navios no mar que parece quererem se juntar com estes, e ainda hão de vir mais quatro, poisque são onze as velas que elles tem, as quaes anteriormente andavam divididas em duas esquadras para me expellir da costa.

Neste estado me acho eu, e, si Deus me salvar, irei immediatamente para Nazareth. De boa vontade eu sahiria resolutamente contra o inimigo, mas disseram-me os pilotos que d'aqui não se pode sahir senão com vento de terra, que nesta epoca não é certo, e não sopra continuamente, que muitas vezes somente uma ou duas velas sahem, podendo as outras ficar no porto, e para não cahir neste perigo, deixei-me ficar, regulando-me pelo que todo o mundo entendia. Supponho que, logo que

(1) « .. ende by aldien hare Ed. myn advys wilden hooren dat het selve was van met niemant te willen spel ofte oorlogh hebben, ende nodich te syn met de floot na de Bahia te keeren »...

elles sejam todos juntos, hão de entrar, e eu me acho só com sete navios nas condições que V. S. sabe. Pedi aos coroneis soccorro de gente, e si este me fôr enviado a tempo e eu o receber, quero crer que, com o favor de Deus, teremos um bom successo.

E como na primeira reünião que tivemos com Salvador Correia não podemos chegar a uma resolução, e ficou assentado que de novo nos reuniriamos, logo que voltassem para bordo os embaixadores, para deliberarmos sobre o que se devia fazer, eu não tive occasião de fazer pedido ou protesto contra elle, visto como muito antes de haver eu recebido o aviso de V. S. elle partira, sem se importar com a adiada resolução ou com a sua palavra dada; e o vice-almirante não me fallou de cousa alguma, do que resultou que nós nos vemos sós e abandonados.

V. S. queira desculpar a minha prolixidade, pois não achei meio de ser breve. O Senhor Deus guarde a V. S. muitos e felizes annos com tal prosperidade nos seus designios, qual a que lhe desejamos e se faz mister.

A bordo da almiranta em Tamandaré, Setembro de 1645.

Jeronymo Serrão de Paiva.

—

*** Carta de Jeronymo de Faria Figueiredo a Manoel de Campos da Bahia. (1) «...Depois que nos fizemos á vela da Bahia, desembarcamos em Tamandaré, fizemos cercar logo Porto Calvo, e marchamos para Serinhãem, onde encontramos 80 hollandezes e 60 indios, aos quaes immediatamente cercamos; renderam-se por accordo, mas os indios foram estrangulados. Depois viemos a este logar de Nazareth para sitiar o Pontal com 6 com-

———

(1) Traduzida do hollandez.

panhias, e com as outras 6 fomos para a Varzea acompanhando o nosso governador André Vidal, bem como a João Fernandes Vieira e todos os moradores do campo, que elle commandava. Sendo ahi chegados, apprehendemos 230 Hollandezes e 120 indios na casa que anteriormente pertencera a Jeronymo Paes junto do arrayal velho, a qual foi recentemente construida de pedra e cal. Simplesmente com tiros os obrigamos a entregarem-se, e passamos os indios a fio de espada. Isto feito, a minha companhia e a de Amaro da Silva vieram para cá escoltando o nosso dito governador: achamos a nossa gente occupada, e o Pontal sitiado. Por um particular favor de Deus, elles se nos entregaram hoje sabbado, 3 de Setembro, sem dar um tiro de mosquete, e são em numero de 250.»

—

*** Carta de Gaspar da Costa escripta no Cabo para Domingos da Costa, residente na Bahia. (1) « Vou passando soffrivelmente neste Pontal de N. Senhora de Nazareth que, apoz um cerco de 20 dias, se rendeu, e isto tanto mais facilmente quanto os chefes que commandavam na praça são casados com mulheres portuguezas e tem os seus bens nestes arredores ; sobretudo o capitão de cavallaria (Gaspar van der Ley) tinha grande vontade de se entregar. Concedeu-se a todos boas condições como as que desejavam, e ainda por cima 4,000 ducados. No forte achamos 300 Hollandezes, a melhor gente que elles tinham e 12 peças de bronze, sendo 4 de calibre 24, bem como viveres para 3 mezes, de sorte que, si não se effectuasse esta opportuna rendição, nos havia de custar muita gente, ao passo que não perdemos senão um homem que foi morto por um tiro de peça.

Antes da rendição tinhamos tomado um barco

---

(1) Traduzida do hollandez.

que tentára sahir do Pontal; levava o escolteto, bem como algumas mulheres que pretendiam ir para o Recife com avisos. Tomamos o escolteto, bem como um outro de Serinhãem, e os entregamos ás mãos dos moradores que em breves instantes os fizeram passar desta para a outra vida. Um destes dous era casado com uma portugueza de Serinhãem, a qual disse que havia ainda de banhar as mãos em sangue portuguez, e por isso as mulheres deram sobre ella e a privaram da vida, como lhes cumpria. (1)

Os vencidos se acham quasi todos em Santo Antonio para serem enviados para a Bahia, e muitos delles se tem posto ao nosso serviço. Suppõe-se que os indios e flamengos, mortos ou presos, andam por 1,300. Salvador Correia de Sá não apparece com a sua esquadra, parece-me que elle se foi. Os nossos estão cruzando aqui, mas ha 3 ou 4 dias que não os vemos. O flamengo tem 12 navios no mar que, segundo supponho, se pegarão com os nossos. O Recife está cercado, bem como todos os fortes. Lourenço Carneiro está em Porto Calvo que se quer render. Dizem os judeus que deu-se ordem para ser retirada para o Recife a tropa do Rio Grande, Parahyba e rio de S. Francisco. No Recife ha grande discordia entre judeus e flamengos, dizendo aquelles que os flamengos venderam a terra, e estes que os judeus é que a venderam. Seguem 4 officiaes superiores para a Bahia, entre elles o governador das armas, todos presos. No mesmo dia que houvemos o Pontal chegou aqui um barco do Recife, trazendo ordem para que não se rendessem (e resistissem) até o ultimo

---

(1) Wy hebben dien schout met noch een schout van Serinhäen genomen ende over gelevert in handen van de inwoonders, die hun in corten stonden van dit leven voort hielpen, een van dese twee was getrout met een portugese vrouwe in Serinhäem, ende sy seyde dat sy haer handen noch in der portugesen bloet soude wassen, weshalven de vrouwen haer opt liff vielen, en beroofden haer vant leven, als haer toequaem.

homem, bem como viveres e munições de guerra que ao todo importam em 2,500 ducados.

Hoje 5 de Setembro de 1645.

Camarada de Vmc.

Gaspar da Costa de Abreu.

SEGUEM SE VARIAS CARTAS PARTICULARES TRADUZIDAS PARA O HOLLANDEZ, DAS QUAES DAMOS OS TOPICOS PRINCIPAES:

*** Carta de Simão de Vasconcellos, jesuita residente na Bahia, a Salvador Correia.—« O Sr. governador Antonio Telles da Silva ficou satisfeitissimo com a carta de V. S., e certo de que V. S. se haverá nessa facção conforme o seu grande valor e coragem, e eu tenho firme confiança que V. S., em consideração deste senhor, não dará attenção a circumstancia alguma de menor monta. 18 de Agosto de 1645. »

—

*** De D. Jorge de Souza da Bahia ao mesmo, 18 de Agosto.—« Desejo muito que tudo succeda a V. S. tão bem nessa conquista que se possa tapar a bocca a todos os calumniadores e maldizentes. Neste barco vae ordem de S. M., recommendando a V. S. que se detenha ahi ainda algum tempo.»

—

*** De Jorge Mendes da Silva ao mesmo, 17 de Agosto. - Sobre a boa noticia que um barco trouxera de Pernambuco, por se esperar o bom effeito

da empresa com a presença de Salvador Correia; confia em Deus e na boa fortuna do general que elle voltará victorioso á Bahia.

—

*** Do capitão Manoel Pacheco de Aguiar a Serrão de Paiva, 16 de Agosto.—« Considero a vinda de Salvador Correia como uma singular fortuna, pois com a sua presença temos do nosso lado a vantagem, e espero estar seguro o successo no que respeita ao mar. Permitta Deus que tudo saia tão bem que possamos ver livre essa republica de tão acerbos inimigos (*bittere vyanden*). »

—

*** De Felippe de Moura ao capitão João Alves Soares, 15 de Agosto.—« Hontem veio um barco com a noticia de ter ahi chegado a nossa frota, e o Sr. governador fal-o voltar immediatamente. A noticia que nos trouxe o barco é que, logo que Vmc. sahira de Tamandaré, encontrou a armada de Salvador Correia de Sá, e com elle voltára ao mesmo porto, partindo d'ahi todos os navios no dia de S. Lourenço para o porto de Pernambuco, e comquanto encontrassem ahi surtos alguns navios (hollandezes), estes não poderiam fazer mal aos nossos, e os nossos poderiam sair-se bem com o seu intento.»

—

*** Do mesmo ao capitão Paulo de Barros, 15 de Agosto.—« Espera que em breve se verão livres dessa ruim canalha (*quade canalle*). »

—

* Carta do governador do Estado do Brazil para S. M. de 19 de Julho de 1645, com que vão os mais papeis originaes que nella se accusa. (1) « Senhor. —Por evitar alguns desacertos que os soldados pretos de Henriques Dias faziam nesta praça, e desviar a infantaria que assiste de guarnição no posto do Rio Real. lhe ordenei que se fosse com todos para elle, não lhe admittindo as causas com que quasi o repugnava por suas conveniencias ; sentido desta mudança, e de eu o não haver enviado á Angola, como pretendia, e de outros motivos de muito menor momento, se passou em uma noite com os ditos seus soldados á parte dos Hollandezes. E, suspeitando o mestre de Campo, André Vidal de Negreiros, que neste accidente se achou por aquellas partes (donde havia ido com licença minha a particulares proprios) que bastariam demonstrações exteriores suas para grangear mais favor, mandou em seu seguimento ao capitão mór D. Antonio Felippe Camarão com uma tropa de indios bastante ao reduzir por violencia, quando não quizesse obedecer-lhe, e sugeitar-se á segurança com que de minha parte promettia perdão do excesso, e melhoramento de sua pessoa, de que me deu logo conta por a carta, cuja copia envio a V. M.

Chamei a concelho, e considerando-se nelle o animo que o dito Henrique Dias trazia de ir dar em uma povoação de escravos fugitivos, a que chamam mocambo dos Palmares nos confins do rio S. Francisco, e que era provavel que dessimulasse a jornada, assim pela ambição da presa, como por saber que lhe não havia eu de dar licença para ella, se teve por conveniente, que se não mandasse mais gente em seu alcance, tanto por não lhe accrescentar a desconfiança, como

---

(1) Este officio e as peças instructivas que o acompanhavam, remettidas por Antonio Telles ao rei D João IV, e por este ao seu embaixador na Hollanda, F. de Souza Coutinho, para serem presentes á Assembléa dos Estados Geraes, existem em original no archivo de Haya.

porque a não tivessem os Hollandezes de que se alteram com sua entrada nas terras que possuem o socego da paz; do que se fez o assento, cuja copia envio a V. M. Escudado (?) eu na opinião de todos, por a tardança do dito capitão-mór e por ser grande a distancia dos Palmares, que se congraçaria com Henrique Dias para aquella assaltada, temendo que, por ambos haverem excedido, se deveriam ficar por aquellas brenhas, donde não se lhes podia dar castigo, e elles podiam conduzir os escravos aos moradores da campanha, mandei o padre João Luiz, religioso da Companhia de Jesus, com outro companheiro seu a reduzil-os, e ambos se tornaram sem os poder devertir, e ante-hontem, que foi 17 deste presente mez de Julho, me chegou um aviso de como, chegando noticia destas duas tropas aos ditos moradores de Pernambuco, e vendo que com seu favor se podiam levantar e acclamar naquella capitania a V. M., os mandaram persuadir occultamente a este fim, e elles, como sugeitos de menos discurso que valor, imaginando indiscretamente que acertavam, baixaram á campanha a tempo que os moradores della se haviam já resoluto a negar declaradamente a obediencia aos Hollandezes, e tomar as armas em defensa de sua liberdade.

Com esta nova me enviaram os ditos moradores portuguezes uma supplica firmada por todos, representando-me o manifesto perigo a que ficavam expostos, e deprecando-me os soccorresse, como a leaes vassallos que eram de V. M. E imaginando eu que era revolução daquelles povos occasionada de alguma exasperação do trato dos Hollandezes, que se poderia socegar por tal intelligencia que elles ficassem seguros da ruina que temiam, (sendo) os Hollandezes obedecidos, e emfim dar motivo a se entender em nenhum tempo de mim que dava impulsos a esta sua acção, chamei logo a concelho todos os ministros

superiores da guerra e politica, e prelados de todas as religiões, e nelle fiz a proposta, cuja copia envio a V. M. para que conste a V. M. o modo, com que procedi neste caso, e a inviolavel observancia com que de minha parte se conservaram sempre as capitulações das pazes; que ainda que eu entendia que na realidade não offendia este soccorro, antes as confirmava na tenção, com que o devia mandar, pois era a valer aos nossos em favor dos Hollandezes, todavia respeitava mais o temor das apertadas ordens de V. M. que a mesma rasão da necessidade presente. Elles todos se levantaram, e por assentimanto commum votaram unanimemente que devia eu mandar soccorrer com toda a brevidade aquelles povos, pois, sendo tão grande o empenho em que se achavam, era maior a inhumanidade que com elles se usaria, faltando-lhes a protecção que tão instantemente deviam esperar das armas de S. M., e que, sendo cousa tão praticada entre todos os principes do mundo, e ainda entre os mais barbaros darem favor a quaesquer nações estranhas, que se quizeram valer de sua tutela, se não haveria V. M. por bem servido de mim, se a negasse aos mesmos vassallos de V. m. em um acto tão nascido de sua confidencia e lealdade, estimulada agora tanto mais das violencias do dominio estrangeiro, quanto era maior o amor da liberdade aos olhos de um Rei natural de que se viam privados, alem d'outras muitas razões mui vehementes que todos me propuzeram.

E considerando eu, vendo-me vencido nos votos, que pareceria que, podendo não faltar ao exacto cumprimento das capitulações, faltava á obrigação de amparar aos vassallos de V. M., maiormente quando o intento não era fazer hostilidade alguma aos Hollandezes, senão livrar aos nossos por meio provavelmente defensivo da oppressão publica em que ficaram e reconcilial-os com os Hollandezes, presentindo tambem que se enxerga-

vam algumas demonstrações, de que se eu duvidasse de mandar esse soccorro, se occasionaria nesta praça outro movimento peior, de que o presente. por ser a maior parte dos soldados deste exercito e moradores desta cidade naturaes de Pernambuco e retirantes de todas aquellas capitanias, me pareceu tomar por resolução evitar o excesso que se receiava com mandar remediar o succedido; que supposto que se pudera repremir por outro meio, tive por mais acertado o de condescender com a supplica dos ditos Portuguezes e accordo geral de todo o concelho, e enviar o dito soccorro, pois com elle se divertia mais suavemente qualquer desordem nesta praça e apasiguava todo o tumulto naquella capitania; de que tudo se fez o auto, cuja copia authentica envio tambem a V. M.

A este mesmo ponto entrou nesta Bahia um navio hollandez com dous embaixadores dos do Concelho Supremo, governadores em Pernambuco, um Politico e outro governador do cabo de S. Agostinho, os quaes me offereceram a carta, cuja copia traduzida por elles mesmos envio authentica a V. M., dando-me conta do successo que tenho referido, e pedindo-me quizesse mandar recolher as tropas que naquella campanha andavam por os meios e demonstrações, que me parecessem mais constrangentes. E vendo eu que o que elles pediam e protestavam, eram o mesmo que se havia resoluto, que era mandar este soccorro, fazendo-me com elle medianeiro entre uma e outra nação. e desejando mostrar-lhes a benevolencia e affecto com que os quizera fazer obedecer e respeital os, respondi com a carta, cuja copia authentica envio a V. M.; mas, attentando eu a prevenção que os Hollandezes haviam feito de 4000 tapuyas barbaros que tinham no Maranhão, e que, si o soccorro que fosse não levasse poder bastante a sugeitar por violencia aos que persistissem em sua obstinação

e repugnancia, ficaria infructuosa esta jornada, me pareceu enviar áquella capitania um golpe de infantaria a cargo dos dous mestres de campo, Martim Soares Moreno e André Vidal de Negreiros, sujeitos de cuja prudencia fiei todo o acerto assi na correspondencia com os Hollandezes, como no socego e quietação dos moradores, como ultimo fim desta missão. E para elle me vali de uns navios, que neste porto aprestava para impedir o soccorro, que V. M. foi servido mandar-me escrever por carta de 16 de Junho (?) primo passado, que de san......... mandava el-rei de Castella ao do Congo, fazendo delles capitão-mór ao coronel Hieronymo Serrão de Paiva, pessoa de muta satistação, e por este meio espero em N. S se soceguem as inquietações, e fiquem os Hollandezes seguros de seus receios.

Mas porque pode, Senhor, acontecer que desta resolução que tomei se me forme diante de V. M. alguma culpa, que diminua o zelo, com que procurei acertar na indifferença e peso das obrigações que concorriam juntas nesta materia de tanta consideração, me pareceu justificar, prostrado humildemente aos reaes pés de V. M., a pureza com que, desde que entrei neste governo, pretendi estreitar nelle os vinculos de amizade e boa correspondencia, que V. M. se servio mandar-me expressamente que tivesse com os Hollandezes, porque, si meu animo fôra romper com elles, e restaurar a V. M. as praças de Pernambuco, grandes foram as occasiões que me offereceram com suas desigualdades em tempos mais opportunos, porque os precedentes, que nestas partes tiveram depois da feliz acclamação de V, M., foram sempre mais de inimigos declarados do que de amigos fingidos; pois no mesmo tempo—como tudo é presente a V. M.—em que os Estados Geraes estavam ajudando com suas náos as armas de V. M. nesse Reino, e os nossos embaixadores, que os tres governadores que foram deste Estado enviaram ao Recife,

mandavam nelle retirar da campanha as tropas que actualmente lh'a talavam, com perda tão sensivel de seus subditos, e protestavam, vendo aprestar uma armada, que a não mandassem invadir porto algum dos senhorios de V. M., á sua mesma vista a expediram e partio, com voz de ir dar ás Indias, a conquistar Angola. E chegando eu a esta praça, mandando pedir ao conde de Nassau e aos de seu Concelho Supremo cartas e ordens para que naquelle reino cessassem tambem as armas, e se gozasse da paz como neste Estado, me responderam que era jurisdicção separada e independente da sua, de maneira que tiveram poder (para) emprehender as acções antes da ratificação das pazes, havendo-se já publicado treguas neste Estado, e não o tiveram depois de confirmadas para suspender a guerra e o damno de seus effeitos naquelle reino, e menos o concurso dos soccorros que até hoje se lhe enviaram sempre do Recife; de cuja cavillação e engano, com que accommetteram e conquistaram tambem a ilha de S. Thomé e cidade de S. Luiz no Estado do Maranhão, lhes (não) resultou escrupulo; que, para dar sombra a estes defeitos de sua amizade, quizeram conceber da vossa, chegando a mandal-a experimentar, como testifica bem a carta que escreveu um commissario seu por nome João Greving que a esta cidade veio comprar farinhas, que lhe não dei por ser manifesta a esterilidade grande, que della havia, como elle muito bem vio, o qual pedindo-a de favor a Antonio da Fonseca (Dornellas ?) para o director de Loanda, para donde ia por mandado de V. M., diz nella assi: « que mais se me mandou a esta commissão a esperimentar a amisade que por necessidade. »

Mas elles a conheceram melhor queixando-se despois do capitão Agostinho Cardoso (que, transcendendo as ordens com que o enviei ao Rio Real, chegou á campanha á casa de um subdito seu, a quem dizem que tomára alguma fazenda) e de um Domingos da Rocha, que para esta

Bahia fugio com um barco de assucares, porque no mesmo tempo e instante mandei logo metter ao capitão em uma aspera prisão, donde usei com elle do maior rigor que me foi licito até o remetter a V. M., e lhe fiz restituir todos os assucares que no dito barco vinham; e a correspondencia com que m'o agradeceram foi mandarem infestar com suas naos estes mares, donde renderam um navio nosso, que sahia da capitania do Espirito Santo carregado de assucares, e roubando-lhe logo tudo o que levava entre as cobertas, como se fossem piratas, o remetteram por presa para o Recife, donde, fóra os poucos Portuguezes que nelle iam, o não tornaram a recobrar, do que se infere evidentemente ser ordem particular que o capitão da náo trazia, e não excesso seu (como o queriam relevar), pois occultara o furto, si sentira que era culpado; do que dei conta a V. M., remettendo os mesmos seis flamengos que o levaram nas caravellas de Sebastião Vaz e Ruy Vicente Negrão (?), que desta cidade partiram em 14 de Fevereiro do anno passado de 1644.

E queixando-me por um embaixador dos atrevimentos, e protestando por a justa recompensa de todo o damno que delle resultasse no futuro, chegou a Pernambuco um patacho de Angola com os Portuguezes expulsos daquelle reino, que haviam escapado da assolação do arrayal do Bengo; e representando o dito embaixador ao conde de Nassau e aos de seu concelho a aleivósia e traição, com que os Directores de Loanda se houveram com o governador Pedro Cesar de Menezes, debaixo da palavra e segurança das capitulações que de novo haviam com elle celebrado, para que se lhes desse o castigo que mereciam, e se restituisse aos nossos o que se lhes havia roubado, que era o mais precioso de todo o reino, elles lhe responderam tambem que não era aquelle governo subordinado ao seu, escusando-se com este desabrimento de dar remedio a tantas insolencias, como

as que os miseraveis moradores daquelle reino toleravam, de que não foi a menor, chegarem a tratar ao dito governador Pedro Cesar na humilde prisão em que o metteram com as maiores indecencias, que a sua qualidade podia padecer. E a maior retribuição que tomei destes escandalos foi mandar enforcar a um soldado e a um morador desta capitania que passando á campanha commetteram nella alguns insultos, sem se me fazer queixa alguma por sua parte.

Tal foi a pontualidade com que procurei acreditar com os Hollandezes a benevolencia deste governo e fé de nossa boa visinhança, e tal a differença com que elles a corresponderam em tudo o que lhes permittio o tempo, preferindo sempre os respeitos de sua conveniencia ao de nossa amisade e singeleza. E si tendo eu todos estes motivos e em occasiões em que esta praça se achava com maiores forças que as que haviam em Pernambuco para tomar satisfação de todos elles, como de violencias que tão positivamente commetteram contra a fé publica e estatuto das capitulações, me não desviei um ponto de as guardar ainda na menor acção, bem se verifica, Senhor, que não concorrera nesta de soccorros aos Portuguezes por intento de vir a rompimento com os Hollandezes, senão meramente por obrigação precisa e natural de dar auxilio a quem acclama o de V. M., e ser medianeiro entre elles e os governadores daquelle conselho supremo: porque si minha (intenção) fôra recuperar Pernambuco, menos difficultosa, era a facção por interpresa subita que por disposições occasionadas a um successo infeliz, como pudera ser o presente, si eu mandara estas tropas, sendo ellas de negros e de tão pouca confiança, pois estava mais certa a boa fortuna no conhecimento das poucas forças que o Recife tinha, que na contingencia de se saber o intento, o resultarem dello as damnosas consequencias que se devem considerar em materia tão grave, e em que essas mes

mas impossibilidades são o maior abono e justificação da sinceridade de meu animo, e do cuidado com que só tratei de obedecer a V. M. na infallivel observancia das pazes com os Hollandezes; de que me pareceu dar esta devida conta a V M. com toda a brevidade deste successo e circumstancias, e noticias precedentes para que tudo seja presente a V. M. Guarde N. Senhor a Real pessoa de V. M, como a Christandade e todos seus vassallos havemos mister.

Bahia 19 de Julho de 1645.

Antonio Telles da Silva.

TRASLADO DE UM ASSENTO QUE SE TOMOU EM PRESENÇA DO GOVERNADOR DESTE ESTADO DO BRAZIL SOBRE A CARTA QUE ESCREVEU O TENENTE DE MESTRE DE CAMPO GENERAL ANDRÉ VIDAL DE NEGREIROS, EM QUE DÁ CONTA DE SER FUGIDO ANRIQUE DIAS.

Em os trinta e um dias do mez de Março de mil e seiscentos e quarenta e cinco, nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, nos paços de S. M., mandou o Sr. Governador e capitão general deste Estado, Antonio Telles da Silva, chamar a sua presença os mestres de campo João de Araujo e Francisco Rebello e os tenentes de mestre de campo general Pedro Correia da Gama e Antonio de Freitas da Silva, e os sargento-móres João Reiz de Souza, Domingos Delgado e Gaspar de Souza Velho, e o Provedor-mór da fazenda de S. M. Sebastião Ponis de Brito, e o doutor Antonio da Silva e Souza, ouvidor geral, Provedor-mór dos defuntos e ausentes e procurador da fazenda e coroa deste Estado, e sendo todos assi juntos, lhe man-

dou ler uma carta que havia recebido do tenente de mestre de campo general André Vidal de Negreiros, que está na fronteira do Rio Real, em que disse que em vinte cinco deste mez de Março pelas duas horas despois da meia noite, fugio Anrique Dias daquella estancia com toda a sua gente, que vae acima della na volta de Pernambuco, e que como tinha a estrada povoada com seus soldados não foi sentido nem o soube senão despois de claro dia, e que antes de fugir se queixava do Sr. governador por elle não dar licença para vir ver suas filhas e mulher que estava morrendo, e que nunca lhe deram nada da fazenda real mais que servirem-se delle como se fôra captivo, e que a semana antecedente o quizeram mandar preso por estas e outras liberdades, que dizia; mas nunca lhe pareceu que fizesse uma cousa tão mal feita, mas que como negro que era merecia um grão castigo para exemplo dos mais; que logo mandara a Camarão atraz delle com os seus indios para que o tragam preso e a bom recado, ainda que custasse algumas mortes de uma e outra parte; que considerassem os ditos ministros o que lhes parecia se devia fazer no caso e lhe dessem seus pareceres.

E vista a dita carta e considerando o caso, votaram cada um o que lhe pareceu, e concordaram que o tenente de mestre de campo general André Vidal tinha feito a que naquelle fragante se podia fazer, e que posto que o caso era feio e merecedor de gram castigo se prendessem por ora, e sendo (preciso) se podia mandar mais gente em seu seguimento, porque si tinha animo damnado em se passar aos hollandezes, já tinha tempo de estar do Rio de S. Francisco para Pernambuco de vinte e cinco deste até agora que chegou o aviso, e em tornar lá, estará mais longe, e que se o prenderem então se tratará do castigo que merece, e quando não prendam o desertor, se saiba que foi para os Hollandezes ou se passou a Pernambuco a roubar e fazer outros maleficios, e será bom avisar aos mes-

mos Hollandezes que vae levantado e fugido, para que si o poderem prender o castiguem como tal.

E o Sr. Governador se conformou com o mesmo parecer e resolveu que assi se fizesse, e mandou disso fazer este assento que assignou e os ditos ministros; e eu Gonçalo Pinto de Freitas, escrivão da fazenda de S. M. o escrivi.— Antonio Telles da Silva.—João Roiz de Souza.--Domingos Delgado Alvelos.-- Gaspar de Souza Veheo.— Sebastian Ponis de Brito.—Antonio da Silva e Souza. O qual assento eu Gonçalo Pinto de Freitas, escrivão da fazenda de El-Rei nosso senhor deste Estado do Brazil, fiz trasladar do proprio que fica em meu poder no quaderno dos assentos das juntas e concelhos a que me reporto, com que este treslado concertei e o subscrivi e assignei na Bahia em primeiro de Abril de 1645.

Gonçalo Pinto de Freitas.

COPIA DA CARTA QUE OS DO SUPREMO CONCELHO GOVERNADORES EM PERNAMBUCO ESCREVERAM AO SR. ANTONIO TELLES DA SILVA, GOVERNADOR E CAPITÃO GERAL DESTE ESTADO POR DOUS EMBAIXADORES QUE A ESTA CIDADE MANDARAM.

Com quanta pontualidade as pazes confirmadas entre os Snrs. Rei de Portugal Dom João 4.° e os mui Poderosos Senhores dos Estados geraes das Provincias Unidas, que os moradores destas capitanias compriram em tudo, e em cada um dos artigos dellas, consta pelas cartas, e embaixadores de boa correspondencia a V. Exc. enviados, e o devem testemunhar todos os que da Bahia e outras partes vieram a estas capitanias, pelo menos não se achará quem mostre sombra de alguma falta. O mesmo sempre se esperou de S. Ma-

gestade e de V. Exc., e nunca se póde receiar qu
da sua parte se permettisse que seus vassallos f
zessem ou intentassem cousa que fosse contr
contratos tão formaes, como aquelles, e ainda qu
alguns Portuguezes, vassallos dos ditos mui Pode
rosos Senhores, quebrando sua fidelidade jurade
intentaram uma conjuração publica e tomaram ai
mas contra este Estado, tanto que veio á sua no
ticia que o Camarão e Henrique Dias com seus in
dios e negros em companhia de outros Portugue
zes chegaram da Bahia a estas capitanias, de pan
cada, sem licença, e sem a pedir contra o direito
publico e geral, ajuntando suas tropas e armada
com os dos levantados, movem e fazem uma
guerra mais como deshumanos ladrões e piratas
que como os soldados usam em Europa, não po-
demos presumir qne esta gente de fora por ordem
on permissão de S. Magestade ou de V. Exc. con-
tra seus federados taes cousas intentarão. Graças
a Deus, não nos falta ordem, nem forças bastantes
com que obrigar a estes obstinados, que se não
saiam de sua devida obediencia e obrigação, e
para fazer despejar os de fora com total ruina sua ;
comtudo para que todo o mundo saiba que antes
foi, e ainda é o nosso desejo de viver com toda
paz, e quietação com S. Magestade e seus vassal-
los, assim como nossos superiores continuamente
nos encommendam, e para tirar a suspeita que os
Reis, e Principes, e Potentados por a chegada des-
ta gente poderam persumir, e que constasse a des-
culpa de S. Magestade e de V. Exc., e se provasse
que não tem dado origem a esta conjuração nem
a sustenta, enviamos em nome e da parte dos ditos
mui Poderosos Senhores os Estados Geraes, S. A.
o Principe d'Orange, e os nobres Senhores da ou-
torgada Companhia das Indias Occidentaes, os
Snrs. Balthasar van de Voorde, conselheiro de
justiça, e Theodoro van Hooghstraten, comendor
no cabo de S. Agostinho com mandado e ordem
para levar e declarar a V. Exc. todos os artigos al-

legados, e pedir que V. Exc. seja servido que logo com a chegada destes nossos deputados por publicos editos ou outras demonstrações constrangentes mande ao dito Camarão, Henrique Dias e a outra qualquer cabeça que estiver em estas capitanias se recolha logo com todas suas tropas e gente de guerra, e sejam castigados com todo o rigor, e não obedecendo sejam elles todos, e cada um delles declarados por inimigos de S. Magestade, porquanto não achamos outra via por onde aos ditos mui Poderosos Senhores, S. A. e os nobres Senhores desta Illustre Companhia se dê a satisfação que esperamos de V. Exc.

Estavam assignados :

De V. Exc. mui affeccionados amigos Henric Hamel, Adrian van Bullestraten, Pieter Jansen Bas.

Recife a sete de Julho de seis centos e quarenta e cinco annos.

Por ordem dos mui nobres Senhores do Supremo e Secreto Concelho. Estava firmado : *D. van Walbeeck.*

Este é o traslado da carta flamenga que os mui nobres Senhores do Supremo e Secreto Concelho nos deram em commissão de a entregar á S. Exc. Bahia de todos os Santos aos vinte do mez de Julho de 1645.

Balthasar van de Voorde, Hooghstraten.

—

RESPOSTA QUE DEU O SR. ANTONIO TELLES DA SILVA, GOVERNADOR E CAPITÃO GERAL DESTE ESTADO DO BRAZIL A CARTA ACIMA E ATRAZ TRASLADADA.

Os Senhores Balthazar van de Voorde, conselheiro da Justiça, e Theodoro van Hoocchstraten, comendor no cabo de Santo Agostinho, dignissimos Deputados de V. Ss , me deram a carta em que V. Ss. se serviram representar-me o inconsi-

derado movimento com que esses moradores se deliberaram a negar a obediencia a V. Ss., nova que eu senti como devo, e sentira ainda com maior extremo do que o signifiquei aos ditos Senhores Deputados, si não vira a justissima segurança com que V. Ss. crêm que não podia ter impulsos deste governo acção tão indigna, por tantas circumstancias, da fidelidade, e valor dos Portuguezes, e supposto que eu podera justificar melhor esta merecida opinião de nossa fé, com os procedimentos da correspondencia que havemos tido neste estado, deduzindo-a desde seus principios para mostrar a V. Ss., e ser presente á todos os Reis, Principes e Potentados do mundo que foi sempre da nossa parte esta amisade tão firme nas esperiencias, como é de V. Ss. encarecida nesta sua carta, comtudo por não magoar mais o soffrimento e fazer manifesto ás gentes occasiões em que positiva e declaradamente se violou pelos subditos de V. Ss., na maior innocencia e confiança nossa, a pureza das treguas e capitulações das pazes contrahidas, e ratificadas entre a Magestade Serenissima de El-Rei meu Senhor, e os Altos Poderosos Senhores Estados Geraes das Provincias Unidas; quero antes deixar, no silencio de nossa mesma visinhança, os defeitos que nella pudera desculpar qualquer intento do que fundar o meu em lembrar a V. Ss., todos os que tem precedido, em particular a expedição da armada para Angola ao mesmo tempo em que os Senhores Estados Geraes estavam ajudando em Portugal com suas náos as armas desta corôa, e nesse Recife os nossos embaixadores fazendo retirar as tropas que tanto eram temidas na campanha, e protestavam não mandassem invadir porto algum dos de El-Rei, meu Senhor, despachando a sua mesma vista, com voz de ir dar ás Indias de Castella, a conquistar aquelle Reino, a entrada e occupação da Ilha de S. Thomé e cidade de São Luiz do Estado do Maranhão, o excesso com que chegaram a

mandar infestar esta costa, a render nella um navio nosso que sahio carregado de assucares da capitania do Espirito Santo, a experiencia que mandaram fazer de minha fé pelo commissario Joan Greevings, com sombra de pedir farinha na esterilidade em que esta cidade se achava, como elle mesmo retificou em uma carta sua, em que disse assi: « que mais se me mandou a esta commissão a experimentar a amisade que por necessidade», a cautela com que os diretores de Loanda capitularam com o Governador Pero Cezar de Menezes, a aleivosia e assolação do nosso arrayal do Bengo, a expulsão dos miseraveis moradores daquelle Reino, as indecencias com que trataram o dito Governador Pero Cezar, sendo um general de S. Magestade, tão vituperadas em sua qualidade e posto, como contrarias a toda a humanidade, e estilos militares, não digo eu das nações politicas de Europa, mas ainda das mais barbaras do mundo, e finalmente o desabrimento com que nesse Concelho Supremo se respondeo sempre a todas as embaixadas com que pretendi que naquelle Reino cessasse tambem todo o acto de hostilidade, dizendo-me que era jurisdicção separada e independente da sua; esquecendo-me tambem da pontualidade com que á vista destes desenganos qualifiquei mais a fé e singeleza do animo com que tenho procedido, pois mandando-me V. Ss. fazer queixa do capitão Agostinho Cardoso, e de um Domingos da Rocha, que para esta cidade fugio com um barco de assucares, o fiz logo restituir, mettendo ao dito capitão em uma aspera prïzão até o remetter a S. Magestade; e ultimamente sendo eu informado que um soldado e um morador desta capitania, chamado João de Campos e Domingos Velho o Sigismundo, passaram a essa de Pernambuco, e fizeram nella alguns insultos, os mandei logo inforcar sem mais incitamento, que o da fé publica da amisade que professamos, e juntamente nos devemos; e si eu havendo-me

o tempo offerecido todos estes motivos, tão mer
cedores de toda a devida recompensa me não qu
nunca lembrar mais que das expressas, e apert
dissimas ordens, com que S. Magestade se serv
mandar-me que guardasse, estabelecesse, e co
servasse com V. Ss. os effeitos de reciproca pa
e allianças que tinha assentado com os Altos Pod
rosos Senhores Estados Geraes, bem se verifi
que ainda na opinião de soldados (quando n
quizesse respeitar as obrigações e consequenci
de Estado) não devia eu deixar perder tantas c
casiões passadas e muito mais opportunas pa
na presente dar sombra aos intentos de quat
Portuguezes desarmados, e a fugida de um neg
descontente, e união de outro quasi rebella
para uma facção tão ardua, e de dependenci
tão difficultosas, donde se infere evidentissin
mente que nem por pensamento podia este (
verno ser occulta causa deste accidente, co
Vv. Ss. devidamente confessam e eu o q
mostrar na repetição destas particularidades pa
esta satisfação que privadamente dou a V. S
de meu natural affecto e obrigação deste lug
E para que V. Ss. tenham verdadeira noticia
ausencia de Henrique Dias, elle se passou u
noite do posto do Rio Real donde estava á parte
V. Ss., e mandei em seu alcance ao capitão-n
dos indios Dom Antonio Philipe Camarão; ver
eu que tardavam ambos, e tendo sido imagina
de todos que iam dar na povoação e mocam
dos Palmares no rio de São Francisco. man
em seu seguimento, por não parecer que alte
va o socego da paz com metter na campan
tropas de infanteria, dous Religiosos da Com
nhia de Jesus a reduzil-os, e nenhum lhe q
obedecer, ou por estarem temerosos do casti
ou já inficcionados do intento dos morado
dessa capitania, segundo agora collijo, e del
não tive mais noticias que as que V. Ss. se s
viram mandar-me.

Agora me chegaram avisos dos mesmos portuguezes, remettendo-me um manifesto das causas que os constrangeram a levantar-se, e implorando-me os soccoresse, como a verdadeiros vassallos que eram de El-Rei meu Senhor, por ficarem expostos ao rigor e feresa de 40 tapuyas que Vv. Ss. tinham já no Rio Grande e á inclemencia das brenhas para donde se haviam retirado, deixando suas mulheres e familias á indignação e vingança de Vv. Ss., com temor das prisões que Vv. Ss. iam fazendo, fulminando-lhes graves culpas para lhes confiscarem as fazendas, tudo por indução e maldade dos judeus inimigos tão perfidos da christandade, cousa que eu não creio da prudencia de Vv. Ss., pois chegaram a dar credito aos simulacões de homens tão desaforados e temidos que affirmaram a Vv. Ss. que andavam na campanha pessoas que os senhores deputados viram nesta praça, e supposto que eu me persuado que nas disposições deste successo seriam mais effeitos o amor da liberdade desses povos, e amargor de se verem agora privados do bem de um rei natural que Deus nos ha mandado, do que a exasperação dos receios com que ficam, comtudo considerando eu por uma parte o fim com que Vv. Ss. me escreveram, e os ditos Senhores Deputados me propuzeram e rogaram mandasse recolher os ditos capitães-móres Camarão e Henrique Dias, e apasiguar esses Portuguezes tumultuosos pelos meios que me parecessem mais idoneos, e por outra a oppressão publica em que se me representaram, sentindo não ter o remedio tão propinquo, como o desejo, pois é certo que se estes dous capitães me não obedeceram persuadidos, menos se sugeitarão violentados, e mais em paizes e brenhas tão distantes, e em que todos elles andam tão versados, condescendendo com promptissima vontade ao que Vv. Ss. mesmos são servidos, e querendo eu mostrar em todo o tempo e parte qual é a fidelidade dos Portuguezes e a sinceridade can-

dida que nella resplandece para com todos seus confederados, e que não sabem attentar para conveniencias proprias por mais que o tempo as offereça e sejam de maior importancia pela menor quebra, ou violencia que della possa resultar em sua sempre incontrastavel confidencia e pactos de alliança e união com outras nações, me pareceu tomar por resolução ser um medianeiro commum, e socegar, com a interposição de minha autoridade as inquietações intrinsecas dessa capitania, como desapaixonado amigo e bom visinho, e assi me pareceu dizer por estas a Vv. Ss., que fico tratando (como remedio que julguei mais efficaz) de enviar a essa capitania com toda brevidade que me fôr possivel pessoa de tal prudencia que por sua disposição e intelligencia em nome de S. M. El-Rei meu Senhor se aquietem estes movimentos e soceguem todos os portuguezes, para que vão previnidos de maneira que quando não queiram sugeitar-se por suavidade e bom modo os constranjam por violencia a obedecer a seu pezar a Vv. Ss., e se fiquem continuando daqui em diante nelles as sugeições que devem esperar da benevolencia de Vv Ss., e entre nós a boa correspondencia, e demonstrações de amizade que confio em Deus Nosso Senhor se perpetue e conserve entre estas nossas duas nações, como tão amigas e conformes que são. Guarde Nosso Senhor os mui nobres pessoas de Vv. Ss.

Bahia, dezenove de Julho de mil seis centos e quarenta e cinco annos.

As quaes cartas eu Gonçalo Pinto de Freitas, escrivão da fazenda, fiz tresladar dos proprios que (estão) na secretaria do Sr. governador a que me reporto, e a conferí e subscrevi na Bahia em 22 de Julho de 1675.

Gonçalo Pinto de Freitas.

TRESLADO DO ASSENTO QUE SE FEZ SOBRE AS COUSAS DE PERNAMBUCO

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil seis centos e quarenta e cinco annos aos dezesete dias do mez deJulho do dito anno nesta cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos, nos paços de Sua Mag., o Sr. Antonio Telles da Silva, governador e capitão geral de mar, te.,'deste Estado do Brazil, mandou ajuntar á sua presença os provinciaes e prelados das quatro religiões desta cidade, companhia de Jesus, S. Bento, Carmo e S. Francisco, e os quatro mestres de campo deste Estado, Martim Soares Moreno, João de Araujo, André Vidal de Negreiros, Francisco Rabello, e os tenentes de mestre de campo general Paulo Correia da Gama, João de Lucena de Vasconcellos e Antonio de Freitas da Silva, e os sargentos majores Gaspar de Souza Uchoa (?) e Antonio de Brito de Castro, e o provedor-mór da fazenda de S. M. deste Estado Paulo Ferraz Barreto, e o ouvidor Sebastião Ponnis de Brito que té agora exercitou o dito cargo, e o Dr. Antonio da Silva e Souza, provedor mór dos defuntos e ausentes deste Estado, que ora serve o cargo de ouvidor geral, e os juizes ordinarios vereadores e mais officiaes da camara desta cidade, e alguns homens principaes do povo e governança della, como foram o coronel da gente da ordenança Hieronimo Serrão de Paiva e o alcaide mór Antonio da Silva Pimentel, e o doutor Francisco Bravo da Silveira, os capitães Paulo de Barros, Paulo Cardoso de Vargas, Philipe Manso de Albuquerque e Diogo de Araujo Pereira, e sendo todos juntos lhes mandou ler a proposta seguinte:

Proposta do Sr. Governador

De Pernambuco chegaram esta noite correios com aviso que me fazem os moradores daquella

capitania de como não podendo já soffrer intolerantes violencias, tyrannica sujeição dos Hollandezes, considerando o excesso grave com que de novo se lhes duplicava o pezo dos tributos, e a insolencia de seu dominio, se fazia mais incomportavel a injusta direcção de seu governo, e que nesta miseravel fortuna a que se viram reduzidos, se lhes impossibilitava tanto mais o remedio, e ainda a esperança, de melhorar quanto era maior o desejo da liberdade, com natural sentimento de que sendo elles vassallos de El-Rei nosso Senhor, estivessem padecendo, havia tantos annos, a privação deste nome e a ignominia de conquistados de outra nação e só a elles não tivessem ainda chegado os virtuosos effeitos e a felice acclamação de S. M. que Deus guarde; levados destes dous incitamentos de sua oppressão e lealdade se delliberarão todos a igualar os intentos á desesperação, e a negar a obediencia aos Hollandezes, querendo antes morrer gloriosamente em defensão da liberdade e restauração de sua patria do que ao poder das injurias que naquelle continuamente padeciam, representando-me o estado em que ficam, implorando os soccorra com toda a brevidade, pois é tão grande o perigo da vingança que temem dos Hollandezes, como a obrigação que me occorre de lhes não faltar com a protecção que tão justamente devem esperar das armas de seu proprio Rei e Senhor. Considerando eu este successo, e que ainda que nelle se me offerecia occasião tão disposta para poder tomar dos Hollandezes a devida recompensa das desiguaes correspondencias de seu procedimento nestas partes, pois quando este governo estava com aquelle logrando a maior paz, mandando retirar as tropas da campanha e cessar nella todo acto de hostilidade, e confirmando com estas demonstrações de benevolencia a conservação da amizade em que nos viamos, elles a estimavam tão pouco que, debaixo dessa mesma segurança, nos mandaram invadir e occupar o reino de An-

gola, ilha de S. Thomé e cidade de S. Luiz no Estado do Maranhão, chegando a infestar com seus navios esta costa e a render nella um nosso que sahia carregado de assucares da capitania do Espirito Santo, como é notorio, sendo todas estas acções tão dignas de eu me não esquecer dellas, comtudo é tão apertado o vinculo da fé publica e palavra real com que S. M. se servio que se contrahissem as pazes e ratificassem as capitulações dellas com os Estados das Provincias Unidas, e tão inviolavel a observancia e o que expressamente me manda que as guarde, que não dá lugar a se relaxarem por nenhum acontecimento. E assi suppostas estas duas obrigações, tão precisas que neste accidente concorreram, juntamente de soccorrer aos moradores de Pernambuco e não faltar á conservação das pazes, vendo-me indifferente na consideração de ambas, e das graves consequencias que de qualquer dellas podem resultar, desejando tomar resolução com tal assento que experimentem nella tanto os Portuguezes a humanidade, com que lhes quizera valer, como os Hollandezes a sinceridade e pureza de animo, com que pretendo perpetuar com elles a amizade que professamos, me pareceu mandar chamar a este conselho a todos os prelados das religiões e ministros superiores da guerra, politica, fazenda e justiça que se acham presentes e fazer-lhes esta proposta, em que, todos votem livremente o que sentem nesta materia, e se é justo mandar-se este soccorro ou não mandar-se, porque me delibere no que mais convier ao serviço de S. M., segurança daquelles povos e estabilidade da paz com os Hollandezes, que é o que só pretendo e protesto.

E logo lhes mandou ler a carta que recebeu dos moradores de Pernambuco, cujo traslado é o seguinte:

Carta

Os afflictos moradores de Pernambuco, opprimidos ha tantos annos de molestias e tyrannias da nação hollandeza, a que estão sujeitos com exemplos tão notorios de sua crueldade, como por muitas vezes temos experimentado em tempos passados; vindo um general chamado Sigismundo para destruir e matar os miseraveis moradores, tomou uma pequena occasião de descerem a esta campanha soldados de Porto do Calvo que então governava o Conde de Bonhollo, e com este mao animo partio o dito governador de Serinhãem com tapuyas que para este effeito mandou (vir) do sertão, e sahio até Massiape, distancia de trinta leguas, matando, degolando e entregando aos ditos tapuyas homens, meninos e mulheres, para em sua presença fazerem extraordinarias tyrannias, e na mesma maneira succedeu em Goyanna que tres dias naturaes largaram o gentio e soldados a matar, destruir o povo, fazendo em mulheres casadas e donzellas taes vituperios, quaes nunca se viram fazer a nação nenhuma. E além de outras muitas crueldades que cada dia estamos padecendo, agora de novo desejosos os judeus de nos verem acabados e destruidos como inimigos da Christandade, com falsidades arguiram entre os Hollandezes que hoje governam, mentirosos levantamentos, com que os d tos governadores mandaram descer do sertão quatro mil tapuyas e os tem no Rio Grande com ordem que, a todo o tempo que tivessem recado seu, viessem matando e abrasando este povo, e inteirados nós de sua damnada tenção, á vista de tantas crueldades, movidos da natural defenção, cinco dias antes de fazermos esta a V. S. nos levantamos geralmente em todas as partes de Pernambuco, e nos puzemos em defença, como melhor pudemos, tratando só de remediar as vidas, fazendo por escapar o impeto deste tyranno golpe, e assi, ficamos neste risco com tanta afflicção, qual

V. S. poderá considerar, e como tão catholico lhe pedimos, requeremos uma e muitas vezes da parte de Deus e de el-rei nos soccorra e acuda a libertar as vidas, como vassallos de el-rei D. João; é tão grande o risco em que nos vemos que se V. S. nos não acudir com muita brevidade, obrigados do desamparo em que nos vemos, clamaremos justiça aos céos e mandaremos pedir soccorro a el-rei de Hespanha e outros reis catholicos, que assi o permittem semelhantes extremos, o que não esperamos de V. S., antes que logo e logo nos acuda a remediar as vidas a este miseravel povo, no que fará muito grande serviço a Deus e a el-rei nosso senhor, e nos assignamos em nome de todo o povo.—João Fernandes Vieira.—Bernardino de Carvalho.—Bastião de Carvalho. — Manoel Cavalcanty.—Antonio Bezerra.—Antonio Cavalcanty. —Cosme de Crasto Passos.— João Pessoa Bezerra.—Gonçalo Cabral de Caldas.—Diogo Dias Leite. —Gaspar Antunes dos Reis. Cosme do Rego Barros.—Arnao d'Ollanda Barretto.—Miguel Bezerra. —Vicente Argª. (?)—P.ᵉ Matheus de Souza Uchoa — Antonio Borges Uchoa. — Gonçalo de Souza Velho. – Luiz da Costa Sepulveda.—Manoel Alves Densdam.—Amaro Lopes Madeira.—Vigario Francisco da Costa Falcão. — Hieronimo da Rocha.— João Velho de Souza. — João Pessoa Baracho.— Simão Furtado de Mendonça.—Manoel Pereira Corte Real.—Manoel Jacome Bezerra.—Alvaro Fragoso de Albuquerque. — P. Marinho Falcão.— João Gomes de Mello.—O Licenciado Antonio Pereira.— João Paes Cabral — Francisco Berenguer de Andrade.—Francisco Bezerra Monteiro.—Alvaro Teixeira de Mesquita —João Gomes de Mello.—O padre Diogo Roiz da Silva.—Frei Anselmo da Trindade, D. Abbade de S. Bento.—Diogo de Araujo.—Paulo de Araujo de Azevedo. –Feliciano de Araujo de Azevedo.—Francisco Gomes Muniz. –João Soares. —Lopo Curado Gano.(?)—Amador de Araujo.—Gonçalo da Rocha.—Manoel de Queiroz de Siqueira.—

O padre Vigario João de Abreu Soares.—Frei Pedro de Albuquerque.—Gonçalo de Barros Pereira —Domingos Gomes de Britto.—Francisco Gomes de Abreu.

—

CARTA QUE ESCREVERAM OS MORADORES DE PERNAMBUCO AOS HOLLANDEZES DO CONCELHO

Mui nobres Senhores.— Os moradores deste estado, subditos de Vv. Ss., opprimidos ha tantos annos de aggravos e molestias, vendo-se matar e destruir em tempos passados, com tanto rigor que sem indicios de culpa padeciam innocentes, entre outros exorbitantes casos, que nelles succederam, sempre os soffreram com muita paciencia, guardando toda a fidelidade promettida, e agora estando quietos tratando de suas vidas e fazendas nos veio a noticia por ditos de muitos Judeos desse Recife, que V. S.as pertendião arruinar a todos os ditos moradores Portuguezes, imputando lhes culpas graves com que nos confiscassem nossas fazendas, e as permittissem a outros de nação flamenga que para esse effeito tinhão mandado vir de Hollanda, e com os taes ditos se commetterão geralmente entre os ditos Judeos ha muitos tempos levantamentos de treições contra este povo, que V. Ss sempre experimentarão serem falsos, nem mostrarão occasião provavel, de que muitas vezes nos queixamos sem V. Ss. prohibirem semelhantes occasiões, com que sempre vivemos receiosos ; e agora com o rigor das prisões que Vv. Ss. mandaram fazer aos principaes moradores, e temerosos do risco das vidas nos retiramos aos mattos, deixando nossas mulheres, filhos e fazendas, por não estar sugeitos a má inclinacão de pessoas pouco nossas affeiçoadas, sugeitando nos antes aos rigores e incommodidades de trabalhos, molestias, que ficamos padecendo com tenção de ver o fim de semelhante

rigor pondo-nos em extremo de uma desesperação; agora de novo nos veio a noticia que Vv. Ss. mandaram fixar um edital que dentro em cinco dias apparecessem em sua presença os retirados, exceptuando algumas pessoas, como authores de culpa, no que ficamos certos da má prevenção, que de nós tem, e o credito que Vv. Ss. dão a semelhantes maldades, com que mais ficamos consternados, considerando que a culpa pode cahir em cada qual, dando mui limitado tempo para nos recolhermos que mal bastava para chegar á noticia de todos, porque alguns com o medo estarão tão longe que antes do tempo a não tenhão: Vv Ss. considerem bem o remedio de nossa quietação sem deixar caminhos por onde nos fiquem receios, e assi lhe requeremos uma e muitas vezes da parte de Deus a quem havemos de clamar justiça e aos Reis e Principes catholicos do mundo, protestando por todas as perdas e ruinas, que Vv. Ss. nos derem de vidas e fazendas sem haver mais causa que os ditos levantamentos de falsidades, e de pessoas forçadas que Vv. Ss. mandaram prender, que por remir vidas dirão o que mais accomodar a seu remedio, a que Vv. Ss. devem attentar querendo nos conservar, como são obrigados, cujas pessoas Deus guarde. Vinte e dous de Junho de seis centos e quarenta e cinco. João Fernandes Vieira.—Antonio Cavalcanty.—João Pessoa.—Antonio Bezerra.—Manoel Cavalcanty.—Cosmo de Crasto Passos.

E assi mais mandou ler outro papel que com a dita carta veio, de que o treslado é o seguinte:

COMPROMISSO

Nós, abaixo assignados, nos conjuramos e promettemos em serviço da liberdade não faltar a todo tempo que fôr necessario com toda a ajuda de fazenda e pessoas contra todo o risco, que se offerecer contra qualquer inimigo, em restauração

de nossa Patria, para o que nos obrigamos a manter todo segredo que nisto convem, sob pena de que quem o contrario fizer ser tido por rebelde e treidor, e ficar sujeito ao que as leis em tal caso permittem, e debaixo deste comprimento nos allıamos em vinte e tres de Maio de mil e seis centos e quarenta e cinco.—João Fernandes Vieira.—Antonio Bezerra.—Antonio Cavalcanty.—Bernardino de Carvalho. — Francisco Berenguer de Andrade. —Antonio da Silva.—Pantaleão Sirre da Silva.— Luis da Costa Sepulveda.—Manoel Pereira Corte Real.--Antonio Borges Uchôa -Amaro Lopez Madeira.—Bastian de Carvalho.—Manoel Alves Densdam —Antonio Carneiro Falcato.– Antonio Carneiro de Maris.–Francisco Bezerra Monteiro.—Alvaro Teixeira de Mesquita.—O Padre Diogo Luiz da Silva

E assi se leu mais outro papel, cujo treslado é o seguinte:

Dizemos nós João Fernandes Vieira e Antonio Cavalcanty que em nome da liberdade Divina ordenamos e fazemos, para vingar aggravos e tyrannias. a Miguel Gonçalves e Amador de Villas Capitães e cabos da freguezia de Sam Gonçalo de Una e seus limites, aos quaes damos os poderes necessarios por que todos juntos e cada um por si possam pôr e dispor como lhes fôr necessario no serviço da liberdade Divina contra a tyrannia hollandeza, e que possam fazer capitães e officiaes ás pessoas que mais sufficientes e benemeritas lhes parecer para exercitarem bem seu cargo no serviço da liberdade Divina, e poderão pedir a todos os moradores os mantimentos necessarios para toda a gente que andar na guerra, e assi mais ordenar o que lhes fôr necessario, passando escriptos em nome da liberdade divina para tudo se pagar, quando fôr tempo, para o que mandarão deitar bandos que todos acudam com suas armas adonde forem chamados, não izentando pessoa de nenhuma calidade que seja, e com todos seus criados e escravos, e que nenhum morador dê nenhuma ajuda nem favor ou

mantimento ao inimigo hollandez, com pena de vida, a fazenda perdida, e tido por treidor a sua Patria, e toda a pessoa assi flamengo como Ingrez ou francez ou de outra qualquer nação estrangeira que seja se quizer passar á banda da liberdade Divina, se lhe pagará todo o soldo que a Companhia lhe deve até o dia presente que se passarem, e se lhe fará todo bom tratamento necessario, e viverá em sua liberdade, e se lhe dará passagem para donde quizerem com todo o necessario, e que todos os moradores que vivem debaixo da liberdade Divina e professar ser Catholicos Romanos, e todos os capitães e officiaes e maiores pessoas que governarem e mandarem e servirem em dito seu districto obedeçam aos ditos Miguel Gonçalves e Amador de Villas, aos quaes damos poder para em nome da liberdade Divina prometterem toda a mercê que na calidade da pessoa cober, e a todos lhes será perdoado todo crime geralmente que até o dia presente da publicação deste haja commettido, para que possa apparecer, e o mesmo a todos os homiziados (?) de todo o crime que hajam commettido será perdoado e poderão apparecer livremente, fazendo sua obrigação no serviço da liberdade Divina, e tudo o que deverem todos, em geral, aos hollandezes e judeus lhe será perdoado, para que em nenhum tempo lhe seja pedido, e toda a pilhagem que qualquer capitão e official ou soldado fizer a todos os inimigos será sua, e tudo o que tomarem, com condição que não aggravem a morador nenhum leal sob pena de serem rigorosamente castigados, e todos os moradores flamengos, francezes, inglezes e judeus ou de outra qualquer nação estrangeira que seja que quizerem ficar em suas fazendas e sua liberdade não será molestado em cousa alguma, e toda sua fazenda lhe será permittida, para que possam dispor della, como lhes parecer com condição que serão leaes á parte da liberdade Divina, e toda a nação de gente de qualquer qualidade que seja, assi tapuyas, como peti-

guaras que se quizerem passar á banda da lib
dade Divina para ajudarem a libertar sua pat
lhe será perdoado todo o crime que até o dia p
sente tiverem commettido, e viverão quietame
como viviam nos tempos passados, e todo o n
gro, Arda, Mina, Angola, crioulo, mulato, mam
luco, forros e captivos que fizerem sua obrigaç
em defensa da dita liberdade Divina serão livres
pagos de tudo o que fizer, e os ditos Miguel Go
çalves e Amador de Villas poderão chamar tod
as pessoas que idoneas lhe parecer para os ajud
rem e fazerem concelho sobre tudo o que for n
cessario fazer-se ; o que tudo acima declarado f
rão elles ditos capitães e cabos inteiramente cum
prir e guardar, e para que bem se cumpra e gua
de tudo em este papel declarado, tomamos por te
temunha a Deus todo Poderoso e a Virgem de N
zareth. Feita nesta vargea de Capibaribe ac
quinze dias do mez de Maio de mil e seis centos
quarenta e cinco.

—

E ouvidas a dita proposta, carta e papeis re
feridos, e considerada a materia com a pondera
ção que o Sr. governador lhes encarregou, voto
em primeiro lugar o Dr. Antonio da Silva e Souza
provedor mór dos defuntos e ausentes deste Es
tado, que serve de ouvidor geral nelle, que na obe
diencia dos preceitos e ordens de S. M. que Deus
guarde está o maior acerto de seus vassallos, e
tendo o dito senhor tão bem encommendado a con
servação das pazes com os Estados da Hollanda
por lhe ser presente a occasião de sua felice accla
mação, em que os achou em defensa de sua co-
rôa, parecia que no successo presente se devia re-
solver a proposta na denegação do soccorro e aju-
da que os vassallos de Pernambuco pediam ; com-
dudo, considerado o negocio com mais alto juizo,
achava que a observancia da palavra real não ex-
cluia de soccorrer a nossos Portuguezes no esta-

lo, em que se nos representam, porque fazendo conjectura de que a piedade é propria de um animo, Real é certo que se neste caso S. Magestade que Deus guarde, fôra presente, com sua Real grandeza havia de achar rezão para acudir a seus vassallos, porque se a não intervenção de um terceiro no caso em que se matão dous particulares sem acudir é julgada por cruel, como se ha de crer que, se El-Rei nosso Senhor fôra presente á sedição em que estão os nossos Portuguezes, houvesse de deixar de soccorrel-os, maiormente que neste caso não se pode imputar a nossa corôa que faltou na observancia da Palavra Real e fidelidade, porque acudir a soccorrer como medianeiro da paz entre as sedições em que os Portuguezes daquella capitania estão com os Hollandezes mais é conservar paz que fazer guerra, e se a isto disser um que para medianeiro da paz não é necessario grande cabedal de poder, se responde que, supposto o animo dos Hollandezes inclinado para a rebellião, e o dos Portuguezes apostado pelo resoluto, e havendo de haver terceiro que entre para compor, deve ser com tal poder que quando estas duas partes se não concordem com suas rezões da paz, o faça sentir com o temor da guerra, e assim era de parecer que se devia soccorrer aquella capitania logo, porque com o soccorro se poderia atalhar uma revolução de qualquer daquellas partes tanto para temer, sem comtudo se quebrar a palavra Real de S. Magestade qne se protesta guardar.

E todos os Prelados das Religiões nuiformes concordarão que com boa consciencia, sem quebra da Palavra Real se podia soccorrer no estado presente aos naturaes Portuguezes por todas as rezões contidas na proposta do Sr. Governador, e por todas as mais que se deviam considerar, e referem os moradores de Pernambuco em sua carta, por eu ser conforme o direito theologico e canonico, e civil, com que tambem concordarão os

mais letrados, allegando que nas forças e violen
cias se podia restituir em seu direito o violentad
com a mesma força, e todos uniformes os que s
achavão na junta da profissão da guerra, fazend
Politica e Justiça, foram de parecer que se devia
soccorrer os moradores de Pernambuco logo e log
com a pressa que pediam, com o poder possivel
que para isso se devia fazer todo o esforço, e o go
vernador se conformou com o parecer de todos o
ditos ministros e resolveo que os navios que se t
nham aprestado para soccorrer o Reino de Ango
la fossem a este soccorro de Pernambuco com
gente que tinha destinado para o dito soccorro,
com a mais que se podesse tirar da guarniçã
desta praça; visto como tambem se não quebr
a palavra Real no dito soccorro indo como media
neiro de paz, suppostas tantas causas que os Ho
landezes tem dado depois de feitas as pazes a s
quebrar com elles, como é notorio, sustentan
do-se sempre da nossa parte toda a boa urba
nidade e sinceridade de animo que S. Magestad
encommenda em suas Reaes Ordens, do que man
dou o Sr. Governador fazer este auto que assignou
com os sobreditos Ministros, e eu Gonçalo Pint
de Freitas, escrivão da fazenda real deste Estado
da matricula da gente de guerra do Exercito dell
que assisti no dito concelho tomei os votos, not
e subescrevi o dito auto. Antonio Telles da Silva

O qual auto eu Gonçalo Pinto de Freitas, es
crivão da fazenda real deste Estado do Brazil, fi
trasladar do proprio que fica em meu poder, assi
gnado pelo Governador e Capitão Geral e mais Mi
nistros nelle convocados, a que me reporto, e o
subescrevi e assignei por duas vias na Bahia em
21 de Julho de 1645.

Gonçalo Pinto de Freitas.

—

COPIA DA CARTA QUE ESCREVEU O SR. ANTONIO TELLES DA SILVA, GOVERNADOR E CAPITÃO GERAL DESTE ESTADO DO BRAZIL, AOS MORADORES DE PERNAMBUCO NA OCCASIÃO DE SEU SUBLEVAMENTO.

Recebi a carta que V. Ms. me escreveram, dando-me conta do estado em que ficavam, e pedindome os soccorresse como leaes vassallos que eram de el-rei nosso senhor, e não posso deixar de estranhar muito a V. Ms. o desassombramento grande que commetterão em negar a obediencia aos Senhores do supremo e secreto concelho, governadores nessa capitania; porque supposto que são tão graves as violencias e rigores que V. Ms. me representam que padeciam debaixo de seu dominio, todavia é tanto maior a fidelidade portugueza, que antes deviam supportar conquistados as injurias de sua fortuna do que pretender melhoral-a perdendo o nome de sua lealdade, acção de que eu estou certo que se haverá S. Magestade que Deus guarde por mal servido de V. Ms., pois ainda que se deixa entender bem, que erraram, cuidando inconsideradamente que acertavam, comtudo é tão firme o vinculo da fé publica, tão apertada a confederação e alliança das pazes que se servio contrahir, e assentar debaixo de sua Real palavra com os altos poderes dos Senhores Estados Geraes das Provincias Unidas que tem por proprias as offensas que a ellas se lhes fazem, e assim se mandou a V. Ms. este soccorro puramente defensivo por se lhes não poder negar, sendo vassallos de El-Rei nosso Senhor, não é mais que a compol-os e reduzil-os com toda a suavidade que ser possa á sugeição antecedente desses senhores a quem escrevo, e espero de sua benevolendia e minha interposição se soceguem essas manifastações, de maneira que se não enxergue em V. Ms. diffe-

rença alguma de vontade, e assi lhes encarrego e encommendo mui encarecidamente que o façam, porque se houver algum tão obstinado e temeroso que debaixo de pretexto e segurança com que espero que fiquem na antiga jurisdicção desses senhores se não queira descer de seus primeiros intentos, o que não creio de nenhum, dei ordem expressa aos mestres de campo governadores Martim Soares Moreno e André Vidal de Negreiros, de cuja prudencia fiei o pezo, disposição e effeito deste meu saudavel desejo, para o castigarem com pena capital e as mais que lhe declarei; confio em Nosso Senhor que se aquiete tudo de tal modo que fiquem V. Ms. seguros e esses senhores obedecidos, como é rasão. Guarde Deus a V. Ms.

Bahia 21 de Julho de mil e seis centos e quarenta e cinco annos.

—

COPIA DA CARTA QUE ESCREVEU O SR. ANTONIO TELLES DA SILVA, GOVERNADOR GEAL DESTE ESTADO AOS DO SUPREMO CONCELHO EM PERNAMBUCO.

Na forma da carta que tive de V. Ss. e proposição que me fizeram os senhores deputados de V. Ss. Balthasar Vande Voorde, conselheiro de justiça, e capitão Theodoro Hogestraten, Governador no Cabo de S. Agostinho, em que Vv. Ss se serviram pedir-me que mandasse retirar as tropas de Henrique Dias pelos meios e demonstrações mais constrangentes, e em cumprimento da resposta que lhes dei e fiz á Vv. Ss., envio nesta armada a essa capitania aos dous mestres de campo Martim Soares Moreno e André Vidal de Negreiros, sugeitos ambos de cujas calidades e prudencia fiei a substituição de minha pessoa e poderes para tratarem do socego dessas alterações e obediencia com que Vv. Ss. devem ser respeitados, e reducção desses

moradores sediciosos, a quem escrevo estranhando-lhes o indiscreto excesso com que tomaram as armas contra Vv. Ss. E para que Vv. Ss. entendam quanto tem as deste meu governo a seu serviço, lhes ordenei que levassem infantaria bastante a sugeitarem na campanha aos obstinados e lançarem fora della aos que desta foram fugitivos, e confio em Nosso Senhor que por este meio se disponha esta quietação que só pretendo ver em Vv. Ss., de maneira que deste movimento accidental desses moradores nos resulte a nós mais solidas e vivas obrigações de nossa reciproca amisade e confederação de nossas duas nações. Guarde Deus Nosso Senhor as mui nobres pessoas de Vv. Ss.

Bahia 21 de Julho de 1645.

Mui affeiçoado servidor de Vv. Ss.

—

CARTA QUE O SR. GOVERNADOR ESCREVEU AOS MESMOS PELO CAPITÃO-MOR DA ARMADA.

Ao coronel Hieronimo Serrão de Paiva, capitão mor da armada, com que mando servir a Vv. Ss., ordenei que, despois de lançar em terra a infantaria que conduzio em favor de Vv. Ss., enviasse esta á Vv. Ss. e lhes offerecesse de minha parte o poder que leva, as disposições de toda a ajuda e capitulação conveniente a esse concelho supremo, a quem desejo mostrar nesta occasião que este governo está prompto para fazer em todas tudo o que mais cumprir a seu melhoramento, e agora á reducção e socego desses mal considerados moradores. Espero se componha por esta via tudo de maneira que fiquem Vv. Ss. seguros de outro movimento, e eu com o gosto de que por minha interposição se conseguio o fim que Vv. Ss.

me enviaram a propor Guarde Nosso Senhor as mui nobres pessoas de Vv. Ss.

Bahia vinte e um de Julho de mil e seiscentos e quarenta e cinco annos.

Mui affeiçoado servidor de Vv. Ss.

Antonio Telles da Silva.

CARTA DE S. M. EL-REI DE PORTUGAL, DIRIGIDA EM 4 DE OUTUBRO DE 1645 AO SEU EMBAIXADOR ACREDITADO JUNTO AOS ALTOS E PODEROSOS SENHORES ESTADOS GERAES DAS PROVINCIAS UNIDAS NEERLANDEZAS. (1)

Francisco de Souza Coutinho, embaixador e amigo, eu, El-Rei, vos envio muito saudar.—Acabam de ser aqui recebidos a noticia e estes papeis vindos do Brazil que com esta carta vos envio; os entregareis immediatamente em original, como me foram remettidos, aos Poderosos Senhores Estados Geraes afim de que suas Altas Potencias saibam o modo como neste caso se houve Antonio Telles, meu governador na Bahia. Na mesma occasião foram despachadas para lá duas caravelas para por ambas mais segurar o meu aviso, recommendando-lhe instantemente que não mande tropa além dos limites de minha jurisdicção, sem ordem expressa dos que governam em Pernambuco, e, caso assim desejarem, elle faça retirar a infantaria que para lá enviou a compor e aquietar os Portuguezes, declarando maos subditos nossos Henrique Dias, Camarão e seus soldados; pois, comquanto a boa intenção de Antonio Telles tenha sido toda em favor e beneficio dos Hollandezes, como dos ditos papeis se vê, comtudo para remover toda a suspeita em um negocio de

---

(1) Traduzida do hollandez.

tanto perigo, entendi advertil-o com severas e asperas palavras que, si sustasse ou dilatasse a execução de minha ordem, eu lhe manifestaria o meu desagrado com rigor não menor ao que até agora tenho mostrado; porque, tendo-me informado por differentes vias, ainda não descobri que Antonio Telles haja commettido falta contra a sua obrigação, nem contra a boa correspondencia que deve guardar para com os Hollandezes, seus visinhos. Escripta em Lisboa, 4 de Outubro de 1645.

Concordat hoc extractum de *verbo ad verbum* cum suo originali.

S. R. M. Portugalia Legatus.

Francisco de Souza Coutinho.

CARTA AOS SENHORES DOS ESTADOS GERAES

Forsitan, Celsi prepotentes Domini Ordines Generales Unitaram Provinciarum, forsitan (inquam) inter tot, quas audivistis querelas non minus obstupuistis me silentem, quam nunc ad aspectum præsentium admirabimini me loquentem. Ad finem mensis Augusti aures vestras perculit rumor, qui ex Pernambuco appulit de Lusitanorum subditorum vestrorum execrabili et damnanda rebellione, quæ quidem licet luce clarius constet qua ex causa et ex quibus motivis sumpsit originem, non defuerunt tamen qui falsis calumniis candorem Regis Dominis mei denigrare conati sunt, et apud vos in suspitionem adducere quasi criminis hujus, si non complex, saltem conscius et prescius fuisset; vestro decori tantum tribuo, ut nullatenus mihi persuasum habeam hocce a vobis creditum fuisse, cum a nemine vel opinari quidem id possit sine notabili Regiæ Magestatis læsione, quare velut nullius momenti contem-

nendas esse duxi inconditas voces insulsæ ple
nec eas dignas æstimavi, de quibus apud
querelam instituerem, me conquerendo, quasi
pponerem vos in iis consensuisse, et culpam ex
sando (ubi nulla erat) viderer aliquam agnosce
verum cum jam clamor eo usque ascenderit u
a vobis ipsis querelæ in publicum prodeant, at
strenue laboretur in informationibus capien
opportune mihi accidit quod has litteras a R
Dno meo acceperim ut silentium solverem,
quædam vobis sincere proponerem, non qu
excusaturus aliquam culpam, sed quasi vera n
raturus quatenus certiores vos faciam non om
bus quæ in casu contigerunt, sed illorum saltem,
quibus vobis clarissime constare poterit fidelis
mus et erga vos plurimun propensus Regis Don
ni mei animus: -nudiustertius mihi oblatus fui
fasciculus litterarum per Galliam missus, mand
Rex Dns meus, ut has ipsas litteras originales v
bis exhibeam, ex quibus intelligetis rebelles vestr
Lusitanos, et fideles vestros Hollandos, uno e
demque tempore contra se invicem a gubernato
Bayæ Antonio Telles da Silva petiisse suppetia
qui in hoc casu merito perplexus hæsit, hinc vi
ctus religione præcepti Regii, quo in mandatis h
bet se in nullo eventu separare ab amicitia inita
jurata cum his confoederatis Belgii provinciis, i
thinc attractus et allectus affectu tenero et natura
compassione erga suæ gentis homines, quo duplic
vinculo alligatus ipse in se divisus stetit, et secu
ipse luctans, nesciens cui parti cederet, qui tande
decrevit, citra ruptionem alicujus vinculi, utriq
parti favere, et mediatoris munus exequi; scien
vero a rebellibus non expectandas esse debitas u
banitatis correspondentias, armatam militum m
num adjunxit hominibus, quos ad isthoc officiu
prestandum suo nomine miserat, qui vestris co
juncti unitis viribus et armis officerent, quod ve
bis et bonis rationibus forte obtinere non posseri
Hæc summa litterarum est quas hic exhibeo, u

Bayæ gubernatoris ad Regem Dnm meum, ipsa ejus originalis epistola, alia copia est illius quam directores Parnamburi ad ipsum scripserunt, et ejusdem ad illos responsio, insuper aliarum duarum exhibentur copiæ, quas ad eosdem Pernambuci gubernatores dictos noster gubernator misit, cum expediret militem, offero etiam manifestum quod Rebelles vestri publicant, et illorum epistolam quam cum dicto manifesto (dum subsidium peterent; ad nostrum gubernatorem miserunt, quod uti in dicta epistola videbitis) ita urgent et tanta instantia exposcunt, ut illi moneant si illud negaret, se illud a Rege Castella postulaturos ; omnes sonant nostram linguam Lusitanam, illam scilicet in qua scriptæ sunt, quas ita exhibeo, quo certior vobis fiat nostra sinceritas ; scio inter vos non desiderari qui linguam nostram collant, quod si tamen illas malitis lingua Belgica, non gravabor jubere illas transferri.

Mox ut Rex Dns meus has litteras receperat nulla temporis interposita mora, Bayam versus expedivit duas caravelas cum duplicatis epistolis ad gubernatorem, quibus illi severe precipit (iis receptis) statim revocare militem, quem miserat, nisi vestris placeret illo ad subsidium suum uti et ad facilius contundendam rebellium vestrorum contumatiam. Ex quibus et insuper ex litteris, quas nunc ad me destinavit Rex Dns meus (quarum extractum in linguam Belgicam translatum statim vobis prælegam) evidenter colligo Regis Dni mei animum ad duo esse paratissimum : 1.^m ad vobis ex animo succurrendum, quantum opus fuerit, si ejus auxilio indigetis ; 2.^m ad debitas penas gubernatore suo infligendas si vel mandatorum suorum limites excesserit vel aliunde culpam contraxerit, quod discreta mens de illo non præsumet, etiamsi forte non corresponderit rei executio ejus rectæ intentioni.

Hæc sunt, quæ coram celsitudine vestra proponenda habui ex parte Regis Dni mei, ut de cando-

re et sinceritate animi illius sitis debite informati; in his, quæ retuli, stat præsentis facti veritas, de qua minime dubitari debet, quamvis ex animi sententia et votis res eventum suum non sortita fuisset; quod ita esset hactenus non constat nisi ex passionatis privatorum quorundam querimoniis, et quando constaret, Regio Dno meo non debet præjudicare, quominus illi referentur gratiæ, et gubernatore imputari, qui bona fide et intentione processit, ut hinc accusaretur de aliqua culpa; profecto rationi consentaneum non est ut nostri crimen luant, quod tam vestri rebelles subditi Lusitani, quam ipsi nationis vestræ homines commiserunt, de quibus constat quod quandam fortalitatem cui præerant, non armorum vi, sed pecuniæ allicitamento sibi à manibus elabi sinerunt.

Celsi, prepotentes Dni Ordines Generales Unitaram Provinciarum, jam tertius annus volvitur ex quo curiam vestram frequento et meminisse vos credo, raro admodum me in hoc dignissimo Celsitudinis vestræ consessu comparuisse, quin semper aures vestras (usque ad tædium) querelis repleverim, et dum remedia postulavi, quibus malis posset succurri, vix semel exaudita est oratio mea, semper remissus fui ad ipsasmet informationes vestrorum subditorum; nunc tanto justior est mea querela quanto magis cadit jactura reputationis Regii nominis, interceptione et detractione externorum bonorum et eo quidem amplius, quod omissis informationibus quas etiam ex me (tanquam audientes alteram partem) secundum prudentiæ et veræ amicitiæ leges sumere debueratis, in casu tam difficili, ubi confoederati Regis periclitatur amicitia et societas, dicant (sed de vestra rectitudine quis hoc credat) ex iis solúm quæ a vestris subditis interessatis et passionatis audistis, vos velle decernere et statuere, dum quælibet resolutio, quæ in casu præsenti a vobis capiatur, si non rectæ rationis et justitiæ legibus omnino sit conformis plurimum possit causare inquietudinis,

inimico communi prodesse, et utrisque esse summo præjudicio.

Addo ut finem dicendi faciam, a quo tempore rumor iste de tumultibus Brasilianis primum hic spargi cepit, tam nativos vestros subditos, quam non nativos Judeos, non cessasse contra meam personam et Domum incitare populum, ita ut intra parietes domesticos vix securus sedeam, et nunc in prasentiarum adhuc multo minus, quando impressis chartis publicant tot millium hominum præstitum subsidium, et tot mortes, quod nec in toto statu Brasiliæ tam intra nostros quam vestros limites vix est reperiri; vulgus est equus effrenis et indomitus, ad vos spectat illum constringere et moderare; vestræ curæ committitur ut Regum et rerum publicarum apud vos Legatis respectus debitus servetur, qui si deperdatur uni omnes tamen conquerentur, et nullus sibi securitatem promittere poterit.

Datum Hayæ Comitio 28 Novemb: 1645.

S: R: M: Portugaliæ Legatus

Francisco de Souza Coutinho.

—

Ordines Generales Unitaram Provintiarum perspectis et perpensis propositione in scriptis et sex documentis eidem junctis, per Regis Lusitaniæ primarium legatum Dominum Franciscum de Souza Coutinho, celsitudinibus suis 28 Novemb: proxime elapsi exhibitus, declarant se nullo modo in dubium vocare velle Mag. Suæ. candorem et sinceritatem, respectu causarum et actionum, generaliter, ad prejudicium hujus status et particulariter ad detrimentum societatis Indiæ Occidentalis in Brasilia exortarum, sed huic omnimodam fidem tributuram esse, quando viderint loca Brasiliæ capta atque occupata prædictæ Societati realiter res-

tituta, harum Provinciaram subditos e vinculis relaxatos et pristinæ libertati suæ redditos, nec non Mag. Suam regiam indignationem erga eos demonstrasse qui suis armis deficientibus et rebellibus harum Provinciarum subitos sucurrerint, aut vero per indirectum alia via et modo consilium sugesserint opemque illis tulerint, ac porro capitanium Hoochstraten una cum suis complicibus qui fortalitium in promontorio divi Augustini vendiderunt prædictæ Societati esse traditos.

Quod vero supradicti Dni. Legati suique Comitatus et familiæ personas attinet, de eo Celsitudines suæ in omnen eventum ita prospicient, ut illis contingat ipsius modi protectio, qualis pro solito, secundum jus gentium, legatis competit, qui regum nomine ad hunc statum adleguntur et constituuntur ; desiderantes ab Excellentia Sua, quod hoc responsum ad Mag. Suam. per diversas vias quam (primum ?) favorabiliter perscribatur.

Actum in consessu præmemoratorum Dominorum Ordinum Generalium Hagæ Comitio die quinta Decembris 1645.

(CONTINUA).

BREVE DISCURSO

SOBRE O ESTADO DAS QUATRO CAPITANIAS CONQUISTADAS DE PERNAMBUCO, ITAMARACÁ, PARAHYBA E RIO GRANDE SITUADAS NA PARTE SEPTENTRIONAL DO BRAZIL.

Arch. de Haya. Traduzido do Hollandez (1)

A conquista das regiões do Brazil que fez, com o favor de Deus, a Companhia geral das Indias Occidentaes, comprehende quatro capitanias, a primeira das quaes é a de Pernambuco, que é tambem a maior, a mais rica, a mais populosa e productiva.

Esta capitania de Pernambuco tem os seguintes limites : ao sul extrema com a capitania de Sergipe d'El-rei pelo rio de S. Francisco, que demora aos 10°20' de lat. merid., e ao norte com a capitania de Itamaracá (2), começando a linha divisoria a meio mar da pequena cidade Schoppe sita na ilha de Itamaracá, correndo d'ahi direitamente ao occidente, segundo a bussola, e indo encontrar a terra firme defronte da mesma ilha no logar onde foram fixados os marcos (que por isso se denomina *Os Marcos*) na altura de 7° 50'.

Do rio de S. Francisco ao cabo de S. Agostinho a costa corre geralmente nordeste sudoeste

---

(1) *Sommier discours over den staet van de vier geconquesteerde capitanias Pernambuco, Itamarica, Paraiba ende Rio Grande inde Noorder deelen van Brasil.*

Tivemos á vista a copia manuscripta do archivo de Haya e a reproducção impressa na *Chronica da Sociedade de Historia* de Utrech. Seguimos de preferencia aquella, porque a copia impressa é incorretissima.

(2) Os Hollandezes escreviam *Tamarica* ou *Itamarica*.

por espaço de 33 leguas, e do dito cabo até a ilha de Itamaracá norte quarta a oeste e sul quarta a leste obra de 13 leguas. Assim esta capitania tem um littoral de 46 leguas.

Os seus portos principaes, proprios para abrigar navios grandes, são: o Recife de Olinda, Cabo de S. Agostinho, Barra Grande por traz da ilha de S. Aleixo, rio das Pedras, o seu Lagamar, porto de Jaraguá, porto dos Francezes, Coruripe. Tem tambem rios proprios para barcos e embarcações pequenas, como o das Jangadas, de Serinhãem, rio Formoso, Una, Camaragibe, S. Antonio Grande, as Alagoas, S. Miguel, o rio de S. Francisco que, apezar de ser um grande rio, não tem barras ou portos capazes.

Esses rios, por caudalosos que sejam no interior das terras, tem na entrada ou parceis perigosos, que a fazem incommoda, ou bancos que, em razão da sahida das aguas e da forte arrebentação do mar, se tem formado deante da maior parte dos rios desta costa.

Os rios, que regam esta Capitania (em parte acima nomeados), são os seguintes: o de S. Francisco, grande e bello rio, sempre abundante d aguas, principalmente no verão, quando, aliás, não chove, e os demais rios desta costa minguam, e até alguns ficam inteiramente seccos. Em alguns logares o S. Francisco mede 300 varas de largura, e no verão inunda todas as terras baixas, o que os Portuguezes explicam, dizendo que elle tem as suas origens ha algumas centenas de leguas para o interior, procedentes de alguns montes altos e continuamente cobertos de neves, e como essas neves se fundem no verão, resulta d'ahi uma grande enchente que faz o rio transbordar nessa estação.

Cerca de seis leguas ao norte do S. Francisco fica o Coruripe; tres leguas acima deste o S. Miguel; tres leguas adeante as Alagoas; outras tantas para o norte o S. Antonio Grande; mais duas leguas d'ahi o S. Antonio mirim; outras tantas aci-

ma o Camaragibe ; mais legua e meia adeante o Tatuamunha ; e outro tanto sempre para o norte o rio das Pedras, onde fica a povoação de Porto do Calvo.

A 5 leguas d'ahi se encontra o rio Una. Entre este e o rio das Pedras demora a bella bahia de Barra Grande, e 2 leguas ao norte do Una o rio Formoso. Uma legua e meia depois vem o rio Serinhãem ; 2 leguas d'ahi o Morcuipe (Maracahype) ; legua e meia adeante o rio de Pojuca, e d'ahi uma legua o rio do Cabo. os quaes ambos se lançam no mar pela barra do Cabo de S. Agostinho.

O rio das Jangadas fica 2 1/2 leguas ao norte do Cabo ; 3 1/2 leguas depois segue-se o Capibaribe que corre pela Varzea, e com o rio dos Afogados sae ao mar pela barra do Recife de Olinda.

O rio Tapado corre 1 1/2 legua ao norte do Recife, e 1/2 legua ao norte da cidade (de Olinda.) Este rio de verão fica obstruido, mas no inverno com as fortes chuvas abre caminho para o mar.

Segue-se uma legua ao norte do Tapado o rio Doce ; 2 leguas ao norte deste o rio Ajama (Janga?), e uma legua adeante o Iguarassú.

Em summa esta capitania tem muitos rios, tanto grandes como pequenos, alguns dos quaes no interior se dividem em varios braços com varios nomes, despejando um rio no outro.

Muito conviria que com esta descripção enviassemos um mappa, em que estivessem figuradas as terras desta e das outras capitanias ; mas como já muitos mappas e plantas desta costa tem sido enviadas a Vv. Ss., a isto nos limitamos por agora, até que se nos depare um ensejo favoravel para mandar levantar um mappa geral com as direcções desta costa, seus rios, portos, bahias, baixos e fundos, bem como a situação, extenção e distancia dos rios, e as cidades e os engenhos do interior.

Esta capitania de Pernambuco se divide em quatro jurisdicções ou districtos: dos quaes o prin-

cipal é o da camara da cidade de Olinda ; o 2º e o mais antigo é o da camara de Iguarassú ; o 3º é o da camara da Villa Formosa de Serinhãem ; e o 4º que nunca teve camara, sendo dirigido *pro libitu* do mais poderoso do logar, começa ao sul da jurisdicção de Serinhãem, e se estente até o rio de S. Francisco.

Começando do sul, temos o 1º districto que se estende do S. Francisco ao rio Pirasinunga (Persinunga), e, como dissemos, nunca teve uma forma regular de governo. As suas principaes povoações são : Penedo, Alagoa do Sul, Alagoa do Norte, (cada uma com uma povoação), e Porto do Calvo. Além de outras povoações menores e aldeias, existem ahi alguns engenhos, a respeito dos quaes não temos podido obter até o presente informações completas ; com tudo declaramos aqui o que veio ao nosso conhecimento.

Em Porto Calvo ha os seguintes engenhos : 1, de Manoel Ramalho ; 2, de Rodrigo de Barros Pimentel ; 3, dos Alpões ; 4, do mesmo Pimentel, recentemente feito ; 5, de Manoel Camello ; 6, de Christovão Botelho ; 7, outro engenho do mesmo, ultimamente feito ; 8, de João Lins ; 9, de Christovão Dias Delgado.

Na Alagoa do Norte se encontram os seguintes : 10, o engenho de Sebastião Dias ; 11, de Antonio Martins ; 12, de Lucas de Abreu na Alagoa do Sul ; 13, de Gabriel Soares ; 14, de Henrique de Carvalho no rio de S. Miguel ; 15, de Barbalho.

Existem pois neste 1º districto pelo menos 15 engenhos, alguns dos quaes foram confiscados, e (destes) alguns tem sido vendidos e outros estão por vender. Si são engenhos movidos por agua ou por bois, e si moerão este anno e quaes moerão ou não, são particularidades a respeito das quaes até o presente não temos podido haver noticia. Não devem porém ser muitos os que moerão, porquanto em razão da guerra e de terem por ahi passado recentemente os exercitos de um e outro lado es-

tão sem duvida mui arruinados. A principal industria, em que os moradores costumam empregar-se, é a creação de toda a sorte de gado, sobre tudo bois e vaccas, que alli existem em mui grande quantidade e em numerosos curraes, e é deste districto que toda a parte septentrional do Brazil tira quase todo o gado de que necessita, tanto para o córte, como para o trabalho de engenho e carro.

Segue-se o districto de Serinhãem, que se estende do Pirassinunga ao sul até o Marcoype ao Norte, e está perfeitamente extremado com marcos e pedras fincadas. A este districto pertence uma parte da freguezia de Pojuca desde os curraes de Marcaype, comprehendendo os engenhos de Francisco Soares Canha e de Miguel Fernandes de Sá, e a freguezia de Una.

Ahi existem a cidade chamada Villa Formosa de Serinhãem e a povoação de S. Gonçalo de Una, além de alguns outros logarejos.

Os engenhos situados neste districto são :

1. Engenho *Sibiró de Baixo*, sob a invocação de *S. Paulo*, pertencente a Francisco Soares Canha, que ficou entre nós e o possue ; moe.

2. Engenho *Aratangil*, sob a invocação de *Nossa Senhora da Escada*, pertence a Miguel Fernandes de Sá, que tambem ficou ; moe.

3. Engenho *Tapirucú de Cima*, sob a invocação de *Nossa Senhora da Ajuda*. Pertenceu a Pedro Fragoso, e em razão de sua ausencia foi confiscado e vendido a Willem Placard ; este anno não moerá.

4. Engenho *Tapirucú de Baixo*, sob a invocação de *S. Antonio*. Pertence a Alvaro Fragoso Toscano, que ficou comnosco ; moerá este anno.

5. O engenho de D. Catharina Camela, viuva de Jeronymo de Tayde (Atayde), situado no rio Jogoare. Por causa da ausencia do dono, foi confiscado, mas ainda não vendido, e por não ter dono e estar mui arruinado, este anno não moerá.

6. Engenho *Camaragibe*, sob a invocação de

S. Antonio, pertencente a Francisco Rodrigues do Porto. Até o presente tem sido possuido por sua viuva, que ficou sob a nossa obediencia; ha de moer este anno.

7. O engenho *Aracuara*, que Vicente Campello começou a levantar, e com quanto já tivesse uma boa quantidade de cannas, foi confiscado, porque Vicente Campello foi preso e remettido para Hollanda. Está pois sem dono, e não moerá.

8. Engenho *Cocaupe*, sob a invocação de *Nossa Senhora da Penha de França*. Pertenceu a Francisco de Moura, que reside em Portugal ou nas Indias. Este engenho queimou-se, está destruido, e sem dono nem moradores.

9. Engenho *Enxagoa*, sob a invocação de *Nossa Senhora da Apresentação*. Pertence a Manoel Pinto Pereira, que ficou comnosco, e o prepara para moer ainda esta safra.

10. Engenho do Rio Formoso, sob a invocação de S. *José*. Pertenceu a Catharina de Fontes, e em razão de sua ausencia, foi confiscado e vendido a Rodrigo de Barros Pimentel; moe.

11. Engenho *Trapiche*, sob a invocação de S. *Antonio*. Pertenceu a Jacques Pires, que falleceu, e é possuido por sua mulher e herdeiros; este anno não moerá.

12. Engenho de Serinhãem, sob a invocação de *Todos os Santos*. Possuia-o Sebastião Vaes Ferreira, fallecido, e sua mulher o (tem de entregar?) a Francisco Fernandes Anjo, como sendo seu; não moerá este anno.

13. Engenho de Serinhãem, sob a invocação de *Nossa Senhora da Palma*. Pertenceu a D. Madanela (Magdalena) Pinheiro, e lhe foi confiscado por estar ausente. Não tem cannas nem dono; não moerá.

14. Engenho de Serinhãem, sob a invocação de *Nossa Senhora do Rosario*. Pertence a Pero Lopes de Vera, que ficou comnosco; não moerá este anno.

15. Engenho da invocação de *S. Braz*, pertencente ao mesmo Pero Lopes de Vera; moe este anno.

16. Engenho *Jaserú*, sob a invocação de *S. Jeronymo*. Perteneeu a D. Catharina Camela, viuva de Pero de Albuquerque, e em razão de sua ausencia foi confiscado. Ainda não tem dono, e este anno não moerá.

17. Engenho das *Ilhetas*, sob a invocação de *Nossa Senhora de Guadelupe*. Pertenceu a Estevão Paes Barreto, e em razão de sua ausencia foi confiscado. Está situado na freguezia de Una; não tem dono e não moerá

18. Engenho de *Una*, sob a invocação de *Nossa Senhora da Guia*. Pertenceu a Diogo Paes Barreto, e lhe foi confiscado por estar ausente. Não foi vendido, e este anno não moerá.

Contam-se pois 18 engenhos neste districto de Serinhãem, dos quaes 11 não moerão, e entre estes ha sete que ainda não foram vendidos.

A este districto de Serinhãem segue-se ao norte o da cidade de Olinda, de que fazem parte as seguintes freguezias, a começar do sul: Pojuca, Cabo de S. Agostinho, S. Amaro Jaboatão, Maribeca, Varzea, S. Lourenço, Olinda; ao todo 7, onde existem estes engenhos:

Freguezia de Pojuca

1.º Engenho *Sibiró de Baixo*, com a invocação de *S. Paulo*, pertencente a Francisco Soares Canha. Engenho d'agua e moente.

2.º Engenho *Sibiró de Cima*. Pertenceu a Manoel de Navalhas, ausente; foi confiscado e vendido a João Carneiro de Mariz. E' engenho d'agua e moente.

3.º Engenho que pertenceu a Antonio Gonçalves da Paz. Está com o inimigo, e o engenho foi confiscado, mas não vendido, por se achar tão ar-

ruinado que não tem forma de engenho. Era movido por agua.

4.º Engenho *Maranhão*, confiscado. O seu proprietario, João Tenorio, tendo voltado a nós, lhe foi vendido. Engenho d'agua e moente.

5.º Engenho *Caroaçú*, pertencente a Manoel Vaes Vizeu, que ficou comnosco. E' d'agua e moente.

6.º Engenho *Bertioga*, confiscado e vendido a seu proprietario João Tenorio, por ter vindo do inimigo para o nosso lado. E' d'agua e moe.

7.º Engenho *Nossa Senhora do Rosario*, confiscado e vendido a João Carneiro de Mariz. E d'agua e moente.

8.º Engenho *Bom Jesus*, chamado *Trapiche* confiscado e vendido a Duarte Saraiva. E' d'agua e moente.

9.º Engenho *Guerra*. Sete nonas partes deste engenho foram confiscadas e vendidas ao Sr. Hendric Schilt. E' movido por bois e moe.

10. Engenho *S. João Salgado*. Pertenceu a Cosme Dias, que reside entre o inimigo. Confiscado e vendido a Matheus da Costa; é de bois e não moe.

11. Engenho *Pindoba*. Pertencente a Gaspar da Fonseca Carneiro, e seu filho ainda o possue. E' d'agua e moente.

12. Engenho *Santa Luzia*, confiscado e vendido a Amador de Araujo. E' d'agua e moente.

Freguezia do Cabo de S. Agostinho

13. Engenho *Santa Lucia*. Pertenceu a Julião Paes d'Altro, que morreu entre o inimigo. Este engenho foi vendido a seu filho João Paes; é de bois e moe.

14. Engenho *Utinga*, sob a invocação de *S. Francisco*. Pertenceu ao mesmo Julião Paes. Foi confiscado, mas não vendido por estar mui arruinado e sem cannas, e pois não moerá

15. Engenho *Marapatagipe*, sob a invocação

de *S. Marcos*. Perteneēu a Garnar de Meere, ausente; confiscado e vendido a Miguel van Merenbergh e Martinus de Coutre. E' d'agua, mas não moe.

16. Engenho que pertenceu a João Rodrigues Caminha. Confiscado e arrendado a Antonio Vieira para levantal-o; é de bois e moe.

17. Engenho *Pirapama*, sob a invocação de *S. Apolonia*. Confiscado e vendido a Diogo Dias Brandão. E' de agua e moente.

18. Engenho *Novo*, invocação de *S. Miguel*. Confiscado e vendido a Duarte Saraiva. Engenho d'agua e moerá.

19. Engenho *Garapú*, sob a invocação de *Espirito Santo*. Pertenceu a Felipe Paes. Confiscado e vendido ao mesmo Paes, por ter voltado do inimigo. E' d'agua e moe.

20. Engenho *Algodoaes*, invocação de *S. Francisco*. Pertenceu a Miguel Paes, que voltou a nós. Confiscado e ainda não vendido, porque, tendo estado ahi o nosso exercito por occasião do cerco do Cabo, ficou mui destruido. Não moerá.

21. Engenho *Jurissaca*, invocação de *S. João*; confiscado e vendido a Moysés Navarro. E' d'agua e moente.

22. Engenho *Nossa Senhora da Conceição*, pertencente a D. Adriana, que ficou comnosco; é d'agua e moe.

23. Engenho *Velho*, sob a invocação da *Madre de Deus*. Pertenceu a João Paes Barreto, ausente. Confiscado e vendido ao Snr. Nicolaes de Ridder; é d'agua e moe.

24. Engenho *Guerra*, tambem de João Paes, egualmente confiscado e vendido a de Ridder; é de bois e moente.

25. Engenho *Bom-Jesus* pertencente a Pero Lopes de Vera, que ficou comnosco; é d'agua e moe.

26. Engenho *S. João*, que pertenceu a André de Couto. Confiscado e vendido a Pero Lopes de Vera; é d'agua e moente.

27. Engenho *S. Braz* pertencente a Antonio da Silva, que ficou comnosco; engenho d'agua e moente.

28. Engenho *Nossa Senhora das Candeias* pertencente a Fernando Gomes, que ficou comnosco; é d'agua e moente.

Freguesia de Santo Amaro Jaboatão

29. Engenho *Gorjaú*, pertencente a André Soares que ficou comnosco; é d'agua e moente.

30. Engenho pertencente a Antonio Nunes Ximenes que ficou comnosco; engenho d'agua e moente.

31. Engenho *Nossa Senhora da Apresentação* pertencente a Balthasar Gonsalves Moreno, que ficou comnosco; é d'agua e moente.

32. Engenho *Nossa Senhora da Conceição*. Pertenceu a Antonio Pereira Barbosa, ausente. Foi confiscado e vendido ao Sr. Servaes Carpentier; é d'agua e moente.

33. Engenho *S. João Baptista* pertencente a Antonio de Bulhões, presente; é d'agua e moente.

34. Engenho *Suassuna* pertencente a João de Barros Correia, presente; engenho d'agua e moe.

35. Engenho *S. Anna*. Perteneeu a Manoel de Souza d'Abreu, ausente; confiscado, mas não vendido por estar mui arruinado; é d'agua e não moe.

36. Engenho *Nossa Senhora da Guia*. Ha annos que não é engenho, e não tem senão as terras e matas; era movido por agua.

37. Engenho *Camaçari*. Está tambem arruinada ha longos annos; não tem canna, e era movido por agua.

Freguesia de Muribeca

38. Engenho *Penamduba* pertencente a André Soares, presente; é d'agua e moente.

39. Engenho *Muribeca* pertencente a D. Catha

rina d'Albuquerque, presente; engenho d'agua e moente.

40. Engenho S. *André* que pertenceu a Antonio de Sá, ausente. Foi confiscado e vendido a Gaspar Dias Ferreira; é d'agua e moe.

41. Engenho *Santa Maria*, que pertenceu ao mesmo Antonio de Sá, tambem vendido a Gaspar Dias. E' engenho de bois, e não moerá.

42. Engenho *S. Bartholomeu*, pertencente a Fernando do Valle, presente; é de bois e moe.

43. Engenho *Guarape* (Guararapes), sob a invocação de S. Simão, confiscado e vendido a Vicente Rodrigues de Villa-Real; é de bois, e não moerá este anno.

44. Engenho de Manoel Bezerra, presente; é de bois e moe.

45. Engenho *Mogoaipe*. Pertenceu a Luiz Marreiros, ausente. Confiscado, mas não vendido; está muito arruinado, e não moe; é engenho de bois.

Freguezia da Varzea

46. Engenho *S. Braz*, pertencente a Antonio da Silva Barbosa; é d'agua e moe.

47. Engenho que pertenceu a Luiz Ramires, ausente; confiscado e vendido a Jacques Hack; é de bois e não moe.

48. Engenho de Pedro da Cunha de Andrade, presente; é de bois e moe.

49. Engenho *S. Paulo*, pertencente a Henrique Affonso Pereira, presente; é de bois e moe.

50. Engenho de Antonio Fernandes Pessoa, presente; é de bois e não moe.

51. Engenho de Maria Barrosa, presente; é de bois e moe.

52. Engenho que foi de Carlos Francisco, confiscado e vendido a Jacob Staghhouwer; é d'agua e moe.

53. Engenho de Marcos André, presente; é de bois e não moe.

54. Engenho de João de Mendonça, presente; é de bois e moe.

55. Engenho de Luiz Braz Bezerra, presente; é d'agua e moe.

56. Engenho de Francisco de Brito, presente; é de bois e moe.

57. Engenho de Gaspar de Mendonça; é de agua, mas não moe.

58. Engenho de Francisco Monteiro Bezerra, presente, está muito arruinado; é d'agua e não moe.

59. Engenho que foi de D. Catharina, ha longos annos em ruinas, não se veem mais do que as suas terras.

Freguezia de S. Lourenço

60. Engenho *S. Bento*, pertencente a Francisco Nunes Barbosa; é d'agua e moe.

61. Engenho *Moribara*, sob a invocação de *N. Senhorad as Flores*. Perteneeu a Gabriel de Pina, ausente. Confiscado e vendido a André Soares; é d'agua, mas não moe.

62. Engenho de *Nossa Senhora de Monserrate*, pertencente a Antonio Rodrigues Moreno, presente; é de bois e moe.

63. Engenho S. *João*, pertencente a Arnáo de Olanda, que recentemente o levantou; é de bois e moe.

64 Engenho *Maciape*, sob a invocação das *Chagas de Christo*. Pertenceu a Francisco do Rego Barros. Confiscado e vendido a Elbert Crispynsen; é d'agua e moe.

65. Engenho de S. Bento de *Massurepe*. Pertenceu á ordem dos Benedictinos que ainda o possne; é d'agua e moe.

66 Engenho de Diogo da Costa Maciel, muito arruinado; ha muitos annos que está de fogo morto. E' de bois, e o dono se acha presente.

Em Paratibe na freguezia de Olinda

67 Engenho de Francisco Mendes Flores, possuido por sua mulher Jeronyma Cabral. Está arrendado a Antonio da Rocha Bezerra. E' d'agua e moe.

Assim que no districto da cidade de Olinda e freguezias que delle fazem parte ha 67 engenhos, sendo 20 de fogo morto e 47 moentes e correntes. Entre os engenhos confiscados ha 5 que não foram vendidos.

As povoações deste districto são:

A villa de Marim de Olinda.

A povoação de Moribeca.

A povoação de S. Antonio do Cabo.

A villa Bella de Pojuca.

A povoação de S. Amaro.

A povoação de S. Lourenço.

A este districto de Olinda segue-se o de Iguarassú que se estende do rio Jaguaribe, comprehendendo as terras de Massurepe, até a extrema da capitania de Itamaracá.

Este districto não se divide em freguezias; não é mais de que a villa velha de Iguarassú, a mais antiga de todo o Brasil.

Os engenhos ahi situados são estes:

1.° Engenho *Ayama*, sob a invocação dos *Reis de Deus*. Pertenceu a Pero da Rocha Leitão, que foi enforcado no Arrayal por ter correspondencia comnosco; pertence agora aos seus herdeiros, e moe.

2.° Engenho *Ayama*, sob a invocação de *Nossa Senhora do Rosario*, moe e pertence a Manoel Jacome Bezerra, que ficou comnosco.

3.° Engenho Pirajuhi, sob a invocação de *Nossa Senhora de Nazareth*, pertencente a Domingo Velho Freire, que ficou comnosco; moe.

4.° Engenho de Francisco Coresma de Abreu, que foi enviado d'aqui para Hollanda. Está situado

nas *campinas* de Iguarassú, mas derribado e queimado. Foi confiscado e não vendido ; não moerá

5.º Engenho *Araripe de Cima*, sob a invocação do *Espirito Santo*, pertencente a Gonçalo Novo de Lira, que ficou comnosco ; moe

6.º Engenho *Jaracutinga*, sob a invocação de *S. Felippe* e *S. Thiago*, pertencente a Domingo da Costa Brandão, que ainda o possue ; moe.

7.º Engenho *Massupe*, sob a invocação de *S. João Baptista*, pertencente a João Lourenço Francez, presente ; moe.

8.º Engenho *Massurepe*, sob a invocacção de *S. Gonçalo*, pertencente á ordem dos Benedictinos que aqui se acha ; moe.

O districto de Iguarassú tem pois 8 engenhos dos quaes ha somente um, confiscado e por vender, que não moe.

A' capitania de Pernambuco segue-se a de Itamaracá que, como fica dito, com ella se limita pelo sul a meio-mar da pequena cidade Schoppe e nos *Marcos* na altura de 7º 50', correndo a linha direitamente ao occidente, ao passo que do lado do norte extrema com a capitania da Parahyba, sendo a linha divisoria assignalada por *marcos* fincados ao norte do Capissura na altura de 7º10º, os quaes em uma das faces tem gravado a palavra *Itamaracá*, e na outra a palavra *Parahyba*. Esta capitania de Itamaracá tem pois de costa somente 11 leguas.

E tendo sido esta capitania doada pelo rei (que tambem fez doação da de Pernambuco), a sua extenção é limitada não só no littoral, como no interior ou para o Occidente, e, tanto quanto podemos saber, não se dilata mais de 25 leguas pelo sertão.

O unico porto capaz, que esta capitania tem, para abrigar navios grandes, é a barra do sul, porto da ilha de Itamaracá ; e para barcos tem a barra de Catuama, ou barra do norte da dita ilha, o rio de

Goyanna, além de alguns pequenos arrecifes, o porto dos Francezes e Pedra Furada.

O seu principal rio é o *Capiguaribe* de Goyanna, onde existem os principaes engenhos onde e desaguam alguns pequenos rios, entre outros o *Traconhaey*; e no sul tem o rio *Araripe*, que despeja por traz da ilha de Itamaracá.

A sua unica cidade, que foi a sua capital, onde a camara costumava reunir-se, está situada na ilha de Itamaracá, da qual toda a capitania tomou o nome que tem; é a pequena cidade agora denominada *Schoppe*.

Esta capitania divide-se em quatro freguezias. A primeira dellas é a de Goyanna, sob a invocação de Nossa Senhora do Rosario, onde existem os seguintes engenhos:

1. Engenho *Ipitanga*, sob a invocação de *Santo Antonio*, pertenceu a Lourenço Cavalcante, ausente. Confiscado e vendido a Johan Wymants; moe.

2. Engenho *Goyanna*, invocação de *S. Felippe Santiago*, pertenceu a Gaspar Pacheco. Confiscado e vendido a Hans Willem Louisen; moe.

3. Engenho *Jacaré*, invocação da *Santa Cruz*, pertenceu a João Paes Barreto. Confiscado e vendido ao mesmo H. Willem Louisen, mas não moerá.

4. Engenho *Traconhay de Baixo*, sob a invocação do *Anjo S. Miguel*, pertencente a Ruy Vaz Pinto, que ficou comnosco; não moerá.

5. Engenho *Mariana*, pertenceu a Francisco Homem de Almeida, que fugio com Camarão. Confiscado e ainda não vendido; é de bois e não moerá.

6.º Engenho *Tres Paos*, invocação de *Nossa Senhora da Encarnação*, pertenceu a Jeronymo Cavalcante, que fugio com Albuquerque. Confiscado e vendido ao Sr. Carpentier; moe.

7. Engenho *Tracunhay de Cima*, chamado *Mossombú*. Pertenceu a Jeronymo Cavalcante.

Confiscado e vendido ao mesmo Sr. Carpentier; é de bois e moe.

8. Engenho *Santos Cosme e Damião*, que pertenceu a Cosme da Silveira, ausente. Confiscado e vendido a Helmich Fereres; moerá ainda este anno.

9. Engenho *Buyjari*, que pertenceu a Jeronymo Cavalcante. Confiscado e vendido ao mesmo H. Fereres; não moerá.

A segunda freguezia desta capitania de Itamaracá é *Abiay e Tacoara*, sob a invocação de *Nossa Senhora da Penha de França*; ahi se encontram os seguintes engenhos:

10. Engenho *Copissura*, que pertenceu a D. Brites. Está ha muitos annos de fogo morto, e as suas terras são somente proprias para pasto. Confiscado e vendido a Hans Willem Louisen.

11. *Tabú* de Cosme de Oliveira, que ficou comnosco; é de bois e moe

12. Engenho *Nossa Senhora do Rosario*, pertence a Luciano Brandão, que ficou; é de bois e moe.

13. Engenho *Nossa Senhora da Penha de França*, pertencente a Isabel Cabral, viuva de Balthasar Rodrigues Nunes, que morreu entre nós; é de bois e moe.

14. Engenho *Nossa Senhora do Rosario*, pertencente a Antonio da Costa de Freitas, que ficou; é de bois e moe.

15. Engenho *S. João Baptista*, pertencente a Diogo da Fonseca de Lemos, que ficou; é de bois e moe.

A terceira freguezia é a de S. *Lourenço de Tujucupapo*, com os seguintes engenhos:

16. Engenho *Massaranduba*, pertencente a Diogo Lopes Lobo e Domingos Pinto da Fonseca, ambos presentes; é de bois e moe.

17. Engenho *Embiapecú*, sob a invocação de *Santo Amaro*, pertenceu a Domingos de Oliveira e Balthasar Rodrigues Mendes, cujos herdeiros

se acham entre nós; não ha de moer jamais, pois que não tem terras proprias.

A quarta freguezia comprehende o districto de Araripe e a ilha de Itamaracá; tem os seguintes engenhos:

18. Engenho *Obú*, pertencente a Francisco de Lugo Brito, que ficou; é de bois e não moe.

19. Engenho *Araripe de Baixo*, sob a invocação de *Nossa Senhora do O'*, pertencente a Francisco Lopes de Orosco; está ha muitos annos de fogo morto.

20. Engenho *Araripe de Cima*, sob a invocação do *Bom Jesus*, pertencente ao mesmo Francisco Lopes Orosco, que ficou; moe.

Na ilha de Itamaracá havia antigamente dous engenhos, dos quaes poucos signaes existem. Jan Wymants alli planta muita canna, pois pretende levantar um engenho.

Tem pois a capitania de Itamaracá 20 engenhos, dos quaes 8 não moem, e um dos confiscados não foi vendido.

A' capitania de Itamaracá segue-se a da Parahyba que com ella se limita ao sul na altura de 7° 10', como dissemos, e ao norte com a do Rio Grande uma ou duas leguas abaixo do Camaratuba na altura de ... graos e... minutos. A costa corre geralmente a susudeste e nornoroeste e se estende por cerca de 17 leguas.

O principal rio desta capitania é o Parahyba, e depois o Mongonguape, e tem bahias capazes, como a que fica atraz da ponta do Lucena, junto á Terra Vermelha, duas leguas ou legua e meia ao norte do rio Parahyba, a da Traição, em ambas as quaes podem capazmente surgir os maiores navios. Além disto tem ainda muitos rios pequenos, como o Garamame ao sul do cabo Branco, o Merery, o Camaratuba, etc., e muitos outros que regam a terra, e despejam nos referidos rios e com elles se misturam, como o Popocos, Mombabo que sahem no Garamame, o Gargaú no Parahyba, etc.

Não ha nesta capitania mais do que uma cidade, que outr'ora se chamava *Philipea* e agora se chama *Frederika*. Tambem não está esta capitania dividida em freguezias.

Os seus engenhos são :

1. Engenho das *Barreiras*, perteneceu a Domingos Carneiro Sanches, que vive em Lisboa. Confiscado e vendido a Josias Marischal & Companhia ; moe.

2. Engenho de Manoel Coresma Carneiro, ausente ; confiscado e vendido a Daniel de Haen e Paulo Vermeulen ; moe.

3. Engenho *Tibery*, sob a invocação de S. Catharina, pertencente a Jorge Homem Pinto, que ficou ; moe.

4. *Santo André* pertencente ao mesmo Homem Pinto ; moe.

5. Engenho de Jeronymo Cadena ; pertencia a seu irmão Pedro Cadena, que actualmente está na Bahia ; moe

6. Engenho *Tres Reis Magos*, pertencente a Francisco Valcacer, presente ; moe.

7. Engenho *Espirito Santo*, foi de Manoel Correia que está com o inimigo. Confiscado e vendido a Jan van Ool ; moe.

8. Engenho *Santo Antonio*, pertenceu a Manoel Pires ; vendido a Jan van Ool ; é de bois e moe.

9. Engenho de Brasia Rodrigues e seus filhos, presentes ; é de bois e moe.

10. Engenho *Santo Antonio* de Valadares, presente ; é de bois e moe.

11. Engenho *Santa Luzia*, pertencente a João de Souto, que ficou entre nós ; é de bois e moe.

12. Engenho de Maria da Rosa, viuva de Fernão Alves Romão, fallecido entre nós ; moe.

13. Engenho *Santo Antonio*, pertencente a Ventura Mendes Castello, que ficou ; moe.

14. Engenho S. *Gonçalo*, pertencente a Antonio Pinto de Mendonça, presente ; é engenho de bois, duplo (*een dobbelen ossenmolen*), e moe.

15. Engenho *Salvador* no Inoby, pertencente a Duarte Gomes da Silveira, presente; moe.

16. Engenho *Santos Cosme e Damião*, pertenceu a Luiz Brandão, ausente. Confiscado e vendido a Isaac de Rasiere; moe.

17. Engenho do *Meio*, pertenceu a Francisco Camello Brandão. Confiscado e vendido ao mesmo Isaac de Rasiere; moe.

18. Engenho *Garguú*, pertenceu a Jorge Lopes Brandão, que fugio. Confiscado e vendido a Isaac Rasiere; não moerá este anno.

19. Engenho *Camaratuba*, pertencente a Antonio Barbalho, que mora entre nós; moe.

20. Engenho *Mirery* de Francisco Alvares da Silveira; mui arruinado e não tem canna.

Tem pois esta capitania vinte engenhos, dos quaes somente dous não moem, cada um com seu dono.

A quarta capitania é a do Rio Grande; ao sul fica-lhe a da Parahyba, como já dissemos, e ao noroeste a do Ceará. Tem vastas e dilatadas terras que pela maior parte se acham inhabitadas e desertas, pois que o Rio Grande não tem povoadas mais do que dez ou doze leguas ao norte do rio Potingy ou rio Grande, donde esta capitania tira o seu nome.

Está ella dividida em quatro freguezias, a saber: a de Cunhaú, a de Guajanna, a de Potingy e.... (em branco). Tem somente uma cidade denominada Natal, sita a legua e meia do Castello Ceulen, rio acima, a qual agora se acha mui decahida.

A camara desta capitania está em Potingy com licença de S. Exc. e dos Supremos Conselheiros, trabalhando por aggregar alhi uma população que dê começo a uma cidade; dará alhi suas audiencias, e para este fim levantará uma casa publica, contribuindo os moradores cada um conforme suas posses.

Até onde é povoada, terá esta capitania cerca de 25 a 30 leguas de littoral. Assim que estas 4 capitanias conquistadas se dilatam por um littoral de pouco menos de 100 leguas.

Na capitania do Rio Grande ha os 2 seguintes engenhos:

1.º Engenho *Cunhaú*, que pertenceu a Antonio de Albuquerque; foi confiscado e vendido ao sargento-mór Jorge Gartsman e ao Sr. Balthasar Wyntges; moe.

2.º Engenho *Potingy*, decahido ha longos annos, e diz-se que não tem terras capazes.

Nesta capitania os moradores se occupam principalmente com a criação do gado que ahi existia em abundancia, a guerra o reduzio muito e fel-o selvagem, mas trata-se de amançal-o com toda a diligencia e de leval-o aos curraes. O Rio Grande já está dando muito gado que é condusido para a Parahyba, Itamaracá e Pernambuco, onde serve, quer para o córte, quer para trabalharem nos carros e nos engenhos.

O principal porto desta capitania é o mesmo rio Grande, e depois a barra de Cunhaú. Tem ainda alguns arrecifes e pequenas bahias que servem para os navios e embarcações de pouco porte, como a bahia Formosa, ponta da Pipa, ponta dos Bugios, ponta Negra, a bahia de Marten Tyssen ao norte do Rio Grande.

Não é necessario que digamos como estas capitanias se regiam sob o dominio do rei de Hespanha, o que em outros escriptos se acha sufficientemente explicado, e passaremos a tratar do governo actual.

S. Exc. o principe Mauricio, conde de Nassau, como governador, capitão e almirante general, e os nobres senhores do Secreto e Supremo Concelho por parte de suas altas Potencias os Senhores Estados Geraes das Provincias Unidas Neerlandezas, de S. Alteza o Sr. Principe de Orange e dos nobres senhores Directores da Geral e Previ-

legiada Companhia das Indias Occidentaes formam o governo supremo nestas terras do Brazil já conquistadas ou que forem no futuro conquistadas, e lhes é subordinado o Collegio dos Conselheiros Politicos instituido para a administração da justiça.

Este Collegio dos Conselheiros Politicos, que deve compor-se de nove pessoas, está actualmente muito desfalcado, e não é bastante para o expediente dos negocios; visto como o Sr. Ipo Eysens falleceu em Outubro de 1636 na Parahyba, o Sr. Cornelis Adriaensz Jongkneght, tendo voltado da expedição ao sul, tambem morreu, e pouco tempo depois o Sr. Jan Robbers no Cabo de S. Agostinho; o Sr. Stachouwer fez-se particular, o Sr. Paulus Seroskerchen obteve licença para partir para Hollanda, e finalmente o Sr. Henrique Schilt foi demittido do seu cargo e serviço. Actualmente não ha mais de tres Conselheiros politicos, que são os Senhores Willem Schot, Balthasar Wyntges e Elias Harckmans, sendo que este até o presente tem residido na Parahyba, de que é director, e por isso não tem podido comparecer ao collegio. O Sr. Wyntges residia em Itamaracá, como director dessa capitania; mas, estando o collegio assim desfalcado, lhe ordenamos que estabelecesse aqui a sua residencia para despachar com o Sr. Willem Schot os negocios de justiça e nomeamos alguns adjuntos para officiar com estes conselheiros no crime e nos negocios de maior importancia. Mas, apezar disto, a justiça e outros negocios, que estão a cargo de tal collegio, não são despachados, como cumpre e se faz mister ao serviço dos moradores.

O praso do serviço obrigado dos Snrs. W. Schot e B. Wyntges já expirou, cada um delles comprou engenho, e pede para ser dispensado do seu cargo, comquanto estejam dispostos a continuar a servil-os até que pela Assembléa dos Desenove sejam enviados outros conselheiros politicos que preencham esses logares; e esta escusa não

lhes pode ser recusada senão até que outros venham. E pois para ficar completo o dito collegio, Vs. Ss. facilmente entenderão o que se faz necessario aqui.

Como as principaes funcções do Collegio dos Conselheiros Politicos dizem respeito á justiça, é da mais alta conveniencia que as exerçam alguns juristas, que não somente tenham aprendido a theoria na Academia, mas tambem, si fôr possivel, tenham frequentado os tribunaes durante alguns annos, e sejam instruidos na pratica, e experimentados nella.

Os subalternos collegios ou juntas de justiça são aqui providas por eleição em todas as capitanias e districtos do modo prescripto nas nossas instrucções, isto é, nos logares onde ha Hollandezes idoneos para servirem como escabinos com os Portuguezes elegem-se cinco escabinos, sendo dous Hollandezes e tres Portuguezes, e nos outros logares temos de regular-nos, conforme as circumstancias. Assim nos districtos de Olinda, Itamaracá e Parahyba o collegio dos escabinos se compõe de cinco membros, e em Serinhãem, Iguarassú e Rio Grande de tres e não são mais numerosos porque os mesmos moradores nol-o pediram, allegando que, como são poucos, não devem ser muito sobrecarregados com o serviço até que os Hollandezes ahi se estabeleçam, e se ache gente apta que sirva com os Portuguezes, posto que já entre os tres escabinos de Serinhaem um Hollandez foi eleito.

Ha alguns mezes que os collegios dos escabinos se acham installados e funccionam, mas até o presente não tem sido possivel que procedam conforme a ordenança e estylo da Hollanda e Frisa Occidental, 1.º porque é cousa mui grave fazer com que um povo inteiro mude de leis, ordem e estylo, e 2.º por causa da differença da lingua, e por ser difficil verter a nossa ordenança do hollandez para o portuguez, no que entretanto estamos muito empenhados, e em breve lhes daremos traduzidas em

portuguez as ordenanças sobre cousas de justiça, tanto quanto forem concernentes a esses collegios.

Além dos collegios de escabinos, ha tambem em cada districto um outro, o collegio dos tutores ou administradores dos orphãos, que é electivo e se compõe de dous Portuguezes e um Hollandez, e um secretario. E' constituido segundo a ordenança dos administradores dos orphãos da cidade de Amsterdam, a qual *mutatis mutandis* é traduzida em portuguez afim de que por ella se regulem.

Temos mais o collegio da Misericordia de Olinda para reger e administrar o patrimonio — bens, casas, terras e negros — da mesma Misericordia. Funcciona na cidade de Olinda, e se compõe de 7 membros, 3 Hollandezes e 4 Portuguezes escolhidos dentre os irmãos da Misericordia.

No tocante á religião reformada nesta conquista, a palavra divina com toda a concordia e em sua pureza é publicada á communidade reformada em lingua hollandeza pelos ministros Kesselerius e Dapper aqui no Recife de Olinda, pelo ministro Plante, que de presente está encarregado de servir no nosso exercito, pelo ministro Polhemius na ilha de Itamaracá e Goyanna, e pelos ministros Cornelis van der Poelen e Doreslaer na Parahyba. Aqui no Recife pregam ainda o ministro Soler em francez e portuguez, e o ministro Batchelar em inglez na Parahyba. O ministro Johannes Oosterdagh teve ordem de acompanhar tambem o exercito.

Muitos logares e guarnições ha, como o Rio Grande, o cabo de S. Agostinho, a povoação de Porto do Calvo e Penedo, que estão privados de ministros, devendo o serviço ser feito por consoladores dos enfermos *(Sieckentroosters)*.

Além disto, como muitos Hollandezes tem comprado engenhos, ou se empregam em cannaviaes e outras cousas, e por isso residem no interior e não podem vir á predica, mui necessario é que venham de Hollanda alguns ministros ou *candidatos*

(1) idoneos para serem enviados a pregar aqui e acolá no campo, como por exemplo em um dos engenhos da Parahyba, em Goyanna, na Varzea do Capibaribe, nos engenhos do Cabo de Santo Agostinho, e que se fintem os engenhos afim de contribuirem para a sustentação desses ministros. A isto os Hollandezes estão mui inclinados, e os de Goyanna já representaram espontaneamente isto mesmo, pois pesa-lhes viver por mais tempo como ha muito vivem, sem virem a ouvir a palavra divina, sem terem sequer um consolador dos enfermos, com o que os Portuguezes se escandalisam, dizendo que nós nos chamamos a communidade reformada, e entretanto os nossos vivem em taes logares sem frequentar a egreja ou uma hermida, e sem praticar os actos do culto.

Quanto aos catholicos, gosam elles das condições do accordo, com que foi entregue a Parahyba, sendo-lhes permittido o livre exercicio de sua religião e o uso de suas egrejas e conventos.

Do seu clero fazem parte as tres ordens dos franciscanos, carmelitas e benedictinos.

Os frades franciscanos, que são os mais numerosos, tem 5 conventos, o 1.° na cidade Frederica da Parahyba, o 2.° em Iguaraçú, o 3.° em Olinda, o 4.° em Pojuca, e o 5.° em Serinhãem, os quaes todos são bellos edificios. Além destes, teem mais um pequeno convento no Capibaribe, acima de Massurepe. Os franciscanos não possuem terras nem rendas, e vivem das esmolas que quotidianamente lhes dão.

Os carmelitas tem dous conventos, um que não é de grande importancia na Parahyba, e outro em Olinda, o qual seria um bello edificio, si estivesse acabado. Não achamos que tenham outro patri-

---

(1) *Proponent*, joven theologo protestante que prestou seus exames e pode receber a imposição das mãos para o exercicio do ministerio sagrado. O *ziekentrooster* é o individuo encarregado de visitar os enfermos do bairro. -- *N. do tr.*

monio senão algumas casas, ou por elles construidas e alugadas, ou construidas por outros, constituindo o proprietario sobre essas taes uma pequena renda annual que o mesmo proprietario ou seus herdeiros pagam a esta ordem.

Os frades benedictinos teem tambem dous conventos, o 1.º na Parahyba, onde haviam começado um pequeno, mas bello convento, e o 2.º na cidade de Olinda ; este é bellissimo, mas foi mui arruinado pelo incendio. Possue esta ordem um bonito cannavial no engenho das Barreiras na Parahyba, o qual se estende d'alli ao longo do Parahyba até abaixo dos fortes de um e outro lado do rio, fazendo varias ilhetas, entre outras a ilha onde está o forte Restinga. Em Pernambuco esta ordem tem um bom engenho denominado Massurepe com extensas terras, o qual actualmente moe.

Afora estas ordens, ha ainda muitos clerigos que elles chamam *padres*. Estes dizem missa, e vivem com o dinheiro que ganham como retribuição da missa, ou que lhes dão os doentes, ou de outro modo grangeam. Os padres teem terras e fazendas que fazem o seu patrimonio proprio e particular, e, além do serviço divino, occupam-se em plantações que cultivam com os seus negros. Em cada capitania ou em certo districto estão subordinados a um vigario, e ha mais um vigario geral que costumava residir em Olinda, e era o superior de todo o clero destas quatro capitanias do norte.

Além dos que pertencem á religião reformada ou seguem a superstição catholica, ha aqui na terra entre os moradores muitos judeus e judaisantes, que d'antes, com medo da justiça ou da inquisição, occultavam os suas crenças e simulavam ser christãos, mas depois da conquista começaram elles a declarar se: juntaram-se aos judeus que vieram da Hollanda, e com elles praticam as suas superstições.

Os Portuguezes, que são *christãos velhos*, escandalisam se muito com a liberdade que é conce-

dida aos judeus, ou antes se esforçam por lh'a tomar. Os judeus, vindos da Hollanda, portam-se com uma certa audacia assim no discorrer e disputar sobre as suas superstições, como detractando da religião christã, pelo que fomos forçados a admoestal-os severamente, e a pôr termo ás suas calumnias com a ameaça de grandes castigos, bem como prohibimos e mandamos que o fiscal interrompesse os seus conventiculos, que cada vez mais publicamente faziam dentro do Recife com grande escandalo da religião reformada, do povo e ministros, ordenando-lhes nós rigorosamente que observassem as suas cerimonias dentro de suas casas fechadas tão secretamente que não fossem ouvidos, e não dessem escandalos.

Entendiam os judeus que deviam ter mais liberdade do que os catholicos, porque nós estamos mais certos da sua fidelidade : bem sabemos que, como elles fazem publica profissão de judaismo, por modo algum quereriam ou poderiam voltar ao dominio dos Hespanhoes, mas antes pelo contrario haviam de envidar esforços por manter e defender este Estado, ao passo que os portuguezes catholicos tem mostrado que nos são inteiramente infieis, e na primeira mudança nos abandonariam.

Mas voltemos á christandade. As ordens religiosas dos catholicos, como dissemos, tiveram curiosidode bastante para levantar os seus bellos conventos; mas não é tudo : além delles, ha em todos as cidades uma matriz, e outras egrejas e capellas, de modo que nas cidades não faltam egrejas, e ainda no campo ha tambem varias egrejas ou capellas com capacidade para nellas se reunir uma soffrivel assembléa.

Os moradores portuguezes são obstinadissimos na materia de sua religião; estão imbuidos de tão estupidos preconceitos que não querem sequer prestar ouvidos. Outro tanto se deve dizer dos seus padres, que lhes communicaram esses preconceitos e não querem ouvir fallar em religião. Não tem

conhecimento algum dos fundamentos da religião christã, e o caminho da salvação lhes é inteiramente occulto. Não sabem mais do que resmonear as suas *Ave Marias* pelos rosarios, que cada um traz ao pescoço e ás vezes nas mãos, e entre elles não é bom christão quem não faz ostentação de trazel-o nas mãos ou ao pescoço. Consideram os protestantes como grandes hereges, e os odeiam, não somente por causa da religião, como principalmente porque pelos protestantes foram vencidos; e assim o que os Portuguezes até agora teem feito e a obediencia que prestam, é por medo e constrangidamente, mas não por affeição ao nosso Estado, com excepção de mui poucos que de coração se nos mostram affeiçoados.

Com relação aos moradores em geral, esses são livres ou escravos. Os livres são Hollandezes, Portuguezes e Brazilienses.

Os Hollandezes se dividem em pessoas obrigadas a servir ou particulares e dispensadas do serviço; daquellas trataremos depois.

Os Hollandezes isentos são os que vieram da patria como particulares, ou aqui se fizeram taes; visto como para havermos soldados sem despeza da Companhia e para povoar a terra, já temos dispensado do serviço a um numero consideravel de officiaes e soldados, quando somos certos de terem elles prehenchido o seu tempo, isto é, terem servido aqui quatro annos completos, sem contar o tempo da viagem. Mas isto não basta para colonisar tão dilatadas terras, e muitos procuram ser dispensados do serviço somente com o fim de partir depois á sua vontade em navios fretados para a patria, como por vezes temos observado.

Os particulares, que até o presente tem vindo da Hollanda, são pela maior parte mercadores e seus famulos, e os de menor condição são taverneiros ou pessoas que erxercem alguma pequena industria, e a elles se deve o grande au-

gmento que tem tido o Recife e Antonio Vaz, qu agora é duas vezes maior do que era dantes, e s acha com uma edificação continuada. Mas ist também não basta, e é de pouca consideração en relação á população que se faz mister. Cumpr pois que se empregue maior diligencia, e se achen meios de attrahir para cá muitos Hollandezes no que a Companhia tem o maior interesse, por quanto isto é o que serve para a conservação e pro gresso deste Estado, e grande diminuição dos seu encargos. Quanto mais immigrantes vierem mora aqui, qnanto mais cultivada fôr a terra, tant maiores fructos ha de produzir ; e si esta conquis ta estivesse cheia de Hollandezes, a Companhi achar-se-hia segura contra os infieis moradore Portuguezes, e assim, no caso de alguma invasão que o inimigo faça, não poderiam ou não ousarian elles auxilial-o ou abastecel-o de viveres, com presentemente costumam fazer, e a Companhia do minaria tambem os campos, e faria com que os Portuguezes fossem mais seguros para com o nosso Estado. E sendo necessario, esses moradores hollandezes poderiam servir como bons soldados por já terem trazido armas muitos delles como officiaes ou soldados, ficando a Companhia muito alliviada do encargo de ter pesadas guarnições, que, a não ser assim, se ha de manter para a defeza de tão extensas costas. Teria então somente que cuidar do inimigo que viesse de fora, e poderia ser soccorrida (por gente) da terra, ao passo que agora, dado um lance perigoso, se ha de providenciar logo contra os inimigos de fóra e os de dentro.

Releva porém attender qua não é indifferente a gente que se ha de enviar para cá ou as condições em que venham, porquanto mandar colonos segundo o modo do velho regulamento é ao nosso ver antes damnoso do que acertado e proveitoso á Companhia. Com effeito, não convem dar aos colonos as terras confiscadas e cultivadas, com o privilegio de ficarem isemptos durante cinco annos

de todos os dizimos ou outros direitos, uma vez que essas terras podem ser vendidas por bom dinheiro, arrecadando-se logo os direitos. Tambem não se póde dar aos colonos terras que pertençam a algum dos moradores portuguezes. Por consequencia só se lhes póde dar terras incultas, não trabalhadas, que até o presente não tiveram senhor particular, mas essas se acham situadas muito para o interior acima de todos os logares habitados e dos curraes, e duvidoso é que os colonos ficassem assim bem servidos. Habitando elles tão longe do mar, como nos poderiam soccorrer, quando o inimigo viesse do mar? E succedendo que salteadores viessem pela retaguarda rompendo pelos bosques, os colonos seriam, na verdade, boas guardas avançadas, mas o primeiro assalto recahirá sobre elles. Seria este o unico proveito a esperar, pois si tivessemos essas guardas avançadas hollandezas contra os bandidos e salteadores das matas, o inimigo não poderia vir tão encoberto ao campo nem atrevessar a terra em parte alguma.

Tambem ha de sèr mui penoso aos colonos abater com suas mãos tão grossas matas, limpar e cultivar a terra. O trabalho não agrada á maior parte dos Hollandezes do Brazil, que procuram somente manter se com uma occupação facil; o mesmo succederá aos colonos, principalmente porque a gente mais laboriosa não é a que costuma vir entre taes colonos, mas uma gente miuda inutil, apanhada aqui e acolá, homens na patria mui preguiçosos para se dedicarem ao trabalho. E si taes colonos vierem com as mãos vasias, tanto menos servirão á Companhia, por ser necessario assistil-os com viveres e materiaes, como os que vieram com Johan Harrison, e os outros, que os Srs. delegados estabeleceram como colonos na ilha de Itamaracá: o resultado dessa colonisação foi ficarem devendo grandes sommas aos armazens que nunca pagarão; a agricultura nenhum particular adianta-

mento teve e os colonos, reduzidos á miseria, se fizeram pela maior parte soldados.

Releva tambem notar que é de mao effeito mandar colonos, aos quaes, segundo o regulamento, se deem terras e casas gratuitamente, pois muita gente que tem comprado aqui engenhos (alguns dos quaes não são muito melhores do que terras bravias) com poucas casas, começa depois a murmurar e a sustentar que tem o mesmo direito que os colonos, e que como colonos devem ser considerados, e receber gratis as suas terras e engenhos; e o que mais é, os moradores do Recife entendem uns que, por força desse regulamento, se lhes deve dar gratuitamente os terrenos, e outros, que tem comprado casas, as mesmas casas, e assim mui transviadas andariam as finanças da Companhia. Queira pois a assembléa considerar no futuro o que lhe cumpre fazer nesta materia.

Os que quizerem tirar proveito da cultura no Brazil, não devem vir com as mãos vasias; devem pelo contrario juntar algum cabedal para mandar fazer as fabricas (machinas) de que precisam (pois estas não podem ser trazidas da Hollanda como são aqui necessarias), e para comprar alguns negros, sem os quaes nada que proveitoso seja se pode fazer no Brazil. Os Portuguezes dizem em forma de adagio: « quem quizer levar o Brazil do Brazil, traga o Brazil para o Brazil », isto é, quem quizer fazer fortuna e grangear um bom capital no Brazil deve trazer um rasoavel peculio para o Brazil.

Não convem pois que se mande gente pobre para povoar o Brazil, salvo si os colonos tiverem pelo menos um chefe que possa contribuir com alguma cousa, e todos os dias estamos nós vendo que os mesmos soldados velhos, que bem conhecem a terra e a ella se habituaram, tornando-se paisanos, não podem medrar, a menos que não se sujeitem a um senhor de engenho ou a alguma outra pessoa que lhes dê a mão, isto é, referimo-nos

áquelles soldados que pretendem viver da agricultura.

Os colonos que mais convem são os individuos que vierem com alguma fazenda e puderem comprar alguns escravos, e assim se estabeleçam com o que é seu, até que os fructos produzidos os reembolsem ; esses taes podem obter aqui grandes proveitos.

Entretanto os Hollandezes, que começaram a estabelecer-se no Brazil e tem comprado engenhos, esforçam-se muito para de novo cultivar as terras e reconstruir os engenhos, no que grande cabedal se emprega, e á força de diligencia e de despezas tantos engenhos são postos em estado de moer ainda este anno, ou pelo menos são tão bem plantadas de canna as terras que parece incrivel, d'onde a Companhia tirará este anno, e sobretudo no vindouro e seguintes grandes rendas.

Os Portuguezes, que ficaram sob a obediencia de Suas Altas Potencias os Srs Estados Geraes e da Companhia das Indias Occidentaes, e por isso conservaram as suas terras e engenhos, bem como os que nos compraram alguns engenhos confiscados, não se mostraram menos diligentes do que os Hollandezes, posto que todos elles achavam-se geralmente mui empobrecidos pela guerra, e com os seus proprios recursos não se podessem ajudar ; mas são bravamente auxiliados pelos nossos mercadores que, tendo muitas mercadorias, e dellas pouco proveito tirado, servem de boa vontade a quem possue algum engenho ou cannaviaes, fornecendo aos agricultores todas as mercadorias e tambem o dinheiro de que precisam, para ser a divida paga na seguinte safra, sendo que alguns dão ainda maior praso, que tal foi o unico meio de animar a cultura. Accresce que o assucar de presente subio a tão alto preço que estimula a todos a plantar canna com muita força, e inspira grande confiança aos mercadores para com aquelles que dispõem de engenhos ou cannaviaes.

A 3ª especie de gente livre são os indios, qu
vivem em suas aldeias sobre si, e debaixo da in
specção de capitães hollandezes. Alimentam-se d
mandioca e de outros fructos, de que tomam
quanto lhes parece necessario para a sua susten
tação, e quanto ao mais vivem despreoccupados
sem terem disposição alguma para grangear r
queza. Contentes com possuir uma rede ond
durmam, e alguns cabaços por onde bebam, o se
arco e flechas, a sua farinha, a sua boa agua e
caça que vão buscar nas matas para se alimenta
rem, trabalham somente para ganhar para si e sua
mulheres o panno que seja necessario para cobri
seus corpos, e consideram bastante que suas mu
lheres vistam uma camisa de panno pendente até
chão, e elles mesmos obtenham alguma roupa qu
lhes permitta trazer uns calções e um gibão, aind
que sem camisa.

E si não fôra esta inclinação, não trabalha
riam ; somente para ganhar isto são levados ao
trabalho, e não querem trabalhar senão até que
tenham ganho, quando muito, oito varas de panno
grosso ou alguma pouca roupa, o que de ordina-
rio corresponde a 20 ou 24 dias de trabalho. Vol
tam então ás suas aldeias, dizendo que possuem
bastante, e de nada mais precisam, e não se dei
xarão empregar em trabalho algum, salvo si forem
forçados pelos seus capitães hollandezes.

Os serviços, em que mais se empregam os in-
dios, são cortar lenha para os engenhos, plantar
cannas, limpar os cannaviaes, conduzir e dirigir
os carros, guardar o gado e outros misteres se-
melhantes ; e estes serviços elles não farão, si
além do alimento, a paga não for primeiramente
depositada nas mãos do seu capitão para lhes ser
entregue, quando houverem preenchido o tempo
e terminado o trabalho.

Elles vivem presentemente em muitos logares,
mas sem culto algum por falta de pessoas que os
instruam em sua lingua, e os precedam nas suas

orações. Com effeito não temos pessoa idonea para mandar ás aldeias, e elles mesmos afastaram de si os catholicos, a quem não querem mais admittir. Conviria pois que nas aldeias tivessemos pessoas capazes que instruissem os indios, e sobretudo os meninos afim de aprenderem elles a nossa lingua, e no decurso do tempo receberem os fundamentos da religião christã, e nisto pretendemos empregar o mestre-escola hespanhol recem-chegado.

Os mesmos indios pedem com instancia a presença dos nossos ministros ; não viriam mal que um ou dous ministros praticassem com elles, os instruissem, baptisassem seus filhos, casassem os seus mancebos. Nas aldeias da Parahyba o ministro Doreslaer faz diligencia por aprender-lhes a lingua e instruil-os na religião, e já está tão adiantado que póde conversar com elles em portuguez, e de algum modo fazer a sua predica e admoestações, o que os ministros esperam será de grande effeito.

Temos fallado dos livres ; segue-se agora tratar dos escravos, que formam tres cathegorias, isto é, são da costa d'Africa, do Maranhão ou naturaes destas terras.

Os da costa d'Africa são de Angola, ou dos logares, onde a Companhia tem trato. Os de Angola são aqui tidos pelos melhores, já porque melhor se prestam ao trabalho, e já porque, sendo recem-chegados, melhor são instruidos pelos negros velhos, pois que elles entendem a lingua uns dos outros

Os que porém a Companhia obtem na costa de Arda são cabeçudos, tardos, e difficeis de se empregar no trabalho, si bem que, quando querem fazel-o, trabalham muito mais do que os Angolas. A principio não soffrem nenhum governo rigoroso, levantam-se todos no campo contra os feitores que os dirigem, e os moem de pancadas, ao que dá causa fallarem elles uma lingua que os nossos negros velhos não entendem, nem pessoa alguma,

resultando d'ahi equivocos. Mas isto ha de melhorar com o tempo, visto como logo que estes primeiros aprendam a nossa lingua e entendam o trabalho em que são empregados, poderão instruir os que vierem depois.

Sem taes escravos não é possivel fazer alguma cousa no Brazil: sem elles os engenhos não podem moer, nem as terras ser cultivadas, pelo que necessariamente devem de haver escravos no Brazil, e por nenhum modo podem ser dispensados: si alguem sentir-se nisto aggravado, será um escrupulo inutil. (1)

Como o Brazil não pode ser cultivado sem negros e se faz mister que haja um grande numero delles (porquanto todo o mundo se queixa da falta de negros), é mui necessario que todos os meios apropriados se empreguem para o respectivo trafico na costa d'Africa, e nisto tem a Companhia o mais alto interesse, pois, além de vendel-os por bom dinheiro, a Companhia goza ainda annualmente da terça parte do trabalho de cada negro, de modo que o escravo fica trabalhando tanto para o seu senhor como para a Companhia.

Quanto aos escravos do Maranhão, esses são ahi traficados pelos Portuguezes, como elles traficam na Angola.

Havia uma terceira especie de escravos, os indios destas terras, a maior parte dos quaes achavam-se na Bahia da Traição ao tempo em que ahi esteve Bouwen Heynsen e foram escravisados pelos Portuguezes; mas nós os temos restituido a sua liberdade, onde temos podido achar alguns delles.

Os Portuguezes, sem distincção de pessoas,

---

(1) « Sonder alsulcke slaven ist niet mogeliyck in Brasil iets uyt te rechten: sonder deselve connen gene ingenhos malen ende gene landen bearbeyt worden, soo dat nootsaeckelyck in Brasil slaven moeten syn, ende geensints connen geescuseert worden, end dat hem yemant hier in beswaert soude vinden, soude een onnodige scrupuleusheit syn »

são pouco curiosos com relação ás suas casas e economia domestica, contentando-se com uma casa de barro, comtanto que vá bem o seu engenho ou a sua cultura.

Possuem poucos moveis, além daquelles que são necessarios para a cosinha, cama e mesa, e não podem ser dispensados; o seu maior luxo consiste em servirem-se á mesa de baixella de prata. Os homens usam pouco de vestidos custosos, vestem-se de estofos ordinarios ou ainda de panno, trazendo os calções e o gibão golpeados com grandes cortes por onde se deixa ver um pouco de tafetás. As mulheres porém vestem se custosamente e se cobrem de ouro; trazem poucos diamantes ou nenhum, e poucas perolas boas, e se ataviam muito com joias falsas. Só sahem cobertas, e são carregadas em uma rede, sobre a qual se lança um tapete, ou encerradas em uma cadeira de preço (palanquim), de modo que ellas se enfeitam para serem vistas somente pelos seus amigos e amigas. Quando vão visitar, primeiramente mandam participar; a dona (da casa) senta se sobre um bello tapete turco de seda estendido sobre o soalho e espera as suas amigas, que tambem se sentam a seu lado sobre o tapete, á guisa dos alfaiates, tendo os pés cobertos, pois seria grande vergonha deixar alguem ver os pés.

No tocante a quadros e outros ornatos para cobrir as paredes, os Portuguezes são destituidos de toda a curiosidade, e nenhum conhecimento tem de pinturas.

Não ha profusão nos seus alimentos, pois podem sustentar-se mui bem com um pouco de farinha e um peixinho secco, comquanto tenham gallinhas, perús, porcos, carneiros e outros animaes, de que tambem usam de mistura com aquelles mantimentos, sobretudo quando comem em casa de algum amigo.

Tem bellissimas fructas, como laranjas, limas, limões, melões, melancias, aboboras, paco-

vas, ananazes, batatas (*patatos*), maracujá-assú, maracujá-mirim (*marcouja o meri*), araçá (*arete*), goyaba (*couape*), e a formosa e agradavel mangaba (*mangaves*, mangas?), bem como varios legumes, milho, arroz, e outros fructos de que fazem diversidade de doces. Estes são mui sãos, e delles comem em quantidade.

A bebida dos Portuguezes é principalmente agua da fonte, que é mui bella e agradavel ; nella ensopam um pedaço de assucar em forma de pão e o vão chupando, o que é mui são e refrigerante. Tambem fazem garapa de mel, que é o que os negros mais bebem, assim como os indios fazem uma beberagem de cajús, que elles tomam com muito gosto.

Encontram-se muitos Portuguezes que não bebem vinho, ha outros que pelo contrario bebem muito, e se diz que costumam vir annualmente ao Recife 5,000 pipas que na terra se consomem. Entre as mulheres, poucas são as que bebem vinho, e ha muitas que em sua vida nunca provaram delle.

Os homens e as mulheres portuguezas pouco tem de bonitos : são seccos de rosto e corpo, e a pelle é negra (*swart van huyt*). (1) De ordinario as mulheres, ainda moças, perdem os dentes, e pelo costume de estarem de continuo sentadas, não são tão ageis quanto as hollandezas, e andam sobre os seus chapins (*chappynen*), como si tivessem cadeias nas pernas.

Os homens são mui ciosos de suas mulheres, e as trazem sempre fechadas, reconhecendo assim que os de sua nação são inclinados a corromper as mulheres alheias

Sobre esta materia bastante temos dito, e passamos a tratar do commercio que aqui se faz.

O commercio do Brazil para Hollanda consiste

(1) Parece que o autor quiz dizer que os Portuguezes do Brazil eram *trigueiros ou morenos*.

N. do Trad.

em assucar, páo brazil, fumo, doces, couros, varias e mui bellas madeiras de construcção, podendo dar esta terra muito bom algodão, gengibre, bem como ha quem tenha começado a fabricar aqui anil, a saber: Daniel de Dieu e Jacob Velthuysen, de que já apresentaram um começo de amostra, faltando-lhes somente acertar com o justo meneio do anil. Si na Hollanda se pudesse encontrar quem seja entendido no fabrico do anil, não faltaria aqui a producção da respectiva planta em abundancia, pois dá por toda parte sem cultura.

Outro sim se póde fazer aqui urucú (*oreliana*), porquanto encontram-se aqui e acolá algumas pequenas arvores em que dá. Outro tanto se póde dizer da cochonilla; mas do que acima dissemos temos nós um começo de amostras, ao passo que da cochonilla ainda não as podemos ver.

Com relação ás mercadorias que convém sejam enviadas da Hollanda para cá, e as que mais procuradas são e mais avanço teem, mostra a fatura que junto vae.

Passamos a tratar dos officios que são aqui exercidos. Vem em primeiro logar a expremedura do caldo da canna, de que se faz o assucar, e tudo o que a isto se prende. Ha muitos carpinteiros, pedreiros, ferreiros, caldeireiros, oleiros, alfaiates, sapateiros, seleiros, ourives, alguns (mas mui poucos) tecelões, que fiam algodão. Os carpinteiros, pedreiros, ferreiros, caldeireiros, ganham pelo menos 3 florins por dia, e os mestres 4 e 5.

A gente, que não serve nos engenhos, se occupa, além do seu officio, si algum pode ter, com plantar mandioca ou outros fructos da terra, fumo ou cousa semelhante. Outros começam a estabelecer-se nestes arredores para plantar legumes e toda a sorte de semente hollandeza, de que algumas dão, como alface, rabanete, rabão, pepino, agrião, e todas as novidades indigenas, como limões, melancias, melões, milhos, etc. Sendo o

mantimento geralmente mais caro no Brazil e sobretudo no Recife do que em algum outro logar do mundo, serve isto de maior estimulo ao povo para tudo semear e plantar.

Já anteriormente communicamos que puzemos todos os empregados da Companhia, desde o mais baixo até o mais elevado, ás suas proprias expensas, com o que elles se arranjam, e até os soldados que á velha ração preferem receber o seu soldo e penção, pois lhes é commodo proverem-se no mercado dos fructos indigenas, sendo que todos os dias se corta carne fresca ; não podem porém comprar com o seu soldo muitos viveres da Hollanda, a não ser favas, hervilhas, cevada, e preferem as pequenas favas e os fructos da terra.

Tinhamos continuado a dar aos soldados a ração de pão, descontando da pensão o valor correspondente ; mas como soubemos que (o preço) da nossa farinha subia muito, resolvemos dar toda a pensão aos soldados e não mandar cozer mais pão, a não ser pão duro para os navios, posto que em tempo de necessidade se possa fornecel-o tambem com farinha de mandioca. E' nossa intenção fazer provisão de toda a farinha (de trigo) para abastecer os fortes, o que é tambem bem aceito pelos soldados, pois que elles mal podiam passar com o pão, e por dinheiro podem comprar farinha (de mandioca) bastante para passar soffrivelmente.

A terra dá não somente os mantimentos acima especificados, senão tambem quasi tudo o que é necessario para a construcção de casas e navios, excepto ferro, breu, pez, betume ; visto como para a construcção de casas pode-se obter a pedra de cantaria, que se tira dos montes e parceis, ou tijolo, que aqui se cose, e toda a sorte de madeira de construcção abunda nestas conquistas ; é porém mui dispendioso o cortal-a e lavral-a onde se a quer ter.

Ha tambem aqui caieiras, onde se póde queimar tanta cal quanto for necessaria. Faz-se tam-

bem bastante carvão, pois os ferreiros portuguezes não usam senão do carvão vegetal; para as grandes e pesadas obras, porém, que os nossos ferreiros tem de fabricar, não se podem servir do carvão vegetal, e para o fabrico da polvora faltam salitre e enxofre. Faziam-se aqui cabos das mesmas entrecascas das arvores, de que se fazem os murrões portuguezes, e assim se tem construido aqui varios navios e caravelas, nas quaes os meteriaes vindos de fora da terra são somente as velas, as obras de ferro, o pez. o alcatrão. o bitume,

Assaz temos tratado da terra e dos seus moradores. Vamos agora occupar-nos com os negocios da guerra e defeza desta conquista, e começaremos dizendo qual é a situação dos nossos inimigos.

Segundo os boatos que correm, o conde Banjola (Bagnuolo) levantará acampamento de Sergipe d'El-rei e se retirará para mais longe, por causa da noticia que teve da expedição do Sr. Johan Gysselin e do mui nobre Sr. Sigismundo van Schoppe com o nosso exercito, comquanto somos informados que o inimigo ainda tem cerca de 2.000 homens armados e meio armados entre soldados e moradores fugitivos.

Em uma carta que, ha seis semanas ou dous mezes, o conde de Banjola dirigio a S. Exc., pedia que lhe fossem enviadas a mulher de Luiz Barbalho e a do Capitão Antonio de Freitas, assegurando que Luiz Barbalho havia chegado á Bahia com o seu terço. Mandamos expressamente ao conde com a resposta um moço esperto, trombeta de S. Exc., para ao mesmo tempo observar e colher o que lhe fosse possivel, e referio-nos que quanto póde saber é que Luiz Barbalho havia chegado, segundo elles diziam, com 4.000 homens; mas nós bem sabemos que os terços portuguezes não constam de mais de 300, 400 ou 500 homens, e sem duvida o dito terço não será mais numeroso, pois ouvimos que viera em tres caravelas. Tambem fa-

ziam muito alarde em Sergipe da grande armada que esperavam, na qual viriam muitos mil homens; mas, como Barbalho chegou com um terço, suppomos que isso é o que elles tem a esperar, e somente á defeza da Bahia se ha de attender, e corria o boato de que a Barbalho fôra confiado o commando da milicia na Bahia. Nada obstante, sua mulher pedio com instancia que a não quizessem obsequiar, pois não acreditava que seu marido houvesse chegado á Bahia, que, si assim fôra, ter-lhe-hia escripto; de sorte que ella ficou até ordem ulterior.

Aqui corre que o conde de Banjola se retirará até a torre d'Avila, que fica a 15 leguas deste lado da Bahia ou S. Salvador, e o capitão Antonio de Freitas ordenou a sua mulher que desembarcasse ahi para ir ter com elle; portanto, si a retirada não é já um facto consumado, não se póde duvidar que se effectuará tanto que os nossos se approximem.

Passando agora ás nossas cousas, diremos que em um officio (cuja copia vae junto) dirigido a V. S. e enviado por um Inglez, que de S. Thomé foi aqui trazido, communicamos o que nos movera a emprehender a facção contra o castello da Mina, bem como que o Senhor Deus tendo-a favorecido com um prospero successo, sob a direcção do mui nobre Senhor coronel Hans van Coin, e do sargento-mór Johan Goodlat, chamado *Bongarçon*, todos os navios e tropa, que não deixaram lá ficar de guarnição, chegaram aqui no devido tempo, e assim levaram elles a cabo aquella empresa sem descuidar-se de cousa alguma; e para que V. Ss. sejam informados de todos os pormenores, vão juntas as copias das cartas do general da costa, e da relação da artilharia, munições de guerra e de tudo o que alli se achou.

No mesmo officio demos tambem noticia da expedição que mandamos ao Ceará, sob a direcção do sargento-mór George Garsman, e do bravo capitão Hendrick Hous, os quaes seguiram com dous hyates e 150 soldados; mas a este respeito

nada podemos accrescentar acêrca do que occorrera posteriormente, porque de então para cá nada temos sabido. (1)

Sem embargo destas expedições, não deixamos de armar-nos para accommetter o inimigo em Sergipe d'El-rei. A perigosa molestia de S. Exc. não lhe permittindo ir pessoalmente, delegamos o Sr. Johan Gysselin e o mui nobre Sr. Sigismundo van Schoppe; os navios, a tropa, as provisões de bocca e de guerra, com que foram á procura do inimigo, tudo encontrarão V. Ss. bem declarado nas actas deste Concelho.

Faremos agora a descripção das fortalezas, castellos e fortes do littoral que, ou já existiam antes da conquista, ou, depois della, foram levantados pelos nossos para a defeza da mesma costa.

Começando do sul, temos em primeiro logar o forte Mauricio, que foi levantado pelos nossos em Penedo do lado septentrional do Rio de S. Francisco, afastado do mar cerca de seis leguas. Tem cinco pontas, e está assentado sobre uma rocha escarpada que se eleva a 80 pés de altura sobre o rio. De um lado é tão escarpado que se faz inaccessivel, e do outro lado, onde de algum modo o inimigo poderia chegar, é defendido por tres bastiões. Na sua visinhança a terra é baixa, —exceptuando somente um monte que ahi ha — e durante todo o verão se cobre d'agua, que se eleva á altura de um homem. O forte tem altas muralhas e fossos fundos, mas seccos, como Vs. Ss. poderão ver no mappa que S. Exc. já enviou ou ha de enviar ainda, e é de grande defensa.

Do outro lado (do rio), defronte do forte Mauricio, os nossos construiram um fortim de madeira,

---

[1] Esta parte do relatorio foi escripta antes de 10 de Dezembro de 1637, visto como já consta da acta do Supremo Concelho desta data o resultado da expedição de Gartsman ao Ceará.

N. do Trad.

onde se fez uma bateria sobre uma arvore com tres peças de calibre seis.

Desse mesmo lado do rio, por elle abaixo, junto á foz, ha um reducto denominado *Keert de Koe*, que serve para dominar ahi o rio, conserval-o livre, proteger os nossos navios, e termos um pé em terra nesse logar. Está situado em um pantano.

Estes fortes estão soffrivelmente providos de artilharia, de munições e viveres, e nelles se acham actualmente 300 homens

As despesas com a fortificação, que já está concluida, monta a 20.000 florins. Propõe-se agora que o mesmo forte (Mauricio) seja revestido por dentro e por fóra de argamassa, o que custará muito, e por isso nos achamos embaraçados, e ainda não podemos resolver. Veremos depois o que convem fazer.

O forte que se segue é o de Porto do Calvo. Depois da conquista foi mui fortificado, mas ficou tal como era d'antes, mui irregular, e se faz mister cercal-o de uma contra-escarpa com uma solida palissada. Este forte conserva ainda toda a sua artilharia e o melhor das munições que nelle foram encontradas, fez-se retirar somente algumas peças que não eram necessarias, e estavam desmontadas. Está pois bem provido de tudo, e guarnecem-no duas companhias de soldados.

Este forte está assentado sobre um monte alto e isolado, e não ha na visinhança outros montes altos que o dominem; correm rios ao longo de dous dos seus lados. No forte ha um poço com 18 braças de profundidade, construido com pedras de cantaria quadradas que se elevam desde o fundo até a borda, e fornece agua excellente.

Seguindo de Porto Calvo para o norte, a primeira fortificação que se encontra é a do *Cabo de S. Agostinho*

Não temos ahi nenhuma obra de defeza. A que o inimigo levantára em torno da egreja de Nossa Senhora de Nazareth, sita sobre o monte mais alto

do cabo, ha muito foi arrasada por imprestavel.

O *reducto do Pontal*, que mantivemos sempre contra toda a força do inimigo, está agora de tal modo destruido pelo mar, que um dos lados cahio e o mar o levou, e todo o esforço que se ha feito com a construcção de sapatas para conserval-o tem sido inutil.

O forte *Gysselin*, que fica defronte sobre uma ilha, tem sido tambem de tal modo minado pelo mar que, apesar das fortes sapatas que existem deante delle, e tem sido sempre renovadas, a bateria e toda a frente cahiram. Como, depois da conquista de todo o cabo, não tinhamos mais necessidade deste forte, e somente servia para ser inutilmente guarnecido e trazer a gente ociosa, resolvemos por ultimo esbulhal-o de tudo e deixar que o mar o consumisse a sua vontade.

Para ter em nosso poder o dito porto, é necessario levantar um forte sobre o Pontal, mas situado mais para dentro do que se achava o reducto, com o que se evitará que fique exposto ao mar, e ao mesmo tempo servirá para dominar o porto, segural-o melhor do que d'antes estava, e manter tambem a bateria sobre a barra, que ahi sempre existio. E' verdade que esta bateria não poderia ser defendida, si o inimigo desembarcasse com bastante poder: é aberta por traz e não póde ser fechada, de modo que o inimigo poderia chegar até ahi encobertamente, porque esta bateria fica abaixo de dous montes altos, donde se póde fazer fogo com mosquetes directamente contra ella, e não é possivel livral-a deste perigo por meio de uma muralha, por muito alta que se a faça. Para defender a mesma bateria ha somente um reducto, que fica sobre o mais meridional daquelles dous montes, donde se faz fogo contra o outro, e assim se defende de algum modo a bateria da barra.

Entretanto é isto de tal importancia que, tendo nós um forte no Pontal, o porto ficará sendo inutil aos nossos inimigos, e nós poderemos sempre soc-

correr o forte do Pontal, provendo-o de viveres, munições e tropas, ou seja pela barra grande, ou pela barreta, si a mantivermos em nosso poder.

E' fora de duvida que si tivermos um forte no Pontal, o inimigo não tentará accommetter o porto, pois que este não é tão commodo que valha a pena empregar nisso grande poder, uma vez que nelle não podem entrar navios de grande calado, e a sua entrada ou sahida é perigosa.

Depois do cabo de Santo Agostinho, segue-se o Recife de Olinda com os seus fortes.

O primeiro delles é o *Principe Willem*, situado nos Afogados. E' um forte de quatro pontas com quatro bastiões, e está mui bem collocado, porque nos assegura o caminho da Varzea e de toda a terra, e defende a passagem da ilha de Antonio Vaz para os Afogados. Está situado em uma planicie e na sua parte mais elevada, dominando assim o campo até onde o canhão pode alcançar. Para o lado do noroeste tem fossos fundos; ao sudeste porém os fossos não são fundos, e o solo é mais alto, pelo que o inimigo pode approximar-se por meio de aproches. E' necessario que este forte seja cercado de uma contra-escarpa, pois, não sendo assim, faltar-lhe-ha fortaleza. E' construido de uma terra singular, que, de verão, quando secca, é tão dura como pedra, e de inverno, quando chove, é molle como argamassa, sulcando-o as aguas de modo que é necessario grande dispendio para reparal-o e conserval-o.

A este seguia-se o forte *Emilia*, situado anteriormente na ilha de Antonio Vaz, deante dos hornaveques do forte Frederick Hendrick, mas foi tambem abandonado por inutil, e mandou-se arrasal-o.

O forte *Frederick Hendrick*, chamado das *Cinco Pontas*, que agora se segue, tem cinco bastiões regulares. Está situado em uma ponta da ilha de Antonio Vaz, donde se descobrem totalmente os navios surtos no porto do Recife, e por isto serve este forte para defeza do mesmo porto. Acha-se

edificado sobre um solo alto, que é o unico caminho que poderia proporcionar ao inimigo o ensejo de aproximar-se do grande quartel de Antonio Vaz, e protege tambem os poços, os unicos que podem fornecer agua ao Recife e Antonio Vaz em occasião de necessidade e cerco.

A principio as muralhas deste forte não tinham mais de 13 pés de altura, e, quando S. Exc. e os Conselheiros Supremos aqui chegaram, estavam tão arruinados que um cavalheiro com todas as suas armas poderia galgal as; a estacada e as palissadas se achavam de todo podres e derribadas, toda a obra mui aluida, os fossos bastante seccos pelo movimento das areias. Mandamos alargar e aprofundar os fossos, engrossar e levantar as muralhas até a altura do velho parapeito, e construir por cima dellas um novo parapeito; tambem mandamos cercar o lado exterior do fosso com uma contra-escarpa, e construir uma solida sapata sobre o lado do mar, com o que este forte se acha agora fortalecido e defensavel. O que de novo se fez custará á Companhia uns 20.000 florins.

Este forte tem mais, ao sul, um grande hornaveque, que se dirige para o lado do antigo forte Emilia, e em frente do mesmo hornaveque um outro pequeno, que segue a mesma direcção, e é daquelle dominado, o que tudo se acha ainda em soffrivel estado.

A um tiro de arcabuz do forte Frederick Hendrick, para o lado do noroeste, fica junto ao Capibaribe um reducto, que serve de guarda avançada para se descobrir si o inimigo tenta atravessar o rio.

Apresenta-se agora o grande quartel de *Antonio Vaz*, onde reside S. Exc. Está cercado de uma alta e pesada muralha que, ao occidente e ao noroeste, tem dous bastiões inteiros, e se vae prender ao fosso do forte Ernestus por uma linha que a fecha. No sul, contra a praia, tem um meio bastião, donde segue uma linha que, correndo ao longo do rio e passando por deante do alojamento de S. Exc.,

vae terminar tambem no fosso do forte Ernestus, deante do qual fica em aberto.

Este logar está dividido em ruas e terrenos, onde muita gente tem começado a edificar, e muitas casas já estão acabadas; as ruas são alinhadas de modo que todas se abrem deante do forte Ernestus, que as domina, bem como as muralhas.

O forte *Ernestus* está situado em torno do convento de S. Antonio; seria (si estivesse concluido) um forte quadrangular com quatro bastiões. No lado do norte, sul e occidente está acabado; quanto ao lado oriental porém se acha somente fechado pelo velho muro do convento, o qual agora ameaça desabar. Discutimos se convinha derribar este muro e fechar o forte com uma muralha de terra em forma de tenalha, mas, por causa das despezas, foi a obra adiada, porque o forte não está nesta parte sujeito a perigo algum, e porque é mui necessario aprofundar os fossos tanto do grande quartel como do forte Ernestus (visto como não prestam), e com a terra tirada dos fossos construir uma contra-escarpa em volta de ambas estas obras.

Ao norte do forte Ernestus fica o *Waerdenburgh* em uma saliencia da terra firme; é quadrangular, mas a escassez do solo não permittio que tivesse mais de tres bastiões, a saber, no norte, occidente e oriente, faltando o do sul. Um fosso o separa da terra firme, está cercado d'agua, e soffre forte embate do rio, pelo que se faz necessario conserval-o despendiosamente por meio de sapatas. Como não parece que este forte seja necessario, e se entende que basta um reducto para guardar aquelle solo, resolveu-se deixar que o rio o vá destruindo, e reduzil-o á forma de um reducto.

Segue-se o Recife de Olinda, logar da residencia dos Conselheiros Supremos e do Concelho politico, e principal porto dos navios grandes em toda a capitania de Pernambuco. Ahi tem a Companhia fixado tambem a sua *sedem belli*, e neste lo-

gar estão encerrados todos os armazens geraes de viveres, artilharia, munições de guerra e mercadorias.

Este porto está disposto de um modo admiravel: tem uma rocha continua, como um molhe ou dique, de 40 passos ou mais de largura, e mais de uma legua de comprimento desde a Barreta, e, correndo por deante do Recife, faz no interior um porto capaz para abrigar muitos navios.

Trabalha-se em cercar e fechar este logar do (Recife) com uma forte e bem flanqueante palissada, já que a escassez do solo não permitte que, quer contra o lado do mar, quer contra o do rio interior, seja cercado por uma muralha. Esta palissada ha de custar seguramente de 8 a 10,000 florins, que esperamos haver das casas, terrenos, armazens existentes aqui no Recife, tanto dos particulares como da Companhia.

Na frente, sobre o caminho para a cidade de Olinda e contra o mar ha uma bateria murada de pedra, e contra o rio interior um reducto de terra, cujo sobpé sahe do rio e é formado de pedras soltas sem cal. Estas duas obras estão ligadas uma a outra por uma forte palissada de madeira, e ahi é a sahida.

Fóra do Recife se encontra primeiro o velho castello denominado *S. Jorge*. Achando-se este castello mui arruinado, os administradores do hospital pediram-no para servir de enfermaria, com promessa de o repararem interiormente e conservarem-no a sua custa, utilisando se delle até que seja necessario para o serviço militar e defesa do Recife, o que resolvemos conceder-lhes para poupar despezas á Companhia, e porque este castello é actualmente inutil, e sel-o ha talvez tambem para o futuro. Comtudo ficaram alli todas as peças.

Defronte do castello de *S. Jorge*, sobre o arrecife do mar e na entrada da barra fica um outro pequeno castello de pedra, denominado o *Castello do mar*. Este tem sido algum tanto damnificado

pelo mar, que, batendo nelle com toda a força e em todas as marés, tem arrancado na parte inferior algumas pedras. Tratamos com o mestre, que foi o seu primitivo constructor, para que, com o auxilio de pedreiros portuguezes, tape o rombo e o segure contra o mar, o que é indispensavel para prevenir futuro damno.

Do castello de S. Jorge, sobre a praia (isthmo) que vae ter á cidade de Olinda, temos o forte de *Bruyn*. E' quadrangular, tem do lado do mar somente meios bastiões pequenos, e do lado do rio bastiões inteiros e acabados. Acha-se em boa ordem e em perfeito estado, mas não tem fossos nem as necessarias palissadas. Ha deante delle um hornaveque que está um pouco estragado.

A tiro de mosquete deste hornaveque, fica um reducto que serve de guarda avançada.

Todos estes fortes e obras estão bem providas de artilharia e munições, conforme a situação de cada um, e bem guarnecidos de soldados, conforme as nossas forças. Temos porém grande necessidade de carretas e baterias, o que remediamos, quanto nos é possivel, fazendo os Portuguezes cortar madeira apropriada nas matas, mediante pagamento, com o que se fazem mui boas carretas, e são mais ,baratas e mais duradouras do que as hollandezas por não precisarem de ligaduras de ferro.

Seguindo para o norte, a fortificação mais proxima é a da ilha de Itamaracá. Dentro da barra se apresenta em primeiro logar o forte *Orange*, situado sobre um baixo de areia separado da terra firme por uma angra, que é vadeavel de baixa mar. Este forte domina a entrada do porto, visto como os navios que entram tem de passar por deante delle a tiro de arcabuz. E' quadrado com quatro bastiões, e ultimamente foi elevado e reparado, mas não tem fossos, estacada ou palissada, o que é necessario se faça, bem como convem aprofundar o fosso, e cercar o lado exterior de uma

contra-escarpa. Deante deste forte do lado do norte, por onde o inimigo se póde aproximar, ha um hornaveque.

A pequena cidade Schoppe, sita na mesma ilha, está fortificada desde o tempo antigo, como fortificada foi quando nós a tomamos. O superfluo parapeito feito pelos Portuguezes, que não havia tropa que o guarnecesse, tinha necessariamente de ser abandonado, e nós deixamos que se arruinasse ; a pequena egreja, que fica ao sul da cidade, foi ligada á bateria que flanqueia o rio, ficando assim a salvo de algum subito accommettimento do inimigo ou tropa que então havia na terra ; mas não era isto bastante contra o inimigo que com notavel poder viesse de fóra. Existe ainda (a egreja) ao modo antigo na extremidade septentrional da cidade. Na entrada do passo de Tapissima ha um pequeno reducto que serve de guarda avançada, e não é grande defesa.

Na extremidade septentrional da mesma ilha, sobre a extremidade da barra do norte, ha tambem um reducto com uma bateria que domina a dita entrada. Está assentado sobre um solo alto e pedregoso, pelo que não pode ter fossos fundos, mas está cercado de uma palissada. Este reducto se acha inteiramente arruinado, e é forçoso que seja reconstruido.

Depois destas fortificações seguem-se as da Parahyba, que são tres : a 1ª do lado do sul da entrada da barra, a 2ª do lado do norte, e a 3ª obra de um tiro de peça para dentro dos ditos fortes, mais ou menos no meio do rio sobre o baixo de areia, que lança uma ilheta, denominado *Restinga*.

O forte do sul foi inteiramente feito por nós : arrasou se o velho forte de *Santa Catharina*, que era mui pequeno, acanhado e de pouca resistencia, e no mesmo logar e por fora delle levantou-se est'outro. Para o lado de terra tem um bonito bastião, cujas cortinas correm para a praia do mar, tendo de um e de outro lado um meio bastião que

se ligam por uma tenalha; a sua circumferencia é bastante espaçosa, e as suas muralhas bellas e altas; mas, por causa das areias movediças, como succede em todas as praias, não póde ter fossos profundos; actualmente é de grande resistencia. Antes do nosso governo foi este forte empreitado, e mui adiantada a construcção delle; mas fomos nós que pagamos a maior parte das despezas. Custou 31,000 florins.

O forte do norte, denominado *S. Antonio*, é quadrangular com quatro bastiões, e está ainda no estado em que o tomamos ao inimigo, excepto que, como lhe deram muita inclinação, quando o levantaram, e por isso ameaçava cahir, foi necessario adelgaçal-o por fora, para dar se-lhe mais revestimento.

A velha obra dos Portuguezes na *Restinga*, que fica no meio do rio, foi destruida, e substituida no mesmo logar por um bom reducto com meios bastiões, tendo uma bella bateria na cortina que dá para o lado do canal do rio, por onde os navios devem passar. Este logar é tão forte como nenhum outro do Brasil; está quasi a um tiro de columbrina da ilha, e é cercado d'agua.

Na cidade Frederica fortificou-se ligeiramente o convento dos Franciscanos para servir de defeza e abrigo aos moradores, quando succeda virem molestal os os bandidos e salteadores, como já aconteceu.

Aos fortes da Parahyba segue-se, para o norte, o *Castello Ceulen* do Rio Grande, situado sobre o arrecife de pedra na entrada da barra. Construido de pedra de cantaria, é mui elevado, e tem mui grossas e fortes muralhas. Na frente, para o lado de terra, tem uma especie de hornaveque, isto é, uma cortina com dous meios bastiões providos, segundo o velho estylo, de orelhões e casamatas. Deante dos outros tres lados ha tenalhas.

Este forte está sujeito ás altas dunas que lhe ficam a tiro de arcabuz, e são tão elevadas que

dellas se póde ver pelas canhoneiras o terrapleno, e d'ahi fusilar os do castello que se dirigem para as muralhas. Quando nós o cercamos, assentamos a nossa artilharia sobre as dunas, e fizemos um fogo tal que ninguem podia permanecer na muralha. Mas este defeito foi remediado, levantando-se sobre a muralha da frente, contra o parapeito de pedra, um outro de terra á prova de canhão, e com isto todo o forte, da parte de cima, está coberto e resguardado.

E como de maré cheia este forte fica cercado d'agua, e tem de resistir ao embate do mar, está um pouco damnificado na parte inferior, o que se reparará construindo de pedra e cal um novo sopé.

O forte *Ceulen* está bem provido de artilharia : além das peças que nelle foram tomadas, puzeram-lhe mais duas de calibre 4, que estavam nas caravelas que achamos no rio, quando o fomos cercar.

Em geral todas as obras, fortes e castellos acima descriptos estão bem providos de artilharia e munições.

Mui conveniente seria declarar aqui quantas peças existem em cada forte, si são de ferro ou de bronze, e qual o seu peso e calibre, bem como apresentarmos uma relação completa de todas as munições e objectos de trem ; mas por agora não podemos colligir todos os dados, e cumpriremos este dever com a possivel brevidade.

Todos os fortes estão soffrivelmente guarnecidos de tropa. Mas para levar a campo o nosso exercito com o poder necessario, levantamos de toda a parte tanta gente quanta nos era possivel levantar, e, comtudo, não podemos mobilisar mais de 2 200 a 2,300 homens, de modo que começamos a sentir grande falta de tropa.

Pelas cartas, que trouxeram os ultimos navios vindos da Hollanda, soubemos que a Camara de Amsterdam, em virtude de nossa representação, e antes de reunirem-se os Dezenove, convidára as outras Camaras a que cada nona parte

enviasse como recrutas 150 homens, noticia que nos foi mui agradavel. Dignem-se porém Vv. Ss. de considerar que, si emprehendermos uma facção de capital importancia contra algum logar, situado longe d'aqui, devemos deixar os nossos fortes guarnecidos de modo que se possam defender, resistir á invasão dos salteadores, e proteger os campos e os moradores. Ora, si tivermos aqui os ditos 1,350 soldados como recrutas, ainda assim não poderemos pôr em campo mais de 3,000 soldados, pois a tropa diminue quotidianamente de um modo incrivel, quer em razão dos moribundos, estropiados e enfermos que se recolhem á patria, quer em razão dos que se fazem paisanos. Esperamos pois que a assembléa dos Dezenove, que se seguio, ha de ter attendido ao nosso mais recente pedido e resolvido enviar todos os recrutas, que reclamamos, bem como que ordenará ás camaras remissas que enviem o resto dos soldados, cujo numero foi fixado nas resoluções anteriores, que achamos ser conforme o que consta da memoria junta.

Cumpre tambem providenciar para que recebamos boa provisão de toda a sorte de munições de guerra, e para este fim temos por vezes enviado aos nobres senhores deputados á Assembléa dos Dezenove as listas do que mais nos falta aqui, e agora vae a lista que pedimos seja satisfeita quanto antes, deduzindo-se o que acaso já tenha sido remettido.

Junto vae tambem uma relação dos navios que presentemente se acham nesta costa, os quaes pela maior parte estão de tal modo gastos pelo uso do mar que não é possivel conserval-os por mais tempo; e pois Vv. Ss. os irão recebendo successivamente com a sua carga de assucar.

Deve ser tomado na devida consideração que nós ficaremos com mui poucos navios nesta costa, e entretanto, succedendo vir de Portugal uma armada inimiga, fôra para desejar que no mar pu-

dessemos offerecer resistencia e batel-a, antes que della o inimigo desembarcasse em alguma parte ; pois si podessemos desfechar um tal golpe, a Companhia ficaria firme e segura para sempre, e o inimigo jamais ousaria tornar a incommodar-nos nesta costa.

Sabemos que as Camaras resolveram que cada nona parte enviaria um navio. Queiram porém Vv. Ss. attender que no fim do verão todos os navios, que presentemente aqui estão, serão partidos com o seu carregamento de assucar; pelo que nos parece que Vv. Ss. deviam dobrar o numero fixado por aquella resolução, e nos enviassem 18 navios grandes, e 9 hyates capazes de resistencia, descontando os que Vv. Ss. virem que se acham nesta costa ; e venham esses navios e hyates não somente bem providos de artilharia e munições, como de viveres, e sobretudo de tropa e marinheiros, de que tem havido grande falta, visto como os tripolantes tem de fazer o trabalho nos navios, e por bons e bem apparelhados que estes sejam, de nada servem, si não tiverem gente bastante para mover os instrumentos, que nelles são, e fazer o serviço que de taes navios se espera. Vv. Ss: sabem quantos mallogros, ha um anno, se tem dado nesta costa, porque todos os capitães de navios se desculpam com a pouca gente que tem. Convem muito prover nisto, para que não possam mais vir com taes desculpas.

Antes de tudo cumpre ter em attenção que os navios sejam bem acabados e bem providos de tudo, o costado bem pregado, todo o navio bem calafetado, e bem provido de velas, ancoras, cabos e espias, afim de que possam conservar-se o tempo devido nesta costa, sem carecerem de que se lhes faça aqui grandes reparos ; porquanto nós contamos que o que o hespanhol tiver de emprehender, ha de ser emprehendido neste tempo, e si nós dispuzermos de taes navios, e destroçarmos o inimigo, depois poderemos haver-nos com um menor

numero de velas, e deixaremos voltar esses para a Hollanda com a sua carga de assucar.

Si o Estado do Brazil merece as grandes despezas que agora com elle se fazem e ainda se ha de fazer, o põe bem patente a enumeração de todas as rendas e proveitos que a Companhia poderá tirar desta conquista.

Vem em primeiro logar o negocio do assucar, do qual a Companhia tira: 1º o dizimo; a 2ª parte do donatario nas capitanias de Pernambuco e Itamaracá, que regula 1 1/2 %; 3º a recognição de 20 %; 4º os fretes, avarias e comboios; 5º as recognições e fretes das mercadorias importadas da Hollanda, para serem consumidas no Brazil, e comprarem aqui o assucar, etc.

Calculamos que, quando este paiz estiver de novo florescente—o que agora começa, no anno vindouro augmentará consideravelmente e no terceiro anno chegará a um estado quasi completo—haverá nestas capitanias conquistadas os seguintes engenhos:

No 1º districto haverá sem duvida mais de	15	Engenhos	
No districto de Serinhãem	18	»	
No districto de Olinda	67	»	
No districto de Iguarassú	8	»	
Somma dos engenhos da Capitania de Pernambuco	108	»	
Na capitania de Itamaracá	20	»	
Na da Parahyba	20	»	
No Rio Grande	2	»	
Somma total	150		
Engenhos das 4 capitanias			150

Este anno não moerão:

Em Alagoas e Porto Calvo	8	»
No districto de Olinda	20	»

Em Serinhaem.	11	Engenhos
Em Iguarassú	1	»
Em Itamaracá	8	»
Na Parahyba	2	»
No Rio Grande	1	»
	51...	51
Assim moerão este anno		99

E estes 99 engenhos não estão em condições de moer o que outr'ora moiam ou costumavam moer, porque nos logares que foram theatro da guerra ou, o anno passado, das invasões do inimigo, ahi ficaram os cannaviaes destruidos e os engenhos soffreram grande damno. Assim, si quizermos fazer o calculo dos assucares que, este anno ou safra actual, serão produzidos pelos engenhos, suppomos que este calculo não pode ser elevado a mais de 2.500 arrobas de assucar *macho*, isto é, branco e mascavado juntamente, dando o mel dos mesmos assucares mil arrobas do panella em cada engenho ; o que dá o seguinte resultado :

Engenhos		99
Cada um moe	@	2500
		49500
		198
Total do branco e mascavado.	@	247500
Dizimo, sendo um terço proveniente do mascavado .	@	24750
	@...	222750
Penção do donatario e agora da Companhia	@	3340
	@	219410

Recognição de 20 %	@	43882
Assucar que fica para o		————
negocio.	@	175528

Assim que, segundo este calculo, a Companhia tem a esperar, além do dizimo, que é arrematado, ...

da penção	@	3340
de recognição . . .	@	43882
		————
	@	47222 (1)

A 20 @ por caixa. . . . 2361 caixas de assucar branco e mascavado, além do panella que dará de 400 a 500 caixas á Companhia.

Si a isto V. Ss. accrescentarem o que 175000 arrobas de assucar macho, e 30 ou 40000 do panella, que ficam aos mercadores para serem embarcados, pagam de frete, avaria, etc., terão V. Ss. em grosso a renda provavel deste anno.

(1) Na copia impressa se lê libras onde na copia manuscripta se lê arrobas. O erro é daquella copia, porque é certo que cada engenho não produzia somente 2,500 libras.

N. do Trad.

RELAÇÃO das imposições e arrematações das passagens, pescarias, corte do gado, balança, vinhos e outros liquidos e molhados, dizimos, miunças, que no Brazil são arrematados por um anno. Os que são arrematados por um praso maior ou menor, estão reduzidos ao tempo de um anno.

	Florins
Passagem entre o Recife e Antonio Vaz. .	700
« entre Antonio Vaz e Afogados .	400
« entre o forte de Bruyn e a terra firme	1840
« entre o passo grande e o baixo de Itamaracá	100
« do passo de Tapessima em Tamaracá	240
« do Catuama ou barra do Norte	
« em Tamaracá	100
« entre o Recife e Afogados . .	1800
Passo da Barreta entre o Recife e o Cabo.	2556
« do Varadouro do Rio Parahyba. .	7930
Pesca entre a cidade de Olinda e o Rio Doce	150
« ao sul do Cabedelo na Parahyba .	336
Corte do gado no Recife	1500
« « « em Itamaracá.	....
« « « no Cabo de S Agostinho .	200
« « « na Parahyba	...
Balança do Recife	11400
« de Itamaracá	.....
« do Cabo.	200
« da Parahyba	1663
Vinhos e liquidos no Recife	27400
« « em Itamaracá.	1800
« « no Cabo.	500
« « na Parahyba	2500

	Florins
Dizimo do assucar no Recife e capitania de Pernambuco.	85000
Idem em Tamaracá.	3000
« na Parahyba	26000
Dizimos de miunças no Recife e Pernamb.	7765
« « « em Itamaracá . .	1350
« « « na Parahyba . . .	2600

Eis ahi o que, em cumprimento da ordem contida na carta de V. Ss., nos pareceu necessario advertir a respeito do estado actual do Brazil, e quanto aos mais nos referimos a nossa carta que vae com este papel.

Escripto no Recife a 14 de Janeiro de 1638. (1)

J. Maurice, Conte de Nassau.
M. van Ceulen.
Adriaen van der Dussen.

Por ordem de S. Exc.

S. Carpentier.

(1) A copia impressa traz a data de 18 de Fevereiro de 1[illegible] A data verdadeira é a da copia manuscripta, 14 de Jan[illegible] de 1638, poisque este relatorio foi remettido aos directores [illegible] Companhia pelo Supremo Concelho com a carta de 15 de [illegible]neiro do mesmo anno, onde delle se faz menção: « *senden [illegible] hiernevens een discours over den tegenwoordigen staet [illegible] Brasil* ... »

N. do Trad.

RELAÇ...

ANNO DE 1637		COMPRADORES
Mezes	*Dias*	
Maio	27	Jacob Stachouwer . . . .
		Willem Doncker, commissario
	28	Elbert Crispyns. . . . .
		Gaspar Dias Ferreira. . . .
		Jacques Hack . . . . .
	30	Sigismundo Schop e fiscal d... Ridder. . . . . . .
		Servaes Carpentier. . . .
		Hans Willem Louisen. . .
Junho .	6	Willem Schot . . . . .
	15	Gartsman e Wyntges . . .
		Jan van Ool . . . . . .
		Vicente Rodrigues Villa Real.
	17	Duarte Saraiva . . . . .
		Haen e Vermeulen . . . .
		Duarte Saraiva . . . .
		Servaes Carpentier. . . .
	18	Moysés Navarro. . . .
		João Carneiro de Mariz. . .
		H. Schilt

R

1638		COMPRADORES
Mezes	*Dias*	
Abril...	21	Lourenço Ferreira Betar
		Antonio Vieira . . .
	30	Jacob Stachouder e de R
	11	Pedro Lopes Vera . .
		J. Stchouder e de Ridde
		Felippe Paes, resgate .
		Nicoláo de Ridder e Vern

(1) Incompleta.—*N. da R.*

INDICE

PGS.

Pgs

REVISTA

DO

INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRAPHICO PERNAMBUCANO

ABRIL DE 1888

NUMERO 35

RECIFE
Typ. de F. P. BOULITREAU
Successor de G. Laporte & C.

1888

REVISTA

DO

INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRAPHICO

PERNAMBUCANO

ABRIL DE 1888

NUMERO 35

RECIFE
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
1888

DOCUMENTOS

PELA MAIOR PARTE EM PORTUGUEZ

Archivo van Hilten

CARTA DO CORONEL ARTICHOFSKY AO CONDE MAURICIO E AO CONCELHO SUPREMO DO BRASIL. (1)

Traduzida do hollandez

Bem nascido conde, gracioso Senhor!
Honrados, sabios e prudentes Senhores do Supremo Concelho do Brazil!

Sendo chegado á patria, encontrei a Companhia das Indias Occidentaes mui perigosamente perturbada por disputas intestinas. As Camaras da Zelandia, do Mosa e *Stadt en Landen* tem defendido calorosamente em numerosos e mui curiosos arrasoados,—bem como obteve de Suas Altas Potencias decisões neste sentido quasi por quatro vezes confirmadas—que o commercio do Brazil é privativo da Companhia, sendo delle excluidos em geral os particulares e especialmente os accionistas, com affirmarem que deste modo a Companhia se fará mais rica, e que, sem embargo disto, as terras conquistadas poderão ser povoadas. A Camara de Amsterdam sustenta pelo contrario que, si o commercio fôr livre a todos, o Brazil se povoará melhor e tendo grande numero de mercadores attingirá a maior florescimento, porquanto, resultando d'ahi o augmento das regalias, das safras da terra, dos seus

(1) Esta carta foi publicada na *Kroniek van het Historisch Genootschap* de Utrecht, 1869.

fructos, dos fretes, passagens, dizimas e redizimas (além do que puder a Companhia contribuir com o seu commercio e economia), o estado da mesma Companhia virá a ser mais rico, mais poderoso e mais firme do que sel-o-ha com o monopolio ou por qualquer outro meio.

Eu tenho lido todos os escriptos e meditado muito sobre esta materia; sahiria mui longo resumir aqui todos os argumentos que se tem feito valer *pro* e *contra*. Creio que todos os escriptos, apresentados de parte a parte, tem sido enviados a V. Exc. e a V. Ss. pelas Camaras; e me é impossivel copial-os, porque encheria cerca de cem folhas de papel. Em todos os discursos, principalmente em dous arrazoados mui desenvolvidos, e nas impugnações que foram oppostas, nos calculos feitos por ambas as partes e apresentados uns contra os outros, os Zelandezes e os das outras Camaras, que os acompanham, serviram-se de quatro razões principaes, que comprehendem todas as outras de menor importancia, a saber: o texto e a natureza da outorga que reserva o commercio somente para a Companhia; maiores lucros, si o commercio pertencer somente á Companhia; sufficiente poder da Companhia para ella só promover o commercio, si os particulares não o prejudicarem; a desigualdade em que se acharão constituidos os accionistas pela desigualdade dos lucros, si o commercio fôr aberto aos particulares.

Eu bem comprehendia que homens tão intelligentes e tão amantes da prosperidade da patria e da Companhia, como são os que compõem as ditas Camaras, não formaram taes juizos sem causa. Eu via tambem quão difficil me seria escolher o melhor em tão *ancipi questione*. Receiava que a minha opinião offendesse um dos dous partidos, os quaes ambos se compoem de amigos caros. Nada obstante, não me seria agradavel ver ou ouvir dizer que esta Companhia, por cuja prosperidade passei tantos trabalhos e perigos, verti tantas got

tas de suor, e por vezes tambem o meu sangue, ia mal; de boa vontade eu teria representado a todos alguns enganos, em que abertamente cahiram, por não conhecerem o actual estado das cousas no Brazil, como eu o conhecia, ou como é na realidade; mas eu não tinha ensanchas de o poder fazer.

Logo que voltei da Assembléa dos Dezenove, vieram visitar-me os delegados da Zelandia, Mosa e Groninga, e, vendo que o meu sentimento era diverso do delles, pediram-me mui positivamente que eu não fallasse nesta questão, que já havia passado e como que estava sopitada entre elles, dando a entender que me exprobariam, si eu de novo os inquietasse; de modo que eu não podia fallar sem incorrer em odio, salvo si fosse interrogado por ordem superior. Conservei-me silencioso á espera que S. Alteza ou Suas Altas Potencias me interrogassem a tal respeito; mas isto foi tambem obstado. Como eu tinha de fazer o meu relatorio em Haya, vieram juntar-se commigo commissarios da Assembléa dos Dezenove tirados de cada Camara, os quaes não quizeram consentir aos de Amsterdam que eu fosse interrogado sobre esta materia ou nella tocasse *in senatu*. Observei tambem que fizeram com que Suas Altas Potencias não me interrogassem. *Sic qui mala sua celant, non mala ipsæ, sed malorum remedia auferunt.* Accresce que introduzio-se aqui esta peste, quero dizer que as Camaras discutem esta questão entre si com tanta vehemencia e acrimonia que se injuriam reciprocamente, bem como a honradas pessoas, tanto do Brazil como d'aqui, que impugnam o monopolio, qualificando-as de corrompidas por terem sido compradas com dinheiro ou com grandes ordenados e adiantamentos. Assim que não era trabalho facil para mim fazel-os subitamente acceitar uma melhor opinião, principalmente em uma epocha como a em que cheguei, pois tanto Sua Alteza e como Suas Altas Potencias estavam preoccupados com mais importantes negocios de guerra.

Por consequencia este negocio, aqui tão mal succedido, não pode ser de novo tomado entre mãos senão por V. Exc. e com intervenção do Brazil mesmo; sondados os animos dos moradores e mercadores d'ahi, examinada de um modo cabal a situação da terra, represente-se fundamentalmente e pela primeira vez a verdade, assim ás Camaras como a Suas Altas Potencias.

Para auxiliar nisto a V. Ss., conforme as minhas forças, pareceu-me que eu não devia deixar de lançar neste papel a minha opinião em termos breves. Em duas partes poderei comprehender tudo o que ha a dizer: na primeira mostrarei em que foram mal informados, fallando sob censura os Senhores Directores das respectivas Camaras da Zelandia, Mosa e *Stadt en Landen*, e por sua vez mal informaram a Suas Altas Potencias, e refutarei summariamente os argumentos que elles trouxeram ao debate; na outra parte, depois de tratar do engano em que tambem cahio a Camara de Amsterdam (fallando sempre sob censura), apontarei os meios pelos quaes se podem unir as partes contendoras, e se pode obstar a desigualdade dos lucros, e o Brazil ser vigorosamente colonisado, vindo a constituir um Estado firme, poderoso e florescente.

Primeira Parte

Parece-me que as supraditas Camaras tem promovido um negocio mui pernicioso á Companhia, tanto mais pernicioso quanto isto se fez em uma occasião muita inopportuna. Suppoem ellas que o tempo e a situação são agora favoraveis para se ganhar muito, que o Brazil pode presentemente proporcionar os lucros que calcularam nas suas allegações. Eu não penso assim. O Brazil nunca foi tão pobre como é actualmente. Durante muitos annos, quando o inimigo era ainda senhor do campo, a nossa tropa não fez outra cousa senão queimar e destruir os engenhos. Depois da victoria

que Deus nos deu, começavamos a proteger os engenhos, e eis que o inimigo durante todo o anno de 1636 não fez outra cousa senão tocar fogo nos cannaviaes, levar os negros, queimar os engenhos que podiam ser queimados, destruir aquelles que, por serem feitos de pedra, não podiam abrasar ás pressas, aprehender e saquear os moradores, de modo que a realidade das cousas está muito longe de corresponder aos calculos que as ditas Camaras fizeram.

A representação que por occasião de partir do Brazil entreguei a V. Exc e a Vv. Ss. (a qual tambem apresentei aos Dezenove e a Suas Altas Potencias) mostra assás a pobreza e miseria actual da terra ; mas parece que não a receberam a tempo, e tambem que nem todos a leram com attenção. Nos escriptos das partes contendoras se mencionam com os seus nomes e sobrenomos 160 engenhos que existiram outr'ora nas quatro capitanias conquistadas ; suppõem as Camaras, e tem por concedido em suas controversias, que delles existe ainda a quarta parte *in suo esse*. Mas, ah ! que engano ! Creio que apenas a oitava parte se encontrará, e esses mesmos mal providos e fornecidos de tudo para effectivamente moerem. Donde virão pois os milhares de caixas de assucar que figuram nos calculos ? Si a terra não fôr povoada, si não der safras e novidades, a quem serão enviadas as mercadorias, os carregamentos, de que se demonstram tão grandes lucros e avanços ?

As mesmas Camaras não se deviam illudir por causa dos assucares que os particulares ainda acharam ahi nos dous ultimos annos, beneficiaram (?) e negociaram, os quaes já se acabaram, e com elles todos os assucares velhos foram levados para fora da terra ; e quanto aos assucares novos, á vista da pobreza e da actual desolação, creio que não se poderá produzir ahi duas mil caixas por anno. As Camaras não deviam tambem enganar-se com os carregamentos que os particulares para lá leva-

ram ; d'ahi não se segue que outro tanto possa ser enviado annualmente (estando a terra em tal estado), nem que esses carregamentos já tenham sido negociados. O melhor das mercadorias ainda está nas casas, nas lojas, o que se vendeu fiado aos Portuguezes sobre as safras futuras ainda não foi pago, de sorte que não ha grande prudencia nos calculos que umas e outras Camaras aceitaram como uma estimativa e propozeram por modelo. isto é, que despenderiam 13 1/2 toneis de ouro na mantença da terra e dos soldados (o que aliás não é bastante), e em retorno haveriam mais de 14000 caixas, pois já acima ficou patente que, não havendo maior população, mal poderão tirar duas mil caixas. E como se pode admittir que as Camaras contem com futuras e tão incertas contingencias para fazer face aos seus encargos annuaes, que estão especificados nos calculos, e são certos e infalliveis ? Admiro-me pois de que uma das partes tenha dado *pro firmo* o que não é, e a outra tenha dado isto mesmo quasi que *pro concesso*, discutindo-o tão frouxamente !

Além destes erros, em que laboram as Camaras por não conhecerem o estado actual do Brazil. ainda é mais de admirar que cahissem em outros por teimosia (?), procurando apoio em manifestos enganos sobre o negocio mesmo. Tendo as duas partes contendoras aceito *pro præsuppositio*, a estimativa mencionada de 13 1/2 toneis de ouro, e tributadas as mercadorias em 50 0/0, conforme o costume antigo, os de Amsterdam demonstraram que. si se conservasse o commercio livre a todos, poder-se-hia ganhar em virtude das regalias, dizimas e redizimas, passagens, balanças, fretes, fructos e novidades da terra, sem correr o minimo risco, 25 tonneis de ouro, isto é, tanto ou mais do que ganharia a Companhia, si ella somente fizesse o commercio, correndo o maximo risco, e supprindo com o seu trato as regalias e todos os direitos. Os Zelandezes porem e as outras Camaras do seu

partido propunham que se onerassem as mercadorias com mais 50 0/0, com mostrarem que deste modo se podia ganhar 50 tonneis de ouro, em vez de 25, como si isto fosse praticavel. Não attenderam que não está em suas mãos levantarem o mercado do assucar tanto quanto queiram, visto como não é somente nas quatro capitanias conquistadas que se fabrica e onde se pode haver assucar, mas tambem em muitas outras partes do mundo; e, ainda quando elles dispuzessem do mercado, não attenderam tambem que, si quizessem elevar tanto (o preço de) todas as cousas, destruiriam o *nervum* de todos os lucros, isto é, os moradores do paiz. Dado que a Companhia dobrasse os soldos dos soldados, nem por isso elles poderiam viver, porquanto ser-lhes-hia necessario muito dinheiro para poderem comprar pão e generos de tão altos preços.

Muitas outras considerações ponderosas apresentadas pelos de Amsterdam não foram attendidas pelos seus adversarios, em razão de sua má opinião. Assim os Amsterdamenses fizeram sentir que um trafico tão geral por parte da Companhia não podia ter bom exito, sendo certo que os generos molhados e gordurosos perderiam a oitava ou nona parte por escoamento em tão dilatadas viagens para climas tão quentes, e outras mercadorias se corromperiam e não perderiam menos; que o sustento de tantos empregados e os furtos de toda a sorte seriam mui gravosos á Companhia; que as fortunas do mar e de inimigos, as invasões destes na terra, os incendios fortuitos (riscos estes que se não seguram) poriam tudo em perigo. Representavam finalmente que não somente era indecoroso, senão tambem incompativel fazer o commercio, e nas questões que occorressem ser ao mesmo tempo queixoso e juiz. Mas a nada disto se attendeu.

Eu via ahi muito escarneo, muita peça que pregavam uns aos outros, ora querendo que as mer-

cadorias dos particulares, anteriormente remettidas para o Brazil mediante permissão, fossem entregues á Companhia, ora exigindo que o dinheiro particular, tambem remettido para o Brazil com licença, e depois de pagos aqui os direitos, voltasse á Hollanda sem avanço, e até não consentindo que mandassem vir d'aqui berços, objectos para crianças, vasos de barro e outras cousas pequenas, grosseiras e de nenhum valor, e necessarias para o commodo da casa. E de tudo o mais lamentavel é que por causa dessas bagatelas recorriam sempre ás Suas Altas Potencias, annullando assim por amor de nonnadas o seu direito, a sua outorga, o seu poder, como si não tivessem os Dezenove, o seu *senado*! Tão facil é á raça humana precipitar-se na extrema ruina, quando são as paixões que prevalecem.

Em summa, eu estava afflicto com todo esse procedimento; mas, para voltar á nossa questão, ainda mais afflicto estava eu por causa da minha inepcia, que não me permittia comprehender como elles persuadiram aqui uns aos outros que poderiam ganhar mais somente com o capital da Companhia do que, pelo decurso do tempo, com os innumeros capitaes dos particulares. Presumo que a parte não pode ser maior do que o todo. Em sua proposta estimativa de 13 1/2 tonneis de ouro deixavam elles entrever qual o capital com que pretendiam fazer o commercio; admitto porém que todos juntos possam formar um capital tres vezes superior ao dessa estimativa, a saber, cerca de 4 milhões, e isto é tudo quanto podem. Pergunto si é possivel ganharem mais sobre esses 4 milhões, ainda tributando as mercadorias do modo o mais desarrasoado, do que sobre 10, e, pelo decurso do tempo, 20 e mais milhões dos particulares? Penso que não, e a estimativa mostra o contrario.

Investigando qual a causa porque tão graves e importantes razões não tem sido assás considera-

das, achei que são as queixas vindas do Brazil mesmo sobre os mercadores de Amsterdam ; com essas queixas as outras Camaras de tal modo denegriram aos olhos de Sua Alteza e de Suas Altas Potencias a de Amsterdam que não se lhe prestaram ouvidos nas cousas mais razoaveis. As pessoas principaes e mais intelligentes, que opinavam contra o monopolio, como o Sr. Aernem, o Sr. Coenradus, o Sr. de Laet, visto como não eram mercadores, ficaram tão desacreditados por causa daquella Camara, e tambem de tal sorte se zangaram e irritaram que a metade delles se ausentou destes negocios, por não quererem soffrer quebra em sua dignidade, e tambem por supporem que a cousa poder se-hia salvar, e que era impossivel que, em contrario a tão ponderosas razões e sem informações exactas do Brazil, se resolvesse sobre isto tão depressa. Entretanto as outras Camaras, comquanto não estivessem melhor informadas, e cada vez mais se irritassem com as cartas vindas do Brazil, foram por deante com tanto calor e instancias que não descançavam noite e dia, e por isso succedeu este mal. V. Exc. e Vv. Ss. sao obrigados a não deixar que se anniquile a prosperidade da Companhia, devendo representar sobre tudo com a maior pressa e diligencia que for possivel ter.

Vv. Ss. devem tambem informar melhor ahi os Srs. Seroskerker e Robberts que tem incitado muito as Camaras. Como a Companhia, levada pelos seus avisos a um máo caminho, ha de commetter um notavel erro, vejam elles como no futuro se hão de salvar do odio publico. Receberam-se aqui no mesmo dia duas cartas do Sr. van der Dussen : na carta geral affirmava elle que o commercio devia ser livre a todos, e na carta particular a sua Camara affirmava que o commercio devia ser privativo da Companhia ! Dest'arte não somente se irrita esta gente d'aqui, como se lhe transvia o espirito e abate-se-lhe o animo. Alguns

dos directores, e tambem alguns dos accionistas. pesarosos e perplexos com tal confusão, me disseram que a Companhia e todas as suas conquistas não valiam dous *stuyvers*.

Pelo que fica referido Vv. Ss. bem comprehenderão como a causa publica foi de improviso precipitada, e por isso creio eu que Vv. Ss., prevenindo o damno da Companhia, sem aguardar ordem ulterior, pela primeira vez não se conformarão com as resoluções aqui tomadas.

O melhor systema é deixar-se livre o commercio particular ou para sempre, ou pelo menos até que esse paiz se ache constituido em melhores condições. As razões são estas.

Os dous partidos concordam em que a salvação e a prosperidade da Companhia dependem da colonisação do Brazil, e assim é, porque como poderá haver muito assucar e muitos fructos senão em virtude do trabalho, da diligencia e das despezas de muitos homens? A quem poderão ser vendidas muitas mercadorias senão a muitos homens habilitados a compral-as pelas suas colheitas? Poderá a Companhia reduzir as despezas que faz com as suas guarnições, fortificações e provisões de guerra, a não ser quando houver ahi muitos homens em condições prosperas que as possam supportar quasi sem as sentir, muitos moradores que vivam sobre si, e possam prover á sua propria manutenção? Ora, si aquellas resoluções permanecerem vigentes, vejo eu que fica impedida a colonisação.

Temos o maximo interesse em que hajam muitos Hollandezes, não somente pobres, mas sobretudo ricos, uns para grangear o dinheiro dos Portuguezes, pagando-se com os assucares de todo beneficiados (que a Companhia quer agora chamar a si), e outros para terem elles mesmos engenhos, e empregarem os seus capitaes em negros, bois, assucares, obras, etc., o que os pobres não podem fazer. Mas quem quererá agora pro-

ceder assim, si na patria pode, a seu bel-prazer, com maior liberdade, empregar o seu dinheiro no negocio e ganhar, sem se pôr sob a dependencia da boa vontade de estranhos, que de ordinario costuma ser mesquinha? Propostas para a colonisação do Brazil, como fizeram as Camaras em seus escriptos, reservando para a Companhia o commercio em grosso, deixando aos outros ou aos moradores o commercio a retalho, não attraem os ricos, mas somente os pobres, que se contentam com ganhar o sustento quotidiano e pouco podem contribuir para o florescimento do paiz.

Além dos Hollandezes, tambem nos interessam os estrangeiros. Com Hollandezes somente não se póde povoar reino algum. E que estrangeiro ha ahi que venha voluntariamente pôr o pescoço debaixo de tal jugo?

Interessa-nos tambem que os velhos moradores portuguezes não se vão; mas estes, sendo catholicos, e podendo mover-se e commerciar franca e livremente nos dominios do seu rei natural e catholico, gozando ainda de tantos favores como os que gozavam, se esquivarão, e somente ficará a gente miseravel, que não dispõe de meios para poder ir-se embora, e destinada a morrer de fome.

Nos escriptos, que se tem apresentado, se tem feito assás notorias ás Suas Altas Potencias as franquezas e liberdades dos Portuguezes. Vv. Ss. sabem tambem que nós nos compromettemos a lh'as guardar tal como elles as tinham sob a obediencia do rei de Hespanha, *mutatis mutandis* quanto á religião e á nossa supremacia. Nós os fizemos jurar, e assistimos ao acto de cabeça descoberta, e invocamos o nome de Deus, depois que elles prestaram o juramento; nós todos, que estavamos presentes por parte ou como representantes da autoridade, lhes demos solemnemente nossas mãos como garantia de que lhe guardariamos a nossa fé e palavra. Eu corro-me de vergonha, lendo nas allegações das Camaras que não

somos obrigados a guardar a palavra dada aos Portuguezes, porque elles teem sido algumas vezes desleaes. E' verdade que a maior parte tem sido muitas vezes desleal, mas não todos; um certo numero delles se tem conservado ao nosso lado sobre esses nada ha que dizer, e muitas vezes nos tem sido prestimosos. Não tem cabimento perguntar agora si os Srs. Conselheiros tinham poderes para obrigarem-se por taes condições e juramentos. Elles foram enviados ao Brazil pela Companhia das Indias Occidentaes e trataram em nome della; si claudicaram, deve a Companhia soffrel-o, já que enviára delegados que podiam claudicar. Não ha zombar com o que está escripto: « não usarás em vão do nome de teu Deus ».

Este meu trabalho sahirá um pouco mais longo, mas não ha perigo: devo refutar algum tanto mais desenvolvidamente as razões, a que as Camaras dão tanto valor.

Na 1ª secção do extenso arrazoado das Camaras descontentes, como em outros escriptos, se diz que a outorga foi dada somente áquelles que arriscaram o seu dinheiro na Companhia para a guerra, e não aos particulares. Respondo: é justo que se conceda e não se conteste isto, porquanto até o presente poucos proveitos della tiraram. Mas por isso não fica vedado que a Companhia tolere o commercio particular, si isto lhe for vantajoso. As palavras da outorga são bem positivas: «*prosperidade destes paizes*», e o bem-estar e a prosperidade dos seus habitantes dependem do commercio e da navegação.

Nunca se deu, nem se pode dar, outorga que sirva para prejudicar a Republica, ou esse prejuizo seja commum aos seus membros ou recaia sobre algum delles. Esta incontestavel regra de todas as policias, que no mundo tem existido, os Romanos exprimiam por esta formula: *salus populi suprema lex esto*; de modo que a allegação de pertencer o commercio á Companhia não

aproveita, si se não provar que tal commercio tende á conservação da Companhia e á prosperidade da patria. Qual será essa prosperidade, si se levasse erroneamente a Companhia por um caminho tão escorregadio que ella facilmente poderá cahir, fazer se em pedaço e causar detrimento e afflicção á Republica? A outorga lhe foi dada, quando o Brasil estava ainda no seu estado de florescimento, quando era bem povoado, e havia ahi bastante gente e fazenda. Si as cousas tivessem permanecido neste estado, não haveria muito que objectar; de boa vontade se lhe concederiam os lucros pelos seus bons serviços, trabalho e risco dos capitaes empregados (si este privilegio lhe devesse sempre pertencer, comquanto muitos haviam de sustentar que o gozo dos proveitos devêra ser restricto ás regalias e alguns maiores favores, e não poderia ser levado a um monopolio absoluto). Mas agora a situação está tão mudada em razão da duradoura guerra que poucos generos se pode d'ahi tirar; a gente é pouca, pouco o dinheiro, poucos os fructos que no Brazil ha para mandarmos para lá com avanço as nossas mercadorias. Para que se possa promover o commercio, a terra deve ser primeiramente bem cultivada e povoada, mediante grandes despezas. E como pode isto acontecer, si somente á Companhia, e a ninguem mais, se deixar a colonisação do Brasil; si somente a elles, e a mais ninguem, ficar a cultura e os preparos necessarios para se obter o desejado incremento? Pode tamanho encargo ser desempenhado com os tenues recursos e a esgotada bolsa da Companhia? Porque não se ha de chamar antes *todo o mundo*, e deixar sobre os hombros dos particulares, que quizerem ir, uma vez que tenham meios para trabalhar e correr os riscos, uma boa parte, diremos mesmo, a maxima parte desta pesada tarefa? *Ubi populus ibi opulus.* Haja no Brazil muita gente, contribuindo cada um mui pouco para a Companhia, isto fará mais, sem despezas ou risco (da parte della) do que os

13 1/2 tonneis de ouro de que se trata nos calculos. Não ha nenhuma probabilidade de que o Brazil seja melhor povoado e melhor cultivado por poucos do que por muitos.

Das razões passemos aos exemplos. Recentes experiencias que temos debaixo dos olhos nos estão ensinando assás o que cumpre fazer Nos annos passados, em que somente a Companhia fazia a navegação do Brazii, a terra era tão deserta, pobre e triste, que não se empregava um páo, nem uma pedra para a sua cultura. Não havia quem pela melhor casa do Recife quizesse dar um par de mil florins, ou aceitar por nada e edificar os melhores terrenos. As casas não tinham conservação, e a chuva as fazia cahir em montão e em grande numero. Agora porém, antes da minha partida, se observava o contrario ; com quanto os particulares tenham commerciado ha apenas anno e meio, o Recife é maior outro tanto do que era outr'ora. Já não se podia achar logar para edificar, e tao bellas casas tem sido construidas que não se pode comprar uma por 20,000 florins ; um pequeno pedaço de terra, um máo terreno, vendia-se por alguns mil florins ; as casas se alugavam annualmente por 2,000 e 2,400 florins. Desta arte o Recife já se podia guardar a si mesmo com a sua propria burguezia, e independente de guarnição, alliviando assim a Companhia deste onus. Além do prazenteiro aspecto que offerecem bellos predios, elles servem ainda mui bem de fortificação a si mesmos, construindo-se as casas n'agua despostas em linha, com o que deixam de ser necessarias as despezas, que d'antes se faziam, para levantar parapeitos sobre palissadas postas n'agua (1) Si, durante mais um anno, essa gente não ou

---

(1) Bechalven het pleysant aspect van schone gebouselen soo fortificeerdense haer selfften noch alree heel schoon, nae d rye de hyusen int water settende, dat men nu de voorige oncosten om de borstweringen op de palissaden int waeter te layenite van doensal hebben.

visse fallar em taes disputas, veriamos naquelle logar, não um exemplo somente, mas um milagre de rapido povoamento.

E que melhor exemplo se póde propor do que estes mesmos Paizes Baixos? Si não fôra a grande copia de particulares, que forças, que meios teriam os Paizes Baixos, havidos somente do Estado e dos capitaes publicos, para occorrer a tão enormes despezas, como as que fazem? O que tem feito Amsterdam, entre outras cidades, tão esplendida, senão o grande numero de particulares, podendo não somente os Hollandezes, mas os estrangeiros de todas as nações do mundo mover-se e fazer livremente nella o seu commercio?

As supraditas Camaras acharam tambem um exemplo (admira que um no mundo houvesse), a saber, a Companhia das Indias Orientaes. Mas este exemplo não é bem adequado á questão, visto como a Companhia das Indias Orientaes não prospera, porque possue algumas ilhas, onde exerce o seu monopolio, e sim porque, sem monopolio, dedicou-se ao commercio e trafica com as nações e reinos visinhos. Penso tambem que, si esta Companhia franqueasse o commercio aos particulares, seria dez vezes mais poderosa do que é; seria já uma republica, ao passo que actualmente ella não é em suas ilhas mais do que um *ergastulum servorum*, o que não é necessario que nos ensine. Quando isto fôr bem comprehendido, o Brazil será destinado a um estado mais elevado e não para tal baixeza. E outras são as suas condições: é possivel coagir a gente das ilhas das Indias Orientaes, pois que dellas não podem sahir nem melhorar a sua condição de servos; não se pode porem coagir a população do Brazil, onde cada qual tem campo aberto para se ir embora e procurar logares onde passe melhor. Além disso, ha ahi mais alguma cousa do que acima fica dito. A Companhia das Indias Orientaes pode fazer monopolio, porque ninguem, excepto ella, pode trazer especiarias, e

por isso lhe é dado levantar o preço do mercado e forçar o consumidor a comprar ainda por preços exagerados; outro tanto não pode fazer a Companhia das Indias Occientaes com o assucar, pois si lhe levantar muito o preço, os proprios Hollandezes o buscarão na Hespanha, em outras capitanias do Brazil, na ilha de S. Thomé ou em outras das Indias Orientaes, e aqui, ou em Hamburgo, ou em Dantzig o venderão, o que conterá a Companhia.

Quanto á razão de obter a Companhia maiores proveitos, si tiver o monopolio do commercio, e a de ser o seu poder suffiiciente para promover o mesmo commercio, caso não seja prejudicada pela concurrencia dos particulares, digo que acima já ficou demonstrado que ha mais generos, mais que comprar e mais que vender onde muitos homens moram, trabalham e despendem do que onde ha pouca gente; que, com mercadorias, mais se ganha sobre muitos do que sobre poucos; que em fim é certo que ha mais poder em muitos do que em poucos.

Muito me admirou ler nos escriptos das Camaras que, apezar de terem a vantagem de perceber direitos, fretes, etc., e apezar de gozar de favores nas mercadorias que escolherem, comtudo suppõem ellas que, si o commercio dos particulares fôr favorecido conjunctamente com o seu, deixarão de ter privilegios que colloquem a Companhia acima dos particulares, e que, dest'arte, se poderá levantar companhia contra companhia; e até vão tão longe que contra si mesmo escreveram isto: « para que o commercio seja feito de um modo conveniente e pacifico, queriam tomar ao rei suas terras e acabar com os direitos e regalias que elle nellas tinha. » O que quer dizer *tomar ao rei as suas terras*? Isto não pode significar senão tomar ao rei *seus direitos e regalias*. Por ventura o rei de Hespanha teve jamais no Brazil, como em alguma outra região, mais do que as

suas *regalias*? O mais não lhe pertencia, senão ao homem do povo. Creio que não se faz guerra ao genero humano; creio que não se quer tomar áquelles, que se submettem á nossa obediencia, os meios de vida que Deus lhes deu.

E' manifesto que até esta hora as Camaras não sabem ainda qual é a magnitude da obra que ellas tem entre mãos no Brazil. Os embaixadores Scythas, achando-se em face de Alexandre, lhe disseram, segundo Curtius: « *Si Dii habitum corporis tui ariditati animi parem esse voluissent, orbis te non caperet...* ; e mais: *sic quoque concupiscis quæ non capis...* » O Brazil é uma região tão vasta e capaz, que nem os pequenos recursos da Companhia, nem os grandes meios do rei de Hespanha, poderiam fazer com que em muitos annos as suas terras fossem povoadas e cultivadas, como presentemente se acha a Hollanda. No tempo em que o Brazil estava no seu mais alto gráo de florescimento, quando os seus 160 engenhos existiam, nem por isso tinha cultivada ou povoada a decima parte do seu territorio. Encontram-se os engenhos esparsos aqui e acolá; da costa para o mato o territorio era somente cultivado na extensão de cinco, seis, ou quando muito sete e oito leguas; afora essa zona, os melhores e mais bellos campos se achavam tão desertos como actualmente. As quatro capitanias conquistadas, do norte para o sul, têm de littoral 120 leguas, e de leste para oeste, ou para o interior, dilatam-se até onde se queira ir: si se quizer occupar o territorio atè 600, 700 ou 800 leguas, se poderá fazel o. Creio que não se encontraria resistencia até as cordilheiras do Perú! E pois como é possivel que a Companhia somente com o seu fraco poder, sem o auxilio dos particulares, effectue tão grandes cousas? Porque não se ha de permittir que quem quizer fazer assento ahi, possa exercer a sua industria e estabelecer-se ao lado da Companhia, contentando-se esta com os costumados direitos e regalias, que não somente

são as mais seguras e honradas rendas de todo o governo, senão tambem as maiores? Donde procedem as enormes e inaccreditaveis rendas dos Paizes-Baixos senão somente dos seus direitos e regalias, sem que os magistrados trafiquem, ou tenham tempo para traficar?

Os calculos das rendas do Brasil, que uma e outra parte tem feito, mostram uma grande maravilha. Moram no Brasil mui poucos particulares, e entretanto os Amsterdamenses demonstraram que, não se excluindo os particulares do commercio, e sem pôr-se em risco os dinheiros da Companhia, o Brazil pode dar 25 tonneis de ouro contra 13 1/2 tonneis (de despezas). Quanto produziria então si sendo franco aos particulares e ao commercio, estivesse repleto de gente, e crescesse em fructos e novidades? Pelo decurso do tempo o rendimento subiria a uma somma tres, quatro, cinco vezes superior. A prosperidade dos moradores attrahiria outros para ahi, e deste modo, si a Companhia esperasse tres ou quatro annos, essa curta paciencia de sua parte seria recompensada com grandes riquezas. Si quizer, pelo contrario, enricar precipitadamente, e *per fas nefasque* tomar tudo o que se puder haver, é certo que o começo não lhe será desagradavel, mas o fim ha de ser amargo, visto como as rendas, em vez de augmentar, irão minguando de dia em dia, á proporção que os moradores succumbirem, e abandonarem o trabalho e a industria que não lhes serão proveitosos. Que importa que as Camaras, com excluirem os particulares e onerarem excessivamente as mercadorias, façam figurar nos seus calculos 50 tonneis em vez de 25, si esta dita não será de longa dura? O paiz, sendo bem depressa privado de população e de cultura, perecerá afinal, e isto com grande perigo do proprio capital!

Note-se que os seguradores não poderão segurar este risco. Porque razão fazem as Camaras em seus escriptos tanto fundamento sobre o seguro, e

que não passa de uma chimera? O seguro de tão grandes capitaes não é praticavel, e, quando praticavel fosse, não vejo que deste modo se possa remover os riscos, porque os seguradores estão tambem sujeitos á fallencia.

Os que fazem industria do mel de abelhas, não tiram todo o mel que ha no cortiço, mas somente o superfluo, deixando o que é necessario para o sustento dellas; e, quando não procedem assim, as abelhas morrem, e o industrioso não obtem mais mel. E' o que acontecerá á Companhia, si tiver mais em attenção o *mel*, isto é, os lucros, do que as *abelhas*, isto é, os moradores da terra. Porque não será melhor que a Companhia trafique com o seu dinheiro, como bem puder empregal-o vantajosamente, e ao mesmo tempo receba uma parte dos lucros do commercio e dos particulares por meio de dizimas, redizimas, direitos, fretes, balanças, passagens e toda a sorte de regalias, sem impedir a população, poisque, não sendo assim, as regalias serão diminutas? Tem-se entendido, e já assim se deliberou anteriormente, que o capital da Companhia pode ser empregado com mais segurança em viveres, generos molhados e gordurosos, e metal. Si accrescentarmos a isto as minas de prata, que ahi se estão descobrindo (si descobrirem?), a Companhia achará bastante emprego para o seu capital, poisque para isto é necessario não pequeno trabalho, e ha muito que ganhar. Os viveres são tambem mercadorias que proporcionam lucros: despende-se o dinheiro com uma mão e com a outra se o recebe de novo. E si sobrar ainda dinheiro para ser empregado, o que não creio, pode a Companhia tomar a sua conta de 10 a 20 engenhos para cultival-os e custeal-os, e haver os respectivos lucros. Para mais não dá o pequeno cabedal da Companhia, e ou os particulares empregarão o seu dinheiro, ou a terra ficará deserta.

Tambem não posso tolerar a fraqueza das Camaras, quando dizem em seus escriptos que a

Companhia ainda não ganha nada, e cada anno se atraza, pelo que entendem que o melhor meio de auxilial-a é entregar-lhe o commercio. Já acima mostramos o contrario, fazendo ver que para a colonisação é mais vantajoso que o commercio seja livre a tod.s; e, quanto a essa fraqueza, pergunto em que é que a Companhia até aqui tem querido ganhar? Ha apenas um mez que as quatro capitanias do norte foram pacificadas, e se lançou o inimigo para o outro lado do S. Francisco, donde não poderá mais estorvar-nos e prejudicar as nossas terras. Agora é que começamos a ver o que nos convem, e ainda que nos dous primeiros annos a Companhia se atraze um pouco, não se deve por isso acobardar, uma vez que os seguintes annos a recompensarão pelo decuplo: *sat citò, si sat benè.* Não devia mesmo acobardar-se, ainda quando nesse entretanto as guerras perturbassem o nosso successo: tal agua, taes peixes. A Companhia não perecerá (Deus não o permitta), uma vez que possamos cultivar a terra. O bom tempo ha de vir: o inverno precede sempre o verão. E si isto se fizer esperar muito, a prorogação da outorga permittirá a cada um fartar-se.

Releva accrescentar que ás Suas Altas Potencias interessa muito receber das mãos da Companhia esse bello paiz do Brazil florescente e não desolado. A outorga não ha de durar eternamente, e, quando acabar, e os accionistas, bem satisfeitos, fartos e ricos, o largarem, não será melhor que os Estados Geraes o recebam florescente? Mas esse florescimento nunca se ha de obter, si Suas Altas Potencias não enveredarem as Camaras por um outro caminho, e por isso me admiro eu de que Suas Altas Potencias se inclinassem a taes resoluções.

No tocante á desigualdade dos accionistas resultante da desigualdade dos lucros, que alguns delles obterão sob a capa de commercio particular, si este fôr livre, responde-se: *errores non esse al-*

legandos. Este mal pode ser remediado pelos Srs. directores de muitos modos, sem ser necessario perturbar tudo e estorvar a prosperidade da Companhia. Mas eu não alcanço porque será tamanha falta tirar-se algum proveito, não de estranhos, mas dos proprios cabedaes, como for possivel. Si não se quizer permittir isto a alguem sob o regimen da Companhia, o mundo é vasto, esse tal achará, fora da Companhia, dez situações diversas, e não ficará quedo; de modo que é preferivel á Companhia que se negocie sob o seu regimen, para que ella goze os direitos desses capitaes, a que procure alhures outra collocação.

Na parte que abaixo vae apontarei os meios pelos quaes pode ser removido o ciume dos lucros, e por isso nada mais direi aqui sobre esta materia.

Segunda parte

Tendo resolvido na primeira parte as questões mais graves, passo a tratar nesta resumidamente (*sub censura*) de um pequeno desacerto da Camara de Amsterdam, que é o seguinte:

O melhor systema de colonisação não assenta em uma tal liberdade de commercio que quem quizer possa ir (para o Brazil), e, tendo-se locupletado, se retire, contribuindo assim muito pouco para o augmento da população. Nos papeis das partes contendoras se disse com razão que taes mercadores se assemelham aos escaravelhos e gafanhotos que, em tendo comido os fructos, batem as azas, sem concorrerem para a conservação das arvores que desfructam. Por isso quero eu apontar aqui os meios pelos quaes se acharão outros mercadores livres, que não podem ser comparados aos escaravelhos e gafanhotos, e sim aos passaros e outros animaes que no Brezil fazem ninho para o seu alimento superabundante, põem ovos, e por sua lã, leite, carne, prestimo, etc., são proveitosos á prosperidade da terra.

Esses meios, que podem unir as partes contendoras, levantar e firmar a liberdade do commercio, promover vigorosamente a colonisação do Brazil, proporcionar lucros grandes e eguaes aos accionistas, e fazer prospera, estavel e florescente a Companhia, são estes :

Que a todas as pessoas, qualquer que seja a sua nacionalidade, lingua, religião ou condição, se permitta morar e traficar no Brazil, uma vez que tenha o *jus civitatis* ou *indigenatus* desse paiz, e somente esses sejam admittidos (a Companhia o permitta em geral, mas exclua os accionistas). E o *jus civitatis* ou *indigenatus* não deve ser concedido senão a quem fôr *possessionatus* ; isto é, não me refiro ás pessoas que não tem meios ou tem mui poucos, como sejam os artistas pauperrimos, os operarios e jornaleiros, que não devem ser molestados por forma alguma, e que, dando somente o corpo á Republica ao modo romano, podem viver como proletarios, contentando-se com terem habitação e ganharem junto aos ricos o seu sustento, como lhes é possivel, até que um dia se tornem tambem *possessionati*, pois que elles não podem nem devem commerciar no Brazil. Refiro-me somente ás pessoas que tem meios, e esses formam tres classes, a saber, os pobres, os remediados e os ricos. A nenhuma pessoa destas tres classes se deverá dar permissão para poder commerciar, como bem quizer, mas somente para fazel-o com as suas proprias colheitas e fructos do seguinte modo.

Os pobres, como os que vendem a retalho, os que, sem ter casa, vendem por miudo alguma cousa (havida) nas lojas, não devem gozar de grandes favores, mas commerciar somente em uma determinada e pequena proporção ou quantidade, que, a não ser assim, a condição delles seria a melhor de todas, com quanto menos concorram para a população, e elles seriam os primeiros que, em enricando, ir-se-hiam embora. Os burguezes de condição,

os que tiveram casa e jardim (*hoff*), poderão commerciar por grosso (*int ruym*), pagando os direitos, e os moradores remediados, que se estabelecerem no paiz e quizerem se occupar com a industria do fumo, gado, farinha, pesca, ou com salinas, a estes se ha de favorecer muito, e se lhes fará declarar os meios de que dispuzerem, porque, conforme forem os seus recursos e productos, poderão ser favorecidos com mercadorias. Os burguezes ricos ou indigenas, que quizerem commerciar com assucares, esses devem despender com a cultura da canna, e não haverão o direito do *indigenatus* senão tomando engenhos, e mostrando que tem meios, ou dando fiança de que não os abandonarão, mas que pelo contrario os hão de conservar, como convém; e a nenhum delles se permittirá traficar com maior quantidade de assucar do que o da sua propria lavra, e o dinheiro que ganharem com o assucar e seus fructos.

Sob estas condições se deve admittir todos os individuos de qualquer nação do mundo que quizerem ir para o Brasil. E para attrahir colonos mais facilmente, é preferivel dar os predios e terras do Brazil aos que chegarem do que vender-lh'os; pois uma subita população, instigada pela cobiça humana, os pagará, para havel-os de graça, dez vezes mais caro do que si fossem vendidos a pouco e pouco por bom dinheiro.

Deste modo se poderá certamente não só fixar no Brazil as pessoas que já ahi se acham, assim os nossos como os antigos moradores portuguezes, senão tambem attrahir dos Paizes Baixos e de varias partes do mundo homens ricos, pois que estes nem sempre sabem empregar o seu dinheiro com particular proveito; e engrossando assim consideravelmente a população, tambem augmentarão consideravelmente os direitos e as regalias, e a Companhia, sem o minimo risco, virá a ficar constituida em condições superiores áquellas que lhe pode dar o monopolio ou os calculos que os

Camaras apresentaram. Que situação melhor, mais florescente, poderá ella desejar que o Senhor Deus lhe dê? De que outro modo poderá augmentar mais o consumo dos viveres, molhados e gorduras, do metal, de negros? De que melhor modo se poderá lucrar com outras mercadorias (lucros que agora se deseja obter inutilmente), senão tendo a Companhia capitaes bastantes para empregal-os em tantas cousas?

E não se deve cuidar somente de mercadorias e lucros; talvez se façam ainda necessarios artigos ou material de guerra em que se tenha de empregar o capital da Companhia, visto como ouve-se fallar de novo com insistencia nos preparativos do inimigo.

Em tal estado de cousas, poderá haver mais logar a disputas? Poder-se-ha allegar ainda designaldade dos lucros, si todo aquelle que cultivar a terra, a bem da Companhia, gozar tambem dos mesmos proveitos durante a paz, e si cada um dos accionistas houver não somente do seu proprio capital, mas ainda dos capitaes dos particulares, por meio de direitos e regalias, a quota que lhe couber no dividendo? Estes são os verdadeiros *jura et consuetudines* das antigas colonias dos Gregos, Carthaginezes e Romanos; este é o verdadeiro meio de chegar-se um dia a uma *perfectam censuram* que nos permittirá saber o que aquella conquista pode produzir, como e quando poderá viver sobre si, como e quando o seu estado e condição poderão melhorar.

Eis ahi o que me pareceu dever escrever apressadamente sobre esta materia a V. Exc e a Vv. Ss. Deus permitta que escolham o que fôr util á Companhia, e informem ás Suas Altas Potencias para gloria de Deus e prosperidade desta Republica. Si Suas Altas Potencias tivessem querido ouvir-me a tal respeito, talvez não fizessem difficuldade em annullar o que se resolveu, *tanquam obtentum ad mala narrata*. V. Exc. e Vv. Ss. farão agora me-

lhor, de modo que uma vez por todas esta questão seja *exfundamento* resolvida e decidida.

Deus guarde a meus senhores sempre sãos e vencedores de seus inimigos. Muito me recommendo a graça dos meus senhores, de quem serei sempre submisso servo.

Amsterdam, 24 de Julho de 1637.

Cristofle Artischofki.

—

RESPOSTA AO PROTESTO QUE O SR. PEDRO BAS MANDOU A ESTE SITIO, D'ONDE ESTÃO TODOS OS MORADORES DESTA CAPITANIA DO MARANHÃO E EM COMPANHIA DO SR. CAPITÃO-MOR ANTONIO MUNIZ E DO SARGENTO-MOR JUSE GRASES. (1)

Respondendo ao protesto, que por parte do Sr. Pedro Bas e mais senhores do Concelho nelle assignados nos foi apresentado, dizemos primeiramente que fomos tomados contra toda a rezão e trato de pazes, porquanto, sendo tratadas pelo Sr. rei D. João o 4º com os Srs. dos Estados Geraes, e pelo dito Senhor avisados, recebemos em nossos portos seus navios e vassalos, e debaixo destas pazes nos tomaram com treição; e tanto foi isto assim que o coronel capitulou partidos com o governador Bento Maciel Parente, em os quaes em outras liberdades que continham ficou ordenado entre elles que cada um ficaria governando a sua gente, saber, de Sua Magestade e dos Senhores dos Estados. E estes concertos não tão somente os quebraram, e os não quizeram cumprir em nada, mas antes nos obrigaram a jurar vassalagem ao Sr. Principe de Orange, tomando-lhe suas armas, e in-

(1) Extrahido de uma copia em portuguez existente no archivo de Haya.

ventariando-lhe suas fazendas e escravos, no que se mostraram mais tyrannos que conquistadores.

Outrosim, os moradores de Itapecurú, vindo a esta cidade a tratar de concertos com o Sr. coronel, depois delle ter dado saque nesta cidade, e com o Sr. Pedro Bas, apresentaram seus capitulos, que lhe eram necessarios pera sua conservação, os quaes os ditos Senhores lhe aceitaram, e elles (?) sahiram com um papel que tinham feito muito differente dos ditos capitulos e a sua vontade, e nos fizeram assignar á força, tendo todo o seu exercito posto em ala, e entre as cousas que continha era que os obrigavam e forçavam a lhes dar, como deram, 6,000 arrobas de assucar; e não obstante isto, lhes não guardaram cousa alguma das que lhe pediram, antes, depois de ido o Sr. coronel, pelo Sr. Pedro Bas lhes foram mandado tomar suas armas, com que naquelle rio se costumavam defender do gentio selvagem, e emfim todas as mais cousas conteudas no dito papel nunca lhes deram cumprimento, antes foram sempre aveixados assim do Sr. Pedro Bas, como do capitão daquelle forte e dos soldados, como si foram escravos, dizendo-lhe que não tinham cousa alguma de seu, que tudo era do Sr. Pedro Bas, que não tinhamos por mais tempo que, emquanto elle quizesse, e as vidas. E supposto tudo isto, o que mais nos tem escandalisado, é a pouca reverencia que tiveram aos nossos templos e religiões e ministros dellas, profanando-lhe seus vasos sagrados, nossas igrejas e imagens, entrando a cavallo nos mosteiros tomando-lhe seus livros e sinos, tudo depois de sua entrada e saque.

Quanto ás pazes, que o dito Sr. diz tem o Sr rei D. João e os Srs. dos Estados, a nós nos não constou mais dellas que a carta que Sua Magestade nos mandou, que elles nos não quizeram guardar quando nos tomaram; e ora os dias passados nos publicaram umas que diziam serem as pazes, e em lingua framenga, e explicadas por Antonio Rodri-

gues Gouveia, portuguez, que foram muito festejadas delles; mas, não obstante a capitulação, nos começaram geralmente a molestar com tributos de galinhas, farinhas e outras cousas. vesperas de nos tomarem os assucres, não cessando de nos ameaçar que as fazendas eram suas, tanto assim que o mesmo Sr. Pedro Bas, no engenho de Amaro d'Azevedo, lh'a tomou ou a rol as caixas de assucar que tinha nelle, como que si foram suas; e fazendo rol do gado que naquella paragem havia, e o faria nas mais fazendas e engenhos. No Itapecurú se faziam grandes desaforamentos aos moradores delle, botando lhe nos engenhos soldados pera os sustentar com o fim de irritar (?) os senhores delles e mais moradores, pera que, fazendo alguma cousa a algum soldado. lhe tomasse suas fazendas com sentenças injustas, como se viram em muitas occasiões que se offereceram ao capitão Maximiliano Escadre (Schade), e fazendo os senhores de engenho queixa de alguns aggravos, roubos e insolencias que os soldados lhes faziam pera os castigarem, o não faziam, com o que elles o faziam cada vez peior.

Alguns moradores desta cidade se queixaram que lhes faziam força a suas mulheres, e ellas deshonrando-as carnalmente os principaes senhores do governo, e consentindo outros de menos partes (porte ?) pera que fizessem o mesmo, como fizeram, do que ha testemunhas bastantes; e não somente isto, mas fizeram casar algumas com framengos violentamente, e tanto que, querendo a que casava casar ao modo romano, o não quizeram consentir, senão que forçosamente havia de ser ao modo de sua religião com o seu predicante, no que se tem dado notavel escandalo a este povo; e o que mais nos irritou de presente e tomamos nossas armas pera nos esforçar e procurarmos soccorro de nossos visinhos e alliados, foi que, por causa de tres caçadores ou ladrões que faltavam, que ou por doença ou por outra qualquer causa morre-

ram, foi dito publicamente, por bocca dos proprios framengos, que tratavam de nos degolar com o fim de nos tomarem a pouca fazenda que nos haviam deixado nos aquitan (?) tão injusto que nos deram. Outrosim, nos moveu a percurar nossa liberdade ver o mao trato que se dera no nosso gentio que nos ajudava a viver e sustentar, e reter nossos escravos, fazendo-lhe muitas aveixações e injustiças, tomando-lhe os ornamentos de suas igrejas e calis dellas, é o salario que lhe davam por seu serviço, e outras muitas molestias té a chegarem a coitar em terreiro, tomando-lhe suas filhas e mulheres pera suas mancebas forçosamente, cousa que o deste gentio sente extremo ; e vendo-se os ditos gentios tão aveixados, se resolveram conformemente, e pediram que lhes valhessemos, senão que se levantariam e nos deixariam e se iriam pelos matos, cousa com que todos os Portuguezes ficavam destruidos e as terras de Sua Magestade desertas.

Estas e outras muitas causas que puderamos dar, foram as que nos moveram a tomar as armas pera nos desforçarmos, pois com tão grande treição fomos desapossados de nossa fortaleza, governo, cidade e justiça, e tomadas as rendas de Sua Magestade, tudo contra as treguas e suspensão de armas que estavam tratadas em o mez de Junho, desapossando-nos em o fim de Novembro, recebendo-os em nossos portos como amigos, conforme a carta e ordem que tinhamos de nosso rei Sr. D. João o 4º. Pelo que requeremos a V. S., Sr. Pedro Blas, e mais Senhores do Concelho, de quem nos foi enviado o dito protesto ou resposta que recebemos, que Vv. Ss. nos mandem soltar e pôr em liberdade nossa gente portugueza, que tem presa e violentada nesse quartel, sem lhe fazer molestia alguma, porque quando se lhe faça uzaremos o proprio termo e rigor com os prisioneiros que em nosso poder temos ; e assim, porque se escuse mais guerra e derramamento de sangue.

requeremos a V. S. e mais Senhores do Concelho, da parte de Deus e del rei D. João o 4º e do Sr. Principe de Orange, nos despejem a nossa praça, tratando os concertos que licitamente se puderem fazer, pera o que poderão mandar a pessoa ou pessoas que lhe parecer, pera o que se lhe dará segurança bastante, e não o fazendo assi, protestamos de nos desforçar, botando-os e desalojando-os da praça que tão injustamente possuem, e de nos não ser jamais imputado nenhum derramamento de sangue diante de Deus e do nosso rei, antes imputado a V. S. e mais Senhores do Concelho. E não querendo deferir a tão justas causas, ficará a decisão dellas á disposição d'armas. Hoje em S. Luiz do Maranhão, 14 de Outubro de 1642 annos.

Antonio Munis.
Juse Graces.

O qual treslado de protesto eu, Manoel Gonsalves da Cunha, tabelião, tresladei aqui do proprio bem e fielmente, aqui delle me reporto em todo e por todo, e concertei e escrevi aqui, que em mão e poder fica do Sr. director Pedro Bas ; e o signal do meu signal publico o fiz, que é tal. Em S. Luiz do Maranhão em 6 do mez de Dezembro do anno de 1642. Estava abaixo : concertado por mim tabelião, Manoel Gonsalves da Cunha.—*Gratis.*

—

A João Heck. (1)—Pelo portador desta soubemos que V. M., com receio de ser molestado em sua casa, veio ter a esta villa. Vmc. não deve ter receio, pois isto tanto nos toca e interessa que, na ordem dada a um capitão desta parte, recommendamos que, si não encontrar soldados nas casas, não vá lá, mas si der fé de soldados, então lhes to-

(2) Traduzida do hollandez.

me as armas, sem lhes fazer mal, e que a mulher de Vmc. pode ficar em casa com todos os seus bens, escravos e tudo quanto Vmc. possue.

Por esta advertimos a Vmc. que, em nome da Divina Providencia, volte á sua casa, e promettemos que pode possuir e usar do modo como sempre fez, com toda a liberdade, sem que se lhe faça molestia alguma, e damos esta a Vmc. para lhe servir de segurança e salvo-conducto.

Avisamos o Sr. Bullestraten acerca dos nossos negocios. Passe bem.

Pojuca, 19 de Junho de 1645.

Amador de Araujo.
Thomé Teixeira Barbosa.

—

Carta de alguns moradores ao bispo e aos padres da Bahia. (2)—As razões que nos obrigam a representar a V. S. em nome deste povo, causadas das previstas miserias e males provaveis que depois succederam, e a cada hora estão succedendo nestas capitanias do norte, são de tal ordem que, ainda quando as não declarassemos, V S. seria servido tomal-as em toda a consideração; e, como pastor sacerdotal, encarregar-se-hia de promover a nossa conservação e bem estar. Tudo seria supportavel, uma vez que se evitasse o miseravel fim do que foi começado por N. N. e N. N. que se intitulam governadores, e usam abusivamente de outros titulos que se arrogaram para os seus fins, como se vê dos seus editaes e cartazes sediciosos e criminosos; e nós temos por certo que isto aconteceu sem consentimento daquelles que consentimentol hes podia dar, e do Sr. governador (da Bahia), pois que não é de esperar que S. Exc. lhes dê tão perigosos motivos.

———

(1) Traduzida do hollandez.

Os ditos N N. e N. N levantaram-se, corromperam e congregarem um grande numero de homens, os mais delles vagabundos e criminosos, e os principaes de tal modo oberados de dividas que, como viram que deviam pagar as grandes sommas que essas dividas representam—as quaes elles contrahiram muito facilmente, porque os mercadores, por sua pouca experiencia nessas cousas, foram muito faceis em lhes vender a credito as suas mercadorias— pareceu-lhes que o melhor meio de livrarem-se dellas era metterem-se com os revoltosos, e de animo resoluto já mataram a alguns, pelo que estes Senhores (do Conselho Supremo) que nos governam, chamaram e já tem reunido, para tomar vingança dessa obstinação e defender seus subditos, um grande numero de petiguares e tapuyas, os quaes nós tememos muito por causa de sua barbara e cruel inclinação, e é fóra de duvida que, si o Sr governador (da Bahia) não fizer effectivamente retirar d'aqui Camarão e Henrique Dias, que se diz terem vindo para auxiliar esta conspiração e sedição, todas estas capitanias serão dentro em pouco tempo destruidas, seguir-se-hão incriveis miserias, e derramar-se-ha muito sangue innocente por causa da brutalidade desses homens selvagens, e, em se achando elles assim espalhados, resultarão d'ahi geralmente ainda maiores inconvenientes.

Assim tomando V. S. a peito, como pastor espiritual, o que representamos, digne-se de fazer partir d'aqui os ditos Camarão e Henrique Dias com a sua gente, e desvaneça com as devidas admoestações a imaginação daquelles que pretendem vir para cá com taes intuitos, bem como persuada o Sr. governador de que N. N e N. N o enganaram, e somente buscam o que toca aos seus particulares interesses, si é que S. Exc. tem conhecimento destas alterações, e seja V. S. servido permittir que nós, por força dos tratados celebrados entre o poderoso rei D. João e os Srs. Estados Ge-

raes, vivamos tranquillos e em paz, pois que para com os mesmos Srs. Estados Geraes somos obrigados a toda a fidelidade e a outros deveres, como promettemos sob solemne juramento desde que nos governam, porquanto elles, de sua parte, não faltaram com o bom governo, paz e justiça, e, além disso, nos tem admittido a todos os cargos honrosos; e porque elles nos honraram assim, e por outras razões que é escusado referir agora, nós lhes devemos obediencia, e (é inutil ?) mostrar que não demos causa a que nos tratem d'ora em vante com menos cortezia e piedade do que até agora o fizeram, ao que V. S. não se deve oppor, e sim proceder como pedimos afim de que possamos recuperar a tranquillidade, e com isto receberemos grande mercê e ficaremos obrigados a rogar a Deus Omnipotente queira ter a V. S. sob sua guarda e conceder-lhe longa vida.

8 de Julho de 1645.

João Carneiro de Mariz
Rodrigo de Barros Pimentel
Sebastião de Carvalho
Francisco Dias Salgado
João d'Albuquerque Mello
João Gomes de Aguiar
Sebastião de Guimarães
Jorge Homem Pinto
Belchior Alvares
Gaspar Pereira
Padre frei *Angelo*
Frei *João*
Paulo d'Almeida
Salvador Pereira
Luiz Braz
Francisco d'Aranzedo

—

Nobres Senhores do Supremo e Secreto Concelho (1)—Soubemos nesta parte do mundo, para onde nos retiramos, que Vv. Ss. publicaram um edital marcando praso para as nossas mulheres, e as daquelles que nos acompanham, abandonarem as suas casas, ficando sujeitas, si não fizerem assim, aos incommodos da guerra; nós não podemos dar credito a esta noticia, porque as mulheres são subordinadas aos seus maridos e não respondem por culpas delles, e nós não queremos outra cousa senão a nossa conservação, o que bem temos mostrado dando quartel a alguns soldados que Amador d'Araujo prendera, e soltando tres presos e a outros em Paratibe, hollandezes e indios, como christãos que somos, e temos tratado as mulheres hollandezas com toda a cortezia. Si Vv. Ss. fizerem ás nossas algum aggravo, tomaremos a resolução de defendel-as, pois a defeza é uma cousa natural, e, si formos tão longe, não levaremos em conta as nossas vidas para vingar taes aggravos, pois a Vv. Ss. não é desconhecido que existem nesta capitania uns 20 mil brancos e de 20 a 30 mil negros e mulatos, com os quaes bem o poderemos fazer; ....que sem ordem alguma alguns hollandezes e indios mataram em S. Lourenço, bem como, encontrando alguns traidores da nossa honra, os faremos castigar rigorosamente.

Soubemos tambem que Vv. Ss. puzeram a premio as nossas vidas e pessoas; Vv. Ss. não quererão proceder assim, pois Vv. Ss. foram os primeiros a mostral-o ao seu rei (2), e isto nós fazemos com toda a tranquillidade, forçados pelo máo governo de Vv. Ss., e pela tyrannia que temos soffrido.

Os editaes que até o presente publicamos, os fizemos para obstar os rigores que Vv. Ss. quize-

---

(1) Trad. do hollandez.

(1) Allusão ás lutas dos hollandezes contra o seu legitimo rei.

ram usar comnosco, e que nós não usamos, tratando somente da nossa conservação até que, certos da nossa justiça, Vv. Ss. nos restituam á anterior tranquillidade das nossas casas e fazendas ; mas o contrario achamos em Vv. Ss., e é praticado por João Blaer, um publico tyranno (pelo que anteriormente foi por Vv. Ss. demittido do seu cargo), que continúa na sua tyrannia e má inclinação, saqueando as pessoas, deshonrando as donzellas, captivando muitos brancos, e fazendo outras cousas extraordinarias, de que até agora não temos tomado vingança, porque esperamos que Vv. Ss. tenham conhecimento disto, para vermos que remedio darão. Considerem tambem Vv. Ss. que no mundo temos principes christãos, aos quaes, bem como a Deus Omnipotente, pediremos soccorro e justiça que não nos faltarão.

No campo, 8 de Julho de 1645.

João Fernandes Vieira.
Antonio Cavalcanti.

—

Edital (1).—Nós abaixo assignados fazemos saber, em nome da divina liberdade, a Vv. Ss., coronel e mais officiaes subordinados, que fomos postos para fazer guerra afim de recuperar a nossa liberdade e restaurar a nossa patria, e como tencionamos fazel-a geralmente, de boa vontade empregaremos todos os meios convenientes para que se derrame pouco sangue ; e portanto consentimos que, si Vv. Ss. estiverem dispostos a viver em suas casas e fazendas, gosem os mesmos privilegios de que nós usavamos, e fiquem livres de todas as dividas, o que approvamos em nome da mesma divina liberdade, e obrigamos nossas pessoas e haveres a que bem o faremos. E si nenhum

———

(1) Extr. de uma cópia em portuguez. Archivo de Haya.

quizer seguir o nosso ajuntamento, ficarão sujeitos ao rigor das armas.

Garapú, 14 de Julho de 1645.

Pedro Marinho Falcão
João Paes Cabral
Antonio Gomes Taborda
João Gomes de Mello
João Soares de Albuquerque
Antonio de Crasto
Jeronymo da Silva
João Leitão
Simão Mendes

Governadores e capitães desta guerra.

Segue-se outro edital assignado a 14 de Julho de 1645 por Pedro Marinho Falcão, João Paes Cabral, « governadores e capitães desta guerra, » no qual faziam saber aos soldados, de qualquer nação que fossem, que os que se passassem para o lado dos Portuguezes teriam salvo-conducto, e, engajando-se para o serviço, não somente receberiam soldo, como se lhes pagaria o que a Companhia lhes devesse, compromisso este que só valeria dentro de oito dias.

—

Aos mui nobres Senhores do Supremo Concelho, governadores em Pernambuco. (1)– Havendo eu expedido a armada, em que mandei os dous mestres de campo, Martim Soares Moreno e André Vidal de Negreiros, e o coronel Hieronymo Serrão de Paiva, capitão mór della, para servir por mar e por terra a Vv. Ss., obedecendo á proposição dos embaixadores de Vv. Ss., e condescendendo com a deprecação desses mal advertidos moradores, quiz Nosso Senhor que chegasse a esta Bahia o general das frotas deste Estado, Salvador Correia

(1) Em portuguez.

de Sá e Benevides, do Concelho Ultramarino d'el-rei meu Senhor, com a do Rio de Janeiro, a que dava comboio para Portugal. E desejando eu duplicar assi as calidades das pessoas, com as forças do poder para empregar e offerecer tudo ao serviço e melhoramento desse Concelho, me deliberei a enviar tambem a essa capitania ao dito general das frotas (sujeito de tão particulares prendas e merecimentos que se digna el-rei meu senhor de fazer dellas muita estimação), para que com a interposição de sua authoridade e prudencia ajude tambem a reduzir esses moradores ao socego e tranquillidade em que os desejo ver debaixo da devida obediencia e dominio de Vv. Ss., a quem creio serão bastante prova de meu affecto e correspondencia da amisade deste governo, das demonstrações e experiencias do empenho, com que mando ajudar a Vv. Ss., como verdadeiro amigo e bom visinho. Guarde Nosso Senhor ás mui nobres pessoas de Vv. Ss.

Bahia, 25 de Julho de 1645.

Mui affeiçoado servidor de Vv. Ss.
Antonio Telles da Silva.

—

Aos Senhores do Supremo Concelho, governadores em Pernambuco. (1)—Das graves alterações e encorporadas sedições, que os Portuguezes levantaram nesta capitania, tomaram Vv. Ss. motivo para representar ao Sr. Antonio Telles da Silva, governador e capitão general do Brazil, sua perturbação, e a todo o encarecimento lhe pedir mandasse socegar aquelle alboroto pelos meios que lhe parecessem mais constrangentes. A este mesmo tempo por todos os moradores desta provincia fo[i] reclamado perante o mesmo Senhor amparo e aju[da]

(1) Em portuguez.

da para serem livres das affrontas, das mortes, dos roubos, dos estupros que actualmente padeciam, com que se deliberaram a unidos proclamarem a sua liberdade, e em exercito formado com paos tostados, pela impossibilidade a que os tinha reduzido seu captiveiro, queriam defender suas honras por tantas vias manchadas, fiando da misericordia Divina condoer-se já de tanto sangue frio derramado, fazendo presente outrosim a Ss. Ss. a obrigação em que estava de os soccorrer e ajudar, ou já por portuguez e catholico, de seu mesmo sangue e nação, ou por compadecido de suas miserias, pois quando não foram estes, bastara no mais apertado termo da razão natural e ainda mais policia d'Estado implorarem seu auxilio para lhe não faltar, fechando por ultima rezão que, quando Ss. Ss. lhe não acudissem, correria por sua conta dal-a a Deus, si elles buscarem em principe estranho o que o seu natural lhe negara.

Ponderadas pelo governador, capitão general, tão apertadas e urgentes rezões, com a devida cortezia com que devia responder a Vv. Ss., advertindo nos meios mais constrangentes, que Vv Ss. reservaram a sua eleição, e a efficacia dos apertados gemidos dos moradores portuguezes, resolveo por meio unico e singular, na forma de embaixada, mandar socegar tão grande inquietação. Mas, porque a união portugueza era grande, si bem maior a dôr, e da parte de Vv. Ss. a ameaçava a execução, determinou viessem a esta provincia taes pessoas e tal poder, que egualmente obrassem a prudencia e a guerra para effectiva quietação pedida e desejada. Nesta forma, Senhores, somos enviados, governando nosso poder á petição de Vv. Ss., e conveniencia sua, dando-lhe nossa vida na conformidade de nossa paz e alliança tratada, com despeza que Vv. Ss. poderão haver entendido, em que não fazemos reparo.

E apenas pisamos esta terra, quando do Rio Formoso nos ferem os ouvidos e lastimam o co-

ração os innocentes gemidos de 40 portuguezes nossos, catholicos e naturaes, mortos a sangue frio em uma egreja, aonde com fingidas caricias foram chamados por ministros de Vv. Ss., sem reparar na authoridade anciã do velho, nem na innocencia pueril do menino, que nos peitos de sua mãe devorou o gentio com o intento; como tambem, na Varge e S. Lourenço, os suspiros das nobres donzellas, que violentadas estupraram os gentios e soldados de Vv. Ss.. procedendo a mortes, e a descompostas lascivias com outras muitas que os ministros de Vv. Ss. mandaram executar em Pojuca, com tão publica crueldade, chegando a espedaçar um velho heremitão e um menino nessa mesma egreja, contaminando e profanando os logares sagrados, ferindo os santos e com mãos sacrilegas despindo a Rainha dos céos, a virgem sagrada Nossa Senhora; casos todos que fazem tremer, por inauditos, os mais acerbos corações, e fazem receiar e desconfiar os mais generosos peitos.

E como nós vimos que, tendo Vv. Ss. interposta a authoridade ao Sr. governador e capitão general, innovaram tanta variedade de cousas, e ainda formaram um exercito tão copioso, que actualmente tem em campanha, sendo força avistarmos com Vv. Ss. nesse Recife na forma de nossa ordem, nos determinamos com effeito a não deixar nas costas poder algum, que nos possa accrescentar magoa a magoas; e assi com a cortezia e agasalho que professamos, levamos comnosco a soldadesca desta villa de Serinhãem até com Ss. Ss assentarmos, o que mais convenha a serviço de Deus e de nossas Republicas, e pedimos a Vv. Ss queiram no interim mandar remediar o excesso de seus soldados, sem permittirem que de sua parte se dê causa a um rompimento generico, porque, da parte de Deus e de el-rei Nosso Senhor D. João o IV, que Deus guarde, e da dos Srs. Estados que Deus augmente, requeremos e protestamos a Vv. Ss. uma e muitas vezes a conservação de nossa

tratada paz, que só trazemos por guia e inviolavel ordem que nos fica authentica para satisfação dos Principes da Europa, e para que seja maior a Vv. Ss., lhe enviamos a cópia dos cartazes que nesta capitania temos mandado affixar. Deus Guarde a Vv. Ss.

Serinhãem, 8 de Agosto de 1645.

Martim Soares Moreno.
André Vidal de Negreiros.

—

Aos Senhores do Supremo Concelho. (1)—Chegando á cidade da Bahia, cabeça deste Estado, comboiando a frota do Rio de Janeiro para ajuntar a ella a da dita cidade, achei que, por aviso que Vv. Ss. mandaram ao governador geral, Antonio Telles da Silva, da rebellião e alteração dos moradores do paiz, se tenha antecipado á despachal-a em conserva de outros navios, em que enviou aos mestres de campo Martim Soares Moreno e André Vidal de Negreiros, que com ordens suas pelo aviso de Vv. Ss. despachou com toda a brevidade, mandando e requerendo aos ditos moradores se aquietassem, continuando na sujeição e protecção em que até agora estiveram, guardando e obedecendo as ordens de Vv. Ss. e porque convinha muito unirem-se estas frotas pelo receio dos inimigos da corôa que nos mares de Hespanha os podiam esperar, me pedio e ordenou em nome d'el-rei D. João o IV, meu Senhor que Deus guarde, viesse a este porto em demanda da frota da Bahia, e desse toda a ajuda e favor que, por parte de Vv. Ss., me fosse pedida, como ministro do dito Senhor, que saberá premiar a seus vassalos que conservarem a paz com os Srs. dos Estados-Unidos, e para que Vv. Ss. assi o entendessem me deu o dito gover-

(1) Em portuguez.

nador geral as cartas que, com as que trazia para Vv. Ss. o capitão-mór Jeronymo Serrão de Paiva, levam o capitão D. Martinho de Ribeira e o auditor geral da justiça das frotas o Sr. Balthasar de Castilho e Andrade, a quem Vv. Ss. podem dar o credito que suas pessoas merecem e a satisfação que eu delles tenho, avisando-me logo Vv. Ss. do que são servidos, e despachando essa carta (que é segunda via) do governador geral para os moradores levantados. As pessoas de Vv. Ss. guarde Deus.

Capitania S. Sebastião, hoje 12 de Agosto de 1645.

Salvador Correia de Sá e Benevides.

Aos Senhores do Supremo Concelho. (1)—O Sr. governador e capitão-general, Antonio Telles da Silva, me mandou que, tanto que desembarcassem os mestres de campo Martim Soares Moreno e André Vidal de Negreiros, me viesse a este Recife, e mandasse a Vv. Ss. a sua carta que com esta envio, e della entenderão Vv. Ss. que assi os mestres de campo e eu vimos todos para apaziguar as rebelliões destes districtos e reduzir os moradores delles a boa paz, que de antes havia; e sahindo eu de Tamandaré, achei ao Sr Salvador Correia de Sá e Benevides, que da Bahia sahio a este mesmo effeito, o que muito estimei, porque com sua presença e assistencia terá este negocio o fim que todos desejamos. Nosso Senhor as pessoas de Vv. Ss. guarde por muitos annos.

Da capitania da Bahia, em 12 de Agosto, 164[illegible]

Jeronymo Serrão de Paiva.

(1) Em portuguez.

Aos Srs. capitães Theodosio Hoochstraten e Gaspar Vanderley. (1)—Sou chegado esta manhã a esta povoação de S. Antonio do Cabo, mui desejoso de ouvir novas de Vmc. e do Sr. capitão Vanderley, a quem beijo a mão muitas vezes. Faço saber a Vmcs. em como somos enviados a este paiz pelo Sr. governador Antonio Telles da Silva só a aquietar as alterações dos moradores desta provincia a petitorio dos Senhores do Supremo Concelho, de que Vmc. é testemunha, e, depois de chegado a Tamandaré, achamos tão differentes informações das que esperavamos, como foi matarem-nos no Rio Grande 37 moradores pelos senhores flamengos, e deshonrando donzellas, despedaçando a imagem da Virgem Nossa Senhora, um tão grande crime, e outras extorções e crimes de tão honrada nação; e no fazer desta tive noticia que em Goyanna haviam aquelles senhores mandado pelos tapuyas matar muita gente, supposto que o não tenho por certo, porque então fôra necessario fazer grande demonstração em acudir pelos pobres moradores, que, inda que elles foram da mais vil nação do mundo, era obrigação ampararl os, pois se querem valer de nós, quanto mais a uns homens christãos e vassalos de Sua Magestade que Deus guarde, e quando os Senhores do Supremo Concelho nos aguardavam para esta paz, mettendo por medianeiro ao Sr. governador, os foram buscar no mato onde estavam retirados do rigor, com que os despedaçam, com que nos dão grande motivo de lhe requerermos a Vmcs., da parte de Deus e de Sua Magestade e Sua Alteza que Deus guarde, e dos Senhores Estados, que não queiram quebrar as pazes assentadas, antes haja a quietação promettida, que tambem da nossa parte faremos com a pessoa que governa estes moradores se queira aquietar, ouvindo-lhe primeiro suas rezões ; e espero se ponha tudo em paz assi da parte

(1) Em portuguez.

de Vv. Ss. como da nossa. Com esta embaixada vae o capitão João Gomes de Mello, e o ajudante Francisco Gomes que Vmcs. me farão mercê de despachar logo com toda a brevidade. Guarde Deus a Vmcs. muitos annos.

Hoje, 13 de Agosto de 1645.

André Vidal de Negreiros.

Ao commendor do Cabo de Santo Agostinho (T. Hoogstraten). (1)—Lembrado da palavra que Vmc nos deu na Bahia e a que tem dado ao governador João Fernandes Vieira e ao capitão João Gomes de Mello, nos anima mais ao intento que pretendemos, que não deve Vmc. nem o capitão Vanderley de faltar com o empenho, com que nos tem tão obrigados. Somos chegados a este paiz com 3,000 homens mui luzidos, e uma das duas armadas, emquanto não chega a outra mui bem guarnecida, que á vista de Vmcs. tem passado; com que esperamos na magestade Divina fiquem libertos estes pobres moradores, que elles e nós desejamos muito ver a Vmcs. em nossa companhia para os amarmos e estimarmos com a vontade que a Vmcs. lhe deve ser presente, lembrando a Vmcs. que não queiram ficar perdidos, e nós lhe promettemos cumprir e guardar o que João Fernandes Vieira e João Gomes de Mello tem offerecido, e da minha parte prometto muito mais, e fazer tudo o que Vmcs. quizerem, e protesto cumprir minha palavra sem faltar um ponto, e para os moradores que lá estiverem lhe daremos passaporte e toda a sua fazenda, como fizemos em Serinhãem ao commendor, escolte e.... e todos os mais que á vista do nosso poder se nos entregaram; e assi espero que Vmcs. o façam, e para assentar o modo com

---

(1) Em portuguez.

ha de ser vae o capitão João Gomes de Mello, de quem fiamos só este negocio, como Vmc. me disse, para se dar logo á execução ou resolvermos o que nos parecer. E no entretanto guarde Deus a Vms. muitos annos.

Santo Antonio do Cabo, 13 de Agosto de 1645.

André Vidal de Negreiros.

—

Aos coroneis Hoochstraten e Vanderley. (1)—Este mulato vem do Recife com o fato do Sr. Henrique Haus, governador das armas. Vmcs. vejam si querem alguma cousa para o dito Senhor, e *si quizerem, podem* enviar o mesmo mulato seu, de quem elle mesmo se fiou. Ficou prisioneiro com os mais senhores o tenente João Blaer, um sargento major e um capitão-mór dos indios, para cujas pessoas, quando Vmcs. queiram alguma cousa, se podem valer desta mesma occasião. Deus guarde a Vmcs.

Nazareth, 22 de Agosto de 1645.

Martim Soares Moreno.
André Vidal de Negreiros.

—

Ao governador Antonio Telles da Silva. (1)—Hoje, domingo, 3 do presente, nos fez Deus mercê de nos metter de posse desta força do Pontal, a qual tomou o mestre de campo André Vidal de Negreiros, e anda Deus tão misericordioso, que á vespera do dia pela manhã nos chegou o dinheiro que V. S. nos mandou, e juntamente o vinho de que V. S. me fez mercê, com que hospedei estes ami-

(1) Em portuguez.
(1) Em portuguez.

gos, e vou hospedando. Fizemos uma muito grande compra, porque, além da força, porto e artilharia, compramos os melhores homens, que elles hoje tem, e fica sendo exemplo para as demais praças se renderem com facilidade.

João Fernandes Vieira nos accudio o sabado á noite com cousa de 40 cruzados em moeda de pedidos, ainda que com violencia; porem estes nos vieram a tão bom tempo que mais não póde ser. Agora havemos de tratar de fortificar muito bem esta praça, e V. S tem porto tão bom como o do Recife, e com isto (?) não quero enfadar mais a V. S.

Depois de terem entregue a fortaleza, lhe vinha uma lancha do Recife com soccorro, a qual se ia já na volta do mar, e lhe sahio o capitão Barreiros com a outra que lhe tinha tomado, e a abalroou com 35 homens que levava e a tomou, em que lhe mandavam polvora e balas, que tudo com ajuda de Deus nos será bom.

Peço a V. S de mercê que, havendo de mandar pessoa ao Reino com este aviso, seja o capitão Damião de Lançois, que poderá ser lhe faça S. Magestade alguma honra e mercê.

Estamos em 6 do presente e hontem á noite tivemos aviso de que a nossa armada de Jeronymo Serrão de Paiva estava entrada em Tamandaré: temo muito que os navios, que são sahidos fóra do Recife, a descomponham, sendo que lhe temos feito infinitos avisos que se viesse pôr defronte de ta barra. O Capivara é ido por terra e passou pel aquelle porto, é força que lhe desse novas, como nós estavamos senhores da fortaleza do Pontal. Si quizerem vir recolher-se nelle, podem fazel-o, e quando não, por sua conta corre. Dizem que lhe falta a náo de .... Não sei si se lhe daria algum dos navios que acompanhasse a Salvador Correia.

Ao sargento-mór Theodosio Ostrada (Hoogstraat) tem V. S. muites obrigações, e os demais

cabeças. Nós lhe temos a elle promettido uma commenda da ordem de Christo ; Vmc. me faça mercê de a confirmar por S. Magestade, porque o merece, e diz que não ha de parar aqui, e que nos ha de acompanhar e fazer muitos serviços a S. Magestade que Deus guarde. Aqui o compuzemos com outras miudezas, de que se avisará a V. S.

O capitão de cavallos, Gaspar Vanderley, tambem obrou muito, e os demais casados com portuguezas, de que avisaremos a V. S. Este tal nos dizem que é pessoa qualificada na sua terra. Promettemos lhe uma commenda da ordem de Christo do lote de 100$000 que tem para um filho seu. V. S. se sirva de que tenha effeito a mercê que lhe promettemos, porque o filho é a esta hora portuguez, e chama-se o mais velho João Vanderley, e o outro Gaspar Vanderley, que para qualquer delles quer esta mercê.

Os demais estão em suas casas, em vindo os accommodaremos e avisaremos a V. S. na conformidade que havemos com elles. Todos são pessoas de muita importancia, e casados todos com portuguezas, que nos valhem muito, e V. S. se dê por bem servido, que mais dá João Fernandes Vieira em uma hora do que nos custou o Pontal ; mas aquillo são povos em Berberia, elle está na Vargea e nós neste Pontal até pôr as cousas em rezão.

O Capivara ha tres dias que partio por terra, e pode ser que chegue primeiro que este barco que Deus leve em paz, e guarde a V. S. muitos annos para amparo de todo este Estado.

Outeiro de Nazareth, 6 de Setembro de 1645.

Martim Soares Moreno.

—

Ao Supremo Concelho. (1)—Pelo ajudante Ma-

(1) Em portuguez.

noel Antonio fizemos presente a Vv. Ss. como eramos chegados a esta capitania enviados pelo general do Brazil o Sr. Antonio Telles da Silva, a rogo de sua embaixada de Vv. Ss. para pelos meios urgentes havermos de metter em paz e quietação as alterações que se tinham levantado; e tambem das muitas novidades não esperadas nem merecidas que achamos, já no lastimavel clamor das nobres donzellas estupradas, a poder de violencias despojadas, a tyrannica crueldade, já na lamentação dos moradores do Rio Grande, cujos quarenta dos mais nobres um simulado chamamento a uma egreja despedaçou a sangue frio, com um clerigo sacerdote de missa, e dous homens hontem nas Salinas, e já da profana obstinação com que nossos templos, e imagens sagradas foram maltratados, até sacrilegos roubarem as roupas da Virgem Mai de Deus com tal excesso e demazia, que faz impedir a declaração pelo respeito. E como pelo aperto destas rezões, e por Vv. Ss. terem o seu exercito em campanha, nos obrigou a defeza natural e o estylo de milicia a não deixar em nossa rectaguarda poder. de que nos pudessemos resentir até ajustarmos com Vv. Ss. a melhor conveniencia para mais firme estabelecimento de nossas pazes, pois este é o unico intento de nossas vindas. Seguindo pois nossa missão a este Recife, ia com João Fernandes Vieira preso pela mão do governador André Vidal de Negreiros, que na villa do Cabo o aprisionou com 12 homens da sua guarda, achamos tal retirar de mulheres e meninos, e de clerigos que roubados e affrontados o faziam desta Vargea, publicando as tyrannias, as injurias que padeceram do capitão João Blaer e sua soldadesca, que não contente com o relatado ainda para maior contumelia levou comsigo, com incrivel despreso, tres nobilissimas mulheres, mettendo a saque suas casas e as demais, de que os moradores obrigados da dòr e irritados da sem rezão, sem nós o podermos remediar, tomaram o seu governador João Fernandes

Vieira e a todo o impeto nos deixaram, e por mais que fossemos em seu seguimento de noite, lhe não podemos dar alcance, senão depois de terem já obrigado no engenho de Isabel Gonsalves e terem já nelle sitiado o governador das armas e sua soldadesca de Vv Ss., e preparado o material necessario nas casas baixas do engenho para lhe dar fogo, a que com toda a força acudimos, interpondo nossas pessoas á salvação da gente, como o fizemos guardada a cortezia devida, ainda que nos custou muito por da parte de Vv. Ss. se pelejar com balas enramadas e hervadas, e com palanquetas. E porque estas sedições crescem com as hostilidades que da parte de Vv. Ss. comnosco se usam, lhe fazemos prompto a Vv. Ss. a proclamação e retificação de nossas pazes, de que protestamos perante Deus e Vv. Ss. uma e muitas vezes, e da parte de el rei nosso Senhor, D. João IV, e da dos Srs. Estados e ainda de todos os Principes nossos alliados, Vv. Ss. não entrem em rompimento de nossa celebrada paz, e nos não deem occasião com suas offensas a rompermos em guerra, pois parece bastam as de tanto clamor que ainda desculpam e deixam crer os motivos de João Fernandes Vieira; pois nos consta tratou só de defender o sangue de tantos innocentes, e podendo o fazer com suas armas, sua gente o não fez, antes andou de um em muitos sitios, vendo si podia escusar a peleja até não ter mais para onde recuar, e ser força o defender-se. Queiram Vv. Ss. ver este nosso papel, e olhal-o com a consideração que convem a nossas republicas, porque até o mesmo céo parece se offende de nosso soffrimento Deus guarde a Vv. Ss.

Engenho de S. João Baptista da Varge, 19 de Agosto de 1645.

André Vidal de Negreiros.

Ao Supremo Concelho. (1)—Espantado estou de que Vv. Ss. me mandem embaixada, quando logo que cheguei a Serinhãem lhe enviei a minha pelo official Manoel Antonio com tres soldados em embarcações nossas, sem até agora vermos cousa alguma. e menos um ajudante que com um tambor enviei ha dous dias a Vv. Ss., de quem espero nos remettam logo, pois este é o estylo que guarda-se. Os mortos que achamos se enterraram logo. Vv. Ss. se sirvam enviar-nos nossos embaixadores com resposta aos protestos que lhe faço de conservarmos a nossa paz, porque por sua conta fica a causa que derem ao que succeder. Guarde Deus, etc.

21 de Agosto de 1645.

André Vidal de Negreiros

—

Declarações de F. R de Bulhões. (2)—Retirei me da cidade, e me fui pera o partido de P. Vilela pelas rezões que o Sr. governador Paulus de Linge sabe, em o primeiro ou segundo dia do presente mez de Setembro, e em os 4 do dito mez fui chamado com instancia dos nomeados pera o governo da guerra que os Portuguezes querem fazer contra os Hollandezes, possuidores destas terras, Hyeronymo Cadena, Francisco Gomes Muniz e Lopo Curado Garro.

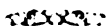
Em os 5 dias do dito mez, ou os que na verdade se acharem, pareci perante os ditos governadores, e por Francisco Gomes Muniz e Lopo Curado Garro, em presença de Manoel de Queiroz Siqueira, em secreto me encommendaram que buscasse modo com que me avistar com o dito Sr. governador de Linge, e o intentasse si por alguma somma de di

(1) Em portuguez.
(2) Trad. do hollandez.

nheiro poderiam ser senhores desta fortaleza, o que duvidei; mas por ter occasião de me avistar com o dito senhor, e tratar do remedio de minha casa, e dos chegados a ella, e de algumas pessoas que se mostravam ignorantes nestas materias, aceitei a encommenda, e a communiquei ao dito senhor que me ordenou lh'a propuzesse por escripto. E, posto que entre os tres nomeados acima me foi praticada a dita encommenda, antes disto duas ou tres horas me disseram o mesmo o terceiro governador Hyeronymo Cadena e Manoel d'Azevedo que tambem tem cargo na dita guerra; mas por serem ausentes o deixaram a cargo do dito Muniz e Garro

Perguntei-lhes que contia de dinheiro apresentavam, responderam que aquella que accordasse com o dito senhor Pedi-lhes commissão por escripto, responderam que, depois de accordado o preço, a dariam e fariam obrigação. Hyeronymo Cadena me disse que esta materia lhe parecia facil, que em outro tempo em conversação o praticara com o major Arnesto debaixo de palavras de galanteria, mas não effectivas. Antes disto no caminho ao longo da cidade, H. Cadena me perguntou se poderia ser acabar-se esta guerra por dinheiro, e porque achou em mim repugnancia, em duas palavras só o concluimos, e me não replicou.

Neste forte de Margarita, 11 de Setembro de 1645.

Fernão Rodrigues de Bulhões.

UMA NEGOCIAÇÃO DIPLOMATICA

EXPOSIÇÃO DO QUE SE PASSOU NA NEGOCIAÇÃO ENTABOLADA PARA O FIM DE SE DAR QUARTEL E CESSAR A QUEIMA DOS ENGENHOS E DAS CANNAS. (1)

A 16 de Outubro de 1640 o vigario geral e mais padres que moram nestas conquistas apresentaram ao Concelho a seguinte petição :

« Illm. Sr. e mui nobres membros do Supremo e Secreto Concelho deste Estado do Brazil. (2)

« O vigario geral e mais vigarios destas capitanias (que, por parte dos moradores portuguezes, a religião catholica, representamos o estado ecclesiastico), levados de pio zelo, e por nos parecer que convém a nossa obrigação o procurar ne nossa parte remedio aos damnos presentes com a submissão e humildade devida, apresentamos a V. Exc. e Supremo Concelho esta petição, e lhe pedimos seja servido de que na guerra cesse a crueldade que entre os militares por resão de estado ao presente se executa, mandando que o estylo, que até agora se guardava de não se dar quartel a ninguem, e de se abrasarem fruitos e engenhos, se suspenda e cesse, pois o fazel-o é alheio de toda rezão natural, e de toda a humanidade.

« Sabemos que V. Exc. por sua justificação mandou publicar por seus publicos quarteis que protestava a Deus e ao mundo que, estimulado das ordens que o conde da Torre, D. Fernando Mascarenhas, general da guerra do Brazil pela Magestade do rei de Hespanha, e o mestre de campo

---

(1) *Verhael vant geen gepasseert is in den handel over de oprichtinge vant quartier ende cessatie vant brandinge van ingenios ende suikerriet.* Arch. de Haya.

(2) Em portuguez.

Luiz Barbalho Bizerra deram a seus soldados, das quaes ambas ordens achou V. Exc. que se ordenavam se não désse quartel a nenhum flamengo, e que se queimassem engenhos e cannas; por retribuir com titulo militar a estas ordens que lhe vieram á mão por presa, mandou V. Exc. executar o mesmo na Bahia, protestando a Deus, e ás gentes que por justa retribuição o mandava assim fazer.

« Pois da parte de V. Exc. está retribuido, e semelhante rigor não causa outra cousa mais que destruição dos povos, e aversão aos olhos de Deus, a quem V. Exc. deve pretender agradar, e si fôr por deante este estylo de uma e outra parte perecerá aqui e na Bahia o povo portuguez, sendo assolado cada dia por uma e outra milicia, e ultimamente pera mostrar V. Exc que o que protestou procedeu de coração pio e benevolo, lhe pedimos (interpondo. ... por nossa autoridade sacerdotal a Deus todo poderoso, e a paixão de Christo nosso senhor e Redemptor) que mande a seus capitães e mais officiaes da milicia que, em qualquer parte, aonde fizeram a guerra, concedam quartel a toda a pessoa que o pedir, e não abrazem nem queimem casa, engenho, nem templo, nem fruito algum da terra, que a ordem militar e as occasiões da guerra permittirem, havendo-se sempre nella com tenção de assi o fazerem, guardando a cada um os respeitos da humanidade, e de V. Exc. o fazer assi alcançará de Deus a satisfação, e a todos os seus subditos e conquistados, e a este Estado fará cousa mui agradavel, e grande beneficio e mercê, pelo qual eternamente lhe ficaremos obrigados, e este Estado reconhecido, cuja pessoa guarde Deus largos e felizes annos. »

Assignado: Pelos vigarios ausentes, o vigario geral, Gaspar Ferreira.—O vigario da Varzea, Manoel Ribeiro.—O vigario de Santo Amaro, Francisco Lopes Lima.—O vigario de S. Lourenço, D Almeida.—O vigario de Iguarassú... Ribeiro. ».

O Concelho tomou esta petição em muita consideração, porquanto o estylo de fazer a guerra, que então se praticava, por meio de incendios e não se dando quartel, era prejudicial a ambas as partes, e como era tempo de safra, e todos com muita rezão receiavam a queima dos cannaviaes, que não se podia bem impedir, comquanto os engenhos se achassem guarnecidos de tropa ; e não se sabendo que influencia teriam a autoridade e intervenção do clero sobre o lado hespanhol, que muito incommodado se achava em rezão da ultima expedição do almirante Lichthart, podendo succeder que por este meio salvassemos a safra, do que elles pareciam dar esperanças, resolveu-se despachar a petição assim :

« S. Exc. e os nobres Senhores do Supremo e Secreto Concelho, tendo visto a petição que lhes foi apresentada pelo vigario geral e mais padres que se acham sob o governo destas conquistas, depois de deliberarem sobre a materia de dita petição, resolveram dar a seguinte resposta :

« Que, em 1° lugar, condescendemos muito a contra gosto nosso com esse estylo de guerra barbaro e contrario á natureza, como mostra evidentemente o modo por que anteriormente procediamos, pois, quando o nosso exercito acampou deante da Bahia estava em nosso poder (o que não pode ser contestado por ninguem) lançar fogo a todos os engenhos e cannaviaes circumvisinhos, e prival-os de seus fructos, e entretanto observamos ás praticas de guerra que todas as nações civis, e particularmente os Paizes Baixos guardam, nas quaes o rigor das armas e o ardor dos animos são temperados pela cortezia e polidez ; e não obstante quaesquer razões que para isso nos foram dadas, nunca chegamos ao ponto de acquiescer a tão impio procedimento.

« Que a suspensão de vida salva e a insolita assolação desses campos magnificos foram determinadas somente pela ordem escripta que o ge-

neral conde da Torre e o general Luiz Barbalho Bizerra, no seu ultimo commettimento contra estas conquistas, deram as suas tropas, recommendando-lhes que não somente queimassem os engenhos e os cannaviaes, senão tambem não dessem quartel a flamengo, e se desculpassem (como que envergonhados de actos tão vis e crueis !), lançando a culpa aos tapuyas.

« Que vendo-nos assim atacados, sem previo aviso, depois de protestarmos perante Deus e o mundo inteiro, não podiamos ficar impassiveis por mais tempo, e pelo direito da natureza fomos forçados a lançar mão dos mesmos meios para tomarmos vingança e fazermos sentir aos autores de tão brutal tratamento quão prejudiciaes são os effeitos que delle se seguem.

« Que bem sabemos quaes os damnos e os males que o inimigo tem a esperar de nós, si, com o poder de navios de que presentemente dispomos e os que aguardamos, resolvermos proseguir no mesmo estylo de guerra, e pol o em pratica na capitania da Bahia e mais districtos do sul. Nada obstante, attendendo ao pedido de Ss. Ss. que, para evitar o derramamento de sangue, e para allivio e contentamento dos moradores de ambos os lados, querem interpor-se como medianeiros, não nos mostraremos infensos a revogação da ordem de represalia, uma vez que Ss. Ss. primeiramente nos façam certos que o inimigo não usará mais de taes praticas.

« Feito em nosso Cencelho neste Recife de Pernombuco, a 16 de Outubro de 1640. »

Afim de que essa petição com o seu despacho fosse ter convenientemente ás mãos do vice-rei sem quebra do respeito devido a este Estado, resolveu-se hoje que o barco *Nassau* partisse quanto antes para a Bahia, levando um corneta com uma carta de S. Exc. ao dito vice-rei acerca dos dous majores prisioneiros, Gartsman e van den Branden

e com isto se dava ensejo ao vigario geral e mais clerigos de mandarem uma carta ao bispo em seu nome, e se verificaria si a representação do clero era bem aceita do vice-rei, para depois sabermos como nos haveriamos.

O barco partio a 21 de Outubro para a Bahia. A carta de S. Exc. ao vice-rei resava assim :

(Segue-se a carta do conde Mauricio, que já foi publicada na Revista de Dezembro de 1887, á pag. 46).

A carta, que se permittio ao vigario geral dirigir ao bispo, resava assim textualmente :

« Ao Illm. Sr. D. Pedro da Silva de São Payo, bispo do Brazil. (1)

« A noticia dos males, que a guerra tem causado nessa Bahia, e os que vimos aqui padecer de mortes, incendios e destruições, e os que tememos se multipliquem ao diante com tão cruel modo de guerrear, nos persuadiram a fazermos uma petição a S. Exc. e Concelho Supremo para que cesse este rigor, e se dê quartel de parte a parte, escusando-se tantas mortes, á qual nos foi respondido o que V. S. verá nella, e pedindo licença para procurarmos da parte do Sr. vice-rei por carta o sentimento a esta pia demanda, nos foi concedido o escrevermos a este effeito, no que em verdade affirmo a V. S. que receberão os moradores deste Estado mui particular mercê, alcançando-lhe V. S. do Sr. vice-rei carta ou aviso do consentimento, em que nos declare que ha por bem, e quer que se dê quartel, para com isso acabarmos de o assentar aqui com S. Exc., e para esta obra fomos o clero destas capitanias persuadidos de alguns homens timoratos e desejosos do bem commum ; esperamos que por mãos de V. S. haja effeito, do que re-

(1) Em portuguez.

sultará o atalhar-se a muitos males e damnos que ameaçam a este Estado.

« Nossa religião catholica romana é aqui permittida como d'antes, e só nos falta o esplendor dos templos que a guerra consumio, e os frades, que a imprudencia de alguns fez desterrar deste Estado. Eu administro meu cargo de vigario geral publicamente, que é grande bem para este povo; só falta a autoridade de V S. para dispensar nos casos dirimentes. Não se offerece outra. Guarde Deus a V. S.

« Recife, 15 de Outubro de 1640. »

(Segue-se uma pagina em branco, e depois a carta seguinte em portuguez):

« Bem empregada me fica a mercê, que V. Exc. me fez, na estima com que a recebi, e no animo com que desejo correspondel-a. O sargento major van den Branden por seu posto e por seu valor merece todo o bom tratamento, e em V. Exc. é muito natural querer que corram por sua conta as conveniencias dos soldados, que a mim me será mui presente para todas as occasiões, que o tempo offerecer. Logo que chegou a esta cidade o sargento major Jorge Garstman, parecendo-me que fazia bom officio a uns capitães de minha obrigação, que foram presos no canal na occasião que meu filho, D. Simão, passou com um terço a Flandres, para o que S. Magestade fosse servido mandasse dispor, que se trocassem. Com esta occasião não me fica o poder tão largo como a vontade de servir a V. Exc., que fôra para mim a maior conveniencia; mas si tardar a resolução de Hespanha, occasião se pode offerecer em que V. Exc. experimente no que fôr servido de mandar-me, que procurarei merecer, o animo que me assegura. Guarde Deus a V. Exc. muitos annos.

« Bahia, 6 de Novembro de 1640.—*Marquez de Montalvão.* »

— Ao Exm. Sr. conde de Nassau.

Resposta do governador ao bispo da Bahia: (1)

«Vi o papel que V. S. me mandou do vigario geral e clero de Pernambuco com os pessoas de posto que se acham presentes, e com noticia desta guerra, e dos estylos que se praticam em todas as de Europa, e considerei que as conveniencias do bem commum deste Estado, e os respeitos presentes da correspondencia das armas não dão logar a defirir ao que se pede pela forma em que se me propõe, sentindo que os moradores de Pernambuco poderão padecer, porque desejo em tudo mostrar o animo com que venho a este Estado procurar seu melhoramento, como o faço, e o que agora sentirem virão a compensar, quando alcançarem que nesta oppressão está o principio de seu remedio, e quererá Deus dar-me brevemente occasião para poder restituil-os de todas as perdas de fazenda e liberdade. E para que esta minha resolução se veja que é fundada no direito que na guerra se usa, e que não me dá outro logar o estado em que achei esta praça, e os damnos padecidos nella com guerra, a que justamente se chama barbara e detestavel, por não ser nunca usada entre nações politicas, que tem conhecimento de Deus, e de direito natural, devo manifestar a simulada justificação, com que foi respondida a petição e proposta do clero de Pernambuco (como parece da resposta do Concelho, aonde a apresentaram), pretendendo-se que se entenda que de nossa parte se deu principio a inhumanidade desta guerra, para que assi como a Deus é notoria a verdade, se desenganem os juizos daquelles a cuja noticia chegarem os successos futuros, que na guerra deste Estado se continuarem com justa recompensa dos damnos recebidos e da crueldade que da nossa parte se tem experimentado com lastimosos exemplos.

«O fundamento que se suppõe á justificação de se introduzir esta guerra é dizer-se que, sendo o

---

(1) Em portuguez.

conde da Torre general deste Estado, déra ordem ao capitão João Lopes Barbalho negasse quartel e fosse talando e abrasando a campanha, por onde passasse, e que desta acção se tomaria justa recompensa; e assi o publicaram os manifestos que se mandaram deitar nesta capitania, quando o coronel Torlão veio queimar os engenhos.

«Este fundamento é o com que se prova que é justificada a ordem, que deu o conde da Torre, e injusta a recompênsa que della se tomou, e a certeza consiste na averiguação da verdade do tempo em que se começou a introduzir a ferocidade dos homicidios e incendios, que se tem usado.

Não se pode duvidar que o conde da Torre chegou a este Estado em 20 de Janeiro de 1639, e que esta cidade havia estado de sitio em Abril de 1638, e que emquanto durou em toda a campanha, no circuito das fortificações delle (della ?) em distancia de mais que cinco leguas, se mataram todos os moradores que se encontraram, e os iam buscar ás mais remotas paragens em que assistiam, entrando neste martyrio mulheres, meninos innocentes e velhos incapazes de tomar armas, e deste excesso se offendeu o conde de Banolo que estava nesta praça, e o mandou representar protestando pelo direito das armas e pela justa recompensa de tão inhumana acção, e se lhes respondeu que fôra feito de indios barbaros, e, sendo justo o nome para o delicto, foram soldados hollandezes os que o commettiam, seguindo os indios e segurando-lhes os passos, o que bem se provou não havendo emenda nos successos, nem satisfação no castigo; com que se verifica que não haverem queimado os engenhos nesta occasião não foi ter animo menos cruel, mais pretensão interessada de se fazerem senhores de tudo, e se foi beneficio em semelhante occasião, com melhor successo espero em Deus dar a devida correspondencia, e menos acredita este seu intento não haverem procurado fazer este damno, quando se levantou o sitio, porque a occa-

são foi tão apressada que não deu lugar a se retirar a artilharia e bagagem, que ficaram na campanha, quanto mais a intentar queimar os engenhos.

A esta occasião se seguio que em 12 de Janeiro de 1639 veio o sargento-mór Picardo com 12 navios, e queimou em a ilha de Maré o engenho de Cosme de Sá, e se não continuou esta empresa foi por se sahir com aviso de que se esperava a armada que trouxe a seu cargo o conde da Torre, e chegou em 20 do mesmo mez, e della se retirou de sobre esta barra, onde andava com intente de queimar e destruir as povoações nas capitanias visinhas, como declarou o capitão João de Magalhães, quando veio da campanha aonde o tinha mandado o conde de Banolo.

Com a verdade destes successos e computação do tempo se convence que, quando fosse justa (como se allega) a recompensa do conde da Torre, muito mais justa e fundada foi a mesma ordem, havendo chegado em tempo que lhe estava pedindo satisfação a innocencia dos mortos e damno padecido nesta capitania, averiguação que basta para confusão da resposta que os ecclesiasticos de Pernambuco tiveram.

Porém supposto que a ordem do conde da Torro fôra dada primeiro, não ficou devida a recompensa que se tomou injustamente nas vidas e fazendas dos moradores desta capitania, porque S. Magestade, senhor da capitania de Pernambuco, e seu direito padecem violencia na occupação della, a que por todos os modos pode resistir, e as fazendas dos moradores de Pernambuco estavam sujeitas ao fisco real de S. Magestade pelo delicto de não seguirem obediencia, ainda que S Magestade, considerando as causas por que lhes devia perdoar, conforme sua grandeza e costumada piedade, me concedeu amplo poder para que eu em seu real nome liberalmente o faça ; e assi com estes respeitos não excedia o conde da Torre em procu-

rar os meios que lhe parecessem mais conformes para pôr em aperto a capitania de Pernambuco, de que nunca se podia pretender recompensa, e menos nos moradores da Bahia, e em suas vidas e fazendas, estando em suas casas sem haver contra elles principio nem fundamento de direito algum, e quando bem a correspondencia das armas pedisse procedimento de maior rigor havia de ser usado dentro na mesma capitania de Pernambuco com os que o executavam com as armas nas mãos, e não com as mulheres, meninos e velhos que o coronel Torlão mandou matar na Bahia, na capitania de Paraguassú e Tupericu e nas mais, o que foi mandando-os buscar muitas leguas pela terra dentro com soldados e indios sem perdoar a sexo nem a idade.

A estas noticias que achei, e ao damno e perda que estou vendo tiveram os moradores desta capitania, se me accrescenta a desigual correspondencia que houve na occasião que o mestre de campo Luiz Barbalho veio dos baixos de S. Roque, atravessando as forças e presidios da capitania de Pernambuco, porque em tres encontros que teve, em que se houve com tanto valor em toda a campanha porque passou, deu sempre quartel, como se verifica em trazer preso ao sargento-mór Jorge Garstman e a outros, e em offerecer ao sargento-mór Picardo, e a outros que o não quizeram aceitar, de maneira que sempre da nossa parte se deu quartel, e se deu tambem passagem e liberdade a muitos soldados prisioneiros, que vieram nestas occasiões, e com passar estes successos aos olhos de todo Pernambuco, a correspondencia que teve esta urbanidade foi deixar 73 feridos, capitães e alferes e pessoas de conta, sem se lhes dar quartel; effeito que bem justificava todo o rigor que de nossa parte se usasse, e comtudo na campanha do rio Real se deu quartel ao sargento-mór van den Brand e e seu ajudante, e outros alferes e soldados que o pediram.

Estes são os termos (extremos ?) em que procede a guerra deste Estado, e o que tenho averiguado dos successos passados nella, que bem justificam os intentos de recompensa a tão continuadas desigualdades experimentadas com tão custosos exemplos nas vidas e fazendas destes vassalos de S. Magestade, a que devo restituir da força que padeceram e attender ao justo respeito e horror das armas de S. Magestade, que foi servido pôr a meu cargo, e assi me figuro que as proprias partes, achando-se conhecidas das leis da guerra, não receberão escandalo das facções que por minha ordem se intentaram, emquanto me faltar a justa recompensa que devo esperar dos damnos recebidos, que as considerações, que na resposta que se deu ao clero se apontam, dos que se podem tomar nesta capitania, me parecem ociosa piedade, de que o cuidado ficará melhor correspondido, quando venham com suas mãos, e experimentem a differença dos tempos em que as forças humanas se hão de achar (muito ?) soccorridas da justiça divina irritada com tantos sacrilegios, incendios e homicidios.

A esta determinação não obsta o costume que se allega das guerras de Flandres, porque os paizes, que ficam sujeitos ás correrias e hostilidades do inimigo recompensam os damnos futuros com equivalentes retribuições, e a campanha de Pernambuco está exposta a metter nella sem custo nem risco as tropas que me parecerem, como os effeitos mostrarão; sendo necessario para virem a esta Bahia a despesa de uma armada, ficando os successos tão contingentes, que puderão tirar custosas experiencias de pôr em pratica este intento.

E, considerando V. S. as causas que aponto, pode responder ao vigario geral e clero de Pernambuco com os motivos delles, pera que o tenham entendido, e porque S. Magestade sempre usa de sua grandeza, e mostra maior seu poder em ouvir as propostas de justas conveniencias, e

devemos seguir o mesmo estylo os que occupamos posto de poder dispensar a graça de tão grande monarcha, pode V. S. escrever tambem ao vigario geral e clero de Pernambuco que o respeito que se deve á piedade de V. S. e a sua interecessão me tem disposto a ouvir as justas conveniencias, que me propuzerem para se dar quartel, e cessarem os incendios, havendo recompensa ao maior damno, que pode receber a capitania de Pernambuco, do que se pode receiar nesta Bahia, e, havendo de tratar-se destes particulares, se mandem deputados de ambas as partes, como é estylo, para se capitularem e se assentarem, e se darão de parte á parte os passaportes necessarios, como se usa em casos semelhantes nas guerras da Europa.

Palacio, 5 de Novembro de 1640.

Marquez de Montalvão.

—

Carta do bispo.—Manda-me V. Exc. neste papel, em que me faz mercê deferir a proposta e petição do vigario geral e clero de Pernambuco, que responda eu com os motivos e causas, porque V. Exc. resolve nelle, e parece-me que nunca poderei ter estylo que conclua mais as resões e fundamentos, que a V. Exc. o movem, de que o faz o papel, e com o mandar se ficará melhorando tudo, e eu satisfazendo mais ao rogo do vigario e clero, vendo o papel firmado por V. Exc.; e se a V. Exc. parecer que não ha inconveniente, como a mim se me não representa, far-me ha V. Exc. dar-me licença que o mande, accrescentando quatro regras de resposta em que me remetta ao que o papel refere, de que mandarei a V. Exc. a copia, porque se sirva de a conservar. Guarde Deus a V. Exc.

Bahia, 5 de Novembro de 1640.

D. *Pedro*, bispo do Brasil.

Carta do Marquez.—O meu intento era melhorar o estylo em tudo o que aponta o papel, que o acerto o devo esperar da prudencia e experiencia de V. S.; mas porque V. S. não tome trabalho, faça o que fôr servido, e mande o papel, em que não deixo de vencer algum escrupulo, podendo parecer-lhes a esses prelados, que escreveram a V. S., que damos a isto mais logar do que merece, o que podemos entender de seus papeis; mas como é tão claro o que se aponta, vae pouco em que o vejam, lendo a carta de V. S., como dispõe, e não é necessario que venha copia, porque o que V. S. ordena não necessita de outra consulta. Guarde Deus a V. S. como desejo.

Palacio, 6 de Novembro de 1640.

Marquez de Montalvão.

Subscripto destas tres cartas: « Ao padre Gaspar Ferreira, nosso vigario geral nas capitanias de Pernambuco.—Do bispo do Brazil. »

—

Carta do marquez ao padre Gaspar Ferreira.—O animo com que venho a este Estado bem merece o gosto que Vmc. mostra de me ver nelle, que eu quizera gratificar-lhe com os effeitos mais importantes de seu remedio, em que Deus será servido que não percamos occasião. Nesta presente me parece muita a piedade, que Vmc. tem do que esta capitania pode padecer, e perca a lembrança do que tem padecido; porém no officio e estado de Vmc. não é de extranhar a piedade, ainda que nasça de qualquer causa. A proposta tenho deferido por meio do Sr. bispo deste Estado, que deve responder a Vmc., e eu peço a Vmc. anime a esses moradores, que me são mui presentes os traba-

lhos que padecem, figurando(-lhes) que não me traz ao Brazil outra maior esperança que vel-os livres delles. Guarde Deus a V. S.

Bahia, 6 de Novembro de 1640.

Marquez de Montalvão.

—

Segue-se a resposta do bispo ao vigario geral:

« Alegrei-me de ver boas novas de Vmc., e lhe louvo o zelo, que tem do bem deste Estado: nosso Senhor o conserve nelle para lhe fazer muitos serviços. Ao Sr. vice-rei apresentei a sua petição e despacho que lhe deram, e elle fez concelho sobre isso, e respondeu o que verá com esta. Tenho mandado recommendar muito este negocio a Nosso Senhor; permitta elle que seja por bem das almas e gloria sua. Encommendo muito a Vmc. e todos os sacerdotes a modestia, soffrimento e quietação em seu viver. Nosso Senhor os conforte, e lhes dê saude (?) de muito que pode.

Muito folguei de saber que nossa religião catholica se administra ahi com toda a liberdade, e que Vmc. exercita seu cargo; assi o faça sem embargo de qualquer impedimento que por outra via o queira divertir disso.

Por esta lhe concedo minha autoridade pontificia, assi como a tenho de sua Santidade, para poder dispensar no 4º grão e no 3º *mixtim*, no que se haverá com muito tento e prudencia, não dispensando sem causa legitima, e dando aos que o merecerem penitencia saudavel. Esta concessão faço por tempo de dous annos, que começarão a correr do dia da data desta. Não serve de outra. Nosso Senhor o guarde para lhe fazer muitos serviços. Bahia, 6 de Novembro de 1640.

O vigario geral tendo vindo, a chamado, da Parahyba, onde tem a sua residencia ordinaria, lhe foram entregues essas cartas, e mais animado do que d'antes a promover esse negocio, apresentou elle a seguinte petição no 1° de Dezembro a S. Exc. e aos Senhores do Supremo e Secreto Concelho:

A S. Exc. e Supremo Concelho. — O vigario geral apresento a V. Exc. e Supremo Concelho a resposta que o Sr. bispo da Bahia alcançou do Sr. vice-rei, marquez de Montalvão, sobre a materia do quartel e correspondencia na guerra, sobre que fiz petição, a qual com resposta do Conselho Supremo por permissão de V. Exc. enviei ao dito Sr. bispo, e elle em resposta me mandou a que apresento; e porquanto a materia é de tanta importancia e utilidade ao bem commum, e o dito Sr. vice-rei quer admittir a pratica das conveniencias da materia, e se não deve attender a preeminencias em caso de tanto prejuizo, antes atalhar a muitos para que o povo não pereça, peço a V. Exc. queira condescender com a permissão que o dito Sr. vice-rei mostra em sua resposta, e mandar deputados para que tratem da substancia deste negocio, pondo de parte os accidentes e dependencias momentaneas por bem desta republica e estado que V. Exc. deve procurar como costuma, e receberei grão favor e mercê, e este estado particular beneficio. O vigario geral, *Gaspar Ferreira.*»

No mesmo dia o Concelho deu o seguinte despacho:

«Vista a petição do supplicante, e considerada com zelo christão a utilidade que pode vir a resultar aos moradores de uma e outra jurisdicção, e mais povo deste estado, e por mostrar-vos o quanto nos descontenta o pernicioso estylo de guerra ao presente introduzido neste Estado, como já significamos no despacho que puzemos na outra petição, que o vigario geral e mais ecclesiasticos nos fizeram sobre esta materia, concedemos com o que nesta se propõe, e pede o vigario geral, e enca-

minharemos o essencial desta materia a que della se possa esperar algum humano effeito e responderemos por nossa carta particular ao Sr. vice-rei, satisfazendo as razões, que por sua parte estão apontadas no papel, que delle se nos offerece com esta petição. Cidade Mauricia, 1 de Dezembro de 1640.»

—

De accordo com esta resposta dada ao vigario geral, S. Exc. e os Senhores do Supremo Conselho resolveram enviar a Bahia dous refens, sendo escolhidos o tenente-coronel Hinderson e o major Daey, afim de que, desembarcando alli, cessasse logo a queima e tivesse começo o quartel, e por isso levaram da nossa parte cartas dirigidas ao Sr. coronel (Koin). Partiram depois no navio fretado *Zee-Ridder* e no barco *Nassau* com uma carta de S. Exc. ao vice-rei do seguinte theor:

—

« A muita mercê que V. Exc. me faz com a sua de 6 de Novembro me dá a conhecer a boa fortuna que tive em alcançar a V. Exc. por visinho, e della não serei nunca esquecido em todas as occasiões que o tempo me der de seu serviço para lhe saber gratificar tão honrosa correspondencia, como gose na visinhança de V. Exc.

«Não devo eu querer que V. Exc. transcenda as obrigações de seu governo pelo particular de meus favores; assim que de bonissima vontade aceito que V. Exc. tem ordenado na materia do sargento mór van den Brande e Jorge Gartsman, ou pela troca que V. Exc. espera se faça em Hollanda, ou pelo que o tempo offerecer ao deante, tardando a resolução de Hespanha, a qual sei não poderá retardar a vontade de V. Exc. para me fazer mercês dobradas.

«Os dias atras me foi apresentada em conselho uma proposta em forma de petição pelo vigario geral e clero destas capitanias, a que foi respondido como a importancia e merecimento da materia demandava, e permittido que escrevessem a V. Exc.

sobre ella. De novo me tornou o dito vigario geral a apresentar uma resposta de V. Exc. dada ao Sr. bispo dessa Bahia sobre a mesma materia, e deixadas á parte alterações, em que V. Exc. quer que valham mais na justificação da causa desordens particulares causadas por omissão da disciplina militar em officios menores (cujo castigo se encontra muitas vezes com os incidentes da guerra e tempos dos successos de que supremas ordens de generaes e coroneis, que inviolavelmente se guardam e difficultosamente se desculpam, por mais que V. Exc. as queira desculpar com o direito civil na guerra não admittido), digo que, pospondo o direito de nossa justificação ao gosto de V. Exc., lhe mando em primeiro logar nesta náo ao logar tenente coronel Enderson Hinderson e ao sargento-mór Daye para que fiquem nessa Bahia por refens, emquanto se tratar das conveniencias desta guerra, esperando que V. Exc. me faça mercê mandar outras duas pessoas de qualidade, que aqui façam o mesmo logar, para que mando com esta passaportes em branco para virem nesta náo, nos quaes V. Exc. poderá mandar escrever os nomes de quem for servido.

«E para que em tudo se observem com perfeição os estylos militares, como se deve a tão digno governo, como o de V. Exc., e eu mostre de minha parte o desejo que tenho de os seguir, mando a V. Exc. com os ditos passaportes uma ordem minha por escripto para o nosso coronel Koin, que anda dessa banda. (Recife 2 de Dezembro de 1640).»

(*Conde de Nassau*).

A carta do vigario geral ao bispo, que acompanhava a carta acima, era do seguinte theor :

«Ao Illustre Sr D. Pedro da Silva de Sampaio, bispo do Brazil.—O Sr. Conde de Nassau me man-

dou chamar á Parahyba, onde assisto, e me deu aqui a carta de V. S. com o papel, que o Sr. vice-rei respondeu á nossa proposta. E' impossivel significar com palavras quanto estimei a de V. S. por suas boas novas, e quando Deus me não inspirara fazer a proposta, que fiz, mais que por alcançar boas novas de V. S., bastante causa era por o haver feito O estado em que está nosso intento sobre esta materia do quartel e mortes e incendios, verá V. S. desta segunda petição, que fiz com a resposta que o Sr. vice-rei fez ao despachar, que aqui me deram na primeira. Nosso Senhor encaminhe tudo ao bem de sua egreja, porque melhor seja louvado e servido de seus fieis.

«O poder para despensar que V. S. me dá por sua carta é tanto do serviço de Deus que delle espero lhe resultem a V. S. grandes merecimentos de sua divina magestade; nelle me haverei com o tento e estylo que V. S. se não descuida. (?) Guarde Deus a V. S. muitos annos Recife 2 de Dezembro de 1640.»

—

INSTRUCÇÕES DADAS POR S. EXC. O CONDE JOÃO MAURICIO DE NASSAU E PELOS MEMBROS DO SUPREMO E SECRETO CONCELHO AO TENENTE-CORONEL HINDERSON E MAJOR DAEY, ENVIADOS Á BAHIA COMO REFENS.

1.º Logo que estiver prompto o navio destinado aos nossos enviados, elles far-se-hão á vela e seguirão direitamente para a Bahia de Todos os Santos.

2.º Sendo deante da Bahia, lançarão ancora perto a um bom pedaço de terra, e enviarão no barco o nosso trombeta Hans van der Lipp para levar ao vice-rei a noticia de que são chegados, e esperarão o passaporte de S. Exc. para si, seus criados e bagagem. No entretanto estarão de sobr

aviso, e não consentirão que se chegue ao navio alguma embarcação, a não ser o barco despachado com o trombeta.

3.º Obtido o passaporte do vice rei, poderão entrar na Bahia, indo no barco, salvo si S. Exc. consentir que o navio entre tambem, para o que será necessario que lhes seja dado passaporte em termos expressos, no qual serão comprehendidos tambem os soldados.

4.º Depois de entrarem, transmittirão ao vice-rei as nossas saudações, e lhe entregarão as nossas cartas juntamente com o passaporte que mandamos para as pessoas que, em troca dos nossos refens, forem enviadas para cá, cujos nomes serão escriptos no espaço em branco que deixamos em dito bassaporte.

5.º As ordens por escripto para o coronel Koin, os nossos enviados somente as entregarão ao vice-rei, quando S. Exc. lhes houver entregue ordens semelhantes para as suas tropas e officiaes que andam pelas nossas capitanias, e nos serão enviadas com os refens que tem de vir. Verão primeiramente com todo o cuidado si essas ordens são da mesma substancia das nossas, afim de que, por força dellas, a guerra se faça de parte a parte do mesmo modo.

6.º O vice-rei pode fazer chegar ás mãos do coronel Koin as nossas ordens por escripto, e si quizer que uma via siga por mar, e a outra por terra, pode isto ser por meio de um barco, que S. Exc. para isso dispuzer, pois que desejamos que o nosso navio e o barco voltem ao Recife, afim de que, durante o trato desse negocio, possamos servir-nos delles nas viagens de cá para lá ou vice-versa.

7.º—Si os refens portuguezes quizerem vir no navio *Zee-Ridder*, em que os nossos vão, ser-lhes-ha isto facultado, e, não querendo, o nosso navio e barco serão enviados immediatamente para o Recife. Os nossos refens ficarão na Bahia até que

pelos embaixadores, que havemos de enviar para tratarem d'esse negocio, recebam as nossas instrucções e ordens, pelas quaes se regularão, ou sejam por nós mandados recolher-se.

—

A *Exposição* ou *Verhaal* termina ahi; o que se segue é traducção de peças avulsas existentes no archivo de Haya.

Segundo as *Actas* do Governo do Brazil, a 1. de Março de 1641 chegou ao Recife o barco despachado pelo marquez de Montalvão para trazer a noticia da restauração de Portugal.

No dia seguinte, o Concelho Supremo « deliberousobre a situação das conquistas e da Companhia, á vista da mudança de governo acontecida no reino de Portugal, e foram revistos ao mesmo tempo os papeis destinados aos delegados que tinham de seguir para a Bahia afim de tratarem da concessão de vida salva ou quartel, e resolveu que, não obstante a dita mudança, elles partissem quanto antes e observassem as instrucções que lhe foram dadas.»

A 21 partiram no *Gouden Sterre*.

—

Instrucções dadas aos deputados que vão para a Bahia, o nobre senhor Dircke Codde van der Burgh, conselheiro supremo, o coronel Hans van Koin, Nunno Oliferdi, Conselheiro Politico, e Abraham Tapper, que lhes è adjunto (como secretario.

1.º Suas mercès embarcarão no navio *Gouden Sterre* e far-se-hão á vela para a Bahia de Todos os Santos, defronte da qual ancorarão um bom pedaço ao mar, e despacharão no barco o trombeta para levar ao vice-rei a noticia de serem chegados.

2.º Com a carta de S. Exc. enviarão o escripto em que são refutadas as razões allegadas pelo vicerei na carta que dirigio ao bispo e este enviou a vigario geral, e não desembarcarão antes de terem

parecer a sua festa anniversaria, depois do que declarou encerrada a sessão.

Fez as honras da festa uma guarda do 14 batalhão de infanteria, commandada pelo Sr. capitão Manoel Anselmo Pereira Guimarães, tocando duas bandas de musica no salão o hymno da Independencia, uma ao começar a sessão e outra a ser ella encerrada, além de outras peças do seu repertorio ao concluir-se cada um dos discursos proferidos.

Depois de levantada a sessão recebeu o Instituto o seguinte telegramma de felicitação:

« Rio, 27 de Janeiro— Saúdo o Instituto pelo seu 26.° anniversario.— *José Hygino.* »

Foi respondido nos seguintes termos :

« O Instituto agradece a saudação do seu socio benemerito. »

E por nada mais haver occorrido, fiz a presente, em que assigno com o Exm.° Snr. Conselheiro Presidente e Dr. 1.° Secretario.— Dr. *João José Pinto Junior*, presidente,— *João Baptista Regueira Costa*, 1.° Secretario,— *José Domingues Codeceira*,—2.° Secretario.

Discurso do Presideute do Instituto

Senhores .

Ainda uma vez cabe-me a inestimavel honra de presidir a sessão anniversaria do *Instituto,* e de na qualidade de seu presidente dirigir-vos a palavra neste solemne dia, tão glorioso para Pernambuco e tão cheio de briosas recordações para todos os brasileiros.

Tão grande honra onera-me de tanta responsabilidade, que só contando com a vossa extrema benevolencia e com a provada generosidade dos meus consocios do *Instituto*, atrevo-me agora a reclamar vossa attenção para as descoradas phrases que me sinto na obrigação de proferir.

Senhores.—Fazer a apologia do grande acontecimento historico que hoje commemoramos, exalçar com as pompas da eloquencia e o fogo do patriotismo o dia 27 de Janeiro de 1654, illuminar esta gloriosa data que agora festejamos com os arroubos de uma oração ao mesmo tempo phantasiosa e erudita, não é a minha intenção, nem deve ser a minha tarefa nesta occasião.

Tambem não me compete fazer que passem pela minha e vossa memoria todas as phases da quelle heroico movimento revolucionario que os nossos antepassados effectuaram contra o dominio bátavo, e que principiando em 13 de Junho de

1645, no engenho de Luiz Braz Bezerra (1) veio acabar triumphante, nove annos depois, na Campina do Taborda, em face do Recife libertado.

Tudo isso, bem como o glorioso papel que naquella campanha restauradora representaram quasi todos os chefes do movimento, desde Vieira até Felippe Camarão, desde Vidal de Negreiros até o Capitão Dias Cardoso, desde Menezes até Henrique Dias (todos elles dignos de figurar a par dos mais nobres representantes da bravura antiga, cujo typo foi o espartano Lonidas), tudo isso, digo, não pertence a mim narrar com o desenvolvimento e o brilho que o assumpto merece.

Estou certo de que os Oradores que d'aqui a pouco hão de occupar aquella tribuna, farão vibrar as suas vozes com a narrativa dos feitos admiraveis de que Pernambuco foi theatro durante o periodo da insurreição, e até mesmo durante aquella primitiva phase da luta, em que o vulto de Mathias de Albuquerque domina todos os acontecimentos. (2)

Senhores.—O Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, cuja vida intima durante o anno que findou vai ser fielmente historiada pelo nosso digno 1.º Secretario, tem perseverado na sua difficil, mas honrosa missão de preparar materiaes para o grande monumento da Historia Patria. A custa de penosos sacrificios poude o *Instituto* no anno findo continuar a publicação de sua Revista, a qual graças aos valiosos documentos vindos da

---

(1) No engenho de Luiz Braz Bezerra, em S. Lourenço da Matta, foi que se asylaram os chefes dos *Independentes*, depois da denuncia dada ao Supremo Concelho Hollandez.

Vid. Memorias Historicas de Pernambuco por F. Gama, pag. 168.

(2) E' sabido que foi Mathias de Albuquerque quem organisou a resistencia em 1630 contra os invasores, e quem depois dirigio a luta durante 5 annos, fundando os arraiaes do Bom Jesus da Villa Formosa de Serinhaem, e afinal retirando-se para Alagôas « seguido do magestoso cortejo do povo que emigrava por patriotismo. »

Hollanda e traduzidos para o nosso idioma pelo illustre consocio, o Sr. Dr. José Hygino Duarte Pereira, é hoje em todo o Imperio, o melhor repositorio de factos relativos ao Brazil-hollandez.

Se o favor e a benevolencia publica continuarem a bafejar os nossos trabalhos, é muito possivel que Pernambuco venha a ser a primeira provincia do Brazil que possúa uma historia completa, scientificamente architectada e sem falha de especie alguma no tocante ao periodo da dominação bátava.

Persuadidos de que a Historia é, como se tem dito muitas vezes, *a mestra das nações*, scientes de quanto modernamente tem subido de nivel os estudos historicos de toda ordem, as indagações archeologicas e até as hypotheses pre historicas, orgulhosos pelo ascendente que na philosophia deste seculo tem tomado os methodos da sciencia que cultivamos, methodos que até na formação objectiva do Direito influem de modo a justificar o dito de Ortolan : (3) que *todo jurisconsulto deveria ser historiador e todo historiador um jurisconsulto,* nós, os membros do Instituto Archeologico, estamos convencidos de que trabalhamos não só em bem da nossa patria, como ainda em favor do espirito do nosso tempo.

Levado por essas idéas foi que me lembrei de offerecer á consideração do *Instituto*, em uma das sessões do mez de Julho do anno passado, uma proposta com o fim de ser escripta a *Historia da Provincia de Pernambuco*, baseada nos documentos valiosos que já possuimos.

Approvada essa proposta e remettida á respectiva commissão, foi entretanto resolvido, de accordo com o seu parecer, que para tal commettimento era necessario esperar que fossem pesquizados os archivos de Portugal e da Italia, como

---

(3) Vid. Histoire de la Legislation Romaine, par *J.* Ortolan.

já o foram os da Hollanda, afim de obtermos maior copia de materiaes nessarios áquella con: trucção.

Vêdes, pois, Senhores, que o nosso fim não só, como o dos antiquarios apaixonados e ciosc das suas preciosidades, amontoar documentos cı riosos que façam reviver somente aos nossos olhc as epochas em que lutavam os antepassados pel terra que havia de ser de seus filhos.

Não; o nosso escòpo é mais elevado: — nó queremos fazer desses documentos que trabalhc samente ajuntamos, a pedra angular de um ma gestoso Pantheon, onde os nossos heróes, os gran des homens filhos de Pernambuco, possam rece ber as devidas homenagens dos posteros. Se iss conseguirmos algum dia, então poderemos dize orgulhosos paraphraseando o poela latino: *No moriemur!*

E de facto; não morreremos na memoria do nossos sucessores e descendentes, porque lhes te remos dado um attestado do nosso amor pela Pa tria, que é de todos nós, não só dos que se foram como dos que hão de vir pelo correr dos seculos

Está aberta a sessão.

Recife, 27 de Janeiro de 1888.

Dr. João José Pinto Junior.

———

RELATORIO

APRESENTADO PELO 1.º SECRETARIO DO INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRAPHICO PERNAMBUCANO NA SESSÃO MAGNA ANNIVERSARIA DE 27 DE JANEIRO DE 1888.

Meus Senhores.—Em obediencia aos estatutos, que nos regem, venho, pela quarta vez, offerecer-vos o relatorio do movimento administrativo, litterario e economico do Instituto, durante o anno academico, que acaba de expirar.

Si até hoje têm sido por demais acertadas as vossas deliberações, força é confessar, que abristes uma excepção a essa regra, não me concedendo a exoneração, que pedi, do cargo de 1.º secretario.

Sem o dom da palavra, que, na phrase de um escriptor, é muitas vezes o cinzel delicado, a cujos retoques a idéa se anima, toma um corpo e modela-se como o bronze ou como a cêra, comprehendereis, senhores, que de anno a anno se me affigura mais difficil a missão, que sou chamado a desempenhar na presente solemnidade.

Entretanto passarei a ler-vos o meu relatorio, certo de que si os escuros e as sombras são necessarios para que realcem as bellezas de um quadro, produzirá elle o mesmo effeito, concorrendo para fazer destacar as bellezas, que apresenta o grandioso quadro d'esta festa patriotica.

Reunio-se o Instituto, o anno passado, em 22 sessões, das quaes 19 foram ordinarias e 3 extraordinarias.

A eleição dos membros da meza e das differentes commissões teve lugar a 15 de Fevereiro,

realisando-se a 1.º de Abríl a posse dos funccionarios eleitos.

Celebrou o Instituto uma sessão especial no dia 22 de Dezembro, para ser inaugurado, no salão de honra, o retrato de seu socio fundador e benemerito o dr. Joaquim Pires Machado Portella, o que realisou-se com a possivel solemnidade, proferindo o nosso presidente e orador eloquentes palavras, em homenagem ao distincto cidadão, que era alvo de semelhante manifestação de apreço.

Para fechar os claros, abertos pela morte, admittio esta associação no seu gremio a 26 socios, sendo 1 honorario, 12 effectivos e 13 correspondentes.

Si nem todos os que vieram ultimamente compôr o quadro dos membros do Instituto se distinguem por suas luzes e talentos, é que os grandes edificios, como diz o autor do Colombo, não são compostos sómente das pedras que nos ferem as vistas, nem das de uma grande dimensão ; no intervallo das abobadas, que os sustentam e ligam, no centro dos pilares, que suspendem as arcadas e no macissode seus alicerces tambem entram pedras de uma irregular figura e de pequenissima dimensão e n'estas condições devemos esperar que alguns dos novos consocios, quando não por suas elocubrações intellectuaes, por seus esforços, dedicação e bôa vontade nos possam auxiliar, para que esta associação attinja ao fim, a que se destina pela lei de sua creação.

O tumulo, esse portico, por onde se entra para um outro mundo, no poetico dizer de Chateaubriand, abrio-se, no correr do anno findo, para dar passagem a dez de nossos prestimosos consocios.

O commendador Antonio Ignacio do Rego Medeiros, esse negociante que consagrou a maior parte de sua vida aos labores de sua profissão merecendo a confiança e a estima dos que com elle privavam ; o dr. José Vicente Duarte Brandão, o agricultor, cuja unica ambição era colher com

onradez o fructo do seu trabalho; o ministro do supremo Tribunal de Justiça d. Francisco Baltazar da Silveira, esse membro da magistratura superior, que percorreo todos os gráos da escala judiciaria, revelando intelligencia e illustração; o desembargador Lourenço José de Almeida Catanho magistrado, que na difficil sciencia de julgar pautou sempre os seus actos pelas normas do dever; o dr José Joaquim Tavares Belfort, esse orador eloquente que por suas luzes e talento occupou entre nós um lugar eminente, quer como representante da nação, em diversas legislaturas, quer como professor de direito, em nossa Faculdade; o bacharel Ignacio de Barros Barreto, o espirito culto que, tendo por norte o trabalho, mas o trabalho intelligente e honrado, poz ao serviço da agricultura e da industria a sua actividade e dedicação; o desembargador José Manoel de Freitas, esse preclaro cidadão que, como presidente desta provincia, deputado á Assembléa Geral Legislativa e membro da magistratura, deo provas inequivocas de sua illustração e criterio; o barão de Tacaruna, o velho respeitavel, que fez jus á consideração dos que o cercavam pela sisudez do seu caracter; o chefe de divisão José Manoel Picanço da Costa, esse ancião venerando, que encanneceu no serviço do paiz, elevando-se, por seu merecimento, ao posto eminente que occupava na sua classe e finalmente o conselheiro João José de Oliveira Junqueira, o notavel parlamentar, ex-presidente d'esta provincia, que em todas as phases de sua vida nunca se desviou da senda da honradez, conquistando por seu prestigio o respeito dos contemporaneos, taes foram, senhores, as perdas que soffreo o Instituto, o anno passado, taes os membros desta associação, que pagaram o seu tributo á natureza, sumindo-se na voragem do tumulo.

Anima-nos, porém, a idéa de que os homens distinctos, aquelles, que se elevam por suas virtudes civicas e moraes, são para nós o que era, para

os antigos habitantes do valle do Nilo, essa individualidade mystica e um pouco mysteriosa, de que nos falla um escriptor, que gosava do duplo estado da morte e da vida : elles continuam a viver em nossa memoria, não obstante haverem deixado o involucro terrestre, como, d'aqui a poucos minutos e em phrases repassadas de eloquencia, vos fará ver o nosso illustrado orador.

No correr do anno findo tomou o Instituto diversas deliberações.

Sendo conveniente a publicação dos innumeros documentos, copiados na Hollanda pelo nosso consocio dr. José Hygino Duarte Pereira, e propondo-se este a traduzil-os em lingua vernacula, afim de que a sua leitura não aproveitasse somente aos eruditos, resolveo o Instituto, em sessão de 24 de Fevereiro e sob proposta de differentes socios, requerer para esse fim uma subvenção ao Poder Legislativo, instruindo a sua petição com o calculo das despezas a realisar-se, feito por distinctos profissionaes desta cidade.

Não foi debalde que esta associação appellou para o patriotismo dos representantes da nação porque no orçamento da despeza para o anno de 1888 se acha autorisado o governo a conceder o auxilio pedido pelo Instituto ; havendo efficazmente concorrido para esse resultado o nosso consocio exm. sr. conselheiro dr. Manoel do Nascimento Machado Portella, a quem resolveo o Instituto agradecer o relevante serviço, que lhe havia prestado.

Entre os subsidios, com que deve contar aquelle que se propuzer a escrever a historia de um paiz figuram os documentos officiaes, os quaes, regulando uma multiplicidade de assumptos, são outras tantas fontes de curiosas informações.

Reconhecendo esta verdade, approvou o Instituto, na sessão de 27 de Maio, a proposta, que apresentou o nosso consocio, dr. Cicero Peregrino para que se mandasse extrahir uma cópia de diversas ordens regias e do registro de erdens reae

existentes na Bibliotheca Publica Provincial, deliberação esta que em parte ficou prejudicada, porque o ex-presidente da provincia e hoje nosso consocio dr. Pedro Vicente de Azevedo, mandando recolher á Bibliotheca os respectivos originaes, remetteu-nos 16 volumes, contendo a cópia authentica de grande numero d'aquelles importantes documentos.

Havendo a Camara Municipal do Recife alterado a denominação de algumas ruas da cidade, não podia o Instituto ser indifferente a esse facto e, sob proposta de nosso consocio o sr. major Codeceira, deliberou, na mesma sessão de 27 de Maio que se officiasse áquella corporação, pedindo a revogação do seu acto, com relação ás ruas das Larangeiras e das Trincheiras.

Si o nome da rua das Larangeiras não tem importancia historica, não dá-se o mesmo com o das Trincheiras, que prende-se á época da dominação hollandeza.

Antes que a ilha de Santo Antonio fosse convertida na magnifica cidade, que alhi posteriormente se levantou, cortada de canaes, embellezada de jardins, enriquecida de palacios e ligada ao Recife e ao continente por duas elegantes pontes, já os hollandezes haviam construido diversas fortificações, as quaes aquelle principe reunio em uma praça abaluartada, desde a fortaleza das Cinco Pontas até o forte Ernesto.

A rua das Trincheiras assignalava o local, em que corria essa linha de fortificações, que foi sempre o alvo das nossas investidas, e deixar o Instituto que esse nome fosse substituido por outro, seria concorrer para que se apagasse a memoria dos feitos gloriosos, que alhi se praticaram, o que felizmente não se realisou, porque a Camara Municipal do Recife, attendendo á representação, que esta associação lhe dirigio, revogou o seu acto, restituindo áquella rua a primitiva denominação.

Na sessão de 7 de Julho foi apresentada pelo

nosso consocio, dr. Cicero Peregrino, uma proposta para que se encarregasse o Instituto de escrever a estatistica da provincia, pedindo-se para esse fim á presidencia os documentos precisos.

Como era de esperar, foi semelhante indicação unanimemente approvada, sendo nomeada uma commissão para offerecer o plano a seguir-se na organisação desse trabalho.

E' incontestavel a vantagem da estatistica, essa sciencia dos factos sociaes, expressos em termos numericos e de que, segundo Queletet, resulta um duplo interesse, por ser util ás sciencias e á administração.

Reconhecendo-lhe a importancia, o nosso finado consocio dr. Soares de Azevedo, logo depois de installado o Instituto, apresentou um programma sobre a estatistica de Pernambuco, comparado desde os tempos coloniaes até a época da independencia do Brazil, e desde essa época até os nossos dias; e, por mais de uma vez, votou a Assembléa Provincial os fundos necessarios para isso, mas dos cidadãos, que se incumbiram desse trabalho, só o dr. Jeronymo Martiniano Figueira de Mello deo cumprimento ao contracto, que fizera com a Presidencia.

Como, porém, a estatistica por elle organisada não possa actualmente servir de thermometro para se avaliar das forças vivas da provincia, por ter sido escripta em época, em que outras eram as suas condições, com relação á população, á agricultura, á industria, ao commercio, á instrucção, comprehende-se de quanta utilidade foi a deliberação do Instituto, encarregando-se desse trabalho, que, complexo, como é, só pode ser devidamente executado por uma associação, onde a aptidão de cada um dos seus membros se applique ao estudo das multiplas questões, que lhe dizem respeito.

Resta sómente que a commissão, a quem se acha incumbida a elaboração das bases para a nova estatistica, se desempenhe da honrosa mis-

são, que lhe foi confiada ; sendo de esperar qae o faça com vantagem, muito principalmente tendo á sua frente o autor da proposta, que é especialista na materia.

Approvou finalmente o Instituto, na sessão de 4 de Agosto, uma indicação do sr. conselheiro dr. Pinto Junior, para que se encarregasse esta associação de escrever a historia da provincia de Pernambuco, em vista dos documentos existentes em seu archivo e dos que ainda lhe podessem ser fornecidos, de modo a rectificarem-se os defeitos, que se encontram no que até hoje se ha escripto a esse respeito.

Essa proposta, depois de approvada, foi remettida ás secções reunidas de historia colonial e de historia nacional, para apresentarem o plano a adoptar-se na realisação de semelhante trabalho e indicarem o modo, pelo qual mais facilmente possa elle ser levado a effeito.

A provincia de Pernambuco, tão rica de tradições gloriosas que o dizer se pernambucano deveria produzir o mesmo effeito do *civis romanus sum*, exclamação, que, segundo Cicero, salvou a muitos nas mais remotas regiões do globo, não possue entretanto uma historia completa, escripta com exactidão e criterio e de accordo com os processos modernos.

Ella que nos tempos prehistoricos foi talvez a séde de um povo, sobre o qual se projectaram os raios da civilisação ; que, depois da conquista, occupou um lugar eminente entre suas irmães e de que mais tarde nasceram as duas provincias, que lhe ficam visinhas ; que, por occasião da invasão hollandeza, poz á prova o valor de seus filhos, combatendo pela religião, pela patria e pela liberdade ; que em 1710 precedeo a Minas Geraes na gloriosa tentativa para a independencia do Brazil ; que em 1817 como que preparou o 7 de Setembro de 1822 ; ella que, em uma palavra, em 1824, provou mais uma vez a altivez de caracter dos per-

nambucanos, espera ainda o seu historiador, mas um historiador que, conforme Barrière, seja como um philosopho, que segue sem surpreza, mas não sem emoção, o jogo das paixões e dos interesses humanos, como um juiz imparcial e incorruptivel, que não póde offuscar o brilho da cathegoria, dos talentos e da gloria e que pesa os homens por suas acções, como um pintor que, em painel de vasta disposição, escolhe as côres para o assumpto e grupa os factos, colloca e traja os personagens com arte e dignidade, finalmente como um architecto de gosto, cuja mão, podendo estender se sobre mil objectos de preço, comtudo tem a coragem de abandonar todas essas riquezas, porque não entrariam no plano ou mal se ligariam com a belleza severa de seu magestoso edificio.

E o Instituto, senhores, reune todas essas qualidades, que são exigidas no verdadeiro historiador.

Superior ás paixões e aos interesses mesquinhos, que avassalam o individuo e por conseguinte podendo estudar esses sentimentos debaixo de um ponto de vista mais elevado; sobranceiro ás lutas dos partidos, que se debatem na arena politica, e habilitado por isso a julgar com imparcialidade e criterio os homens e as acções; tendo á sua disposição valiosos subsidios e portanto mais facilidade de separar a verdade do erro, na apreciação dos acontecimentos; e por ultimo dispondo da erudição necessaria para pôr em contribuição as sciencias correlativas da historia, o Instituto representa esse philosopho profundo, esse juiz imparcial, esse pintor delicado e esse habilissimo architecto, de que nos falla Barriere e está no caso de escrever uma *Historia de Pernambuco*, que corrija os erros, que vão adquirindo direito de cidade nas obras até hoje publicadas; que restabeleça a verdade dos factos, sendo ao mesmo tempo um protesto vivo ás apreciações injustas, que de nossos acontecimentos têm feito escriptores apaixonados;

que finalmente concorra para dotar o Brazil com uma historia geral mais exacta, porque esta não se póde escrever, sem que se tenha em vista a historia especial de cada uma das provincias.

Tomando, portanto, sobre seus hombros essa missão, pela approvação da proposta do nosso digno presidente, correspondeo o Instituto ao desejo, por elle manifestado, de ser util á provincia, que lhe déra o berço e adquirio mais um titulo ao seu reconhecimento.

Poucos foram os trabalhos, com que os nossos consocios occuparam, o anno passado, a attenção do Instituto; sendo apenas lidos dous pareceres de commissões especiaes e um das secções reunidas de historia colonial e historia nacional.

Havendo o nosso consocio o sr. Francisco Augusto Pereira da Costa descoberto n'um livro escripto por fr. Manoel de Sá, sobre a Ordem Carmelita, que o governador João Fernandes Vieira, cujo jazigo até então se suppunha existir na Misericordia de Olinda, descançava em humilde sepultura na capella-mór da igreja do Carmo d'aquella cidade, deo se pressa em communicar esse facto ao Instituto, o qual, obtendo a necessaria licença, mandou proceder a excavações no lugar indicado.

Submettidos os ossos, que ahi se encontraram, ao exame de uma junta medica e remettido o seu parecer, bem como os demais papeis a uma commissão especial, do seio do Instituto, deo esta por finda a sua missão e na sessão de 1.º de Setembro leo o nosso consocio dr. Maximiano Lopes Machado o parecer, que elaborara, concluindo que vehementes presumpções autorisam a suppor serem os ossos, de que se trata, pertencentes ao illustre Madeirense.

Entende a commissão que é de muito peso a indicação de fr. Manoel de Sá, não só por ser esse escriptor quasi contemporaneo de Vieira, como porque, escrevendo sobre a Ordem Carmelita, deveria ter em vista os assentos do convento, nada

affirmando, que não estivesse fundado nos documentos que consultara; que demais disto a noticia, que elle dá, acerca do jazigo de Vieira na igreja do Carmo de Olinda, acha-se confirmada pela excavação, a que se procedeo na capella-mór daquella igreja, onde, do lado do Evangelho, encontrou-se effectivamente uma sepultura, encerrando ossos, que, segundo o exame medico, pertenceram a um individuo do sexo masculino, de idade superior a 60 anuos e alli inhumado ha muito mais de seculo, o que tudo parece referir-se a Vieira.

Passando a outra ordem de considerações, mostra a commissão que não foi cumprida a verba 6ª do testamento, com que falleceu aquelle herói, na parte em que dispõe que fosse o seu corpo transportado para um carneiro, que mandara preparar na ilha da Madeira para si e sua mulher, porquanto das pesquizas, que ahi se fizeram, resultou que esse jazigo não fôra construido, e si o fosse não teria sido a sua esposa D. Maria Cesar, que lhe sobreviveu, sepultada na igreja de Santa Thereza de Olinda; que essa verba só teve cumprimento na parte em que dispunha que, logo após a sua morte, o depositassem na igreja do Carmo, sendo presumivel, que, verificando se a não construcção do carneiro, lhe dessem os seus testamenteiros sepultura na capella-mór d'aquella igreja, onde foram agora encontrados os seus restos mortaes.

Leo ainda o sr. dr. Machado, na sessão de 29 de Setembro, o parecer das secções reunidas de historia colonial e de historia nacional sobre a proposta do nosso consocio o sr. conselheiro dr. Pinto Junior, no seniido de encarregar-se esta associação de escrever a historia da provincia de Pernambuco.

A conclusão desse parecer é que, adiada por emquanto aquella proposta, deve o Instituto perseverar no empenho de promover as investigações, que ha tres annos encetara, porquanto, para se escrever a historia completa e authentica da antiga

capitania de Pernambuco, os melhores materiaes, que podem ser utilisados, se acham esparsos em archivos de paizes estrangeiros, como os de Hollanda, Hespanha e Italia; estando praticamente demonstrado, pelo resultado das pesquizas que ultimamente se fizeram em Haya, que por ora os esforços do Instituto se devem limitar á reunião dos materiaes, que existirem naquelles archivos e sem os quaes é impossivel escrever-se a historia verdadeira e completa, quer do Brazil colonial, quer de cada uma das capitanias, em que elle se dividia.

Sem contestar a conveniencia de certas investigações, parece-me, entretanto, que alguma cousa já se poderia tentar, com relação á proposta do exm. sr. conselheiro dr. Pinto Junior, pois que os documentos ineditos, existentes no archivo do Instituto e nos das diversas repartições, os publicados em nossas Revistas e nas do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, nas *Memorias Historicas de Pernambuco* de José Bernardes Fernandes Gama, e nas *Biographias de alguns poetas e outros homens illustres*, pelo commendador Antonio Joaquim de Mello, a *Historia da guerra dos mascates*, do padre Gonçalves Leitão, a dos *Martyres Pernambucanos* e a da *Revolução de 1817* por Monsenhor Muniz Tavares e finalmente a biographia de Manoel de Carvalho Paes de Andrade e as obras de frei Caneca, colleccionadas pelo commendador Mello, offerecem já um manancial abundante, onde se podem obter á farta as mais curiosas informações, para se escrever, até o fim do primeiro reinado, a historia de Pernambuco, com exactidão, imparcialidade e criterio.

Cumpre, portanto, que o Instituto aproveite todo esse material, que se acha esparso, promovendo ao mesmo tempo os meios de investigar os archivos dos paizes estrangeiros, como opina o parecer das secções reunidas de historia colonial e de historia nacional.

O nosso consocio, sr. major Codeceira, na sessão de 24 de Novembro, procedeo, como relator, á leitura do parecer de uma commissão especial sobre a fundação do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano.

Fazendo o historico dos factos, recorda a commissão que, anteriormente á fundação do Instituto, resentia-se a nossa provincia da falta de uma associação que perpetuasse as suas tradições gloriosas; sendo que as difficuldades, com que lutavam os poucos, que, como o venerando commendador Mello. se dedicavam á investigação do passado, a idade avançada de alguns dos nossos homens illustres, d'entre os quaes Muniz Tavares e Menna Calado, que eram a tradição viva dos acontecimentos, em que tomaram parte e finalmente a perda de muitos documentos, que enriqueciam os nossos archivos e a remessa de outros para fora da provincia, tudo parecia aconselhar a fundação de uma sociedade, que substituisse o esforço individual pelo collectivo, concorrendo ao mesmo tempo para salvar do esquecimento e da destruição os monumentos da nossa grandeza no passado.

Essas considerações, reunidas á da existencia de um Instituto Historico e Geographico, no Rio de Janeiro, e á idéa aventada pela imprensa, em 1860, da fundação, entre nós, de uma sociedade identica, quanto a seus fins, fizeram vibrar a fibra patriotica dos benemeritos cidadãos drs. Joaquim Portella, Torres Bandeira, Soares de Azevedo, Antonio Witruvio e major Salvador, os quaes resolveram, em 1862, organisar uma associação que colligisse, verificasse e publicasse os documentos, monumentos e tradições das provincias, que formavam as antigas capitanias de Pernambuco e Itamaracá, havendo sido o dr. Soares de Azevedo quem lembrara o titulo de *Archeologica* para a nova associação e o major Salvador que fosse ella installada no dia 28 de Janeiro, para recordar a

data, em que o general Barreto de Menezes fizera a sua entrada triumphal na cidade do Recife.

Assentado, porem, o patriotico plano da fundação do Instituto, faltava quem lhe desse o impulso necessario, promovendo os meios de leval o a effeito, e essa gloria, como pensa a commissão, cabe ao socio fundador dr. Joaquim Pires Machado Portella, pois foi elle quem redigio e assignou em primeiro lugar a carta endereçada ás pessoas mais gradas desta capital, convidando-as para assistirem á installação do Instituto; quem reiterara pessoalmente os convites feitos, instando pelo comparecimento dos cidadãos, a quem se dirigira; quem presidira não só ás sessões preparatorias como á da installação, em que proferio o discurso de abertura e o da posse dos membros da mesa administrativa; quem finalmente insistira com monsenhor Muniz Tavares para aceitar a presidencia do Instituto, lugar que o dr. Portella recusou, contentando-se com exercer o cargo de 1º vice-presidente, que occupou até a sua retirada desta provincia

Para assim se pronunciar, destacando, d'entre os socios fundadores desta associação, o nome daquelle benemerito cavalheiro, declara a commissão haver-se firmado no que ouvira o seu relator ao major Salvador e ao dr. Witruvio Bandeira e no que consta do archivo e das nossas Revistas Trimensaes.

Esse parecer, elaborado no intuito de restabelecer a verdade dos factos, adulterado por escriptores, que têm attribuido a diversos a fundação do Instituto, depois de convenientemente discutido, foi por unanimidade approvado, bem como o das secções reunidas de historia colonial e de historia nacional e o da commissão encarregada de emittir o seu juizo sobre os presumidos ossos de João Fernandes Vieira.

Além dessas commissõee especiaes, estão incumbidas de dar parecer: a secção de archeologia sobre uma cidade descoberta nos sertões do Pi-

auhy, a de historia colonial, acerca da obra que nos offereceo o seu autor dr. João Mendes de Almeida, intitulada — Notas Genealogicas-- Livro de Familia e do seu trabalho contestando a authenticidade do Diario de Pero Lopes de Souza, publicado pelo Visconde de Porto Seguro e a de historia nacional a respeito da proposta do nosso consocio sr. major Cintra, no sentido de verificar-se a existencia de uma peça que consta do *Itinerario de frei Caneca* haver sido encravada no lugar Bateria, perto da cidade de Limoeiro.

As commissões de contas e de redacção prestaram importantes serviços ao Instituto, aquella consultando sobre os balancetes trimensaes e orçamento de receita e despeza para o anno vindouro, organisado pelo nosso thesoureiro, e está promovendo a impressão da *Revista*, da qual foram publicados tres numeros, com o que desempenhou-se esta associação do compromisso que contrahira para com os respectivos assignantes.

Com o n. 33 concluio o Instituto a publicação dos *Dialogos das grandezas do Brazil*, obra esta inedita, attribuida ao poeta e prosador pernambucano Bento Teixeira Pinto

Esse manuscripto achava-se recolhido á bibliotheca de Leyde e d'ahi extrahio o visconde de Porto Seguro uma cópia para dal-a á publicidade nas columnas do *Jornal do Recife*, cópia que o digno redactor d'aquelle jornal, nosso consocio sr. José de Vasconcellos, cedeo ao Instituto para publical-a em sua Revista.

Por mais de uma vez me tenho occupado dos *Dialogos das grandezas do Brazil*; nunca é demais porém, para encarecer a importancia dessa obra.

Escripta em 1618 e no estylo que n'aquella época estava em voga e em que haviam sobresahido Amador Arraes, Heitor Pinto e Diogo do Couto, recommenda se ella pela descripção minuciosa, que ao seu interlocutor Alviano faz Brandonio, das riquezas do Brazil, descripção em que, á par da no

ticia que dá das cousas do nosso paiz, revela o escriptor conhecimentos de sciencias naturaes, geographia, historia e ethnographia, prendendo agradavelmente a attenção em cada um dos 6 *Dialogos*, de que se compõe a obra. N'um postfacio, que acompanha a cópia do manuscripto, prova o visconde de Porto Seguro que o seu autor é brazileiro e não portuguez, fundando-se o illustre historiapor, para assim opinar, no interesse que mostra o escriptor dos *Dialogos* pelo adiantamento do Brazil, na sua declaração de que este já não precisava de colonos de Portugal e no modo por que se pronuncia com relação aos filhos do reino, que, segundo elle, aqui vinham aprender a ser bem fallente e até a civilidade e a policia; nenhuma duvida podendo pairar no seu animo de que o autor da obra fosse o tradicional pernambucano Bento Teixeira Pinto, attendendo-se á preferencia que dá elle a Pernambuco, sobre as outras capitanias, considerando-a até superior a propria Bahia, capital do Estado, e a ser impossivel encontrar se em qualquer colono obscuro e que de si não deixasse a minima noticia, tantas qualidades recommendaveis de escriptor.

Explicando algumas expressões, de que usa o autor dos *Dialogos* e das quaes se poderia concluir ser elle filho de Portugal, pondera o visconde de Porto Seguro que, si elle declara que era novo na terra em 1583, deve-se interpretar como ahi recem-chegado da metropole, depois de lá haver passado a adolescencia a frequentor os estudos; nada provando o dizer-se elle portuguez, porque este era o nome, pelo qual se distinguiam os de puro sangue europeu e não pelo de Braziliense, que só se applicava aos indios ladinos e aos mamelucos.

Além dos *Dialogos das grandezas do Brazil* contém diversos artigos interessantes os tres numeros da Revista, que vieram á luz da publicidade o anno passado.

O n. 32 publica alguns documentos concernen-

tes a Gaspar Dias Ferreira e um *Diario ou breve discurso acerca da rebellião e dos designios dos portuguezes do Brazil, descobertos em Junho de 1613, e do mais que se passou até 28 de Abril de 1648.*

E' bem conhecido o papel, que na época do dominio hollandez representou o portuguez Gaspar Dias Ferreira, o qual, depois de insinuar se no animo do principe Mauricio, perante quem exerceu notavel influencia, naturalisou-se subito hollandez, foi condemnado por traição a prisão e banimento pelos tribunaes da Hollanda e evadio-se do carcere, a que se achava recolhido ; subindo por isso de ponto a importancia dos documentos, a elle relativos, e que apparecem agora publicados em nossa Revista.

O Diario ou discurso acerca da rebellião e dos designios dos portuguezes do Brazil, é uma interessante memoria, escripta em hollandez por um curioso, que aqui residio no começo da rebellião

A sua nota dominante é a accusação dirigida pelo autor aos portuguezes, por haverem quebrado a tregoa de dez annos, pondo em campo a revolução e o odio áquelles de seus compatriotas, que trahiram a patria, revelando aos nossos os planos do inimigo.

Deixando de lado o modo apaixonado, por que elle se enuncia a esse respeito, é incontestavel que encerra essa memoria a narração circumstanciada do que se passou nos dous primeiros annos da rebellião, constituindo um importante subsidio para se escrever a historia d'aquelle periodo.

Não menos interessante do que este é o n. 33 da nossa Revista, publicado o anno passado.

Destacam-se d'entre os escriptos, que nelle figuram, o *Relatorio sobre o estado das Alagôas em Outubro de 1643 e descripção dos quadros que o conde Mauricio offertou a Luiz XIV.*

O *relatorio sobre as Alagoas* foi escripto pelo assessor Johannes Van Walbeek e Henrique de

Moucheron, em desempenho da commissão, de que haviam sido encarregados.

E' um trabalho minucioso, que interessa á geographia d'aquella provincia e que se recommenda pela descripção dos limites, terras, lagôas, ilhas e ilhotas, engenhos e aldeias, recursos economicos e naturaes d'aquella importante parte da antiga capitania de Pernambuco, tornando-se ainda notavel pelas considerações adduzidas por seus autores acerca dos meios a empregar-se para se povoar e colonisar o seu vasto territorio.

Não é tambem destituida de interesse a *Descripção dos quadros offertados pelo principe Mauricio a Luiz XIV*, e que igualmente figura em o numero 33.

A par do impulso que deo á administração, illustrou-se aquelle principe pela animação, que, entre nós, dispensou ás artes e ás sciencias, cercando-se de architectos, engenheiros, medicos, naturalistas e pintores, que deixaram de sua passagem os mais gloriosos vestigios nos palacios e pontes que construiram, nas obras de medicina e sciencias naturaes, de que foram autores e nos quadros que desenharam sobre assumptos do Brazil, dos quaes, ao voltar a Hollanda, o conde Mauricio vendeo alguns ao eleitor de Brandeburgo, ornando outros ainda hoje os museus de Hamburgo, Berlim e Praga, segundo o testemunho do Visconde de Porto Seguro.

A *Descripção*, porém, publicada em nossa Revista versa especialmente sobre os quadros que aquelle conde offereceo a Luiz XIV.

Essa pequena memoria encontrada entre os papeis de Mauricio, no archivo particular do rei da Hollanda, quando nenhum outro interesse offerecesse, mencionando, como menciona, a reproducção na tela das curiosidades da flora e da fauna do Brazil, tem a vantagem de fornecer elementos para se escrever a historia natural e das artes em nosso paiz, durante o tempo da dominação hollandeza.

O n. 34 da Revista, ultimo publicado pelo Instituto, o anno passado, além de diversos documentos sobre varios assumptos, relativos áquelle periodo, contém um *Breve discurso sobre o estado das quatro capitanias conquistadas de Pernambuco, Itamaracá, Parahyba e Rio Grande*, situadas na parte septentrional do Brazil.

Essa especie de relatorio, escripto em Janeiro de 1638 por J. Mauricio, Van Ceulen e Van der Dussen, sahio publicado em hollandez na Chronica da Sociedade de Historia de Utretch, mas a traducção, que ora apparece em o n. 34, foi feita diante da copia manuscripta do archivo de Haya, que é mais correcta.

Com a maior minuciosidade, acham-se descriptas as quatro capitanias conquistadas, sobretudo em relação á sua geographia physica, politica e economica; o que basta para pôr em relevo a importancia de semelhante trabalho.

Como as demais memorias, que figuram nos tres numeros da *Revista*, que o Instituto publicou, o anno passado, foi esse Relatorio traduzido pelo nosso consocio dr. José Hygino Duarte Pereira, que d'esta arte procura completar o acto de patriotismo, que o levou a Hollanda, afim de copiar em seus archivos os documentos mais importantes, relativos á lucta que se ferio entre nós de 1630 a 1554.

Cumpre-me agora mencionar as provas de apreço e consideração, com que, no correr do anno academico, que acaba de expirar, penhoraram a nossa gratidão os poderes publicos, as associações litterarias e scientificas e distinctos cavalheiros, residentes tanto no paiz, como no estrangeiro.

Attendendo á representação, que lhe dirigimos, votou o Podér Legislativo o auxilio necessario para a publicação dos documentos existentes em nosso archivo, havendo já esta associação pedido ao Governo para usar da autorisação que lhe foi concedida.

Não menos digno do reconhecimento do Instituto foi o acto patriotico da nossa Assembléa Provincial, elevando a dous contos de réis a quantia de um conto e duzentos, com que nos subvencionava annualmente.

Prestou igualmente um grande serviço ao Instituto o ex-presidente da provincia e hoje nosso consocio dr. Pedro Vicente de Azevedo, designando outro predio, para nelle reunir-se uma das secções eleitoraes do 1º districto que, com grave prejuizo para a marcha dos nossos trabalhos, tinha sua séde no edificio, em que funcciona esta associação.

Muitas e valiosas foram as offertas, que vieram enriquecer a bibliotheca, o archivo e o museu do Instituto.

O presidente da Bahia, desta provincia e da Parahyba nos remetteram os seus relatorios ; havendo o primeiro nos enviado tambem um volume intitulado *Collecção de obras, relativas á historia da capitania e depois provincia da Bahia* e o segundo dezesete volumes, contendo a cópia de diversas *Ordens Regias* e o *Inventario dos bens dos jesuitas*, obras estas que offerecem um precioso manancial de informações para se escrever a historia desta provincia.

Continuam a secretaria da Camara dos Senhores Deputados a mandar-nos os *Annaes do Parlamento,* o Instituto Historico e Geographico Brazileiro as suas *Revistas* e as Sociedades de Geographia do Rio de Janeiro e de Lisbôa os seus *Boletins*, havendo esta nos participado tambem o passamento de seu presidente, o conselheiro Antonio Augusto de Aguiar.

Recebemos igualmente os orgãos de duas associações, recentemente installadas, a *Sociedade Scientifica Antonio Alzate*, estabelecida no Mexico, e o *Instituto do Ceará*, o qual nos communicou a sua installação, fineza que agradecemos, felicitando-o por esse acontecimento auspicioso para aquella

provincia e remettendo-lhe as nossas Revistas Trimensaes, bem como a todas as associações e cavalheiros, que se correspondem com o Instituto.

Foi-nos offerecida pelos distinctos exploradores Capello e Ivens a obra, que escreveram sob o titulo : *De Angola a Contra Costa.*

Edição de luxo, illustrada de finissimas gravuras, encerra essa obra a descripção das explorações, que fizeram os dous celebres viajantes, atravez do continente africano.

Esses peregrinos, diz um escriptor, que se atrevem a devassar terras, onde nunca penetrou o mais leve vislumbre do estado social, arrostam difficuldades e perigos tão temiveis como os que vão sondar os oceanos.

Si o solo não lhes offerece abysmos, nem syrtes e si ha menos a recear das tempestades, as aturadas privações, por que têm de passar, multiplicam os obstaculos ; a sua vida acha-se sempre ameaçada pelo encontro de animaes ferozes e de monstruosos reptis, pela barbaria dos indigenas desconfiados, pela criminosa cobiça dos malfeitores, que espreitam sua victima para despojal-a e pela influencia maligna dos climas, que accrescenta riscos inevitaveis.

E Capello e Ivens, senhores, venceram todas essas difficuldades e perigos, passaram por todas as privacões e aventuras e pozeram em risco a sua saúde e a sua vida, na viagem que fizeram atravez do continente africano.

Animados unicamente da coragem, que lhes inspirava o dever e da ambição de serem uteis ao seu paiz, percorreram elles aquelle continente não para apascentarem os olhos nas magnificas ruinas de Axo, de Alexandria e da Thebas das cem portas ; não para deslumbrarem a vista com os templos cavados nas rochas da Abyssinia e da Nubia ; não para pasmarem diante das maravilhas artisticas do Egypto, de suas pyramides e obeliscos, de seu famoso labyrinto, das grutas da The-

baida e do celebre pôço, em cujo fundo se via a imagem do sol inteira no dia de solsticio; mas para serem os Colombos de um oceano de areias, mas para fazerem importantes descobertas, como tudo se acha descripto, com as côres mais vivas, na preciosa obra, que nos offereceram e com que conquistaram um titulo ao reconhecimento do Instituto.

Devemos tambem ao nosso prestimoso consocio dr. José Hygino a offerta de um grande numero de livros, sobre diversos assumptos, d'entre os os quaes se destacam 3 volumes das *Memorias Historicas de Pernambuco*, por José Bernardes Fernandes Gama, 1 da *Viagem ao Brazil* por Luiz Agassiz, traduzida do inglez por Felix Vogeli e 2 das *Lendas da India*, de Gaspar Correia.

As *Memorias Historicas* é hoje obra rarissima e, não obstante resentir se de gravissimos erros e de não occupar-se dos acontecimentos de que, no principio d'este seculo, foi theatro a nossa provincia, offerece a grande vantagem de publicar valiosos documentos, que podem ser devidamente apreciados por quem se propozer a escrever a historia de Pernambuco.

Distingue-se por sua importancia a *Viagem ao Brazil*, por Agassiz, o qual, como seus companheiros Spix e Martius, S. Hilaire, Koster, Ferdinand Diniz e outros, prestou grande serviço ao Brazil, descrevendo-lhe com proficiencia a flora, a fauna e a geologia, para o estudo da qual é a região americana a terra classica por excellencia, segundo Van Lede, e assentando theorias de grande valor scientifico, tiradas da observação dos factos.

Merecem tambem especial menção as *Lendas da India* de Gaspar Correia.

Esse livro, hoje rarissimo, além de outros assumptos, contém a narração do descobrimento do Brazil pela armada de Pedro Alvares Cabral e neste ponto é preferivel o seu autor a Castanheda, João de Barros e Damião de Góes, na autorisada opi-

nião do senador Candido Mendes, por ter vivido na India, nos primeiros tempos da descoberta (1512), quando era mui fresca a memoria dos acontecimentos importantes das navegações portuguezas; inspirando por isso a sua chronica mais fé do que os trabalhos daquelles tres escriptores.

O sr. Alfredo do Valle Cabral offereceo-nos uma *Collecção das Cartas* do padre Nobrega, por elle editadas.

Esse livro é o segundo de uma série, que, sob o titulo—*Materiaes e Achêgas para a historia e geographia do Brazil*, estão publicando na côrte aquelle escriptor e o sr. Capistrano de Abreu e dr. Teixeira de Mello.

No volume, por elle editado, reunio o sr. Valle Cabral vinte e uma cartas do padre Nobrega, duas das quaes se achavam ineditas; e em todas estão vasadas a simplicidade e a franqueza daquella alma, cuja uncção, na phrase de um escriptor, semelhante á gotta d'agua, que penetra o rochedo, acaba por ganhar o coração do selvagem e reconduzil-o aos verdadeiros principios da natureza, que só conhece quem tem uma religião illustrada.

Conforme observa o editor, o que nellas mais prende a attenção é a luta intestina entre christãos e indios, o odio dos christãos e as calamidades, que commettiam contra os selvagens, o desamor dos povoadores á terra descoberta, a guerra, que soffriam os jesuitas dos sacerdotes e a prejudicial população dos degradados, o que tudo fornece elementos muito interessantes para a historia do povo brazileiro, sob diversas pontos de vista.

A esta vantagem accresce que o editor addicionou ao livro uma biographia de Nobrega, composta pelo padre Antonio Franco, escreveo um estudo sobre o celebre jesuita e suas cartas, fez preceder cada uma dellas de um minucioso summario e acompanhou-as de judiciosas notas e esclarecimentos, que discutem e explicam muitos pontos controversos; pelo que comprehende-se a re-

levancia do serviço, que prestou o sr. Valle Cabral, com a publicação do livro, de que nos offereceo um exemplar.

Sempre solicito pelo adiantamento do Instituto, remetteo-nos da côrte o nosso prestimoso consocio, dr. Joaquim Portella, um grande numero de obras sobre estatistica, archeologia, historia economica e diplomatica do Brazil; merecendo especial menção os *Quadros geraes da população do Imperio*, obra esta, com que tambem presenteou-nos o nosso consocio, monsenhor Manoel da Costa Honorato.

Divididos em tantos volumes quantas são as provincias, constituem esses *Quadros* uma importante publicação, onde se encontram preciosissimos dados sobre a população do Imperio, em 1872.

Devemos ao sr. Alfredo de Carvalho a offerta de dous volumes, um intitulado *Pluto Brasiliensis* por W. L. Eschwege e outro *Geographia e Estatistica* por Wapeus.

Ambas estas obras estão escriptas em allemão; a ultima, porém, foi inteiramente refundida na traducção brazileira, cujo primeiro volume corre impresso, e onde, segundo a declaração dos illustrados editores os srs. Valle Cabral e Capistrano de Abreu, se acham cortadas as minudencias, e existe muito mais material do que no original, havendo para ella concorrido com a sua collaboração distinctos litteratos, cada um dos quaes encarregou-se de uma secção especial.

Recebemos do autor, por intermedio do nosso consocio, sr. conselheiro Quintino de Miranda, o opusculo que publicou o sr. barão de Penedo, sob o titulo *O Bispo do Pará—Missão á Roma.*

Contém esse opusculo a resposta d'aquelle illustrado diplomata ao livro recentemente escripto pelo sabio prelado paraense sobre a questão religiosa.

Ainda é cedo para pronunciar-se a historia acerca de tão momentoso assumpto.

Entretanto, havendo sido a provincia de Pernambuco o berço dessa magna questão, de que foi protogonista o heroico bispo de Olinda, não pode deixar de inspirar-nos o mais vivo interesse tudo quanto se escrever a respeito, baseado em documentos, pelo que conviria que, a par do opusculo do sr. barão de Penedo, fizesse o Instituto acquisição da obra do illustrado bispo do Pará, afim de habilitar o futuro historiador a escrever com imparcialidade a historia ecclesiastica desta provincia, na parte relativa áquelle periodo.

Entre as offertas, que o nosso archivo recebeo, figuram os *Apontamentos para a historia patria. Guerra dos Cabanos em 1832*, escripta pelo sr. Felix Fernandes Portella e com que nos obsequiou o commendador Francisco Benicio das Chagas.

Contemporaneo da luta civil, que ensanguentou a nossa provincia e é conhecida na historia pelo nome de guerra dos *Cabanos*, e tendo feito parte das forças expedicionarias, enviadas para debellar os revoltosos, comprehende-se a importancia do trabalho, que escreveo o sr. Fernandes Portella sobre essa guerra, que, começando em 1832, em Panellas de Miranda, só terminou em Novembro de 1835, pela intervenção pacifica do bispo de Pernambuco.

O nosso consocio, sr. commendador José de Vasconcellos, enviou-nos uma collecção de diversos jornaes desta provincia, e o sr. dr. Joaquim Portella 7 documentos por elle copiados do Archivo Publico, de que é digno director e os quaes se referem aos annos de 1817, 1822, 1823, 1824 e 1840.

Bastaria mencionar essas datas para pôr em relevo o valor de cada um dos documentos, com que nos presenteou o dr. Joaquim Portella, pois recordam elles a revolução de 6 de Março, a independencia do Brazil, a reunião da Assembléa Constituinte, a Confederação do Equador e a maioridade ; entretanto merece menção especial, com relação á nossa provincia, o officio documentado de

Camara de Olinda, do qual se vê o historico do começo da revolução de Pernambuco, em 1824.

O nosso consocio dr. Irineu Joffiy, que já nos havia presenteado com preciosos specimens das jazidas fosseis de Campina Grande, remetteo da provincia da Parahyba para o nosso museu diversas amostras de ferro, encontrado em S. João de Cabaceiras, um fragmento de crystal de rocha e differentes machados e cunhas de silex.

Offereceo-nos igualmente o illustrado dr. Maciel Pinheiro 1 prato de 200 annos, com pinturas da India ; o sr. Alfredo Ducasble uma cópia photographica da inscripção gravada na igreja dos Prazeres dos montes Guararapes ; o sr. desembargador Alves Ribeiro duas mangas de vidro de côr e o nosso consocio sr. major Cintra um areeiro de metal, notavel por haver sido o companheiro inseparavel das elocubrações politicas e litterarias de fr. Caneca, o martyr da revolução de 1824, em quem não se sabe o que era mais pronunciado, si o amor da patria ou o amor da sciencia.

Dentre os objectos, com que nos obsequiou o nosso consocio sr. Thomaz Carneiro e que interessam á mineralogia, á fauna, á ethnographia e á paleontologia, destacam-se um ramo de coral, côr de rosa, vindo da Italia, um chifre de rhinoceronte, um pedaço de amianto do Rio Grande do Norte, outro de ambar de Perumbuco, um tembetá de pedra verde e um caracol, em estado fossil, que se encontrou na estrada de Santa Thereza de Olinda.

Mais do que nos annos anteriores, recebeo a nossa galeria a offerta de diversos retratos.

Antes, porém, de occupar-me de cada um delles, cumpre-me fallar de um quadro lithographado, que nos offereceo o nosso finado consocio, sr. chefe de divisão Picanço da Costa, representando um trecho da segunda batalha de *Guararapes*.

E' a reproducção, em miniatura, de uma parte do magnifico quadro dessa memoravel batalha, desenhado por Victor Meirelles de Lima, o laureado

autor da *Primeira missa no Brazil*, da *Passagem de Humaitá e Riachuello*, o genio da pintura que, como Panenus, Polignoto e Micon, entre os gregos, tem procurado immortalisar na tela os nossos feitos patrioticos.

Embora falte á copia o colorido, que se observa no original e em que, segundo um critico notavel, soube Victor Meirelles mostrar-se digno discipulo de Corregio e de Rubens, comtudo n'ella se descobre a mão do mestre ou antes o dedo do gigante na reproducão fidelissima de um dos trechos mais importantes da segunda batalha dos Guararapes, esse feito d'armas, que foi como que o golpe mortal desfechado no coração do poder hollandez.

Foram-nos offerecidos dous retratos de D. Pedro I, sendo um pelo dr. Praxedes Pitanga e outro pelo commendador Carneiro da Fontoura, o qual offertou-nos tambem o da augusta esposa d'aquelle soberano, D. Amelia de Leuchemberg.

Si a pintura só póde abranger um momento no tempo, si, como ás outras artes, não lhe é dado reproduzir a successão dos factos, dir-se-hia que, tratando-se do retrato de um personagem, que exerceo notavel influencia n'uma época determinada, apparecem tambem representados na téla os principaes acontecimentos, em que elle figurou.

E de feito, ao contemplar o retrato de D. Pedro I, como que presenciamos o drama do Ypiranga, vemos desenrolar-se aos nossos olhos a guerra da independencia, assistimos á dissolução da constituinte, estremecemos diante das scenas da noite das *garrafadas*, admiramos o acto de 7 de Abril e em todos esses successos descobrimos a figura do 1° imperador; sendo certo que, si teve elle grandes qualidades, prestando relevantes serviços ao paiz, como fundador do imperio, commetteo tambem grandes erros, escondendo sob o manto do rei o homem com suas paixões, e, como observa um historiador, revelando-se mais proprio para liber-

tar o Brazil do que para dirigir a marcha subsequente do seu governo.

O retrato da princeza bávara D. Amelia de Leuchemberg, em cuja fronte, para apropriar-me do pensamento de um poeta, o brilho do diadema augusto luzia menos que os encantos da belleza, representa a successôra da virtuosissima D. Maria Leopoldina Josepha Carolina e a 2ª imperatriz do Brazil de 1829 a 1831.

Influindo notavelmente pelo coração no animo do esposo, attribue-lhe a historia haver aconselhado o 1º imperador a abdicar, o que põe em evidencia o dito de Lamartine, de que ha sempre uma mulher na origem de todas as grandezas.

Presenteou-nos a Sociedade União Federativa Abolicionista com o retrato do distincto senador José Bonifacio de Andrada e Silva.

Diz Vigny que Deus collocou a cabeça mais alto que o coração para que o dominasse.

José Bonifacio, porém, na phrase de um escriptor, era uma grande cabeça ao serviço de um grande coração.

Consagrando-se ultimamente á causa abolicionista, podiamselhe applicar as palavras de um litterato, com relação a um apostolo do bem, de que o seu peito era como o ouvido de Diniz de Syracusa, onde, por uma especie de acustica moral, vinham repercutir e echoar os gritos e gemidos dos desgraçados.

Mestre, abrazando a sua intelligencia nas vigilias do estudo, orador academico e parlamentar, electrisando as multidões com a eloquencia do seu verbo, poeta sentindo arder lhe na fronte o fogo da inspiração, elle foi, para servir-me da expressão de um litterato, o facho temperado de resinas aromaticas, acceso no meio do templo grande, que faz ver muitas maravilhas, levanta com seus mysticos perfumes os pensamentos, patenteia o quer que seja da divindade, ajuda e encaminha as creaturas para as altas veredas espirituaes ; mas, ar-

dendo para tão santos e proveitosos fins. a si mesmo se consome e se dissipa Cada particula de fragrancia, de claridade ou calor que derrama é uma particula, que desbarata do seu ser, é um momento, é as vezes um anno, que desperdiça de sua duração.

E si tal, senhores, foi a vida de José Bonifacio, tal a morte do mestre, do orador e do poeta, cujo retrato orna hoje a nossa galeria e o qual, ao sentir as violentas pulsações, que lhe marcavam os ultimos momentos da existencia, poderia dizer o que dizia Willem Muller, para tranquillisar a esposa : *Que elle tinha coração de mais.*

O nosso consocio, commendador José de Vasconcellos, offereceo-nos o retrato do Dr. Antonio Gonçalves Dias, tirado a oleo pelo distincto pintor Victor Meirelles de Lima.

Refere a historia que Alexandre o Grande só queria ser retratado pelo grande Apelles ; a mesma ambição poderia ter Gonçalves Dias, pois só um grande pintor póde retratar um grande poeta ; só o genio, que sente no craneo o vôo da imaginação, sabe desenhar uma fronte, em que a imaginação desfere o seu vôo ; só a um artista de intelligencia privilegiada é dado reproduzir na tela uns olhos que reflitam e espelhem o brilho de uma grande intelligencia.

E Victor Meirelles, *o poeta do pincel,* comprehendeo perfeitamente neste ponto o segredo de sua arte divina na representação daquella cabeça, a quem devem a poesia e a historia thesouros de inspiração e saber, daquella cabeça que baixou ao oceano, como um astro, levando para o fundo do mar algumas perolas de sua imaginação, com as quaes pretendia enriquecer o nosso theatro. a semelhança de Terencio, que perdeo nas ondas a vida e com ella diversas de suas composições dramaticas.

Resta fallar-vos dos retratos de dous pernam-

bucanos distinctos, que nos offertou o rvm. provincial do convento do Carmo desta cidade.

São elles o de frei Carlos de S. José e Souza e o de frei Pedro de S. Marianna.

O primeiro, professor emerito de philosophia, bispo do Maranhão e o sacerdote, que assistio aos ultimos momentos de frei Caneca, o martyr da revolução de 1824.

O segundo, o genio da mathematica, o bispo de Chrysopolis, o mestre que teve discipulos da ordem do sabio bispo Monte e do imperador do Brazil, e a quem não deslumbraram os esplendores do paço imperial, onde viveo e exhalou o ultimo suspiro.

E ambos cingindo na fronte a corôa do talento e da virtude, irmãos pela natureza e pelo habito, ambos modestos, não da modestia de Anthistenes, atravez de cujo manto via Socrates o orgulho, mas da de que nos falla um celebre moralista, que é uma especie de leito de Procusto, onde os gigantes são obrigados a retrahir-se para não escandalisar a turba dos pigmeus.

Além destes, recebemos do sr. Augusto Hygino de Miranda o retrato do dr. Felix Peixoto de Brito, um dos chefes da revolta de 1848 e mandou o Instituto reproduzir o do brigadeiro Manoel Joaquim Barbosa, que foi morto por José de Barros Lima, a 6 de Março de 1817, dando causa a pôr-se em campo prematuramente aquella revolução, e o de Manoel de Carvalho Paes de Andrade, o presidente da mallograda republica da Confederação do Equador.

Eis, senhores, em traços largos, o relatorio do movimento administrativo, economico e litterario desta associação durante o anno social proximo findo.

Completam-se hoje 26 annos que foi installado o Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano e, ao contemplar as pompas desta festa, dir-se-hia que o espirito volve-se ao passado e as-

siste, na antiga Roma, á celebração da victoria, em honra aos generaes que se haviam distinguido no campo da batalha.

E de feito, senhores, o que symbolisa esta solemnidade, que é assignalada pelo troar da artilheria, revestida de todo este apparato militar e á qual concorre o que a sociedade pernambucana tem de melhor nas lettras, nas artes, nas sciencias, no clero e na magistratura ?

Não symbolisa simplesmente o anniversario desta associação, mas alguma cousa de mais elevado, de mais grandioso, de mais sublime : symbolisa a celebração da victoria, alcançada pelas nossas armas contra os hollandezes, no memoravel dia 27 de Janeiro de 1654: symbolisa a consagração dos vultos legendarios, que tomaram parte nessa lucta gigantesca de 24 annos, lucta que teve o seu berço e o seu tumulo nesta provincia e que por sua vez foi berço e tumulo de heróes.

Mas quão differentes, senhores, da ceremonia do triumpho, realisada na Roma pagã, são as festas celebradas para a coroação dos heróes de 27 de Janeiro de 1654 ?

Alli era o general que voltava á cidade para pedir ao Senado as honras do triumpho, como premio, muitas vezes, de suas conquistas ; aqui são os heróes de 27 de Janeiro de 1654, que entram na cidade do Recife, mas para reconquistarem o que lhes haviam usurpado os hollandezes, só ambicionando para si a gloria que resulta da acção gloriosa.

Alli, decretado o triumpho pelo Senado e confirmado o decreto pelo povo, reunido em comicios, seguia o general victorioso caminho do Capitolio. n'um carro de marfim dourado, que percorria as principaes ruas da cidade, ao som do *Io triumphe*. que lhe entoava o povo e da voz de um pregoeiro, que lhe recordava de instante a instante que se lembrasse de que era mortal ; aqui começa a peregrinação dos heróes de 27 de Janeiro de 1654, de-

depois que pagam elles á natureza o tributo da vida, mas essa peregrinação é feita atravez das éras, no carro triumphal dos seculos, ao som dos cantos que lhes entôam os poetas e da voz dessa pregoeira dos tempos, que se chama historia, a qual lhes annuncia a immortalidade, a que têm incontestavel direito.

Alli, ao chegar ao Capitolio, recebia o general vencedor a corôa triumphal, subia aos ares o fumo dos sacrificios, tingindo o sangue dos victimas os altares do templo de Jupiter e, em honra ao triumphador, um lauto e profuso banquete rematava a solemnidade: aqui, ao chegar até nós a memoria dos heróes de 27 de Janeiro de 1654, recebem elles a corôa que lhes offerece a geração actual pela recordação de seus feitos, eleva-se aos ares o fumo do incenso e celebra-se o sacrificio incruento, no templo do Deus dos exercitos, como ainda, no principio deste seculo, se observava na cathedral de Olinda, e, todos os annos, celebra esta associação um festim litterario, em honra á sua memoria.

E porque, senhores, si tributamos estas homenagens aos heróes de 27 de Janeiro de 1654, não teremos tambem uma corôa para cada um d'aquelles que, desde 1630, concorreram para que o sol do dia de hoje illuminasse a victoria dos pernambucanos sobre os hollandezes ?

Porque, a par de André Vidal, Henrique Dias, Fernandes Vieira e Barreto de Menezes não recordaremos tambem Mathias de Albuquerque, os heróes de S. Jorge, D. Maria de Souza, os defensores do Arraial, os que emigraram de Villa Formosa, D. Clara Camarão, o indio Jaguarary, D. Maria Cesar, as heroinas de Tejucupapo, os bravos de Tabocas, Casa Forte e Guararapes ?

Todos elles são dignos das nossas corôas e das nossas ovações; todos elles merecem que esta provincia, como Cornelia, que não queria ser chamada mulher de Graccho, nem filha de Scipião, po-

rém mãi dos Gracchos, prefira a qualquer outra denominação a de mãi dos heróes de 1630 a 1634.

Si as suas estatuas não se elevam nas praças publicas, elevam-se no coração da patria agradecida

Si não são conhecidos os tumulos, que escondem os seus restos, ao contemplar os templos erguidos nos lugares, onde morreram os bravos de S. Jorge e de Guararapes, dirá Pernambuco o que dizia a heroica romana, ao ver os edificios sagrados, erigidos nos lugares onde morreram os seus filhos:—São estes os tumulos que elles merecem.

Basta, senhores; muito longe me ia levando a recordação dos feitos gloriosos dos heróes de 1630 a 1654.

No dia de hoje celebrais tambem o vosso anniversario e, em vinte e seis annos que contais de existencia, vos tendes consagrado quasi que exclusivamente a inventariar as suas glorias.

Cumpre, porém, dar nova orientação ao Instituto; pois, si a archeologia é a sciencia, que procura reconstruir as civilisações pelo estudo dos objectos antigos, não foi debalde que os seus fundadores lhe deram essa orientação.

Refere um escriptor que, passando um religioso por um valle de Quito, encontrara um indio, já de idade, que cantava, ao som de um instrumento, perante um grande numero de mancebos, que o escutavam attentos.

Attrahido pela curiosidade e perguntando o que significava aquella ceremonia, teve em resposta o celebre viajante que aquelle indio era o archivista da aldeia, a quem corria a obrigação de repetir as tradições e factos memoraveis de seus antepassados aos que, por sua morte, deviam succedel-o; e que naquella occasião narrava elle a historia de um diluvio e como o paiz, que elles habitavam, se povoara, depois de muitos seculos.

E si isto, senhores, se dava entre selvagens, si o amor ás tradições e aos factos memoraveis de

seus antepassados era tão ardente no seu peito, aberto somente ás emoções da guerra, com maioria de razão deve dar-se entre vós, que sois illuminados pelo sol da civilisação e que preferís as conquistas da sciencia aos commettimentos guerreiros.

Sim, meus senhores, vós do Instituto representais esse indio do valle de Quito.

Como elle, deveis ser os archivistas das tradições e factos memoraveis de nossos antepassados, e a vossa missão não deve consistir somente na guarda das riquezas, que possuis, mas em darlhes um valor scientifico, depurando-as no crysol da critica.

Como elle, deveis reunir em torno de vós essa generosa mocidade, que tem de succeder-vos, interessando-a nos estudos, a que vos consagrais, porque é nas lições do passado, que se podem beber inspirações para o futuro.

Como elle, finalmente, deveis remontar as vossas investigações á mais remota antiguidade; pois, assim como se exploram as nascentes de um rio, a direcção de seu curso e os tributarios que recebe, assim tambem cumpre ao archeologo, pelo estudo das tradições, dos monumentos e das inscripções, explorar a origem dos povos, esses rios que desembocam no oceano da humanidade, o itinerario de suas transmigrações e os elementos, de que elles se formam, afim de conhecer-se o grão de civilisação a que attingiram.

E quando, depois de haverdes cumprido a vossa missão, sentirdes a fronte inclinar-se para o tumulo, si vos perguntarem a quem deixareis o fructo de vossas conquistas no campo da archeologia, respondereis como Alexandre o Grande aos generaes, que lhe perguntavam a quem deixaria elle o imperio :—*Ao mais digno.*

Sala das sessões do Instituto Archeologico, 27 de Janeiro de 1888.

JOÃO BAPTISTA REGUEIRA COSTA.

DISCURSO

PROFERIDO NA ASSEMBLÉA GERAL DO ANNIVERSARIO, EM 27 DE JANEIRO DE 1888, PELO DR. MANOEL DO NASCIMENTO MACHADO PORTELLA JUNIOR, QUE SERVIO DE ORADOR DO MESMO INSTITUTO.

Chegou a vez, meus senhores, de me caber a palavra para occupar vossa attenção, cumprindo o preceito imposto pelo art. 28 dos estatutos do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano.

A outrem competia este lugar em sessão tão esplendida; d'aqui se devia fazer ouvir outra palavra mais autorisada que a minha, e ao mesmo tempo mais fluente, que em termos eloquentes e pomposos apresentasse o elogio dos socios que depois da ultima commemoração tombaram ao gélido sopro da morte, enumerando ao mesmo tempo os serviços por elles prestados ao Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, de modo honroso para esta Associação e condigno com a illustração de tão numeroso auditorio.

A ausencia do benemerito socio 1º orador, Dr. José Hygino Duarte Pereira, que actualmente achase na côrte do imperio e as razões de excusa apresentadas ao Instituto pelo 2º orador, Dr. Maximiano Lopes Machado, determinaram a designação do mais obscuro membro de tão illustre Associação para neste momento substituil-os.

Foi o Instituto infeliz na escolha que fez; mas eu, collocado entre minha propria fraqueza, e o dever de prestabilidade ao mesmo Instituto, ao qual

me glorio de pertencer, procurei esquecer aquella e só attender a este; e, bem ou mal, e conforme me fosse possivel em tempo tão exiguo, qual o decorrido de minha designação até este dia, dar conta da incumbencia com que tão immerecidamente fui honrado.

Hoje, senhores, como nos annos anteriores em igual dia, o Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano não festeja somente o anniversario de sua fundação; commemora tambem um dos mais assignalados dias que Pernambuco ha registrado em sua historia.

Ha 234 annos, em 1654 no dia 27 de Janeiro, depois de uma lucta que durou quasi 24 annos, depois de inauditos esforços, Pernambuco sacudio para sempre o ignominioso jugo estrangeiro, recuperou a liberdade reivindicando a nacional independencia.

Este dia, pois, nos recorda um grande feito da historia pernambucana, e essa recordação me enche do mais patriotico regosijo.

Foi no dia de hoje, senhores, que em 1654 os denodados filhos desta terra, intrepidos guerreiros, tendo á frente da vanguarda do exercito o grande e inexcedivel Vieira trazendo a espada desembainhada, entraram triumphantes e cobertos dos virentes louros de seus combates n'esta cidade do Recife.

Quizera que me fosse facultado percorrer estas paginas de ouro da historia pernambucana e escolher para objectivo deste trabalho algum feito glorioso dos muitos que ahi estão registrados; ou que dentre tantos e tão assignalados varões, Vieira, Camarão, Henrique Dias, Vidal, e outros heróes que tanto e tanto se esforçaram em nos legar a mais exhuberante prova do mais acrisolado amor da patria, pudesse eu livremente destacar um e fazer-lhe a biographia.

Pederia então inspiração a esta centelha divina que conduz o homem ao impossivel, o patriotismo,

e que tantos corações fez palpitar nos calamitosos tempos do Brazil colonia, e talvez que me apresentasse forte ante vós, trazendo-vos um discurso e não desalinhavadas phrases.

Não o posso, porém, fazer, senhores, veda-m'o a disposição do art. 28 dos estatutos.

Em cumprimento d'este artigo vou fallar-vos d'aquelles cujos nomes este anno foram riscados pela mão da morte do quadro dos nossos consocios.

Antes de o fazer permitti que vos diga que não pertenço ao numero dos biographos louvaminheiros que deshonram a si e aos seus heróes e que farei minhas as palavras de Aprigio Guimarães em occasião como esta e n'este recinto :

« O *parce sepultis* não póde ser o nivel da men-
« tira sobre as lousas das sepulturas. Falle-se
« mais do brilho que das manchas do sol, silencio
« mesmo á respeito d'estas, mas não se diga que
« o sol não tem manchas. »

Em Fevereiro de 1887 foram quatro os socios do Instituto que falleceram : commendador Antonio Ignacio do Rego Medeiros, bacharel José Vicente Duarte Brandão, conselheiro D. Francisco Balthasar da Silveira e desembargador Lourenço Francisco de Almeida Catanho.

Sobre elles quasi que careço completamente de apontamentos.

O commendador Antonio Ignacio do Rego Medeiros, socio effectivo do Instituto Archeologico, dedicou-se a carreira commercial, e por seu caracter sério e honrado, por suas maneiras attenciosas, por seu bem formado coração conseguio muito merecidamente a estima e apreço em que sempre foi tido.

Caritativo e humanitario, o commendador Antonio Ignacio tinha sempre nos labios palavras de animação e conforto para os que soffriam, e sua bolsa muitas vezes se abria para matar a fome aos

indigentes, soccorrer os pobres e amparar os orphãos e viuvas.

No commercio encontrou o bafejo da bonançosa brisa da sorte que permittio-lhe legar a seus filhos a fortuna que tão honradamente adquirira.

Nos ultimos annos de existencia afastou-se dos labores e fadigas da vida activa de commerciante.

Ainda forte se achava o commendador Antonio Ignacio quando a morte roubou-lhe idolatrada filha; e d'ahi, aggravando se diariamente padecimentos antigos, apesar dos esforços empregados, já por elle proprio, já pela sciencia medica, apesar da dedicação da carinhosa esposa e filhos, veio a fallecer ás 9 horas da noite do dia 15 de Fevereiro.

—

Sobre o bacharel José Vicente Duarte Brandão faltaram-me absolutamente apontamentos, podendo apenas dizer-vos que nasceu na provincia do Ceará, bacharelou-se em sciencias juridicas e sociaes na Faculdade de Direito do Recife; foi homem activo e trabalhador; dedicou-se a agricultura, fallecendo nesta provincia quando rendeiro do engenho Camorim, na freguezia de S. Lourenço.

—

O conselheiro D. Francisco Balthazar da Silveira, socio correspondente do Instituto, falleceu no dia 28 de Fevereiro.

Intelligente e bastante illustrado, depois do necessario tirocinio occupou lugar proeminente na magistratura.

Desembargador da Relação do Maranhão foi transferido para a do Recife donde retirou-se, em virtude de accesso, para o Supremo Tribunal de Justiça.

Era sempre ouvido e acatado especialmente por seus collegas.

Quando, em razão da questão religiosa agitada em nossa provincia, logo no começo do governo episcopal de D. Frei Vital Maria de Oliveira, fo

este bispo processado e submettido a julgamento, a D. Francisco Balthazar da Silveira foi confiado o papel de accusador e defensor da justiça, o que, attenta a gravidade da causa, bem demonstra a importancia em que era tido o nosso consocio.

Não menos illustre foi outro nosso consocio, tambem magistrado, o desembargador Lourenço Francisco de Almeida Catanho, posto que não tão saliente quanto D. Francisco Balthazar da Silveira.

Homem probo, o desembargador Lourenço Catanho soube honrar a toga de magistrado.

Não posso precisar a data de seu fallecimento, que todavia teve lugar no mez de Fevereiro.

—

Quatro mezes decorreram sem que o Instituto tivesse de sentir a falta de algum de seus socios, quando, no dia 11 de Julho, uma vida preciosa foi cortada, e o corpo inanimádo do laureado e talentoso mestre, advogado e parlamentar Dr. José Joaquim Tavares Belfort desappareceu sob o marmore de um sepulcro.

Quão dolorosa se torna agora para mim esta tarefa, senhores !

Quando em 1881, cursando as aulas da Faculdade de Direito ouvia a voz rapida e persuasiva do Dr. Tavares Belfort, cheio de vida e animação, transmittindo-nos, a nós seus discipulos, em eloquentes lições seus perfeitos e profundos conhecimentos na difficil—*sciencia economica*; quando depois recebia delle provas de amizade e brados de animação para que não esmorecesse na senda que encetei logo depois de bacharelado : eu, seu discipulo, seu amigo, nunca suppuz que elle desapparecesse tão cedo desta vida e que para mim estivesse reservada a dalorosa missão de fazer seu elogio.

Obedeço a nossa regra, senhores, e ao mesmo tempo dou publica demonstração de gratidão a memoria daquelle que se chamou José Joaquim Tavares Belfort.

Nasceu o Dr. Tavares Belfort na cidade de S. Luiz, provincia do Maranhão, no dia 18 de Março de 1840.

Foram seus progenitores o commendador José Joaquim Teixeira Vieira Belfort, e sua mulher D. Rita Tavares Belfort.

Dotado desde muito moço de intelligencia superior, depois dos precisos estudos, seus pais fizeram-n'o estudar no Imperial Collegio Pedro II.

Ahi brilhantemente figurou o nosso consocio, que obteve no dia 16 de Dezembro de 1856 o gráo de bacharel em bellas letras.

Logo no anno seguinte veio para esta provincia, e matriculou-se na Faculdade de Direito, onde recebeu o gráo de bacharel em sciencias juridicas e sociaes no dia 9 de Dezembro de 1861, deixando firmado entre seus mestres e condiscipulos o mais lisongeiro conceito, quanto aos seus talentos bastante enriquecidos com variados conhecimentos e superior illustração.

Já então se achava Tavares Belfort preso pelos laços do coração áquella que pouco depois, em menos de um mez, deveria ser sua companheira nas attribulações da vida que o esperavam tão duramente no futuro.

No dia 1° de Janeiro de 1862 casou-se com a Exma. Sra. D. Albertina de Moraes Sarmento, filha do Dr. Moraes Sarmento, medico de grande merecimento e que não menor nomeada deixou nesta provincia.

Logo depois, seguindo para sua provincia natal o Maranhão, foi eleito deputado á Assembléa Provincial pelo 2° districto; e a 22 de Maio de 1863 renunciou o mandato apresentando ao corpo eleitoral um manifesto, retirando-se do seio da deputação, e protestando contra actos que no seu entender eram illegitimos, immoraes e attentatorios dos seus direitos.

No anno seguinte, 1864, a 11 de Janeiro, foi nomeado 1° substituto de juiz municipal da capital;

sendo a 9 de Setembro deste mesmo anno nomeado promotor publico, ainda da capital do Maranhão.

Deixando a promotoria apresentou-se Tavares Belfort candidato a um lugar na representação nacional por sua provincia, e foi eleito deputado geral em 1865, occupando por vezes e em virtude de eleição, o lugar de secretario da mesa da Camara dos Deputados

Depois de longo intervallo, no qual successivamente as urnas se lhe manifestaram adversas (apesar do luminoso rasto que deixou na Camara), foi novamente eleito deputado geral em 1878.

Tendo defendido theses conquistou o gráo de doutor em direito, e submettendo-se successivamente em 1871 e 1872 a 3 concursos, nos quaes teve occasião de exhibir brilhantemente seus vastissimos conhecimentos nos differentes ramos do direito, batendo se como um heróe nestas lutas do pensamento, foi em 1872 nomeado lente substituto da Faculdade de Direito do Recife, e por decreto de 8 de Outubro de 1880, em virtude de accesso por antiguidade, lente cathedratico da 3ª cadeira do 5º anno.

Residindo entre nós não esqueceu entretanto sua provincia natal, á qual o prendiam laços de familia, interesses politicos e tambem pecuniarios, e continuou a prestar-lhe serviços e a influir na politica local como membro do partido liberal.

A' Tavares Belfort grandes dissabores causou a politica de sua provincia.

Já não poucos experimentara elle nos intervallos decorridos de 1865 a 1878 e de 1878 a 1883: um, maior do que todos estes, o aguardava por occasião da eleição senatorial em 1883, para preenchimento da vaga aberta pelo fallecimento do senador Candido Mendes, na qual foi Tavares Belfort o 4º votado, ficando com flagrante injustiça excluido da lista triplice apresentada á escolha Imperial.

Maguou-o muito o resultado desta eleição e posso dizer-vos que d'ahi datou o enfraquecimento

e abatimento de espirito, senão indifferença, que se notou nos ultimos tempos da vida do preclaro instructor e amigo da mocidade.

Devo-vos, porém, a verdade, senhores. Não foi só a politica: outras causas concorreram conjunctamente com ella para que perdessemos tão cedo, nós do Instituto, socio tão distincto; a patria, um denodado campeão de seu engrandecimento; a mocidade, um mestre amigo; e a familia, o seu carinhoso chefe.

Dentre estas causas duas poderosamente apressaram o seu termo: uma foi, senhores, as difficuldades da vida e outra a perda de uma estremecida filha.

Filha de paes abastados o Dr. Tavares Belfort dispoz sempre de recursos pecuniarios que em grande escala consumidos foram com essa deusa seductora, enganadora e traiçoeira, *a politica.* Teve, porém, grandes prejuizos liquidando seus haveres no Maranhão, e isto fel-o soffrer nos ultimos annos de sua vida. E, como se isto não fosse bastante, veio a morte descarregar-lhe certeiro golpe arrancando dos seus braços, morta quasi que repentinamente, sua querida filha Maria Albertina, que casara havia poucos dias.

Fói rude o golpe e o Dr. Tavares Belfort, já enfraquecido, não teve forças para supportal-o.

Desde então conservou-se taciturno, mostrando-se indifferente a tudo e a todos, até que falleceu no dia 11 de Julho.

E assim, senhores, finou-se o Dr. José Joaquim Tavares Belfort.

Delle, porém, existem trabalhos que perpetuarão sua memoria.

Com admiração serão sempre lidos os discursos proferidos no parlamento como deputado geral.

Orador que foi do Instituto Archeologico na Revista desta Associação devem estar archivados seus discursos. Relator da commissão para reforma do ensino no Gymnasio Pernambucano, deu pa-

recer de grande merecimento, o qual no *Diario de Pernambuco* foi publicado.

Escreveu uma monographia sobre a reforma do ensino superior e creação de uma Universidade, publicada em 1873.

Encarregado de fazer a estatistica da provincia de Pernambuco em 1867 apresentou a primeira parte do seu trabalho que foi publicado no *Jornal do Recife*, em 1868, deixando de fazer entrega das outras por precisar de documentos que no seu entender eram necessarios para ser levada a effeito a obra.

Foi alvo de varias manifestações por parte da mocidade Academica que muito o estimava e á qual sempre soube animar apontando a larga estrada do futuro da patria.

A Camara dos Deputados ao ter sciencia do seu fallecimento e sob proposta do deputado Affonso Celso Junior fez inserir na acta da sessão do dia um voto de pesar.

Pelos serviços prestados á instrucção publica foi pelo Governo Imperial destinguido em 1880 com a commenda da Ordem de Christo.

Eis em largos traços a biographia daquelle que foi socio effectivo do Instituto desde o dia 16 de Abril de 1868, durante quasi 20 annos.

—

Outros 4 mezes felizmente decorreram, senhores, de Julho a Novembro, sem que o Instituto perdesse algum dos seus membros, mas em Novembro tres cidadãos preclaros deixaram vagos entre nós seus lugares, e foram elles : bacharel Ignacio de Barros Barretto, desembargador José Manoel de Freitas, e conselheiro João José de Oliveira Junqueira.

Natural de Pernambuco, Ignacio de Barros Barretto nasceu aos 23 de Julho de 1827.

Bacharelou-se em Sciencias Juridicas e So-

ciaes no dia 14 de Novembro de 1849, e casou-se em 30 de Julho de 1854.

Foi deputado provincial de 1856 a 1860 e tambem supplente de deputado geral.

Homem activo e trabalhador lutou sempre com muitos embaraços na carreira da agricultura a que dedicara-se, e na qual muito se distinguio pelos esforços que empregou em prol da agricultura desta provincia, como bem o demonstram seus escriptos sobre engenhos centraes; o projecto que sobre estes apresentou em 1857; o trabalho que, quando vereador da Camara Municipal da comarca do Cabo, enviou ao Governo Imperial sobre a producção da provincia, trabalho que foi acompanhado de dados estatisticos; seus esforços para a fundação da Sociedade Auxiliadora da Agricultura, e para o Congresso Agricola do Recife promovido pela Sociedade Auxiliadora da Agricultura quando pelo Governo foram esquecidas as provincias do norte do imperio, excluidas do Congresso do sul.

Não foi para o bacharel Ignacio de Barros Barretto unico objectivo dos seus estudos a agricultura; suas vistas descortinavam outros horisontes, como bem o provam: o projecto para creaçã[o] do senado provincial apresentado em 1856; a idé[a] da representação das minorias e voto unico, p[or] que tanto se esforçou desde os tempos academico[s] em 1848, e, ainda depois, quando deputado geral os projectos relativos as eleições de juizes de pa[z] e vereadores, em 1864, reforma eleitoral em 1866 os de banco hypothecario e locação de serviços, et[c].

Entregue exclusivamente á agricultura durant[e] muitos annos, foi, attentas suas habilitações, no[]meado em Setembro de 1886 por occasião do des[]falque havido na Thesouraria de Fazenda para fa[]zer parte da commissão incumbida de examinar [a] escripturação dos livros da mesma Thesouraria[,] dando parecer que já se acha publicado no *Diari[o] de Pernambuco*.

Por carta de 5 de Fevereiro de 1887 foi nomeado inspector da Alfandega desta provincia.

Era official da ordem da Rosa e socio correspondente do Instituto.

Falleceu no dia 3 de Novembro de 1887.

—

O desembargador José Manoel de Freitas nasceu na villa de Jurumenha, provincia do Piauhy, a 14 de Março de 1832.

Era filho do capitão Gonçalo Manoel de Freitas e sua mulher D. Anna Maria de Freitas.

De origem modesta e pobre veio estudar aqui no Recife e aos 25 de Setembro de 1858 recebeu o gráo de bacharel em Sciencias Juridicas e Sociaes.

Homem intelligente, probo e sobre maneira affavel o desembargador José Manoel de Freitas iniciou sua vida publica na promotoria de Caxias, provincia do Maranhão.

Occupou successivamente o cargo de secretario da presidencia do Piauhy, em 1859; juiz municipal de Paranaguá, na mesma provincia, no referido anno; igual cargo na capital, em 1861; juiz de direito de Piracuruca, na dita provincia, em 1864; chefe de policia, ainda do Piauhy, de 1864 a 1868, sendo exonerado pelo ascenção do partido conservador; vice-presidente em 1876, tendo por duas vezes assumido a administração; juiz de direito de Macáo, no Rio Grande do Norte, em 1872, sendo no mesmo anno removido para o Rosario, no Maranhão; juiz de direito de Caxias, nesta provincia, em 1875; da vara da provedoria na capital da mesma provincia, em 1878; da vara do civel aqui no Recife em 1882, donde foi removido para a da fazenda em 1883, que occupou até o fim de Agosto de 1887, quando foi nomeado desembargador para a Relação de Goyaz.

Foi deputado pelo Piauhy na legislatura pro-

vincial de 1860 a 1861, representando depois essa provincia na camara geral na 17ª legislatura.

Administrou a provincia do Maranhão em 1882 e a de Pernambuco em 1883 e 1884.

Foi em 1886 agraciado com o officialato da ordem da Rosa pelos serviços prestados ao Estado por occasião da guerra do Paraguay, e em 1883 com as honras de desembargador.

Administrando esta provincia saucciouou a lei do orçamento votada pela Assembléa Provincial, que continha a verba de subvenção ao Instituto Archeologico para o fim de mandar extrahir cópias dos documentos existentes nos archivos da Hollanda referentes a historia de Pernambuco e dominação hollandeza, commissão que o Instituto confiou ao Dr. José Hygino Duarte Pereira.

O Desembargador Freitas era socio honorario do Instituto.

Falleceu no dia 10 de Novembro, as 5 horas da manhã, no povoado de Caxangá.

—

O conselheiro João José de Oliveira Junqueira nasceu na provincia da Bahia.

Vindo para o Recife aqui bacherou-se em 1851.

Dedicou-se a principio á magistratura, carreira que abandonou quando juiz de direito, para seguir a politica.

Como supplente do deputado Luiz Antonio Pereira Franco tomou assento na Camara dos Deputados nas sessões de 1859 e 1860 da 10ª legislatura.

Foi eleito deputado geral na 11ª e 12ª legislaturas, não o sendo na 13ª.

Eleito na 14ª legislatura continuou o conselheiro Junqueira a fazer parte da Camara até que fallecendo a 10 de Setembro de 1872 o Visconde de S. Lourenço fez parte da lista triplice com os Srs. Luiz Antonio Pereira Franco e Innocencio Marques de Araujo Góes, sendo nomeado senador do Imperio

a 1 de Março de 1873 e tomando assento a 17 do mesmo mez.

Seus discursos, quer na Camara dos Deputados, quer no Senado, e que constam dos annaes do parlamento, são documentos que attestarão no futuro o merito deste nosso distincto consocio.

Mas não foi somente como representante da nação em ambas as casas do parlamento que o conselheiro Junqueira teve occasião de exhibir seus vastos conhecimentos, sua illustração e dedicação a causa publica.

Se é verdade que *empenhava-se em quasi todos os grandes debates que se travaram na camara vitalicia*, como noticiando seu traspasso escreveu a redacção do *Jornal do Recife*, composta de adversarios politicos deste nosso consocio, não é menos verdade que na administração empenhou se Junqueira em bem servir a causa publica, correspondendo de modo condigno a confiança que nelle com justa razão depositava o partido conservador.

Nomeado presidente da provincia do Piauhy em 1857 tomou posse em 16 de Junho.

Dous annos depois foi removido para a presidencia do Rio Grande do Norte, da qual tomou posse a 4 de Outubro de 1859.

A provincia de Pernambuco tambem o teve como administrador em 1871.

Nestas tres provincias o conselheiro Junqueira deixou traços bem salientes de sua passagem pela administração.

Onde, porém, teve occasião de desenvolver toda sua actividade foi no alto cargo de ministro de Estado.

No gabinete 7 de Março, presidido pelo venerando Visconde do Rio Branco, pela retirada do conselheiro Domingos José Nogueira Jaguaribe, foi o conselheiro Junqueira nomeado ministro da Guerra.

Com a ascenção do partido conservador ao poder em 1885, novamente o conselheiro Junqueira

foi ministro da guerra no gabinete de 20 de Agosto, presidido pelo illustre Barão de Cotegipe.

Neste importante cargo sempre procurou attender, quanto o permittiam as circumstancias do paiz, ás necessidades do exercito brazileiro que justamente lhe tributava verdadeira estima.

O senador Junqueira era fidalgo da casa imperial, crã-cruz da ordem N. S. Jesus Christo, official da ordem da Rosa, cavalheiro da ordem de S. Gregorio Magno de Roma, grã-cruz da ordem Italiana da Corôa.

Falleceu em sua provincia natal, no dia 9 de Novembro, ás 5 horas da tarde.

—

Agora, senhores, resta-me fallar-vos sobre dous dos nossos consocios fallecidos no mez de Dezembro de 1887 : José Manoel Picanço da Costa e Barão de Tacaruna.

Sobre ambos deficientes são os apontamentos que obtive, serei portanto breve.

José Manoel Picanço da Costa nasceu na provincia do Rio de Janeiro no anno de 1813, e desde seus primeiros annos até seu fallecimento, sua vida foi uma série de relevantes serviços a nossa patria.

Pertenceu a marinha brasileira e foi um bravo.

Guarda marinha no dia 1º de Março de 1828 já por merecimento, já por antiguidade e já por bravura, foi conquistando os postos superiores até que, aos 31 de Dezembro de 1880, o de chefe de divisão.

Como vos disse, faltam-me a seu respeito apontamentos, mas em jornal que se publica nesta cidade do Recife, li por occasião de seu fallecimento que José Manoel Picanço da Costa fizera todas as campanhas do sul.

Desde Julho de 1882 era inspector do Arsenal de Marinha e capitão do porto de Pernambuco.

O governo imperial o distinguio com a com

menda da ordem de S Bento de Aviz, e com o gráo de cavalheiro da imperial ordem da Rosa.

Era tambem official da real ordem de Christo de Portugal.

Socio correspondente do Instituto Archeologico prestou-lhe serviço por occasião de ser para o nosso museu transferida a peça de artilharia fabricada na Hollanda pouco antes da invasão hollandeza no Brazil e que estava no Arsenal de Marinha; e offertou um quadro representando uma das batalhas dos Guararapes, como acaba de nos informar o digno 1º secretario Dr. Regueira Costa em seu bem elaborado relatorio.

—

Manoel Antonio dos Passos e Silva, depois barão de Tacaruna, nasceu nesta provincia na cidade de Olinda, onde sempre residio.

Espirito esclarecido e atilado, caracter respeitavel prestou serviços ao Estado e a humanidade, pelo que foi agraciado com o titulo de barão, com a commenda da ordem da Rosa e com o habito da de Christo.

Foi juiz de paz da parochia de sua residencia, vereador e presidente dã Camara Municipal de Olinda, supplente de deputado provincial em duas legislaturas, 1858 e 1861. tomando assento nas sessões de 1858 e 1859. Não consentio depois que o apresentassem candidato á Assembléa Provincial, não obstante os elementos que para isso tinha.

Era tenente-coronel da guarda nacional e socio correspondente do Instituto.

Está cumprido o preceito dos nossos estatutos no art. 28.

Ao Instituto eu agradeço a subida honra que me dispensou mandando que viesse hoje, em substituição aos seus dous oradores, á esta tribuna, que tão brilhantemente tem sido occupada desde a installação do Instituto por Feitosa, Aprigio Guima-

rães, Belfort, José Hygino, Lopes Machado e outros tantos, e para a qual, sou o primeiro a reconhecer, faltam-me todos os requisitos.

Ao illustrado auditorio peço desculpa de ter por tanto tempo occupado esta tribuna.

Sinto ter sido a isto obrigado, bem como «a despertar saudades, e empanar os risos de festa tão patriotica avivando recordações dos que já passaram na terra, dos que hontem eram comnosco aqui no Instituto e hoje são da eternidade.»

Os oradores que vão tomar a palavra com seus eloquentes e animadores discursos sobre assumptos livremente escolhidos, e enriquecidos de bellezas de rethorica, prenderão vossa attenção ; e eu espero que farão desapparecer a desagradavel impressão que vos terá causado minhas rudes e despretenciosas phrases.

Recife, 27 de Janeiro de 1888.

DR. MANOEL DO NASCIMENTO M. PORTELLA JUNIO[R]